



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.





TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



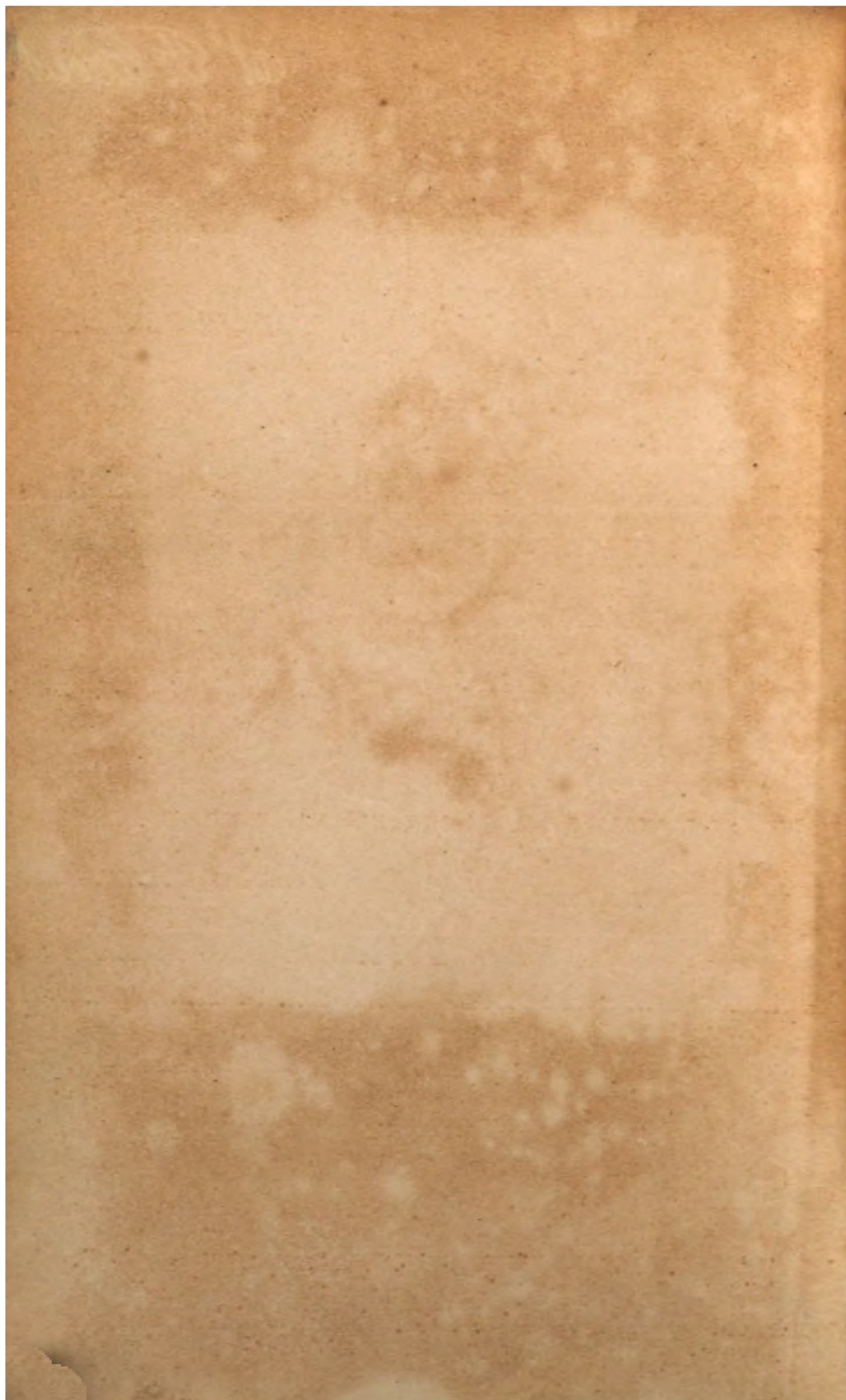
ST. GILES · OXFORD

Comp. C. C.
Retiro de la causa facendo o fe multas
M. XXXIV
XXXIV pp + 586 pp
[Signature]

8814

Vet. Port. III B. 77

OS LUSTADAS.



J. F. Procs.

OS LUSIADAS.





F. Gérard del.

B. Roger sculp.

OS
LUSIADAS,
POEMA EPICO
DE LUIS DE CAMÕES,

RESTITUIDO A' SUA PRIMITIVA LINGUAGEM,

AUCTORISADA COM EXEMPLOS

EXTRAHIDOS DOS ESCRITORES CONTEMPORANEOS A CAMÕES;

AUGMENTADO COM A VIDA D'ESTE POETA,

UMA NOTICIA ACERCA DE VASCO DA GAMA,

As estancias e lições achadas por Manuel de Faria e Souza,
as variantes colhidas nas melhores edições,
e muitas notas philologicas, historicas, geographicas e
mythologicas;

POR

JOSÉ DA FONSECA.



PARIS.

NA LIVRARIA EUROPEA DE BAUDRY,

3, QUAI MALAQUAIS, PERTO DA PONTE DAS ARTES.

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J. P. AILLAUD, 11, QUAI VOLTAIRE

E EM CASA DE

STASSIN E XAVIER, 9, RUE DU COQ.

1846



PROLOGO.



O principal motivo, que me decidiu a emprender este trabalho, foi o quèrer eu offerecer, tanto aos meus conterraneos, como aos estrangeiros estudiosos, e amantes de Camões, uma edição limpa d'alguns erros, que afeiam as precedentes; ajudando-me, para isso, das notas, e observações dos editores, que as prepararam, e da lição dos classicos portuguezes coevos ao nosso Epico, em cujas obras se acha estabelecida a verdadeira pronuncia do mesmo Epico; pronuncia que tam viciada corre nas edições que, de seu immortal poema, saíram á luz. E ora, se os editores de nossos antiguos authores, tanto s'esmeraram em conservar-lhes escrupulosos as palavras orthographadas tosca e irregularmente, porque alterâmos nós a pronuncia de Camões, enchendo assim os seus bellissimos versos de amphibologias, e de contracções escabrosas?

Puz particular desvelo em so me servir, para este trabalho, d'edições publicadas per homens de notorio saber e auctoridade, dando de mão ás que tiveram por alvo o interesse; visto que,

similhantes edições, sobre estarem erradissimas, não apresentam uma so lição digna de aproveitar-se.

Tenho por excusado inculcar aos intelligentes o apuro, que empreguei n' esta edição; so lhes rogo que, se algumas falhas lhe acharem, as desculpem; pois é quasi impossibil alcançar-se cabal perfeição em obras d' este genero.

No que diz respeito á orthographia, como inda não temos uma fixa, segui a que me pareceu accommodar-se melhor á ethymologia, e á recta pronuncia dos Escriptores quinhentistas.

Quanto ás notas, escrevi somente aquellas que julguei indispensaveis á intelligencia d' alguns logares duvidosos ou difficeis. As pessoas, que desejarem explicação mais ampla, poderão recorrer ao index dos nomes proprios, que João Franco Barreto annexou aos *Lusiadas*, ou ao Diccionario da Fabula, composto em francez per Chompré, e traduzido em portuguez per Pedro José da Fonseca.

VIDA DE CAMOES.

A opinião mais probabil acerca da familia de Camões é que Vasco Pires de Camões, estando el-rei D. Henrique II de Castella em guerra com D. Fernando, rei de Portugal, passou de Galliza a este reino, onde o mesmo rei lhe deu muitas terras, e rendas em recompensa das que deixara; mas perdeu depois a mor parte d'ellas, por seguir a facção da rainha D. Leonor contra el-rei D. João I.

Vasco Pires casou com uma filha de Gonçalo Tenreiro, capitão-mor das armadas portuguezas; de cujo matrimonio nasceram Gonçalo, João, e Constança; os quaes brotaram descendentes illustres.

Todavia o nosso Poeta procede do segundo-genito João Vaz de Camões; o qual, per suas virtudes militares em serviço d'el-rei D. Afonso V, conseguiu o titulo (assás honorífico n' aquelle tempo) de seu vassallo. Fundou casa em Coimbra, e no claustro da cathedral da mesma cidade, sumptuoso monumento. Houve por mulher Inez Gomes da Silva; e d'ella a Antão Vaz de Camões, que esposou Guiomar Vaz da Gama. D'estes nasceu Simão Vaz de Camões; o qual passando á India por capitão d'uma nau, e salvo d'um naufragio em as costas de Goa, falleceu depois n' essa cidade. Contrahiu nupcias com D. Anna de Sá. pessoa nobre, natural de Sanctarem. e teve d'ella Luis de Camões, em o qual (por viver celibatario) se apagou esta linhagem. Elle nasceu em Lisboa no anno de 1524.

Que o nosso Poeta assistisse alguns annos da sua adolescencia na universidade de Coimbra (erecta então de novo) sob pretexto d'estudos, conjectura é deduzida da sua canção IV, a qual assim principia :

Vão as serenas aguas
 Do Mondego decendo, etc.

 N' esta flórida terra
 Leda, fresca e serena,
 Ledo e contente pera mi vivia.

Findos os estudos, e restituído a Lisboa, affeiçoou-se a certa dama; e essa affeição deu motivo a que o desterrassem da côrte. Pensam alguns que o tal desterro foi na villa de Sanctarem, fundados na elegia que começa:

O sulmonense Ovidio desterrado, etc.

Onde chora a saudade da côrte, e onde diz que estava vendo o Tejo, e as côncavas barcas, que rasgavam sua corrente:

Vejo o puro, suave e brando Tejo,
 Com as côncavas barcas, que nadando,
 Vão pondo em doce effeito seu desejo.

Achando-se pois impossibilitado de volver a Lisboa, resolveu ir servir a Ceuta, em cuja praça militou e assistiu algum tempo, como consta da elegia que começa:

Aquelle que de amor descomedido, etc.

Na qual diz:

Subo-me ao monte, que Hercules Thebano
 Do altissimo Calpe dividiu,
 Dando caminho ao mar Mediterraneo, etc.

No Estreito de Gibraltar, pelejando denodado juncto a seu pae, que commandava uma das naus, perdeu o olho direito, como elle toca na canção que principia:

Vinde ca meu tam certo secretario, etc.

Havendo passado algum tempo no militar exercicio, tornou a Lisboa, persuadindo-se obteria algum premio polo dito exercicio; mas perdidas de todo as esperanças a esse respeito, decidiu-se a passar á India: e o fez na occasião que Fernando

Alvares Cabral foi nomeado capitão-mor de quatro naus; as quaes partiram para a mesma India em março de 1533. Embarcou Camões com elle na capitania; e esta, após um grande temporal, em que se perderam as outras tres, surgiu em Goa no fim de setembro do dito anno, governando aquelle estado D. Afonso de Noronha.

So pouco mais d'um mez se deteve o nosso Poeta em Goa; por quanto, no de novembro seguinte, tornou a embarcar com o vice-rei em uma poderosa armada, que foi soccorrer os réis de Cochim, e de Porcá, aos quaes o de Chembé tinha tomado algumas ilhas. D'essa expedição, e dos prosperos successos d'ella, trata na elegia que começa:

O poeta Simónides fallando, etc.

Vólto a Goa no comêço do anno 1555, colheu a noticia de que em Lisboa, no dia 2 de janeiro de 1554 morrera o principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião; e, em Africa a 18 d'abril do anno antecedente 1555, seu particular amigo D. Antonio de Noronha, filho do segundo conde de Linhares D. Francisco de Noronha, em um recontro com os Mouros de Tetuão; a cuja memoria compoz o soneto XII que começa:

Em flor vos arrancou, etc.

Ah senhor D. Antonio! a dura sorte, etc.

E a ecloga I, em que tambem toca na morte do antedito principe.

Continuando o marcial exercicio, passou, no anno de 1558, ao Estreito da Meca, em outra armada, da qual foi capitão-mor Manuel de Vasconcellos. Ahi demorou-se algum tempo, soffrendo incommodidades gravissimas, como consta da canção X, que escreveu em Goa, e principia:

A piedade humana me faltava,
 A gente amiga ja contraria via,
 No perigo primeiro; e no segundo,
 Terra em que pôr os pés me fallecia,
 Ar pera respirar se me negava;
 E faltava-me emfim o tempo, e o mundo.
 Que segredo tam árduo, e tam profundo,

Nascer pera viver, e pera a vida
 Faltar-me quanto o mundo tem pera ella!
 E não poder perdella!
 Estando tantas vezes ja perdida!
 Emfim, não houve trance de fortuna,
 Nem perigo, nem casos duvidosos,
 (Injusticas d' aquelles que o confuso
 Regimento, do mundo antiguo abuso,
 Faz sôbre os outros homens, poderosos!)
 Que eu não passasse, atado á liel coluna
 Do sofrimento meu, que a importuna
 Perseguição de males em pedaços
 Mil vezes fez á força de seus braços.

Em o começo da ecloga XI, tambem escripta após haver regressado a Portugal, Camões, sob o nome de Limiano, rompe nas mesmas queixas, dizendo, que cuidando acharia descanso, socego e abrigo em sua patria, so achara n'esta uma continuação dos mesmos, ou maiores infortunios. Eis suas palavras :

Podia ser ; que muito tempo fora
 Andei d'esta ribeira, patria minha,
 Onde triste me ves andar agora.
 Tinha la pera mi, que a vida tinha
 Mais socegada ca, e mais segura
 Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.
 Foi d'outro parecer minha ventura ;
 Discordia so achei, e achei dureza,
 Em logar de socego e de brandura.

Quando o nosso Poeta (acabada a expedição contra o rei de Chembé) arribou a Goa, governava Francisco Barreto, per morte de D. Pedro Mascarenhas, succedida n'esta cidade em 16 de junho de 1555 ; e, porque, em tal occasião, escreveu alguns versos mordazes, com o titulo de *Disparates da India*, e certa composição satyrica em prosa e verso (1) motejando pessoas principaes, que fizeram um festejo em obsequio do novo governador, mandou-o este prender, e depois exiliar para as ilhas Molucas, em o anno seguinte de 1556. Sentiu em extremo

(1) Uma e outra cousa anda co' as suas Rhymas.

Camões tal prepotencia, de que se queixou nas Rhymas, dizendo :

A pena d' este desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro.

Navegando de Goa para Macau, á vista da foz do rio Mecon, na costa de Camboja, deu a nau em uns baixos, e fazendo-se pedaços sobre um d' elles (renovando o caso de Cesar) sahiu o nosso Poeta a terra, preservando com uma mão este seu poema *Os Lusíadas*. Elle mesmo narra esse infausto successo na bellissima estancia 128 do canto X. Eil-a :

Este receberá plácido e brando,
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle, cuja lyra sonora
Será mais afamada, que ditosa.

N' essa paragem compoz (segundo se presume) as suas Redondilhas tam celebradas de Lope de Vega (1), e as quaes começam :

Sobolos rios, que vão
De Babylonia, me achei, etc.

Em que, paraphraseando o salmo 13º *Super flumina Babylonis*, faz erudita allusão entre as calamidades, que padeceram os Hebreus n'aquelle captiveiro, e as que elle, no seu actual desterro, experimentava.

Chegado Camões a Macau, assentou ahi residencia, e adquiriu algum cabedal no emprego de provedor-mor dos defunctos; o qual (conforme Mariz) lhe havia conferido o vice-rei, *pera ver se o podia levantar da pobreza, em que sempre andava involto*; mas a esta circumstancia parece oppor-se a razão do motivo; pois foi exiliado; e assim é mais verosimil

(1) Edição de Madrid, no prologo.

que obtivesse depois o tal emprego per outros meios, que não chegaram á noticia dos Escritores da sua vida.

Cinco annos se demorou em Macau; e presume-se teve tambem alguma assistencia em Tidore, e Ternate; pois descreve, como testemunha ocular, as situações, e cousas notaveis d'essas ilhas, em o canto X dos *Lusiadas*; poema que elle bastantemente adiantou em todo aquelle tempo.

É tradição constante que passava muitas horas a trabalhar n'essa composição em uma gruta, a qual inda hoje se mostra em Macau, e é denominada : *Gruta de Camões*.

Ao fim d'esse periodo embarcou para Goa, onde chegou no anno de 1561, sendo vice-rei D. Constantino de Bragança, o qual succedera no governo a Pedro Barreto, em o dia 3 de setembro de 1558. Em obsequio d'esse fidalgo, que lhe mostrava affecto, compoz o nosso Epico as elegantes oitavas que começam :

Como nos vossos hombros tam constantes, etc.

Em as quaes celebra os heroicos feitos de seus progenitores, e as acertadas acções do seu governo. Mas, durando esse governo poucos mezes (pois findou no de setembro d'aquelle anno 1561, em que lhe succedeu D. Francisco Coutinho, conde de Redondo) experimentou logo o Poeta diversa fortuna; por quanto, imputando-se-lhe algumas culpas na administração do cargo, que exercitara em Macau, foi outra vez preso per ordem do novo vice-rei.

Havia ja purgado as pretendidas culpas, eis que um tal Miguel Rodrigues Coutinho, alcunhado *Fios-seccos*, por certa divida o mandou embargar no carcere, do qual escreveu ao conde vice-rei (estando este de viagem) o seguinte faceto memorial :

Que diabo ha tam damnado,
 Que não tema a cutilada
 Dos *Fios-seccos* da espada
 Do fero Miguel armado?
 Pois se tanto um golpe seu
 Sôa na infernal cadeia,
 (De que o demonio arreceia)
 Como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria ,
Se contra elle , e contra tudo ,
Não tivesse um forte escudo
So em Vossa Senhoria.

Por tanto, senhor, proveja ,
(Pois me tem ao remo atado)
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Pôsto em liberdade , voltou Camões ao exercicio das armas , sem todavia abandonar o das Musas; por quanto, n' esse mesmo tempo compoz algumas de suas Rhymas, e terminou *Os Lusíadas*, no intuito de offerecer essa immortal epopea ao seu joven monarcha; para cujo fim resolveu trasladar-se a Lisboa.

Poz-lhe atalho porém a essa determinação Francisco Barreto; o qual, com o cargo de capitão, passava a Sofala; instando-lhe fosse em sua companhia, e offerecendo-lhe por emprestimo duzentos cruzados para as provisões da viagem; o que elle acceitou, por intender que assim conseguiria mais facilmente o seu transporte para o reino, aguardando alli en-sejo de embarcação.

Correspondeu-lhe, n' esta parte, o effeito á esperanza; pois, a poucos mezes d' estada em Sofala, arribou áquelle porto (de passagem para Lisboa) a nau denominada *Santa Fé*; e n' ella Heitor da Silveira, Duarte de Abreu, e outros cavalheiros seus confidentes; os quaes brindaram o nosso Poeta com a conveniencia d' embarcação gratuita. Presentiu esse designio Pedro Barreto; e, para impedil-o, interpoz a restituição dos duzentos cruzados; que, por serem ja gastos, difficultavam a partida; mas congregando-se os referidos cavalheiros, satisfizeram a dívida, e resgataram o devedor. Avultava tambem entre elles o nosso célebre historiador Diogo de Couto; o qual, n' essa occasião, contrahiui familiaridade com Camões; e este, após haver-lhe mostrado o poema dos *Lusíadas*, incitou-lhe o desejo d' illustral-o com algumas annotações: o que o mesmo Couto executou depois; mas esse trabalho não sahiu a publico.

Chegou finalmente o nosso Poeta a Lisboa, no anno de 1569, governando ja el-rei D. Sebastião, e estando esta cidade afflictissima com um grande contagio; o que foi motivo

de Camões dilatar a publicação do sobredito poema quasi tres annos; pois so no de 1571, a 4 de septembro, obteve o privilegio real; e, no seguinte 1572, se acabou de imprimir com tanta acceitação do mundo litterario que, no mesmo anno, se reiterou a edição.

Passou depois o restante de sua vida, isto é, espaço de sete annos, em tal extremo de miseria, que lhe era necessario mandar o seu escravo Antonio de noite a pedir esmola, para remediar, no preciso sustento, o a que não podia supprir a limitada somma de quinze mil reis annuaes, de que el-rei lhe fez mercê polos seus serviços, com obrigação de residir na corte.

M. Raynouard, na sua ode a Camões, traduzida per Francisco Manuel, celebrou, na seguinte estrophe, a fidelidade d'esse bonissimo escravo:

Se o caro nome teu não poudes o Vate
 Illustrar no seu metro,
 No meu te hei por segura alta lembrança
 De gran' renome, *Antonio*.
 Sabe, que esse sublime sacrificio
 Tem de achar nos meus hymnos
 Ecco fiel, oh servidor magnanimo!
 Nos devolvendos seculos;
 Pregoando, que ennobrece esse teu zelo
 Da mendiguez a opprobrio.

E Antonio Ribeiro dos Sanctos, na sua ode a Camões:

O sublime Cantor, que sôbre as azas
 Do sagrado Poema leva aos astros
 O Gama illustre, e a lusitana empresa
 Dos gangeticos mares;
 Dizei, qual digna recompensa, oh Musas!
 Teve o seu canto, de que se honra Appollo,
 Que a tanto feito, a tanto heroe valente
 Deu immortal memoria?
 Do rico imperio da gemmante Aurora,
 Onde soltou aos ceos a voz divina,
 Nem ouro, nem fulgente pedraria
 Lhe deu a sorte avara.
 De seus illustres meritos sublimes,

Que as estranhas nações tanto invejaram ,
 So teve em premio , e galardão sobejo ,
 A hórrida pobreza.
 Tu , *escravo de Java* , oh so amigo
 Que o ceo lhe dera em tanta desventura !
 Entre as trevas da noite mendigavas
 Seu misero sustento.

D'ahi procedia o motivo de viver continuamente retirado ; e isso de fórma que, á reserva d'alguns doctos religiosos do convento de san' Domingos (onde tambem ia algumas vezes ouvir a lição de theologia moral) ninguem mais o tractava.

Foi então que um fidalgo chamado Rui Dias da Camara, veio ao pobre quarto de Camões queixar-se de que tendo-lhe elle Camões promettido uma versão dos salmos penitenciaes, não acabava de a fazer, sendo tam grande poeta; ao que este respondeu : « *Quando eu fiz aquelles cantos, era mancebo, farto, namorado, e querido de muitos amigos, e damas; o que me dava calor poetico: agora não tenho espiritu, nem contentamento pera nada: ahi está o meu Jau, que me pede duas moedas (de cobre) pera carvão, e eu não as tenho pera lh'as dar.* »

Concorreu outro-sim a lamentavel catastrophe da patria (e Camões amava esta excessivamente, succedida n'essa quadra com a perda d'el-rei D. Sebastião em Africa) a augmentar seus desgostos; os quaes lhe aggravaram a molestia, que ja de muitos dias experimentava; thé que lhe sobreveio a ultima enfermidade; em a qual (talvez por ver-se destituído de meios para os remedios) consta escrevera n' uma carta as seguintes linhas :

« *Quem ouviu dizer que em tam pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tam grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desavergonhamento.* »

E n' outra escripta, pouco antes de morrer, dizia :

« *Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tam affeioado á minha patria, que não somente me contentei de morrer n' ella, mas de morrer com ella.* »

Essas lastimosas queixas do nosso infelicissimo Epico, mo-

veram' o judicioso Francisco Dias Gomes a traçar as expressões que eu aqui repito :

« Sem vergonha o não digo, é tam desacreditado o conceito que as nações estrangeiras fazem de nossas luzes, que nos reputam quasi barbaros : eu não duvido que haja n' isto excesso; mas infelizmente vemos, per casos de publica notoriedade, que a sua opinião não deixa de ter fundamento. Em primeiro logar vemos que os maiores homens, que mais honraram a nação com escriptos sublimes, não so não foram premiados, mas publicamente vexados. Camões, o maior poeta da Hespanha, o unico a quem o grande Tasso temia na Europa (como elle publicamente confessava); Camões, esse raro Ingenho, de quem a lingua portugueza recebeu todas as graças, força, e harmonia, de que tanto se abona; e que apezar da mediocridade dos talentos dos que modernamente a tractam, não deixa de se manifestar visivelmente; Camões emfim, esse grande homem, sem o qual não haveria poesia portugueza, a que miserias se não viu reduzido em todo o tempo que viveu? Sendo elle um dos homens mais valerosos, que passaram á India; o qual, por descanso das armas, compunha obras immortaes, nunca lhe foi possivel achar um asylo onde repousasse; e, se não fosse o auxilio *de um pobre Indio*, em quem a força da mais pura amizade fez tanta impressão, que deixando as delicias da sua terra, o acompanhou athé á morte, terminaria certamente com mais brevidade uma vida, de que tanta gloria resultou á sua patria; que tam insensivel foi ao merecimento do mais illustre de todos os seus filhos. Sabem todos que das esmolas, que aquelle *amavel Indio* grangeiava, quando não tinha trabalho honesto, em que ganhar, se sustentava o grande Camões, tam digno dos maiores applausos, tam celebrado dos sabios da Europa; o grande Camões emfim, acabou sua tam misera e cansada vida na mais extrema, na mais infeliz miseria. »

Camões morreu em Lisboa no anno de 1579, em idade de 55 annos, por haver nascido no de 1524. Deu-se-lhe sepultura ao lado esquerdo da entrada da porta do convento de sancta Anna, de religiosas Franciscanas. Poucos annos depois (foi no de 1595) D. Gonçalo Coutinho lhe deu nova sepultura no meio da igreja, mandando-lhe gravar na campa esta inscripção :

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE
DOS POETAS DE SEU TEMPO:
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE;
E ASSI MORREU.
ANNO DE M. D. LXXIX

Foi Luis de Camões (diz Manuel Severin de Faria) de meã estatura, cheio de rosto, algum tanto carregado da fronte; nariz comprido, levantado no meio, e grosso na ponta; cabello louro quasi açafreado; gentil e engraçado na apparencia, quando era moço, e antes de perder o olbo direito. Era no tracto muito facil, alegre e jocosos até o tempo em que a adversidade o volveu nos ultimos annos melancolico.

Eis-aqui o juizo que, acerca do talento poetico do immortal author dos *Lusiadas* formou o ja citado Francisco Dias Gomes : « É tanto o que se tem dito d' este grande homem, que parece ocioso fallar d' elle : comtudo, postoque o credito de um tam admiravel Poeta esteja estabelecido na justa idolatria que todos lhe consagram, seja-me permittido dizer alguma cousa a seu respeito. Luis de Camões, natural de Lisboa, é, sem contradicção alguma, o maior Poeta, não so de Portugal, mas de toda a Hespanha. Os seus talentos resplandeceram em mais de um genero. A imitação phantastica, como mais propria, mais analogo á grandeza das ideias, que fermentavam na sua phantasia, foi o principal objecto do seu pincel ; que, isso não obstante, quando descia á imitação icastica, na primorosa destreza com que executava as pinturas d' este genero, mostrava quam habil era para isso. As personagens dos seus quadros todas estão no logar, que devem occupar. Os seus rasgos são os mais liberaes, as suas tintas as mais brilhantes e macias. A verdade da sua imitação está no maior auge. A vivacidade, a grandeza, a sublimidade são os caracteres principaes da sua poesia, cujo maravilhoso tanto se remonta, que vai buscar no imperio do ideal assumptos nunca sabidos, nunca imaginados ; para cuja expressão acha novas tintas, novas côres, tam vivas, tam fortes, tam cheias de fogo, que movem, que accendem, que abrasam o coração do leitor de tal modo, que o seu espiritu penetrado do enthusiasmo da admiração, fica como incantado, sentindo ao

mesmo tempo sublimes emoções, novo interesse n'uma pintura que, sem ter fundamento em alguma existencia physica, ou moral, goza, com justa razão, dos privilégios de original o mais nobre, o mais sublime, o mais arrojado, que nunca existiu no mundo phantastico da mais prodigiosa poesia. Tal é o soberano maravilhoso do grande, do nunca assás louvado episodio de Adamastor nos *Lusiadas*, a primeira epopea, que appareceu na Europa escripta em oitava rhyma. Além d'estas preciosas qualidades, que tanto distinguem a vivacidade das suas pinturas, ou contrastes, a gradação das tintas são também dispostos, que servirão de modelo eterno aos bons imitadores d'este divino Poeta, cujo merecimento eclypsou o de todos os poetas, que lhe precederam, sem, talvez, deixar esperanza de ser igualado, quanto mais excedido! A sua poesia toda filha da imaginação mais elevada, e mais instruída, a tudo dá corpo, e vida: os objectos horriveis, os humildes, os menos decorosos, são desenhados com côres fortissimas, e decencia propria; mas em grau tam superior que arrebata. A phrase é a mais pura, a mais culta, e a mais brilhante: clareza, e elegancia são o character do seu estylo sempre cheio de movimento, e a quem a magia da harmonia faz extremamente recommendavel. Na sua composição se ostenta todo o luxo de uma imaginação soberanamente fertil e abundante; que assim como a corrente de um rio engrossado com as aguas do inverno, rompe, e transgride algumas vezes os limites, os preceitos da arte; mas com tal liberalidade e bizarrria, que desculpa o erro, e persuade a cahir n'elle: o que tem sido causa de muitos que, sem terem forças para imitar as suas bellezas, o seguiram nos seus defeitos. Finalmente, foram tantas as graças, que este grande homem communicou á lingua, e á poesia portugueza, que seguramente se pode affirmar que elle creou uma poesia, e uma linguagem nova em Portugal. Teve a maior propriedade para pintar o sublime, cujo resplandor, posto que immenso, é tam suave, que não cega; antes se faz com summo prazer accessivel á vista. No pathetico foi o mais insigne mestre: oh com que vehemencia o pinta, sem causar tedio! Com que arte affeiçoa, e interessa! Com que força de expressão não traça o terrivel! Mas com que amabilidade não

desenha as graças da natureza! Uma aurora, um dia claro e socegado, um bosque ameno ventilado da frescura dos zephyros, uma fonte rompendo do seio das penedias, a verdura dos campos matizada de flores, e regada das aguas, os rios, ora serenos, ora arrebatados, o silencio, a serenidade d'uma noite de verão, o estrondo das tempestades, a lua, as estrellas, os gados, os pastores, as aves, a caça, a luta, o amor, o ciúme, tudo emfim retrata a poesia d'este grande Ingenho com tal e tam prodigioso primor, que a sua leitura nos transporta ao mesmo logar da scena, que representa; nos lança em extasis tam deliciosos, que a alma so appetee fazer eternamente n'aquelle amabilissimo incanto que, longe de a enfraquecer, lhe dá força e vigor, sciencia e elevação. Com que heroica resolução não reprehende, não fere, não fulmina os vicios, inda mesmo nas pessoas mais sublímadas! Com que côres, com que amaveis côres, se não vêem a cada passo desenhadas pelo seu prodigioso pincel todas as virtudes que mais devem resplandecer no coração do homem! Camões emfim é um d'aquelles escriptores, que são, pelas suas rarissimas qualidades, admiração do mundo, e eternos magistrados das nações.

« Camões, auxiliado do seu grande ingenho e sciencia, estabeleceu de todo ao idioma a analogia, e o enriqueceu de vozes, de formulas infinitas, extrahidas das linguas sabias, ou nascidas no laboratorio immenso da sua grande imaginação, com as quaes trouxe os superlativos de uma so fórma em quasi todas as desinencias, que conservam na lingua latina; e determinou a indole do idioma portuguez, fazendo-o capaz de todos os assumptos; dando-lhe magestade, e harmonia, perspicuidade, e atticismo; fazendo-o finalmente flexivel para todos os estylos, e capaz das mais sublimes audacias para lhe determinar a elegancia, sem se afastar da clareza; qualidades que ficou conservando como distinctivos perpetuos do seu caracter. »

Muitos foram os escriptores, tanto nacionaes, quanto estrangeiros, que elogiaram o nosso Poeta; mas como eu não posso aqui transcrevel-os todos, limitar-me-hei aos mais insignes, que são Torquato Tasso, Diogo Bernardes, e Filinto Elisio.

VIDA DE CAMÕES.

TASSO A CAMÕES.

SONETO.

Vasco, le cui felice ardite antenne
 Incontro al sol, che ne riporta il giorno,
 Spiegar le vele, e fer colà ritorno
 Dov' egli par che di cader accenne;
 Non più di te per aspro mar sostenne
 Quel, che fece al Ciclope ultraggio e scorno;
 Nè chi turbò l' Arpie nel suo soggiorno,
 Nè diè più bel subietto a colte penne.
 Ed or quella del colto e buon Luigi
 Tant' oltre stende il glorioso volo,
 Chè i tuoi spalmati legni andar men lungi.
 Ond' a quelli, a cui s'alza il nostro Polo,
 Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi,
 Per lui del corso tuo la fama giunge.

DIOGO BERNARDES A CAMÕES.

SONETO.

Quem louvará Camões que elle não seja?
 Quem não vê, que em vão cansa ingenho, e arte?
 Elle so a si se louva em toda a parte;
 E so elle toda parte enche de inveja.
 Quem juncto n' um esp' ritu ver deseja
 Quantos dôes, entre mil, Phebo reparte,
 (Quer elle de amor cante, quer de Marte)
 Por mais não desejar, a elle so veja.
 Honrou a patria em tudo: imiga sorte
 A fez com elle so ser encolhida,
 Em premio de estender d' ella a memoria.
 Mas se lhe foi fortuna escaça em vida,
 Não lhe pôde tirar despois da morte
 Um rico amparo de sua fama, e gloria.

FILINTO ELISIO (NA SUA ODE O ESTRO) A CAMÕES.

ESTROPHE X.

As im Camões, per ti enfurecido,
 Ao cume do Parnaso se avisinha;
 E os dêlphicos loureiros,
 Quando elle sobe, acurvam

VIDA DE CAMÕES.

XXI

Ao novo Homero os orgulhosos topes,
E arredam larga estrada ao Vate egregio.

XI.

Calliope a mão lhe dá ; e ás doctas grutas
(Do rapido talento asylo) o guia,
Onde a sublime trama
Da Iliada sonora,
Palpando as cordas da épica harmonia,
Cantara Apollo, e transcrevera Homero.

XII.

Alli subiu Camões ; alli a Musa
A boca e vozes do immortal alumno
Banhou de poesia ;
E co' as Irmãs, que invoca,
Co' as tres Graças, que tudo afermoseam,
Enchem do Vate o peito, dadivosas.

XIII.

Eis chega ao sabio côro o ausonio Cyone
Comedido, e das faces ressumbrando
Assomos de celeste ;
E tanto se affeiçoa
Do valido das Musas tagitanas,
Que por alumno e confidente o acceita.

XIV.

Das recônditas minas da memoria,
A seu pedido, as ricas veias abre,
Que Camões enthesoura :
Tambem lhe rega o ingenho
Co' o epico arcano, em límpidas correntes,
Que manaram nos novos Argonautas.

XV.

Entoa o forte Gama, avassallando
Os mares não-trilhados de outros lenhos,
Impávido affrontando
O conflicto das ondas,
Que o Thyoneu contra elle acapellava,
Ajudado do impróvido Neptuno.

xvi.

Sobrevem Sapho, e canta de Inez linda
A ternura fiel, trágico termo
De viçosos amores.
Ambição crua e cega,
Cubiça de mal-firme valimento,
Tu lhe enterras no peito o frio ferro!

xvii.

Homero, inchando á tuba o bronzeo ventre,
Mais alto resoava, e tinha em fozo
A vista rutilante
Quando lançava as vozes
Do Adamastór membrudo, e arduas vinganças
Do quebrado segredo de seus mares.

xviii.

Como sentiste do ânimo o alvorôço,
Absorto Vate, quando o íntimo seio
Os sons te revolviam
D'aquella voz valente,
Tonante voz, encérro de prodigios;
Voz, de que assim se ufana a natureza!

xix.

Como ja n'alta mente as côres punhas
Nos quadros dos *Lusíadas* illustres!
Aqui se ateia a briga
Dos doze de Inglaterra;
Além, da agua que sorve, engrossa a nuvem,
E o pe, que tem no mar, a si recolhe.

xx.

Quanto se ergue entre estúpidos humanos
Quem ao nascer sortiu um peito altivo
Capaz de inclita empresa!
Mais que homem é um Nume.
Os parabens te dou, oh lusa patria!
Tambem os tómo de dever-te o berço.

NOTICIA

ACERCA DE VASCO DA GAMA,

E DA SUA VIAJEM A' INDIA,

EXTRAHIDA DA CHRONICA D' EL-REI D. MANUEL, ESCRIPTA
PER DAMIÃO DE GOES.

El-rei D. Manuel tendo em ficto a descoberta da India, mandou logo apparelhar naus, no que se passou mais de um anno. Em quanto se ellas faziam prestes, teve el-rei conselho sobre quem mandaria por capitão d'ellas, e assentou que fosse Vasco de Gama, fidalgo de sua casa, natural da villa de Sines, homem solteiro e de idade pera poder sofrer os trabalhos de uma tal viagem; polo que o mandou chamar, estando em Estremoz, no mez de janeiro de 1497, e lhe deu a capitania d'ellas, com palavras de muita confiança, pondo diante o peso de tammanho negocio consistir, não na despesa que se n' elle podia fazer, nem no que se n'isso aventurava, senão no serviço de Deus, e bem de seus reinos; o que tudo se podia conseguir, se, passando elle adiante do que ja era descoberto, podesse chegar á India: do que se lhe podia seguir tanta honra, e louvor, quanto elle bem podia cuidar; ao que se ajunctariam muitas mercês, que lhe esperava fazer em galardão de todos os trabalhos, que n' esta viagem passasse: ao que Vasco da Gama respondendo com palavras de hom caval-

leiro, lhe beijou a mão pola mercê, que lhe fazia, e confiança que d'elle tinha; accrescentando «que lhe pedia houvesse por bem, n'esta viagem, se querer tambem servir de Paulo da Gama, seu irmão: porque com tal e tam fiel companheiro, esperava vir ao fim d'ella, sem differenças, nem cautelas, que poderiam caber, e acontecer entre outras pessoas, que não fossem tam conjunctas em sangue como elles eram; o que lhe el-rei muito agradeceu, e houve logo por bem ser Pauló da Gama um dos que houvesse de mandar em sua companhia. Depois d'el-rei ter isto assentado, se foi d' Estremoz a Evora; e d'alli despediu Vasco da Gama, e seu irmão Paulo da Gama, dando-lhes por companheiro a Nicolau Coelho, cavalleiro de sua casa; os quaes partiram do porto de Belem aos dous dias do mez de julho do mesmo anno de 1497.

O piloto d'esta armada se chamava Pedro d'Alemquer, homem mui experto nas cousas do mar. Seguindo Vasco da Gama sua viagem, passou á vista das ilhas de Canarea, e d'ahi foi ter ao porto de sancta Maria, na ilha de Sanct' Iago, aos 28 dias do mez de julho: d'onde, seguindo seu regimento, começou de cortar a Leste em busca do cabo de Boa-Esperança; no que andou os mezes de agosto, setembro, e outubro, com muitas tormentas, e tempos contrarios, athé que descobriu terra a 4 do mez de novembro; a qual foram demandar com muita alegria, e acharam ser uma terra baixa, em que ha uma grande bahia, a que pozeram nome *a angra de sancta Helena*. Estando Vasco da Gama alli surto; por quanto na angra se não mettia rio, nem regato, nem menos achavam fontes, nem poços, de que podessem tomar agua, mandou a Nicolau Coelho, que no seu batel fosse per diante ao longo da praia buscar algum rio; o qual indo sempre apegado com a terra, a quatro leguas da angra foi dar em um rio fresco, e de boas aguas, a que poz nome *de Sanct' Iago*, onde todos fizeram aguada, lenha, e carnagem de lobos marinhos, de que n'aquella paragem ha muitos, e d'elles tammanhos como grandes cavallos. N'esta angra foi Vasco da Gama com outros tres homens ferido: e o negocio se armoit d'esta maneira: Ao dia seguinte, que a frota alli chegou, por não verem gente na praia, saiu elle em terra com os outros capitães, pera mais á sua vontade tomarem a altura do

sol, e verem se havia alli algumas povoações, ou se era deserta. Andando assi espalhados em magotes de uma parte pera a outra, foram dar com dous homens pretos de cabello revolto, como os de Guiné, um pouco mais baços, que estavam apanhando mel ao pe de uma monteira, com cada um seu tição na mão, pera os quaes se foram chegando a passo largo; e, postoque ambos com espanto e mêdo de verem gente tam desacostumada, se pozessem em fugida, tomaram os nossos um d'elles, e o trouxeram a Vasco da Gama; com que se recolheu alegre ás naus, cuidando que se intenderia com alguns dos linguas, que levava; mas em toda a frota não houve pessoa que o podesse intender senão per acenos: e, sem mêdo, nem receio, comeu, e bebeu de todas as iguarias, que lhe deram, com dous grumetes, a quem Vasco da Gama mandou que lhe fizessem boa companhia. E porque era ja tarde quando se recolheram, o negro ficou aquella noite na nau; e ao outro dia pela manhã o mandou vestir de pannos de côres, e pôr em terra, despedindo-se elle dos nossos mui ledo e contente da boa companhia que lhe fizeram, e sobre tudo, d'alguns cascaveis, continhas de crystalino, e outros brincos, que levava. Estes arreios com que este homem saiu em terra, fizeram inveja aos que o viram; porque ao outro dia vieram á praia quinze ou vinte d'elles: polo que, mandou logo Vasco da Gama poiar a gente nos bateis, com que se veio a terra, trazendo comsigo mostra d'especiarias, ouro, aljofar, e seda: o que os negros estimaram pouco, por não saberem o que era. Então lhe mandou dar cascaveis, ceptis, e anneis d'estanho, e outras cousas d'esta calidade; o que tomaram mui alegres, especialmente os cascaveis, polo som que faziam; e d'alli per diante começaram de vir á praia seguramente, e dar dos mantimentos, que havia na terra, a troco de outras cousas.

Com esta familiaridade, um homem honrado, per nome Fernan' Velloso, determinou, em companhia d'alguns d'estes negros, a que se ja fizera familiar, ir ver suas habitações, e modo que tinham em suas casas; e pera isso houve licença de Vasco da Gama: os quaes mostrando n'isso contentamento, o levaram comsigo, e de caminho tomaram um lobo marinho com que o festejaram; e como nem o guisado do lobo, nem o

modo da terra satisfizessem muito a Fernan' Velloso, acabado o banquete começou de caminhar pera onde as naus estavam. Os negros, que per ventura faziam conta de o trazerem consigo mais tempo pera o festejarem ao seu modo, vendo-o tornar tam de subito, se vieram com elle athé á praia, mandando aos moços da aldeia que os seguissem com suas armas, que são dardos, e zagaias guarnecidos nos cabos de ossos, e pontas de cornos de alimarias, com que ferem, como se fossem de verdadeiro aço temperado. Isto parece que devia ser pera se defenderem, se Fernan' Velloso se queixasse da companhia, que lhe fizeram, e os nossos lhes quizessem, por isso, fazer mal.

Chegando Fernan' Velloso á praia, começou a bradar « que lhe acodissem ; » mas por elle ser mui rebolão, assomado, e fallar sempre valentias, não se deram os nossos muita pressa, nem os negros lhe faziam mal, nem intendiam que pedia soccorro contra elles; comtudo como Vasco da Gama, que á mesma hora estava ceiando, soube o que passava, mandou fazer signal aos capitães pera o seguirem : os negros vendo os bateis vir com muita gente, recolheram-se pera onde os moços estavam escondidos com as armas, deixando Fernan' Velloso na praia, sem lhe fazerem nenhum mal. Vasco da Gama, cuidando que eram todos ja idos, saiu com a gente em terra, descuidado do que havia de ser; porque os negros parecendo-lhes que os nossos vinham com má tenção, se descobriram dos matos em que estavam embrenhados, e deram tam de subito nos nossos que, ás zagaiadas, os fizeram recolher aos bateis mais depressa do que desembarcaram. N' esta briga foi ferido Vasco da Gama, e outros tres da companhia.

Vasco da Gama se fez á véla uma quinta feira 16 dias de novembro; e, aos 20, dobrou o cabo de Boa-Esperança; a quem os marinheiros, por ser muito espantoso, chamam *das tormentas*. Ao domingo seguinte chegaram á *aguada de San' Braz*. Alli fez Vasco da Gama queimar a nau dos mantimentos, de que era capitão Gonçalo Nunes, por d' ella não haver necessidade.

D' essa aguada de San' Braz partiu a frota a 8 de dezembro, e navegando ao longo da costa, lhe deu um temporal, que a fez engolfar; o qual acabado, tornou a buscar a terra, e aos

16 dias chegou á vista de uns ilheos chãos; e aos 10 dias de janeiro de 1498, viram andar ao longo da praia muitos homens e mulheres grandes de corpo, e de côr baça. D' esta terra partiu a armada aos 15 dias de janeiro; e aos 23 dias chegou á bocca d' um rio grande onde ancorou.

Logo pela manhã viram vir pelo rio abaixo algumas almadias a remo com gente da mesma qualidade, que os que atraz tinham visto. Estes homens, em chegando ás naus sem nenhum mêdo, nem receio, subiram pela enxarcia tam seguros como se tiveram conhecimento com os nossos; que vendo a limpeza d' elles, os deixaram entrar nas naus, onde foram bem festejados, tudo per acenos e signaes: por quanto Martin Afonso, nem os outros linguas os poderam intender.

Entre algumas pessoas de qualidade, que vieram ver o Gama, veio tambem um mancebo, de quem, per acenos, com algumas palavras que fallava do arabigo, poderam os nossos intender que da terra onde elle era, vinham naus tammanhas como as nossas, e que não era muito longe d' alli. A qual nova foi de grande contentamento a todos; e por isso poz Vasco da Gama nome a este rio *dos bons signaes*. Ahi mandou dar pendor ás naus, e lhe adoeceram muitos dos nossos de diversas doenças, por a terra ser alagadiça, baixa, e lançar de si vapores grossos e maus.

Despois que as naus foram prestes, partiram d' aquelle logar aos 24 dias de fevereiro; e, ao primeiro de março, surgiram em Moçambique.

O Xequé ou capitão d' esse logar, per nome Çacoeia, mandou um presente de refresco a Vasco da Gama; e este mandou-lhe em retorno alguns vestidos, e outras cousas. Çacoeia foi ver Vasco da Gama á nau, acompanhado de muitas almadias, e gente bem adornada com arcos, frechas, e outras armas que usam. Vasco da Gama o veio receber a bordo, e aos que com elle vinham, mandou dar vinho e fruta. N' esta merenda, entre outras practicas, que tiveram, perguntou Çacoeia a Vasco da Gama « se eram Turcos, se Mouros, e d' onde vinham; se traziam livros de sua lei, que lh' os mostrassem, e assi as armas que se mais usavam em sua terra »: ao que lhe respondeu, « que os livros de sua lei lhe mostraria despois; que, quanto ás ar-

mas, eram aquellas com que os seus estavam armados.» Isto dito, pediu a Çacoeia pilotos pera o levarem á India; os quaes elle lhe prometteu, e lhe mandou dous. Sabendo porém os Mouros que os nossos eram christãos, cobraram-lhe tal odio, que resolveram mata-los, e tomarem-lhes as naus; o que um dos pilotos descobriu a Vasco da Gama: polo que se fez logo á vela, e chegou a Mombaça; mas como o rei d'esta cidade lhe quiz armar traição, velejou pera a cidade de Melinde, diante da qual surgiu dia de Pascoa de Resurreição.

El-rei de Melinde era muito velho e doente; e, posto que desejasse de ir ver as naus, a má disposição lh'o estorvava: com tudo, seu filho mais velho, herdeiro do reino, que ja regia por elle, as veio ver no mesmo dia, despois de jantar, em uma almadia grande, acompanhado de gente nobre muito bem ataviada. Vasco da Gama, como soube da vinda do principe, mandou tol-dar e embandeirar o batel; e com doze homens dos mais vistosos, o veio receber antes que chegasse ás naus. O principe como vinha desejoso de ver os nossos de perto, em chegando ao batel, se lançou dentro, e foi logo abraçar Vasco da Gama sem pejo, nem ceremonias, perguntando-lhe, despois que se assentou, muitas cousas como homem prudente; no que des-penderam um bom pedaço de tempo. Este principe pediu a Vasco da Gama que quizesse ir ver seu pae que, por ser muito velho e entrevado, não podia fazer o mesmo: e que, pera segurança d'isso, elle se iria com seu filho pera as naus; do que se Vasco da Gama excusou, dizendo « que não trazia licença pera o fazer. »

Todo o tempo que alli esteve a armada, mandou o principe visitar a Vasco da Gama, e os outros capitães com refresco da terra: além do que, lhe deu um bom piloto Mouro Guzarate, per nome Malemocanaqua; e com o muito desejo que tinha de nossa amizade, tomou a fé a Vasco da Gama, que tornasse per alli; porque em sua companhia queria mandar um embaixador a el-rei de Portugal, pera com elle assentar paz, e amizade; com a qual, e muito amor dos da terra, partiram os nossos d'aquella cidade de Melinde uma terça feira 24 dias d'abril; e seguindo sua viagem pelo golpham que se faz da costa de Melinde athé a de Malabar, a uma sexta-feira 17 dias de

maio, viram uma terra alta, a qual o piloto Malemocanaqua não poudo bem conhecer, por o tempo andar encoberto com chuviros; mas ao domingo seguinte pela manhã viu umas serras, que estão juncto da cidade de Calecut; de que logo pediu alviçaras a Vasco da Gama, que lh'as deu boas, e de boa vontade: e no mesmo dia foram surgir duas leguas da cidade de Calecut; d'onde despois alguns barcos os levaram ao surgidouro d'essa mesma cidade.

Um degradado, que Vasco da Gama mandou desembarcar, encontrou casualmente na cidade um Mouro, natural de Tunez, chamado Monçaide, com o qual voltou a bordo. Vasco da Gama, despois de abraçal-o, tomou d'elle largos informes acerca de Calecut, e do seu rei. Despois do que, mandou pedir ao mesmo rei uma audiencia, a qual lhe concedeu.

Vasco da Gama deixou as naus encommendadas a seu irmão Paulo da Gama, e a Nicolau Coelho, dizendo-lhes « que se algum desastre lhe acontecesse em Calecut, e sentissem que podiam correr risco em esperar por elle, que se fizessem á véla, e tomassem outro porto do Malabar, pera ahi comprarem algumas especiarias, com que, e com as novas do que tinham descoberto, se tornassem ao reino; que elle não podia al fazer senão em pessoa ir ver el-rei de Calecut, e dar-lhe as cartas que trazia del-rei seu senhor; que era o remate do caminho, que tinham feito. » E, por as naus não ficarem desprovidas de gente, não quiz levar comsigo mais que doze homens.

Na mesma hora que Vasco da Gama desembarcou, o fez o Catual tomar em um andor. D'este modo começaram a caminhar, Vasco da Gama no seu andor, e o Catual em outro; indo os Naires, e os nossos a pe ao redor dos andores, espantados de verem homens de tam longe, e de trajo tam desacostumado em todas aquellas provincias.

Assim chegou Vasco da Gama aos paços do Samorim; o qual o recebeu n'uma sala magnifica. Em Vasco da Gama entrando fez a reverencia requerida em tal logar; e o mesmo fizeram os outros Portuguezes: el-rei lhe acenou que se chegasse pera o catel em que elle estava, e o mandou assentar em um dos degraus do estrado em que tinha o catel, e aos outros mandou que fizessem o mesmo nos assentos que estavam ao redor da

casa : e a todos mandou dar agua ás mãos pera as refrescarem : lavadas as mãos, lhes mandou trazer agua, e figos, com outras fruitas da terra, de que todos comeram e beberam. Acabada a merenda, começou el-rei de fallar com Vasco da Gama, pelo seu lingua tam alto que o ouviam todos os que estavam na casa ; e nas perguntas que lhe fez, vendo Vasco da Gama que começava d' entrar em negocios, além do que lhe ja perguntara, de seu caminho e trabalhos da longa viagem, disse per Fernan' Martins seu lingua, ao lingua del-rei, « que entre os réis christãos se não acostumava tomarem uns dos outros embaixadas senão em particular; e que aquelle costume lhe pedia que quizesse ter n' aquella que lhe trazia del-rei de Portugal seu senhor, tam desejoso de sua amizade, assi elle, como seus antecessores, que havia mais de sessenta annos que trabalhavam no descobrimento d'esta navegação; athé que Deus lhe fizera a elle mercê de vir ao cabo d' ella : do que se tinha polo mais bemaventurado homem de todo o mundo. »

El-rei tomou bem o que lhe Vasco da Gama fez dizer; e logo mandou que elle e Fernan' Martins, se fossem pera outra camara, que estava juncto d'aquella, seguindo logo traz elles. Na camara havia um catel muito mais rico que o de fóra, em que se el-rei lançou; e sem haver n' ella mais gente que o Bramanemor, e o que dava o betel a el-rei, e um seu veador-da-fazenda, fez dizer pelo seu lingua a Vasco da Gama, « que estava em logar em que livremente podia dar sua embaixada ; que em tudo se lhe manteria bom segredo, polos que estavam presentes serem do seu conselho secreto, e pessoas de que elle confiava todos seus negocios e fazenda. » Vasco da Gama, pelo seu lingua Fernan' Martins, propoz o a que vinha, e de quam longe, e per mandado de quem ; e que o fim de sua embaixada era querer el-rei D. Manuel de Portugal, seu senhor, amizade com um tam poderoso e tam nomeado rei como elle era per todas as partes do mundo ; e que pera signal d'isso lhe trazia cartas suas de crença, que lhe apresentaria quando o houvesse por bem.

El-rei folgou muito com o que lhe disse Vasco da Gama, oferecendo-se a tudo o que lhe de seu reino cumprisse por serviço d'el-rei de Portugal, a quem elle d'alli per diante queria

ter por irmão : porque não poderia ser amizade fingida a que tanto tempo havia que buscava , e com tantos trabalhos e perigos de seus vassallos e sujeitos , como elle dizia.

Passados tres dias , voltou o Gama (guiado do Catual) á presença d'el-rei. Entregou-lhe as cartas, e um presente, do qual o Samorim mostrou fazer pouco caso. O Gama disse-lhe : « que não estranhasse ser aquella dadiva mui desproporcionada á magestade d'um tal monarcha ; porque o motivo de ser tam limitada manava da incerteza , que el-rei D. Manuel tinha do exito feliz d' aquella sua viagem ; mas, se esperava mor utilidade, considerasse quanta podia resultar ao seu reino, se a elle viessem de Portugal cada anno muitas naus carregadas de preciosas mercadorias. Per ultimo rogou-lhe não communicasse o segredo das cartas de seu rei com os Mouros, que habitavam em Calecut. Ja n'esse tempo tinha sabido de Monçaide que os taes Mouros maquinavam sua destruição.

Em tanto faziam elles entre si frequentes congressos, em ordem á divertir os nossos navegantes da graça do rei. Corrompiam a este fim com dadivas os familiares do mesmo rei. Publicavam que o Gama era um pirata, que em todas as partes d'aquellas regiões onde fôra recebido com pretexto de hospitalidade, deixara vestigios de latrocinios. Que se este pequeno fogo no principio não fosse extincto, poderia despois fazer grandissimo damno a todo aquelle reino.

Fomentavam estas diligencias contra os Portuguezes, não so por causa do odio, que professam ao nome christão ; mas porque temiam, que da vinda d'estes áquellas partes, resultasse o seu exterminio ; ou, quando menos, um notavel prejuizo ao seu commercio. El-rei, que d'elle tirava grandes interesses, e era de genio vario e mudavel, tendo noticia das taes machinações, vacillava na sua resolução. Receiava incorrer na nota de perfidia, se lhe entregava em prisão os nossos ; e, se os deixava ir livremente, temia alienar da sua graça os mesmos Mouros. Um d'elles, reputado mais eloquente, fez uma larga oração dos inconvenientes, que podia ter em fiar-se das palavras do Gama. Este, informado de taes operações, e de que n'ellas tinha parte o Catual, resolveu-se a sair de casa um dia de madrugada, e ir em direitura a Pandarane. Presentiram os Mouros esta ausen-

cia, e foram logo pedir a el-rei que dêsse ordem a impedir a fuga. Elle, por condescender, commetteu a diligencia ao Catual. Partiu este pera tal effeito a Pandarane, e conduziu outra vez o Gama á sua casa, onde, com mor cautela, o tinha como preso; se bem dissimulava ser um modo de obsequio.

N' este tempo rogava-lhe que mandasse aos Portuguezes da sua guarda se retirassem ás naus, e que estas chegassem mais juncto á terra, e d' ellas lhe entregasse as vélas, e todo o mais apparelho; porque d' esta maneira deixaria livre ao rei de toda a suspeita, que tinha concebido, de que não arribara áquelle porto com o pretexto que publicava. Não consentiu Vasco da Gama em tal proposta. E, per ultimo, concordaram ambos, que mandaria vir a terra a fazenda que trazia, com algumas pessoas que assistissem á sua venda. Isto assim ordenado, foi posto o Gama em liberdade, e retirou-se ás naus.

Mandou logo dous feitores a Calecut com as mercadorias; porém os Mouros impediam sua venda; e, per negociado dos mesmos, passado algum tempo, mandou o Samorim prender os taes feitores, e pôr em custodia a fazenda. Requereu o Gama que lh'a mandasse restituir, e soltar os dous Portuguezes; mas não se differiu a esta supplica.

Em tanto Monçaide, que tinha passo livre pera ir fallar ao Gama, lhe revelou que o intento dos Mouros era esperar chegassem áquelle porto as naus de Meca, que costumavam vir a Calecut cada anno, pera que estas (sendo superiores em número e forças ás nossas) as sorprendessem.

O Gama, movido de tal noticia, não tendo outro obstaculo pera partir, que recuperar a fazenda, e os dous feitores, usou pera este effeito de um stratagemata; e foi, que mandou levar ancora, e pôr as naus um pouco ao largo, a tempo que n' ellas se achavam certos mercantes ricos de Calecut, a fim de que, presumindo as mulheres, e filhos dos taes Mouros, que fazia represalia nos mesmos á sua instancia, mandasse el-rei pôr em liberdade os feitores com a fazenda; como succedeu. E enviando-os ás naus per alguns dos seus domesticos Malabares, foram n' ellas retidos alguns d' elles, que vieram ao reino; e os outros com os mercantes deixados ir livremente. Monçaide se offereceu pera vir em companhia dos nossos; o que poz em

execução; e chegando ao reino, se bautizou, e acabou seus dias de bom catholico.

Saiu a armada de Calecut no começo de outubro; e antes de tomar terra em umas pequenas ilhas, que estão contiguas, foi acommettida de vinte navios; sete dos quaes poz em fugida, e um tomou. Era essa frota de um famoso pirata chamado Timoja; o qual tinha posto em terror todos aquelles mares. D'alli passou a Anquidiva, que é uma ilha distante duas leguas d'aquelle continente, onde fez provisão de agua, e mantimento.

Partiu de Anquidiva em cinco de outubro em direitura a Melinde, em cuja viagem gastou quatro mezes; pois em dous de fevereiro avistou a primeira terra, que foi a de Magadaxo, na costa de Ethiopia, 115 leguas abaixo de Melinde: onde tendo o Gama noticia que a tal terra era possuída de Mouros, mandou disparar a artilheria contra os muros, os quaes em boa parte ficaram demolidos. Chegou a Melinde em 7 do mesmo mez; porém n'esse porto não se dilatou mais que cinco dias, em os quaes, porque a nau de Paulo da Gama fazia muita agua, seu irmão a mandou queimar, e dividiu a gente pelas outras duas, passando á sua o dito Paulo da Gama.

Saindo de Melinde, em 18 do mencionado mez, aos 28 se achou diante da ilha de Zanzibar, a qual jaz cinco leguas desapegada da terra firme da Ethiopia. O governador d'essa ilha, bem que Mouro, tractou humanamente ao Gama.

D'ahi partiu no primeiro de março; e ainda que tomou terra na ilha de San' Jorge, uma das de Moçambique, passou sem fallar ao Xeque, e chegou á aguada de San' Braz, onde se proveu de agua, e lenha.

Aos 20 do dito mez dobrou o cabo de Boa-Esperança com bom tempo; mas depois sobreveio um temporal, que obrigou a separar-se uma nau da outra. A de Nicolau Coelho chegou a Cascaes em direitura em 10 de julho de 1499; e d'elle soube el-rei as primeiras noticias d'esta viagem: a de Vasco da Gama foi abordar á ilha de Sanct' Iago, em 25 de abril. D'aqui, porque seu irmão Paulo da Gama vinha muito enfermo, e a sua nau fazia demasiada agua, foi-lhe forçoso demandar a ilha Terceira, onde se dilatou alguns dias pera assistir a seu irmão, que ahi falleceu. E embarcando em uma caravela,

chegou a Lisboa a 50 de agosto do mesmo anno; havendo ja dous, e outros tantos mezes, que tinha saído d'aquelle porto com 148 homens, dos quaes chegaram vivos ao reino cincoenta e cinco somente. El-rei D. Manuel deu a Vasco da Gama o titulo de Dom pera elle, e seus descendentes; e depois o fez Almirante da India, e conde da Vidigueira de juro. A Nicolau Coelho fez fidalgo da sua casa; e a cadaum dos mais fez varias mercês segundo a calidade de seu serviço, e pessoa.



OS LUSIADAS.



CANTO PRIMEIRO.



I.

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia lusitana,
Per mares nunca d'antes navegados,
Passaram inda alem da Taprobana,
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II.

E tambem as memorias gloriosas
D' aquelles rês, que foram dilatando
A fe, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que per obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei per toda parte,
Se a tanto me ajudar o ingenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego , e do Troiano
As navegações grandes , que fizeram ;
Cale-se d' Alexandro , e de Trajano
A fama das victorias , que tiveram :
Que eu canto o peito illustre lusitano ,
A quem Neptuno , e Marte obedeceram :
Cesse tudo o que a Musa antiga canta ,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós , Tagides minhas , pois creado
Tendes em mi um novo ingenho ardente ;
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente ;
Dai-me agora um som alto e sublimado ;
Um estylo grandiloquo e corrente ;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me uma furia grande e sonora ,
E não de agreste avena , ou frauta ruda ;
Mas de tuba canora e bellicosa ,
Que o peito accende , e a côr ao gesto muda :
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa , a que Marte tanto ajuda ;
Que se espalhe , e se cante no universo ;
Se tam sublime preço cabe em verso !

VI.

E vós, o' bem nascida segurança
Da lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena christandade :
Vós, o' novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade ;
Dado ao mundo per Deus , que todo o mande ,
Pera do mundo a Deus dar parte grande :

VII.

Vós, tenro e novo ramo florecente
D' uma arvore de Christo mais amada ,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea ou christianissima chamada :
Vede-o no vosso escudo , que presente
Vos amostra a victoria ja passada ;
Na qual vos deu per armas , e deixou
As que elle pera si na cruz tomou.

VIII.

Vós, poderoso rei, cujo alto imperio
O sol, logo em nascendo, ve primeiro ;
Ve-o tambem no meio do hemispherio ;
E, quando desce, o deixa derradeiro :
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o liquor do sancto rio :

IX.

Inclinai, por um pouco, a magestade,
Que n' esse tenro gesto vos contemplo;
Que ja se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno:
Que não é premio vil ser conhecido
Per um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi; vereis o nome engrandecido
D' aquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tammanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei um Nuno fero ,
Que fez ao rei, e ao reino tal serviço ;
Um Egas , e um Dom Fuas , que de Homero
A cithara pera elles so cubiço.
Pois ~~po~~ doze Pares dar-vos quero *po*
Os doze de Inglaterra , e o seu Magriço :
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama ,
Que pera si de Eneas toma a fama. *para*

XIII.

Pois se a troco de Carlos rei de França ,
Ou de Cesar quereis igual memoria ,
Vede o primeiro Afonso , cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria :
E aquelle , que a seu reino a segurança
Deixou co' a grande e prospera victoria :
Outro Joanne invicto cavalleiro ;
O quarto , e quinto Afonsos , e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos la da Aurora
Fizeram , so per armas tam subidos ,
Vossa bandeira sempre vencedora :
Um Pacheco fortissimo; e os temidos
Almeidas , por quem sempre o Tejo chora ;
Albuquerque terribil , Castro forte ;
E outros , em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto , e a vós não posso ,
Sublime rei ; que não me atrevo a tanto ,
Tomai as redeas vós do reino vosso ,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos , e feitos singulares ,
De Africa as terras , e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio ,
Em quem ve seu exicio afigurado :
So com vos ver , o barbaro gentio
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado :
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado ;
Que affeiçoada ao gesto bello e tenro ,
Deseja de comprar-vos pera genro.

XVII.

Em vós se vêem da olympica morada ,
Dos dous avós as almas ca famosas ;
Uma na paz angelica dourada ,
• Outra pelas batalhas sanguinosas :
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria , e obras valerosas :
E la vos teem logar no fim da idade ,
No templo da suprema Eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa leito
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam :
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos argonautas; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado :
E costumai-vos ja a ser invocado.

XIX.

Ja no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas concavas inchando :
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas.

XX.

Quando os deuses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajunctam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente ;
Pizando o crystallino ceo fermoso,
Véem pela via-lactea junctamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixam dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que so co' o pensamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Alli se acharam junctos n' um momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N' um assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo e soberano:
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com uma coroa, e sceptro rutilante
De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos marchetados
D' ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deuses todos assentados,
Como a razão, e a ordem concertavam:
Precedem os antigos mais honrados;
Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C' um tom de voz começa grave e horrendo:

XXIV.

« Eternos moradores do luzente
Estellífero pólo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente
De Luso, não perdeis o pensamento;
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos Fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

« Ja lhe foi (bem o vistes) concedido
C' um poder tam singelo, e tam pequeno,
Tomar ao Mouro forte, e guarneçido,
Toda a terra, que rega o Tejo ameno :
Pois contra o Castelhana tam temido,
Sempre alcançou favor do ceo sereno :
Assi, que sempre emfim, com fama, e gloria,
Teve os tropheos pendentés da victoria.

XXVI.

« Deixo, deuses, atraz a fama antiga,
Que co' a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram :
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espiritu divino.

XXVII.

« Agora vêdes bem, que commettendo
O duvidoso mar n' um lenho leve,
Per vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve :
Que havendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e perfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

« Promettido lhe está do Fado eterno;
(Cuja alta lei não pode ser quebrada),
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que ve do sol a roxa entrada :
Nas aguas teem passado o duro inverno;
A gente vem perdida, e trabalhada ;
Ja parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX.

« E porque (como vistes) teem passados
Na viagem tam asperos perigos,
Tantos climas, e ceos exp'rimentados,
Tanto furor de ventos inimigos ;
Que sejam, determino, agasalhados
N'esta costa africana, como amigos ;
E, tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota. »

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia ;
Quando os deuses per ordem respondendo,
Na sentença um do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se la passar a lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos Fados, « que viria
Uma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha :
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha. »
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII.

Ve que ja teve o Indo sujugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agua do Parnasô :
Teme agora que seja sepultado
Seu tam celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se la chegam
Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
Afeiçãoada á gente lusitana,
Per quantas calidades via n' ella
Da antiga tam amada sa romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra tingitana;
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção, crê que é latina.

XXXIV.

Estas causas moviam Cytherea,
E mais; porque das Parcas claro intende
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente bellígera se estende:
Assi que, um pola infamia, que arrecea,
E o outro polas honras, que pretende,
Debatẽ, e na perfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero, ou Bóreas na espessura,
De silvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos vão da matta escura,
Com impetu, e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deuses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deusa sustentava
Entre todos, as partes em perfia ;
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia ;
D' entre os deuses em pe se levantava :
Merencorio no gesto parecia ;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando pera traz, medonho e irado :

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer, se poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro :
E dando uma pancada penetrante,
Co' o conto do bastão no solio puro ;
O ceo tremeu, e Apollo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi : « O' Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste ;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
(Como ha ja tanto tempo que ordenaste) ;
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

XXXIX.

« Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam privado :
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque emfim vem de estamago damnado ;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o ceo deseja.

XL.

« E tu, Padre de grande fortaleza ,
Da determinação, que tens tomada,
Não tornes pera traz, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme. »

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Mavorte valeroso ;
E nectar sobre todos esparziu.
Pelo caminho lacteo glorioso
Logo cadaum dos deuses se partiu,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na fermosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Ja la da banda do Austro, e do Oriente ;
Entre a costa ethiopica, e a famosa
Ilha de san' Lourenço ; e o sol ardente
Queimava então os deuses, que Typheu,
Co' o temor grande, em peixes converteu.

XLIII.

Tam brandamente os ventos os levavam,
Como quem o ceo tinha por amigo :
Serenos o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo :
O promontorio Prasso ja passavam
Na costa de Ethiopia, nome antigo ;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que emtôrno cerca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão
Que a tammanhas empresas se offerece ;
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece ;
Pera se aqui deter não ve razão,
Que inhabitada a terra lhe parece :
Per diante passar determinava ;
Mas não lhe succedeu como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
Uns pequenos bateis, que véem d' aquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella :
A gente se alvoroça ; e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa d' ella.
« Que gente será esta ? (em si diziam)
Que costumes, que lei, que rei teriam ? »

XLVI.

As embarcações eram na maneira
Mui velozes, estreitas, e compridas ;
As velas, com que véem, eram de esteira
D' umas folhas de palma bem tecidas :
A gente da côr era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deu, de ousado, e não prudente :
O Pado o sabe, e Lampethusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos, e listrados :
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros, em modo airoso, sobraçados :
Da cinta pera cima véem despídos ;
Per armas teem adagas, e terçados ;
Com toucas na cabeça ; e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co' os pannos, e co' os braços acenavam
A's gentes lusitanas, que esperassem :
Mas ja as proas ligeiras se inclinavam
Pera que, juncto ás ilhas, amainassem :
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem :
Tomam velas ; amaina-se a verga alta ;
Da ancora, o mar ferido, em cima salta.

XLIX.

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas ja subia ;
No gesto ledos véem, e humanamente
O capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente :
Do liquor, que Lyeu prantado havia,
Enchem vasos de vidro ; e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam,
Pela arabica lingua, « d'onde vinham ?
Quem eram ? de que terra ? que buscavam ?
Ou que partes do mar corrido tinham ? »
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham :
« Os Portuguezes somos do Occidente ;
Imos, buscando as terras do Oriente.

LI.

« Do mar temos corrido , e navegado
 Toda a parte do Antartico , e Callisto ;
 Toda a costa africana rodeado ;
 Diversos ceos , e terras temos visto :
 D' um rei potente somos , tam amado ,
 Tam querido de todos , e bemquisto ,
 Que não no largo mar , com leda fronte ,
 Mas no lago entraremos de Acheronte .

LII.

« E per mandado seu , buscando andâmos
 A terra oriental , que o Indo rega :
 Por elle , o mar remoto navegâmos
 Que so dos feos phocas se navega .
 Mas ja razão parece que saibâmos
 (Se entre vós a verdade não se nega)
 Quem sois ; que terra é esta que habitais ;
 Ou se tendes da India alguns sinais . »

LIII.

« Somos (um dos das ilhas lhe tornou)
 Estrangeiros na terra , lei , e nação ;
 Que os proprios são aquelles , que creou .
 Natureza sem lei , e sem razão .
 Nós temos a lei certa , que ensinou .
 O claro descendente de Abrahão ,
 Que agora tem do mundo o senhorio ;
 A mãe Hebreá teve , e o pae Genticio .

LIV.

« Esta ilha pequena, que habitámos,
É em tuda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegámos,
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala ;
E, por ser necessaria, procurámos,
Como propios da terra, de habital-a ;
E, porque tudo, enfim, vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV.

« E ja que de tam longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, per quem sejais,
Guiados pelas ondas sabiamente :
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja. »

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia :
Do capitão, e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
N' isto Phebo nas aguas encerrou,
Co' o carro de crystal, o claro dia ;
Dando cargo á irmã, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada;
Por acharem da terra tam remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desudada;
E como os que na errada seita creram,
Tanto per todo o mundo se estenderam.

LVIII.

Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas neptuninas;
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de bcquinas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como, per longo tempo, costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou,
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia.

LX.

Partia alegremente navegando ,
A ver as naus ligeiras lusitanas ,
Com refresco da terra , em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas ,
Que os aposentos caspios habitando ,
A conquistar as terras asianas
Vieram ; e , per ordem do Destino ,
O imperio tomarã a Constantino .

LXI.

Recebe o capitão alegremente
O Mouro , e toda sua companhia ;
Da-lhe de ricas peças um presente ,
Que so , pera este effeito , ja trazia ;
Da-lhe conserva doce , e da-lhe o ardente
Não usado liquor , que dá alegria :
Tudo o Mouro contente bem recebe ;
E muito mais contente come , e bebe .

LXII.

Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxarcia , de admirada ,
Notando o estrangeiro modo , e uso ,
E a linguagem tam barbara e enleada .
Tambem o Mouro astuto está confuso ,
Olhando a côr , o traço , e a forte armada ;
E perguntando tudo , lhe dizia ,
« Se per ventura vinham de Turquia ? »

LXIII.

E mais lhe diz tambem, « que ver deseja
 Os livros de sua lei, preceito, ou fê,
 Pera ver se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como crê. »
 E porque tudo note, e tudo veja,
 Ao capitão pedia « que lhe dê
 Mostra das fortes armas, de que usavam,
 Quando co'os inimigos pelejavam. »

LXIV.

Responde o valeroso capitão,
 Per um que a lingua escura bêm sabia:
 « Dar-te-hei, senhor illustre, relação
 De mi, da lei, das armas, que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia;
 Mas sou da forte Europa bellicosa;
 Busco as terras da India tam famosa.

LXV.

« A lei tenho d'aquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, e invisibil;
 Aquelle que creou todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil:
 Que padeceu deshonra, e vituperio,
 Sofrendo morte injusta e insofribil;
 E que de ceo á terra, emfim deceo,
 Por subir os mortaes da terra ao ceo.

LXVI.

« D' este Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que n' alma andar devia.
Se as armas queres ver (como tens dito)
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo. »

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Véem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagittíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

LXVIII.

As bombas véem de fogo, e junctamente
As panellas sulphureas, tam damnosas:
Porêem aos de Vulcano não consente
Que deem fogo ás bombardas temerosas:
Porque o generoso animo e valente,
Entre gentes tam poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode: e com razão;
Que é fraqueza, entre ovelhas, ser leão.

LXIX.

Porêm d' isto que o Mouro aqui notou ,
E de tudo o que viu , com olho attento ,
Um odio certo na alma lhe ficou ,
Uma vontade má de pensamento :
Nas mostras , e no gesto o não mostrou ;
Mas com risonho e ledo fingimento ,
Tratal-os brandamente determina ,
Até que mostrar possa o que imagina .

LXX.

Pilotos lhe pedia o capitão ,
Per quem podesse á India ser levado ;
Diz-lhe , « que o largo premio levarão
Do trabalho , que n' isso for tomado . »
Promette-lh'os o Mouro , com tenção
De peito venenoso , e tam damnado ,
Que a morte , se podesse , n' este dia ,
Em logar de pilotos , lhe daria .

LXXI.

Tammanho o odio foi , e a má vontade ,
Que aos estrangeiros , subito , tomou ,
Sabendo ser sequaces da verdade ,
Que o filho de David nos ensinou .
O' segredos d' aquella Eternidade ,
A quem juizo algum não alcançou !
Que nunca falte um perfido inimigo
A'quelles de que foste tanto amigo !

LXXII.

Partiu-se n'isto, emfim, co' a companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno; e recebido
Na terra do obsequente ajunctamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o gran' Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajunctamento lusitano
Ao Mouro ser molesto e avorrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E em quanto isto so n' alma imaginava,
Comsigo estas palavras practicava.

LXXIV.

« Está do Fado ja determinado,
Que tammanhas victorias tam famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das indianas gentes bellicosas:
E eu so, filho do Padre sublimado,
Com tantas calidades generosas,
Hei de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, per quem meu nome se escureça?

LXXV.

« Já quizeram os deuses que tivesse
 O filho de Philippo, n' esta parte,
 Tanto poder, que tudo sumettesse
 Debaixo do seu jugo o fero Marte:
 Mas ha-se de sofrer que o Fado desse
 A tam poucos tammanho esforço, e arte,
 Que eu co' o gran' Macedonio, e co' o Romano,
 Dêmos logar ao nome lusitano ?

LXXVI.

« Não será assi ; porque antes que chegado
 Seja este capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente.
 Eu descerei á terra ; e o indignado
 Peito revolverei da maura gente ;
 Porque sempre per via irá direita
 Quem do opportuno tempo se aproveita. »

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
 Sobre a terra africana descendeu,
 Onde vestindo a fórma, e gesto humano,
 Pera o Prasso sabido se moveu :
 E por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteu
 De um Mouro, em Moçambique conhecido,
 Vello, sabio, e co' o Xeque mui valido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
A' sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, « como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram per estes homens, que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

« E sabe mais (lhe diz) como intendido
Tenho d' estes christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar teem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem, ja de longe, engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São pera nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos cativarem.

LXXX.

« E tambem sei que tem determinado
De vir per agua á terra, muito cedo,
O capitão dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu debes d' ir tambem co' os teus armado
Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque saindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI.

« E se inda não ficarem d' este feito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente :
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tam prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos. »

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou
O Mouro, nos taes casos sabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho :
E logo n'esse instante concertou
Pera a guerra o bellígero apparelho;
Pera que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais, pera o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á nau lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa um feito grande:
Diz-lhe « que acompanhando o Lusitano,
Per taes costas, e mares com elle ande,
Que, se d'aqui escapar, que la diante
Va cahir, d' onde nunca se alevante. »

LXXXIV.

Ja o raio apollineo visitava
Os montes nabatheos, accendido;
Quando o Gama, co' os seus, determinava
De vir per agua á terra apercebido :
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano ja sabido :
Mas pode suspeitar-se facilmente ;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra,
De antes, pelo piloto necessario ;
E foi-lhe respondido em som de guerra;
Caso, do que cuidava, mui contrario :
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido avversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis somente, que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Um d' escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta hervada,
Esperam que a guerreira gente saia ;
Outros muitos ja postos em cilada ;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Poem uns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co' a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando :
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando :
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca; e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada :
Mas o animal atroce, n'esse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põe per terra :

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria ;
A plumbea péla mata, o brado espanta ;
Ferido o ar retumba, e assovia :
O coração dos Mouros se quebranta ;
O temor grande o sangue lhe resfria :
Ja foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureoso.

XC.

Não se contenta a gente portugueza ;
Mas seguindo a victoria, estrue, e mata ;
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro ja lhe peza,
Que bem cuidou compral-a mais barata :
Ja blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãe, que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde, e de apressado,
A pedra, o pau, e o canto arremessando ;
Da-lhe armas o furor desatinado :
Ja a ilha, e todo o mais desamparando,
A' terra firme foge amedrontado :
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha emtôrno cêrca, em pouco espaço.

XCII.

Uns vão nas almadias carregadas ;
Um corta o mar a nado diligente ;
Quem se afoga nas ondas encurvadas ;
Quem bebe o mar, e o deita junctamente,
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios sutis da bruta gente :
D' esta arte o Portuguez emfim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornam victoriosos pera a armada,
Co' o despojo da guerra, e rica presa ;
E vão, a seu prazer, fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca, accesa :
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido,
O Regedor d'aquella iniqua terra ;
Sem ser dos Lusitanos intendido,
Que em figura de paz, lhe manda guerra :
Porque o piloto falso promettido,
(Que toda a má tenção no peito encerra)
Pera os guiar á morte, lhe mandava,
Como em signal das pazes, que tractava.

XCV.

O capitão, que ja lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado ;
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Pera ir buscar o Indo desejado ;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
(Foi d'elle alegremente agasalhado)
E respondendo ao messageiro, attento,
As velas manda dar ao largo vento.

XCVI.

D' est' arte despedida a forte armada ,
As ondas de Amphitrite dividia ,
Das filhas de Nereu acompanhada ,
Fiel , alegre e doce companhia :
O capitão , que não cahia em nada
Do enganoso ardil , que o Mouro urdia ,
D' elle mui largamente se informava
Da India toda , e costas que passava .

XCVII.

Mas o Mouro instruído nos enganos ,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara ,
De morte , ou captiveiro novos danos ,
Antes que á India chegue , lhe prepara :
Dando razão dos portos indianos ,
Tambem tudo o que pede lhe declara :
Que havendo por verdade o que dizia ,
De nada a forte gente se temia .

XCVIII.

E diz-lhe mais (co' o falso pensamento ,
Com que Sinon os Phrygios enganou)
« Que perto está uma ilha , cujo assento
Povo antiguo christão sempre habitou . »
O capitão , que a tudo estava attento ,
Tanto com estas novas se alegrou ,
Que com dadas grandes lhe rogava ,
« Que o leve á terra onde esta gente estava . »

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro christão lhe manda, e pede;
Que a ilha é possuída da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano, e morte lhe imagina;
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C.

Pera la se inclinava a leda frota:
Mas a deusa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada;
Não consente que em terra tam remota
Se perca a gente d' ella tanto amada;
E, com ventos contrarios, a desvia
D' onde o piloto falso a leva, e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante;
Outra maldade iniqua commettendo
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, « que pois as aguas discorrendo,
Os levaram per força per diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram christãos com Mouros junctamente. »

CII.

Tambem n' estas palavras lhe mentia ,
Como per regimento emfim levava ;
Que aqui gente de Christo não havia ,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O capitão, que em tudo o Mouro cria ,
Virando as velas , a ilha demandava :
Mas não querendo a deusa guardadora ,
Não entra pela barra ; e surge fora.

CIII.

Estava a ilha á terra tam chegada ,
Que um estreito pequeno a dividia ;
Uma cidade n' ella situada ,
Que na frente do mar apparecia ;
De nobres edificios fabricada ,
Como per fóra ao longe descobria ;
Regida per um rei de antiqua idade ;
Mombaça é o nome da ilha, e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o capitão chegado ,
Estranhamente ledto ; porque espera
De poder ver o povo baptizado ,
Como o falso piloto lhe dissera :
Eis véem bateis da terra com recado
Do rei, que ja sabia a gente que era ;
Que Baccho muito de antes o avisara ,
Na fórma d' outro Mouro, que tomara.

CV.

O recado, que trazem, é de amigos;
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravíssimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tam pouca segurança!

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano;
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano;
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indine o ceo sereno
Contra um bicho da terra tam pequeno?

OS LUSIADAS.



CANTO SEGUNDO.



I.

Ja n' este tempo o lucido planeta ,
Que as horas vai do dia distinguindo ,
Chegava á desejada e lenta meta ,
A luz celeste ás gentes encobrando ;
E da casa marítima secreta
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo ;
Quando as ífidas gentes se chegaram
A's naus , que pouco havia que ancoraram.

II.

D' entre elles um , que traz encommendado
O mortífero engano , assi dizia :
« Capitão valeroso , que cortado
Tens de Neptuno o reino , e salsa via ;
O rei , que manda esta ilha , alvoroçado
Da vinda tua , tem tanta alegria ,
Que não deseja mais que agasalhar-te ,
Ver-te , e do necessario reformar-te.

III.

«E porque está em extremo desejoso
De te ver (como cousa nomeada)
Te roga, que de nada receioso,
Entres a barra tu, com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
'Trarás a gente debil e cansada,
Diz que na terra podes reformal-a;
Que a natureza obriga a desejal-a.

IV.

«E se buscando vas mercadoria,
Que produce o aurífero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutífera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígado diamante;
D' aqui levarás tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.»

V.

Ao messageiro o capitão responde,
(As palavras do rei agradecendo)
E diz, «que porque o sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro, obedecendo:
Porém, que como a luz mostrar per onde
Va sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais, por tal senhor, stá obrigado.»

VI.

Pergunta-lhe depois , « se estão na terra
Christãos? » (como o piloto lhe dizia) :
O messageiro astuto , que não erra ,
Lhe diz , « que a mais da gente em Christo cria. »
D' esta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita , e cauta phantasia :
Per onde o capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

VII.

E de alguns , que trazia condemnados
Por culpas , e por feitos vergonhosos ;
Porque podessem ser aventurados
Em casos d' esta sorte duvidosos ,
Manda dous mais sagazes ensaiados ;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade , e poder ; e porque vejam
Os christãos , que so tanto ver desejam.

VIII.

E per estes ao rei presentes manda ;
Porque a boa vontade , que mostrava ,
Tenha firme , segura , limpa e branda ;
A qual , bem ao contrario , em tudo estava.
Ja a companhia perfida e nefanda ,
Das naus se despedia , e o mar cortava :
Foram com gestos ledos e fingidos ,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E depois que ao rei apresentaram ,
Co' o recado , os presentes que traziam ,
A cidade correram , e notaram
Muito menos d'aquillo que queriam ;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam :
Que onde reina a malicia , está o receio ,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle , que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua , e foi nascido
De duas mães ; que urdia a falsidade ,
Por ver o navegante destruido ;
Estava n'uma casa da cidade ,
Com rosto humano , e habito fingido ,
Mostrando-se christão ; e fabricava
Um altar sumptuoso , que adorava.

XI.

Alli tinha , em retrato afigurada ,
Do alto e Sancto Espiritu a pintura ,
A candida pombinha debuxada
Sobre a unica phenix Virgem pura :
A companhia santa está pintada
Dos doze , tam torvados na figura ,
Como os que , so das linguas que cahiram
De fogo , varias linguas referiram.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde, com este engano, Baccho estava,
Poem em terra os gíolhos, e os sentidos
N' aquelle Deus, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes, produzidos
Na Panchaia odorífera, queimava
O Thyoneu; e assi, per derradeiro,
O falso deus adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tractamento,
Os dous christãos; não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do sol foram no mundo, e n' um momento,
Appareceu no rubido horisonte
Da moça de Titão a roxa fronte :

XIV.

Tornam da terra os Mouros co' o recado
Do rei, pera que entrassem, e comsigo
Os dous, que o capitão tinha mandado,
A quem se o rei mostrou sincero amigo :
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou , « que em terra viram
Sacras aras , e sacerdote santo ;
Que alli se agasalharam , e dormiram ,
Em quanto a luz cobriu o escuro manto ;
E que no rei , e gentes não sentiram
Senão contentamento , e gosto tanto ,
Que não podia certo haver suspeita
N'uma mostra tam clara , e tam perfeita. »

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros , que subiam :
Que levemente um animo se fia
De mostras , que tam certas pareciam.
A nau da gente perfida se enchia ,
Deixando a bordo os barcos , que traziam ;
Alegres vinham todos ; porque creem
Que a presa desejada certa teem.

XVII.

Na terra cautamente apparelhavam
Armas , e munições ; que como vissem
Que no rio os navios ancoravam ,
N'elles ousadamente se subissem :
E com esta traição determinavam
Que os de Luso de todo destruissem ,
E que incautos pagassem d' este geito ,
O mal , que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As ancoras tenaces vão levando ,
Com a nautica grita costumada ;
Da proa as vélas sos ao vento dando ,
Inclinam pera a barra abalizada.
Mas a linda Erycina , que guardando
Andava sempre a gente assinalada ,
Vendo a cilada grande , e tam secreta ,
Voa , do ceo ao mar, como uma seta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereu ,
Com toda a mais cerulea companhia ;
Que , porque no salgado mar nasceu ,
Das aguas o poder lhe obedecia :
E propondo-lhe a causa a que desceu ,
Com todos junctamente se partia ,
Pera estorvar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

XX.

Ja na agua erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas, branca escuma ;
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Per cima da agua crespas, em força suma :
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de um tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa:
Não sente, quem a leva, o doce peso,
De suberbo, com carga tam fermosa:
Ja chegam perto d' onde o vento teso .
Enche as vélas da frota bellicosa;
Repartem-se, e rodeiam n' esse instante
As naus ligeiras, que iam per diante.

XXII.

Põe-se a deusa, com outras, em direito
Da proa capitaina; e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a véla inchando:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Pera detraz a forte nau forçando;
Outras, em derredor, levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII.

Quaes pera a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande accomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas;
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando,
A' gente portugueza, o fim nefando.

XXIV.

Torna pera detraz a nau forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream vélas ; ferve a gente irada,
O leme a um bordo, e a outro atravessando :
O mestre astuto em vão da poppa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mette medo.

XXV.

A medonha celeuma se alevanta
No rudo marinheiro, que trabalha ;
O grande estrondo a maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha :
Não sabem a razão de furia tanta ;
Não sabem, n' esta pressa, quem lhe valha ;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser, por isso, aqui punidos.

XXVI.

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam ;
Outros em cima o mar alevantavam ;
Saltando n' agua, e a nado se acolhiam :
De um bordo, e d' outro subito saltavam ;
Que o mêdo os compellia do que viam ;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As rãs (no tempo antiguo lycia gente)
Se sentem per ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente;
D' aqui, e d' alli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo, que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sos as cabeças n' agua lhe apparecem :

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando n' agua amara.
Mas, por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A ancora solta logo a capitaina;
Qualquer das outras, juncto d' ella, amaina.

XXIX.

Vendo o Gama, attentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e junctamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Intende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia :

XXX.

« Oh caso grande , estranho , e não cuidado !
Oh milagre clarissimo e evidente !
Oh descoberto engano inopinado !
Oh perfida , inimiga e falsa gente !
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se , sem perigo , sabiamente ,
Se la de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana ?

XXXI.

« Bem nos mostra a divina Providencia ,
D'estes portos a pouca segurança ;
Bem claro temos visto na apparencia ,
Que era enganada a nossa confiança :
Mas pois saber humano , nem prudencia ,
Enganos tam fingidos não alcança ;
O' tu Guarda divina , tem cuidado
De quem , sem ti , não pode ser guardado !

XXXII.

« E se te move tanto a piedade
D'esta misera gente peregrina ,
Que so por tua altissima bondade ,
Da gente a salvas perfida e malina ;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos ja agora determina ;
Ou nos amostra a terra , que buscâmos ;
Pois so por teu serviço navegâmos. »

XXXIII.

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A fermosa Dione ; e commovida ,
D'entre as nymphas se vai , que saúdosas
Ficaram d' esta subita partida :
Ja penetra as estrellas luminosas ;
Ja na terceira esphera recebida ,
Avante passa ; e la no sexto ceo ,
Pera onde estava o Padre , se moveo.

XXXIV.

E como ia affrontada de caminho ,
Tam fermosa no gesto se mostrava ,
Que as estrellas , e o ceo , e o ar visinho ,
E tudo quanto a via , namorava.
Dos olhos , onde faz seu filho o ninho ,
Uns spiritus vivos inspirava ,
Com que os pólos gelados accendia ,
E tornava de fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre , de quem foi sempre amada , e cara ,
Se lh'apresenta assi como ao Troiano ,
Na selva Idea , ja se apresentara.
Se a vira o caçador , que o vulto humano
Perdeu , vendo Diana n'agua clara ,
Nunca os famintos galgos o mataram ;
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI.

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia ;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam ,
Com quem Amor brincava , e não se via :
Da alva petrina flammæ lhe saiam ,
Onde o menino as almas accendia ;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos , que como hera se enrolavam.

XXXVII.

C' um delgado sendal as partes cobre ,
De quem vergonha é natural reparo ;
Porê m nem tudo esconde, nem descobre
O véo , dos roxos lírios pouco avaro :
Mas pera que o desejo accenda, e dobre ,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Ja se sentem no ceo, per toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante ,
Co'o riso, uma tristeza misturada ;
Como dama, que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos, maltratada ;
Que se aqueixa, e se ri n' um mesmo instante,
E se torna, entre alegre, magoada :
D'est' arte a deusa, a quem nenhuma iguala ,
Mais mimosa, que triste, ao Padre fala.

XXXIX.

« Sempre eu cuidei , o' Padre poderoso ,
Que pera as cousas , que eu do peito amasse ,
Te achasse brando , affabil , e amoroso ;
Postoque a algum contrario lhe pezasse :
Mas pois que contra mi te vejo iroso ,
Sem que t'o merecesse , nem te errasse ;
Faça-se como Baccho determina ;
Assentarei emfim que fui mofina .

XL.

« Este povo , que é meu , por quem derramo
As lagrymas , que em vão cahidas vejo ;
Que assás de mal lhe quero , pois que o amo ,
Sendo tu tanto contra meu desejo :
Por elle , a ti rogando , choro , e bramo ;
E contra minha dita emfim pelejo .
Ora pois ; porque o amo é maltratado ;
Quero-lhe querer mal , será guardado .

XLI.

« Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes ;
Que pois eu fui... » E n'isto de mimosa ,
O rosto banha em lagrymas ardentes ,
Como co' o orvalho fica a fresca rosa :
Calada um pouco , como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa ;
Torna a seguil-a : e indo per diante ,
Lhe atalha o poderoso e gran' Tonante .

XLII.

E d' estas brandas mostras commovido ,
Que moveram de um tigre o peito duro ;
Co' o vulto alegre , qual do ceo subido ,
Torna sereno e claro o ar escuro :
As lagrymas lhe alimpa , e accendido
Na face a beija , e abraça o collo puro ;
De modo , que d' alli , se so se achara ,
Outro novo Cupido se gerara.

XLIII.

E , co' o seu , apertando o rosto amado ,
Que os saluços , e lagrymas augmenta ;
Como menino da ama castigado ,
Que quem o afaga , o choro lhe accrescenta ;
Por lhe pôr em socego o peito irado ,
Muitos casos futuros lhe apresenta :
Dos Fados as entranhas revolvendo ,
D' esta maneira enfim lhe está dizendo :

XLIV.

« Ferosa filha minha , não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos ;
Nem que ninguem comigo possa mais ,
Que esses chorosos olhos soberanos :
Que eu vos prometto , filha , que vejais
Esquecerem-se Gregos , e Romanos ,
Polos illustres feitos , que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

« Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo ;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos , e a fonte de Timavo ;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla , e de Charybdis o mar bravo ;
Os vossos , mores cousas attentando ,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

« Fortalezas , cidades , e altos muros ,
Per elles vereis , filha , edificados ;
Os Turcos bellacissimos e duros ,
D'elles sempre vereis desbaratados :
Os rês da India livres e seguros ,
Vereis ao rei potente sujugados :
E , per elles , de tudo emfim senhores ,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

« Vereis este , que agora pressuroso
Per tantos mêdos o Indo vai buscando ,
Tremar d' elle Neptuno de medroso ,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso ,
Que trema , e ferva o mar , em calma estando !
Oh gente forte , e de altos pensamentos ,
Que tambem d' ella hão mêdo os elementos !

XLVIII.

« Vereis a terra , que a agua lhe tolhia ,
Que inda ha de ser um porto mui decente ,
Em que vão descançar da longa via ,
As naus , que navegarem do Occidente.
Toda esta costa emfim , que agora urdia
O mortífero engano , obediente
Lhe pagará tributos , conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

« E vereis o Mar-Roxo , tam famoso ,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado ;
Vereis de Ormuz o reino poderoso ,
Duas vezes tomado , e sujugado :
Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado ;
Que quem vai contra os vossos , claro veja ,
Que , se resiste , contra si peleja.

L.

« Vereis a inexpugnabil Diu forte ,
Que dous cercos terá , dos vossos sendo :
Alli se mostrará seu preço , e sorte ,
Feitos de armas grandissimos fazendo :
Invejoso vereis o gran' Mavorte
Do peito lusitano fero e horrendo.
Do Mouro alli verão , que a voz extrema ,
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

LI.

« Goa vereis aos Mouros ser tomada ,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente , e sublimada
Co' os triumphos da gente vencedora :
Alli soberba , altiva e exalçada ,
Ao gentio , que os idolos adora ,
Duro freio porá , e a toda a terra ,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

« Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força, e gente ;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tam potente :
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente,
Que cithara jamais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII.

« Nunca com Marte instructo e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis actias guerras animoso,
O capitão venceu romano injusto ;
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra scythico e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda e não pudica.

LIV.

« Como vereis o mar fervendo acceso,
Co' os incendios dos vossos pelejando,
Levando o idolátra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando :
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente ;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

« De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano ;
Que nunca se verá tam forte peito,
Do gangetico mar ao gaditano ;
Nem das boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano ;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados. »

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra ; porque tenha
Um pacífico porto, e socegado,
Pera onde, sem receio, a frota venha :
E pera que em Mombaça aventurado
O forte capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Ja pelo ar o Cylleneu voava :
Com as asas nos pes á terra dece ;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece :
Com esta, as tristes almas revocava
Dos infernos ; e o vento lhe obedece :
Na cabeça o galero costumado ;
E d' est' arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva ; porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro ;
Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado, e caro.
D' est' arte vai fazendo a gente amiga,
Co' o rumor famosissimo e preclaro :
Ja Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto, e modo.

LIX.

D' alli pera Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas ;
Pera que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas :
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se la dos ceos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado ;
E as estrellas no ceo, co' a luz alhea,
Tinham o largo mundo allumiado ;
E so, co' o somno, a gente se recrea.
O capitão illustre, ja cansado
De vigiar a noite, que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava ;
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo : « Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada, que o rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano :
Fuge ; que o vento, e o ceo te favorece ;
Serenos o tempo tens, e o Oceano,
E outro rei mais amigo, n'outra parte,
Onde podes seguro agasalharte.

LXII.

« Não tens aqui senão aparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente, que hospedava :
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas :
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII.

Vai te ao longo da costa percorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
La quasi juncto d'onde o sol ardendo
Iguala o dia, e noite em quantidade :
Alli tua frota alegre recebendo
Um rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E pera a India certa e sabia guia. »

LXIV.

Isto Mercurio disse ; e o somno leva
Ao capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e ve ferida a escura treva
De uma subita luz, e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo espirito ao mestre seu mandava,
Que as vélas dêsse ao vento, que assoprava.

LXV.

« Dai vélas (disse) dai ao largo vento,
Que o ceo nos favorece, e Deus o manda ;
Que um messageiro vi do claro assento,
Que so em favor de nossos passos anda. »
Alevanta-se n' isto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de outra banda ;
Levam, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

N'este tempo, que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as amarras lhe cortavam;
Por serem, dando á costa, destruidos :
Mas com vista de lynces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos :
Elles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII.

Mas ja as agudas proas apartando
Iam as vias humidas de argento ;
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando ;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, d'onde em tanto aperto
A vida em salvo escapa per acerto.

LXVIII.

Tinha uma volta dado o sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram :
Porque haviam de ser da maura gente,
Pera elles arribando, as vélas viram :
Um de temor do mal, que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não é o outro , que fica , tam manhoso ;
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano ,
Sem o rigor de Marte furioso ,
E sem a furia horrenda de Vulcano :
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano ,
Não teve resistencia ; e , se a tivera ,
Mais damno , resistindo , recebera .

LXX.

E como o Gama muito desejasse
Piloto pera a India , que buscava ;
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse ;
Mas não lhe succedeu como cuidava :
Que nenhum d'elles ha que lhe ensinasse
A que parte dos ceos a India estava :
Porém dizem-lhe todos , « que tem perto
Melinde , onde achará piloto certo. »

LXXI.

Louvam do rei os Mouros a bondade ,
Condição liberal , sincero peito ,
Magnificencia grande , e humanidade ,
Com partes de grandissimo respeito .
O capitão o assella por verdade ;
Porque ja lh' o dissera d' este geito ,
O Cylleneu em sonhos ; e partia
Pera onde o sonho , e o Mouro lhe dizia .

LXXII.

Era no tempo alegre , quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea ;
Quando um , e outro corno lhe aquentava ;
E Flora derramava o de Amalthea.
A memoria do dia renovava
O pressuroso sol , que o ceo rodea ,
Em que aquelle , a quem tudo está sujeito ,
O sello poz a quanto tinha feito :

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte
Onde o reino Melinde ja se via ,
De toldos adornada , e leda de arte ,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira , voa o estandarte ;
A côr purpúrea ao longe apparecia :
Soam os atambores , e pandeiros ;
E assi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia melindana
Da gente , que vem ver a leda armada ;
Gente mais verdadeira , e mais humana ,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota lusitana ;
Péga no fundo a ancora pesada :
Mandam fóra um dos Mouros , que tomaram ,
Per quem sua vinda ao rei manifestaram.

LXXV.

O rei , que ja sabia da nobreza ,
Que tanto os Portuguezes engrandece ;
Tomarem o seu porto tanto preza ,
Quanto a gente fortissima merece :
E com verdadeiro animo , e pureza ,
Que os peitos generosos ennobrece ,
Lhe manda rogar muito que saissem
Pera que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros ,
E palavras sinceras , não dobradas ,
As que o rei manda aos nobres cavalleiros ,
Que tanto mar, e terras teem passadas.
Manda-lhe mais lanígeros carneiros ,
E gallinhas domesticas cevadas ,
Com as fruitas , que então na terra havia:
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o capitão alegremente
O messageiro ledo , e seu recado ;
E logo manda ao rei outro presente ,
Que de longe trazia apparelhado :
Escarlata purpúrea , côr ardente ;
O ramoso coral , fino , e prezado ,
Que debaixo das aguas molle crece ,
E , como é fóra d' ellas , se endurece.

LXXVIII.

Manda mais um, na practica elegante,
Que co' o rei nobre as pazes concertasse ;
E que, de não sair n' aquelle instante
De suas naus em terra, o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes, fallando, orava :

LXXIX.

« Sublime rei, a quem do Olympo puro,
Foi da Summa Justiça concedido
Refrear o suberbo povo duro.
Não menos d' elle amado, que temido :
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

LXXX.

« Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas :
Mas da suberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, per mandado
De um rei, que temos, alto e sublimado.

LXXXI.

Que geração tam dura ha hi de gente ,
Que barbaro costume , e usança fêa ,
Que não vedem os portos tamsomente ,
Mas inda o hospicio da deserta arêa ?
Que má tenção , que peito em nós se sente ,
Que de tam pouca gente se arrecêa ?
Que com laços armados tam fingidos ,
Nos ordenassem ver-nos destruidos ?

LXXXII.

« Mas tu , em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade , o' rei benino ,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos ,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino ;
A teu porto seguros navegâmos
Conduzidos do intérprete divino :
Que pois a ti nos manda , está mui claro ,
Que es de peito sincero , humano e raro .

LXXXIII.

« E não cuides , o' rei , que não saisse
O nosso capitão esclarecido
A ver-te , e a servir-te ; porque visse ,
Ou suspeitasse em ti peito fingido :
Mas saberás que o fez ; porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu rei , que lhe manda que não saia ,
Deixando a frota , em nenhum porto , ou praia .

LXXXIV.

« E porque é de vassallos o exercicio ,
Que os membros teem regidos da cabeça ,
Não quererás (pois tens de rei o officio)
Que ninguem a seu rei desobedeça :
Mas as mercês , e o grande beneficio ,
Que ora acha em ti , promette que conheça
Em tudo aquillo que elle , e os seus poderem ,
Em quanto os rios pera o mar correrem. »

LXXXV.

Assi dizia ; e todos junctamente ,
Uns com outros em practica fallando ,
Louvavam muito o estamago da gente ,
Que tantos ceos , e mares vai passando.
E o rei illustre , o peito obediente
Dos Portuguezes , na alma imaginando ,
Tinha por valor grande ; e mui subido
O do rei , que é tam longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista , e ledó aspeito ,
Responde ao embaixador , que tanto estima :
« Toda a suspeita má tirai do peito ;
Nenhum frio temor em vós se imprima :
Que vosso preço , e obras são de geito ,
Pera vos ter o mundo em muita estima ;
E quem vos fez molesto tratamento ,
Não podé ter subido pensamento.

LXXXVII.

« De não sair em terra toda a gente ,
(Por observar a usada preeminencia)
Aindaque me peze estranhamente ,
Em muito tenho a muita obediencia :
Mas, se lh' o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos tam leaes em si desfaça ,
So porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

« Porêm como a luz crástina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada ,
Que ver tanto desejo , ha tantos dias :
E se vier do mar desbaratada ,
Do furioso vento , e longas vias ,
Aqui terá, de limpos pensamentos
Piloto , munições , e mantimentos. »

LXXXIX.

Isto disse ; e nas aguas se escondia
O filho de Latona : e o messageiro
Co' a embaixada , alegre , se partia
Pera a frota , no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria ,
Por terem o remedio verdadeiro ,
Pera acharem a terra , que buscavam ;
E assi ledos a noite festejavam.

XC.

Não faltam alli os raios de artificio ,
Os tremulos cometas imitando :
Fazem os bombardeiros seu officio ,
O ceo , a terra , e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio ,
Nas bombas , que de fogo estão queimando :
Outros com vozes , com que o ceo feriam ,
Instrumentos altísonos tangiam.

XCI.

Respondem-lhe da terra junctamente ,
Co' o raio volteando , com zunido ;
Anda em gyros no ar a roda ardente ;
Estoura o po sulphúreo escondido,
A grita se alevanta ao ceo , da gente ;
O mar se via em fogos accendido ;
E não menos a terra ; e assi festeja
Um ao outro , á maneira de peleja,

XCII,

Mas ja o ceo inquieto revolvendo ,
As gentes incitava a seu trabalho ;
E ja a mãe de Memnôn a luz trazendo ,
Ao somno longo punha certo atalho :
Iam-se as sombras lentas desfazendo ,
Sobre as flores da terra , em frio orvalho ;
Quando o rei melindano se embarcava
A ver a frota , que no mar estava.

XCIII.

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente , que a ver so concorre leda :
Luzem da fina púrpura as cabaias ;
Lustram os pannos da tecida seda :
Em logar de guerreiras azagaias ,
E do arco , que os cornos arremeda
Da lua , trazem ramos de palmeira ;
Dos que vencem , coroa verdadeira.

XCIV.

Um batel grande e largo , que toldado
Vinha de sedas de diversas cores ,
Traz o rei de Melinde , acompanhado
De nobres de seu reino , e de senhores :
Vem de ricos vestidos adornado ,
Segundo seus costumes , e primores ;
Na cabeça uma fota guarnecida ,
De ouro , e de seda , e de algodão tecida.

XCV.

Cabaia de damasco rico e dino ,
Da tyria côr , entre elles estimada ;
Um collar ao pescoço , de ouro fino ,
Onde a materia , da obra é superada ;
C' um resplendor reluze adamantino
Na cinta a rica adaga bem lavrada ;
Nas alparcas dos pes , emfim de tudo ,
Cobrem ouro , e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com um redondo amparo alto de seda ,
N' uma alta e dourada hastea enxerido ,
Um ministro á solar quentura veda ,
Que não offenda, e queime o rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda ,
De aspero som, horríssimo ao ouvido;
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto, fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano ,
Nos seus bateis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano ,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo hispano ;
Mas franceza era a roupa que vestia ,
De setim da adriática Veneza ,
Carmesi, côr que a gente tanto preza :

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas véem tomadas ,
Onde o sol reluzindo a vista cega ;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega :
E com pontas do mesmo delicadas ,
Os golpes do gibão ajuncta, e chega ;
Ao italico modo a aurea espada ;
Pluma na gorra, um pouco declinada.

XGIX.

Nos de sua companhia se mostrava ,
Da tincta , que dá o múrice excellente ,
A varia côr, que os olhos alegrava ,
E a maneira do traço differente.
Tal o formoso esmalte se notava ,
Dos vestidos olhados junctamente ,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha , filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres , resoando :
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam ,
Os toldos pelas aguas arrojando.
As bombardas horrisonas bramavam ,
Com as nuvens de fumo o sol tomando ;
Amiudam-se os brados accendidos ;
Tapam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Ja no batel entrou do capitão
O rei , que nos seus braços o levava :
Elle co' a cortezia , que a razão ,
(Por ser rei) requeria , lhe fallava.
C' umas mostras d' espanto , e admiração ,
O Mouro o gesto , e o modo lhe notava ;
Como quem em mui grande estima tinha
Gente , que de tam longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse ;
E que, se mantimento lhe fallece ,
Como se proprio fosse , lh' o pedisse :
Diz-lhe mais , « que per fama bem conhece
A gente lusitana , sem que a visse ;
Que ja ouviu dizer , que n' outra terra
Com gente de sua lei , tivesse guerra.

CIII.

« E como per toda Africa se soa ,
(Lhe diz) os grandes feitos , que fizeram ,
Quando n' ella ganharam a coroa
Do reino , onde as Hespéridas viveram : »
E com muitas palavras apregoa
O menos , que os de Luso mereceram ;
E o mais , que pela fama o rei sabia ;
Mas d' esta sorte o Gama respondia :

CIV.

« O' tu , que só tiveste piedade ,
Rei benino , da gente lusitana ,
Que com tanta miseria , e adversidade ,
Dos mares exp'rimenta a furia insana ;
Aquella altã e divina Eternidade ,
Que o ceo revolve , e rege a gente humana ;
(Pois que de ti taes obras recebêmos)
Te pague o que nós outros não podêmos.

CV.

« Tu so , de todos , quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz do mar profundo :
Em ti dos ventos hórridos de Eolo
Refugio achâmos bom , fido e jucundo.
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas , e o sol der lume ao mundo ,
Onde quer que eu viver , com fama , e gloria ,
Vivirão teus louvores em memoria. »

CVI.

Isto dizendo , os barcos vão remando
Pera a frota , que o Mouro ver deseja :
Vão as naus uma , e uma rodeando ;
Porque de todas tudo note , e veja :
Mas pera o ceo Vulcano fuzilando ,
A frota co' as bombardas o festeja ;
E as trombetas canoras lhe tangiam ;
Co' os anafis os Mouros respondiam.

CVII.

Mas depois de ser tudo ja notado
Do generoso Mouro , que pasmava ,
Ouvindo o instrumento inusitado ,
Que tammanho terror em si mostrava ;
Mandava estar quieto , e ancorado
N' agua o batel ligeiro , que os levava ;
Por fallar de vagar co' o forte Gama ,
Nas cousas , de que tem noticia , e fama.

CVIII.

Em practicas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes,
Co' o povo havidas, que a Mafoma adora :
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia última, onde mora ;
Agora pelos povos seus visinhos ;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

« Mas antes, valeroso capitão,
Nos conta (lhe dizia) diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais, distinctamente ;
E assi de vossa antigua geração ;
E o principio do reino tam potente,
Co' os successos das guerras do começo ;
Que, sem sabel-as, sei que são de preço.

CX.

« E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado ;
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem creado.
Conta : que agora véem co' os aureos freios
Os cavallo, que o carro marchetado,
Do novo sol, da fria Aurora trazem :
O vento dorme ; o mar, e as ondas jazem.

CXI.

« E não menos co' o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares ;
Que quem ha , que per fama não conhece
As obras portuguezas singulares ?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol , pera julgares
Que os Melindanos teem tam rudo peito ,
Que não estimem muito um grande feito.

CXII.

« Commetteram suberbos os gigantes ,
Com guerra vã, o Olympo claro e puro ;
Tentou Pirithoo , e Théseu , de ignorantes ,
O reino de Plutão horrendo e escuro :
Se houve feitos no mundo tam possantes ,
Não menos é trabalho illustre e duro ,
Quanto foi commetter inferno , e ceo ,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

« Queimou o sagrado templo de Diana ,
Do sutil Ctesiphónio fabricado ,
Herostrato ; por ser da gente humana
Conhecido no mundo , e nomeado :
Se tambem, com taes obras, nos engana
O desejo de um nome avantajado ;
Mais razão ha que queira eterna gloria ,
Quem faz obras tam dignas de memoria. »

OS LUSIADAS.



CANTO TERCEIRO.



I.

Agora tu, Calliope , me ensina
O que contou ao rei o illustre Gama :
Inspira immortal canto , e voz divina,
N' este peito mortal , que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheu pariste , o' linda dama ,
Nunca por Daphne , Clycie , ou Leucothoe ,
Te negue o amor devido , como soe.

II.

Põe tu , nympha , em effeito meu desejo ,
Como merece a gente lusitana ;
Que veja , e saiba o mundo que do Tejo
O liquor de Aganippe corre , e mana.
Deixa as flores de Pindo , que ja vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana ;
Senão direi , que tens algum receo
Que se escureça o teu querido Orpheo.

III.

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria ;
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia :
« Mandas-me , o' rei , que conte declarando
De minha gente a gran' genealogia :
Não me mandas contar estranha historia ;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

« Que outrem possa louvar esforço alheio ,
Cousa é que se costuma , e se deseja ;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tam suspeito mal me esteja :
E pera dizer tudo temo, e creio
Que qualquer longo tempo curto seja :
Mas, pois o mandas, tudo se te deve ;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

« Alem d'isso, o que a tudo emfim me obriga,
É não poder mentir no que disser ;
Porque, de feitos taes, por mais que diga ,
Mais me ha de ficar inda por dizer :
Mas, porque n' isto a ordem leve, e siga ,
(Segundo o que desejas de saber)
Primeiro tractarei da larga terra ;
Depois direi da sanguinosa guerra.

VI.

« Entre a zona , que o cancro senhorea ,
Meta septentrional do sol luzente ;
E aquella , que por fria se arrecea
Tanto , como a do meio por ardente ,
Jaz a suberba Europa ; a quem rodea ,
Pela parte do Arcturo e do Occidente ,
Com suas salsas ondas , o Oceano ;
E , pela Austral , o mar Mediterraneo .

VII.

« Da parte d'onde o dia vem nascendo ,
Com Asia se avisinha ; mas o rio ,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meótis , curvo e frio ,
As divide : e o mar , que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio ;
Onde agora , de Troia triumphante ,
Não ve mais que a memoria , o navegante .

VIII.

« La onde mais debaixo está do polo ,
Os montes hyperbóreos apparecem ;
E aquelles , onde sempre sopra Eolo ,
E , co' o nome dos sopros , se ennobrecem .
Aqui tam pouca força teem de Apolo
Os raios , que no mundo resplandecem ,
Que a neve está contino pelos montes ,
Gelado o mar , geladas sempre as fontes .

IX.

« Aqui dos Scythas grande cantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade,
Co' os que tinham então a egypcia terra :
Mas quem tam fóra estava da verdade,
(Ja que o juizo humano tanto erra)
Pera que do mais certo se informara,
Ao campo damasceno o perguntara.

X.

« Agora n' estas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noroega;
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Um braço do sarmático Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

« Entre este mar, e o Tánais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmátas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios, e Pannonios;
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amásis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou co' o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tam querida;
Onde co' o Hemo, o Rhódope sujeito
Ao Othomano está, que sumettida
Byzancio tem a seu serviço indino:
Boa injuria do grande Constantino!

XIII.

« Logo de Macedónia estão as gentes,
A quem lava do A'xio a agua fria:
E vós tambem, o' terras excellentes
Nos costumes, ingenhos e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos per armas, que per letras.

XIV.

« Logo os Dálmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor ja muros levantou,
A suberba Veneza está no meio
Das aguas, que tam baixa começou.
Da terra, um braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada
Não menos nos ingenhos, que na espada.

XV.

« Emtôrno o cerca o reino neptunino ,
Co' os muros naturaes , per outra parte :
Pelo meio o divide o Apennino ,
Que tam illustre fez o patrio Marte :
Mas despois que o Porteiro tem divino ,
Perdendo o esforço veio , e bellica arte :
Pobre está ja de antiga potestade :
Tanto Deus se contenta de humildade !

XVI.

« Gallia alli se verá , que nomeada
Co' os cesáreos triumphos foi no mundo ,
Que do Séquana , e Rhódano é regada ,
E do Garumna frio , e Rheno fundo :
Logo os montes da nympha sepultada
Pyrene , se alevantam , que (segundo
At iguidades contam) quando arderam ,
Rios de ouro , e de prata então correram .

XVII.

« Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha ,
Como cabeça alli de Europa toda ;
Em cujo senhorio , e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda :
Mas nunca poderá com força , ou manha ,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda ,
Que lh' a não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos , que em si cria .

XVIII.

« Com Tingitania entesta , e alli parece
Que quer fechar o mar mediterrano ,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co' o extremo trabalho do Thebano :
Com nações diferentes se engrandece ,
Cercadas com as ondas do Oceano ;
Todas de tal nobreza , e tal valor,
Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.

XIX.

« Tem o Tarragonéz , que se fez claro
Sujeitando Parthénope inquieta ;
O Navarro , as Astúrias , que reparo
Ja foram contra a gente mahometa :
Tem o Gallego cauto , e o grande e raro
Castelhano , a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha , e senhor d'ella ,
Bétis , Leão , Granada , com Castella.

XX.

« Eis-aqui , quasi cume da cabeça
De Europa toda , o reino lusitano ;
Onde a terra se acaba , e o mar começa ,
E onde Phebo repousa no Oceano :
Este quiz o ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano ,
Deitando-o de si fóra ; e la na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

« Esta é a ditosa patria minha amada ;
A' qual se o ceo me dá , que eu sem perigo
Torne com esta empresa ja acabada ,
Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou Lysa , que de Baccho antigo
Filhos foram , parece , ou companheiros ,
E n' ella , então , os íncolas primeiros.

XXII.

« D' esta o pastor nasceu , que no seu nome
Se ve que de homem forte os feitos teve ;
Cuja fama ninguem virá que dome ;
Pois a grande de Roma não se atreve :
Esta , o velho , que os filhos proprios come ,
Per decreto do ceo , ligeiro e leve ,
Veio a fazer no mundo tanta parte ,
Creando-a reino illustre , e foi d' est' arte.

XXIII.

« Um rei , per nome Afonso , foi na Hespanha ,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra ,
Que per armas sanguinas , força , e manha ,
A muitos fez perder a vida , e a terra.
Voando d' este rei a fama estranha ,
Do herculano Calpe á cáspia serra ,
Muitos, pera na guerra esclarecer-se ,
Vinham a elle , e á morte offerecer-se.

XXIV.

« E c' um amor intrínseco accendidos
Da fe , mais que das honras populares ,
Eram de varias terras conduzidos ,
Deixando a patria amada , e proprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos ,
Se mostraram nas armas singulares ;
Quiz o famoso Afonso , que obras taes
Levassem premio clino , e dões iguaes.

XXV.

« D'estes Henrique (dizem) que segundo
Filho de um rei d' Hungria exp'rimentado ,
Portugal houve em sorte , que no mundo
Então não era illustre , nem prezado :
E, pera mais signal d' amor profundo ,
Quiz o rei castelhano , que casado
Com Teresa , sua filha , o conde fosse ;
E , com ella , das terras tomou posse.

XXVI.

« Este , despois que contra os descendentes
Da escrava Agar , victórias grandes teve ,
Ganhando muitas terras adjacentes ,
Fazendo o que a seu forte peito deve :
Em premio d'estes feitos excellentes ,
Deu-lhe o supremo Deus , em tempo breve ,
Um filho , que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino lusitano.

XXVII.

« Ja tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade hierosólyma sagrada ,
E do Jordão a areia tinha vista ,
Que viu de Deus a carne em si lavada ;
Que não tendo Gothfredo a quem resista ,
Depois de ter Judea sujeada ,
Muitos , que n' estas guerras o ajudaram ,
Pera seus senhorios se tornaram.

XXVIII.

« Quando chegado ao fim de sua idade
O forte e famoso Hungaro extremado ,
Forçado da fatal necessidade ,
O esp'ritu deu a quem lh' o tinha dado :
Ficava o filho em tenra mocidade ,
Em quem o pae deixava seu traslado ;
Que do mundo os mais fortes igualava ;
Que de tal pae , tal filho se esperava.

XXIX.

« Mas o velho rumor, não sei se errado ,
(Que em tanta antiguidade nã ha certeza)
Conta, que a mãe tomando todo o estado ,
Do segundo hymeneu não se despreza :
O filho orpham deixava desherdado ,
Dizendo , « que nas terras a grandeza
Do senhorio todo so sua era ;
Porque , pera casar, seu pae lh' as dera. »

XXX.

« Mas o príncipe Afonso, que d' est' arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte;
Que a mãe, com seu marido, as manda, e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme, sigue o effeito.

XXXI.

« De Guimarães o campo se tingia
Co' o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tam pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle, posta em campo, ja se via;
E não ve a suberbã o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas n' ella o sensual era o maior.

XXXII.

« O' Progne crua! o' mágica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos paes, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cubiça fea,
São as causas d' este erro principais:
Scylla, por uma, mata o velho pai;
Esta, por ambas, contra o filho vai.

XXXIII.

« Mas ja o principe claro o vencimento
Do padrasto, e da iniqua mãe levava;
Ja lhe obedece a terra n' um momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porêm, vencido de ira o intendimento,
A mãe em ferros ásperos atava:
Mas de Deus foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos paes se deve!

XXXIV.

« Eis se ajuncta o suberbo Castelhana
Pera vingar a injúria de Teresa,
Contra o tam raro e ingente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angélica defesa,
Não so contra tal furia se sustenta;
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

XXXV.

« Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que d' esta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte podera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

« Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhana, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

« Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o rei castelhana ja aguardava,
Que o principe a seu mando sumetido
Lhe dêsse a obediencia, que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
(O que d' elle Castella não cuidava)
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

« E com seus filhos, e mulher se parte
A levantar com elles a fiança;
Descalços, e despídos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
« Se pretendes, rei alto, de vingarte
De minha temeraria confiança,
(Dizia) eis-aqui venho offerecido
A te pagar, co'a vida, o promettido.

XXXIX.

« Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte ;
Se a peitos generosos e excellentes ,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes ;
N'ellas sos exp'rimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinís, e do touro de Perillo. »

XL.

« Qual diante do algoz o condenado ,
Que ja na vida a morte tem bebido ,
Põe no cepo a garganta; e ja entregado
Espera pelo golpe tam temido :
Tal diante do principe indinado
Egas estava a tudo offerecido :
Mas o rei, vendo a estranha lealdade ,
Mais pôde, emfim, que a ira, a piedade.

XLI.

« Oh gran' fidelidade portugueza ,
De vassallo, que a tanto se obrigava !
Que mais o Persa fez n' aquella empreza ,
Onde rosto, e narizes se cortava ?
Do que ao grande Dario tanto peza ,
Que, mil vezes dizendo, suspirava ,
« Que mais o seu Zopyro são prezara ,
Que vinte Babylonias, que tomara. »

XLII.

« Mas ja o principe Afonso apparelhava
O lusitano exército ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava
D' alem do claro Tejo deleitoso :
Ja no campo de Ourique se assentava
O arraial suberbo e bellicoso,
Defronte do inimigo sarraceno,
Postoque em força, e gente, tam pequeno.

XLIII.

« Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deus, que o ceo regia ;
Que tam pouco era o povo bautizado,
Que, pera um so, cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Commetter um tammanho ajunctamento ;
Que, pera um cavalleiro, houvesse cento.

XLIV.

« Cinco rês mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama ;
Todos exp'rimetados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte ja gostaram.

XLV.

« A matutina luz serena e fria ,
As estrellas do pólo ja apartava ;
Quando na cruz o Filho de Maria ,
Amostrando-se a Afonso , o animava .
Elle , adorando quem lhe apparecia ,
Na fe todo inflammado , assi gritava :
« Aos infieis , Senhor , aos infieis ,
E não a mi , que creio o que podeis ! »

XLVI.

« Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados , levantavam
Por seu rei natural este excellente
Principe , que do peito tanto amavam :
E diante do exército potente
Dos imigos , gritando o ceo tocavam ;
Dizendo em alta voz : « Real , real ,
Por Afonso alto rei de Portugal. »

XLVII.

« Qual co' os gritos , e vozes incitado
Pela montanha o rábido moloso ,
Contra o touro remette que fiado
Na força está do corno temeroso ;
Ora pega na orelha , ora no lado ,
Latindo , mais ligeiro , que forçoso ,
Até que emfim , rompendo-lhe a garganta ,
Do bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII.

« Tal do rei novo o estômago accendido
Por Deus, e polo povo junctamente,
O barbaro commette apercebido,
Co' o animoso exército rompente.
Levantam n' isto os perros o alarido
Dos gritos; tocam arma; ferve a gente:
As lanças, e arcos tomam; tubas soam;
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX.

« Bem como quando a flamma, que ateadada
Foi nos áridos campos (assoprando
O sibilante Bóreas) animada
Co' o vento, o secco matto vai queimando:
A pastoral companhia, que deitada
Co' o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se ateia,
Recolhe o fato, e foge pera a aldeia:

L.

« D'est' arte o Mouro attónico e torvado,
Toma, sem tento, as armas mui depressa;
Não fuge; mas espera confiado,
E o ginete bellífero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado;
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Uns cahem meios mortos; e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI.

« Alli se vêem encontros temerosos,
Pera se desfazer uma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos e forçosos;
Per toda a parte andava accesa a guerra :
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII.

« Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E d' outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Ja perde o campo o exército nefando;
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde;
Tornado carmesi de branco, e verde.

LIII.

« Ja fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos, e presa rica :
Desbaratado, e roto o Mouro hispano,
Tres dias o gran' rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
(Que agora esta victória certifica)
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal d' estes cinco rês vencidos.

LIV.

« E n' estes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deus fôra vendido ;
Escrevendo a memória em varia tinta ,
D' aquelle de quem foi favorecido.
Em cadaum dos cinco, cinco pinta ;
Porque assi fica o número cumprido ,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

« Passado ja algum tempo , que passada
Era esta gran' victória, o rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.
Com esta a forte Arronches sujugada
Foi junctamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno,
Tu, claro Tejo, regas tam sereno.

LVI.

« A estas nobres villas sumettidas ,
Ajuncta tambem Mafra, em pouco espaço ;
E nas serras da lua conhecidas ,
Sujuga a fria Cintra o duro braço ;
Cintra, onde as Naiádes escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço ,
Onde Amor as enreda brandamente ,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

« E tu , nobre Lisboa , que no mundo
Facilmente das outras es princesa ;
Que edificada foste do facundo ,
Per cujo engano foi Dardânia accessa :
Tu , a quem obedece o mar profundo ,
Obedeceste á força portuguesa ,
Ajudada tambem da forte armada ,
Que das boreaes partes foi mandada .

LVIII.

« La do germânico A'lbis , e do Rheno ,
E da fria Bretanha conduzidos ,
A destruir o povo sarraceno ,
Muitos , com tenção sancta , eram partidos .
Entrando a bocca ja do Tejo ameno .
Co' o arraial do grande Afonso unidos ,
(Cuja alã fama então subia aos ceos)
Foi posto cerco aos muros ulysseos .

LIX.

« Cinco vezes a lua se escondera ,
E outras tantas mostrara cheio o rosto ,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco , que lhe estava posto .
Foi a batalha tam sanguina e fera ,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores ásperos e ousados ,
E de vencidos ja desesperados .

LX.

« D' est' arte , emfim, tomada se rendeu
Aquella, que nos tempos ja passados,
A' grande força nunca obedeceu
Dos frios povos scythicos ousados :
Cujo poder a tañto se estendeu ,
Que o Ibero o viu, e o Tejo amedrontados ;
E emfim co' o Bétis tanto alguns poderam,
Que á terra de Vandália nome deram.

LXI.

« Que cidade tam forte per ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não poude resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Ja lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, per onde soa
O tom das frescas aguas, entre as pedras,
Que murmurando lavã, e Torres-Vedras.

LXII.

« E vós` tambem, o' terras transtaganas,
Afamadas co' o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes :
E tu lavrador mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres ;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

LXIII.

« Eis a nobre cidade , certo assento
Do rebelde Sertório antigualmente ;
Onde ora as aguas nítidas de argento
Véem sustentar de longe a terra , e a gente
Pelos arcos reaes , que cento , e cento
Nos arés se alevantam nobremente ;
Obedeceu per meio e ousadia
De Giraldo , que mêdos não temia.

LXIV.

« Ja na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Afonso , que não sabe socegar,
Por estender , co' a fama , a curta vida.
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade ; mas sendo ja rendida ,
Em toda a cousa viva , a gente irada ,
Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

« Com estas , sujugada foi Palmella ,
E a piscosa Cezimbra ; e junctamente ,
(Sendo ajudado mais de sua estrella)
Desbarata um exército potente :
Sentiu-o a villa , e viu-o o senhor d' ella ,
Que a soccorrel-a vinha diligente
Pela fralda da serra , descuidado
Do temeroso encontro inopinado :

LXVI.

« O rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innúmeros peões, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas, qual no mez de maio o bravo touro,
Co' os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante :

LXVII.

« D' est' arte Afonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura ;
Fere, mata, derriba denodado ;
Fuge o rei mouro, e so da vida cura :
D' um pânico terror todo assombrado,
So de seguil-o o exército procura ;
Sendo estes, que fizeram tanto aballo,
No mais que so sessenta de cavallo.

LXVIII.

« Logo sigue a victoria sem tardança
O gran' rei incansabil, ajunctando
Gentes de todo o reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz; e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a fez fazer ás outras companhia.

LXIX.

« Mas o alto Deus , que pera longe guarda
 O castigo d' aquelle, que o merece ;
 Ou , pera que se emende , ás vezes tarda ;
 Ou por segredos , que homem não conhece :
 Seté-qui sempre o forte rei resguarda
 Dos perigos , a que elle se offerece ;
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldição da mãe , que estava presa.

LXX.

« Que estando na cidade , que cercara ,
 Cercado n' ella foi dos Leonezes ;
 Porque a conquista d' ella lhe tomara ,
 De Leão sendo , e não dos Portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara ,
 (Assi como acontece muitas vezes)
 Que em ferros quebra as pernas , indo acceso
 A' batalha , onde foi vencido , e preso.

LXXI.

« O' famoso Pompeio , não te pene
 De teus feitos illustres a ruína ;
 Nem ver que a justa Némesis ordene
 Ter teu sogro de ti victória dina :
 Postoque o frio Phásis , ou Syene ,
 Que pera nenhum cabo a sombra inclina ,
 O Bootes gelado , e a Linha ardente ,
 Temessem o teu nome geralmente :

LXXII.

« Postoque a rica Arabia , e que os feroces
Henióchos , e Colchos , cuja fama
O véo dourado estende ; e os Cappadoces ,
E Judea , que um Deus adora , e ama ;
E que os molles Sophênes , e os atroces
Cilícios , com a Arménia , que derrama
As aguas dos dous rios , cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte :

LXXIII.

« E posto emfim que desd' o mar de Atlante
Até o scythico Tauro , monté erguido ,
Ja vencedor te vissem ; não te espante
Se o campo Emáthio so te viu vencido :
Porque Afonso verás suberbo e ovante
Tudo render , e ser despois rendido.
Assi o quiz o conselho alto e celeste ,
Que vença o sogro a ti , e o genro a este.

LXXIV.

« Tornado o rei sublime finalmente ,
Do divino Juizo castigado :
Despois que em Sanctarem suberbamente ,
Em vão dos Sarracenos foi cercado ;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado ,
Do Sacro-promontorio conhecido ,
A' cidade ulyseea foi trazido :

LXXV.

« Porque levasse avante seu desejo ,
Ao forte filho manda o lasso velho .
Que ás terras se passasse d' Alemtejo
Com gente , e co' o bellígero apparelho.
Sancho de esforço , e d' animo sobejo ,
Avante passa ; e faz correr vermelho
O rio , que Sevilha vai regando ,
Co' o sangue mauro , barbaro e nefando.

LXXVI.

« E com esta victória cubiçoso ,
Ja não descança o moço , até que veja
Outro estrago , como este , temeroso
No barbaro , que tem cercado Beja.
Não tarda muito o principe ditoso ,
Sem ver o fim d' aquillo que deseja.
Assi , estragado o Mouro , na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII.

« Ja se ajunctam do monte , a quem Medusa
O corpo fez perder , que teve o ceo :
Ja véem do promontório d' Ampelusa ,
E de Tinge , que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa ;
Que tambem com suas armas se moveo ,
Ao som da mauritana e rouca tuba ,
Todo o reino , que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

«Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminim em Portugal ;
Treze rês mouros leva de valia ,
Entre os quaes tem o sceptro imperial :
E assi fazendo quanto mal podia ,
(O que em partes podia fazer mal)
Dom Sancho vai cercar em Sanctarem ;
Porêm não lhe succede muito bem.

LXXIX.

«Da-lhe combates ásperos , fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso ;
Não lhe aproveita ja trabuco horrendo ,
Mina secreta , aríete forçoso :
Porque o filho de Afonso não perdendo
Nada do esforço , e acordo generoso ,
Tudo provê com ânimo , e prudencia ;
Que em toda a parte ha esforço , e resistencia.

LXXX.

«Mas o velho , a quem tinham ja obrigado
Os trabalhosos annos ao socego ;
Estando na cidade , cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego ;
Sabendo como o filho está cercado
Em Sanctarem do mauro povo cego ,
Se parte diligente da cidade ;
Que não perde a presteza com a idade.

LXXXI.

«E co' a famosa gente, á guerra usada,
Vai soccorrer o filho: e assi junctados,
A portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

«Logo todo o restante se partiu
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminim so não fugiu;
Porque antes de fugir, lhe fuge a vida.
A quem lhe esta victória permittiu,
Dão louvores, e graças sem medida:
Que em casos tam estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deus, que a gente.

LXXXIII.

«De tammanhas victórias triumphava
O velho Afonso príncipe subido:
Quando, quem tudo emfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido:
A pallida Doença lhe tocava,
Com fria mão, o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos, d' este geito,
A' triste Libitína seu direito.

LXXXIV.

« Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrymas correndo piedosas :
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Afonso , Afonso , os ecos ; mas em vão.

LXXXV.

« Sancho forte mancebo , que ficara
Imitando seu pae na valentia ,
E que em sua vida ja s' exp'rimentara ,
Quando o Bétis de sangue se tingia ;
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita rei de Andaluzia ;
E mais quando, os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram :

LXXXVI.

« Depois que foi por rei alevantado,
(Havendo poucos annos que reinava)
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro layrava :
Foi das valentes gentes ajudado
Da germânica armada , que passava
De armas fortes , e gente apercebida ,
A recobrar Judea ja perdida.

LXXXVII.

« Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveu
O poderoso exército em defesa
Da cidade onde Christo padeceu;
Quando Guido, co'a gente em sêde accesa,
Ao grande Saladino se rendeu
No logar onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

« Mas a fermosa armada, que viera,
Per contraste de vento, áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Ja que em serviço vai do sancto marte:
Assi como a seu pae acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado, Sylves toma;
E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX.

« E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte:
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tuí, que a mesma sorté
Viu ter a muitas villas sas visinhas,
Que per armas, tu Sancho, humildes tinhas.

XC.

« Mas, entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e rei terceiro.
No tempo d' este, aos Mouros foi tomado
Alcacere-do-Sal per derradeiro;
Porque d' antes os Mouros o tomaram,
Mas agora, estruidos, o pagaram.

XCI.

« Morto depois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado;
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado;
Porque (como per elles se regia)
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

« Não era Sancho, não, tam deshonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a mãe Agrippina commettia:
Nem tam cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia:
Nem tam mau, como foi Heliogabálo,
Nem como o molle rei Sardanapálo.

XCIII.

« Nem era o povo seu tyrannisado ,
Como Sicilia foi de seus tyranos ;
Nem tinha , como Phálaris , achado
Genero de tormentos inhumanos :
Mas o reino de altivo , e costumado
A senhores em tudo soberanos ,
A rei não obedece , nem consente ,
Que não for , mais que todos , excellente.

XCIV.

« Por esta causa o reino governou
O conde bolonhez , depois alçado
Por rei , quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho , sempre ao ocio dado.
Este , que Afonso-o-bravo se chamou ,
Despois de ter o reino securado ,
Em dilatal-o cuida ; que em terreno ,
Não cabe o altivo peito , tam pequeno.

XCV.

« Da terra dos Algarves , que lhe fora
Em casamento dada , grande parte
Recupera co' o braço ; e deita fora
O Mouro , mal querido ja de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania , com força , e bellica arte ;
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra , que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

« Eis depois vem Diniz , que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina ;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade alexandrina.
Com este o reino próspero florece ,
(Alcançada ja a paz aurea divina)
Em constituições, leis , e costumes ,
Na terra , ja tranquilla, claros lumes.

XCVII.

« Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva ;
E de Helicon a as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode d' Athenas desejar-se ,
Tudo o suberbo Apollo aqui reserva :
Aqui as capellas dá tecidas de ouro ,
Do baccháro , e do sempre verde louro.

XCVIII.

« Nobres villas de novo edificou ,
Fortalezas, castellos mui seguros ;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes , e altos muros :
Mas depois que a dura A'tropos cortou
O fio de seus dias ja maduros ,
Ficou-lhe o filho pouco obediente ,
Quarto Afonso ; mas forte e excellente.

XCIX.

« Este sempre as suberbas castelhanas
Co' o peito desprezou firme e sereno ;
Porque não é das forças lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno :
Mas porê[m], quando as gentes mauritanas
A possuir o hespérico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o suberbo Afonso a soccorrella.

C.

« Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos hydáspicos enchendo ;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Góthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos tartéssios ajunctada.

CI.

« E vendo o rei sublime castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo hispano,
(Ja perdido uma vez) que a propria morte :
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
D' aquelle, a cujo reino foi mandada.

CII.

« Entrava a fermosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados ;
Lindo o gesto , mas fora de alegria ,
E seus olhos em lagrymas banhados :
Os cabellos angelicos trazia
Pelos ebúrneos hombros espalhados :
Diante do pae ledó , que a agasalha ,
Estas palavras taes , chorando , espalha :

CIII.

« Quantos povos a terra produziu
De Africa toda , gente fera e estranha ,
O gran' rei de Marrocos conduziu
Pera vir possuir a nobre Hespanha :
Poder tammanho juncto não se viu ,
Despois que o salso mar a terra banha :
Trazem ferocidade , e furor tanto ,
Que a vivos mêdo , e a mortos faz espanto.

CIV.

« Aquelle , que me déste por marido ,
Por defender sua terra amedrontada ,
Co' o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da maura espada ;
E se não for contigo soccorrido
Ver-me-has d' elle , e do reino ser privada ,
Viuva , e triste , e posta em vida escura ,
Sem marido , sem reino , e sem ventura.

CV.

« Portanto, o' rei, de quem com puro medo
 O corrente Mulucha se congella;
 Rompe toda a tardança; acude cedo
 A' miseranda gente de Castella:
 Se esse gesto, que mostras claro e ledô,
 De pae o verdadeiro amor assella,
 Acude, e corre pae; que se não corres,
 Pode ser que não aches quem soccorres. »

CVI.

« Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Jupiter seu pae favor pedia
 Pera Eneas seu filho navegando;
 Que a tanta piedade o commovia,
 Que cahido das mãos o raio infando,
 Tudo o clemente padre lhe concede,
 Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.

CVII.

« Mas ja co' os esquadrões da gente armada
 Os eborenses campos vão coalhados:
 Lustra co' o sol o arnez, a lança, a espada;
 Vão rinchando os cavallo jaezados.
 A canora trombeta embandeirada,
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

« Entre todos no meio se sublima ,
Das insignias reaes acompanhado ,
O valeroso Afonso , que per cima
De todos leva o collo alevantado ;
E somente co' o gesto esforça , e anima
A qualquer coração amedrontado :
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil , rainha d' ella.

CIX.

« Junctos os dous Afonsos finalmente
Nos campos de Tarifa , estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem são pequenos campo , e monte.
Não ha peito tam alto , e tam potente ,
Que de desconfiança não se affronte ,
Em quanto não conheça , e claro veja ,
Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX.

« Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos christãos fraco e pequeno ;
As terras , como suas , repartindo
Antemão entre o exército agareno ,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome saraceno :
Assi tambem com falsa conta e nua ,
A' nobre terra alheia chamam sua.

CXI.

« Qual o membrudo e barbaro gigante,
(Do rei Saul, com causa, tam temido)
Vendo o pastor inerme estar diante,
So de pedras, e esforço apercebido;
Com palavras suberbas, o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a fe, que a força humana :

CXII.

« D' est' arte o Mouro perfido despreza
O poder dos christãos, e não intende
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrífico se rende :
Com ella o Castelhana, e com destreza,
De Marrocos o rei commette, e offende :
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

« Eis as lanças, e espadas retiniam
Per cima dos arnezes : bravo estrago!
Chamam (segundo as leis, que alli seguiam)
Uns Mafamede, e os outros Sanct' Iago.
Os feridos com grita o ceo feriam ;
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV.

« Com esforço tammanho estrue , e mata
O Luso ao Granadil , que em pouco espaço -
Totalmente o poder lhe desbarata ,
Sem lhe valer defesa , ou peito d' aço.
De alcançar tal victória , tam barata
Inda não bem contente o forte braço ,
Vai ajudar ao bravo Castelhana ,
Que pelejando está co' o Mauritano.

CXV.

« Ja se ía o sol ardente recolhendo
Pera a casa de Thétis ; e inclinado
Pera o Ponente , o véspero trazendo ,
Estava o claro dia memorado :
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes rês desbaratado
Com tanta mortandade , que a memoria
Nunca no mundo viu tam gran' victoria.

CXVI.

« Não matou a quarta parte o forte Mario ,
Dos que morreram n' este vencimento ,
Quando as aguas co' o sangue do avversario
Fez beber ao exército sedento :
Nem o Peno , asperíssimo contrario
Do romano poder , de nascimento ,
Quando tantos matou da illustre Roma ,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

« E se tu tantas almas so podeste
Mandar ao reino escuro de Cocito ,
Quando a sancta cidade desfizeste
Do povo , pertinaz no antigo rito ;
Permissão , e vingança foi celeste ,
E não força de braço , o' nobre Tito ;
Que assi dos vates foi prophetizado ,
E depois per JESU certificado.

CXVIII.

« Passada esta tam próspera victoria ,
Tornado Afonso á lusitana terra ,
A se lograr da paz com tanta gloria ;
Quanta soube ganhar na dura guerra ;
O caso triste , e dino de memoria ,
Que do sepulcro os homens desenterra ,
Aconteceu da mísera e mesquinha ,
Que , depois de ser morta , foi rainha.

CXIX.

« Tu so , tu ; puro Amor , com força cruá ,
(Que os corações humanos tanto obriga)
Dêste causa á molesta morte sua ,
Como se fôra pérfida inimiga.
Se dizem , fero Amor , que a sêde tua
Nem com lagrymas tristes se mitiga ;
É porque queres , áspero e tyrano ,
Tuás aras banhar em sangue humano.

CXX.

« Estavas ; linda Ihez , postã em socego ;
De teus annos colhendo doce fruito ,
N' aquelle engano da alma , ledõ e cego ;
Que a fortuna não deixa durar muito :
Nos saúdosos campos do Mondego ,
De teus fermosos olhos nunca enxuito ,
Aos montes ensinando ; e ás hervinhas
O nome , que no peito escripto tinhas.

CXXI.

« Do teu principe alli te respondiam
As lembranças ; que n' alma lhe moravam ;
Que sempre ante seus olhos te traziam ,
Quando dos teus fermosos se apartavam ;
De noite em doces sonhos , que mentiam ;
De dia em pensamentos , que voavam :
E quanto emfim cuidava , e quanto via ,
Eram tudo memórias de alegria.

CXXII.

« De outras bellas senhoras , e princezas
Os desejados thálamos engeita ;
Que tudo emfim , tu , puro amor , desprezas ,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pae sesudo (que respeita
O murmurar do povo) e a phantasia
Do filho , que casar-se não queria :

CXXIII.

« Tirar Inez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
Crendo co' o sangue so da morte indina,
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
(Que pode sustentar o grande peso
Do furor mauro) fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada ?

CXXIV.

« Trazian-a os horríficos algozes
Ante o rei, ja movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Saídas so da mágoa, e saudade
Do seu principe, e filhos, que deixava,
Que mais, que a propria morte, a magoava:

CXXV.

« Pera o ceo crystallino alevantando
Com lagrymas os olhos piedosos;
Os olhos; porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E depois nos meninos attentando,
Que tam queridos tinha, e tam mimosos,
Cuja orfandade, como mãe, temia,
Pera o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

« Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento ;
E nas aves agrestes , que somente
Nas rapinas aérias teem o intento ;
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tam piedoso sentimento ,
Como co' a mãe de Nino ja mostraram ,
E co' os irmãos , que Roma edificaram :

CXXVII.

« O' tu , que tens de humano o gesto , e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força , so por ter sujeito
O coração , a quem soube vencella)
A estas criancinhas tem respeito ;
Pois o não tens á morte escura d' ella :
Mova-te a piedade sua , e minha ;
Pois te não move a culpa , que não tinha.

CXXVIII.

« E se , vencendo a maura resistencia ,
A morte sabes dar com fogo , e ferro ;
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem , pera perdê-la , não fez erro.
Mas se t'ó assi merece esta innocencia ,
Põe-me em perpétuo e misero desterro ,
Na Scythia fria , ou la na Libya ardente ,
Onde em lagrymas viva eternamente.

CXXIX.

« Põe-me, onde se use toda a feridade,
 Entre leões, e tigres, e verei,
 Se n' elles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achei:
 Alli co' o amor intrínseco, e vontade
 N'aquelle, por quem mouro, criarei
 Estas reliquias suas, que aqui viste;
 Que refrigerio sejam da mãe triste. »

CXXX.

« Quería perdoar-lhe o rei benino,
 Movido das palavras, que o magoam;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino,
 (Que d' esta sorte o quiz) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que, por bom, tal feito alli pregoam:
 Contra uma dama, o' peitos carniceiros,
 Feros vos amostrais, e cavalleiros?

CXXXI.

« Qual contra a linda môça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha;
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na mísera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece :

CXXXII.

« Taes contra Inez os brutos matadores ,
No collo de alabastro , que sustinha
As obras , com que Amor matou de amores
Aquelle , que depois a fez rainha ,
As espadas banhando , e as brancas flores ,
Que ella dos olhos seus regadas tinha ,
Se encarniçavam férvidos e irosos ,
No futuro castigo não cuidadosos .

CXXXIII.

« Bem poderas , o' sol , da vista d' estes
Teus raios apartar aquelle dia ,
Como da séva mesa de Thyestes ,
Quando os filhos per mão de Atreu comia !
Vós , o' concavos valles , que podestes
A voz extrema ouvir da bocca fria ,
O nome do seu Pedro , que lhe ouvistes ,
Per muito grande espaço repetistes !

CXXXIV.

« Assi como a bonina , que cortada
Antes do tempo foi , candida e bella ,
Sendo das mãos lascivas maltractada
Da menina , que a trouxe na capella ,
O cheiro traz perdido , e a côr murchada :
Tal está morta a pallida donzella ,
Seccas do rosto as rosas , e perdida
A branca e viva côr , co' a doce vida .

CXXXV.

« As filhas do Mondego a morte escura ,
Longo tempo chorando , memoraram ;
E , por memoria eterna , em fonte pura
As lagrymas choradas transformaram :
O nome lhe pozeram , que inda dura ,
Dos amores de Inez , que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores ,
Que lagrymas são a agua , e o nome amores.

CXXXVI.

« Não correu muito tempo , que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas ;
Que , em tomando do reino a governança ,
A tomou dos fugidos homicidas :
De outro Pedro cruíssimo os alcança ;
Que ambos imigos das humanas vidas ,
O concerto fizeram duro e injusto ,
Que com Lévido , e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

« Este , castigador foi rigoroso
De latrocinios , mortes , e adulterios :
Fazer nos maus cruezas , fero e iroso
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justicoso
De todos os suberbos vituperios ,
Mais ladrões , castigando , á morte deu ,
Que o vagabundo Alcides , ou Theseu.

CXXXVIII.

« Do justo e duro Pedro nasce o brando ,
(Vêde da natureza o desconcerto !)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando ,
Que todo o reino poz em muito aperto :
Que, vindo o Castelhana devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente;
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

« Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Lianor a seu marido ,
E casar-se com ella, de enlevado
N' um falso parecer mal entendido :
Ou foi, que o coração sujeito, e dado
Ao vicio vil, de quem se viu rendido,
Molle se fez, e fraco; e bem parece ;
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

« Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quiz, e permittiu ;
Os que foram roubar a bella Helena ;
E com A'pio tambem Tarquino o viu :
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o tribu illustre destruiu
De Benjamin? Bem claro nol-o ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXXI.

« E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado ;
Bem no filho de Alcmêna se parece ,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece ,
Com ser tanto a Cleopátra affeioado.
Tu tambem Peno próspero o sentiste ,
Despois que a môça vil na Apulia viste.

CXXII.

« Mas quem pode livrar-se per ventura
Dos laços, que Amor arma brandamente
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente ?
Quem de uma peregrina fermosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não ; mas em desejo acceso ?

CXXIII.

« Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angélica excellencia,
Que em si stá sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia ?
Desculpado por certo está Fernando,
Pera quem tem de amor experiencia :
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS.



CANTO QUARTO.



I.

« Depois de procellosa tempestade ,
Nocturna sombra , e sibilante vento ,
Traz a manhã serena claridade ,
Esperança de porto e salyamento :
Aparta o sol a negra escuridade ,
Removendo o temor do pensamento :
Assi no reino forte aconteceu ,
Despois que o rei Fernando falleceu.

II.

« Porque , se muito os nossos desejaram
Quem os damnos , e offensas ya vingando
N'aquelles , que tam bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando ;
Despois de pouco tempo o alcançaram ,
Joanne sempre illustre alevantando
Por rei , como de Pedro unico herdeiro ,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

« Ser isto ordenação dos ceos divina ,
Per signaes muito claros se mostrou ,
Quando em Evora a voz de uma menina ,
Ante tempo fallando , o nomeou :
E como cousa emfim que o ceo destina ,
No berço o corpo , e a voz alevantou :
« Portugal, Portugal (alçando a mão ,
Disse) pelo rei novo Dom João.»

IV.

« Alteradas então do reino as gentes ,
Co' o odio , que occupado os peitos tinha ,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, per onde vinha :
Matando vão amigos, e parentes
Do adúltero conde , e da rainha ,
Com quem sua incontinencia deshonestas
Mais , depois de viuva , manifesta.

V.

« Mas elle emfim , com causa deshonorado ,
Diante d' ella , a ferro frio morre ,
De outros muitos na morte acompanhado ;
Que tudo o fogo erguido queima , e corre :
Quem , como Astyanax , precipitado ,
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre ,
A quem ordens , nem aras , dão respeito ;
Quem nu per ruas , e em pedaços feito .

VI.

« Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes , que Roma viu ,
Feitas do feroz Mário , e do cruento
Sylla , quando o contrario lhe fugiu.
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto conde ao mundo descobriu ,
Faz contra Lusitania vir Castella ,
Dizendo « ser sua filha herdeira d' ella. »

VII.

« Beatriz era a filha , que casada
Co' o Castelhana está, que o reino pede ,
Por filha de Fernando reputada ,
Se a corrompida fama lh'o concede.
Com esta voz, Castella alevantada ,
Dizendo « que esta filha ao pae succede , »
Suas forças ajuncta pera as guerras ,
De varias regiões , e varias terras.

VIII.

« Véem de toda a provincia , que de um Brigo ,
(Se foi) ja teve o nome derivado ;
Das terras , que Fernando , e que Rodrigo ,
Ganharam do tyranno e mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co' o duro arado
Os campos leonezes , cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

« Os Vandalos , na antiga valentia
Ainda confiados , se ajunctavam
Da cabeça de toda Andaluzia ,
Que do Guadalquivir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia ,
Que antiguamente os Tyrios habitavam ;
Trazendo per insignias verdadeiras ,
As hercúleas columnas nas bandeiras.

X.

« Tambem véem la do reino de Toledo ,
Cidade nobre e antiga , a quem cercãdo
O Tejo emtôrno vai suave e ledô ;
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo ,
O' sordidos Gallegos , duro bando ,
Que , pera resistirdes , vos armastes ,
A'quelles cujos golpes já provastes.

XI.

« Tambem movem da guerra as negras fúrias
A gente biscaíha , que carece
De polidas razões , e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua , e das Asturias ,
Que com minas de ferro se ennobrece ,
Armou d' elle os suberbos matadores ,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

« Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão hebrêu da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co' os poucos de seu reino se aparelha:
E não porque conselho lhe fallece,
Co' os principaes senhores se aconselha,
Mas so por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve, entre muitos, differenças.

XIII.

« Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todós na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade:
Negam o rei, e a patria; e, se convem,
Negarão (como Pedro) o Deus, que tem.

XIV.

« Mas nunca foi, que este erro se sentisse
No forte Dom Nun' Alvares; mas antes,
(Postoque em seus irmãos tam claro o visse)
Reprovando as vontades inconstantes,
A'quellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras, que elegantes
(A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo):

XV.

« Como? Da gente illustre portugueza,
Ha de haver quem refuse o patrio marte?
Como? D' esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sair quem negue ter defeza?
Quem negue a fe, o amor, o esforço e arte
De Portuguez? e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

XVI.

« Como? Não sois vós inda os descendentes
D' aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Pozeram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa, que tiveram?

XVII.

« Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Per Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão co' os vossos fortes paes, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pôs,
Torne -vos vossas forças o rei novo;
Se é certo, que co' o rei, se muda o povo.

XVIII.

« Rei tendes tal , que se o valor tiverdes
Igual ao rei , que agora alevantastes ,
Desbaratareis tudo o que quizerdes ,
Quanto mais a quem ja desbaratastes :
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante mêdo , que tomastes ,
Atai as mãos a vosso vão receio ,
Que eu so resistirei ao jugo alheio.

XIX.

« Eu so com meus vassallos , e com esta ,
(E dizendo isto , arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta ,
A terra nunca de outrem sujugada :
Em virtude do rei , da patria mesta ,
Da lealdade ja per vós negada ,
Vencerei , não so estes aversarios ,
Mas quantos a meu rei forem contrarios. »

XX.

« Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canúsio , reliquias sos de Canas ,
Ja pera se entregar , quasi movidos
A' fortuna das gentes africanas ;
Cornelio moço os faz , que compellidos
Da sua espada , jurem , que as romanas
Armas não deixarão , em quanto a vida
Os não deixar , ou n' ellas for perdida :

XXI.

« D'est' arte a gente fôrça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações :
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremeções;
Vão correndo, e gritando, á bocca aberta :
« Viva o famoso rei, que nos liberta. »

XXII.

« Das gentes populares, uns approvam
A guerra com que a patria se sustinha:
Uns as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha :
Capacetes estofam, peitos provam;
Arma-se cadaum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com lettras, e tenções de seus amores.

XXIII.

« Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sai da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armígeros regia
Quem pera reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

XXIV.

« Dom Nun' Alvares, digo, verdadeiro
Açoute de suberbos Castelhanos,
Como ja o fero Hunno o foi primeiro
Pera Francezes, pera Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandal-os e regellos,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

« E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas, e castellos o pendão,
Com Joanne rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

« Estavam pelos muros temerosas,
E de um alegre mêdo quasi frias,
Rezando as mães, irmãs, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Ja chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

XXVII.

« Respondem as trombetas messageiras,
Pífaros sibilantes, e atambores ;
Alferезes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores ;
Entra em Astrea o sol, no mez de agosto ;
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

« Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso :
Ouviu-o o monte Artábros; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso :
Ouviu-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso :
E as mães, que o som terrível escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX.

« Quantos rostos allí se vêm sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo !
Que nos perigos grandes, o temor
É maior, muitas vezes, que o perigo :
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida cara.

XXX.

« Começa-se a travar a incerta guerra ;
De ambas partes se move a primeira ala ;
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala :
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala ;
Derriba, e encontra, e a terra emfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

XXXI.

« Ja pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam :
Debaixo dos pes duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soam :
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quédas, co' as duras armas, tudo atroam :
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII.

« Eis alli seus irmãos contra elle vão :
(Caso feo e cruel!) mas não se espanta ;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o rei, e a patria se alevanta :
D' estes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos, e parentes (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio, e Manho.

XXXIII.

« O' tu Sertorio , o' nobre Coriolano ,
Catilina ; e vós outros dos antigos ,
Que contra vossas patrias , com profano
Coração , vos fizestes inimigos ;
Se la no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos ,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

« Rompem-se aqui dos nossos os primeiros ;
Tantos dos inimigos a elles vão !
Está alli Nuno , qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão ,
Que cercado se ve dos cavalleiros ,
Que os campos vão correr de Tetuão ;
Perseguen-o co' as lanças ; e elle iroso ,
Torvado um pouco está , mas não medroso.

XXXV.

« Com torva vista os ve ; mas a natura
Ferina , e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê ; mas antes na espessura
Das lanças se arremeça , que recrecem.
Tal está o cavalleiro , que a verdura
Tinge co' o sangue alheio : alli perecem
Alguns dos seus ; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

« Sintiu Joanne a affronta , que passava
Nuno; que , como sabio capitão ,
Tudo corria , e via , e a todos dava ,
Com presença e palavras , coração.
Qual parida leoa , fera e brava ,
Que os filhos , que no ninho sos estão ,
Sentiu que , em quanto pasto lhe buscara ,
O pastor de Massylia lh' os furtara :

XXXVII.

« Corre raivosa , e freme , e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa , e abala :
Tal Joanne , com outros escolhidos
Dos seus , correndo acode á primeira ala.
« O' fortes companheiros , o' subidos
Cavalleiros , a quem nenhum se iguala ,
Defendei vossas terras ; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

« Vedes-me aqui rei vosso , e companheiro ;
Que entre as lanças , e settas , e os arnezes
Dos inimigos corro , e vou primeiro :
Pelejai verdadeiros Portuguezes. »
Isto disse o magnânimo guerreiro ;
E sopesando a lança quatro vezes ,
Com força tira ; e d' este unico tiro ,
Muitos lançaram o último suspiro.

XXXIX.

« Porque eis os seus accesos novamente
 De uma nobre vergonha, e honroso fogo,
 Sôbre qual mais com ânimo valente
 Perigos vencerá do marcio jogo,
 Perfiam : tinge o ferro o fogo ardente ;
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
 Assi recebem juncto, e dão feridas,
 Como a quem ja não doe perder as vidas.

XL.

« A muitos mandam ver o Estygio lago,
 Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
 O mestre morre alli de Sanct-Iago,
 Que fortissimamente pelejava:
 Morre tambem, fazendo grande estrago,
 Outro mestre cruel de Calatrava:
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o ceo, e os fados.

XLI.

« Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo;
 Onde o trifauce cão perpetua fome
 Tem das almas, que passam d' este mundo:
 E porque mais aqui se amanse, e dome
 A suberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira castelhana
 Foi derribada aos pés da lusitana. .

XLII.

« Aqui a fera batalha se encrucece
Com mortes , gritos , sangue , e cutiladas :
A multidão da gente , que perece ,
Teem as flores da propria côr mudadas :
Ja as costas dão , e as vidas ; ja fallece
O furor , e sobejam as lançadas ;
Ja de Castella o rei desbaratado
Se ve , e de seu proposito mudado.

XLIII.

« O campo vai deixando ao vencedor ,
Contente de lhe não deixar a vida :
Seguen-o os que ficaram ; e o temor
Lhe dá , não pés , mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte , da fazenda despendida ,
Da magoa , da deshonna , e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

« Alguns vão maldizendo , e blasphemando
Do primeiro , que guerra fez no mundo ;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo ,
Que , por tomar o alheio , o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo ;
Deixando tantas mães , tantas esposas
Sem filhos , sem maridos , desditosas.

XLV.

« O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo , em grande gloria :
 Com offertas despois , e romarias ,
 As graças deu a quem lhe deu victoria.
 Mas Nuno , que não quer per outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria ,
 Senão per armas sempre soberanas ,
 Pera as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

« Ajuda-o seu destino de maneira ,
 Que fez igual o effeito ao pensamento ;
 Porque a terra dos Vândalos fronteira
 Lhe concede o despojo , e o vencimento.
 Ja de Sevilha a bética bandeira ,
 E de varios senhores , n' um momento
 Se lhe derriba aos pés , sem ter defeza ,
 Obrigados da força portugueza.

XLVII.

« D' estas , e outras victorias longamente
 Eram os Castelhanos opprimidos ;
 Quando a paz , desejada ja da gente ,
 Deram os vencedores aos vencidos ;
 Despois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os rês inimigos por maridos
 A's duas illustrissimas Inglezas ,
 Gentis , fermosas , inclytas princezas.

XLVIII.

« Não sofre o peito forte , usado á guerra ,
Não ter imigo ja a quem faça dano ;
E assi , não tendo a quem vencer na terra ,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este é o primeiro rei , que se desterra
Da patria , por fazer que o Africano
Conheça pelas armas , quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

« Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta ;
Abrindo as pandas azas vão ao vento
Pera onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla , e o nobre fundamento
De Ceita toma , e o torpe Mahometa
Deita fóra ; e segura toda Hespanha
Da juliana , má e desleal manha.

L.

« Não consentiu a morte tantos anos
Que de heroe tam ditoso se lograsse
Portugal : mas os coros soberanos
Do ceo supremo quiz que povoasse :
Mas pera defensão dos Lusitanos
Deixou , quem o levou , quem governasse ,
E augmentasse a terra mais que d' antes ,
Inclyta geração , altos infantes.

LI.

« Não foi do rei Duarte tam ditoso
O tempo, que ficou na summa alteza ;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
Pois inda n' este reino, e n' este rei,
Não usou ella tanto d' esta lei.

LII.

« Viu ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tam altas empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s' entregava.
So por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita :
Mais o publico bem, que o seu respeita.

LIII.

« Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida :
Régulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida :
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

« Mas Afonso, do reino unico herdeiro ,
(Nome em armas ditoso em nossa Hesperia)
Que a suberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humíllima miseria ,
Fôra por certo invicto cavalleiro ,
Se não quizera ir ver a terra iberia :
Mas Africa dirá ser impossibil ,
Poder ninguem vencer o rei terribil.

LV.

« Este pôde colher as maçãs de ouro ,
Que somente o tyrínthio colher pode :
Do jugo que lhe poz , o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro , que acode
A defender Alcácer, forte villa ,
Tangere populoso , e a dura Arzilla.

LVI.

« Porêem ellas emfim , per força entradas ,
Os muros abaixaram de diamante
A's portuguezas forças , costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas extremadas ,
E de escriptura dignas elegante ,
Fizeram cavalleiros n' esta empreza ,
Mais afinando a fama portugueza.

LVII.

« Porêem depois , tocado de ambição ,
E gloria de mandar, amara e bella ,
Vai commetter Fernando d' Aragão ,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajuncta-se a inimiga multidão
Das suberbas e várias gentes d' ella ,
Desde Cadiz ao alto Pyreneu ;
Que tudo ao rei Fernando obedeceu.

LVIII.

« Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne ; e logo ordena
De ir ajudar o pae ambicioso ,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saíu-se emfim do trance perigoso
Com fronte não torvada , mas serena ,
Desbaratado o pae sanguinolento ;
Mas ficou duvidoso o vencimento :

LIX.

« Porque o filho sublime e soberano ,
Gentil, forte , animoso cavalleiro ,
Nos contrarios fazendo immenso dano ,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
D'est' arte foi vencido Octaviano ,
E Antonio vencedor, seu companheiro ,
Quando d'aquelles que Cesar mataram ,
Nos philíppicos campos se vingaram.

LX.

« Porêm depois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no ceo sereno ,
O principe , que o reino então governa ,
Foi Joanne segundo , e rei trezeno .
Este , por haver fama sempiterna ,
Mais do que tentar póde homem terreno ,
Tentou ; que foi buscar da roxa Aurora
Os términos , que eu vou buscando agora .

LXI.

« Manda seus messageiros , que passaram
Hespanha , França , Italia celebrada ;
E la no illustre porto se embarcaram ,
Onde ja foi Parthénope enterrada ;
Napolés , onde os fados se mostraram :
Fazendo-a a varias gentes sujugada ,
Pola illustrar no fim de tantos anos
Co' o senhorio de ínclytos hispanos .

LXII.

« Pelo mar alto Sículo navegam ;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas ;
E d' alli ás ribeiras altas chegam ,
Que com morte de Manho , são famosas .
Vão a Mêmphis , e ás terras , que se regam
Das enchentes nilóticas undosas ;
Sobem á Ethiópia , sobre Egito ,
Que de Christo la guarda o sancto rito .

LXIII.

« Passam tambem as ondas erythreas ,
Que o povo de Israel sem nau passou ;
Ficam-lhe atraz as serras nabatheas ,
Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
As costas odoríferas sabeas ,
Que a mãe do bello Adónis tanto honrou ,
Cercam , com toda a Arabia descoberta
Feliz , deixando a pétrea , e a deserta.

LXIV.

« Entram no estreito pérsico , onde dura
Da confusa Babel inda a memoria :
Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura ,
Que as fontes onde nascem teem por gloria.
D' alli vão em demanda da agua pura
(Que causa inda será de larga historia)
Do Indo , pelas ondas do Oceano ,
Onde não se atreveu passar Trajano.

LXV.

« Viram gentes incógnitas e estranhas
Da India , da Carmânia , e Gedrosia ,
Vendo varios costumes , varias manhas ,
Que cada região produz , e cria.
Mas de vias tam ásperas , tamanhas ,
Tornar-se facilmente não podia :
La morreram emfim , e la ficaram ;
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI.

« Parece que guardava o claro ceo
A Manuel, e seus merecimentos
Esta empresa tam árdua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manuel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

« O qual, como do nobre pensamento
D' aquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra cara)
Não deixasse de ser um so momento
Conquistado no tempo que a luz clara
Fuge, e as estrellas nítidas, que saiem,
A repouso convidam quando caiem;

LXVIII.

« Estando ja deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são;
Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue, a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheu em varias fórmãs lhe apparece.

LXIX.

« Aqui se lhe apresenta que subia
Tam alto, que tocava a prima esphera ,
D' onde diante varios mundos via ,
Nações de muita gente estranha e fera:
E la bem juncto d' onde nasce o dia ,
(Despois que os olhos longos estendera)
Viu de antiquos , longínquos e altos montes
Nascерem duas claras e altas fontes.

LXX.

« Aves agrestes , feras , e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam :
Mil arvores silvestres , e hervas varias
O passo , e o tracto ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas aversarias
De mais conversação , per si mostravam ,
Que desde Adão peccou , a nossos anos .
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI.

« Das aguas se lhe antolha que saíam ,
Pera elle os largos passos inclinando ,
Dous homens , que mui velhos pareciam ,
De aspecto , indaque agreste , venerando :
Das pontas dos cabellos lhe caíam
Gottas , que o corpo todo vão banhando ;
A côr da pelle baça e denegrída ;
A barba hirsuta , intonsa , mas comprída.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e hervas tinha :
Um d'elles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha :
E assi a agua, com ímpetu alterada,
Parecia que d'outra parte vinha ;
Bem como Alpheu de Arcádia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

« Este, que era o mais grave na pessoa,
D'est' arte pera o rei de longe brada :
« O' tu, a cujos reinos, e coroa,
Grande parte do mundo está guardada ;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisámos que é tempo que ja mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

« Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro :
Est' outro é o Indo, rei, que n'esta serra
Que ves, seu nascimentó tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra ;
Mas insistindo tu, per derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes ves, porás o freio. »

LXXV.

« Não disse mais o rio illustre e santo ;
Mas ambos desaparecem n' um momento :
Acorda Manuel c' um novo espanto ,
E grande alteração de pensamento.
Estendeu n' isto Phebo o claro manto ,
Pelo escuro hemispherio somnolento ;
Veio a manhã no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa , e roxas flores.

LXXVI.

« Chama o rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão ;
As palavras lhe diz do sancto velho ,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o náutico apparelho ,
Pera que com sublime coração
Va a gente , que mandar, cortando os mares ,
A buscar novos climas , novos ares.

LXXVII.

« Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia ;
Que sempre grandes cousas d' este geito
Presago o coração me promettia ;
Não sei porque razão , porque respeito ,
Ou porque bom signal , que em mi se via ,
Me põe o ínclyto rei nas mãos a chave
D' este commettimento grande e grave.

LXXVIII.

« E com rogo , e palavras amorosas ,
(Que é um mando nos rês, que a mais obriga)
Me disse : « As cousas árduas e lustras
Se alcançam com trabalho , e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas
A vida , que se perde , e que periga ;
Que quando ao mêdo infame não se rende ,
Então , se menos dura , mais se estende.

LXXIX.

« Eu vos tenho , entre todos , escolhido
Pera uma empresa , qual a vos se deve ;
Trabalho illustre , duro e esclarecido ;
O que eu sei , que por mi vos será leve. »
Não sofri mais ; mas logo : « O' rei subido ,
Aventurar-me a ferro , a fogo , a neve ,
É tam pouco por vós , que mais me pena
Ser esta vida cousa tam pequena.

LXXX.

« Imaginai tammanhas aventuras ,
Quaes Eurystheu a Alcides inventava ;
O leão cleoneu , Harpyas duras ,
O porco de Erymantho , a Hydra brava :
Descer emfim ás sombras vãs e escuras ,
Onde os campos de Dite a Estyge lava ;
Porque a maior perigo , a mor affronta ,
Por vós , o' rei , o esp'ritu , e a carne é pronta. »

LXXXI.

« Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive, e crece,
E o louvor altos casos persuade.
Acompanhar-me logo se offerece,
(Obrigado d'amor, e de amizade)
Não menos cubiçoso de honra, e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

LXXXII.

« Mais se me ajuncta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia, e de conselho,
D'experiencia em armas, e furor.
Ja de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tammanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

« Foram de Manuel remunerados;
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajunctados,
Pera que o véo dourado combatessem,
Na fatídica nau, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV.

« E ja no porto da ínclÿta Ulyssca ,
C'um alvoroço nobre , e c'um desejo ,
(Onde o liquor mistura, e branca area ,
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naus prestes estão : e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo ;
Porque a gente marítima , e a de Marte
Estão pera seguir-me a toda parte.

LXXXV.

« Pelas praias vestidos os soldados
De varias côres véem, e varias artes ;
E não menos de esforço apparelhados
Pera buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos socegados
Ondeam os aérios estandartes :
Ellas promettem , vendo os mares largos ,
De ser no Olympo estrellas , como a de Argos.

LXXXVI.

« Depois de apparelhados d' esta sorte
De quanto tal viagem pede , e manda ,
Apparelhámos a alma pera a morte ,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Pera o summo Poder, que a ethérea corte
Sustenta so co' a vista veneranda ,
Implorámos favor, que nos guiasse ,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

« Partimo-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está sentado,
Que o nome tem da terra pera exemplo,
D'onde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, o' rei, que se contemplo
Como fui d'estas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

« A gente da cidade aquelle dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saúdosos na vista, e descontentes :
E nós co' a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deus orando,
Pera os bateis viemos caminhando.

LXXXIX.

« Em tam longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam ;
As mulheres c' um choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam :
Mães, esposas, irmãs (que o temeroso
Amor mais desconfia) accrecentavam
A desesperação, e frio medo
De ja nos não tornar a ver tam cedo.

XC.

« Qual vai dizendo: « O' filho, a quem eu tinha
So pera refrigerio, e doce amparo
D' esta cansada ja velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro;
Porque me deixas mísera e mesquinha?
Porque de mi te vas, o' filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento? »

XCI.

« Qual em cabelo: « O' doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é vossa?
Como per um caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tam doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as vélas leve o vento? »

XCII.

« N' estas, e outras palavras, que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos ós seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca areia as lagrymas banhavam;
Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII.

« Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, n'este estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado :
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado ;
Que, postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV.

« Mas um velho d' aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente ;
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C' um saber so d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito :

XCV.

« Oh gloria de mandar! Oh vã cubiça
D'esta vaidade, a quem chamâmos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C' uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tammanho, e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes! que perigos! que tormentas!
Que crueldades n' elles exp'rimentas!

XCVI.

« Dura inquietação d' alma , e da vida ,
Fonte de desamparos , e adulterios ,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas , de reinos , e de imperios :
Chamam-te illustre , chamam-te subida ,
Sendo digna de infames vituperios ;
Chamam-te fama , e gloria soberana ,
Nomes com quem se o povo nescio engana !

XCVII.

« A que novos desastres determinas
De levar estes reinos , e esta gente ?
Que perigos , que mortes lhe destinas
Debaixo d' algum nome preeminente ?
Que promessas de reinos , e de minas
D' ouro , que lhe farás tam facilmente ?
Que famas lhe prometterás ? que historias ?
Que triumphos ? que palmas ? que victorias ?

XCVIII.

« Mas o' tu , geração d' aquelle insano ,
Cujo peccado , e desobediencia ,
Não somente do reino soberano
Te poz n' este desterro , e triste ausencia ,
Mas inda d' outro estado mais que humano ,
Da quieta , e da simples innocencia
Da idade d' ouro , tanto te privou ,
Que na de ferro , e d' armas te deitou :

XCIX.

« Ja que n' esta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia ;
Ja que á bruta crueza , e feridade
Pozeste nome esforço , e valentia ;
Ja que prézas em tanta cantidade
O desprezo da vida , que devia
De ser sempre estimada ; pois que já
Temeu tanto perdel-a quem a dá :

C.

« Não tens juncto contigo o Ismaelita ,
Com quem sempre terás guerras sobejas ?
Não segue elle do Arábio a lei maldita ,
Se tu pola de Christo so pelejas ?
Não tem cidades mil , terra infinita ,
Se terras , e riqueza mais desejas ?
Não é elle per armas esforçado ,
Se queres per victórias ser louvado ?

CI.

« Deixas crear ás portas o inimigo ,
Por ires buscar outro de tam longe ,
Per quem sè despovoe e reino antigo ,
Se enfraqueça , e se va deitando a longe ?
Buscas o incerto e incógnito perigo ,
Porque a fama te exalte , e te lisonge ,
Chamando-te senhor , com larga copia ,
Da India , Persia , Arábia , e de Ethiopia ?

CII.

« Oh maldicto o primeiro, que no mundo
Nas ondas véla poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo, e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo ingenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas contigo se acabe o nome, e gloria.

CIII.

« Trouxe o filho de Jápeto do ceo
O fogo, que ajunctou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV.

« Não commettera o moço miserando
O carro alto do pae, nem o ar vasio
O grande architector, co' o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto e nefando,
Per fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição! »

OS LUSIADAS.



CANTO QUINTO.



I.

« Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava , quando abrimos
As azaç ao sereno e socegado
Vento , e do porto amado nos partimos :
E , como é ja no mar costume usado ,
A véla desfraldando , o ceo ferimos ,
Dizendo : « Boa viagem » : logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

« Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal Neméu truculento ;
E o mundo , que com tempo se consume ,
Na sexta idade andava enfermo e lento :
N'ella ve , como tinha per costume ,
Cursos do sol quatorze vezes cento ,
Com mais noventa e sete , em que corria ,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

«Ja a vista pouco e pouco se desterra
D' aquelles patrios montes, que ficavam :
Ficava o caro Tejo , e a fresca serra
De Cintra; e n' ella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas la deixavam ;
E ja despois que toda se escondeo ,
Não vimos mais emfim que mar, e ceo.

IV.

« Assi fomos abrindo aquelles mares ,
Que geração alguma não abriu ,
As novas ilhas vendo , e os novos ares ,
Que o generoso Henrique descobriu :
De Mauritânia os montes , e logares ,
Terra, que Antheo n' um tempo possuiu ,
Deixando á mão esquerda ; que á direita
Não ha certeza d' outra , mas suspeita.

V.

« Passámos a grande ilha da Madeira ,
(Que do muito arvoredado assi se chama)
Das que nós povoámos, a primeira ,
Mais célebre per nome, que per fama :
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama ;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido , Páphos , e Cythera.

VI.

« Deixámos de Massylia a esteril costa ,
Onde seu gado os Azenegues pastam ;
Gente , que as frescas aguas nunca gosta ,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam :
A terra a nenhum fruto emfim disposta ,
Onde as aves no ventre o ferro gastam ,
Padecendo de tudo extrema inopia ,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

« Passámos o limite aonde chega
O sol , que pera o Norte os carros guia ,
Onde jazem os povos , a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
Aqui gentes estranhas lava , e rega
Do negro Sanagá a corrente fria ,
Onde o cabo Arsinário o nome perde ,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII.

« Passadas tendo ja as Canárias ilhas ,
Que tiveram per nome Fortunadas ,
Entrámos , navegando , pelas filhas
Do velho Hespério , Hespérides chamadas ;
Terras per onde novas maravilhas
Andaram vendo ja nossas armadas :
Alli tomámos porto com bom vento ,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

« A'quella ilha aportámos , que tomou
O nome do guerreiro Sanct' Iago ;
Sancto , que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
D' aqui , tanto que Bóreas nos ventou ,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano ; e assi deixámos
A terra , onde refrêsko doce achámos.

X.

« Per aqui rodeando a larga parte
De Africa , que ficava ao Oriente ;
A provincia Jalofo , que reparte
Per diversas nações a negra gente ;
A mui grande Mandinga , per cuja arte
Lográmos o metal rico e luzente ,
Que do curvo Gambêa as aguas bebe ,
As quaes o largo Atlântico recebe :

XI.

« As Dórcadas passámos , povoadas
Das irmãs , que outro tempo alli viviam ;
Que de vista total sendo privadas ,
Todas tres d' um so olho se serviam.
Tu so , tu cujas tranças encrespadas
Neptuno la nas aguas accendiam ,
Tornada ja de todas a mais fêa ,
De víboras encheste a ardente arêa.

XII.

« Sempre emfim pera o Austro a aguda proa ,
No grandissimo golpham nos mettemos ,
Deixando a serra aspérrima Leoa ,
Co' o cabo , a quem das Palmas nome demos.
O grande rio , onde batendo soa
O mar nas praias nôtas , que alli temos ,
Ficou , co' a ilha illustre , que tomou
O nome d' um , que o lado a Deus tocou.

XIII.

« Alli o mui grande reino está de Congo ,
Per nós ja convertido á fe de Christo ,
Per onde o Zaire passa claro e longo ;
Rio pelos antiguos nunca visto.
Per este largo mar emfim me alongo
Do conhecido pólo de Callisto ,
Tendo o término ardente ja passado ,
Onde o meio do mundo é limitado.

XIV.

« Ja descoberto tínhamos diante ,
La no novo hemisphério , nova estrella ,
Não vista de outra gente , que ignorante
Alguns tempos esteve incerta d' ella.
Vimos a parte menos rutilante ,
E , por falta d' estrellas , menos bella ,
Do pólo fixo , onde inda se não sabe
Que outra terra comece , ou mar acabe.

XV.

« Assi passando aquellas regiões,
Per onde duas vezes passa Apolo,
Dous hibernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d' um ao outro polo;
Per calmas, per tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ussas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

« Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não intendem,
Subitas trovoadas temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Aindaque eu tivesse a voz de ferro.

XVII.

« Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que teem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas so pela apparencia;
E que os que teem juizos mais inteiros,
Que so per puro ingenho, e per sciencia,
Vêem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

« Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a marítima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

« Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho, e sutil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
D'aqui levado um cano ao pólo sumo
Se via, tam delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da matéria das nuvens parecia.

XX.

« I'a-se pouco e pouco accrescentandó,
E mais que um largo masto se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co' as ondas ondeando;
Em cima d' elle ãa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co' o cargo grande d' agua em si tomada.

XXI.

« Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimária (que imprudente
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co' o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando máis e mais se engrossa , e cria ;
Alli se enche , e se alarga grandemente :
'Tal a grande columna , enchendo , augmenta
A si , e a nuvem negra , que sustenta.

XXII.

« Mas depois que de todo se fartou ,
O pe , que tem no mar , a si recolhe ;
E pelo ceo , chovendo , emfim voou ;
Porque co' a agua a jacente agua molhe :
A's ondas torna as ondas , que tomou ;
Mas o sabor do sal lhe tira , e tolhe.
Vejam agora os sabios na escritura ,
Que segredos são estes da natura.

XXIII.

« Se os antigos philosophos , que andaram
Tantas terras , por ver' segredos d' ellas ,
As maravilhas , que eu passei , passaram ,
A tam diversos ventos dando as vellas ;
Que grandes escripturas , que deixaram !
Que influição de signos , e de estrellas !
Que estranhezas ! que grandes calidades !
E tudo , sem mentir , puras verdades.

XXIV.

« Mas ja o planeta , que no ceo primeiro
Habita , cinco vezes apressada ,
Agora meio rosto , agora inteiro
Mostrara , em quanto o mar cortava a armada ;
Quando da ethérea gavea um marinheiro ,
Prompto co' a vista , « Terra , terra , » brada :
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co' os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

« A' maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes , que enxergâmos ;
As ancoras pesadas se adereçam ;
As vélas , ja chegados , amainâmos :
E pera que mais certas se conheçam
As partes tam remotas onde estâmos ,
Pelo novo instrumento do Astrolabio ,
Invenção de sutil juizo e sabio :

XXVI.

« Desembarcâmos logo na espaçosa
Parte , per onde a gente se espalhou ,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra , que outro povo não pizou :
Porêm eu co' os pilotos na arenosa
Praia , por vermos em que parte estou ,
Me detenho em tomar do sol a altura ,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

« Achámos ter de todo ja passado
Do semicápro peixe a grande meta ,
Estando entre elle , e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo um estranho vir de pelle preta ,
Que tomaram per força , em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

« Torvado vem na vista , como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo :
Nem elle intende a nós , nem nós a elle ,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo ,
A prata fina , a quente especiaria :
A nada d'isto o bruto se movia.

XXIX.

« Mando mostrar-lhe peças mais somenos ,
Contas de crystallino transparente ,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Um barrete vermelho, côr contente.
Vi logo per signaes, e per acenos,
Que com isto se alegra grandemente :
Mando-o soltar comtudo ; e assi caminha
Pera a povoação, que perto tinha.

XXX.

« Mas logo ao outro dia, seus parceiros
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos ásperos outeiros,
As peças véem buscar, que est' outro leva.
Domesticos ja tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernan' Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

« É Velloso no braço confiado,
E de arrogante, crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço ja passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co' o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado, do que fôra, vinha.

XXXII.

« O batel de Coelho foi depressa
Polo tomar; mas antes que chegasse,
Um Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro, e outro lhe saiem: ve-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse;
Acudo eu logo; e em quanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

XXXIII.

« Da espessa nuvem settas , e pedradas
Chovem sôbre nós outros sem medida ;
E não foram ao vento envão deitadas ,
Que esta perna truxe eu d' alli ferida :
Mas nós , como pessoas magoadas ,
A resposta lhe dêmos tam crescida ,
Que em mais , que nos barretes , se suspeita
Que a côr vermelha levam d' esta feita .

XXXIV.

« E sendo ja Velloso em salvamento ,
Logo nos recolhemos pera a armada ,
Vendo a malicia fea , e rudo intento
Da gente bestial , bruta e malvada :
De quem nenhum melhor conhecimento
Podêmos ter da India desejada ,
Que estarmos inda muito longe d' ella ;
E assi tornei a dar ao vento a vella .

XXXV.

« Disse então a Velloso um companheiro ,
(Começando-se todos a sorrir)
« O' lá , Velloso amigo , aquelle outeiro
É melhor de descer , que de subir . »
« Si é (responde o ousado aventureiro) ;
Mas quando eu pera ca vi tantos vir
D' aquelles cães , depressa um pouco vim ,
Por me lembrar que estaveis ca sem mim . »

XXXVI.

« Contou então , que tanto que passaram
Aquelle monte , os negros de quem fallo ,
Avante mais passar o não deixaram ,
Querendo , senão torna , alli matallo :
E tornando-se , logo se emboscaram :
Porque saindo nós pera tomallo ,
Nos podessem mandar ao reino escuro ,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

« Porém ja cinco soes eram passados
Que d' alli nos partíramos , cortando
Os mares nunca d' outrem navegados ,
Prosperamente os ventos assoprando ;
Quando uma noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando ,
Uma nuvem , que os ares escurece ,
Sôbre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

« Tam temerosa vinha e carregada ,
Que poz nos corações um grande medo :
Bramindo o negro mar , de longe brada ,
Como se desse envão n' algum rochedo.
« O' Potestade (disse) sublimada !
Que ameaço diviño , ou que segredo
Este clima , e este mar nos apresenta ,
Que mor cousa parece , que tormenta ? »

XXXIX.

« Não acabava , quando uma figura
Se nos mostra no ar , robusta e válida ,
De disforme e grandissima estatura ,
O rosto carregado , a barba esquiada :
Os olhos encovados , e a postura
Medonha e má , e a côr terrena e pállida ;
Cheios de terra , e crespos os cabellos ,
A bocca negra , os dentes amarellos.

XL.

« Tam grande era de membros , que bem posso
Certificar-te , que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso ,
Que um dos sete milagres foi do mundo :
C' um tom de voz nos falla horrendo e grosso ,
Que pareceu sair do mar profundo :
Arripiam-se as carnes , e o cabello
A mi , e a todos , so de ouvil-o , e vello.

XLI.

« E disse : « O' gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas :
Tu , que per guerras cruas , taes e tantas ,
E per trabalhos vãos nunca repousas :
Pois os vedados términos quebrantas ,
E navegar meus longos mares ousas ,
Que eu tanto tempo ha ja que guardo e teuho ,
Nunca arados d' estranho , ou proprio lenho :

XLII.

« Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento :
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Per todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII.

« Sabe que quantas naus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos, e tormentas desmedidas.
E da primeira armada, que passagem
Fizer per estas ondas insofridas,
Eu farei d' improviso tal castigo,
Que seja mor o damno, que o perigo.

XLIV.

« Aqui espero tomar (se não me engano)
De quem me descobriu, summa vingança :
E não se acabará so n' isto o dano
De vossa pertinace confiança :
Antes em vossas naus vereis cada ano,
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

« E do primeiro illustre , que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos ,
Serei eterna e nova sepultura ,
Per juizos incógnitos de Deos.
Aqui porá da turca armada dura
Os suberbos e prósperos tropheos :
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa , com Mombaça.

XLVI.

« Outro tambem virá de honrada fama ,
Liberal , cavalleiro , enamorado ,
E comsigo trará a fermosa dama ,
Que Amor, per gran' mercê , lhe terá dado,
Triste ventura , e negro fado os chama
N' este terreno meu , que duro e irado
Os deixará d' um cru naufragio vivos ,
Pera verem trabalhos excessivos.

XLVII.

« Verão morrer com fome os filhos caros ,
Em tanto amor gerados , e nascidos ;
Verão os Cafres ásperos e avaros
Tirar á linda dama sens vestidos :
Os crystallinos membros e preclaros ,
A' calma , ao frio , ao ar verão despídos ;
Depois de ter pizada longamente
Co' os delicados pés a areia ardente.

XLVIII.

« E verão mais os olhos , que escaparem
De tanto mal , de tanta desventura ,
Os dous amantes míseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura.
Alli , depois que as pedras abrandarem
Com lagrymas de dor , de magoa pura ,
Abraçados as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão. »

XLIX.

« Mais ia per diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados , quando alçado
Lhe disse eu : « Quem es tu ? que esse estupendo
Corpo , certo me tem maravilhado. »
A bocca , e os olhos negros retorcendo ,
E dando um espantoso e grande brado ,
Me respondeu com voz pesada e amara ,
Como quem da pergunta lhe pezara :

L.

« Eu sou aquelle occulto e grande cabo ,
A quem chamais vós outros Tormentorio ;
Que nunca a Tolomeu , Pomponio , Estrabo ,
Plinio , e quantos passaram , fui notório :
Aqui toda a africana costa acabo
N' este meu nunca visto promontorio ,
Que pera o pólo antárctico se estende ,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

« Fui dos filhos aspérrimos da terra ,
Qual Encélado, Egeu, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor; e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano :
Não que puzesse serra sôbre serra;
Mas conquistando as ondas do Oceano ,
Fui capitão do mar, per onde andava
A armada de Neptuno , que eu buscava.

LII.

« Amores da álta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tammanha empreza :
Todas as deusas desprezei do ceo ,
So por amar das aguas a princeza :
Um dia a vi , co'as filhas de Nereo ,
Sair nua na praia ; e logo preza
A vontade senti de tal maneira ,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII.

« Como fosse impossibil alcançalla
Pola grandeza fea de meu gesto ,
Determinei per armas de tomalla;
E a Doris este caso manifesto.
De mêdo a deusa então por mi lhe falla ;
Mas ella , c' um fermoso riso honesto ,
Respondeu : « Qual será o amor bastante
De nympha , que sustente o d' um gigante?

LIV.

« Comtudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que, com minha honra, escuse o dano : »
Tal resposta me torna a messageira.
Eu, que cair não pude n' este engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV.

« Ja nescio, ja da guerra desistindo,
Uma noite de Dóris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis única despida :
Como doudo corri de longe abrindo
Os braços pera aquella que era vida
D' este corpo ; e coméço os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

« Oh que não sei de nojo como o conte !
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c' um duro monte
De áspero matto, e de espessura brava.
Estando c' um penedo fronte a fronte,
Que eu polo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E juncto d'um penedo outro penedo.

LVII.

« O' nympha a mais fermosa do Oceano,
Ja que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me n' este engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
D' aqui me parto irado e quasi insano
Da magoa, e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

LVIII.

« Eram ja n' este tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deuses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E, como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX.

« Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros, que ves, e esta figura,
Per estas longas aguas se estenderam:
Emfim, minha grandissima estatura
N' este remoto cabo converteram
Os deuses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando d' estas agoas. »

LX.

« Assi contava ; e c' um medonho choro
Subito d' ante os olhos se apartou ;
Desfez-se a nuvem negra , e c' um sonoro
Bramido , muito longe o mar soou.
Eu , levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos , que tam longe nos guiou ,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos , que Adamastor contou futuros.

LXI.

« Ja Phlegon , e Pyrois vinham tirando
Co' os outros dous o carro radiante ,
Quando a terra alta se nos foi mostrando ,
Em que foi convertido o gran' gigante.
Ao longo d' esta costa , começando
Ja de cortar as ondas do Levante ,
Per ella abaixo um pouco navegámos
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII.

« A gente , que esta terra possuia ,
Postoque todos Éthiopes eram ,
Mais humana no tracto parecia
Que os outros , que tam mal nos receberam ,
Com bailos , e com festas de alegria ,
Pela praia arenosa a nós vieram ;
As mulheres cemsigo , e o manso gado ,
Que apascentavam , gordo e bem creado.

LXIII.

« As mulheres queimadas véem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas ;
Animaes, que ellas teem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas :
Cantigas pastoris em prosa ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas
Co' o doce som das rústicas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

« Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d'outras peças, que levaram :
Mas como nunca emfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que desse algum signal do que buscâmos,
As vélas dando, as ancoras levâmos.

LXV.

« Ja aqui tinhamos dado um gran' rodeio
A' costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o pólo Antárctico ficava :
Aquelle ilheo deixâmos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo, e descoberto,
N' aquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

« D' aqui fomos cortando muitos dias ,
(Entre tormentas tristes, e bonanças)
No largo mar fazendo novas vias,
So conduzidos de árduas esperanças :
Co' o mar um tempo andámos em perfias ;
Que , como tudo n' elle são mudanças ,
Corrente n' elle achámos tam possante ,
Que passar não deixava per diante.

LXVII.

« Era maior a força em demasia ,
(Segundo pera traz nos obrigava)
Do mar, que contra nós alli corria ,
Que por nós a do vento , que assoprava :
Injuriado Noto da perfia
Em que co' o mar, parece , tanto estava ,
Os assopros esforça iradamente ,
Com que nos fez vencer a gran' corrente.

LXVIII.

« Trazia o sol o dia celebrado ,
Em que tres rês das partes do Oriente
Foram buscar um Rei de pouco nado ,
No qual Rei outros tres ha junctamente :
N' este dia outro porto foi tomado
Per nós , da mesma ja contada gente ,
N' um largo rio , ao qual o nome demos
Do dia , em que per elle nos mettemos.

LXIX.

« D' esta gente refresco algum tomámos ,
E do rio fresca água ; mas comtudo ,
Nenhum signal aqui da Índia achámos
No povo , com nós outros , quasi mudo .
Ora vé , rei , quammanha terra andámos ,
Sem sair nunca d' este povo rudo ;
Sem vermos nunca nova , nem sinal
Da desejada parte oriental .

LXX.

« Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos , quam perdidos ,
De fomes , de tormentas quebrantados ,
Per climas , e per mares não sabidos :
E do esperar comprido tam cansados .
Quanto a desesperar ja compellidos ,
Per ceos não naturaes , de calidade
Inimiga de nossa humanidade .

LXXI.

« Corrupto ja e damnado o mantimento ,
Damnoso e mau ao fraco corpo humano ;
E além d' isso nenhum contentamento ,
Que sequer da esperança fosse engano .
Crês tu , que se este nosso ajunctamento
De soldados , não fôra lusitano ,
Que durara elle tanto obediente
Per ventura a seu rei , e a seu regente ?

LXXII.

« Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D' aquella portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII.

« Deixando o porto emfim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos d' esta costa algum desvio,
Deitando pera o pégo toda a armada;
Porque ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada,
Que a costa faz alli d' aquella banda,
D' onde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

« Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolau,
Pera onde o mar na costa brada, e geme,
A proa inclina d' uma, e d' outra nau:
Quando indo o coração, que espera, e teme,
E que tanto fiou d' um fraco pau,
Do que esperava já desesperado,
Foi d' uma novidade alvoroçado.

LXXV.

« E foi , que estando ja da costa perto ,
Onde as praias , e valles bem se viam ,
N' um rio , que alli sai ao mar aberto ,
Bateis á véla entravam , e saiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos ja pessoas , que sabiam
Navegar ; porque entr' ellas esperámos
De achar novas algumas , como achámos.

LXXVI.

« Ethíopes são todos ; mas parece
Que com gente melhor communicavam :
Palavra alguma arábia se conhece
Entre a linguagem sua , que fallavam :
E com panno delgado , que se tece
De algodão , as cabeças apertavam ;
Com outro , que de tincta azul se tinge ,
Cadaum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

« Pela arábica lingua , que mal fallam ,
E que Fernan' Martins mui bem entende ,
Dizem , « que per naus , que em grandeza iguallam
As nossas , o seu mar se corta , e fende :
Mas que la d' onde sai o sol , se aballam
Pera onde a costa ao Sul se alarga , e estende ,
E do Sul pera o sol ; terra onde havia
Gente , assi como nós , da côr do dia . »

LXXVIII.

« Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co' a gente , e co' as novas muito mais :
Polos signaes , que n' este rio achámos ,
O nome lhe ficou dos Bons-Signais :
Um padrão n' esta terra alevantámos ;
(Que pera assignalar logares tais
Trazia alguns) o nôme tem do belo
Guiador de Tobías a Gabelo.



LXXIX.

« Aqui de limos , cascas , e d' ostrinhos ,
(Nojosa criação das aguas fundas)
Alimpámos as naus , que dos caminhos
Longos do mar , vêem sórdidas e immundas.
Dos hospedes , que tinhamos visinhos ,
Com mostras apraziveis e jucundas ,
Houvemos sempre o usado mantimento ,
Limpo de todo o falso pensamento.

LXXX.

« Mas não foi . da esperança grande e immensa ,
Que n' esta terra havemos , limpa e pura
A alegria ; mas logo a recompensa
A Rhamnúsia com nova desventura.
Assi no ceo sereno se dispensa :
Com esta condição pesada e dura
Nascemos : o pezar terá firmeza ;
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

« E foi , que de doença crua e fêa ,
A mais que eu nunca vi , desampararam
Muitos a vida ; e em terra estranha e alhêa
Os ossos pera sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o crêa ?
Que tam disformemente alli lhe incharam
As gengivas na bocca , que crescia
A carne , e junctamente apodrecia.

LXXXII.

« Apodrecia t' um fetido e bruto
Cheiro , que o ar visinho inficionava :
Não tínhamos alli medico astuto ,
Cirurgião sutil menos se achava :
Mas qualquer, n' este officio pouco instruto ,
Pela carne ja podre assi cortava
Como se fôra morta ; e bem convinha ,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

« Emfim que n' esta incógnita espessura
Deixámos pera sempre os companheiros ,
Que em tal caminho , e em tanta desventura ,
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quam facil é ao corpo a sepultura !
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos ,
Receberão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV.

« Assi que d' este porto nos partimos
Com maior esperança, e mor tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique emfim surgimos;
De cuja falsidade, e má vileza
Ja serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

« Até que aqui no teu seguro porto,
(Cuja brandura, e doce tractamento
Dará saude a um vivo, e vida a um morto)
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e ves-aqui (se attento ouviste)
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

« Agora julga, o' rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
(Por mais versos que d' elle se escrevessem)
Do que eu vi, a poder d' esforço, e de arte,
(E do que inda hei de ver) a oitava parte?

LXXXVII.

« Esse, que bebeu tanto da agua Aonia ,
Sôbre quem tem contenda peregrina ,
Entre si, Rhodes , Smyrna , e Colophonia ,
Athenas , Chios , Argo , e Salamina :
Ess' outro, que esclarece toda Ausonia ,
E cuja voz altisona e divina ,
Ouvindo o patrio Mincio , se adormece ;
Mas o Tybre, co'o som , se ensuberbece ;

LXXXVIII.

« Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
D'esses seus semideuses, e encareçam
Fingindo magas , Circes , Polyphemos ,
Sirenas , que co' o canto os adormeçam :
Deem-lhe mais navegar á véla , e remos
Os Cicónes , e a terra onde se esqueçam
Os companheiros , em gostando o loto ;
Deem-lhe perder nas aguas o piloto :

LXXXIX.

« Ventos soltos lhe finjam , e imaginem
Dos odres , e Calypsos namoradas ;
Harpyas , que o manjar lhe contaminem ;
Descer ás sombras nuas ja passadas :
Que por muito , e por muito que se afinem
N' estas fabulas vãs , tam bem sonhadas ;
A verdade , que eu conto nua e pura ,
Vence toda grandiloqua escritura. »

XC.

Da bocca do facundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos ,
Quando deu fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o rei o sublime coração
Dos rês em tantas guerras conhecidos :
Da gente louva a antigua fortaleza ,
A lealdade d' ânimo , e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo , que se admira ,
O caso cadaqual que mais notou :
Nenhum d' elles da gente os olhos tira ,
Que tam longos caminhos rodeou.
Mas ja o mancebo Délío as redeas vira ,
Que o irmão de Lampécia mal guiou ,
Por vir a descançar nos thetios braços ;
E el-rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quam doce é o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos , quando são soados !
Qualquer nobre trabalha , que em memoria
Vença , ou iguale os grandes ja passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

XCIII,

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos ; isso so louva, isso deseja.
Os tropheus de Milcíades famosos
Themistócles despertam so de inveja ;
E diz, « que nada tanto o deleitava,
Como a voz, que seus feitos celebrava, »

XCIV,

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tammanha gloria, e fama,
Como a sua, que o ceo, e a terra espanta.
Si ; mas aquelle heroe, que estima, e ama
Com dões, mercês, favores, e honra tanta
A lyra mantuana, faz que soe
Eneas, e a romana gloria voe.

XCV.

Dá a terra lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos ;
Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos :
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doctos e venustos.
Não dirá Fulvia certo que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphira.

XCVI.

Vai Cesar sujugando toda França ,
E as armas não lhe impedem a sciencia ;
Mas n' uma mão a penna , e n' outra a lança ,
Igualava de Cícero a eloquencia ;
O que de Scipião se sabe , e alcança ,
É nas comedias grande experiencia ;
Lia Alexandro a Homero de maneira ,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Emfim não houve forte capitão ,
Que não fosse tambem docto e sciente ,
Da lácia , grega , ou barbara nação ,
Senão da portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo , que a razão
D' algum não ser per versos excellente ,
É não se ver presado o verso , e rima ;
Porque , quem não sabe a arte , não a estima.

XCVIII.

Por isso , e não por falta de natura ,
Não ha tambem Virgilio , nem Homeros ;
Nem haverá (se este costume dura)
Pios Eneas , nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo é , que a ventura
Tam asperos os fez , e tam austeros ,
Tam rudos , e de ingenho tam remisso ,
Que a muitos lhe dá pouco , ou nada d' isso.

XCIX.

A's Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da pátria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama
De toda illustre e béllica fadiga :
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Callíope não tem por tam amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As télas de ouro fino, e que o cantassem.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é somente o presupposto
Das Tagides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito ;
Que per esta, ou per outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sa valia.

OS LUSIADAS.



CANTO SEXTO.



I.

Não sabia em que modo festejasse
O rei pagão os fortes navegantes ,
Pera que as amizades alcançasse
Do rei christão , das gentes tam possantes :
Pêza-lhe que tam longe o aposentasse
Das europeas terras abundantes
A ventura , que não o fez visinho
D' onde Hercules ao mar abriu caminho.

II.

Com jogos , danças , e outras alegrias ,
(A segundo a polícia melindana)
Com usadas e ledas pescarias ,
Com que a Lageia Antonio alegre , e engana ,
Este famoso rei , todos os dias ,
Festeja a companhia lusitana ,
Com banquetes , manjares desusados ,
Com frutas , aves , carnes , e pescados.

III.

Mas vendo o capitão , que se detinha
Ja mais do que devia , e o fresco vento
O convida que parta , e tome asinha
Os pilotos da terra , e mantimento ;
Não se quer mais deter , que ainda tinha
Muito pera cortar do salso argento :
Ja do pagão benigno se despede ,
Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais , « que aquelle porto seja
Sempre , com suas frotas , visitado ;
Que nenhum outro bem maior deseja ,
Que dar a taes Barões seu reino , e estado :
E que em quanto seu corpo o esp'ritu reja ,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida , e reino totalmente
Por tam bom rei , por tam sublime gente. »

V.

Outras palavras taes lhe respondia
O capitão ; e logo as vélas dando ,
Pera as terras da Aurora se partia ,
Que tanto tempo ha ja que vai buscando.
No piloto , que leva , não havia
Falsidade ; mas antes vai mostrando
A navegação certa : e assi caminha
Ja mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavam do Oriente
Ja nos mares da India , e enxergavam
Os thálamos do sol , que nasce ardente ;
Ja quasi seus desejos se acabavam :
Mas o mau de Thyoneu , que na alma sente
As venturas , que então se apparelhavam
A' gente lusitana , d'ellas dina ,
Arde , morre , blasphema , e desatina.

VII.

Via estar todo o ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma :
Não o pode estorvar , que destinado
Está d' outro podêr , que tudo doma.
Do Olympo desce emfim desesperado ;
Novo remedio em terra busca , e toma ;
Entra no humido reino , e vai-se á corte
D' aquelle a quem o mar cahiu em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas , onde o mar se esconde ,
La d' onde as ondas saiem furibundas ,
Quando ás iras do vento o mar responde ,
Neptuno mora , e moram as jucundas
Nereidas , e outros deuses do mar , onde
As aguas campo deixam ás cidades ,
Que habitam estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As areias alli de prata fina ;
Torres altas se vêem no campo aberto
Da transparente massa crystallina :
Quanto se chegam mais os olhos perto ,
Tanto menos a vista determina
Se é crystal o que ve , se diamante ,
Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d' ouro fino , e marchetadas
De rico aljofar, que nas conchas nace ,
De esculptura fermosa estão lavradas ,
Na qual o irado Baccho a vista pace :
E ve primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tam confusa face :
Vêem-se os quatro Elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima ,
Que em nenhuma materia se sustinha ;
D'aqui as cousas vivas sempre anima ,
Depois que Prometheu furtado o tinha.
Logo apos elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar ; e nem por quente, ou frio ,
Algum deixa no mundo estar vasio.

XII.

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
A's alimarias n' ella produzidas.
A clara fórma alli stava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados creando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N' outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveram os deuses co' os gigantes:
Está Typhéu debaixo da alta serra
De Ethna; que as flammæ lança crepitantes:
Esculpido se ve ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
D' elle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacífica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeu irado
Na vista d' estas cousas; mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o stava ja aguardando
A's portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravillhando
De ver, que commettendo tal caminho,
Entre no reino d' agua o rei do vinho:

XV.

« O' Neptuno (lhe disse) não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
Porque tambem co' os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deuses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos. »

XVI.

Julgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deuses da agua fria,
Que o mar habitam d' uma e d' outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei, e de Salacia veneranda;
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pae, e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes d' agua; e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camarões, e cangrejos, e outros mais,
Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras, e breguiços de musgo sujos;
A's costas, com a casca, os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Per todo o mar, que longe retumbava.
Ja toda a companhia apercebida
Dos deuses pera os paços caminhava
Do deus, que fez os muros de Dardania,
Destruídos depois da grega insania.

XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas, que gerara;
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoara:
O propheta Proteu, deixando o gado
Marítimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas ja sabia
O que o padre Lyeu no mar queria.

XXI.

Vinha per outra parte a linda esposa
De Neptuno , de Celo , e Vesta filha ,
Grave e leda no gesto , e tam fermosa ,
Que se amansava o mar de maravilha :
Vestida uma camisa preciosa
Trazia de delgada beutilha ,
Que o corpo crystallino deixa ver-se ;
Que tanto bem não é pera esconder-se.

XXII.

Amphitrite , fermosa como as flores ,
N'este caso não quiz que fallecesse :
O Delphim traz comsigo , que aos amores
Do rei lhe aconselhou que obedecesse.
Co' os olhos , que de tudo são senhores ,
Qualquer parecerá que o sol vencesse :
Ambas véem pela mão ; igual partido ,
Pois ambas são esposas d' um marido.

XXIII.

Aquella , que das furias de Athamante
Fugindo , veio a ter divino estado ,
Comsigo traz o filho , bello ifante ,
No numero dos deuses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas , que o salgado
Mar sempre cria ; e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV.

E o deus, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e d'este dano
Lhe resultou deidade gloriosa;
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circe tinha usado co' a fermosa
Scylla, que elle ama, d'esta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Ja finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal;
As deusas em riquissimos estrados,
Os deuses em cadeiras de crystal;
Foram todos do padre agasalhados,
Que co' o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa,
Que no mar nasce, e a Arábia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado ja o tumulto
Dos deuses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneu de seus tormentos:
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
So por dar aos de Luso triste morte
Co' o ferro alheio, falla d'esta sorte:

XXVII.

« Príncipe , que de juro senhoreas
D' um pólo a outro pólo o mar irado ;
Tu , que as gentes da terra toda enfreas
Que não passem o termo limitado :
E tu , padre Oceano , que rodeas
O mundo universal , e o tens cercado ,
E com justo decreto assi permites
Que dentro vivam so de seus limites :

XXVIII.

« E vós , deuses do mar , que não sofreis
Injuria alguma em vosso reino grande ,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quemquer que per elle corra , e ande :
Que descuido foi este em que viveis ?
Quem póde ser que tanto vos abrande
Os peitos , com razão endurecidos
Contra os humanos fracos e atrevidos ?

XXIX.

« Vistes , que com grandissima ousadia ,
Foram ja commetter o ceo supremo ;
Vistes aquella insana phantesia
De tentarem o mar com véla , e remo :
Vistes , e ainda vemos cada dia ,
Suberbas , e insolencias taes , que temo
Que do mar e do ceo em poucos anos
Venham deuses a ser , e nós humanos .

XXX.

« Vêdes agora a fraca geração ,
Que d' um vassallo meu o nome toma ,
Com soberbo e altivo coração
A vós , e a mi , e o mundo todo doma.
Vêdes , o vosso mar cortando vão ,
Mais do que fez a gente alta de Roma :
Vêdes , o vosso reino devassando ,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI.

« Eu vi que contra os Minyas , que primeiro
No vosso reino este caminho abriram ,
Bóreas injuriado , e o companheiro
A'quilo , e os outros todos resistiram.
Pois se do ajunctamento aventureiro
Os ventos esta injúria assi sentiram ,
Vós , a quem mais compete esta vingança ,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

XXXII.

« E não consinto , deuses , que cuideis
Que por amor de vós do ceo desci ,
Nem da magoa da injúria , que sofreis ,
Mas da que se me faz tambem a mi ,
Que aquellas grandes honras , que sabeis
Que no mundo ganhei , quando venci
As terras indianas do Oriente ,
Todas vejo abatidas d' esta gente.

XXXIII.

« Que o gran' Senhor, e Fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca, determinam
De dar a estes Barões no mar profundo.
Aqui vereis, o' deuses, como ensinam
O mal tambem a deuses, que a segundo
Se ve, ninguem ja tem menos valia,
Que quem, com mais razão, valer devia.

XXXIV.

« E por isso do Olympo ja fugi,
Buscando algum remédio a meus pezares,
Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se per dita acharei nos vossos mares. »
Mais quiz dizer, e não passou d'aqui,
Porque as lagrymas ja correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV.

A ira, com que súbito alterado
O coração dos deuses foi n'um ponto,
Não sofreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizerá primeiro alli Proteu
Dizer n' este negocio o que sentia ;
E , segundo o que a todos pareceu ,
Era alguma profunda prophacia :
Porêm tanto o tumulto se moveu
Subito na divina companhia ,
Que Tethys indignada lhe bradou :
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII.

Ja la o suberbo Hippótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos , que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava ;
Que os ventos , mais que nunca impetuosos ,
Começam novas forças a ir tomando ,
Torres , montes , e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso , a leda lassa frota
Com vento socegado , proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do eoo hemispherio está remota :
Os do quarto da prima se deitavam ;
Pera o segundo os outros despertavam.

XXXIX.

Vencidos véem do somno , e mal despertos ,
 Bocejando a miude se encostavam
 Pelas antennas , todos mal cobertos
 Contra os agudos ares , que assopravam :
 Os olhos contra seu querer abertos ,
 Mas esfregando , os membros estiravam :
 Remedios contra o somno buscar querem ;
 Historias contam ; casos mil referem .

XL.

« Com que melhor podêmos (um dizia)
 Este tempo passar, que é tam pesado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o sonino carregado? »
 Responde Leonardo (que trazia
 Pensamentos de firme namorado)
 « Que contos poderemos ter melhores
 Pera passar o tempo, que de amores? »

XLI.

« Não é (disse Velloso) cousa justa
 Tractar branduras em tanta aspereza ;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não sofre amores , nem delicadeza :
 Antes de guerra férvida e robusta ,
 A nossa historia seja ; pois dureza
 Nossa vida ha de ser (segundo intendo)
 Que o trabalho por vir m'ó está dizendo. »

XLII.

Consentem n' isto todos , e encommendam
A Velloso , que conte isto que approva.
« Contarei (disse) sem que me reprimam
De contar cousa fabulosa ou nova :
E porque os que me ouvirem d' aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova ,
Dos nascidos direi na nossa terra ;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

« No tempo , que do reino a redea leve
João , filho de Pedro , moderava ;
Depois que socegado , e livre o teve
Do visinho poder , que o molestava ;
La na grande Inglaterra , que da neve
Boreal sempre abunda , semeava
A fera Erinnys dura e má cizania ,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

« Entre as damas gentis da corte inglesa ,
E nobres cortezãos , acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa ,
Ou foi opinião , ou foi perfia.
Os cortezãos , a quem tam pouco pesa
Scitar palavras graves de ousadia ,
Dizem , « que provarão , que honras e famas
Em taes damas não ha , pera ser damas.

XLV.

« E que se houver alguém com lança, e espada,
Que queira sustentar a parte sua ,
Que elles em campo raso, ou estacada ,
Lhe darão fea infâmia, ou morte crua. »
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Socorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

« Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrymas fermosas, e bastantes
A fazer que em socorro os deuses levem
De todo o ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

XLVII.

« Era este Inglez potente, e militara
Co' os Portuguezes ja contra Castella,
Onde as forças magnánimas provara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos n' esta terra exp'rimentara
Namorados affeitos, quando n' ella
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

« Este , que socorrer-lhe não queria ,
Por não causar discordias intestinas ,
Lhe diz : « Quando o direito pretendia
Do reino la das terras iberinas ,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia ,
Tanto primor, e partes tam divinas ,
Que elles sos poderiam (se não erro)
Sustentar vossa parte a fogo , e ferro.

XLIX.

« E se , aggravadas damas , sois servidas ,
Por vós lhe mandarei embaixadores ,
Que per cartas discretas e polidas
De vosso agravo os façam sabedores.
Tambem per vossa parte encarecidas
Com palavras de afagos , e de amores
Lhe sejam vossas lagrymas, que eu creio ,
Que alli tereis soccorro , e forte esteio. »

L.

« D' est' arte as aconselha o duque experto ;
E logo lhe nomêa doze fortes ;
E porque cada dama um tenha certo ,
Lhe manda que sôbre elles lancem sortes ;
Que ellas so doze são : e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes ,
Cadauma escreve ao seu per varios modos ,
E todas a seu rei , e o duque a todos.

LI.

« Já chega a Portugal o messageiro ;
Toda a corte alvoroça a novidade :
Quizera o rei sublime ser primeiro ,
Mas não lh' o sofre a régia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade ;
E so fica por bemaventurado
Quem ja vem pelo duque nomeado.

LII.

« La na leal cidade, d' onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal , armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D' armas , e roupas de uso mais moderno ,
De elmos , cimeiras , lettras , e primores ,
Cavallos , e concertos de mil cores.

LIII.

« Já do seu rei tomado teem licença
Pera partir do Douro celebrado
Aquelles , que escolhidos per sentença
Foram do duque inglez exp'rimetado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro destro ou esforçado ;
Mas um so , que Magriço se dizia ,
D' est' arte falla á forte companhia :

LIV.

« Fortíssimos consocios , eu desejo
Ha muito ja de andar terras estranhas ,
Por ver mais aguas , que as do Douro , e Tejo ,
Varias gentes , e leis , e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo ,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero , se me deixais , ir so per terra ;
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

« E quando caso for , que eu impedido
Per quem das cousas é ultima linha ,
Não for comvosco ao prazo instituido ,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que é devido ;
Mas se a verdade o esp'ritu me adivinha ,
Rios , montes , fortuna , ou sua inveja ,
Não farão que eu comvosco la não seja. »

LVI.

« Assi diz ; e abraçados os amigos ,
E tomada licença , emfim se parte :
Passa Leão , Castella , vendo antigos
Logares , que ganhara o patrio Marte ;
Navarra , co'os altíssimos perigos
Do Pyreneo , que Hespanha , e Gallia parte :
Vistas emfim de França as cousas grandes ,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII.

« Alli chegado , ou fosse caso , ou manha ,
Sem passar se deteve muitos dias ;
Mas dos onze a illustrissima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha ,
Pera Londres ja fazem todos vias :
Do duque são com festa agasalhados ,
E das damas servidos , e amimados.

LVIII.

« Chega-se o prazo , e dia assinalado
De entrar em campo ja co' os doze Inglezes ,
Que pelo rei ja tinham segurado :
Armam-se d' elmos , grevas , e de arnezes :
Ja as damas teem por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes :
Vestem-se ellas de côres , e de sedas ,
De ouro , e de joias mil , ricas e ledas.

LIX.

« Mas aquella , a quem fôra em sorte dado
Magriço , que não vinha , com tristeza
Se veste ; por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro n' esta empreza :
Bemque os onze apregoam , « que acabado
Será o negocio assi na corte ingleza ;
Que as damas vencedoras se conheçam ,
Postoque dous e tres dos seus falleçam. »

LX.

« Ja n' um sublime e público theatro
Se assenta o rei inglez com toda a corte :
Estavam tres e tres , e quatro e quatro ,
Bemcomo a cadaqual coubera em sorte.
Não são vistos do sol , do Tejo ao Batro ,
De força , esforço , e d' ânimo mais forte ,
Outros doze sair como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallo , escumando ,
Os aureos freios com feroz semblante :
Estava o sol nas armas rutilando
Como em crystal , ou rígido diamante.
Mas enxerga-se n' um , e n' outro bando
Partido desigual e dissonante ,
Dos onze contra os doze : quando a gente
Começa alvoroçar-se geralmente.

LXII.

« Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboiço :
Eis entra um cavalleiro , que trazia
Armas , cavallo , ao béliço serviço :
Ao rei , e ás damas falla , e logo se ia
Pera os onze , que este era o gran' Magriço ;
Abraça os companheiros como amigos ,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII.

« A dama , como ouviu que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome , e fama ,
Se alegre , e veste alli do animal de Helle ,
Que a gente bruta , mais que virtude , ama.
Ja dão signal , e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos , que inflama :
Picam d' esporas , largam redeas logo ,
Abaixam lanças , fere a terra fogo.

LXIV.

« Dos cavallos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme :
O coração no peito , que estremece
De quem os olha , se alvoroça , e teme :
Qual do cavallo voa , que não dece ;
Qual co' o cavallo em terra dando , geme ;
Qual vermelhas as armas faz de brancas ;
Qual co' os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

« Algum d' alli tomou perpetuo sono ,
E fez da vida ao fim breve intervallo :
Correndo algum cavallo vai sem dono ,
E n' outra parte o dono sem cavallo.
Cahe a suberba ingleza de seu throno ;
Que dous , ou tres ja fóra vão do vallo :
Os que de espada véem fazer batalha ,
Mais acham ja que arnez , escudo , e malha.

LXVI.

« Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros , cruas estocadas ,
É d'esses gastadores , que sabemos
Maus do tempo , com fábulas sonhadas.
Basta por fim do caso , que intendemos
Que com finezas altas e afamadas ,
Co' os nossos fica a palma da victoria ,
E as damas vencedoras , e com gloria.

LXVII.

« Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria :
Cuzinheiros occupa , e caçadores
Das damas a fermosa companhia ;
Que querem dar a seus libertadores
Banquetes mil cada hora , e cada dia ,
Em quanto se deteem em Inglaterra ,
Até tornar á doce e cara terra.

LXVIII.

« Mas dizem , que comtudo o gran' Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes ,
La se deixou ficar, onde um serviço
Notavel á condessa fez de Frandes :
E, como quem não era ja noviço
Em todo trance , onde tu Marte mandes ,
Um Francez mata em campo , que o destino
La teve de Torquato , e de Corvino.

LXIX.

« Outro também dos doze em Alemanha
Se lança, e teve um fero desafio
C' um Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio. »
Contando assi Velloso, ja a companhia
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento;
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas n' este passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d' uma e d' outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda:
« Alerta (disse) estai, que o vento crece
D' aquella nuvem negra, que apparece. »

LXXI.

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procella:
« Amaina (disse o mestre a grandes brados)
Amaina (disse) amaina a grande vella. »
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas junctos dando n' ella,
Em pedaços a fazem, c' um ruido
Que o mundo pareceu ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos n'isto a gente,
Com subito temor, e desacordo;
Que no romper da véla , a nau pendente
Toma gran' somma d'agua pelo bordo.
« Alija (disse o mestre rijamente)
Alija tudo ao mar, não falte acordo;
Vão outros dar á bomba , não cessando :
A' bomba , que nos imos alagando. »

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba ; e tanto que chegaram
Os balanços , que os mares temerosos
Deram á nau , n'um bordo os derribaram.
Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastaram ;
Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte ,
Sẽ aproveitar dos homens força , e arte.

LXXIV.

Os ventos eram taes , que não poderam
Mostrar mais força d' impetu cruel ,
Se pera derribar então vieram
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares , que cresceram ,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante nau , que move espanto ,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

LXXV.

A nau grande , em que vai Paulo da Gama ,
Quebrado leva o masto pelo meio ,
Quasi toda alagada : a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nau de Coelho , com receio ;
Com quanto teve o mestre tanto tento ,
Que primeiro amainou , que dêsse o vento.

LXXVI.

Agora sôbre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo ;
Agora a ver parece que desciam
As íntimas entranhas do profundo.
Noto , Austro , Bóreas , A'quilo queriam
Arruinar a máchina do mundo :
A noite negra e fea se allumia
Co'os raios , em que o pólo todo ardia.

LXXVII.

As halcyoneas aves triste canto
Juncto da costa brava levantaram ,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
La nas covas marítimas entraram ,
Fugindo á tempestade , e ventos duros ,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tam vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O gran' ferreiro sórdido , que obrou
Do enteado as armas radiantes :
Nem tanto o gran' Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No gran' diluvio , d' onde sos viveram
Os dous , que em gente as pedras converteram.

LXXIX.

Quantos montes então que derribaram
As ondas , que batiam denodadas !
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadaŝ!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca pera o ceo fossem viradas ;
Nem as fundas areias que podessem
Tanto os mares , que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia ;
Vendo ora o mar até o inferno aberto ,
Ora com nova furia ao ceo subia :
Confuso de temor, da vida incerto ,
Onde nenhum remédio lhe valia ,
Chama aquelle remédio sancto e forte ,
Que o impossibil pode , d' esta sorte :

LXXXI.

« Divina Guarda , angélica , celeste ,
Que os ceos , o mar , e a terra senhoreas ;
Tu , que a todo Israel refugio deste
Per metade das aguas erythreas :
Tu , que livraste Paulo , e o defendeste
Das syrtes arenosas , e ondas feas ;
E guardaste co' os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo :

LXXXII.

« Se tenho novos mêdos perigosos
D' outra Scylla , e Charybdis ja passados ,
Outras syrtes , e baixos arenosos ,
Outros Acroceraunios infamados ;
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados ,
Se este nosso trabalho não te offende ,
Mas antes teu serviço so pretende ?

LXXXIII.

« Oh ditosos aquelles que poderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer , em quanto fortes sustiveram
A sancta fe , nas terras mauritanas :
De quem feitos illustres se souberam ,
De quem ficam memórias soberanas ,
De quem se ganha a vida com perdella ,
Doce fazendo a morte as honras d' ella ! »

LXXXIV.

Assi dizendo , os ventos que lutavam
Como touros indómitos bramando ,
Mais e mais a tormenta accrescentavam ,
Pela miuda enxarcia assoviando :
Relampagos medonhos não cessavam ,
Feros trovões , que véem representando
Cahir o ceo dos eixos sôbre a terra ,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas ja a amorosa estrella scintillav
Diante do sol claro no horizonte ,
Messageira do dia , e visitava
A terra , e o largo mar , com leda fronte.
A deusa , que nos ceos a governava ,
De quem foge o ensífero Oriente ,
Tanto que o mar , e a cara armada vira ,
Tocada juncto foi de mêdo , e de ira.

LXXXVI.

« Estas obras de Baccho são por certo ,
(Disse) mas não será que avante leve
Tam damnada tenção ; que descoberto
Me será sempre o mal , a que se atreve : »
Isto dizendo , desce ao mar aberto ,
No caminho gastando espaço breve ,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias cores
 Sôbre cabellos louros á perfia.
 Quem não dirá, que nascem roxas flores
 Sôbre ouro natural, que amor enfia?
 Abrandar determina per amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
 Que mais fermosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi ; porque tanto que chegaram
 A' vista d' ellas , logo lhe fallecem
 As forças , com que d' antes pelejaram ;
 E ja como rendidos lhe obedecem.
 Os pés , e mãos parece que lhe ataram
 Os cabellos , que os raios escurecem.
 A Bóreas , que do peito mais queria ,
 Assi disse a bellissima Orithia :

LXXXIX.

« Não creias , fero Bóreas , que te creio
 Que me tiveste nunca amor constante ;
 Que brandura é de amor mais certo arreio ,
 E não convem furor a firme amante :
 Se ja não pôes a tanta insania freio ,
 Não esperes de mi d' aqui em diante ,
 Que possa mais amar-te , mas temerte ;
 Que amor contigo em mêdo se converte. »

XC.

Assi mesmo a fermosa Galatea
Dizia ao fero Noto ; « que bem sabe
Que dias ha , que em vèl-a se recrea ,
E bem crê que com elle tudo acabe. »
Não sabe o bravo tanto bem se o crea ;
Que o coração no peito lhe não cabe :
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz , se logo abranda.

XCI.

D'esta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores ;
E logo á linda Venus se entregavam ,
Amansadas as iras , e os furores.
Ella lhe prometteu , vendo que amavam ,
Sempiterno favor em seus amores ,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII.

Ja a manhã clara dava nos outeiros ,
Per onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Ja fóra de tormenta , e dos primeiros
Mares , o temor vão do peito voa ;
Disse alegre o piloto melindano :
« Terra é de Calecut , se não me engano.

XCIII.

« Esta é por certo a terra , que buscais
Da verdadeira India , que apparece ;
E, se do mundo mais não desejais ,
Vosso trabalho longo aqui fenece. »
Sofrer aqui não pôde o Gama mais
De ledó em ver que a terra se conhece ;
Os giolhos no chão , as mãos ao ceo ,
A mercê grande a Deus agradeceo.

XCIV.

As graças a Deus dava , e razão tinha ,
Que não somente a terra lhe mostrava ,
Que com tanto temor buscando vinha ,
Por quem tanto trabalho exp'rimentava ;
Mas via-se livrado tam asinha
Da morte , que no mar lhe apparelhava
O vento duro , fêrvido e medonho ;
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Pêr meio d' estes hórridos perigos ,
D' estes trabalhos graves , e temores ,
Alcançam , os que são de fama amigos ,
As honras immortaes , e graus maiores :
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores ;
Não nos leitos dourados entre os finos
Animaes de Moscóvia zebellinos :

XCVI.

Não co' os manjares novos e exquisitos ,
Não co' os passeios molles e ociosos ,
Não co' os varios deleites e infinitos ,
Que afeminam os peitos generosos ;
Não co' os nunca vencidos appetitos ,
Que a fortuna tem sempre tam mimosos ,
Que não sofre a nenhum , que o passo mude
Pera alguma obra heroica de virtude :

XCVII.

Mas com buscar co' o seu forçoso braço -
As honras , que elle chame proprias suas ;
Vigiando , e vestindo o forjado aço ,
Sofrendo tempestades , e ondas cruas ;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul , e regiões de abrigo nuas ;
Engulindo o corrupto mantimento ,
Temperado c' um árduo sofrimento :

XCVIII.

E com forçar o rosto , que se enfia ,
A parecer seguro , ledó , inteiro
Pera o pelouro ardente , que assovia ,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
D'est' arte o peito um callo honroso cria ,
Desprezador das honras , e dinheiro ;
Das honras , e dinheiro , que a ventura
Forjou , e não virtude justa e dura.

XCIX.

D' est' arte se esclarece o intendimento ,
Que experiencias fazem repousado ;
E fica vendo , como de alto assento ,
O baixo traeto humano embaraçado :
Este , onde tiver força o regimento
Direito , e não de affeitos occupado ,
Subirá (como deve) a illustre mando ,
Contra vontade sua , e não rogando.

OS LUSIADAS.



CANTO SEPTIMO.



I.

Ja se viam chegados juncto á terra ,
Que desejada ja de tantos fora ,
Que entre as correntes índicas se encerra ,
E o Ganges , que no ceo terreno mora.
Ora sus ! gente forte , que na guerra
Quereis levar a palma vencedora ,
Ja sois chegados , ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós , o' geração de Luso (digo)
Que tam pequena parte sois no mundo ;
Não digo inda no mundo , mas no amigo
Cural , de quem governa o ceo rotundo :
Vós , a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo ;
Mas nem cubiça , ou pouca obediencia
Da Madre , que nos ceos stá em essencia :

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do ceo deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta christandade:
Que tanto, o' Christo, exaltas a humildade!

IV.

Vêdel-os Alemães, suberbo gado,
Que per tam largos campos se apascenta
Do successor de Pedro, rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vêdel-o em feas guerras occupado,
(Que inda co' o cego error se não contenta!)
Não contra o suberbissimo Othomano,
Mas por sair do jugo soberano.

V.

Vêdel-o duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem viu honra tam longe da verdade!)
Entre as boreaes neves se recrea;
Nova maneira faz de christandade:
Pera os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

VI.

Guarda-lhe por emtanto um falso rei
A cidade Hierosólyma terrestre ;
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosólyma celeste.
Pois de ti , Gallo indino , que direi ?
Que o nome Christianissimo quizeste ,
Não pera defendel-o , nem guardal-o ;
Mas pera ser contra elle , e derribal-o!

VII.

Achas que tens direito em senhorios
De christãos , sendo o teu tam largo e tanto ;
E não contra o Cinypho , e Nilo , rios
Inimigos do antiguo nome santo ?
Alli se hão de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da igreja o canto.
De Carlos , de Luis , o nome e a terra
Herdaste , e as causas não da justa guerra ?

VIII.

Pois que direi d'aquelles , que em delicias ,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo ,
Gastam as vidas , logram as divicias ,
Esquecidos de seu valor antigo ?
Nascem da tyrannia inimicicias ,
Que o povo forte tem , de si imigo :
Comtigo , Italia , fallo , ja sumersa
Em vicios mil , e de ti mesma adversa.

IX.

O' miseros christãos ! pela ventura ,
Sois os dentes de Cádmo desparzidos ,
Que uns aos outros se dão a morte dura ,
Sendo todos de um ventre produzidos ?
Não vêdes a divina sepultura
Possuída de cães , que sempre unidos
Vos véem tomar a vossa antigua terra ,
Fazendo-se famosos pela guerra ?

X.

Vêdes que teem por uso , e por decreto ,
(Do qual são tam inteiros observantes)
Ajunctarem o exército inquieto
Contra os povos , que são de Christo amantes :
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizânias repugnantes :
Olhai se estais seguros de perigos ,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI.

Se cubiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias ,
Não vêdes que Pactólo , e Hermo rios ,
Ambos volvem auríferas areias ?
Em Lydia , Assyria , lavram de ouro os fios ;
Africa esconde em si luzentes veias :
Mova-vos ja sequer riqueza tanta ,
Pois mover-vos não pode a Casa-santa.

XII.

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilheria ,
Ja devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzâncio , e de Turquia.
Fazei que torne la ás sylvestres covas
Dos Cáspios montes , e da Scythia fria
A turca geração , que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos , Thraces , Arménios , Georgianos ,
Bradando-vos estão , « que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão : » (duro tributo !)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriái de peito forte e astuto ;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas emtanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue , o' gente insana !
Não faltarão christãos atrevimentos
N' esta pequena casa lusitana :
De Africa tem marítimos assentos ;
É na Asia , mais que todas , soberana ;
Na quarta parte nova os campos ara ;
E , se mais mundo houvera , la chegara.

XV.

E vejâmos emtanto que acontece
A'quelles tam famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes ;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas perfias tam constantes,
Onde véem semear de Christo a lei,
E dar novo costume , e novo rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram
Leves embarcações de pescadores
Acharam , que o caminho lhe mostraram
De Calecut , onde eram moradores.
Pera la logo as proas se inclinaram ;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O rei , que a terra toda possuia.

XVII.

Alem do Indo jaz , e áquem do Gange
Um terreno mui grande e assás famoso ,
Que pela parte austral o mar abrange,
E pera o Norte o Emódio cavernoso.
Jugo de rês diversos o constrange
A varias leis : alguns o vicioso
Mafoma , alguns os ídolos adoram ,
Alguns os animaes , que entre elles moram.

XVIII.

La bem no grande monte , que cortando
Tam larga terra , toda Asia discorre ,
Que nomes tam diversos vai tomando ,
Segundo as regiões per onde corre ;
As fontes saiem , d' onde véem manando
Os rios , cuja gran' corrente morre
No mar índico , e cercam todo o peso
Do terreno , fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre um e outro rio , em grande espaço ,
Sai da larga terra uma longa ponta
Quasi pyramidal , que no regaço
Do mar , com Ceilão ínsula confronta :
E juncto d' onde nasce o largo braço
Gangético , o rumor antiguo conta ,
Que os visinhos , da terra moradores ,
Do cheiro se mantem das finas flores.

XX.

Mas agora de nomes , e de usança
Novos e varios são os habitantes ;
Os Delijs , os Patânes , que em possança
De terra , e gente , são mais abundantes :
Decanis , Oriás , que a esperança
Teem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange ; e a terra de Bengala ,
Fertil de sorte , que outra não lhe iguala.

XXI.

O reino de Cambáia bellicoso :
(Dizem que foi de Póro , rei potente)
O reino de Narsinga , poderoso
Mais de ouro e pedras , que de forte gente :
Aqui se enxerga la do mar undoso
Um monte alto , que corre longamente ,
Servindo ao Malabar de forte muro ,
Com que do Canará vive seguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate ;
Do pe do qual pequena quantidade
Se estende ãa fraçda estreita , que combate
Do mar a natural ferocidade :
Aqui de outras cidades , sem debate ,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de império rica e bella :
Samorim se intitula o senhor d'ella.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio ,
Um Portuguez mandado logo parte
A fazer sabedor o rei gentio
Da vinda sua a tam remota parte.
Entrando o messageiro pelo rio ,
Que alli nas ondas entra , a não vista arte ,
A côr, o gesto estranho , e traço novo ,
Fez concorrer a vêl-o todo o povo.

XXIV.

Entre a gente , que a vêl-o concorria ,
Se chega um Mahometa , que nascido
Fôra na região de Barbaria ,
La onde fôra Antheo obedecido :
Ou pela visinhança ja teria
O reino lusitano conhecido ,
Ou foi ja assignalado de seu ferro :
Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

XXV.

Em vendo o messageiro , com jucundo
Rosto (como quem sabe a lingua hispana)
Lhe disse : « Quem te trouxe a est' outro mundo ,
Tam longe da tua patria lusitana ? »
« Abrindo (lhe responde) o mar profundo ,
Per onde nunca veio gente humana ,
Vimos buscar do Indo a gran' corrente ,
Per onde a lei divina se accrescente. »

XXVI.

Espantado ficou da gran' viagem
O Mouro , que Monçaide se chamava ,
Ouvindo as oppressões , que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava.
Mas vendo emfim , que a força da mensagem
So pera o rei da terra relevava ,
Lhe diz , « que estava fora da cidade ;
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

« E que, emtanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E, depois que se um pouco recreasse,
Com elle pera a armada tornaria;
Que alegria não pode ser tammanha,
Que achar gente visinha em terra estranha. »

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fôra ja a amizade,
Com elle come, e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade
Pera a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina; e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

XXIX.

O capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Juncto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas d'ella.
Qual se ajunctava em Rhódope o arvoredos,
So por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajuncta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa : « O' gente , que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho ,
Que destino tam grande , ou que ventura ,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho ?
Não é sem causa , não , occulta e escura ,
Vir do longínquo Tejo , e ignoto Minho ,
Per mares nunca d' outro lenho arados ,
A reinos tam remotos e apartados.

XXXI.

« Deus por certo vos traz ; porque pretende
Algum serviço seu , per vós obrado :
Por isso so vos guia , e vos defende
Dos imigos , do mar , do vento irado.
Sabei , que estais na India , onde se estende
Diverso povo , rico e prosperado
De ouro luzente , e fina pedraria ,
Cheiro suave , ardente especiaria.

XXXII.

« Esta provincia , cujo porto agora
Tomado tendes , Malabar se chama :
Do culto antiguo os ídolos adora ,
Que ca per estas partes se derrama :
De diversos rês é , mas d' um so fora
N' outro tempo , segundo a antigua fama :
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei , que este reino teve unido e inteiro.

XXXIII.

« Porêm como a esta terra então viessem
De la do seio arábico , outras gentes ,
Que o culto mahomético trouxessem ,
(No qual me instituíram meus parentes)
Sucedeu , que prégando convertessem
O Perimal , de sabias e eloquentes ;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto ,
Que presuppoz de n' ella morrer santo.

XXXIV.

« Naus arma , e n' ellas mette curioso
Mercadoria , que offereça , rica ,
Pera ir n' ellas a ser religioso
Onde o propheta jaz , que a lei publica :
Antes que parta , o reino poderoso
Co' os seus reparte ; porque não lhe fica
Herdeiro proprio : faz os mais acceitos
Ricos de pobres , livres de sujeitos.

XXXV.

« A um Cochim , e a outro Cananor ,
A qual Chalé , a qual a ilha da Pimenta ,
A qual Coulão , a qual dá Cranganor ,
E os mais , a quem o mais serve e contenta.
Um so moço , a quem tinha muito amor ,
Despois que tudo deu , se lhe apresenta :
Pera este Calecut somente fica ,
Cidade ja per tracto nobre e rica.

XXXVI.

« Esta lhe dá co' o título excellente
De imperador, que sôbre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Pera onde em sancta vida açabe, e ande.
E d' aqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos dino e grande,
Ao moço, e descendentes; d' onde vem
Este, que agora o imperio manda, e tem.

XXXVII.

« A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e somente um panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são; e a menos dina
Poleás tem per nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII.

« Porque os que usaram sempre um mesmo officio
D' outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Pera os Naires é certo grande vicio
D' estes serem tocados; de tal sorte,
Que quando algum se toca, per ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX.

« D' esta sorte o judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária :
Mais estranhezas inda das que digo
N' esta terra vereis de usança vária :
Os Naires sos são dados ao perigo
Das armas ; sos defendem da contrária
Banda o seu rei , trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga , e na direita a espada.

XL.

« Brahmenes são os seus religiosos ,
(Nome antigo e de grande preeminencia)
Observam os preceitos tam famosos
D' um , que primeiro poz nome á sciencia :
Não matam cousa viva , e temerosos ,
Das carnes teem grandissima abstinencia :
Somente no venéreo ajunctamento
Teem mais licença , e menos regimento.

XLI.

« Geraes são as mulheres ; mas somente
Pera os da geração de seus maridos :
Ditosa condição , ditosa gente
Que não são de ciúmes offendidos !
Estes , e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos :
A terra é grossa em tracto , em tudo aquilo ,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.»

XLII.

Assi contava o Mouro : mas vagando
Andava a fama ja pela cidade
Da vinda d' esta gente estranha , quando
O rei saber mandava da verdade.
Ja vinham pelas ruas caminhando ,
Rodeados de todo sexo , e idade ,
Os principaes , que o rei buscar mandara
O capitão da armada , que chegara.

XLIII.

Mas elle , que do rei ja tem licença
Pera desembarcar , acompanhado
Dos nobres Portuguezes , sem detença
Parte , de ricos pannos adornado.
Das côres a fermosa differença
A vista alegre ao povo alvoroçado :
O remo compassado fere frio
Agora o mar , depois o fresco rio.

XLIV.

Na praia um regedor do reino estava ,
Que na sua lingua Catual se chama ,
Rodeado de Naires , que esperava
Com desusada festa o nobre Gama :
Ja na terra nos braços o levava ,
E n' um portatil leito ãa rica cama
Lhe offerece , em que va (costume usado)
Que nos hombros dos homens é levado.

XLV.

D'est' arte o Malabar, d'est' arte o Luso
 Caminham la pera onde o rei o espera :
 Os outros Portuguezes vão ao uso
 Que infantaria segue , esquadra fera :
 O povo, que concorre , vai confuso
 De ver a gente estranha ; e bem quizera
 Perguntar ; mas não tempo já passado ;
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama , e o Catual iam fallando
 Nas cousas , que lhe o tempo offerencia ;
 Monçaidé entr' elles vai interpretando
 As palavras , que de ambos intendia.
 Assi pela cidade caminhando ;
 Onde uma rica fábrica se erguia
 De um sumtuoso templo ; ja chegavam ,
 Pelas portas do qual junctos entravam.

XLVII.

Alli estão das deidades as figuras
 Esculpidas em pau , e em pedra fria ;
 Varios de gestos , varios de pinturas ,
 A segundo o demonio lhe fingia :
 Vêem-se as abominaveis esculturas ,
 Qual a Chimera em membros se varia :
 Os christãos olhos , a ver Deus usados
 Em fórma humana , estão maravillados.

XLVIII.

Um na cabeça cornos esculpidos ,
Qual Jupiter Hammon em Libya , estava ;
Outro n' um corpo rostos tinha unidos ,
Bem como o antiguo Jano se pintava ;
Outro com muitos braços divididos ,
A Briareu parece que imitava ;
Outro fronte canina tem de fora ,
Qual Anúbis memphítico se adora.

XLIX.

Aqui feita do barbaro gentio
A supersticiosa adoração ,
Direitos vão , sem outro algum desvio ,
Pera onde estava o rei do povo vão :
Engrossando-se vai da gente o fio ;
Co' os que vêem ver o estranho capitão :
Estão pelos telhados , e janellas
Velhos e moços , donas e donzellas.

L.

Ja chegam perto , e não com passos lentos ,
Dos jardins odoríferos , fermosos ,
Que em si escondem os reios aposentos ,
Altos de torres não , mas sumtuosos :
Edificam-se os nobres seus assentos
Per entre os arvoredos deleitosos :
Assi vivem os rês d' aquella gente ,
No campo , e na cidade junctamente.

LI.

Pelos portaes da cêrca a sutileza
Se enxerga da dedálea faculdade ,
Em figuras mostrando per nobreza ,
Da India a mais remota antiguidade :
Afiguradas vão com tal viveza
As historias d' aquella antigua idade ,
Que , quem d' ellas tiver noticia inteira ,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava um grande exército , que pisa
A terra oriental , que o Hydaspe lava ;
Rege-o um capitão de fronte lisa ,
Que com frondentes thyrsos pelejava :
Per elle edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio , que manava ;
Tam proprio , que se alli stiver Semele ,
Dirá por certo , que é seu filho aquele.

LIII.

Mais avante bebendo sécca o rio
Mui grande multidão da assyria gente ,
Sujeita a femenino senhorio
De uma tam bella , como incontinente :
Alli tem juncto ao lado nunca frio ,
Esculpido o feroz ginete ardente ,
Com quem teria o filho competencia :
Amor nefando , bruta incontinencia !

LIV.

D'aqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas ,
Terceira monarchia , e sujugavam
Até as aguas gangéticas undosas :
D'um capitão mancebo se guiavam ,
De palmas rodeado valerosas ;
Que ja não de Philippo , mas sem falta ,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias ,
(Dizia o Catual ao capitão)
« Tempo cedo virá , que outras victorias ,
Estas , que agora olhais , abaterão :
Aqui se escreverão novas historias
Per gentes estrangeiras , que virão ;
Que os nossos sabios magos o alcançaram ,
Quando o tempo futuro especularam. »

LVI.

E diz-lhe mais a mágica sciencia ,
« Que pera se evitar força tammanha ,
Não valerá dos homens resistencia ,
Que contra o ceo não val da gente manha : »
Mas tambem diz , « que a béllica excellencia
Nas armas , e na paz , da gente estranha
Será tal , que será no mundo ouvido
O vencedor , por glória do vencido. »

LVII.

Assi fallando , entravam ja na sala ,
 Onde aquelle potente imperador
 N' uma camilha jaz , que não se iguala
 De outra alguma no preço , e no lavor :
 No recostado gesto se assinala
 Um venerando e próspero senhor :
 Um panno de ouro cinge , e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem juncto d' elle um velho reverente ,
 Co' os gíolhos no chão , de quando em quando
 Lhe dava a verde folha da herva ardente ,
 Que a seu costume , estava ruminando.
 Um Brahmene , pessoa preeminente ,
 Pera o Gama vem com passo brando ,
 Pera que ao grande príncipe o apresente ,
 Que diante lhe acena que se assente.

LIX.

Sentado o Gama juncto ao rico leito ,
 Os seus mais afastados , prompto em vista
 Estava o Samorim no trajo , e geito
 Da gente , nunca de antes d' elle vista :
 Lançando a grave voz do sabio peito ,
 (Que grande auctoridade logo aquista
 Na opinião do rei , e povo todo)
 O capitão lhe falla d' este modo :

LX.

« Um grande rei de la das partes , onde
O ceo volubil , com perpetua roda ,
Da terra a luz solar co' a terra esconde ,
Tingindo a que deixou de escura noda ;
Ouvindo do rumor, que la responde
O ecco , como em ti da India toda
O principado está , e a magestade ,
Vínculo quer comtigo de amizade.

LXI.

« E per longos rodeios a ti manda ,
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas , de la do Tejo ao Nilo ;
E desde a fria plaga de Zelanda ,
Até bem d' onde o sol não muda o estilo
Nos dias , sobre a gente de Ethiopia ,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII.

« E se queres com pactos , e lianças
De paz , e de amizade sacra e nua ,
Commercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua , e tua ;
Porque cresçam as rendas, e abastanças ,
(Por quem a gente mais trabalha , e sua)
De vossos reinos ; será certamente
De ti proveito , e d' elle gloria ingente.

LXIII.

« E, sendo assi que o nó d' esta amizade
Entre vós firmemente permaneça ,
Estará prompto a toda adversidade ,
Que per guerra a teu reino se offereça ,
Com gente , armas , e naus , de calidade
Que por irmão te tenha , e te conheça :
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta. »

LXIV.

Tal embaixada dava o capitão ,
A quem o rei gentio respondia ,
« Que em ver embaixadores de nação
Tam remota, gran' gloria recebia :
Mas n' este caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria ,
Informando-se certo de quem era
O rei , e a gente , e terra , que dissera.

LXV.

E que emtanto podia do trabalho
Passado ir repousar ; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho ,
Com que a seu rei resposta alegre leve. »
Ja n' isto punha a noite o usado atalho
A's humanas canseiras ; porque ceve
De doce somno os membros trabalhados ,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados foram junctamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da índica gente ,
Com festas, e geral contentamento.
O Catual , no cargo diligente
De seu rei , tinha ja per regimento
Saber da gente estranha d'onde vinha ,
Que costumes , que lei , que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os ígneos carros do fermoso
Mancebo Delio viu , que a luz renova ,
Manda chamar Monçaide , desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Ja lhe pergunta prompto e curioso ,
« Se tem noticia inteira , e certa prova
Dos estranhos quem são , que ouvido tinha
Que é gente de sua patria mui visinha.

LXVIII.

« Que particularmente alli lhe desse
Informação mui larga , pois faria
N'isso serviço ao rei , porque soubesse
O que n'este negocio se faria.»
Monçaide torna : « Postoque eu quizesse
Dizer-te d'isto mais , não saberia ;
Somente sei , que é gente la de Hespanha ,
Onde o meu ninho , e o sol no mar se banha.

LXIX.

« Teem a lei d' um propheta , que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento
 Da mãe; tal que per bafô stá approvedo
 Do Deus , que tem do mundo o regimento.
 O que entre meus antigüos é vulgado
 D' elles , é que o valor sanguinolento
 Das armas , no seu braço resplandece ,
 O que em possos passados se parece.

LXX.

« Porque elles , com virtude sobrehumana ,
 Os deitaram dos campos abundosos
 Do rico Tejo , e fresco Guadiana ,
 Com feitos memoraveis e famosos :
 E , não contentes inda , na africana
 Parte , cortando os mares procellosos ,
 Nos não querem deixar viver seguros ,
 Tomando-nos cidades , e altos muros.

LXXI.

« Não menos teem mostrado esforço e manha
 Em quaesquer outras guerras , que aconteçam,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha ,
 Ou la d' alguns , que do Pyrene deçam :
 Assi que , nunca emfim com lança estranha
 Se tem , que por vencidos se conheçam ;
 Nem se sabe inda , não , te affirmo , e assello ,
 Pera estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

« E, se esta informação não for inteira ,
Tanto quanto convem , d'elles pretende
Informar-te ; que é gente verdadeira ,
A quem mais falsidade enoja , e offende :
Vai ver-lhe a frota , as armas , e a maneira
Do fundido metal , que tudo rende ;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz , e na milicia. »

LXXIII.

Ja com desejos o idolátra ardia
De ver isto , que o Mouro lhe contava :
Manda equipar bateis ; que ir ver queria
Os lenhos . em que o Gama navegava ;
Ambos partem da praia , a quem seguia
A naira geração , que o mar coalhava ;
A' capitaina sobem forte e bella ,
Onde Paulo os recebe a bordo d' ella.

LXXIV.

Purpúreos são os toldos , e as bandeiras
Do rico fio são , que o bicho gera ;
N' ellas estão pintadas as guerreiras
Obras , que o forte braço ja fizera :
Batalhas teem campaes , aventureiras ,
Desafios crueis , pintura fera ,
Que , tanto que ao gentio se apresenta ,
Attento n' ella os olhos apascenta.

LXXV.

Polo que ve pergunta : mas o Gama
Lhe pedia primeiro « que se assente ,
E que aquelle deleite , que tanto ama
A seita epicuréa experimente. »
Dos espumantes vasos se derrama
O liquor, que Noé mostrara á gente :
Mas comer o gentio não pretende,
Que a seita , que seguia , lh' o defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra , rompe os ares :
Co' o fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo la dos mares.
Tudo o gentio nota ; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens , que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pe , com elle o Gama junto ,
Coelho de outra parte ; e o Mauritano
Os olhos põe no béllico transunto
De um velho branco , aspeito soberano ;
Cujo nome não pode ser defunto
Em quanto houver no mundo tracto humano :
No trajo a grega usança está perfeita ;
Um ramo por insígnia na direita.

LXXVIII.

Um ramo na mão tinha... Mas o' cego
Eu , que commetto insano e temerario,
Sem vós, nymphas do Tejo, e do Mondego,
Per caminho tam árduo , longo e vario!
Vosso favor invoco , que navego
Per alto mar, com vento tam contrario,
Que , se não me ajudais , hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai , que ha tanto tempo que cantando
O vosso Tejo , e os vossos Lusitanos ,
A fortuna me traz peregrinando ,
Novos trabalhos vendo , e novos danos :
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os perigos mavórcios inhumanos;
Qual Canace , que á morte se condena ,
N' uma mão sempre a espada, e n' outra a pena.

LXXX.

Agora com pobreza avorrecida
Per hospicios alheios degradado;
Agora da esperanza ja adquirida,
De novo , mais que nunca , derribado;
Agora ás costas escapando a vida ,
Que d' um fio pendia tam delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se ,
Que pera o Rei judaico accrecentar-se.

LXXXI.

E ainda , nymphas minhas ; não bastava
Que tammanhas miserias me cercassem ;
Senão que aquelles , que eu cantando andava ,
Tal prémio de meus versos me tornassem :
A troco dos descansos , que esperava ,
Das capellas de louro , que me honrassem ,
Trabalhos nunca usados me inventaram ,
Com que em tam duro estado me deitaram.

LXXXII.

Vêde , nymphas , que ingenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos ,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz , cantando ; gloriosos !
Que exemplos a futuros escritores ,
Pera espertar ingenhos curiosos ,
Pera pôrem as cousas em memoria ,
Que merecerem ter eterna gloria !

LXXXIII.

Pois logo em tantos males é forçado ,
Que so vosso favor me não falleça ;
Principalmente aqui , que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça :
Dai-m'o vós sos , que eu tenho ja jurado ,
Que não o empregue em quem o não mereça ;
Nem per lisonja louve algum subido ,
Só pena de não ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creais, nymphas ; não , que fama desse
A quem ao bem commum , e do seu rei ;
Antepuzer seu próprio interesse ,
Imigo da divina e humana lei :
Nenhum ambicioso ; que quizesse
Subir a grandes cargos , cantarei ;
So por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios :

LXXXV.

Nenhum , que use de seu poder bastante ,
Pera servir a seu desejo feo ;
E que , por comprazer ao vulgo errante ,
Se muda em mais figuras que Proteo.
Nem, Camenas , tambem cuideis que cante
Quem com hábito honesto e grave , veo ,
Por contentar ao rei no officio novo ,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que é justo , e que é direito
Guardar-se a lei do rei severamente ;
E não acha que é justo , e bom respeito ,
Que se pague o suor da servil gente :
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende , e cuida que é prudente ,
Pera taixar com mão rapace e escassa ,
Os trabalhos alheios , que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sos direi , que aventuraram
Por seu Deus , por seu rei , a amada vida ,
Onde perdendo-a , em fama a dilataram ,
Tam bem de suas obras merecida.
Apollo , e as Musas , que me acompanharam ,
Me dobrarão a furia concedida ;
Em quanto eu tómo alento descansado ,
Por tornar ao trabalho , mais folgado.

OS LUSIADAS.



CANTO OITAVO.



I.

Na primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada :
« Quem era, e porque causa lhe convinha
A divisa, que tem na mão tomada? »
Paulo responde (cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta) :

II.

« Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos ;
Mais bravos, e mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, e nos feitos :
Antiguos são ; mas inda resplandecem
Co' o nome, entre os ingenhos mais perfeitos :
Este que ves é Luso, d' onde a fama
O nosso reino Lusitânia chama.

III.

« Foi filho , ou companheiro do Thebano ,
 Que tam diversas partes conquistou :
 Parece vindo ter ao ninho hispano ,
 Seguindo as armas , que contino usou :
 Do Douro. e Guadiana , o campo ufano ,
 Ja dicto elysio , tanto o contentou ,
 Que alli quiz dar , aos ja cançados ossos
 Eterna sepultura , e nome aos nossos.

IV.

« O ramo que lhe ves pera divisa ,
 O verde thyrsos foi de Baccho usado ;
 O qual á nossa idade amostra , e avisa ,
 Que foi seu companheiro , ou filho amado.
 Ves outro , que do Tejo a terra pisa ,
 Depois de ter tam longo mar arado ,
 Onde muros perpétuos edifica ,
 E templo a Pallas , que em memoria fica ?

V.

« Ulysses é o que faz a sancta casa
 A' deusa , que lhe dá lingua facunda ;
 Que , se la na Asia Tróia insigne abrasa ,
 Ca na Europa Lisboa ingente funda. »
 « Quem será est' outro ca , que o campo arrasa
 De mortos , com presença furibunda ?
 Grandes batalhas tem desbaratadas ,
 Que as aguias nas bandeiras tem pintadas. »

VI.

Assi o gentio diz : responde o Gama :
« Este que ves , pastor ja foi de gado ;
Viriáto sabemos que se chama ,
Destro na lança mais , que no cajado :
Injuriada tem de Roma a fama ,
Vencedor invencibil afamado ;
Não teem com elle , não , nem ter poderam
O primor , que com Pyrrho ja tiveram .

VII.

« Com força não , com manha vergonhosa ,
A vida lhe tiraram , que os espanta :
Que o grande aperto em gente , indaque honrosa ,
A's vezes leis magnânimas quebranta .
Outro está aqui , que contra a patria irosa ,
Degradado comnosco , se alevanta :
Escolheu bem com quem se alevantasse ,
Pera que eternamente se illustrasse .

VIII.

« Ves ? comnosco tambem vence as bandeiras
D'essas aves de Júpter validas ;
Que ja n' aquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas :
Olha tam sutis artes , e maneiras ,
Pera adquirir os povos , tam fingidas ;
A fatídica cerva , que o avisa :
Elle é Sertório , e ella sa divisa .

IX.

« Olha est' outra bandeira , e ve pintado
O gran' progenitor dos rês primeiros:
Nós Húngaro o fazemos; porêm nado
Creem ser em Lotharíngia os estrangeiros:
Despois de ter os Mouros superado ,
Gallegos, e Leonezes cavalleiros,
A' Casa-sancta passa o sancto Henrique ;
Porque o tronco dos rês se sanctifique. »

X.

« Quem é (me dize) est' outro , que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta
Com tam pouca, tem roto, e destroçado?
Tantos muros aspérrimos quebranta ,
Tantas batalhas dá , nunca cansado,
Tantas coroas tem per tantàs partes
A seus pes derribadas , e estandartes? »

XI.

« Este é o primeiro Afonso (disse o Gama)
Que todo Portugal aos Mouros toma ,
Por quem , no Estygio lago , jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este é aquelle zeloso, a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma ;
Pera quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando ja pera os futuros.

XII.

« Se Cesar, se Alexandre rei, tiveram
Tam pequeno poder, tam pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os' que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tam largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Ve que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

« Este, que ves olhar com gesto irado
Pera o rompido alumno mal-sofrido,
Dizendo-lhe « que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido: »
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho;
Pera leaes vassallos claro espelho.

XIV.

« Vel-o ca vai co' os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e pano;
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettera, ao Castelhana:
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cerco, que ja estava soberano:
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Pera que o senhor salve, a si condena.

XV.

« Não fez o consul tanto , que cercado
Foi nas forcas-Caudinas , de ignorante ;
Quando a passar per baixo foi forçado
Do samnítico jugo triumphante :
Este pelo seu povo injuriado ,
A si se entrega so , firme e constante ;
Est'outro a si , e os filhos naturais ,
E a consorte sem culpa , que doe mais.

XVI.

« Ves este , que saindo da cilada
Dá sobre o rei , que cerca a villa forte ?
Ja o rei tem preso , e a villa descercada :
Illustre feito , dino de Mavorte .
Vel-o ca vai pintado n' esta armada ,
No mar tambem aos Mouros dando a morte ,
Tomando-lhe as galés , levando a gloria
Da primeira marítima victoria :

XVII.

« É dom Fuas Roupinho , que na terra ,
E no mar resplandece junctamente ,
Co' o fogo que accendeu juncto da serra
De Abyla nas galés da maura gente .
Olha como em tam justa e sancta guerra ,
De acabar pelejando está contente ;
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos ceos , com justa palma .

XVIII.

« Não ves ã ajunctamento de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma, que lhe nasce juncto á cova;
Per elles mostra Deus milagre visto:
Germanos são os mártýres de Christo.

XIX.

« Um sacerdote ve brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, per vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Per quem por Mafamede enresta a lança;
É Theotónio, prior. Mas ve cercada
Sanctarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo, ergueu das quinas a bandeira;

XX.

« Vel-o ca onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandália em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E o hispálico pendão derriba em terra:
Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
Que o sepulcro do pae co'os ossos cerra,
Digno d' estas bandeiras; pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI.

« Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias ,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade per manhas , e ousadas.
Ella por armas toma a similhaça
Do cavalleiro , que as cabeças frias
Na mão levava : feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

XXII.

« Não vez um Castelhana, que aggravadô
De Afonso nono rei, polo odio antigo
Dos de Lara, co' os Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comsigo ;
Mas ve que um Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente :

XXIII.

« Martim Lopes se chama o cavalleiro ,
Que d' estes levar pode a palma , e o louro.
Mas olha um ecclesiastico guerreiro ,
Que em lança de aço torna o bago de ouro :
Vel-o entre os duvidosos tam inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro ;
Olha o signal no ceo , que lhe apparece ,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV.

« Ves? vão os rês de Cordova, e Sevilha,
Rotos, com outros dous, e não de espaço;
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço!
Ves? ja a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A dom Mattheus, o bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa.

XXV.

« Olha um mestre, que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e ja n'ella
Não acha quem per armas lhe resista:
Com manha, esforço, e com benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista.
Ves Tavíla tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

« Ves? com béllica astúcia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente:
É dom Paio Correa, cuja manha
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres, que em França, e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas, e torneos,
N'ellas deixando públicos tropheos.

XXVII.

« Vel-os? co' o nome véem de aventureiros
A Castella , onde o preço sos levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram.
Ve mortos os suberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram ,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea ,
Que pode não temer a lei lethea.

XXVIII.

« Attenta n' um , que a fama tanto estende ,
Que de nenhum passado se contenta ,
Que a patria , que de um fraco fio pende ,
Sôbre seus duros hombros a sustenta.
Não o ves tincto de ira , que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo , e faz que tome o doce freio
De rei seu natural , e não de alheio?

XXIX.

« Olha : per seu conselho e ousadia
De Deus guiada so , e de sancta estrella ,
So pode (o que impossibil parecia)
Vencer o povo ingente de Castella.
Ves per indústria , esforço , e valentia ,
Outro estrago , e victória clara e bella
Na gente , assi feroz , como infinita ,
Que entre o Tartésso , e Guadiana habita ?

XXX.

« Mas não ves quasi ja desbaratado
O poder lusitano , pela ausencia
Do capitão devoto , que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Vel-o com pressa ja dos seus achado,
Que lhe dizem « que falta resistencia
Contra poder tammanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos desse. »

XXXI.

« Mas olha com que sancta confiança ,
« Que inda não era tempo (respondia); »
Como quem tinha em Deus a segurança
Da victoria, que logo lhe daria :
Assi Pompílio , ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando ,
« Pois eu (responde) estou sacrificando. »

XXXII.

« Se quem com tanto esforço em Deus se atreve ,
Ouvir quizeres como se nomeia ,
Portuguez Scipião chamar-se deve ,
Mas , mais de dom Nun' Alvares se arreia,
Ditosa patria , que tal filho teve !
Mas antes pae ; que em quanto o sol rodeia
Este globo de Ceres, e Neptuno ,
Sempre suspirará por tal aluno.

XXXIII.

« Na mesma guerra ve que presas ganha
Est' outro capitão de pouca gente!
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez ve que a lança em sangue banha
D' estes, so por livrar co' amor ardente
O preso amigo; preso por leal :
Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXIV.

« Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano :
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano :
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co' o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV.

« Olha que désesete Lusitanos
N' este outeiro subidos se defendem
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor polos tomar se estendem :
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não so se defendem, mas offendem :
Digno feito de ser no mundo eterno ;
Grande no tempo antigo, e no moderno.

XXXVI.

« Sabe-se antigamente que trezentos
Ja contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os virís atrevimentos
De Viriáto tanto se illustraram :
E, d' elles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
« Que os muitos, por ser poucos, não temamos ; »
O que depois mil vezes amostramos.

XXXVII.

« Olha ca dous ifantes, Pedro, e Henrique,
Progénie generosa de Joane :
Aquelle, faz que fama illustre fique
D' elle em Germânia, com que a morte engane :
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a maura tímida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

« Ves o conde dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Ves? outro conde está, que representa
Em terra Marte, em forças, e ousadia :
De poder defender se não contenta
Alcácere da ingente companhia ;
Mas do seu rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX.

« Outros muitos verias , que os pintores
 Aqui tambem por certo pintariam ;
 Mas falta-lhe pincel , faltam-lhe cores
 Honra , prémio , favor , que as artes criam :
 Culpa dos viciosos successores ,
 Que degeneram certo , e se desviam
 Do lustre , e do valor de seus passados ,
 Em gostos , e vaidades atolados.

XL.

« Aquelles paes illustres , que ja deram
 Princípio á geração , que d'elles pende ,
 Pola virtude muito então fizeram ,
 E por deixar a casa , que descende.
 Cegos ! Que dos trabalhos , que tiveram ,
 (Se alta fama , e rumor d'elles se estende)
 Escuros deixam sempre seus menores ,
 Com lhe deixar descansos corrutores.

XLI.

« Outros tambem ha grandes e abastados ,
 Sem nenhum tronco illustre d'onde venham ;
 Culpa de rês , que ás vezes a privados
 Dão mais que a mil , que esforço , e saber tenham :
 Estes os seus não querem ver pintados ,
 Crendo que côres vãs lhe não convenham ;
 E , como a seu contrário natural ,
 A' pintura , que falla , querem mal. •

XLII.

« Não nego que ha comtudo descendentes
De generoso tronco , e casa rica ,
Que com costumes altos e excellentes ,
Sustentam a nobreza , que lhe fica :
E se a luz dos antigos seus parentes
N'elles mais o valor não clarifica ,
Não falta ao menos , nem se faz escura :
Mas d'estes acha poucos a pintura. »

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama , que alli mostra a varia tinta ,
Que a docta mão tam claros , tam perfeitos ,
De singular artífice alli pinta :
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na história bem distinta :
Mil vezes perguntava , e mil ouvia
As gostosas batalhas , que alli via.

XLIV.

Mas ja a luz se mostrava duvidosa ;
Porque a alâmpada grande se escondia
Debaixo do horizonte , e luminosa
Levara aos antípodas o dia :
Quando o gentio , e a gente generosa
Dos Naires , da nau forte se partia
A buscar o repouso , que descansa
Os lassos animaes , na noite mansa.

XLV.

Entretanto os harúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Anteveem sempre os casos duvidosos,
Per signaes diabólicos, e indícios;
Mandados do rei próprio, estudiosos
Exercitavam a arte, e seus officios
Sobre esta vinda d' esta gente estranha,
Que ás suas terras véem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativeiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attónito agoureiro
Dizer ao rei (segundo o que intendia)
Os signaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das víctimas, que olhara.

XLVII.

A isto mais se ajuncta, que a um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina fe, que tudo excede,
Em fórma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi : « Guardai-vos, gente minha,
Do mal, que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas húmidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo. »
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho : mas consigo
Cuida que não é mais que sonho usado :
Torna a dormir quieto e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo : « Não conheces
O gran' Legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito, a que obedeces,
Sem o qual, foreis muitos bautizados?
Eu por ti, rudo, vélo; e tu dormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei, que eu dei ao nescio povo humano.

L.

« Em quanto é fraca a força d' esta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o sol sai, facilmente
Se pode n' elle pôr a aguda vista :
Porêm depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficareis,
Se raizes crear lhe não tolheis. »

LI.

Isto dicto , elle e o somno se despede ;
Tremendo fica o attónito Agareno :
Salta da cama , lume aos servos pede ,
Lavrando n' elle o férvido veneno.
Tanto que a nova luz , que ao sol precede ,
Mostrara rosto angélico e sereno ,
Convoca os principaes da torpe seita ,
Aos quaes , do que sonhou , dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres , e contrarios
Alli se dão , segundo o que intendiam :
Astutas traíções , enganos varios ,
Perfidias inventavam , e teciam.
Mas , deixando conselhos temerarios ,
Destruição da gente pretendiam ,
Per manhas mais sutis , e ardis melhores ,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII.

Com peitas , ouro , e dádivas secretas ,
Conciliam da terra os principaes ;
E com razões notaveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturaes ;
Dizendo « que são gentes inquietas ,
Que os mares discorrendo occidentaes ,
Vivem so de piráticas rapinas ,
Sem rei , sem leis humanas ou divinas. »

LIV.

Oh quanto deve o rei , que bem governa ,
De olhar que os conselheiros , ou privados ,
De consciencia , e de virtude interna ,
E de sincero amor sejam dotados !
Porque , como estê posto na superna
Cadeira , pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira ,
Da que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tam pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa ,
Que se enleve n' um pobre e humilde manto ,
Onde ambição a caso ande encoberta.
E quando um bom em tudo é justo e santo ,
Em negocios do mundo pouco acerta ;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia , em so Deus pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais ,
Que o gentílico povo governavam ,
Induzidos das gentes infernais ,
O portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama , que não pretende mais
De tudo quanto os Mouros ordenavam ,
Que levar a seu rei um signal certo
Do mundo , que deixava descoberto :

LVII.

N' isto trabalha so; que bem sabia ,
Que depois que levasse esta certeza ,
Armas , e naus , e gente mandaria
Manuel , que exercita a summa alteza ,
Com que a seu jugo , e lei sumetteria
Das terras , e do mar a redondeza :
Que elle não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao rei gentio determina ,
Porque com seu despacho se tornasse ;
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O rei , que da noticia falsa e indina
Não era d' espantar se s' espantasse ;
Que tam credulo era em seus agouros ,
E mais sendo affirmados pelos Mouros :

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito :
Per outra parte a força da cubiça ,
A quem per natureza está sujeito ,
Um desejo immortal lhe accende , e atiça :
Que bem ve que grandissimo proveito
Fará , se com verdade , e com justiça
O contracto fizer per longos anos ,
Que lhe commette o rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que n' aquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande capitão chamar mandava;
A quem chegado disse: « Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI.

« Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu rei me déstes, é fingida;
Porque nem tu tens rei, nem patria amada;
Mas vagabundo vas passando a vida:
Que quem da Hespéria última alongada,
Rei ou senhor, de insânia desmedida,
Ha de vir commetter com naus e frotas,
Tam incertas viajens e remotas?

LXII.

« E se de grandes reinos poderosos
O teu rei tem a régia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incógnita verdade?
Com peças, e dões altos sumtuosos,
Se lia dos rês altos a amizade:
Que signal, nem penhor não são bastante
As palavras d' um vago navegante.

LXIII.

« Se per ventura vindes desterrados ,
(Como ja foram homens d'alta sorte)
Em meu reino sereis agasalhados ;
Que toda a terra é patria pera o forte :
Ou se piratas sois ao mar usados ,
Dizei-m'ó sem temor de infamia , ou morte ;
Que por se sustentar em toda idade ,
Tudo faz a vital necessidade. »

LXIV.

Isto assi dicto , o Gama , que ja tinha
Suspeitas das insídias , que ordenava
O mahometico ódio , d'onde vinha
Aquillo que tam mal o rei cuidava ;
C' uma alta confiança , que convinha ,
(Com que seguro crédito alcançava)
Que Venus acidália lhe influia ,
Taes palavras do sabio peito abria :

LXV.

« Se os antiguos delictos , que a malicia
Humana commetteu na prisca idade ,
Não causaram que o vaso da nequicia ,
(Açoute tam cruel da christandade)
Viera pôr perpétua inimicicia
Na geração de Adão co' a falsidade
(O' poderoso rei) da torpe seita ,
Não conceberas tu tam má suspeita.

LXVI.

« Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tam pouca confiança
D' esta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário, que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII.

« Porque, se eu de rapinas so vivesse,
Undívago, ou da patria desterrado,
Como crês que tam longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria exp' rimentando o mar irado,
Os antárcticos frios, e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

« Se com grandes presentes d' alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo.
Mas, se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria, e reino amigo,
Então verás o dom suberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX.

« Se te parece inopinado feito ,
Que rei da ultima Hespéria a ti me mande ,
O coração sublime , o regio peito ,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre e gran' conceito
Do lusitano espiritu demande
Maior credito , e fe de mais alteza ,
Que creia d' elle tanta fortaleza.

LXX.

« Sabe , que ha muitos annos , que os antigos
Rêis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos , e perigos ,
Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram :
E , descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso , pretenderam
De saber que fim tinham , e onde estavam
As derradeiras praias , que lavavam.

LXXI.

« Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso rei , que arou primeiro
O mar , por ir deitar do ninho caro
O morador de Abyla derradeiro.
Este , per sua indústria e ingenho raro ,
N' um madeiro ajunctando outro madeiro ,
Descobrir pôde a parte , que faz clara
De Argos , da Hydra a luz , da Lebre e da Ara.

LXXII.

« Crescendo co' os successos bons primeiros
No peito as ousadias , descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros ,
Que uns , succedendo aos outros , proseguiram .
De Africa os moradores derradeiros
Austraes , que nunca as sete flammias viram ,
Foram vistos de nós , atraz deixando
Quantos estão os Trópicos queimando .

LXXIII.

« Assi com firme peito , e com tammanho
Propósito vencemos a Fortuna ;
Até que nós no teu terreno estranho .
Viemos pôr a última coluna .
Rompendo a força do liquido estanho ,
Da tempestade horrífica e importuna ,
A ti chegámos , de quem so queremos
Signal , que ao nosso rei de ti levemos .

LXXIV.

« Esta é a verdade , rei : que não faria
Por tam incerto bem , tam fraco premio ,
Qual , não sendo isto assi , sperar podia
Tam longo , tam fingido e vão proemio :
Mas antes descançar me deixaria
No nunca descançado e fero gremio
Da madre Thetis , qual pirata inico ,
Dos trabalhos alheios feito rico .

LXXV.

« Assi que , o' rei , se minha gran' verdade
 Tens por qual é , sincera e não dobrada ;
 Ajuncta-me ao despacho brevidade ,
 Não me impidas o gosto da tornada :
 E , se inda te parece falsidade ,
 Cuida bem na razão , que está provada ,
 Que com claro juízo pode ver-se ;
 Que facil é a verdade d'intender-se. »

LXXVI.

Attento estava o rei na segurança ,
 Com que provava o Gama o que dizia :
 Concebe d' elle certa confiança ,
 Credito firme , em quanto proferia :
 Pondera das palavras a abastança ,
 Julga na auctoridade gran' valia :
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes corruptos , mal julgados.

LXXVII.

Junctamente a cubiça do proveito ,
 Que espera do contracto lusitano ,
 O faz obedecer , e ter respeito
 Co' o capitão , e não co' o mauro engano.
 Emfim , ao Gama manda , « que direito
 A's naus se va ; e , seguro d' algum dano
 Possa a terra mandar qualquer fazenda ,
 Que pola especiaria troque , e venda.

LXXVIII.

« Que mande da fazenda, emfim, lhe manda,
Que nos reinos gangéticos falleça;
Se alguma traz idónea, la da banda
D' onde a terra se acaba, e o mar começa. »
Ja da real presença veneranda
Se parte o capitão pera onde peça
Ao Catual, que d' elle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcação, que o leve ás naus, lhe pede :
Mas o mau regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças, e embaraços.
Com elle parte ao caes; porque arrede
Longe, quanto poder, dos regios paços;
Onde, sem que seu rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX.

La bem longe lhe diz, « que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse;
Ou que pera a luz crástina do dia
Futuro, sua partida differisse:
Ja com tantas tardanças intendia
O Gama, que o gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera;
O que d' elle até-li não entendera.

LXXXI.

Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela ma'ometana gente ,
O principal per quem se governavam
As cidades do Samorim potente :
D' elle somente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente.
Elle , que no conceito vil conspira ,
De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requiere
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val;
E, que assi lh' o mandara, lhe refere ,
O nobre successor de Perimal.
« Por que razão lhe impede , e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os rês ja teem mandado ,
Não pode ser per outrem derogado. »

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras ; antes revolvendo
Na phantasia algum sutil e astuto
Engano diabólico e estupendo ;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue avorrecido , estava vendo ;
Ou como as naus em fogo lhe abrazasse ;
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria so pretende
O conselho infernal dos Ma'ometanos ;
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra eôa o rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama emfim , que lh'o defende
O regedor dos barbaros profanos :
Nem sem licença sua ir-se podia ,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do capitão
Responde o idolátra , « que mandasse
Chegar á terra as naus , que longe estão ;
Porque melhor d' alli fosse , e tornasse.
Signal é d' inimigo , e de ladrão ,
Que la tam longe a frota se alargasse ,
(Lhe diz) porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo. »

LXXXVI.

N'estas palavras o discreto Gama
Enxerga bem , que as naus deseja perto
O Catual ; porque com ferro , e flama ,
Lh'as assalte , por ódio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama :
Phantesiando está remedio certo ,
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava ;
Tudo temia , tudo emfim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de crystal fermoso,
 Que do raio solar sendo ferido,
 Vai ferir n'outra parte luminoso;
 E, sendo da ociosa mão movido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, e telhado,
 Trémulo aqui, e alli dessocegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juízo fluctuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrara
 Coelho, se per caso o esperava
 Na praia co' os bateis, como ordenara:
 Logo secretamente lhe mandava,
 « Que se tornasse á frota, que deixara;
 Não fosse salteado dos enganos,
 Que esperava dos feros Ma'ometanos. »

LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co' o dom de Marte
 Imitar os illustres, e igualal-os:
 Voar co'o pensamento a toda parte,
 Adivinhar perigos, e evital-os:
 Com militar ingenho, e sutil arte,
 Intender os imigos, e enganal-os;
 Crer tudo emfim; que nunca louvarei
 O capitão, que diga: « Não cuidei. »

XC.

Insiste o Malabar em tel-o preso ,
Se não manda chegar a terra a armada ;
Elle constante, e de ira nobre acceso ,
Os ameaços seus não teme nada :
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu rei , que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido ,
E parte do outro dia ; quando ordena
De se tornar ao rei : mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Commelte-lhe o gentio outro partido ,
(Temendo de seu rei castigo ou pena ,
Se sabe esta malícia ; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha) :

XCII.

Diz-lhe « que mande vir toda a fazenda
Vendibil , que trazia, pera terra ,
Pera que de vagar se troque , e venda ;
Que quem não quer commércio, busca guerra.»
Postoque os maus propositos intenda
O Gama, que o damnado peito encerra ,
Consinte ; porque sabe per verdade ,
Que compra co' a fazenda a liberdade.



XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idóneas , com que venha ;
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lh'os tome o imigo , ou lh'os detenha :
Partem as almadías a buscar
Mercadoria hispana , que convenha :
Escreve a seu irmão « que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse. »

XCIV.

Vem a fazenda a terra , aonde logo
A agasalhou o infame Catual :
Com ella ficam Alvaro , e Diogo ,
Que a podessem vender polo que val.
Se mais que obrigação , que mando , e rogo
No peito vil , o prémio pode , e val ,
Bem o mostra o gentio a quem o intenda ;
Pois o Gama soltou pola fazenda.

XCV.

Por ella o solta , crendo que alli tinha
Penhor bastante , d'onde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha ,
Se o capitão mais tempo detivesse.
Elle , vendo que ja lhe não convinha
Tornar a terra ; porque não podesse
Ser mais retido , sendo ás naus chegado ,
N' ellas estar se deixa descançado.

XCVI.

Nas naus estar se deixa vagaroso ,
Até ver o que o tempo lhe descobre :
Que não se fia ja do cubiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico , assi como no pobre ,
Pode o vil interesse , e sêde imiga
Do dinheiro , que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o rei threício ,
So por ficar senhor do gran' thesouro :
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrísio a chuva d' ouro :
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio ,
Que a troco do metal luzente e louro ,
Entrêga aos inimigos a alta torre ,
Do qual , quasi afogada , em pago , morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas ;
Faz traidores e falsos os amigos :
Este aos mais nobres faz fazer vilezas ,
E entrega capitães aos inimigos :
Este corrompe virginaes purezas ,
Sem temer de honra , ou fama alguns perigos.
Este deprava ás vezes as sciencias ,
Os juizos cegando , e as conciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos : este faz , e desfaz leis :
Este causa os perjuros entre a gente ;
E mil vezes tyrannos torna os reis.
Até os que so a Deus Omnipotente
Se dedicam , mil vezes ouvireis ,
Que corrompe este incantador, e illude ;
Mas não sem côr, comtudo , de virtude.

OS LUSIADAS.



CANTO NONO.



I.

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores;
Que os infieis per manha, e falsidade,
Fazem que não lh'a comprem mercadores:
Que todo seu propósito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

II.

La no seio erythreu, onde fundada
Arsínoe foi do Egypcio Tolomeu,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteu;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa agua ma'ometana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo-mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O soldão, que esse reino possuia.
D'aqui os Malabares, per contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naus, pelo índico Oceano,
Especiaria véem buscar cada ano.

IV.

Por estas naus os Mouros esperavam,
Que como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commércio lhe tomavam,
Com flammabrasassem crepitantes.
N'este soccorro tanto confiavam,
Que ja não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naus chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Per onde vem a effeito o fim fadado;
Influíu piedosos accidentes
De affeição em Monçaide; que guardado
Estava pera dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este , de quem se os Mouros não guardavam ,
Por ser Mouro como elles (antes era
Participante em quanto machinavam)
A tenção lhe descobre torpe e fera :
Muitas vezes as naus , que longe estavam
Visita ; e com piedade considera
O damno , sem razão , que se lhe ordena
Pela maligna gente sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas ,
Que da arábica Meca véem cada ano ;
Que agora são dos seus tam desejadas ,
Pera ser instrumento d' este dano :
Diz-lhe , « que véem de gente carregadas ,
E dos trovões horrendos de Vulcano ;
E que pode ser d' ellas opprimido ,
Segundo estava mal apercebido. »

VIII.

O Gama , que tambem considerava
O tempo , que pera a partida o chama ,
E que despacho ja não esperava
Melhor do rei , que os Ma'ometanos ama ;
Aos feitores , que em terra estão , mandava
Que se tornem ás naus : e porque a fama
D' esta subita vinda os não impida ,
Lhe manda , « que a fizessem escondida. »

IV.

Porém não tardou muito , que voando
Um rumor não soasse , com verdade ,
Que foram presos os feitores , quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio capitão , com brevidade
Faz represália n' uns , que ás naus vieram
A vender pedraria , que trouxeram.

X.

Eram estes antiguos mercadores ,
Ricos em Calecut , e conhecidos:
Da falta d'elles , logo entre os melhores
Sentido foi , que estão no mar retidos.
Mas ja nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante , e repartidos
Pelo trabalho , uns puxam pela amarra ,
Outros quebram co' o peito duro a barra :

XI.

Outros pendem da vèrga , e ja desatam
A véla , que com grita se soltava ;
Quando com maior grita ao rei relatam
A pressa com que a armada se levava :
As mulheres , e filhos , que se matam ,
D' aquelles que vão presos , onde estava
O Samorim , se aqueixam que perdidos
Uns teem os paes , as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos ma'ometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o rei de seus enganós.
Recebe o capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e tornando
Alguns negros, se parte as vélas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo; porque intende
Que em vão co' o rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz; a qual pretende
Por firmar o commércio, que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixava,
Com estas novas torna á patria cara,
Certos signaes levando do que achara.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprara:
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co' a canella,
Em que Ceilão é rica, illustre e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel , que tambem leva ;
Que inspirado de angélica influencia ,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano , que a clemencia
Divina assi tirou d' escura treva ,
E tam longe da patria achou maneira
Pera subir á patria verdadeira !

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naus , levando a proa
Pera onde a natureza tinha posta
A meta austrina da esperanza boa ;
Levando alegres novas , e resposta
Da parte oriental pera Lisboa ;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto , tímidos e ledos.

XVII.

O prazer de chegar á patria cara ,
A seus penates caros , e parentes ,
Pera contar a peregrina e rara
Navegação , os varios ceos , e gentes ;
Vir a lograr o prémio , que ganhara
Per tam longos trabalhos , e accidentes ,
Cadaum tem por gosto tam perfeito ,
Que o coração pera elle é vaso estreito.

XVIII.

Porêm a deusa cypria , que ordenada
Era pera favor dos Lusitanos
Do Padre eterno , e por bom genio dada ,
Que sempre os guia ja de longos anos ;
A gloria per trabalhos alcançada ,
Satisfação de bem sofridos danos ,
Lhe andava ja ordenando , e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes , alegria.

XIX.

Despois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar , que navegaram ,
Os trabalhos , que polo deus nascido
Nas amphionéas Thebas se causaram ;
Ja trazia de longe no sentido ,
Pera premio de quanto mal passaram ,
Buscar-lhe algum deleite , algum descanso
No reino de crystal líquido e manso :

XX.

Algum repouso emfim , com que podesse
Refocillar a lassa humanidade
Dos navegantes seus , como interesse
Do trabalho , que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho , per cuja potestade
Os deuses faz descer ao vil terreno ,
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido , determina
De ter-lhe apparelhada la no meio
Das aguas , alguma ínsula divina ,
Ornada d' esmaltado e verde arreio :
Que muitas tem no reino , que confina
Da mãe primeira co' o terreno seio ,
Afora as que possue soberanas
Pera dentro das portas herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquáticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões ,
Todas as que teem título de bellas ,
Gloria dos olhos , dor dos corações ,
Com danças , e chorêas ; porque n' ellas
Influirá secretas affeições ,
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeioarem.

XXIII.

Tal manha buscou ja , pera que aquelle
Que de Anchises pariu , bem recebido
Fosse no campo , que a bovina pelle
Tomou d' espaço , per sutil partido :
Seu filho vai buscar ; porque so n' elle
Tem todo seu poder , fero Cupido ;
Que assi como n' aquella empresa antiga
A ajudou ja , n' est' outra a ajude , e siga.

XXIV.

No carro ajuncta as aves, que na vida
Vão da morte as exéquias celebrando,
E aquellas, em que ja foi convertida
Peristéra, as boninas apanhando.
Em derredor da deusa ja partida,
No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella, per onde passa, o ar, e o vento
Serenoz faz, com brando movimento.

XXV.

Ja sobre os idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajunctando outros muitos; que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde; porque emende
Erros grandes, que ha-dias n'elle estão,
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não pera ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon na caça tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir um feo animal fero,
Fuge da gente, e bella fórma humana:
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a fermosura de Diana:
E guarde-se não seja inda comido
D'esses cães, que agora ama, e consumido!

XXVII.

E ve do mundo todo os principais ,
Que nenhum no bem público imagina ;
Ve n'elles , que não teem amor a mais ,
Que a si somente , e a quem Philaucia ensina .
Ve que esses , que frequentam os reais
Paços , por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação , que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente .

XXVIII.

Ve que aquelles , que devem á pobreza
Amor divino , e ao povo caridade ,
Amam somente mandos , e riqueza ,
Simulando justiça , e integridade .
Da fea tyrannia , e de aspereza ,
Fazem direito , e vã severidade :
Leis em favor do rei se estabelecem ;
As em favor do povo so perecem .

XXIX.

Ve emfim , que ninguem ama o que deve ,
Senão o que somente mal deseja :
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo , que duro e justo seja .
Seus ministros ajuncta ; porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co' a mal regida gente ,
Que lhe não for agora obediente .

XXX.

Muitos d' estes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando ;
Uns amolando ferros passadores ,
Outros hásteas de settas delgaçando :
Trabalhando , cantando estão de amores ,
Varios casos em verso modulando ;
Melodia sonora e concertada ,
Suave a lettra , angélica a toada.

XXXI.

Nas fragoas immortaes , onde forjavam
Pera as settas as pontas penetrantes ,
Por lenha corações ardendo estavam ,
Vivas entranhas inda palpitantes.
As aguas onde os ferros temperavam ,
Lagrymas são de míseros amantes :
A viva flamma , o nunca morto lume ,
Desejo é so que queima , e não consume.

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda ;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da setta aguda.
Fermosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas , cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos ;
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Fermosas são algumas, e outras feias,
Segundo a calidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veias
Curan-o ás vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias,
Per palavras sutis de sabias magas:
Isto acontece ás vezes, quando as setas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV.

D' estes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando:
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêem de amor nefando;
Qual o das moças Bíbli, e Cinyréa:
Um mancebo de Assyria; um de Judéa.

XXXV.

E vós, o' poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomam nas vulcâneas redes.
Uns esperando andais nocturnas horas;
Outros subis telhados, e paredes:
Mas eu creio que d' este amor indino,
É mais culpa a da mãe, que a do menino.

XXXVI.

Mas ja no verde prado o carro leve
Punham os brancos cysnes mansamente;
E Dione , que as rosas entre a neve
No rosto traz , descia diligente.
O frecheiro , que contra o ceo se atreve ,
A recebê-la vem , ledô e contente ;
Vêem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deusa dos amores.

XXXVII.

Ella , porque não gaste o tempo em vão ,
Nos braços tendo o filho , confiada
Lhe diz : « Amado filho , em cuja mão
Toda minha potencia está fundada ;
Filho , em quem minhas forças sempre estão ;
Tu que as armas typhéas tens em nada ,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

« Bem ves as lusitánicas fadigas ,
Que eu ja de muito longe favoreço ;
Porque das Parcas sei minhas amigas ,
Que me hão de venerar , e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos , me offereço
A lhe dar tanta ajuda , em quanto posso ,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

« E porque das insídias do odioso
 Baccho foram na India molestados ,
 E das injurias sos do mar undoso
 Poderam mais ser mortos , que cansados :
 No mesmo mar , que sempre temeroso
 Lhe foi , quero que sejam repousados ;
 Tomando aquelle prémio , e doce gloria
 Do trabalho , que faz clara a memoria.

XL.

« E pera isso queria que feridas
 As filhas de Nereu no ponto fundo ,
 D' amor dos Lusitanos incendidas ,
 Que véem de descobrir o novo mundo ;
 Todas n' uma ilha junctas , e subidas ;
 Ilha , que nas entranhas do profundo
 Oceano terei apparelhada ,
 De dões de Flora , e Zéphyro adornada ;

XLI.

« Alli com mil refrescos , e manjares ,
 Com vinhos odoríferos , e rosas ,
 Em crystallinos paços singulares ,
 Fermosos leitos , e ellas mais fermosas :
 Emfim , com mil deleites não vulgares ,
 Os esperem as nymphas amorosas ;
 De amor feridas , pera lhe entregarem
 Quanto d' ellas os olhos cubiçarem.

XLII.

« Quero que haja no reino neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella:
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque intendam que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde. »

XLIII.

Assi Venus propoz; e o filho inico
Pera lhe obedecer, ja se apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria e impudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A phaetõntea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, « que era necessaria
Uma famosa e célebre terceira;
Que, postoque mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira: »
A deusa gigantéa, temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos ve, e per onde voa
O que ve, com mil boccas apregoa.

XLV.

Van-a buscar, e mandan-a diante,
Que celebrando va com tuba clara,
Os louvores da gente navegante,
Mais do qué nunca os d'outrem celebrara.
Ja murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara:
Falla verdade, havida por verdade;
Que juncto a deusa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rúmor excellente
No coração dos deuses, que indignados
Foram per Baccho contra a illustre gente,
Mudando, os fez um pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Ja julga por mau zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede n' isto o fero moço as setas
Uma apos outra; geme o mar co' os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros:
Cahe qualquer, sem ver o vulto, que ama;
Que tanto, como a vista, pode a fama.

XLVIII.

Os cornos ajunctou da eburnea lua ,
Com força o moço indómito excessiva ,
Que Tethys quer ferir mais que nenhuma ,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
Ja não fica na aljava setta agua ,
Nem nos equóreos campos nymphas viva ;
E , se feridas inda estão vivendo ,
Será pera sentir que vão morrendo.

XLIX.

Dai logar altas e cerúleas ondas ,
Que , vêdes , Venus traz a medicina ,
Mostrando as brancas vélas e redondas ,
Que vêem per cima da agua neptunina :
Pera que tu recíproco respondas ,
Ardente Amor , á flamma feminina ,
É forçado que a púdicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

I..

Ja todo o bello coro se apparelha
Das Nereidas ; e juncto caminhava
Em choréas gentis (usança velha)
Pera a ilha , a que Venus as guiava.
Alli a fermosa deusa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes , quando amava :
Ellas , que vão do doce amor vencidas ,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente pera a patria amada ,
Desejando prover-se de agua fria ,
Pera a grande viagem prolongada :
Quando junctas , com súbita alegria ,
Houveram vista da ilha namorada ;
Rompendo pelo ceo a mãe ferrosa
De Memnónio , suave e deleitosa.

LII.

De longe a ilha viram fresca e bella ;
Que Venus pelas ondas lh' a levava ,
(Bem como o vento leva branca vella)
Pera onde a forte armada se enxergava :
Que , porque não passassem , sem que n' ella
Tomassem porto , como desejava ;
Pera onde as naus navegam a movia
A Acidália , que tudo emfim podia.

LIII.

Mas firme a fez e immobil , como viu
Que era dos nautas vista , e demandada ;
Qual ficou Delos , tanto que pariu
Latona Phebo , e a deusa á caça usada.
Pera la logo a proa o mar abriu ,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta , cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV.

Tres fermosos outeiros se mostravam
Erguidos com suberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na fermosa ilha alegre e deleitosa :
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa :
Per entre pedras alvas se deriva
A sonora lympha fugitiva.

LV.

N' um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajunctar-se,
Onde uma mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginar-se :
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está pera affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil arvores estão ao ceo subindo,
Com pomos odoríferos e bellos :
A laranjeira tem no fruto lindo
A côr, que tinha Dáphne nos cabellos :
Encosta-se no chão, que está cahindo,
A cidreira co' os pesos amarellos :
Os fermosos limões alli cheirando
Estão virgíneas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes , que os outeiros
Teem com frondente coma ennobrecidos ,
A'lamos são de Alcides , e os loureiros
Do louro deus amados , e queridos :
Myrtos de Cytheréa , co' os pinheiros
De Cybéle , por outro amor vencidos :
Está apontando o agudo cypariso
Pera onde é posto o ethéreo paraíso.

LVIII.

Os dões , que dá Pomôna , alli natura
Produze differentes nos sabores ,
Sem ter necessidade de cultura ;
Que sem ella se dão muito melhores :
As cerejas purpúreas na pintura ;
As amoras , que o nome teem de amores ;
O pomo , que da pátria Persia veio ,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre aromã , mostrando a rubicunda
Côr com que tu , rubí , teu preço perdes :
Entre os braços do ulmeiro stá a jucunda
Vide , c' uns cachos roxos , e outros verdes :
E vós , se na vossa árvore fecunda ,
Peras pyramidaes , viver quizerdes ,
Entregai-vos ao damno , que co' os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina ,
Com que se cobre o rustico terreno ,
Faz ser a de Acheménia menos dina ;
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor cephisia inclina
Sobolo tanque lúcido e sereno :
Florece o filho , e neto de Ciniras ,
Por quem tu , deusa páphia , inda suspiras.

LXI.

Pera julgar difficil cousa fora ,
No ceo vendo , e na terra as mesmas cores ,
Se dava ás flores côr a bella Aurora ,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro , e Flora ,
As violas , da côr dos amadores ;
O lirio roxo , a fresca rosa bella ,
Qual reluze nas faces da donzella.

LXII.

A candida cecem , das matutinas
Lagrymas rociada , e a mangerona
Vêem-se as lettras nas flores hyacinthinas ,
Tam queridas do filho de Latona :
Bem se enxerga nos pomos , e boninas ,
Que competia Chlôris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voam ,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII.

Ao longo d'agua o n'íveo cysne canta ,
Responde-lhe do ramo philomella :
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella :
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa matta , ou tímida gazella ;
Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

N' esta frescura tal desembarcavam
Ja das naus os segundos Argonautas ,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deusas , como incautas.
Algumas doces citharas tocavam ,
Algumas arpas , e sonoras frautas ;
Outras co' os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes , que não seguiam.

LXV.

Assi lh' o aconselhara a mestra experta ,
Que andassem pelos campos espalhadas ;
Que vista dos Barões a presa incerta ,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas , que na fórma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas ,
Posta a artificiósá fermosura ,
Nuas lavar se deixam n' agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos , que na praia
Punham os pés de terra cubiçosos ;
Que não ha nenhum d' elles , que não saia
De acharem caça agreste desejosos ;
Não cuidam que sem laço ou redes , caia
Caça n' aquelles montes deleitosos
Tam suave , doméstica e benina ,
Qual ferida lh' a tinha ja Erycina.

LXVII.

Alguns , que em espingardas , e nas béstas
Pera ferir os cervos , se fiavam ,
Pelos sombrios mattos , e floréstas ,
Determinadamente se lançavam :
Outros nas sombras , que das altas séstas
Defendem a verdura , passeavam
Ao longo d' agua , que suave e queda
Per alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
Per entre verdes ramos varias cores ;
Cores , de quem a vista julga e sente ,
Que não eram das rosas ou das flores ;
Mas da lâ fina , e seda differente ,
Que mais incita a força dos amores ,
De que se vestem as humanás rosas ,
Fazendo-se , per arte , mais fermosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado um grande grito :
« Senhores, caça estranha (disse) é esta :
Se inda dura o gentío antiguo rito ,
A deusas é sagrada esta floresta :
Mais descobrimos do que humano esp'rito
Desejou nunca ; e bem se manifesta ,
Que são grandes as cousas e excellentes ,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX.

« Sigamos estas deusas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras. »
Isto dicto : veloces mais que gamos ,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão per entre os ramos ;
Mas, mais industriósas, que ligeiras ,
Pouco e pouco surrindo, e gritos dando ,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas :
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes súbito mostradas :
Uma de indústria cahe, e ja releva
Com mostras mais macías, que indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

LXXII.

Outros per outra parte vão topar
Com as deusas despidas , que se lavam :
Ellas começam súbito a gritar ,
Como que assalto tal não esperavam .
Umás , fingindo menos estimar
A vergonha que a força , se lançavam
Nuas per entre o matto , aos olhos dando
O que ás mãos cubiçosas vão negando .

LXXIII.

Outra , como acudindo mais depressa
A' vergonha da deusa caçadora ,
Esconde o corpo n' agua ; outra se apressa
Per tomar os vestidos , que tem fora .
Tal dos mancebos ha , que se arremessa
Vestido assi , e calçado (que co' a mora
De se despir ha mêdo que inda tarde)
A matar na agua o fogo , que n' elle arde .

LXXIV.

Qual cão de caçador , sagaz e ardido ,
Usado a tomar n' agua a ave ferida ,
Vendo no rosto o férreo cano erguido
Pera a garcena , ou pata conhecida ,
Antes que soe o estouro , mal sofrido
Salta n' agua , e da presa não duvida ;
Nadando vai , e latindo : assi o mancebo
Remette á que não era irmã de Phebo .

LXXV.

Leonardo , soldado bem disposto ,
 Manhoso , cavalleiro e namorado ,
 A quem amor não dera um so desgosto ;
 Mas sempre fôra d' elle maltratado :
 E tinha ja por firme presupposto
 Ser com amores mal afortunado ;
 Porê m não que perdesse a esperança
 De inda poder seu fado ter mudança :

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura , que corria
 Apos Ephyre , exemplo de belleza ,
 Que mais caro que as outras dar queria
 O que deu pera dar-se a natureza.
 Ja cançado correndo lhe dizia :
 « O' fermosura indígna de aspereza ;
 Pois d' esta vida te concedo a palma ,
 Espera um corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

« Todas de correr cançam , nympha pura ,
 Rendendo-se á vontade do inimigo :
 Tu so de mi so foges na espessura ?
 Quem te disse , que eu era o que te sigo ?
 Se t' o tem dicto ja aquella ventura
 Que em toda a parte sempre anda comigo ,
 O' não a creias ; porque eu , quando a cria ,
 Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

« Não cances ; que me canças : e se queres
Fugir-me , porque não possa tocar-te ,
Minha ventura é tal , que inda que esperes ,
Ella fará que não possa alcançar-te.
Espera : quero ver , se tu quizeres ,
Que sutil modo busca de escapar-te :
E notarás no fim d'este successo ,
« Tra la spiga e la man qual muro è messo. »

LXXIX.

« O' não me fujas ! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura !
Que , so com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que imperador , que exército se atreve
A quebrantar a furia da ventura ,
Que em quanto desejei me vai seguindo ?
O que tu so farás não me fugindo.

LXXX.

« Pões-te de parte da desdita minha ?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração , que livre tinha ?
Solta-m' o , e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tam mesquinha ,
Que n' esses fios de ouro reluzente
Atada levas ? Ou despois de presa
Lhe mudaste a ventura , e menos pesa ?

LXXXI.

« N' esta esperança so te vou seguindo ;
Que , ou tu não sofrerás o peso d'ella ,
Ou na virtude de teu gesto lindo ,
Lhe mudarás a triste e dura estrella :
E se se lhe mudar, não vas fugindo ,
Que amor te ferirá, gentil donzella ;
E tu me esperarás , se amor te fere ;
E se me esperas, não ha mais que espere. »

LXXXII.

Ja não fugia a bella nympha , tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia ,
Como por ir ouvindo o doce canto ,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto ja sereno e santo ,
Toda banhada em riso e alegria ,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta !
E que mimoso choro, que soava !
Que afagos tam suaves ! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava !
O que mais passam na manhã, e sesta ,
(Que Venus com prazeres inflammava)
Melhor é exp'rimental-o, que julgal-o ;
Mas julgue-o quem não pode exp'rimental-o.

LXXXIV.

Dest' arte emfim conformes ja as fermosas
Nymphas, co' os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas
De louro , e de ouro , e flores abundantes :
As mãos alvas lhe davam como esposas :
Com palavras formaes e estipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida, e morte , de honra e alegria.

LXXXV.

Uma d' ellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece ,
(Que dizem ser de Celo, e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece ,
Enchendo a terra, e o mar de maravilha)
O capitão illustre , que o merece ,
Recebe alli com pompa honesta e regia ,
Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI.

Que , depois de lhe ter dicto quem era ,
C' um alto exordio de alta graça ornado ;
Dando-lhe a intender « que alli viera
Per alta influicção do immobil fado ;
Pera lhe descobrir da unida esphera ,
Da terra immensa, e mar não navegado
Os segredos , per alta prophecia ,
O que esta sua nação so merecia : »

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva , e guia ,
Pera o cume d' um monte alto e divino ,
No qual ãa rica fábrica se erguia
De crystal toda , e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos , e em prazer contino :
Ella nos paços logra seus amores ,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a fermosa e a forte companhia ,
O dia quasi todo estão passando
N' uma alma , doce , incógnita alegria ,
Os trabalhos tam longos compensando.
Porque dos feitos grandes , da ousadia
Forte e famosa , o mundo está guardando
O premio la no fim bem merecido ,
Com fama grande , e nome alto e subido.

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceâno tam fermosas ,
Tethys , e a ilha angélica pintada ,
Outra cousa não são , que as deleitosas
Honras , que a vida fazem sublimada.
Aquellas preeminencias gloriosas ,
Os triumphos , a fronte coroada
De palma , e louro , a glória e maravilha ,
Estes são os deleites d' esta ilha.

XC.

Que as immortalidades , que fingia
A antiguidade , que os illustres ama ,
La no estellante Olympo , a quem subia
Sobre as azas ínclytas da Fama
Per obras valerosas , que fazia ,
Pelo trabalho immenso , que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso ,
Mas no fim doce , alegre e deleitoso ;

XCI.

Não eram senão premios , que reparte
Per feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os Barões , que esforço e arte
Divinos os fizeram , sendo humanos :
Que Jupiter , Mercurio , Phebo , e Marte ,
Eneas , e Quirino , e os dous Thebanos ,
Ceres , Pallas , e Juno , com Diana ,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII.

Mas a Fama , trombeta de obras tais ,
Lhe deu no mundo nomes tam estranhos ,
De deuses , semideuses immortais ,
Indígetes , heroicos , e de manhos.
Por isso , o' vós , que as famas estimais ,
Se quizerdes no mundo ser tammanhos ,
Despertai ja do somno do ocio ignavo ,
Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E ponde na cubiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame e urgente:
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não deem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o rei, que tanto amais,
Agora co' os conselhos bem cuidados;
Agora co' as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades não façais;
Que quem quiz sempre pôde: e numerados
Sereis entre os heroes esclarecidos,
E n' esta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS.



CANTO DECIMO.



I.

Mas ja o claro amator de Larissea
Adúltera inclinava os animaes
La pera o grande lago , que rodea
Temistitão , nos fins occidentaes :
O grande ardor do sol Favonio enfrea
Co' o sopro , que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena , e despertava
Os lirios e jasmims , que a calma aggrava :

II.

Quando as fermosas nymphas co' os amantes
Pela mão , ja conformes e contentes ,
Subiam pera os paços radiantes ,
E de metaes ornados reluzentes ;
Mandados da rainha , que abundantes
Mesas d' altos manjares , excellentes ,
Lhe tinha apparelhadas , que a fraqueza
Restaurem da cançada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante, e dama;
N' outras, á cabeceira, d' ouro finas,
Está co' a bella deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a egypcia antiga fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos la do atlântico thesouro.

IV.

Os vinhos odoríferos (que acima
Estão não so do itálico Falerno,
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajunctamento sempiterno)
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando co' a mistura d' agua fria.

V.

Mil prácticas alegres se tocavam,
Risos doces, sutis e argutos ditos,
Que entre um, e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus esp'ritos
Fizeram descançar da eterna pena,
C' uma voz d' uma angélica sirena.

VI.

Cantava a bella nympha , e co' os accentos ,
Que pelos altos paços vão soando ,
Em consonancia igual , os instrumentos
Suaves véem a um tempo conformando :
Um subito silencio enfreia os ventos ,
E faz ir docemente murmurando
As aguas , e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos Barões , que estão por vir ao mundo ,
Cujas claras ideias viu Proteo
N' um globo vão , diáphano , rotundo ;
Que Jupiter em dom lh' o concedeo
Em sonhos , e depois no reino fundo
Vaticinando o disse ; e na memoria
Recolheu logo a nympha a clara historia.

VIII.

Materia é de cothurno , e não de soco ,
A que a nympha aprendeu no immenso lago ,
Qual Iopas não soube , ou Demodoco ,
Entre os Pheaces um , outro em Carthago.
Aqui , minha Callíope , te invoco
N' este trabalho extremo ; porque em pago
Me tornes do que escrevo , e em vão pretendo ,
O gosto de escrever , que vou perdendo.

IX.

Vão os annos descendo, e ja do estio
Ha pouco que passar até o outono:
A fortuna me faz o ingenho frio,
Do qual ja não me jacto, nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono:
Mas, tu me dá que cumpra, o' gran' rainha
Das Musas, co' o que quero á nação minha.

X.

Cantava a bella deusa, que viriam
Do Tejo, pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Per onde o Oceano indico suspira:
E que os gentios rês, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI.

Cantava d' um, que tem nos Malabares
Do summo sacerdócio a dignidade,
Que so por não quebrar co' os singulares
Barões os nós, que dera d' amizade,
Sofrerá suas cidades, e logares
Com ferro, incendios, ira, e crueldade
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co' a nova gente.

XII.

E canta como la se embarcaria
Em Belem o remédio d' este dano ,
Sem saber o que em si ao mar traria
O gran' Pacheco , Achilles lusitano.
O peso sentirão , quando entraria ,
O curvo lenho , e o férvido Oceano ,
Quando mais n' agua os troncos , que gemerem ,
Contra sua natureza se metterem.

XIII.

Mas ja chegado aos fins orientaes ,
E deixando em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio ;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão , tornando frio
D' espanto o ardor immenso do Oriente ,
Que verá tanto obrar tam pouca gente.

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova ;
Virão rês de Bipur , e de Tanor
Das serras de Narsinga , que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor :
Fará que todo o Naire emfim se mova ,
Que entre Calecut jaz , e Cananor ,
D' ambas as leis imigas , pera a guerra ,
Mouros per mar , gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando ,
Per terra e mar, o gran' Pacheco ousado ,
A grande multidão , que irá matando ,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetterá outra vez , não dilatando
O gentio os combates apressado ,
Injuriando os seus , fazendo votos
Em vão aos deuses vãos , surdos e immotos.

XVI.

Ja não defenderá somente os passos ,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos , casas :
Acceso de ira o cão , não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem rasas ,
Fará que os seus , da vida pouco escassos ,
Commettam o Pacheco , que tem asas ,
Per dous passos n' um tempo : mas voando
D' um n' outro , tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá alli o Samorim ; porque em pessoa
Veja a batalha , e os seus esforce e anime :
Mas um tiro , que com zunido voa ,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Ja não verá remédio , ou manha boa ,
Nem força , que o Pacheco muito estime :
Inventará traições , e vãos venenos ;
Mas sempre (o ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez sétima (cantava)
Pelejar co' o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa, e aggrava,
Mas comtudo este so o fará confuso:
Trará pera a batalha horrenda e brava,
Machinas de madeiros fóra de uso,
Pera lhe abalroar as caravelas;
Que até-li vão lhe fôra commettelas.

XIX.

Pela agua levará serras de fogo
Pera abrasar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e ingenho, logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro Barão no marcio jogo,
Que nas azas da Fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma:
E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados;
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajudal-o, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

XXI.

Aquelle que nos campos marathonios
O gran' poder de Dário estrue, e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermópylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas n' este passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez rouco e entristecido,
Cantando em baixa voz, involta em choro,
O grande esforço mal agradecido.
« O' Belizario (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolarte!

XXIII.

« Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e n' elle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao rei, e á lei servem de muro.
Isto fazem os rês, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV.

« Isto fazem os rês , quando embebidos
N' uma apparencia branda , que os contenta ,
Dão os premios , de Aiáce merecidos ,
A' lingua vã de Ulysses fraudulenta.
Mas vingó-me , que os bens mal repartidos
Per quem so doces sombras apresenta ,
Se não os dão a sabios cavalleiros ,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

XXV.

« Mas tu , de quem ficou tam mal pagado
Um tal vassallo , o' rei so n' isto inico ,
Se não es pera dar-lhe honroso estado ,
É elle pera dar-te um reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos apollíneos raios , eu te fico ,
Que elle seja entre a gente illustre e claro ,
E tu n' isto culpado por avaro.

XXVI.

« Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nome real , e traz comsigo
O filho , que no mar será illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte , armado ,
A Quiloa fertil áspero castigo ,
Fazendo n' ella rei leal e humano ,
Deitado fóra o pérfido tyrano.

XXVII.

« Tambem farão Mombaça , que se arreja
De casas sumptuosas, e edificios ,
Co' o ferro e fogo seu queimada e feia ,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India , andando cheia
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Lusos , com vélas, e com remos ,
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII.

« Das grandes naus do Samorim potente ,
Que encherão todo o mar, co' a ferrea pella ,
Que sahe com trovão do cobre ardente ,
Fará pedaços leme , másto , e vella.
Despois lançando arpeos ousadamente
Na capitaina imiga , dentro n' ella
Saltando , a fará so com lança e espada ,
De quatrocentos Mouros despejada.

XXIX.

« Mas de Deus a escondida providencia ,
(Que ella so sabe o bem , de que se serve)
O porá onde esforço , nem prudencia
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul , onde em sangue , e resistencia
O mar todo com fogo , e ferro ferve ,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas d' Egypto , e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos ,
Que o grande esforço so com força rende ,
Os ventos , que faltaram , e os perigos
Do mar, que sobejaram , tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende :
Outro Sceva verão , que espedaçado
Não sabe ser rendido , nem domado.

XXXI.

« Com toda ãa coxa fóra , que em pedaços
Lhe leva um cego tiro , que passara ,
Se serve inda dos animosos braços ,
E do gran' coração , que lhe ficara :
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co' a alma o corpo se liara :
Ella sôlta voou da prisão fora ,
Onde súbito se acha vencedora.

XXXII.

« Vai-te , alma , em paz da guerra turbulenta ,
Na qual tu mereceste paz serena !
Que o corpo , que em pedaços se apresenta ,
Quem o gerou , vingança ja lhe ordena ;
Que eu ouço retumbar a gran' tormenta ,
Que vem ja dar a dura e eterna pena ,
Deesperas , basiliscos , e trabucos ,
A Cambaicos crueis , e a Mamelucos.

XXXIII.

« Eis vem o pae com ânimo estupendo ,
Trazendo furia , e mágoa por antolhos ,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração , agua nos olhos.
A nobre ira lhe vinha promettendo ,
Que o sangue fará dar pelos gíolhos
Nas inimigas naus : sentil-o-ha o Nilo ,
Podel-o-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV.

« Qual o touro cioso , que se ensaia
Pera a crua peleja , os cornos tenta
No tronco d' um carvalho , ou alta faia ,
E o ar ferindo , as forças exp'rimenta :
Tal , antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado , na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia ,
Abaixando-lhe a tímida ousadia.

XXXV.

« E logo entrando fero na enseada
De Diu , illustre em cercos e batalhas ,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut , que remos tem por malhas :
A' de Melique-Yaz acautelada
Co' os pelouros , que tu Vulcano espalhas ,
Fará ir ver o frio e fundo assento ,
Secreto leito do húmido elemento.

XXXVI.

« Mas a de Mir-Hocem , que abalroando
A furia esperará dos vingadores ,
Verá braços , e pernas ir nadando
Sem corpos , pelo mar , de seus senhores.
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores :
Quanto alli sentirão olhos , e ouvidos ,
É fumo , ferro , flammæ , e alaridos.

XXXVII.

« Mas ah , que d' esta próspera victoria ,
Com que depois virá ao patrio Tejo ,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Um successo , que triste e negro vejo !
O Cabo-tormentório , que a memoria
Co' os ossos guardará , não terá pejo
De tirar d' este mundo aquelle esp'rito ,
Que não tiraram toda a India , e Egito.

XXXVIII.

« Alli Cafres selvages poderão
O que destros imigos não poderam ;
E rudos paus tostados sos farão
O que arcos , e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deus são !
As gentes vãs , que não os intenderam ,
Chamam-lhe fado mau , fortuna escura ,
Sendo so providência de Deus pura.

XXXIX.

« Mas oh , que luz tammanha , que abrir sinto ,
 (Dizia a nympha , e a voz alevantava)
 La no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo , de Oja , e Brava,
 Pelo Cunha tambem , que nunca extinto
 Será seu nome em todo o mar, que lava
 As ilhas do Austro , e praias , que se chamam
 De san' Lourenço , e em todo o Sul se afamam!

XL.

« Esta luz é do fogo , e das luzentes
 Armas , com que Alboquerque irá amansando
 De Ormuz os Párseos , por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso e brando.
 Alli verão as settas estridentes
 Reciprocár-se , a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou ; que Deus peleja
 Por quem estende a fe da madre igreja.

XLI.

« Alli de sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate ,
 Que mortos pela praia , e mar se estendem
 De Gerum , de Mascate , e Calayate :
 Até que á força so de braço aprendem
 A abaixar a cerviz , onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reino inico
 Das perlas de Barém tributo rico.

XLII.

« Que gloriosas palmas tecer vejo ,
Com que victoria a fronte lhe coroa ,
Quando sem sombra vã de mêdo , ou pejo ,
Toma a ilha illustrissima de Goa !
Despois , obedecendo ao duro ensejo ,
A deixa , e occasião espera boa ,
Em que a torne a tomar ; que esforço , e arte ,
Vencerão a fortuna , e o proprio Marte .

XLIII.

« Eis ja sobre ella torna , e vai rompendo
Per muros , fogo , lanças , e pelouros ,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de gentios , e de Mouros .
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que leões famélicos , e touros
Na luz , que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia sancta Catharina .

XLIV.

« Nem tu menos fugir poderás d' este ,
Postoque rica , e postoque assentada
La no grémio da Aurora onde naceste ,
Opulenta Malaca nomeada .
As settas venenosas , que fizeste ,
Os crises , com que ja te vejo armada ,
Malaioz namorados , Jaos valentes ,
Todos farás ao Luso obedientes . »

XLV.

Mais estanças cantara esta sirena
Em louvor do illustrissimo Alboquerque;
Mas lembrou-lhe uma íra, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais ha de ser um brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
Doenças, frechas, e trovões ardentes,
A sazão, e o logar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pola culpa
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério deshonesto;
Mas c' uma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co' os seus uma ira insana não refreia,
Põe na fama alva, noda negra e feia.

XLVIII.

Viu Alexandre a Appelles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lh'a alegremente,
Não sendo seu soldado exp'rimentado,
Nem vendo-se n'um cerco duro e urgente.
Sentiu Cyro, que andava ja abrasado
Araspas de Panthéa em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia,
Que nenhum mau desejo o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de amor, que enfim não tem defesa,
Levemente o perdoa; e foi servido
D'elle n'um caso grande em recompensa.
Per força, de Juditha foi marido
O férreo Baldovino; mas dispensa
Carlos pae d'ella, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.

L.

Mas, proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, « que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas arábicas ribeiras.
Medina abominábil teme tanto,
Quanto Mecca, e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o empório Zeila geme.

LI.

« A nobre ilha tambem de Taprobana ,
Ja pelo nome antiguo tam famosa ,
Quanto agora suberba e soberana
Pela cortiça cálida e cheirosa ;
D' ella dará tributo á lusitana
Bandeira , quando excelsa e gloriosa ,
Vencendo se erguerá na torre erguida
Em Columbo , dos proprios tam temida.

LII.

« Tambem Sequeira , as ondas erythreas
Dividindo , abrirá novo caminho
Pera ti , grande império , que te arreas
De seres de Candace , e Sabá ninho.
Maçuá , com cisternas de agua cheas ,
Verá , e o porto arquíco alli visinho ;
E fará descobrir remotas ilhas ,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

« Virá despois Meneses , cujo ferro
Mais na Africa , que ca , terá provado :
Castigará de Ormuz suberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu , Gama , em pago do desterro
Em que estás , e serás inda tornado ,
Co' os títulos de conde , e d' honras nobres
Virás mandar a terra , que descobres.

LIV.

« Mas aquella fatal necessidade ,
De quem ninguem se exime dos humanos ,
Illustrado co' a régia dignidade ,
Te tirará do mundo , e seus enganos.
Outro Meneses logo , cuja idade
É maior na prudencia , que nos anos ,
Governará , e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória d' elle fique.

LV.

« Não vencerá somente os Malabares ,
Destruindo Panane , com Coulete ,
Commettendo as bombardas , que nos ares
Se vingam so do peito , que as commete ;
Mas com virtudes certo singulares ,
Vence os imigos d' alma todos sete :
Da cubiça triumpho , e incontinencia ;
Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI.

« Mas depois que as estrellas o chamarem ,
Succederás , o' forte Mascarenhas ;
E , se injustos o mando te tomarem ,
Prometto-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto , o Fado quer que venhas
A mandar , mais de palmas coroado ,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

« No reino de Bintão , que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos ,
N' um so dia as injúrias de mil anos
Vingarás co' o valor de illustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos ,
Abrolhos ferreos mil , passos estreitos ,
Tranqueiras , baluartes , lanças , settas ,
Tudo fico que rompas e sumettas.

LVIII.

« Mas na India cubiça , e ambição ,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deus , e justiça , te farão
Vituperio nenhum , mas so desgosto.
Quem faz injuria vil , e semrazão ,
Com forças e poder , em que está posto ,
Não vence ; que a victória verdadeira ,
É saber ter justiça nua e inteira.

LIX.

« Mas comtudo não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado ,
Mostrando-se no mar um fero raio ,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar , pera que amedrontado
Depois a ser vencido d' elle venha
Cutiale , com quanta armada tenha.

LX.

« E não menos de Diu a fera frota ,
Que Chaul temerá , de grande e ousada ,
Fará co' a vista so perdida e rota
Per Heitor da Sylveira , e destroçada :
Per Heitor portuguez , de quem se nota ,
Que na costa cambaica sempre armada ,
Será aos Guzarates tanto dano ,
Quanto ja foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

« A Sampaio feroz succederá
Cunha , que longo tempo tem o leme :
De Chale as torres altas erguerá ,
Em quanto Diu illustre d' elle treme.
O forte Baçaim se lhe dará ,
Não sem sangue porêm , que n' elle geme
Melique , porque á força so de espada
A tranqueira soberba ve tomada.

LXII.

« Traz este vem Noronha , cujo auspicio
De Diu os Rumes feros afugenta ;
Diu , que o peito e béllico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio ,
Quando um teu ramo , o' Gama , se exp'rimenta
No governo do império ; cujo zello
Com mêdo o Roxo-mar fará amarello.

LXIII.

« Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As redeas um, que ja será illustrado,
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francez, ao mar usado.
Despois, capitão-mor do índico mar,
O muro de Damão suberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

« A este o rei cambaico suberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio;
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o rei gentio
De Calecut; que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

LXV.

« Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu rei com muitos em fugida:
E despois juncto ao cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co' o furor do ferro, e fogo;
Em si verá Beadála o marcio jogo.

LXVI.

« Tendo assi limpa a India dos imigos ,
Virá depois com sceptro a governala ,
Sem que ache resistencia , nem perigos ;
Que todos tremem d' elle , e nenhum fala.
So quiz provar os ásperos castigos
Baticalá , que vira ja Beadala :
De sangue , e corpos mortos ficou cheia ,
E de fogo e trovões desfeita e feia.

LXVII.

« Este será Martinho , que de Marte
O nome tem co'as obras derivado ;
Tanto em armas illustre em toda parte ,
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro , que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado :
Conforme successor ao succedido ;
Que um ergue Diu , outro o defende erguido.

LXVIII.

« Persas feroces , A'bassis , e Rumes
Que trazido de Roma o nome teem ,
Varios de gestos , varios de costumes ;
(Que mil nações ao cerco feras veem)
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes ,
Porque uns poucos a terra lhe deteem :
Em sangue portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

« Basiliscos medonhos , e leões ,
Trabucos feros , minas encobertas
Sustenta Mascarenhas co' os Barões ,
Que tam ledos as mortes teem por certas :
Até que nas maióres oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.

LXX.

« Fernando um d' elles , ramo da alta planta ,
Onde o violento fogo com ruido ,
Em pedaços os muros no ar levanta ,
Será alli arrebatado , e ao ceo subido.
Alvaro , quando o inverno o mundo espanta ,
E tem o caminho húmido impedido ,
Abrindo-o , vence as ondas , e os perigos ,
Os ventos , e depois os inimigos.

LXXI.

« Eis vem depois o pae , que as ondas corta
Co' o restante da gente lusitana ;
E com força , e saber , que mais importa ,
Batalha dá felice e soberana ;
Uns paredes subindo , escusam porta ;
Outros abrem na fera esquadra insana :
Feitos farão tam dignos de memoria ,
Que não caibam em verso , ou larga historia.

LXXII.

« Este depois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrépido , ao possante
Rei de Cambaia , e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalchão do braço triumphante ,
Que castigando vai Dabul na costa :
Nem lhe escapou Pondá , no sertão posta.

LXXIII.

« Estes , e outros Barões , per varias partes ,
Dignos todos de fama , e maravilha ,
Fazendo-se na terra bravos Martes ,
Virão lograr os gostos d' esta ilha ,
Varrendo triumphantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha ;
E acharão estas nymphas , e estas mesas ,
Que glorias , e honras são de arduas empresas. »

LXXIV.

Assi cantava a nympa ; e as outras todas
Com sonoro applauso vozes davam ,
Com que festejam as alegres vodas ,
Que com tanto prazer se celebravam.
« Por mais que da fortuna andem as rodas ,
(N' uma cônsona voz todas soavam)
Não vos hão de faltar , gente famosa ,
Honra , valor , e fama gloriosa. »

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos, que descobre;
Tethys, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta gloria dobre
As festas d' este alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia :

LXXVI.

« Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema de co' os olhos corporais
Veres o que não pode a vã sciencia
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Per este monte espesso, tu co' os mais. »
Assi lhe diz : e o guia per um mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubís taes, que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui um globo vêem no ar, que o lume
Clarissimo per elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga ;
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes , que a divina verga
Compoz , e um centro a todos so tem posto.
Volvendo , ora se abaixe , agora se erga ,
Nunca s' ergue , ou se abaixa ; e um mesmo rosto
Per toda parte tem ; e em toda parte
Começa e acaba emfim , per divina arte :

LXXIX.

Uniforme , perfeito , em si sustido ,
Qual emfim o Archetypo , que creou.
Vendo o Gama este globo , commovido
D' espanto , e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deusa : « O transumpto reduzido
Em pequeno volume , aqui te dou
Do mundo aos olhos teus , pera que vejas
Per onde vas , e irás , e o que desejas.

LXXX.

« Ves aqui a grande máchina do mundo ,
Ethérea e elemental , que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo ,
Que é sem principio , e méta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo , e sua superficie tam limada ,
É Deus : mas o que é Deus ninguem o intende ;
Que a tanto o ingenho humano não se estende.

LXXXI.

« Este orbe, que primeiro vai cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem ;
 Que está com luz tam clara radiando ,
 Que a vista cega, e a mente vil tambem ,
 Empyreo se nomeia ; onde logrando
 Puras almas estão d'aquelle bem
 Tammanho, que elle so se intende, e alcança,
 De quem não ha no mundo similhança.

LXXXII.

« Aqui so verdadeiros gloriosos
 Divos estão : porque eu, Saturno, e Jano,
 Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
 Fingidos de mortal e cego engano :
 So pera fazer versos deleitosos
 Servimos ; e se mais o tracto humano
 Nos pode dar, é so que o nome nosso
 N'estas estrellas poz o ingenho vosso.

LXXXIII.

« E tambem porque a sancta Providencia
 Que em Jupiter aqui se representa,
 Per spiritus mil, que teem prudencia,
 Governa o mundo todo, que sustenta.
 Ensina-o a prophética sciencia
 Em muitos dos exemplos, que apresenta :
 Os que são bons, guiando favorecem ;
 Os maus, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

« Quer logo aqui a pintura , que varia ,
Agora deleitando , ora ensinando ,
Dar-lhe nomes , que a antigua poesia
A seus deuses ja dera , fabulando :
Que os Anjos da celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando ;
Nem nego que esse nome preeminente
Tambem aos maus se dá , mas falsamente.

LXXXV.

« Emfim que o summo Deus , que per segundas
Causas obra no mundo , tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda ;
Debaixo d' este círculo , onde as mundas
Almas divinas gozam , que não anda ,
Outro corre tam leve e tam ligeiro ,
Que não se enxerga : é o móbile primeiro.

LXXXVI.

« Com este rapto , e grande movimento
Vão todos os que dentro teem no seio :
Per obra d' este , o sol , andando a tento ,
O dia e noite faz , com curso alheio.
Debaixo d' este leve anda outro lento ,
Tam lento e sujugado a duro freio ,
Que , em quanto Phebo , de luz nunca escasso ,
Duzentos cursos faz , dá elle um passo.

LXXXVII.

« Olha est' outro debaixo , que esmaltado
 De corpos lisos anda e radiantes ,
 Que tambem n' elle teem curso ordenado ,
 E nos seus axes correm scintillantes.
 Bem ves como se veste , e faz ornado
 Co' o largo cinto d' ouro , que estellantes
 Animaes doze traz afigurados ,
 Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

« Olha per outras partes a pintura
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo :
 Olha a Carreta , attenta a Cynosura ,
 Andromêda , e seu pae , e o Drago horrendo :
 Ve de Cassiopêa a fermosura ,
 E de Oriente o gesto metuendo ;
 Olha o Cysne morrendo , que suspira ,
 A Lebre e os Cães , a Nau e a doce Lira.

LXXXIX.

« Debaixo d' este grande firmamento
 Ves o ceo de Saturno , deus antigo ;
 Jupiter logo faz o movimento ,
 E Marte abaixo , béllico inimigo ;
 O claro olho do ceo no quarto assento ,
 E Venus , que os amores traz comsigo ;
 Mercurio de eloquencia soberana :
 Com tres rostos debaixo vai Diana .

XC.

« Em todos estes orbes differente
Curso verás , n' uns grave , e n' outros leve ;
Ora fugem do centro longamente ,
Ora da terra estão caminho breve ;
Bem como quiz o Padre Omnipotente ,
Que o fogo fez , e o ar, o vento , e a neve ;
Os quaes verás , que jazem mais a dentro ,
E teem co' o mar, a terra por seu centro.

XCI.

« N' este centro, pousada dos humanos ,
Que não somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos ,
Mas inda o mar instabil exp'rimentam ;
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem , onde se aposentam
Varias nações , que mandam varios reis ,
Varios costumes seus , e varias leis.

XCII.

« Ves Europa christã , mais alta e clara
Que as outras em polícia , e fortaleza :
Ves Africa , dos bens do mundo avara ,
Inculca , e toda cheia de bruteza ,
Co' o cabo , que até-qui se vos negara ,
Que assentou pera o Austro a natureza :
Olha essa terra toda , que se habita
D' essa gente sem lei , quasi infinita.

XCIII.

« Ve do Benomotápa o grande imperio ,
De selvatica gente , negra e nua ;
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pola fe sancta sua.
Nasce per este incógnito hemispherio
O metal porque mais a gente sua.
Ve que do lago , d' onde se derrama
O Nilo , tambem vindo está Cuama.

XCIV.

« Olha as casas dos negros , como estão
Sem portas , confiados em seus ninhos ,
Na justiça real , e defensão ,
E na fidelidade dos visinhos.
Olha d' elles a bruta multidão ,
Qual bando espesso e negro de estorninhos ,
Combaterá em Sofála a fortaleza ,
Que defenderá Nháia com destreza.

XCV.

« Olha la as alagôas , d' onde o Nilo
Nasce , que não souberam os antigos ;
Vel-o rega , gerando o crocodilo ,
Os povos abassís , de Christo amigos :
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos.
Ve Méroe , que ilha foi de antigua fama ,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI.

« N' esta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro ;
Ha de ser dom Christóvão o nome seu :
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Ve ca a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro :
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII.

« O cabo ve ja Arómata chamado ,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a bocca do afamado
Mar-Roxo, que do fundo toma as cores.
Este, como limite está lançado ,
Que divide Asia de Africa : e as melhores
Povoações, que a parte africa tem ,
Maçuá são, Arquíco, e Suanquem.

XCVIII.

« Ves o extremo Suez, que antiguamente
Dizem « que foi dos héroas a cidade ; »
Outros dizem « que Arsínoe ; » e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas, nas quaes abriu patente
Entrada o gran' Moysés na antigua idade.
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX.

« Olha o monte Sinái , que se ennobrece
Co' o sepulcro de sancta Catharina :
Olha Toro e Gidá , que lhe fallece
Agua das fontes doce e crystallina.
Olha as portas do estreito , que fenece
No reino da secca A'dem , que confina
Com a serra d' Arzira , pedra viva ,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

C.

« Olha as Arábias tres , que tanta terra
Tomam , todas da gente vaga e baça ;
D' onde véem os cavalloos pera a guerra ,
Ligeiros e feroces , de alta raça.
Olha a costa , que corre até que cerra
Outro estreito de Pérsia , e faz a traça
O cabo , que co' o nome se appellida
Da cidade Fartáque alli sabida.

CI.

« Olha Dófar insigne , porque manda
O mais cheiroso incenso pera as aras.
Mas attenta : ja ca d' est' outra banda
De Roçalgate , e praias sempre avaras ,
Começa o reino Ormuz , que todo se anda
Pelas ribeiras , que inda serão claras
Quando as galés do Turco , e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

« Olha o cabo Asabóro , que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes :
Per aqui entra o lago , que é fechado
De Arábia , e persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barêm , que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
A' cor da Aurora ; e ve na agua salgada
Ter o Tygris , e Euphrates uma entrada.

CIII.

« Olha da grande Pérsia o imperio nobre ,
Sempre posto no campo , e nos cavallos ,
Que se injuria de usar fundido cobre ,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas ve a ilha Gerúm , como descobre
O que fazem do tempo os intervallos ;
Que da cidade Armuza , que alli steve ,
Ella o nome despois , e a gloria teve.

CIV.

« Aqui de dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara ,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseus vencerá de Lara :
Virão provar os golpes , e revezes
De dom Pedro de Sousa , que provara
Ja seu braço em Ampaza , que deixada
Terá per terra á força so de espada.

CV.

« Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dicto ja Carpella,
Com todo seu terreno mal querido
Da natura, e dos dões usados d' ella :
Carmânia teve ja per appellido;
Mas ves o fermoso Indo, que d' aquella
Altura nasce, juncto á qual tambem
D' outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

« Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a íntima enseada;
Do mar a enchente súbita grandissima,
E a vasante, que fuge apressurada.
A terra de Cambáia ve riquissima;
Onde do mar o seio faz entrada.
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

« Ves corre a costa célebre indiana
Pera o Sul, até o cabo Comori,
Ja chamado Corí, que Taprobana,
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Per este mar a gente lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras, e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII.

« As provincias, que entre um, e outro rio
Ves com varias nações, são infinitas;
Um reino mahométa, outro gentio,
A quem tem o Demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, varão sagrado,
Que a Jesu-Christo teve a mão no lado.

CIX.

« Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica:
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar n' aquelle tempo estava,
Quando a fe, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e ja passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

CX.

« Chegado aqui prégando, e juncto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
A caso traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza desmedida:
Deseja o rei, que andava edificando,
Fazer d' elle madeira, e não duvida
Poder tiral-o a terra com possantes
Forças de homens, de ingenhos, de aliphantes.

CXI.

« Era tam grande o peso do madeiro ,
Que so pera abalar-se nada abasta ;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta :
Ata o cordão , que traz per derradeiro
No tronco , e facilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um sumptuoso templo ,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

« Sabía bem , que se com fe formada
Mandar a um monte surdo , que se mova ,
Que obedecerá logo á voz sagrada ;
Que assi lh' o ensinou Christo , e elle o prova.
A gente ficou d' isto alvoroçada ,
Os Brahmenes o tem por cousa nova :
Vendo os milagres , vendo a sanctidade ,
Hão mêdo de perder auctoridade.

CXIII.

« São estes sacerdotes dos gentios ,
Em quem mais penetrado tinha a inveja ;
Buscam maneiras mil , buscam desvios
Com que Thomé não se ouça , ou morto seja.
O principal , que ao peito traz os fios ,
Um caso horrendo faz , que o mundo veja.
Que inimiga não ha tam dura e fera ,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV.

« Um filho proprio mata, e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente ;
Dá falsas testemunhas, como se usa :
Condemnaran-o á morte brevemente.
O Sancto, que não ve melhor escusa,
Que appellar pera o Padre Omnipotente,
Quer diante do rei, e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

CXV.

« O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador ; e será crido
Por testemunho o seu mais approvedo.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado :
Dá graças a Thomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pae ser homicida.

CXVI.

« Este milagre fez tammanho espanto,
Que o rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle : um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matal-o em fim de tudo.

CXVII.

« Um dia , que prégando ao povo estava ,
Fingiram entre a gente um arruido :
Ja Christo n' este tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao ceo subido.
A multidão das pedras , que voava ,
No Sancto dá , ja a tudo offerecido :
Um dos maus , por fartar-se mais depressá ,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

« Choraram-te Thomé , o Gange , e o Indo ;
Chorou-te toda a terra , que pizaste ;
Mais te choram as almas , que vestindo
Se iam da sancta fe , que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do ceo cantando , e rindo ,
Te recebem na glória , que ganhaste.
Pedimos-te , que a Deus ajuda peças ,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

« E vós outros , que os nomes usurpais
De mandados de Deus , como Thomé ,
Dizei , se sois mandados , como estais
Sem irdes a prégar a sancta fé ?
Olhai que se sois sal , e vos danais
Na patria , onde propheta ninguem é ,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias ?

CXX.

« Mas passo esta materia perigosa ,
E tornemos á costa debuxada.
Ja com esta cidade tam famosa ,
Se faz curva a gangética enseada.
Corre Narsinga rica e poderosa ,
Corre Oríxa de roupas abastada :
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio ;

CXXI.

« Ganges , no qual os seus habitadores
Morrem banhados , tendo por certeza
Que , indaque sejam grandes peccadores ,
Esta agua sancta os lava , e dá pureza.
Ve Cathigão , cidade das melhores
De Bengala , provincia , que se preza
De abundante ; mas olha que está posta
Pera o Austro d'aqui virada a costa.

CXXII.

« Olha o reino Arracão , olha o assento
De Pegú , que ja monstros povoaram ;
Monstros filhos do feo ajunctamento
D' uma mulher e um cão , que sos se acharam.
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam ; o que usaram
Per manha da rainha , que inventando
Tal uso , deitou fóra o error nefando.

CXXIII.

« Olha Tavai cidade , onde começa
De Siam largo o império tam comprido :
Tenassarí , Quedá , que é so cabeça
Das que pimenta alli teem produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por império ennobrecido ,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

« Dizem « que d' esta terra , co' as possantes
Ondas o mar entrando dividiu
A nobre ilha Samátra , que ja d' antes
Junctas ambas a gente antigua viu. »
Chersoneso foi dicta ; e das prestantes
Veias d' ouro , que a terra produziu ,
Aurea per epithéto lhe ajunctaram :
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV.

« Mas na ponta da terra Cingapura
Verás , onde o caminho ás naus se estreita :
D' aqui tornando a costa á Cynosura ,
Se encurva , e pera a Aurora se endireita.
Ves Pam , Patâne , réinos , e a longura
De Siam , que estes , e outros mais sujeita.
Olha o rio Menão , que se derrama
Do grande lago , que Chiamai se chama.

CXXVI.

« Ves n' este gran' terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas ;
Os Laos em terra e número potentes ,
Avás , Bramás , per serras tam compridas.
Ve nos remotos montes outras gentes ,
Que Gueos se chamam , de selvages vidas :
Humana carne comem ; mas a sua
Pintam com ferro ardente : usança crua.

CXXVII.

« Ves passa per Camboja Mecom rio ,
Que capitão-das-aguas se interpreta ;
Tantas recebe d' outro so no estio ,
Que alaga os campos largos , e inquieta :
Tem as enchentes , quaes o Nilo frio :
A gente d' elle crê , como indiscreta ,
Que pena , e gloria teem despois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

« Este receberá placido e brando ,
No seu regaço o canto , que molhado
Vem do naufragio triste e miserando ,
Dos procellosos baixos escapado ,
Das fomes , dos perigos grandes , quando
Será o injusto mando executado
N' aquelle , cuja lyra sonora
Será mais afamada , que ditosa.

CXXIX.

« Ves corre a costa , que Champá se chama ,
Cuja matta é do pau cheiroso ornada ;
Ves Cauchichina está de escura fama ,
E de Ainão ve a incógnita enseada.
Aqui o suberbo império , que se afama
Com terras , e riqueza não cuidada ,
Da China corre , e occupa o senhorio
Desd' o Trópico ardente ao Cinto frio.

CXXX.

« Olha o muro , e edificio nunca crido ,
Que entre um imperio , e o outro se edifica ;
Certissimo signal e conhecido ,
Da potencia real , suberba e rica.
Estes , o rei que teem , não foi nascido
Principe , nem dos paes aos filhos fica ;
Mas elegem aquelle que é famoso
Por cavalleiro sabio e virtuoso.

CXXXI.

« Inda outra muita terra se te esconde ,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas , onde
A natureza quiz mais afamar-se.
Esta meia escondida , que responde
De longe á China , d' onde vem buscar-se ,
É Japão , onde nasce a prata fina ,
Que illustrada será co' a lei divina.

CXXXII.

« Olha ca pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas :
Ve Tidor, e Ternáte, co' o fervente
Cume , que lança as flammæ ondeadas :
As arvores verás do cravo ardente ,
Co' o sangue portuguez inda compradas.
Aqui ha as aureas aves , que não decem
Nunca á terra , e so mortas apparecem.

CXXXIII.

« Olha de Banda as ilhas , que se esmaltam
Da varia côr, que pinta o roxo fruto ;
As aves variadas , que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha tambem Bornêo , onde não faltam
Lagrymas no liquor coalhado e enxuto
Das arvores , que câmphora é chamado ;
Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV.

« Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sândalo salutífero e cheiroso :
Olha a Sunda tam larga , que uma banda
Esconde pera o Sul difficultoso :
A gente do sertão , que as terras anda ,
« Um rio (diz) que tem miraculoso ,
Que , per onde elle so sem outro vai ,
Converte em pedra o pau , que n' elle cai. »

CXXXV.

« Ve n' aquella, que o tempo tornou ilha,
 Que tambem flammás trémulas vapora,
 A fonte, que óleo mana, e a maravilha¹
 Do cheiroso liquor, que o tronco chora;
 Cheiroso mais que quanto estilla a filha
 De Cinyras na Arábia, onde ella mora;
 E ve que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

« Olha em Ceilão que o monte se alevanta
 Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
 Os naturaes o tem por cousa santa,
 Pola pedra onde stá a pégada humana.
 Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
 No profundo das aguas soberana,
 Cujó pomo contra o veneno urgente
 É tido por antidoto excellenté.

CXXXVII.

« Verás defronte estar do Roxo estreito
 Socotorá, co' o amaro áloe famosa;
 Outras ilhas no mar tambem sujeito
 A vós na costa de Africa arenosa;
 Aonde sai do cheiro mais perfeito
 A massa, ao mundo occulta e preciosa:
 De san' Lourenço ve a ilha afamada,
 Que Madagascar é d' alguns chamada.

CXXXVIII.

« Eis-aqui as novas partes do Oriente ,
Que vós outros agora ao mundo dais ,
Abrindo a porta ao vasto mar patente ,
Que com tam forte peito navegais.
Mas é tambem razão , que no Ponente
D'um Lusitano um feito inda vejais ,
Que , de seu rei mostrando-se aggravado ,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

« Vêdes a grande terra , que continua
Vai de Callisto ao seu contrario pollo ,
Que suberba a fará a luzente mina
Do metal , que a côr tem do louro Apollo.
Castella , vossa amiga , será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo :
Varias provincias tem de varias gentes ,
Em ritos , e costumes diferentes.

CXL.

« Mas ca onde mais se alarga , alli tereis
Parte tambem co' o pau vermelho nota ;
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis ,
Descobril-a-ha a primeira vossa frota :
Ao longo d'esta costa , que tereis ,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães , no feito com verdade
Portuguez , porém não na lealdade.

CXXI.

« Dêsque passar a via mais que mea ,
Que ao antárctico pólo vai da linha ,
D' uma estatura quasi gigantea
Homens verá , da terra alli visinha.
E mais avante o Estreito , que se arrea
Co' o nome d' elle agora , o qual caminha
Pera outro mar e terra , que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXXII.

« Até-qui , Portuguezes , concedido
Vos é saberdes os futuros feitos ,
Que pelo mar , que ja deixais sabido ,
Virão fazer Barões de fortes peitos.
Agora ; pois que tendes aprendido
Trabalhos , que vos façam ser acceitos
A's eternas esposas e fermosas ,
Que coroas vos tecem gloriosas :

CXXIII.

« Podeis-vos embarcar (que tendes vento
E mar tranquillo) pera a patria amada. »
Assi lhe disse : e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada :
Levam refresco , e nobre mantimento ;
Levam a companhia desejada
Das nymphas , que hão de ter eternamente ,
Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

CXLIV.

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso , e nunca irado ,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram , sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno ;
E á sua patria , e rei temido e amado
O premio e gloria dão ; porque mandou ;
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

No mais , Musa , no mais ; que a lyra tenho
Destemperada , e a voz enrouquecida :
E não do canto , mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se accende o ingenho ,
Não o dá a patria , não , que está mettida
No gosto da cubiça , e na rudeza
D' uma austera , apagada e vil tristeza.

CXLVI.

E não sei per que influxo do destino
Não tem um ledor orgulho e geral gosto ,
Que os animos levanta de cóntino
A ter pera trabalhos ledor o rosto.
Por isso vós , o' rei , que per divino
Conselho estais no régio solio posto ,
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor so de vassallos excellentes !

CXLVII.

Olhai que ledos vão per varias vias ,
Quaes rompentes leões , e bravos touros ,
Dando os corpos a fomes , e vigias ,
A ferro , a fogo , a settas , e pelouros ;
A quentes regiões , a plagas frias ,
A golpes de idolátras , e de Mouros ,
A perigos incógnitos do mundo ,
A naufragios , a peixes , ao profundo :

CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados ,
De vós tam longe , sempre obedientes
A quaesquer vossos ásperos mandados ,
Sem dar resposta , promptos e contentes.
So com saber que são de vós olhados ,
Demonios infernaes , negros e ardentes
Commetterão comvosco ; e não duvido
Que vencedor vos façam , não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo , e alegrai-os
Com a presença , e leda humanidade :
De rigorosas leis desalivai-os ;
Que assi se abre o caminho á sanctidade :
Os mais exp'riimentados levantai-os ,
Se , com a experiencia teem bondade
Pera vosso conselho ; pois que sabem
O como , o quando , e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios ,
Segundo teem das vidas o talento :
Tenham , religiosos , exercicios
De rogarem por vosso regimento ,
Com jejuns , disciplina , polos vicios
Communs : toda ambição terão por vento ;
Que o bom religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende , nem dinheiro.

CLI.

Os cavalleiros tende em muita estima ,
Pois com seu sangue intrépido e fervente ,
Estendem não somente a lei de cima ,
Mas inda vosso império preeminente :
Pois aquelles que a tam remoto clima
Vos vão servir com passo diligente ,
Dous inimigos vencem ; uns os vivos ,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei , senhor , que nunca os admirados
Alemães , Gallos , I'talos , e Inglezes
Possam dizer , « que são pera mandados ,
Mais que pera mandar , os Portuguezes. »
Tomai conselhos so d'exp'rimentados ,
Que viram largos annos , largos mezes ;
Que , postoque em scientes muito cabe ,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormião , philosopho elegante ,
Vereis como Annibál escarnecia ,
Quando das artes béllicas diante
D'elle com larga voz tractava e lia.
A disciplina militar prestante ,
Não se aprende , senhor, na phantasia ,
Sonhando , imaginando , ou estudando ;
Senão vendo , tractando , e pelejando .

CLIV.

Mas eu , que fallo , humilde , baixo e rudo ,
De vós não conhecido , nem sonhado ,
Da bocca dos pequenos sei comtudo ,
Que o louvor sai ás vezes acabado :
Nem me falta na vida honesto estudo ,
Com longa experiencia misturado ,
Nem ingenho ; que aqui vereis presente ,
Cousas que junctas se acham raramente .

CLV.

Pera servir-vos , braço ás armas feito ;
Pera cantar-vos , mente ás Musas dada :
So me fallece ser a vós acceito ,
De quem virtude deve ser prezada .
Se me isto o ceo concede , e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada ,
Como a presaga mente vaticina ,
Olhando a vossa inclinação divina :

CLVI.

Ou fazendo que mais que a de Medusa ,
A vista vossa tema o monte Atlante ;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos , e Trudante ;
A minha ja estimada e leda Musa ,
Fico que em todo o mundo de vós cante ,
De sorte que Alexandro em vós se veja ,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

F I M.

ESTANCIAS

DESPREZADAS E OMITTIDAS

PER CAMÕES,

NA PRIMEIRA IMPRESSÃO DO SEU POEMA.

As Estancias desprezadas per Camões, e as differentes lições do seu poema, foram achadas per Manuel de Faria e Souza na cõrte de Madrid em dous differentes manuscriptos. O primeiro continha os seis primeiros cantos, e era uma copia tirada immediatamente de cadernos do Poeta : o segundo comprehendia todo o poema, e tinha sido de Manuel Correa Montenegro, e per elle em partes alterado. Assim mesmo Manuel de Faria observou o que transcrevemos (1). Accrescenta-se-lhe todas as differenças, que se acharam nos differentes exemplares, que se combinaram para a correcção d'esta edição.

No Canto I, depois da Estancia LXXVII, havia mais duas, e a mesma LXXVII com a mudança que aqui se verá :

« Isto dizendo, irado, e quasi insano,
Sobre a Thebana parte descendeu,
Onde vestindo a fórma, e gesto humano,
Pera onde o sol nasce se moveu.
Ja atravessa o mar Mediterraneo,
Ja de Cleopátra o reino discorreu;
Ja deixa á mão direita os Garamantes,
E os desertos de Libya circumstantes.

« Ja Meróe deixa atraz, e a terra ardente,
Que o septemfluo rio vai regando,
Onde reina o mui sancto Presidente,
Os preceitos de Christo amoestando :

(1) Veja-se o mesmo Faria na edição do Poeta, d'onde extrahimos o que se segue.

Ja passa a terra de aguas carecente,
 Que estão as alagôas sustentando;
 D'onde seu nascimento tem o Nilo,
 Que gera o monstruoso crocodilo.

« D'aquí ao Cabo Prasso vai direito;
 E entrando em Moçambique, n'esse instante
 Se faz na fórma Mouro contrafeito,
 A um dos mais honrados semelhante.
 E como a seu regente fosse acceito,
 Entrando um pouco triste no semblante,
 D'esta sorte o Thebano lhe fallava,
 Apartando-o dos outros com que estava. »

No mesmo Canto I, depois da Estancia LXXX, havia de mais a que se segue :

« E pera que dê credito ao que fallo,
 Que este capitão falso está ordenando,
 Sabê que quando foste a visitallo
 Ouvi dous n'este caso estar fallando :
 No que digo não faças intervallo,
 Que eu te digo, sem falta, como, quando
 Os podes destruir; que é bem olhado
 Que quem quer enganar fique enganado. »

No Canto III, depois da Estancia X, havia de mais no manuscrito a seguinte :

« Entre este mar, e as aguas onde vem
 Correndo o largo Tánais de contínuo,
 Os Sarmátas estão, que se mantem
 Bebendo o roxo sangue, e leite equino.
 Aqui vivem os Missios, que tambem
 Teem parte de Asia; povo baixo, e indino;
 E os A'bios que mulheres não recebem;
 E muitos mais, que o Borysthenes bebem. »

No mesmo Canto III, em logar da Estancia XXIX, havia esta :

« Mas a iniqua mãe seguindo em tudo
 Do peito feminil a condição,
 Tomava por marido a dom Bérnudo,
 E a dom Bérnudo a toma um seu irmão.
 Vêde um peccado grave, bruto e rudo,
 De outro nascido ! Oh grande admiração !
 Que o marido deixado vem a ter
 Quem tem por enteada, e por mulher. »

No Canto IV, à Estancia II, se seguiam estas tres :

« Sempre foram bastardos valerosos
 Per letras ou per armas, ou per tudo :

Foran-o os mais dos deuses mentirosos,
 Que celebrou o antigo povo rudo.
 Mercurio, e o docto Apollo são famosos
 Per sciencia diversa, e longo estudo:
 Outros são so per armas soberanos;
 Hercules, e Lyeu, ambos Thebanos.

« Bastardos são tambem Homero, e Orpheu,
 Dous a quem tanto os versos illustraram;
 E os dous de quem o império procedeu,
 Que Troia, e Roma em Italia edificaram.
 Pois se é certo o que a fama ja screveu,
 Se muitos a Philippo nomearam
 Por pae do Macedónico mancebo,
 Outros lhe dão o manho Nectanebo.

« Assi o filho de Pedro Justicioso,
 Sendo governador alevantado
 Do reino, foi nas armas tam ditoso,
 Que bem pode igualar qualquer passado.
 Porque vendo-se o reino receoso
 De ser do Castelhana sujugado,
 Aos seus o medo tira, que os alcança;
 Aos outros a falsifica esperanza. »

No mesmo Canto IV, depois da Estancia XI, havia a seguinte:

« Nem no reino ficou de Tarragona
 Quem não siga de Marte o duro officio:
 Nem na cidade nobre, que se abona
 Com ser dos Sciplões claro edificio.
 Tambem a celebrada Barcelona
 Mandou soldados destros no exercicio:
 Todos estes ajuncta o Castelhana
 Contra o pequeno reino Lusitano. »

Ahi mesmo, depois da Estancia XIII, se lia est'outra:

« Oh inimigos maus da natureza
 Que injuriaes a propria geração!
 Degenerantes, baixos! Que fraqueza
 De esforço, de saber, e de razão,
 Vos fez que a clara estirpe que se preza
 De leal, fido e limpo coração,
 Offendaes d'essa sorte? Mas respeito
 Que este dos grandes é o menor defeito. »

No mesmo Canto IV, em lugar da Estancia XXI, apparecia no manuscrito a seguinte:

« Qual o mancebo claro, no Romano
 Senado, os grandes medos aquebranta

Do gran' Carthaginez , que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta ;
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com furia tanta ,
Que a patria duvidosa libertou ,
O que Fabio invejoso não cuidou. »

Pouco mais abaixo , depois da Estancia XXVII , apparecia esta :

« Ja a fresca filha de Titão trazia
O sempre memorando dia , quando
As vespas se cantam de Maria ,
Que este mez honra , o nome seu tomando.
Pera a batalha estava ja este dia
Determinado : logo , em branqueando
A alva no ceo , os réis se aparelhavam ,
E as gentes com palavras animavam. »

No mesmo Canto IV, depois da Estancia XXXIII, havia esta :

« E vós imperadores que mandastes
Tanta parte do mundo , sempre usados
A resistir os asperos contrastes
De traidores crueis , e alevantados :
Não vos queixeis : que agora se attentastes ,
Um dos mais claros réis , e mais amados ,
Ve contra si , contra seu reino , e lei ,
Seus vassallos por outro estranho rei. »

No mesmo Canto IV, depois da Estancia XXXV, appareciam as tres que se
seguem :

« Passaram a Giraldo co' as entranhas
O grosso e forte escudo , que tomara
A Perez que matou , que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito ja deixara.
Morrem Pedro , e Duarte (que façanhas
Nos Brigios tinham feito) a quem criara
Bragança : ambos mancebos , ambos fortes ,
Companheiros nas vidas , e nas mortes.

« Morrem Lopo , e Vicente de Lisboa ,
Que estavam conjurados a acabarem ,
Ou a ganharem ambos a coroa
De quantos n'esta guerra se afamarem.
Per cima do cavallo Afonso voa ;
Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco , que matara)
O vão privar assi da vida cara.

« De tres lanças passado Hilario cai ;
 Mas primeiro vingado a sua tinha ;
 Não lhe peza porque a alma assi lhe sai ,
 Mas porque a linda Antonia n'elle vinha :
 O fugitivo esp'ritu se lhe vai ,
 E n'elle o pensamento que o sostinha ;
 E saindo da dama , a quem servia ,
 O nome lhe cortou na bocca fria. »

N'este mesmo Canto IV, em logar da Estancia XXXIX, havia no manuscrito
 a que aqui se segue :

« Favorecem os seus com grandes gritas
 O successo do tiro ; e elle logo
 Toma outra : (que jaziam infinitas
 Dos que as vidas perderam n'este jogo)
 Corre enrestando-a forte ; e d'arte incita
 A' brava guerra os seus , que ardendo em fogo
 Vão ferindo os cavallos de esporadas ,
 E os duros inimigos de lançadas. »

Depois d'esta, e depois da Estancia XL d'este Canto IV, havia no mesmo
 original as oito que se seguem :

« Velasquez morre, e Sançhes de Toledo,
 Um grande caçador, outro letrado :
 Tambem perece Galbes, que sem medo
 Sempre dos companheiros foi chamado :
 Montanchez, Oropesa, Mondonhedeo :
 (Qualquer destro nas armas, e esforçado)
 Todos per mãos de Antonio, moço forte,
 Destro mais que elles, pois os trouxe á morte.

« Guevara ronçador, que o rosto untava,
 Mãos, e barba, do sangue que corria ;
 Por dizer « que dos muitos que matava
 Saltava n'elle o sangue, e o tingia : »
 Quando d'estes abusos se jactava,
 De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
 Tal golpe, com que alli lhe foi partida
 Do corpo a vã cabeça, e a torpe vida.

« Pelo ar a cabeça lhe voou,
 Inda contando a história de seus feltos :
 Pedro, do negro sangue que esguichou,
 Foi todo salpicado, rosto, e peitos ;
 Justa vingança do que em vida usou.
 Logo com elle ao occáso vão direitos
 Carrilho, João da Lorca, com Robledo ;
 Porque os outros fugindo vão de medo.

« Salazar, gran' taful , e o mais antigo
 Rufião que Sevilha então sostinha ;
 A quem a falsa amiga, que comsigo
 Trouxe, de noite so fugido tinha.
 Fugiu-lhe a amiga , emfim , pera outro amigo ,
 Porque viu que o dinheiro, com que vinha ,
 Perdeu todo de um resto ; e não perdera ,
 Se uma carta de espadas lhe viera.

« O desprezo da amiga o desatina ;
 E o mundo todo, a terra, e o ceo vagante ,
 Blasphemando ameaça , e determina
 De vingar-se em qualquer que achar diante :
 Encontra com Gaspar (que Catharina
 Ama em extremo) e leva do montante ,
 Que no ar fere fogo ; e certo cria ,
 Que um monte da pancada fenderia.

« Bem cuida de cortar-o em dous pedaços ;
 Porém Gaspar vendo o montante erguido ,
 Cerra com elle, e leva-o nos braços :
 Comettimento destro e atrevido.
 Braccia o Castelhana, e de ameaços
 Se serve ainda ; e estando ja vencido ,
 O Portuguez forçoso, em breve móra ,
 Lhe leva a arma das mãos, e salta fóra.

« E porque elle não lhe use a propria manha
 Que este lhe usara ja, de ponta o fere :
 Nos peitos o montante , emfim , lhe banha ,
 Porque de outra vingança desespera.
 Fugiu-lhe a alma indigna, e na montanha
 Tartárea inda blasphema ; alli refere
 De mais não açoutar a amiga ingrata ,
 Que os açoutes de Alecto o pena, e mata.

« E do metal de espadas aos damnados
 Diz males , e blasphemias sem medida :
 Que ja por não lhe entrar perde os cruzados ,
 E agora por entrar-lhe perde a vida.
 Por pena quer Plutão de seus peccados ,
 Que se lhe mostre a amiga ja fugida ,
 Em brincos de outro, e beijos enlevada :
 Remette elle pera elles , e acha nada. »

N'este mesmo Canto IV, depois da Estancia XLIV, havia no original as duas seguintes :

« Oh pensamento vão do peito humano !
 Agora n'este cego error cahiste ?

Agora este fermoso e ledo engano
 Da sanguinosa e fera guerra viste ?
 Agora que com sangue , e proprio dano ,
 A dura experiencia acerba e triste ,
 T'o tem mostrado. E agora que o provaste ,
 Os conselhos darás , que não tomaste.

« Dos corpos dos imigos cavalleiros ,
 Do matto os animaes se apascentaram :
 As fontes de mais perto nos primeiros
 Dias sangue com agua distillaram.
 Os pastores do campo , e os monteiros
 Da visinha montanha , não gostaram
 As aves de rapina em mais de um ano ,
 Por terem o sabor do corpo humano. »

Os ultimos quatro versos da Estancia XLIX do mesmo Canto IV, estavam muito diferentes no manuscripto; e depois d'estes havia mais duas Estancias : tudo como se segue :

« Ponderando tammanho atrevimento ,
 Disse a Neptuno então Protheu propheta :
 « Temo que d'esta gente , gente venha ,
 Que de teus reinos o gran' sceptro tenha. »

« Ja toma a forte porta inexpugnavel ,
 Que o conde desleal primeiro abriu ,
 Por se vingar do amor inevitavel
 Que a fortuna em Rodrigo permittiu.
 Mas não foi esta a causa detestavel
 Que a populosa Hespanha destruiu :
 Juizo de Deos foi por causa incerta ;
 A casa o mostra per Rodrigo aberta.

« Ja agora , o' nobre Hespanha , estás segura
 (Se segurar te podem cavalleiros)
 De outra perda como esta , iniqua e dura ,
 Pois que tens Portuguezes por porteiros.
 Assi se deu á próspera ventura
 Do rei Joanne a terra , que aos fronteiros
 Hespanhoes tanto tempo molestara ;
 E vencida ficou mais nobre e clara. »

Na Estancia LXI d'este mesmo Canto IV, eram os ultimos cinco versos no manuscripto como aqui vão :

« Da próspera cidade de Veneza :
 Veneza , a qual os povos que escaparam
 Do gothico faror , e da crueza
 De Attila edificaram pobrememente ,
 E foi rica despois , e preeminente. »

Depois da Estancia LXVI do mesmo Canto IV, havia no original a seguinte :

« Não foi sem justa , e grande causa eleito
 Pera o sublime throno , e governança ,
 Este , de cujo illustre e forte peito
 Depende uma grandissima esperança :
 Pois não havendo herdeiro mais direito
 No reino , e mais por esta confiança ,
 Joanne o escolheu , que so o herdasse ,
 Não tendo filho herdeiro que reinasse . »

Quasi ao fim do mesmo Canto IV, depois da Estancia LXXXVI, havia no manuscrito as duas seguintes :

« Alli lhe promettemos , se em socego
 Nos leva ás partes , onde Phebo nace ,
 De , ou espalhar sua fe no mundo cego ,
 Ou o sangue do povo pertinace.
 Fizemos pera as almas sancto emprego
 De fiel confissão , pura e verace ,
 Em que , postoque Hereges a reprovam ,
 As almas , como a Phenix , se renovam .

« Tomámos o divino mantimento ,
 Com cuja graça sancta tantos dias ,
 Sem outro algum terrestre provimento ,
 Se sustentaram ja Moysés , e Helias :
 Pão , de quem nenhum grande pensamento ,
 Nem sutis e profundas phantasias
 Alcançam o segredo , e virtude alta ,
 Se do juizo a fe não suppre a falta . »

No Canto VI, depois da Estancia VII, se achava no mesmo original mais uma :

« La na sublime Italia um celebrado
 Antro secreto está , chamado Averno ;
 Per onde o capitão Troiano ousado
 A's negras sombras foi do escuro inferno.
 Per alli ha tambem um desusado
 Caminho , que vai ter ao centro interno
 Do mar, aonde o deus Neptuno mora :
 Per alli foi descendo Baccho agora . »

Depois da Estancia XXIV do mesmo Canto VI, havia a que se segue :

« A dôr do desamor nunca respeita ,
 Se tem culpa , ou se não tem culpa a parte ;
 Porque se a cousa amada vos engeita ,
 Vingança busca so de qualquer arte.
 Porém quem outrem ama , que aproveita
 Trabalhar que vos ame , e que se aparte

De seu desejo , e que por outro o negue ,
Se sempre fuge amor de quem o segue ? »

Ahi mesmo , depois da Estancia XL, havia as cinco seguintes:

« De que serve contar grandes historias
De capitães , de guerras affamadas ,
Onde a morte tem ásperas victorias
De vontades alheas sujgadas ?
Outros farão grandissimas memorias
De feitos de batalhas conquistadas :
Eu as farei (se for no mundo ouvido)
De como so de uns olhos fui vencido. »

« Não foi pouco aprazivel a Velloso
Tractar-se esta materia , vigiando ;
Que com quanto era duro e bellicoso ,
Amor o tinha feito manso e brando.
Tam concertado vive este enganoso
Moço co' a natureza , que tractando
Os corações tam doce e brandamente ,
Não deixa de ser forte quem o sente.

« Contai (disse) senhor, contai de amores
As maravilhas sempre acontecidas ,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas. »
Concederam os mais vigiadores ,
Que alli fossem de todos referidas
As historias que ja de amor passaram ;
E assi sua vigia começaram.

« Disse então Leonardo : « Não espere
Ninguem que conte fábulas antigas :
Que quem alheas lagrymas refere ,
Das proprias vive isento , e sem fadigas.
Porque depois que Amor co' os olhos fere ,
Nunca por tam suaves inimigas ,
Como a mi so no mundo tem ferido
Pyramo , nem o nadador de Abido.

« Fortuna que no mundo pode tanto ,
Me deitou longe ja da patria minha ,
Onde tam longo tempo vivi , quanto
Bastou pera perder um bem que tinha.
Livre vivia então ; mas não me espanto ,
Senão que sendo livre , não sustinha
Deixar de ser captivo , que o cuidado ,
Sem porque , tive sempre namorado. »

Depois d'estas cinco, e da Estancia LXXX, seguia-se a LXXXI com esta differença :

« Divina Guarda, angelica, celeste,
 Que o astrífero pólo senhoreas;
 Tu que a todo Israel refugio deste
 Per metade das aguas erythreas:
 Se per mores perigos me trouxeste,
 Que ao itacense Ulysses, ou a Eneas,
 Passando os largos términos de Apolo,
 Pelas furias de Tethys, e de Eolo. »

Ao fim d'este mesmo Canto VI, depois da Estancia XCIV, continuavam no primeiro manuscripto as seguintes sete :

« Olhai como depois de um grande medo,
 Tam desejado bem logo se alcança;
 Assi tambem detraz de estado ledô
 Tristeza está, certissima mudança.
 Quem quizesse alcançar este segredo
 De não se ver nas cousas segurança,
 Creio, se escudrinhal-o bem quizesse,
 Que em vez de saber mais, endoudecesse.

« Não respondo a quem disse, « que a Fortuna
 Era em todas as cousas inconstante;
 Que mandou Deus ao mundo por coluna
 Deusa, que ora se abaixe, ora levante. »
 Opinião das gentes importuna
 É ter, que o homem aos Anjos similhante,
 Por quem ja Deus fez tanto, se pozesse
 Nas mãos do leve caso que o regesse.

« Mas quem diz « que virtudes, ou peccados,
 Sobem baixos, e abaixam os subidos; »
 Que me dirá, se os maus vir sublimados?
 Que me dirá, se os bons vir abatidos?
 Se alguém me diz, « que nascem destinados, »
 Parece razão áspera aos ouvidos;
 Que se eu nasci obrigado a meu destino,
 Que mais me val ser sancto, que malino?

« Viram-se os Portuguezes em tormenta,
 Que nenhum se lembrava ja da vida;
 Subitamente passa, e lhe apresenta
 Venus a cousa d'elles mais querida.
 Mas o Cabral, que o número accrescenta
 Dos naufragios, na costa desabrida,
 A vida salva alegre, e logo perto
 A perde, ou per destino, ou per acerto.

« Se havia de perdê-la em breve instante,
 O salvá-la primeiro, que lhe val?
 Fortuna allí, se é habil e prestante,
 Porque não dava um bem de traz de um mal?
 Bem dizia o philosopho elegante
 Simónides, ficando em um portal
 Salvo, d'onde os amigos morrer vira,
 Na sala arruinada, que cahira.

« Oh poder da Fortuna tam pesado,
 Que tantos n'um momento assi mataste!
 Pera que maior mal me tens guardado,
 Se d'este, que é tammanho, me guardaste? »
 Bem sabia que o ceo estava irado;
 Não ha damno que o seu furor abaste;
 Nem fez um mal tammanho, que não tenha
 Outro muito maior, que logo venha.

« Mui bem sei que não falta quem me desse
 Razões sutis, que o ingenho lhe assegura;
 Nem quem segundas causas resolvesse;
 Materias altas, que o juizo apura.
 Eu lhe fico que a todos respondesse,
 Mas não o sofre a força da escriptura:
 Respondo so, « que a longa experiencia
 Enleia muitas vezes a sciencia. »

Até-qui as Estancias, que se achavam no primeiro manuscrito. Continuam agora as do segundo, que fôra de Manuel Correa Montenegro.

No Canto VIII, depois da Estancia XXXII, havia as tres seguintes:

« Este deu gran' principio á sublimada
 Illustrissima casa de Bragança,
 Em estado e grandeza avantajada
 A quantas o hespanhol imperio alcança.
 Ves aquelle, que vai com forte armada
 Cortando o hesperio mar, e logo alcança
 O valeroso intento que pretende,
 E a villa de Azamor combate, e rende?

« É o duque dom Gemes, derivado
 Do tronco antigo, e successor famoso,
 Que o grande feito emprende, e acabado
 A Portugal dá volta victorioso;
 Deixando d'esta vez tam admirado
 A todo o mundo, e o Mouro tam medroso,
 Que inda atégora nunca ha despedido
 O gran' temor entonces concebido.

« E se o famoso duque mais avante
 Não passa co'a cathólica conquista,
 Nos muros de Marrocos, e Trudante,
 E outros logares mil á escala vista;
 Não é por falta de animo constante,
 Nem de esforço, e vontade prompta e lista;
 Mas foi por não passar o limitado
 Término, per seu rei assignalado. »

Depois da Estancia XXXVI n'este mesmo Canto VIII, havia mais uma, como se segue :

« Achou-se n'esta desigual batalha
 Um dos nossos de imigos rodeado;
 Mas elle de valor, mais que de malha,
 E militar esforço acompanhado;
 Do primeiro o cavallo mata, e talha
 O collo a seu senhor, com desusado
 Golpe de espada; e passo a passo andando,
 Os torvaços contrarios vai deixando. »

No Canto X, depois da Estancia LXXII, havião dés, na fórma que se seguem :

« Verá-se, emfim, toda a India conjurada
 Com bélico aparelho; varias gentes,
 Chaul, Goa, e Maláca ter cercada
 Em um tempo logares differentes.
 Mas ve como Chaul quasi tomada,
 O mar com suas ondas eminentes,
 Val socorrer a gente portugueza,
 Que so de Deus espera ja defeza.

« Ves qual o rei gentio presuroso
 Arde, cerca, discorre, e anda listo,
 Incitando o exército espantoso
 A destruir um esquadrão de Christo?
 Mas nota o ponto-de-honra generoso,
 Em cerco, nem batalha nunca visto;
 Os soldados fugindo do seguro,
 Passar-se ao posto perigoso e duro.

« Allí o prudentissimo Ataíde,
 Confortado da ajuda soberana,
 Onde a necessidade e tempo o pide,
 Socorrerá com força mais que humana.
 Até que com seus damnos se despide
 Do cru intento a gente vil, profana,
 Que em batalhas, e encontros mil vencidos,
 Virão a pedir paz arrependidos.

« Em quanto isto passar ca na lumiosa
 Costa de Asia, e America sombria,
 Não menos la na Europa bellicosa,
 E nas terras da inculta Barbaria,
 Mostrará a gente elysia valerosa
 Seu preço, de temor tornando fria
 A Zona ardente, em ver que uma conquista
 Lhe não faz que das outras tres desista.

« Verão o valentissimo (1) Barriga,
 Adail de Zafim, grande, afamado,
 Sem ter per armas quem lh'o contradiga,
 Correr de Mauritania serra, e prado.
 Mas ve como a infiel gente inimiga
 O prende por um caso desastrado,
 E com elle outra gente leva presa;
 Que em tal caso não pode ter defesa.

« Mas passado este trance perigoso,
 Olha onde preso vai, como arrebatado
 A lança de um dos Mouros, e furioso
 Com ella a seu senhor derriba, e mata.
 E revolvendo o braço poderoso,
 Os seus livra, e os inimigos desbarata:
 E assi todos alegres, e triumphantes,
 Se tornam d'onde foram presos antes.

« Eil-o ca per engano outra vez preso.
 Está na escura e vil estrebaria,
 Carregado de ferros, de tal peso,
 Que de um logar mover-se não podia.
 Vel-o de generoso fogo acceso,
 Que o pau ensanguentado sacudia,
 Com que ao suberbo Mouro a morte dera,
 Que em sua honrada barba a mão pozera?

« Mas ve como os infidos Agarenos,
 Per mandado lhe dão do rei descrido
 Tanto açoute por isto, que em pequenos
 Lhe fazem sobre as costas o vestido,
 Sem que ao forte Varão vozes, nem menos
 Ouvissem dar um íntimo gemido:
 Ja vai a Portugal despedaçado
 O vestido a pedir ser resgatado.

(1) Lopo Barriga foi um dos mais esforçados Portuguezes, que militaram em Africa. D'elle fazem illustre memoria as nossas historias, e com especialidade Goes em varios logares da chronica d'elrei Dom Manuel; e o A. da Historia Genealogica da casa real portugueza, tom. XI, pag. 699.

« Olha cabo de Aguer aqui tomado
 Per culpa dos soldados de socorro :
 Ves o grande Carvalho alli cercado
 De imigos, como touro em duro corro ?
 De trinta Mouros mortos rodeado ,
 Revolvendo o montante, diz : « Pois morro ,
 Celebrem morto a minha morte escura ,
 E façam-me de mortos sepultura. »

« Ambas pernas quebradas, que passando
 Um tiro, espedaçado lh'as havia ;
 Dos gíolhos, e braços se ajudando ,
 Com nunca visto esforço, e valentia :
 Em torno pelo campo retirando ,
 Vai a agarena, dura companhia ,
 Que com dardos, e settas, que tiravam ,
 De longe dar-lhe a morte procuravam. »

N'este mesmo Canto X, depois da Estancia LXXIII, appareciam as onze seguintes :

« Com taes obras, e feitos excellentes
 De valor nunca visto, nem cuidado ,
 Alcançareis aquellas preeminentes
 Excellencias, que o ceo tem reservado
 Pera vósoutros, entre quantas gentes
 O sol aquenta, e cerca o humor salgado :
 Que em poucos se acham poucas repartidas ,
 E em nenhuma nação junctas, e unidas.

« Religião, a primeira, sublimada ,
 De pio e sancto zelo revestida ;
 Ao culto divinal somente dada ,
 E em seu serviço e obras embebida.
 N'esta, a gente no elysio campo nada ,
 Se mostrou sempre tal em morte, e vida ,
 Que pode pretender a primazia
 Da illustre e religiosa monarchia.

« Lealdade é segunda, que engrandece ,
 Sobre todas, o nobre peito humano ;
 Com a qual similhante ser parece
 Ao côro celestial e soberano.
 N'esta per todo o mundo se conhece
 Por tam illustre o povo lusitano ,
 Que jamais a seu Deus, e rei jurado ,
 A fe devida e pública ha negado.

« Fortaleza vem logo, que os authores
 Tanto do antiguo Luso magnificam ,

Que os vossos Portuguezes com maiores
Obras , ser verdadeira certificam :
Dando materia a novos escriptores ,
Com feltos , què em memoria eterna ficam ;
E vencendo do mundo os mais subidos ,
Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

« Conquista será a quarta , que no Imperio
Portuguez so reside com possança :
Pois no sublime e no infimo hemispherio
As quatro partes so do mundo alcança :
E as quatro nações d' ellas por mysterio
Com que conquista , e tem certa esperanza ,
Que christãos , Mouros , Turcos , e gentios ,
Junctarão n'uma lei seus senhorios.

« Descobrimto é quinta , que bem certo
A' gente lusitana so se deve ;
Pois tendo Norte a Sur ja descoberto ,
Adonde o dia é grande , e adonde breve :
E per caminho desusado , incerto ,
De Ponente a Levante , inda se atreve
Cercar o mundo em torno per direito :
Feito despois , nem antes , nunca feito.

« Deixo de referir a piedade
Do peito portuguez , e cortezia ,
Temperança , fe , zelo , e caridade ,
Com outras muitas , que contar podia .
Pois a segundo o ponto da verdade ,
E regras da moral philosophia ,
Não pode conservar-se uma virtude ,
Sem que das outras todas se arme , e ajude.

« Mas d' estas , como base , e fundamento
D' aquellas cinco insignes excellencias ,
Em que ellas teem seu natural assento ,
E de quem tomam suas dependencias :
Não quero aqui tractar , que meu intento
Não é descer a todas minudencias ,
Que geraes são no mundo a muita gente ,
Senão das que em vós se acham tam somente.

« Mas não será de todo limpo e puro ,
O curso desigual de vossa historia :
Tal é a condição do estado escuro
Da humana vida , fragil , transitoria :
Que mortes , perdições , trabalho duro
Aguarão grandemente vossa gloria ;

ESTANCIAS OMITIDAS.

Mas não poderá algum successo, ou fado,
Derrubar-vos d'este alto e honroso estado.

« Tempo virá, que entr'ambos-hemispherios
Descobertos per vós, e conquistados,
E com batalhas, mortes, captiverios,
Os varios povos d'elles sujeitados :
De Hespanha os dous grandissimos imperios
Serão n'um senhorio so junctados,
Ficando por metrópoli, e senhora,
A cidade que ca vos manda agora.

« Ora, pois, gente illustre, que no mundo
Deus no gremio cathólico conserva,
Redemidos da pena do Profundo,
Que pera os condemnados se reserva,
Por vos dotar o que perdeu o immundo
Lusbel, com sua infame e vil caterva ;
Pois sabeis alcançar a gloria humana,
Fazei por não perder a soberana. »

Ultimamente, depois da Estancia CXXI d'este Canto X, se achava mais esta
que aqui vai :

« D'aqui saindo irá, d'onde acabada
Sua vida será na fatal ilha :
Mas proseguindo a venturosa armada
A volta de tam grande maravilha ;
Verão a nau Victória celebrada
Ir tomar porto juncto de Sevilha,
Depois de haver cercado o mar profundo,
Dando uma volta em claro a todo o mundo.»

LIÇÕES VARIAS.

PRIMEIRO MANUSCRITO.

CANTO I.

- Est. 4. Tagides Musas. (1) *Tagides mi-
nhas. Pois sempre. Se sempre.*
5. Que Marte. *Que a Marte.*
8. Vós o' sagrado rei. *Vós, poderoso
rei. Mauritano. Ismaelita.*
10. Vereis o peito. *Vereis o nome.*
11. Communs façanhas. *Com tãs fa-
çanhas.*
12. Os onze. *Os doze.*
14. Invencibil. *Terribil.*
18. Muito mais do que os vossos o de-
sejam. *De regerdes os povos, que o
desejam.*
20. *Quatro versos no meio d'esta Est.
achavam-se trocados, e um diffe-
rente d'esta maneira :*
Pizando o crystallino ceo fermoso
Pelo caminho lacteo excellente,
Se junciam em concilio glorioso.
Sobre as cousas futuras do Oriente.
22. Um gesto severo. *Gesto alto se-
vero.*
23. Os outros mais abaixo. *Mais abaixo
os menores.*
24. Deve-vos de ser noto, e evidente.
Deveis de ter sabido claramente.
25. Brigio duro. *Castelhano.*
26. Por capitão geral o peregrino, que
achou. *Um por seu capitão, que pe-
regrino fugiu.*
32. *Esta Est. não estava no manu-
scripto.*
33. Quanta similhaça. *Quantas ca-
lidades.*
34. A alma dea. *A clara dea.*
38. Cujo valor. *Cuja valia. Perfeito.
Direito.*
42. Ilha Madagascar. *Ilha de san' Lou-
renço.*
43. D'onde tomam as ondas. *Na costa
da Ethiopia.*
44. O grande capitão. *O forte capitão.*
Que toda a armada manda, e lhe
obedece. *Que a lammanhas empre-
sas se offerece.*
48. A ancora o mar ferindo. *Da an-
cora o mar ferido.*
54. É o nome da. *Chama-se a pe-
quena.*
58. Os ventos desabridos. *Os furiosos
ventos.*

(1) O redondo é o que o Poeta despre-
zou; os numeros são os das Estancias.

61. Conserva doce excellente, co' o
purpúreo liquor que Baccho cria.
*Conserva doce, e dá-lhe o ardente,
não usado liquor, que dá alegria.*
64. Da India valerosa. *Da India tam
famosa.*
67. Maças bravas. *Chuças bravas.*
71. Que aos da armada. *Que aos es-
trangeiros.*
72. Do inimigo. *Do obsequente. Ao re-
gio aposentado. Ao cógnito aposentado.*
78. *Faltava no manuscripto.*
79. Saberás, Xequé nosso, que sabi-
do. *E sabe mais, the diz, como in-
tendido. Teem discorrido. Teem des-
truido. La nos altos pensamentos.
E que todos seus intentos. Pera nos
destruirem. São pera nos matarem.*
81. Instructio. *Astuto.*
86. Qual em cavallo ardente. (1) *Um
de escudo embraçado. Na mão, qual
arco curvo. Outro de arco encur-
vado.*
87. Na escaramuça polvorosa. *Pela
ribeira alva arenosa. Com a lança.
Com a hastea.*
88. Corre, salta, assovia. *Salta, corre,
sibila.*
92. Os fortes paraus. *Os pangaios su-
tis. A má tenção contrária. A vil
malicia perfida.*
98. Povo christão habita. *Povo anti-
guo christão.*
104. Na figura do. *Na fórma de outro.*

CANTO II.

- Est. 1. Humida. *Lenta. Infidas. Fin-
gidas.*
4. Ou duro diamante. *O rigido dia-
mante.*
5. A noite o sol esconde. *O sol no
mar se esconde.*
11. Co' as linguas. *Das linguas.*
12. Bromio. *Baccho.*
13. Da filha. *Da moça.*
14. Falso rio. *Salso rio.*
16. Gama illustre. *Nobre Gama.*
19. Lindas filhas. *Alvas filhas.*
20. Fresca. *Crespa. Levantadas. En-
curvadas.*
24. Trabalhando. *Atravessando.*
26. E por salvar-se a nado arreme-

(1) Está mudado, e emendado, com a ad-
vertencia de que alli não haviam cavallos.

- tiam. *Sallando na agua, a nado se acolhiam.*
28. Agua clara. *Agua amara.*
29. O capitão claro. *O Gama attentado.*
30. Inesperado. *Inopinado.* A' fraca gente. *A' fraca força.*
34. Que aos deuses. *Que as estrellas.*
36. Os frescos. *Os crespos.*
39. Te achasse amigo brando. *Te achasse brando, affabil.* A algum ce-
leste. *A algum contrario.*
41. Como irosa. *De mimosa.*
44. Outro algum celeste. *Ninguem co-
migo* Esses olhos chorosos. *Esses
chorosos olhos.*
45. *N'esta Est. estavam no manuscrip-
to os dous versos de Eneas antepos-
tos aos de Antenor.*
46. Postas. *Dadas.*
50. Estar Mavorte. *O gran' Mavorte.*
52. Vereis mais. *E vereis.*
53. Nas actias guerras forte e ventu-
roso. *Nas civis actias guerras ani-
moso.*
58. E claro. *Eraro.*
*N'esta Est. estava o ultimo verso
primeiro que o penultimo.*
61. Manso o vento. *Sereno o tempo.*
64. Ve ferir. *Ve ferida.*
68. Suspiram. *Respiram.* Mansa-
mente. *Brandamente.*
70. O illustre Gama. *O Gama muito.*
74. Costa atraz. *Serra atraz.*
77. La de longe tinha. *De longe trazia.*
Excellente. *Cór ardente.* Com o cor-
al puniceo tam. *O ramoso coral
fino, e.*
80. Famosa. *Suberba.* Nomeadas.
Apartadas.
86. Temor, ou medo. *Frio temor.*
95. De obra sutil de poucos alcança-
da. *Onde a materia da obra é su-
perada.* O pyropo na adaga. *Na cinta
a rica adaga,*
96. Ao sol ardente. *A solar quentura.*
E de outrem não sabido. *Horrisono
ao ouvido.*
98. Co'a pluma a gorra. *Pluma na
gorra.*
101. Ja no batel entrava o capitão do
rei. *Ja no batel entrou do capitão o
rei.*
104. O sol revolve. *O ceo revolve.*
106. As bandeiras. *As bombardas.*
107. O illustre Gama. *O forte Gama.*
111. Que quem é o que ignora, e não
conhece as fomas. *Que quem ha que
per fama não conhece as obras.*
112. Trabalho estranho. *Trabalho il-
lustre.*
- CANTO III.
- Est. 1. Docta dama. *Linda dama.* O
amor divino. *O amor devido.*
3. O capitão claro. *O sublime Gama.*
10. Fria Dania. *Lappia fria.* Os Hun-
nos, a gran' Gothia. *Escandinavia
Ilha.* O desabrido. *O congelado.*
Gran' parte. *Um braço.* Pelo Bal-
tico, Russio, e Lithiano. *Pelo Brus-
sio, Suecio, e frio Dano.*
14. Da agua, que tam humilde. *Das
aguas que tam baixa.* O mundo
todo. *Nações varias.*
16. França. *Gallia.*
17. Belligeros. *Bellicosos.*
18. Estreito claro. *Sabido estreito.*
20. O sol. *Phebo.* Com que ao proprio
Mauritano deitou dos proprios fins.
*Contra o torpe Maurilano, deitan-
do-o de si fóra,*
21. *Estava d'esta sorte :*
Esta é aquella patria minha amada ;
A' qual se o ceo me dá, que torne vivo.
Com tamanha empresa ja acabada.
Ser-me-ha gosto entre os homens excessivo.
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que do antigo Divo,
Baccho Thebano foram companheiros,
N'ella, parece, os Incolas primeiros.
22. D'aqui o pastor. *D'esta o pastor.* A
eterna Roma. *A grande Roma.*
24. Com este. *Com um.* Rei. *Afonso.*
Premios, e galardões. *Premio digno,
e dões.*
25. Lhe deram Portugal, que então.
Portugal houve em sorte, que. Não
era conhecido. *Não era illustre.*
27. De Christo. *De Deus.*
31. A inquieta. *A suberba.*
33. Sentimento. *Intendimento.*
34. Convocado da, *Pera vingar a.* O
tam fraco. *O tam raro.*
35. Torna o Castelhana. *Foi refazer-
se o.*
36. Do Lusitano. *Do moço illustre.*
37. De Castella. *Castelhana.*
38. Segurança. *Confiança.*
40. Inclinado. *Ja entregado.* Sumet-
tido. *Offrecido.*
42. Orgulhoso. *Ditoso.*
43. N'aquelle Deus. *No summo Deus.*
Por muito mais doudice. *Por mais
temeridade.*
44. Reis são os Mouros. *Reis Mouros são.*
45. Ao Principe. *A Afonso.*
46. Por D. Afonso rei. *Por Afonso
alto rei.*
49. O cego matto. *O secco matto.* Es-
trondo. *Estridor.*
51. Que podiam mover. *Pera se des-
fazer.*
55. A secca Arronches. *A forte Ar-
ronches.*
56. Fortes. *Nobres.* Forte Mafra. *Tam-
bem Mafra.*
58. Povos. *Muitos.* Mouros. *Muros.*
59. Claro. *Cheio.*
60. Que o Rheno, Albis, e Ibero. *Que
o Ibero o viu, e o Tejo.*

62. Sobre humano. *Mais que humano.*
 65. Vence um grande. *Desbarataum.*
 66. Sessenta mil peões de seda. *Innumeros peões de armas.* Valentes. *Guerreiros.*
 67. Dava o principe indignado. *Afonso subito mostrado.* Que passava. *Dá, que passa.* Uns captiva, outros mata. *Fere, mata, derriba.* Ja fuge o rei que so. *Fuge o rei Mouro, e so.* Porque esses. *Sendo estes.* Não são mais que. *No mais que so.*
 68. Paz Augusta. *Badajoz.*
 77. Dura tuba. *Rouca tuba.*
 79. Força. *Esforço.*
 83. Próspero. *Principe.*
 88. Famosa. *Fermosa.* Que trouxera o contraste. *Que viera per contraste.*
 89. Gallega. *Suberba.*
 90. Que de antes ós perros. *Porque d'antes os Mouros.* O deixaram. *O pagaram.*
 93. Sublimado. *Costumado* E de Senhores. *A Senhores.* Não é. *Não for.*
 96. No reino ja tranquillo. *Na terra ja tranquilla.*
 97. Delphico. *Suberbo.*
 99. Que nunca foi. *Porque não é.*
 100. Exército. *Barbaro.*
 101. Muita. *Grande.*
 102. Paternos. *Paternaes.*
 105. *Os quatro versos do meio d'esta Est. tinham a seguinte collocação:*
 Se esse gesto que mostras claro e ledo,
 De pae o verdadeiro amor assella;
 Rompe toda a tardança: acude cedo
 A' miseranda gente de Castella.
106. A bella Venus. *A triste Venus.*
 107. Trilhados. *Coalhados.*
 111. O fraco e gentil pastor. *O pastor inerme estar.* O sancto. *O fraco.*
 612. A gente. *Ao reino,*
 113. A que. *Alli.*
 114. Tammanha presteza. *Esforço tammanho.* Não lhe val elmo, malha. *Sem lhe valer defesa.* O duro. *O forte.*
 115. Altos réis. *Fortes réis.*
 116. Terça parte. *Quarta parte.* Tres moios. *Alqueires tres.*
 117. *Esta Est. não se via no manuscripto.*
 120. Ledo. *Doce.* Doce. *Ledo.* So o soidoso campo. *Nos saudosos campos.*
 123. Por tirar ao. *Por lhe tirar o.* Do poder mouro seja. *Do furor mauro, fosse.*
 124. Baixa. *Crua.* Saudosas. *Piedosas.*
 125. Que ja as. *Porque as.*
 130. Por bons taes feitos. *Por bom tal feito alli.* Feros. *Ferozes.*
 132. Duros. *Brutos.* Na marmórea columna. *No collo de alabastro.* Tinguindo. *Banhando.*

133. Crua. *Seva.*
 134. Assi está morta a misera. *Tal está morta a pallida.* Linda. *Viva.*
 135. Longamente. *Longo tempo.* Gentil. *Fresca.*
 136. Pedro não visse. *Não visse Pedro.*
 138. Viciosissimo. *Sem cuidado algum.*
 139. Um fraco. *Um baixo.*
 140, 141. *Estas duas Est. não estavam no manuscripto.*
 142. Meduseo, sereno, ardente. *De Medusa propriamente.*
 143. Riso. *Gesto.*

CANTO IV.

- Est. 1. Rei perdido. *Rei Fernando.*
 2. Fraqueza, ou descuido. *Descuido remisso.* Poucos dias. *Pouco tempo.* Que este so era então do reino. *Por rei como de Pedro unico.*
 4. Tambem. *Então.*
 7. Se o morto conde Andeiro. *Se a corrompida fama.*
 8. Que do antiguo Brigo o nome tomou, depois mudado. *Que de um Brigo, se foi, ja teve o nome derivado.* Das cidades, e villas, que. *Das terras que Fernando, e que.* Com tanta honra ganhou. *Ganharam do tyranno.*
 9. Divisas. *Insignias.*
 10. Toledo, obra antigua de Bruto. *Toledo, cidade nobre e antigua.*
 11. A guerra movem as tres. *Movem da guerra as negras.* Moradores. *Mata-dores.*
 15. O bravo. *O patrio.*
 16. Claros. *Feros.* Venceram. *Vencestes.*
 17. Celebrados *Sublimados.*
 19. Os Brigios. *So estes.*
 21. Aquella gente esforça Nuno. *A gente força, e esforça Nuno.*
 22. Cadaum se armava, como lhe: *Arma-se cadaqual como.*
 24. Gallos. *Francezes.*
 25. Antão Vaz é de Almada o. *Antão Vasquez de Almada é.* Abrantes. *Abranches.* Claro. *Forte.*
 26. Gloriosas. *Bellicosas.* A' vista. *Defronte.* Mas maior é o medo que. *E todas grande dúvida.*
 28. Lusitana. *Castelhana.* Terrifico. *Terribil.*
 29. A vida. *Da vida.*
 32. Julio, e Manho. *Julio Manho.*
 33. O forte. *O nobre.*
 36. Ferida. *Parida.*
 37. O monte bello, e os Sete-Irmãos. *Os montes Sete Irmãos atroa, e.*
 38. *Os dous ultimos versos diziam assim:*
 Com força atira, e préga o escudo, e lado,
 Co'o cavallo na terra a Maldonado.

41. Do vulgo, emfim, que não tem. *Tambem do vulgo vil sem.* Do Brigo. *Do inimigo.*
44. A infausta sêde. *A sêde dura.*
48. A fe de Christo, a fe. *A lei de Christo, a lei.*
51. *N'esta Est. faltava no manuscrito o v. 6.*
53. Porque Hespanha não percesse. *Porque se Hespanha não temesse.*
54. Vencer-se de ninguem. *Poder ninguem vencer.*
58. No reino. *Nos reinos.*
61. Com presteza. *Celebrada.*
62. As ondas adriaticas. *Pelo mar alto Siculo.* Pelo mar de Canopo às costas. *Ed'alli ás ribeiras altas.* Sobem-se à. *Sobem á.*
63. E vendo as altas. *Ficam-lhe atraz.* Detraz o monte Caspio lhe ficou. *Que o filho de Ismael co'o nome ornou.* Vendo a Felice a. *Feliz, deixando a.*
67. E como nunca ja do. *O qual como do nobre.* Deixasse deser hora; nem. *Não deixasse de ser um.*
69. Debaixo. *Diante.* Largas. *Claras.*
74. Primeiro. *Com tudo.*
75. Caro. *Escuro.* Rubicunda. *Pudibunda.*
82. Entr'ambos de ousadia. *Ambos são de valia.* Primor. *Furor.*
84. Rica area. *Branca area.*
85. Nos cros. *No Otympo.*
86. Ante. *Pera.*
87. *Os dous ultimos versos diziam assim:*
Que refrear não posso os olhos d'agon.
Que a mais obrigarão lembrança e magoa.
88. Dos frades n'este officio. *De mil religiosos.*
95. Um vento. *Uma aura.*
96. Chamas-te. *Chamam-te.*
98. Deixou. *Deitou.*
100. Comnosco. *Comtigo.* Elle nas. *Elle por.*
102. Facundo. *Profundo.*
103. A todo o. *Pera o.* De intendmento. *De altos desejos.*

CANTO V.

- Est. 13. *Esta Est. não estava no manuscrito.*
18. Falsas aguas. *Altas ondas.*
19. No mar. *No ar.*
22. Toma. *Tira.*
27. Depressa. *Por força.*
28. Que o rudo. *Que o bruto.*
31. Diz. *Crê.*
33. Tam tecida (1). *Tam crescida.*
39. No mar. *No ar.*

43. Sabei. *Sabe.* Vós fazeis. *Tu fazes.*
45. A dura Quiloo asperrima. *A destruida Quiloo com.*
49. Temeroso e rouco. *Espantoso e grande.*
51. As costas. *As ondas.*
53. Per guerra. *Per armas.*
54. Não sube. *Não pude.*
55. Linda Tethys inclyta. *Branca Tethys unica.*
57. Vergonha. *Deshonra.*
60. Toou. *Soou Me. Nos.*
61. Rutilante. *Radiante.*
67. Co'o mar tammanho espaço estava. *Co'o mar parece, tanto estava.* Romper. *Vencer.*
74. Invenção do sagrado. *Encomendado ao sacro.*
76. Alguns nomes arabios. *Palavra alguma arâbia.*
88. Que cantando. *Que co'o canto.*
91. Da nau. *Do mar.*
93. Como a voz (1). *Como a vez.*

CANTO VI.

- Est. 1. Mouro os famosos. *Pagão os fortes.*
2. Sereno rei. *Famoso rei.*
3. Do Mouro. *Do pagão.*
6. A forte Lusitania. *A gente lusitana.*
8. Deuses muitos. *Deuses do mar.*
9. Rutilante. *Radiante.*
10. Da quale. *Na qual do.* A mui. *A tam.*
14. Esperando. *Aguardando.*
18. Mexilhões. *Breguigões.*
25. Enriquecem os. *Em riquissimos.*
26. *Faltavam os versos 5, e 6.*
28. N'outro tempo. *Com razão.*
29. Tam grandissimas. *E insolencias taes.*
30. Que de um meu capitão. *Que de um vassallo meu.*
31. Aquelles. *Os Minias.*
33. Que Jupiter. *Que o gran' senhor.* Não per razão senão per caso o. *Como the bem parece o baixo.*
38. Fundo ponto. *Fundo aquoso.* Rica *Lassa.*
39. Bem. *Mal.* Seus. *Mil.*
40. Enganar. *Passar.*
70. D'esta arte arazoavam vigiando, quando. *Mas n'este passo assi promptos estando, eis.*
71. A rasgam. *A fazem.*
72. Tardando. *Cessando.*
73. Rijos. *Duros.*
75. Brados. *Gritos.*
81. O Astrifero pólo. *Os ceos, e mar, e terra.*
92. Baixa. *Alta.* *Aqui dão fim as Lições varias do primeiro MS.*

(1) A primeira Edição tambem traz tecida,

(1) Diz Farla que foi erro da penna, ou da estampa.

SEGUNDO MANUSCRIPTO.

CANTO I.

- Est. 4. Musas do Tejo. *Tagides minhas.*
 9. Bello gesto. *Tenro gesto.*
 10. Materno. *Paterno. Paterno. Superno.*
 16. Remate. *Exicio.* O collo mostra. *Mostra o pescoço.*
 21. O antártico pólo. *O Austro tem.*
 22. Sereno. *Severo.*
 49. De prata. *De vidro.*
 58. De Phebe. *Da lua.*
 62. Nautica. *Maritima.*
 67. Bestas. *Arcos.*
 89. Estouro. *Brado*
 106. Verme. *Bicho.*

CANTO II.

- Est. 1. Deus Neptuno. *Deus nocturno.*
 43. Segredos. *As entranhas.*
 52. Um coração tam inclyto e valente. *Tanto um peito suberbo e insolente.*
 53. Nas intestinas. *Nas civis actias.*
 56. Manda o bem fallado. *Manda o consagrado.*

CANTO III.

- Est. 49. O gado. *O fato.*
 71. Que teu sogro victoria alcance indina. *Ter teu sogro de ti victoria dina.*
 84. Os saudosos campos. *Os semeados campos.*
 97. O supremo exercicio. *O valeroso officio.*
 126. Em cruentas rapinas. *Nas rapinas aereas*
 140. D'este vicio. *Do peccado.*

CANTO IV.

- Est. 1. Traz ás vezes o sol. *Traz a manhã serena.*
 16. Venceram. *Vencestes.*
 32. Caso feo, qual nas guerras de Cesar, e Pompeo. *Caso estranho! quais nas guerras civis de Julio, e Manho.*
 39. O sangue ardente. *O fogo ardente.*

CANTO VI.

- Est. 21. Alabastrino. *Crystallino.*
 80. Firmes. *Velhas.*

CANTO VII.

- Est. 74. Verme. *Bicho.*
 77. De um velho, de semblante soberano (1).

CANTO VIII.

- Est. 5. Esquadras. *Batalhas.*
 62. Preciosos. *Valerosos.* Liga. *Lia.*
 64. Que o espiritu divino lhe infundia. *Que Venus acidália lhe influa.*

CANTO IX.

- Est. 7. Sulphureos tiros. *Trovões horrendos.*
 10. Outros volvem co'o peito a dura barra. *Outros quebram co'o peito duro a barra.*
 17. Que não lhe cabe o coração no peito. *Que o coração pera elle é vaso estreito.*
 21. Co'o terreno que cerca o gran' Proteu. *Da mãe primeira co'o terreno seio.*
 43. Então pudico. *E impudico.*
 49. A virtude lhe amoesta. *Lhe Venus amoesta.*
 59. Escondei-vos dos damnos. *Entre-gai-vos ao damno.* Fazem na fructa. *Em vós fazem.*
 76. A fortaleza. *A natureza.*
 91. Que Neptuno. *Que Jupiter.*
 95. Da fama. *De Venus.*

CANTO X.

- Est. 4. Nectar. *Ambrosia.*
 88. Tremendo. *Turbulendo.*
 104. Deitada *Deixada.* *Aqui dão fim as Lições varias do segundo MS.*

(1) Este verso assim deve lêr-se, e não como vai no seu logar.

LIÇÕES VARIAS.

QUE SE LÊEM EM DIVERSAS EDIÇÕES.

CANTO I.

- Est. 1. Permittia. *Promettia*.
5. A que Marte. *Que a Marte*.
13. Afonso. *Afonso*.
19. Ondas. *Proas*.
22. A coroa. *Com ãa coroa*.
29. Tornarão. *Começarão*.
40. Pera traz. *Per detraz*.
53. Ilha. *Ilhas*.
99. Que a terra. *Que a ilha*.

CANTO II.

- Est. 13. Da moça. *Na moça*.
17. Do porto não saísem. *De todo destruissem*.
29. Tendo o Gama. *Vendo o Gama*.
38. Se torna. *Se mostra*.
67. Escapa em salvo. *Em salvo escapa*.
83. N'algum. *Em nenhum*.
89. Enchem. *Enchem-se*.
90. Raios. *Os raios*.

CANTO III.

- Est. 29. Das terras. *Nas terras*. E o senhorio. *Do senhorio*.
30. As cousas. *As causas*.
52. Tornando. *Tornado*.
60. Do Betis. *Co'o Betis*.
68. Fez fazer. *Faz fazer*.
71. Indina. *Dina*. Rio Phasis. *Frio Phasis*.
75. Sangue mouro. *Sangue mauro*.
77. Rouca tuba. *Ronca tuba*.
80. Do Mouro. *Do Mauro*.
90. Destruídos. *Estruidos*.
94. Afonso o terceiro. *Que Afonso o bravo*. E des que teve. *Despois de ter*.
103. Traz. *Trazem*.
124. Horriferos. *Horrificos*.
141. A moça. *Ua moça*.

CANTO IV.

- Est. 15. Refute. *Refuse*.
27. Os alferes. *Alferazes*.
32. Julio Manho. *Julio, e Manho* (1).
53. Quiz antes. *Quiz mais*.
55. Que elle poz. *Que lhe poz*.
61. Seis companheiros. *Seus messageiros*.
67. Que á luz clara. *Que a luz clara*.

(1) Diz Faria que foi erro da estampa ou da penna, porque são dous.

80. Tam grandes. *Tammanhas*.
90. Funeroso. *Funereo*.

CANTO V.

- Est. 10. Lago. *Largo*.
35. Ou la. *O' la*.
77. Nos dizem, que por naus, que estas igualam na grandeza. *Dizem que por nuas que em grandeza igualam as nossas*.
86. Julga tu agora rei. *Agora julga o' rei*.
89. Os odres. *Dos odres*.
93. A voz. *A vez*.

CANTO VI.

- Est. 11. Invencibil. *Invisibil*.
24. D'ella sendo. *D'esta sendo*.
34. Se per dita. *Per ventura*.
39. Mas estregando. *Mal esfregando. Mas esfregando*.
47. Effeitos. *Affectos*.
56. E os altissimos. *C'os altissimos*.
67. Querem que. *Querem*.
68. La teve. *Já teve*.
92. Excelsa. *Celsa*.
99. Afeitos. *Affectos*.

CANTO VII.

- Est. 2. Mas em, *Mas nem*.
16. Do reino Malabar. *Do Malabar melhor*.
19. Lindas. *Finas*.
29. Toda a gente. *Tal a gente*.
41. E tudo. *Em tudo*.
52. Lirios. *Thyrso*.
58. Se vem. *Vem*.
59. E povo. *E do povo*.
77. Sobre humano. *Venerando*.

CANTO VIII.

- Est. 3. Ou companheiro. *E companheiro*.
4. Ou filho. *E filho*.
12. Réis. *Rei*.
18. Ves o. *Ves um*.
28. De seu rei. *De rei seu*.
47. Que um. *Que a um*.
48. De estar. *Que esteis*.
49. Tudo. *Rudo*.
61. Quem da Hesperia. *Que quem da Hesperia*. E remotas. *Tam remotas*.
66. Crer não. *Não crer*.
77. Mouro engano. *Mauro engano*.

CANTO IX.

- Est. 9. Represaria, Represa. *Preso.*
 12. E tomando. *E tornando.*
 13. Por tomar. *Por firmar.*
 21. Da primeira co'o terreno seio. Com a primeira do terreno seio. *Da mãe primeira co'o terreno seio.*
 25. Intende. *Emende.*
 30. Iam. *Estão.* De ferro. *De settas.* Vão de. *Estão de.* Toada. *Soada.*
 35. Tomam as. *Tomam nas.*
 54. Liquidas. *Limpidas.*
 55. Enfeitar - se. *Afeitar-se.* Emfim. *Em si.*
 65. Deposta. *Posta.*
 72. A mostrar. *A gritar.*
 81. Lhe mudarás. *Se lhe mudará.*
 88. Aura. *Alma.*
 93. Estas honras. *Essas honras.*

CANTO X.

- Est. 2. Apparelhado. *Apparelhados.*
 6. Ninfa. *Musa.*
 9. Ja não me. *Ja me não.*
 12. Em o férvido. *E o férvido.*
 14. Pera que todo o Norte. *Fará que todo o Naire.*
 29. Que elle. *Que ella.*
 31. Com toda ùa. *Com uma.*
 37. A fama. *A famosa.*
 47. Não era. *Não será.*

49. D'este. *D'elle.*
 50. Lindo. *Longo.*
 71. Feitos grandes. *Feitos farão.*
 78. D'ũ. *E um.* Engano vosso. *Ingenho vosso.*
 84. Este nome. *Esse nome.*
 87. O outro. *Est'outro.* Axes. *Eixos.* Estellantes. *Estrellantes.*
 89. Rei. *Deus.*
 90. O fogo faz. *O fogo fez.* Que fazem. *Que jazem.*
 92. De braveza. *De bruteza.*
 93. Morre. *Morte.*
 97. Que a grande Africa alli. *Que a parte africa.*
 105. A natura e dos. *Na natureza.*
 117. Cruel lança. *Crua lança.*
 118. Mas mais. *Mais.* Da saneta. *No sancta.*
 120. La com esta. *Ja com esta.*
 124. Alguns que. *Outros que.*
 125. D'aqui tomando. *D'aqui tornando.*
 137. Vereis. *Verds.*
 138. Novas portas. *Novas partes.*
 142. A's eternas esposas. *A's esposas eternas.*
 143. Tendes vento. *Tendes tempo.*
 154. Não me falta. *Nem me falta.*
 156. Os muros. *Os Mouros.*

Adverte-se, que não fizemos caso de algumas minudencias grammaticas; porque nada alteravam o sentido.

DIFFERENÇAS ORTHOGRAPHICAS

que apresentam as duas edições de 1572, copiadas da que, no anno de 1819, publicou Firmino Didot em Paris.

CANTO PRIMEIRO.

	PRIMEIRA.	SEGUNDA.
Oit. 1,	v. 7, edificaram.	edificarão.
	v. 8, sublimaram.	sublimarão.
Oit. 4,	v. 8, nam tenham .. às.	não tenham .. aas.
Oit. 8,	v. 3, meyo.	meio.
Oit. 21,	v. 2, foy.	foi.
Oit. 23,	v. 4, razam... concertavam.	razão... concertavão.
	v. 7, assi.	assy.
Oit. 26,	v. 1, antiga.	antigua.
	v. 7, capitam.	capitão.
Oit. 42,	v. 8, peixes.	pexes.
Oit. 52,	v. 7, habitais.	abitais.
Oit. 72,	v. 8, aposento.	apousento.

CANTO SEGUNDO.

Oit. 2,	v. 5, alvoroçado.	alvoraçado.
Oit. 22,	v. 1, direito.	dereito.
Oit. 76,	v. 7, entam.	antam.
Oit. 100,	v. 2, resonando.	resoando.

CANTO TERCEIRO.

Oit. 9,	v. 4, entam.	antão.
Oit. 80,	v. 2, sossego.	sosego.
Oit. 132,	v. 8, futuro.	foturo.

CANTO QUARTO.

Oit. 7,	v. 6, succede.	succde.
Oit. 14,	v. 2, Alvarez.	Alvarez.
Oit. 24,	v. 1, Alvarez.	Alveres.
Oit. 68,	v. 2, imaginações.	yimaginações.

CANTO QUINTO.

Oit. 3,	v. 6, deixavam.	diyxavão.
Oit. 8,	v. 1, Canarias.	Canareas.
Oit. 45,	v. 3, sepultura.	sepoltura.
Oit. 53,	v. 1, cousa impossibil.	impossivel.
Oit. 79,	v. 5, hospedes.	ospedes.
Oit. 90,	v. 2, embebidos.	embibidos.

CANTO SEXTO.

Oit. 13,	v. 6, ignorantes.	ignorantes (diversa pentuação).
Oit. 21,	v. 7, deixa.	dexa.
Oit. 39,	v. 2, miude.	miudo.
Oit. 63,	v. 4, virtude.	vertude.
Oit. 89,	v. 5, pões.	poés (diversa d' accento).
Oit. 93,	v. 8, agradeceo.	agardeceo.

CANTO SEPTIMO.

PRIMEIRA.		SEGUNDA.	
Oit. 5, v. 8,	Não.	Nam.	} em rhyma.
Oit. 64, v. 1,	capitam.	capitão.	
	naçam.	nação.	
	tençam.	tençam.	

CANTO OITAVO.

Oit. 4, v. 7,	edifica.	edefica.
Oit. 42, v. 1,	á.	â (diversa d'accento).

CANTO NONO.

Oit. 15, v. 1,	diligencia.	deligencia.
Oit. 32, v. 7,	dá vida.	dá vida (diversa d'accento).
	v. 8, poem.	poem (outra anomalia).
Oit. 36, v. 4,	dicia.	decia.

CANTO DECIMO.

Oit. 38, v. 1,	poderam.	poderão.	} em rhyma.
	podêram.	podêrão.	
	faram.	farão.	
	fizeram.	fizerão.	
	sam.	sam.	
	entenderam.	entenderão.	
Oit. 87, v. 6,	estrellantes.	estellantes.	

Colhe-se d' esta tabella que, nem Camões, nem os antigos escriptores tinham adoptado um systema fixo d' orthographar as palavras; e que algumas são impressas (como bem disse José Maria de Souza) per quem não sabia escrevel-as) e aponta as seguintes *Impito* por *impeto*, *antre*, por *entre*, *ey* por *hei*, *asse* por *há-se*, *pubrico* por *publico*, *orfindade* por *orfindade*, *contraios* por *contrarios*, *sururgiam* por *cirurgião*, *cayo* por *caho*; e alternativamente *supito* e *subito*, *variato* e *viriato*, *ande* e *hão-de*, *occeano* e *ocean*, etc.

Porém tal irregularidade orthographica deixará de admirar-nos, se reflectir-mos que n' essa epoca não havia um *dictionario portuguez*, que podesse servir de guia aos escriptores; tanto assim que eu, que exactissimamente copiei, na livraria publica de Paris, um antigo manuscripto de Fernan' de Oliveira (o qual é pelo abbade Barbosa na sua *Bibliotheca lusitana* qualificado « de presbitero multo docto, assim em a lição da Historia sagrada e profana, como na intelligencia dos poetas e oradores, explicando o mais celebre de todos, qual foi Quintillano em a Universidade de Coimbra : não sendo menos perito na *orthographia da lingua materna*, como na sciencia nautica ») posso aqui apresentar aos leitores uma amostra da *orthographia* d' esse docto, e seja ella o começo da *Historia de Portugal* inclusa no referido manuscripto :

« *Capitolo premeyro do premeyro liuro, no qual diz qũe forão os premeyros pouoadores de Portugal : dos qes elle tomou o nome, que ainda agoora tem.* »

Das pouoações, e nomes das terras dantes do diluio geral, que chamamos de Noe, por q̄ per elle o mandou deos denúciar ao mundo : no qual toda a terra foy allagada, e todas as memorias daq̄lle tempo, não temos noticia algũa, nem sabemos que gente morou em Portugal, nem como se chamaua : e por isso diz Salamão no Ecclesiastes, que não hã antre nos memoria das cousas premeyras, etc. »

ERROS

que se encontram nas duas edições de 1572, extrahidos
da antedita edição de Didot.

CANTO PRIMEIRO.

Est. 29,	experimentados, <i>por</i> experimentados.	
Est. 71,	Os, <i>por</i> O.	Erros de ambas.
Est. 38,	queiras, <i>por</i> queres.	} Erros da primeira.
Est. 89,	fogo, <i>por</i> o fogo.	
Est. 31,	fortissima, <i>por</i> fortissimo.	} Erros da segunda.
Est. 80,	acompanhado, <i>por</i> acompanhado.	

N'este canto a Pr. tem 11 erros, a Seg. 10, dos quaes 5 lhe são proprios.

CANTO SEGUNDO.

Est. 7,	que Christãos, <i>por</i> Christãos.	} Erros de ambas.
Est. 100,	bramando, <i>por</i> bramavam.	
Est. 55,	gantico, <i>por</i> gangetico.	} Erros da primeira.
Est. 56,	Maria, <i>por</i> Maia.	
Est. 31,	confiança (sem pont.) <i>por</i> confiança.	} Erros da segunda.
Est. 76,	cevadas, <i>por</i> cevadas.	

N'este canto a Pr. tem 17 erros, a Seg. 11, dos quaes 4 lhe são proprios.

CANTO TERCEIRO.

Est. 60,	algum, <i>por</i> alguns.	} Erros de ambas.
Est. 87,	guido, <i>por</i> Guido.	
Est. 96,	liberdade, <i>por</i> liberalidade.	} Erros da primeira.
Est. 115,	incliado, <i>por</i> inclinado.	
Est. 65,	descuidado, <i>por</i> descuidado.	} Erros da segunda.
Est. 84,	do, <i>por</i> dos.	

N'este canto a Pr. tem 27 erros, e a Seg. 13, dos quaes 6 lhe são proprios.

CANTO QUARTO.

Est. 20,	Camisio, <i>por</i> Canusio.	} Erros de ambas.
Est. 75,	Emisperio, <i>por</i> Emispherio.	
Est. 38,	sopeando, <i>por</i> sopesando.	} Erros da primeira.
Est. 76,	sonhores, <i>por</i> senhores.	

N'este canto a Pr. tem 10 erros, de que a Seg. conservou 6.

CANTO QUINTO.

Est. 5,	Guido, <i>por</i> Gnido.	} Erros de ambas.
Est. 85,	repousou, <i>por</i> repouso.	
Est. 9,	tornamos, <i>por</i> tornamos.	} Erros da primeira.
Est. 90,	gueroas, <i>por</i> guerras.	
Est. 13,	nuca, <i>por</i> nunca.	} Erros da segunda.
Est. 17,	vendo mundo, <i>por</i> vem do mundo.	

N'este canto a Pr. tem 15 erros, a Seg. 21, dos quaes 13 lhe são proprios.

CANTO SEXTO.

Pag. 97,	C. Quinto, por C. Sexto.	} Erros de ambas.
Pag. 103,	C. Quinto, por C. Sexto.	
Est. 60,	cabe, por coubera.	} Erros da primeira.
	Brato, por Batro.	
Est. 16,	doutro, por doutra.	} Erros da segunda.
Est. 52,	cimeras, por cimeiras.	

N'este canto a Pr. tem 18 erros, a Seg. 13, dos quaes 6 lhe são proprios.

CANTO SEPTIMO.

Est. 84,	camum, por comum	erro da primeira.
Est. 86,	guardase, por guardarse.	erro de ambas.

N'este canto a Pr. tem 2 erros, a Seg. 1.

CANTO OITAVO.

Est. 49,	parti, por por ti.	} Erros de ambas.
Est. 56,	deixa, por deixava.	
Pag. 128,	octvo, por octavo.	} Erros da primeira.
Est. 30,	que lhe, por que.	
Est. 18,	martyrs, por martyres.	} Erros da segunda.
Est. 76,	eurrutos, por corrutos.	

N'este canto a Pr. tem 15 erros, a Seg. 11, dos quaes 5 lhe são proprios.

CANTO NONO.

Est. 17,	tom, por tão.	} Erros de ambas.
Est. 23,	Achises, por Anchises.	
Est. 30,	ondas, por obras.	} Erros da primeira.
Est. 94,	dividos, por divino.	

N'este canto a Pr. tem 27 erros, a Seg. emendou 6, e conservou 21.

CANTO DECIMO.

Est. 14,	Reis Bipur, por Reis de Bipur.	} Erros de ambas.
Est. 72,	pradrupedante, por quadrupedante.	
Est. 108,	Qut, por Que.	} Erros da primeira.
Est. 45,	Alembrote, por Alembrou lhe.	
Est. 126,	ventos, por montes.	} Erros da segunda.
Est. 64,	sangue, por sangue.	
Est. 101,	destroutra, por destoutra.	

N'este canto a Pr. tem 18 erros, a Seg. 26 depois de corrigir 4 da Pr.

COMPARAÇÃO

das duas edições primordiais de 1572, extrahida da referida edição Parisina de Didot.

CANTO PRIMEIRO.

Oit. 1,	v. 7.	Pr. ed.	Entre gente remota edificaram.
		Seg. ed.	<i>E</i> entre gente remota edificarão.
Oit. 24,	v. 4.	Pr. ed.	<i>Do</i> Luso não perdeis o pensamento.
		Seg. ed.	<i>De</i> Luso, não perdeis o pensamento.
Oit. 29,	v. 8.	Pr. ed.	<i>Começaram</i> a seguir sua longa rota.
		Seg. ed.	<i>Tornarão</i> a seguir sua longa rota.
Oit. 64,	v. 1.	Pr. ed.	<i>Respondeo</i> o valeroso capitão.
		Seg. ed.	<i>Responde</i> o valeroso capitão.
Oit. 75,	v. 4.	Pr. ed.	Debaixo <i>de</i> seu jugo, o fero Marte.
		Seg. ed.	Debaixo <i>do</i> seu jugo, o fero Marte.
Oit. 83,	v. 3.	Pr. ed.	Sagaz, astuto, e sabio em todo dano.
		Seg. ed.	Sagaz, astuto, e sabio em todo <i>o</i> dano.

CANTO SEGUNDO.

Oit. 24,	v. 7.	Pr. ed.	<i>O</i> estava hum maritimo penedo.
		Seg. ed.	<i>Os</i> estava hum maritimo penedo.
Oit. 74,	v. 2.	Pr. ed.	<i>De</i> gente que vem ver a leda armada.
		Seg. ed.	<i>Da</i> gente que vem ver a leda armada.
Oit. 100,	v. 2.	Pr. ed.	Os animos alegres <i>resonando</i> .
		Seg. ed.	Os animos alegres <i>resoando</i> .
Oit. 103,	v. 6.	Pr. ed.	O menos que <i>de</i> Luso mereceram.
		Seg. ed.	O menos que <i>os de</i> Luso merecerão.

CANTO TERCEIRO.

Oit. 3,	v. 7.	Pr. ed.	Não me manda <i>cantar</i> estranha historia.
		Seg. ed.	Não me manda <i>contar</i> estranha historia.
Oit. 34,	v. 5.	Pr. ed.	Em <i>trabalho</i> cruel o peito humano.
		Seg. ed.	Em <i>batalha</i> cruel o peito humano.
Oit. 52,	v. 6.	Pr. ed.	Correm rios <i>de</i> sangue desparzido.
		Seg. ed.	Correm rios <i>do</i> sangue desparzido.
Oit. 52,	v. 8.	Pr. ed.	<i>Tornando</i> carmesi de branco e verde.
		Seg. ed.	<i>Tornado</i> carmesi de branco e verde.
Oit. 93,	v. 8.	Pr. ed.	Que nam for mais que <i>tudo</i> excellente.
		Seg. ed.	Que não for mais que <i>todos</i> excellente.
Oit. 111,	v. 5.	Pr. ed.	Com palavras soberbas, <i>e</i> arrogante.
		Seg. ed.	Com palavras soberbas <i>o</i> arrogante.
Oit. 113,	v. 5.	Pr. ed.	Os feridos com grita <i>ao</i> ceo feriam.
		Seg. ed.	Os feridos com grita <i>o</i> ceo ferião.
Oit. 117,	v. 8.	Pr. ed.	E depois <i>de</i> Jesu certificado.
		Seg. ed.	E depois <i>por</i> Jesu certificado.
Oit. 130,	v. 8.	Pr. ed.	Feros vos <i>mostrais</i> e cavalleiros.
		Seg. ed.	Feros vos <i>amostrais</i> e cavalleiros.
Oit. 133,	v. 7.	Pr. ed.	O nome do seu Pedro <i>que</i> ouvistes.
		Seg. ed.	O nome do seu Pedro <i>que lhe</i> ouvistes.

CANTO QUARTO.

Oit. 24,	v. 3.	Pr. ed.	Como ja o <i>forte</i> Huno o foy primeiro.
		Seg. ed.	Como ja o <i>fero</i> Huno o foy primeiro.
Oit. 102,	v. 2.	Pr. ed.	Nas ondas <i>vellas</i> pos em seco lenho.
		Seg. ed.	Nas ondas <i>vella</i> pos em seco lenho.

CANTO QUINTO.

Oit.	12,	v.	5.	Pr.	ed.	O grande rio , onde batendo soa .
				Seg.	ed.	Co grande rio onde bătendo soa .
Oit.	41,	v.	7.	Pr.	ed.	Que eu tanto tempo <i>ha</i> que guardo e tenho .
				Seg.	ed.	Que eu tanto tempo <i>ha ja</i> que guardo e tenho .

CANTO SEXTO.

Oit.	18,	v.	6.	Pr.	ed.	Que recebem de <i>Phebo</i> crescimento .
				Seg.	ed.	Que recebem de <i>Phebe</i> crescimento .
Oit.	34,	v.	5.	Pr.	ed.	Mais <i>que</i> dizer, e nam passou daqui .
				Seg.	ed.	Mais <i>quis</i> dizer, e não passou daqui .
Oit.	41,	v.	4.	Pr.	ed.	Nam <i>fosse</i> amores , nem delicadeza .
				Seg.	ed.	Não <i>soffre</i> amores , nem delicadeza .
Oit.	82,	v.	2.	Pr.	ed.	<i>Doutro</i> Scylla e Caribdis ja passados .
				Seg.	ed.	<i>Doutra</i> Scylla e Caribdis ja passados .

CANTO SEPTIMO.

Oit.	20,	v.	7.	Pr.	ed.	Agoas do Gange , e a terra <i>do</i> Bengala .
				Seg.	ed.	Agoas do Gange , e a terra <i>de</i> Bengala .
Oit.	22,	v.	3.	Pr.	ed.	<i>So</i> estende hu'a fralda estreita , que combate .
				Seg.	ed.	<i>Se</i> estende hu'a fralda estreita , que combate .
Oit.	70,	v.	3.	Pr.	ed.	Do <i>rio</i> Tejo , e fresca Guadiana .
				Seg.	ed.	Do <i>rico</i> Tejo , e fresca Guadiana .

CANTO OITAVO.

Oit.	29.	v.	8.	Pr.	ed.	Que entre o Tarteso , <i>e o</i> Guadiana habita .
				Seg.	ed.	Que entre o Tarteso , <i>e</i> Guadiana habita .
Oit.	32.	v.	3.	Pr.	ed.	Portugues <i>Capitam</i> chamar se deve .
				Seg.	ed.	Portugues <i>Cipião</i> chamar se deve .
Oit.	34,	v.	2.	Pr.	ed.	O <i>perjuro</i> que fez e vil engano .
				Seg.	ed.	O <i>perjurio</i> que fez e vil engano .
Oit.	90,	v.	7.	Pr.	ed.	Lhe andar <i>armada</i> , que por em ventura .
				Seg.	ed.	Lhe andar <i>armando</i> , que por em ventura .

CANTO DECIMO.

Oit.	1,	v.	1.	Pr.	ed.	Mas ja o claro amador <i>de</i> Larissea .
				Seg.	ed.	Mas ja o claro amador <i>da</i> Larissea .
Oit.	10,	v.	1.	Pr.	ed.	<i>Cantando</i> a bella Deosa , que viriam .
				Seg.	ed.	<i>Contava</i> a bella Deusa , que virião .
Oit.	40.	v.	2.	Pr.	ed.	Armas com que o Albuquerque yra amāsando .
				Seg.	ed.	Armas com que Albuquerque yra amansando .
Oit.	71,	v.	2.	Pr.	ed.	<i>Com</i> restante da gente Lusitana .
				Seg.	ed.	<i>Co</i> restante da gente Lusitana .
Oit.	83,	v.	7.	Pr.	ed.	Os que são bōs , <i>guiando</i> favorecem .
				Seg.	ed.	Os que são bōs , <i>quando</i> favorecem .
Oit.	88,	v.	8.	Pr.	ed.	A Lebre , <i>os</i> Cães , a Nao , e a doce Lira .
				Seg.	ed.	A Lebre , <i>e os</i> Cães , a Nao , e a doce Lira .
Oit.	97,	v.	7.	Pr.	ed.	Povoações , que <i>parte</i> Africa tem .
				Seg.	ed.	Povoações , que <i>a parte</i> Africa tem .
Oit.	156,	v.	4.	Pr.	ed.	Os <i>mouros</i> de Marrocos , e Trudante .
				Seg.	ed.	Os <i>muros</i> de Marrocos , e Trudante .

NOTAS.

CANTO PRIMEIRO.

EST. I.

As armas, e os *Barões* assinalados.

Aqui *Barões* devem entender-se por homens esforçados, varões, e não no sentido, que hoje lhe damos; isto é, na graduação immediata ao visconde. Moraes aponta dous exemplos relativos ao primeiro sentido: ell-os :

« Bento é o *Barão* que per si se castiga, e per outrem não. »

VASCONCELLOS, *Eufrosina*, 1. 2.

« Auctoridade dos *Barões* doctos. »

BARROS, *Grammatica*, f. 71.

Per mares nunca d'antes navegados.

Ha differença entre as preposições *per* e *por*. *Per* indica o agente, o meio; e *por* denota o objecto, o motivo, etc., como em francez *par* e *pour*. Os modernos escriptores portuguezes confundem estas preposições; e, ignorando este principio logico, commettem anomalias absurdas.

O nosso illustre bispo Hieronimo Osorio, em uma de suas cartas, dá-nos um exemplo assás notorio da differença das sobreditas preposições, e n'uma so phrase :

« E viu o reino, que as pessoas *per* que se governava el-rei, eram da Companhia, da sua cevadeira, e feitos *per* ella, e *por* ella e *pera* ella ser tudo em tudo (pag. 44). »

A edição de D. José Maria de Souza, impressa per Firmino Didot em Paris, no anno de 1819, dá esse verso assim escripto :

Por mares nunca de antes navegados.

O mesmo se lê na edição Rollaudiana de 1843.

Mas eu preferi a lição acima, que é do padre Thomás José de Aquino, e acha-se na edição per elle publicada em Lisboa nos annos de 1779 e 1780.

Manuel Correa escreveu :

Per mares nunca d'antes navegados,
Passaram *inda* alem da *Taprobana*.

Preferi *inda* a *ainda*; porque assim fica o verso mais sonoro; e porque d'esse modo o vi escripto n'uma copia dos *Lusiadas* feita pelo inimitavel Francisco Manuel, sobre um autographo de Camões; e outrossim na edição de Manuel Correa, per Pedro Craesbeeck, em o anno de 1613.

É a ilha de Ceilão, celebre na antiguidade sob o nome de *Taprobana*.

Em perigos, e guerras esforçados.

Seria talvez melhor :

E em perigos, e guerras esforçados.

Faria e Souza escreveu :

Que em perigos, e guerras esforçados.

E entre gente remota edificaram.

Melhor talvez :

Entre gente remota edificaram,

como se lê na edição do padre Aquino.

EST. II.

De Africa, e de Asia andaram devastando.

Manuel Correa escreveu este verso do seguinte modo :

D' Africa, e d' Asia andaram devastando.

Mas essa lição não é tam onomatopica como a primeira.

*E aquelles, que per obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando.*

« Bella poesia! *obras valerosas* tambem podem significar *escriptos excellentes*; e por isso de valor; porque aproveitam: esta é a energia primitiva do adjectivo *valeroso*; e quem se exime da lei da morte *fiça immortal*: ingenhosos modos de fallar. Cultura, elegancia, e harmonia, são as virtudes d' este estylo. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 127.

Cantando espalharei per *toda parte*.

Os antigos poetas, e prosadores omittiam algumas vezes os artigos *o*, *a*, *os*, *as* antes dos substantivos: imitavam n' isto os Francezes, e outras nações; Exemplo :

« Toda virtude, toda fermosura. »

ANTONIO FERREIRA, *Soneto 2.*

EST. III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano, etc.

O *sabio Grego*, foi *Ulysses*, rei de Ithaca; e, o *Troiano*, foi *Eneas*, filho de Anchises, e de Venus.

*Cale-se d' Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram.*

Ignoro porque Camões escreveu *Alexandro*, em vez de *Alexandre*; visto ja assim se pronunciar em seu tempo, como o comprovam os seguintes exemplos :

« Quatrocentos afora a brava gente
De pe, que setecentos ser deviam,

A quem governava o capitão valente
Alexandre, que ao Manho o preferiam.»

LUIS PEREIRA, *Elegiada*, cant. 15.

«Lendo *Alexandre* a Homero descansava
Dos trabalhos, em que passara o dia.»

MENEZES, *Malaca Conquistada*, cant. 1.

Não será erro typographico, v. g. um *o*, por um *e*? Esta lição acha-se em todas as edições, que consultei.

Escrevi *d'* em vez de *de*, que se lê em algumas edições dos *Lusiadas*, para evitar a pronuncia desagradavel *de de*; e n'isso segui a lição de Manuel Correa.

Est. IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em *mi* um novo ingenho ardente.

Mi, e não *mim*, é como pronunciavam, e escreviam os contemporaneos de Camões. Exemplo :

« Tambem, senhor, contra *mi* fallo e digo
Qu'em nossas lettras não está a justiça :
Está n'um peito de justiça amigo. »

ANTONIO FERREIRA, *Carta* 11.

Todavia nossos antiguos poetas conservavam o *m*, quando este lhe era urgente para a rhyma. Exemplo :

« Se mais quereis, esta fonte
Vos descubra o mais de *mim* :
O que ella viu, ella o conte ;
Porque eu vou-me pera o monte,
Porque ha ja muito que *vim*. »

CAMÕES, *Filodemo*, scena 3, act. 3.

Dai-me agora *um* som alto e sublimado.

Supprimi o *h* em toda esta edição, por não ser essencial a falta d'essa letra; e porque os Latinos, Francezes, Hespanhoes, Italianos, etc. não escrevem *um* com *h*. Francisco Manuel (Filinto Elisio) observou constantemente este modo de orthographar, na primeira edição de seus versos, publicada em Paris, no anno de 1797. O mesmo fez o editor das poesias de Pedro de Andrade Caminha, e outros mais.

Não será, creio, desagradavel aos estudiosos da lingua portugueza transcrever-lhes eu aqui o que o erudito Moraes, no seu estimavel dictionario, apontou acerca d'esse adjectivo numeral :

« Commumente escrevem *um*, *uma* com *h*, sem que o peça a etymologia; pois se deriva do latim *unus*, e menos a pronuncia; porque sendo o *h* signal de aspiração, nós não aspirámos nenhuma vogal senão é *ah*, interjeição, que devera escrever-se *ha*! porque a aspiração precede á vogal. De *um* se derivam *unidade*, *unanime*, *unico*, *unissimo*, *união*, *uniforme*, e muitos outros, que se escrevem sem *h*; e, mostrando a origem de *um*, dão mais facil ideia do seu sentido. »

Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de *Hippocrene*.

Hippocrene fonte de Beocia, nascida, segundo dizem os poetas, da ferida, que o cavallo Pégaso alli fez com o pe; a qual é dedicada ás Musas.

E não *de* agreste avena, ou frauta ruda.

Manuel Correa escreveu :

E não *d'* agreste avena, ou frauta ruda.

Gente vossa, *a que* Marte tanto ajuda.

Assim achei escripto este verso na edição de Manuel Correa, dada á luz em 1613. Eu prefiro essa lição á seguinte :

Gente vossa, *que a* Marte tanto ajuda,

que se acha na edição do Souza, e em outras : ella constitue um absurdo ; pois os Portuguezes não podiam ajudar Marte, deus da guerra, sim este áquelles. A transposição typographica da letra *a* nas duas primeiras edições dos *Lusiadas* de 1572, deu causa a este contrasenso.

A edição publicada em Hamburgo no anno de 1834, traz :

Gente vossa, *que* Marte tanto ajuda.

Esta lição é correctá ; porém o verso fica frouxo.

Se *tam* sublime preço cabe em verso !

Os bons autographos, e authores portuguezes sempre escreveram esse adverbio com *m* como os Latinos, e não com *o*. Exemplos :

« Porque *tam* indecente é sair da bocca de um homem de alto logar, e nobre creação uma palavra rustica e mal composta, como de uma baínha de ouro, ou rico esmalte arrancar uma espada ferrugenta. »

DUARTE NUNES DE LIÃO, *Origem da lingua portugueza*, dedicatória.

« E se esquecido
Da honra e gloria antiga portugueza,
Isto não concedesse, que em *tam* nobre,
Illustre companhia, certo estava
Achar-se quem seguisse esta famosa,
E *tam* honrada empresa. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 13.

EST. VI.

E vós, o' bem nascida segurança
Da lusitana antiga liberdade, etc.

Nasceu el-rei D. Sebastião em 20 de janeiro de 1554 ; e, depois da morte d'el-rei D. João III seu avó, foi entregue á tutoria da rainha D. Catharina sua avó ; e, passado algum tempo, á do cardeal D. Henrique ; o qual governou até á competente idade de D. Sebastião ; que, apenas começou a reinar, armou contra os Mouros, e feneceu na batalha, que travou com elles no dia 4 d'agosto de 1578.

Um dos ultimos traductores de Virgilio diz « que Octavia brindou esse Poeta pelos versos, que elle poz na bocca de Anchises, relativos ao moço Marcello, com um dom de 24 contos de réis. Hoje em dia não se fazem d' estas liberalidades aquelles que as merecem. Pois presuppõsta a diversidade das duas linguas, os versos do nosso Camões valem de certo tanto como os de Virgilio, e não foram tam bem gratificados per el-rei D. Sebastião; o qual apenas lhe concedeu quinze mil réis de teliça, com obrigação de tirar alvará de seis em seis mezes; e o grande homem pereceu de miseria e dôr. Que documentos para a historia! Ora bastava que fossem gratificadas á romana *as 13 oitavas da dedicatória dos Lusíadas* áquelle rei, e as 12 ultimas do poema (padrões immortaes do desmarcado estro, e prodigioso saber d' este homem immortal) para fazer a fortuna mais que sufficiente de um philosopho como elle. Mas estava a patria mettida, segundo elle mesmo diz em os seus *Lusíadas*, cant. 10, est. 145 :

Nô gosto da cubiça, e na rudeza
De uma austera; apägada e vil tristeza.

Dado ao mundo per Deus, que todo o mande.

Esta lição de Manuel Correa parece-me mais exacta que est' outra do Souza, etc. :

Dada ao mundo por Deus, que todo o mande;

pois o participio *dado* deve antes concordar com o hõme d' el-rei D. Sebastião subintendido, que com o substantivo *maravilha*.

Pera do mundo a Deus dar parte grande.

Pera, e não *para*, é como articularam, e escreveram todos os quinientistas. Citarei dous exemplos :

« *Pera* que é sobre isto guerra? »

SA DE MIRANDA, *Ecloga* 8.

« Conforme a seu penar,
Aquella terra buscou,
Pera de si se vingar. »

BERNARDIM RIBEIRO, *Ecloga* 5.

Ora se Bernardes, etc., contemporaneo de Camões, escreveu *pera*, como podia este escrever *para*? Se todos os prosadores d'então escreveram *pera*, para que mudaram os editores dos *Lusíadas* esta preposição em *para*?

EST. VII.

Vós, tenro e novo ramo *florescente*.

Manuel Correa escreveu :

Vós tenro e novo ramo *flourescente*.

Vos amostra a *victoria* ja passada.

Allude o Poeta á batalha ganhada aos Mouros per el-rei D. Afonso Henriques, no campo d' Ourique.

Est. VIII.

Vós, poderoso rei, cujo alto *impero*
 O sol, logo em nascendo, ve primeiro;
 Ve-o também no meio do hemispherio;
 E, quando desce, ó deixa derradeiro.

« Quem pois considerar o dominio portuguez povoando o mundo de cidades, provincias, reinos, e emporios, sem dúvida que dirá, « ser um corpo ainda mais que agigantado, e estendido pelo orbe com mais gloria (pois com maior fama, e com mais triumphos) que em Sicillia o de Tiphéu.»

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

Que inda bebe o *liquor* do *sancto rio*.

Escrevo *liquor*, e não *licor*; porque assim encosto-me á etymologia latina *liquor*, como fizeram os nossos escriptores de bom seculo. Exemplo:

« Rosa, em manhã de abril, que da passada
 Humida, fria noite, um *liquor* leve,
 E um celeste rocio em si recolhe. »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*,
 cant. 1.

É o Ganges, rio sagrado na opinião dos Indios; no qual, lavando-se, reputam-se limpos de seus delictos e peccados.

Est. IX.

De amor dos patrios feitos *valerosos*.

Esta lição do padre Aquino é mais euphonica e conforme á pronuncia classica, que a seguinte do Souza:

De amor dos patrios feitos *valerosos*.

Est. XI.

Que excedem Rodamonte, e o vão *Rugeiro*,
 E Orlando, indaque fóra *verdadeiro*.

Rugeiro está aqui em vez de *Rogério* tam somente em consideração da rhyma.

Camões também empregou (como julga Faria) *turbulendo* por *turbulento*, sendo consoante de *horrendo*; *manhos* por *magnos*, consoante de *estranhos*, *frente* por *fronte*, consoante de *frondente*, *Venos* por *Venus*, consoante de *menos*, etc.

N'estes dous versos allude Camões aos poemas de Ariosto, e de Boiardo.

Est. XII.

Por estes vos darei um *Nuno* fero.

Nuno Alvares Pereira, condestavel d'este reino, e defensor d'elle.

Um *Egas*, e um *Dom Fuas*, etc.

Foi *Egas Moniz*, aio d'el-rei D. Afonso Henriques, e *Dom Fuas Roupinho*, cavalleiro portuguez valerosissimo.

Manuel Correa escreveu assim este verso :

Um Egas, e um *dos* Fuas, etc.

Pois *polos* doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu *Magriço*.

Deve escrever-se *polos* e não *pelos*, como se acha na edição do Souza, e em outras mais; pois da preposição *por* juncta ao artigo plural *os*, formaram os classicos *polos*; e, de *per*, *pelos*.

Magriço : Assim se chamava de alcunha Alvaro Gonçalves Coutinho. Foi um dos doze Portuguezes, que passaram a Inglaterra, em favor das doze damas.

Est. XIII.

Pois se a troco de Carlos rei de França.

O Poeta falla de Carlos-Magno, ou talvez de Carlos VII, chamado *o victorioso*.

Outro *Joanne* invicto cavalleiro.

Fol el-rei *Dom João* o primeiro, chamado *de boa memoria*.

Est. XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que *nos reinos* la *da Aurora*
Se fizeram per armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora.

Confesso que a construcção d' estes versos sempre me pareceu enleada : o verbo *deixarão* concorda optimamente com o pronome *aquelles*; mas *vossa bandeira*, etc., fica sem regime. Eu tenho para mim que a particula *se*, que devia ser collocada após o verbo *fizeram*, foi, pelo compositor typographo, posta antes d' elle. Ora as pessoas avezadas a corrigir provas d' imprensa não ignoram ser mui facil tomar um *e* cheio de tincta o logar d' um *o*; mormente na epoca, em que os *Lusiadas* foram estampados, na qual os *o* erão rarissimos. Concluo pois, que a emenda deve ser *Fizeram*, *so* per armas, etc., entre virgulas : d' esta sorte fica correcta a concordancia grammatical do pensamento de Camões; pensamento que elle exprimiu, segunda vez, com variados termos, no canto 10 do mesmo poema, est. 148 :

So com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco; e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

Manuel Correa escreveu :

Aquelles que *no reino* la *d' Aurora*.

Mas o verso da primeira lição satisfaz mais o ouvido.

Um *Pacheco* fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.

Duarte Pacheco Pereira tendo vencido sete vezes o Samorim, veio a morrer, após muitas perseguições, n' um hospital.

Esses *Almeidas* foram *D. Francisco de Almeida*, primeiro vice-rei da India, e *D. Lourenço d' Almeida* seu filho.

Albuquerque terribil, *Castro* forte.

« Escrevo *Albuquerque*, porque este nome se deriva do latim — *albo quercu*. — E, se bem me lembro ainda do que li em Lisboa, assim creio que vinha escripto nos seus *Commentarios*. »

Nota de FRANCISCO MANUEL.

Albuquerque não somente se acha assim escripto na edição dos taes *Commentarios*, que em Lisboa saiu á luz no anno de 1774; mas até na edição Rollandiana do *Naufragio de Sepulveda*, publicada em 1783; como o mostra o seguinte exemplo do cant. 14 :

« *Alboquerque*s tambem são os primeiros,
Que dos corações mostram a ousadia.»

Castro : Foi *Dom João de Castro*, vice-rei da India.

Est. XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem ve seu *exicio* afigurado.

« Considerando o grande Camões, ao levantar o edificio da sua immortal epopea, que os poetas seus nacionaes, ou antigos, ou contemporaneos, não tinham cuidado em formar aquella linguagem, com que se deve fallar a sublime poesia, entrou elle n'esta grande empresa. Como era profundamente versado assim na lição dos poetas latinos, como nas especulações poeticas, soccorrido com as auctoridades dos primeiros mestres, começou a enriquecer a sua epopea de infinitas vozes novas, e estranhas, tiradas da linguagem, que inventaram (imitando aos Gregos) os poetas latinos. Para esta introdução mil vezes o obrigou a necessidade; mas muitas mais a pompa e grandeza do estylo, em que cantava; a que elle ora chama *altiloquo*, ora *altisono*, ora *grandiloquo*, e *grandisono*.

Bem previa elle, que de alguns contemporaneos seria estranhado, como na verdade foi; mas tambem via (fiado no merecimento das suas obras) que seria imitado da posteridade, e eternamente engrandecido por pae da nossa linguagem poetica, em que apenas temos que invejar á italiana, e ingleza.

Camões usou pois de *estellifero*, *dea*, *obsequente*, *plumbeo*, *rúbido*, *celeuma*, *bellacissimo*, *instructo*, *revocar*, *lanigero*, *horrisono*, *in-usitado*, *rábido*, *estrídor*, *nítido*, *baccaro*, *inerte*, *horrífico*, *horrífero*, *mauro*, *inconcesso*, *armigero*, *estridente*, *sitibundo*, *pando*, *nilótico*, *lasso*, *longinquo*, *hirsuto*, *intonso*, *pudivundo*, *vociferar*, *término*, *avena*, *salso argento*, *insania*, *obumbrar*, *ensifero*, *divicias*, *inimicicia*, *gemma*, *Germanos*, *Letheu*, *arúspice*, *nequicia*, *undivago*, *crástina*, *bovino*, *flaucia*, *crebro*, *insidias*, *estellante*, *natura*, *equoreo*, *fulvo*, *imbelle*, *profligar*, *munda*, *plaga*, *presunte*, *módulo*, *almo*, *protervo*, *semiviro*, *crepitar*, *gladio*, *gár-*

rulo, falsifico, semidea, funereo, diva, múrice, nutante, famulento, immanidade, etc.»

FRANCISCO JOSÉ FREIRE, *Diccionario poetico, Discurso preliminar*, pag. 20, 21 e 22.

Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado;
Que afeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos pera genro.

Imitação de Virgilio :

« *Teque sibi generum Tethys emat omnibus undis.* »
Georgicas, liv. I. v. 31.

Est. XVII.

Dos dous avós as almas ca famosas.

El-rei Dom João III, e o imperador Carlos V.

Est. XVIII.

E costumai-vos ja a ser invocado.

Imitação de Virgilio :

«..... *et votis jam nunc assuesce vocari.* »
Georgicas, liv. I. v. 42.

Est. XIX.

Ja no largo *Oceano* navegavam.

A palavra *Oceano* quasi sempre é de quatro syllabas, como se ve no verso acima; mas tambem póde ser de tres, pela licença poetica syneresis em est'outro :

« Do grande *Oceano* visitando a esposa. »
MENEZES, *Malaca conquistada*, cant. 9, est. 134.

As marítimas aguas consagradas,
Que do gado de *Próteu* são cortadas.

« *Próteu* teve quasi sempre, nos tempos de Camões, a primeira longa. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 241.

Proteu, filho do *Oceano*, e de *Tethys*: tinha a seu cargo os monstros marinos.

Est. XX.

Convocados da parte do Tonante.

Esta lição de Manuel Correa é mais correcta que a seguinte :

Convocados da parte de Tonante,

que se lê nas edições do Souza, do Aquino, etc.

Pelo neto gentil do velho Atlante.

É *Mercurio*, filho de *Jupiter*, e de *Maya*, e esta filha d'*Atlas*.

EST. XXI.

Alli se acharam *unctos* n' um momento.

Os nossos antigos authores, que mais se cingiram á etymologia das palavras, sempre escreveram este adjectivo com *c*, como fizeram os Latinos nas vozes *unctura*, *unctus*, etc. Exemplo :

« O qual (cippo) um lavrador descobriu com o dental do arado, *uncto* de um edificio destruido. »

ANDRÉ DE RESENDE, *Historia de Evora*, pag. 37.

EST. XXIII.

D'ouro, e de *perlas*, mais abaixo estavam.

Assim achei este verso impresso na edição de Pedro Graesbeeck, publicada no anno de 1651 : as outras que consulte trazem :

De ouro e de perlas mais abaixo estavam.

Perlas por *perolas* tem exemplo nos bons poetas quinhentistas. Eis-aqui um :

« vermelhos rubis, e orientaes *perlas*. »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*, cant. 6.

EST. XXIV.

Se do grande valor da forte gente
De Luso, não perdeis o pensamento.

Eis a lição do padre Thomás José de Aquino. A de José Maria de Souza é :

Do Luso não perdeis o pensamento.

O leitor adoptará a que melhor lhe parecer.

Luso foi companheiro ou filho de Baccho, de cujo nome Portugal se diz *Lusitania*. Reinou 33 annos. Era por extremo amado dos povos, e reedificou muitas cidades. Morreu no anno de 2487.

Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos Fados grandes certo intento, etc.

Escrevi *é*, terceira pessoa do indicativo presente do verbo *ser*, sem *h*; porque assentei poder omittir esta letra; mormente achando exemplo d'esse modo d'orthographar (além de outras sabias pennas modernas) em Moraes, author do melhor dictionario portuguez, que temos, e em Francisco Manuel, que constantemente o seguiu em suas composições em prosa e verso.

EST. XXV.

C um poder tam singelo, e tam pequeno.

Manuel Correa escreveu :

Com poder tam singelo, e tam pequeno.

Assi, que sempre emfim, com fama, e gloria, etc.

Assi, em vez de *assim*, é como disseram, e escreveram os contemporaneos de Camões. Exemplo :

« Como estás do teu Proteu *assi* esquecida? »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*,
cant. 6.

EST. XXVI.

Deixo, deuses, atraz a fama antiga,
Que co' a gente de *Romulo* alcançaram,
Quando com *Viriato*, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram.

Romulo, primeiro fundador, e primeiro rei de Roma. *Viriato*, Portuguez valerosissimo : elle defendeu Lusitania contra os Romanos espaço de 14 annos.

Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espiritu divino.

Fol *Sertorio*, natural de Nursia, hoje Nezza em Italia ; o qual recolhendo-se a Hespanha, fez grandes guerras aos Romanos. Assentou morada em Evora.

Eis o que o benemerito editor do *Hyssope*, poema de Antonio Diniz, edição de 1821, escreveu tocante á final *io* do verbo *fingio*.

« Devemos outra satisfação orthographica acerca da desinencia em *u* da terceira pessoa singular de alguns preteritos, no modo indicativo dos verbos. Os nossos Maiores quasi sempre a terminaram em *u*, e não em *o*. Hoje algumas pessoas escrevem *lêo*, *ouvio*, *ferio*, etc., e carregam a penultima com accentos, ora agudos, ora circumflexos. Os antigos quasi sempre escreveram *leu*, *ouviu*, *feriu*, etc., sem accento algum ; pois não o precisam estas palavras, cujas desinencias, compostas de duas vogaes, formam duas syllabas. »

EST. XXVII.

..... não temendo
De *Africo*, e *Noto* a força, a mais se atreve.

Africo, vento, que os maritimos chamam oés-sudueste. *Noto*, é o vento sul, ou vendaval.

Inclinam seu proposito, e *perfia*.

Assim escreveu Manuel Correa, contemporaneo e amigo de Camões, este verso ; e com razão ; pois *perfia*, e não *porfia* era a pronuncia d'essa epoca. Confirma-a-hei com um exemplo :

« Não vêdes com que amor, com que *perfia*
As Musas a cantal-a se offerecem? »

DIOGO BERNARDES, o *Lyma*, ecloga 7.

Inclinam seu proposito, e *perfia*,
A ver os berços onde nasce o dia.

« Imagem digna de um tam sublime pincel, na qual a pureza, e a harmonia resplandecem em grau summo.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 297.

EST. XXIX.

Tornarão a seguir sua longa rota.

Esta lição de Manuel Correa parece-me mais exacta que est'outra do Souza, do padre Aquino, etc. :

Começarão a seguir sua longa rota.

O verso citado, para ter o accento predominante na sexta syllaba, e ficar certo, deve escrever-se :

Começarão seguir sua longa rota.

No manuscripto de Francisco Manuel lê-se :

« *Tomarão* com mais peito a longa rota. »

Porém as pessoas versadas na leitura das obras d'esse insigne poeta, não porão em dúvida ser este verso composto per elle.

EST. XXXI.

Da India tudo quanto *Doris* banha.

Doris, nymphá marina; toma-se aqui pelo mesmo mar.

De que *Nysa* celebra inda a memoria.

Nysa, antiga cidade da India, situada áquem do rio Indo, não longe do Cophes ou Cophen. N'ella nasceu Baccho.

EST. XXXII.

Ve que ja teve o Indo *sujugado*.

O particípio *sujugado* assim escripto na edição de Pedro Craesbeeck, accomoda-se á pronuncia dos contemporaneos de Camões, como mostra o seguinte exemplo :

« Vedes per esta gente os Rumes duros
Tantas vezes fugir desbaratados;
Assoladas as forças, e altos muros
De Ormuz, os réis da India *sujugados*. »

MENEZES, *Malaca conquistada*, liv. vi. est. 7.

Ora é claro que esse verso dos *Lusiadas*, lido segundo a antiga pronuncia, é menos aspero que o que trazem quasi todas as edições dos mesmos *Lusiadas* :

Ve que ja teve o Indo *sojugado*.

De quantos bebem a agua do Parnaso.

Preferi esta lição, por mais correctá, a est' outra, que se acha nas edições do Aquino, e do Souza :

De quantos bebem a agua de Parnaso.

Alem de que, o mesmo verso ja assim vem escripto na edição Rollandiana de 1843.

EST. XXXIII.

Per quantas *calidades* via n' ella.

Calidades, e não *qualidades* é como escreveram, e pronunciaram os bons authores quinhentistas: e, em verdade, essa palavra, assim articulada, torna o verso mais doce, evitando o mau conjuncto *qua qua* assás desagradavel aos ouvidos. Eis um exemplo extrahido d' outro poeta contemporaneo a Camões:

« Mais do que alegre o bem, cança a tristeza,
Deixa breve prazer, longa saudade,
Corta pelo amor da natureza
A grande obrigação da *calidade*. »

LUIS PEREIRA, *Elegiada*, cant. II. est. 85.

Da antigua tam amada *sa* romana.

Todas as edições dos *Lusiadas*, que consultei, dão este verso estampado do seguinte modo:

Da antigua tam amada *sua* romana.

O que o volve pesado e prosaico. « *Sua* (disse Francisco Dias Gomes, nas Memorias de Litteratura portugueza, tom. IV, pag. 252) pronunciava-se então *sa*, á maneira dos Provençaes, com mais ou menos modificação do som, como o comprova este exemplo:

« Vinha Amor pelo campo trebelhando
Com *sa* fermosa madre, e *sas* donzellas. »

FERREIRA, *Poemas*, liv. II. soneto 35.

E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção, crê que é *latina*.

« É certo que a nossa lingua portugueza é de todas as da Europa a mais chegada á latina; e tanto, que até nos termos do uso commum, nos sordidos, e pudendos, mui pouco declina d' ella, conservando quasi sempre a simplicidade da sua syntaxe, as desinencias dos nomes e verbos, das primeiras, segundas, e terceiras declinações, e observando quasi que a mesma economia nos generos, e anomalias. Esta verdade é manifesta a todos os que teem estudo profundo de ambos os idiomas: de maneira que se podem compor muitos periodos, e orações, que junctamente sejam latinos e portuguezes. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*,
pag. 293 e 294.

EST. XXXIV.

..... porque das Parcas claro *intende*, etc.

Como o verbo *intende* deriva de *intelligo*, mudei-lhe o primeiro e em *i*. Assim o escreveu, em nosso seculo aureo, o docto André de Resende, bem que em diversa accepção:

« Eu ando todo occupado em um livro de architectura per mandado de

el-rei nosso senhor; de modo que em outro studo não *intendo*, excepto o prégar, que sem errar a Deus, não lexaria.»

Historia de Evora, Dedicatória.

Assi que, *um* pola infamia, que arrecea,
E o *outro* polas honras que pretende,
Debatê, etc.

Nossos antigos poetas escreviam este adverbio com *m* ou sem elle, segundo lh'o pedia a rhyrna; porém nas edições menos deformadas, sempre lhe falta o *m*, quando o consoante o não requer. Vejam-se os seguintes exemplos de Camões :

« E quereis ver a que *fm*
Em mi tanto bem se pôs?
Porque quiz amor *assim*
Que por vos verdes a vós
Tambem me visseis a *mim*. »

Rhythmas, parte 2ª.

« Favores *assi* a mólhos. »

Rhythmas, parte 2ª.

A construcção d'estes dous versos dos *Lusiadas* não me parece correcta : essa falta de concordancia desaparecêra, talvez, se Camões os escrevesse d'este modo :

Assi que, *um* pola infamia que arrecea,
(Baccho)
E *a outra* polas honras que pretende,
(Venus)
Debatê, etc.

Mas como todas as edições assim os dão escriptos, não ousei tocá-os.

Debatê, e na perfla permanecem.

Eis como deve escrever-se este verso, e não

Debatem, e na porfla permanecem,

para ter o accentto na sexta syllaba aguda *f*. Os modernos editores dos *Lusiadas* não advertiram que os quinhentistas costumavam pôr um ~ sobre a vogal ultima d'algumas vozes, fazendo d'esse modo synalepha com a vogal per que começava a palavra seguinte. Notei isto em uma antiga edição de Camões, da qual não cito exemplo, porque a não tenho. Posso todavia comprovar o que acabo de dizer, copiando aqui duas ou tres phrases extrahidas do manuscrito de Fernão Oliveira, per mim fielmente copiado na Bibliotheca real de Paris, com a sua genuína orthographia :

« *Assi* chamárão tambem aos que pouoárão outras terras naquelles premeiros principios, posto que não fossem filhos, *nê* ouuessem sido alagados; mas erão, e descendentes daquelles, como era Tubal e seus companheyros. »

Est. XXXV.

Qual Austro fero, ou Bóreas na *espessura*,
De *silvestre* arvoredo abastecida, etc.

O *s* posto antes de consoantes tambem faz som aspero, e pouco suave, e imita bem o sibllante zunido dos ventos, o murmurio doce das aguas, etc.

Est. XXXVI.

Merencorio no gesto parecia.

Merencorio por *melancolico* ou *enfadado*, *carregado*, era como se pronunciava em tempo de Camões : todavia Manuel Correa escreveu :

Menencorio no gesto parecia.

Els como eu achei impressa esta palavra nos authores antigos :

« *Malenconico*, triste e pensativo. »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*,
cant. I.

« Como *manencorio* de si, determinou de não ir ao paço tam asinha. »

BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e moça*, cap. 6.

Est. XXXIX.

Porque emfim vem de *estamago* damnado.

Conservei esta lição de Manuel Correa ; porque os quinhentistas escreveram, e pronunciaram *estamago*, e não *estomago* como hoje dizemos. Citarei dous exemplos em abono d'esta affirmativa :

« O *estamago* damnado em mal converte
Qualquer que n'elle bom liquor se ponha. »

FERREIRA, *carta* 12, liv. II.

« Mas quanto mais o *estamago* sedento
Se farta, tanto n'elle vai crescendo
A sede. »

FERNAN' D'ALVARES DO ORIENTE, *Lusitania
Transformada*, livro II.

Eu ignoro porque os modernos editores dos *Lusiadas* mudaram a pronuncia antiga d'este vocabulo, e a conservaram em *merencorio*, etc.

Est. XL.

Não tornes *pera traz*, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.

O primeiro verso, assim escripto per Manuel Correa, pareceu-me mais correcto e sonoro que o seguinte das modernas edições dos *Lusiadas* :

Não tornes *por detraz*, etc.

Ora *por detraz*, ou melhor *per detraz*, não é para traz, como requer o sentido d'esta oitava. *Por detraz* significa pelo reverso d'um objecto, e *para traz* indica retrogradação para o mesmo assumpto ou logar. A differença é palpavel.

EST. XLII.

Em quanto isto se passa na *fermosa*
Casa etherea do Olympo omnipotente, etc.

Bem que a etymologia latina exija que esse adjectivo se escreva com *o* e não com *e*, todavia conservei o verso qual o escreveu Manuel Correa; porque tal era a pronuncia do seculo em que Camões floresceu. Eis o que João Franco Barreto, no prologo da Eneida de Virgilio, disse acerca do sobredito adjectivo:

«Tambem advirto que *formosa*, e *formosura*, etc., não é orthographia minha, mas *fermosa*, *fermosura*, etc.»

E Antonio Ferreira, na sua ecloga 1 assim s'exprime:

« um campo chão
Morada do verão, das mais *fermosas*
Hervas, e mais cheirosas flores cheo
Se faz alli.»

Os modernos editores de Camões escreveram *formosa*.

Entre a costa ethiopica, e a famosa
Ilha de *san'* Lourenço, etc.

Deve escrever-se *san'* Lourenço, e não *são* Lourenço como trazem os modernos editores dos *Lusiadas*, *san'* é contracção de *sancto*.

.... e o sol ardente
Queimava então os deuses, que *Typheu*,
Co'o temor grande, em peixes converteu.

Andava o sol, ou antes a terra, no signo de Piscis; isto é, corriam os ultimos dias do mez de fevereiro.

Typheu foi um dos gigantes, que escalaram o ceo. Havendo-se affeçoado a Venus, seguiu-a té ás margens do Euphrates; mas dous grandes peixes passaram-a com seu filho á outra parte d'esse rio. Os taes peixes foram postos no numero dos doze signos do Zodiaco.

EST. XLIII.

O *promontorio Prasso* ja passavam.

Da-se-lhe hoje o nome de *Cabo-das-correntes*.

EST. XLIV.

De *suberbo*, e de altivo coração.

O adjectivo *soberbo*, por motivo de sua etymologia latina, como se ve n'este verso:

« Quos illi bello profugos egere *superbo*, »

deve escrever-se com *u* e não com *o*.

EST. XLVI.

A gente da *cór* era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deu.

Ovidio disse :

« *Sanguine tunc credunt in corpora summa vocato
Æthiopum populos nigrum traxisse colorem.* »

Metamorphoses, liv. II. v. 235.

Eis o que diz Duarte Nunes de Lião acerca das vozes accentuadas :

« Onde o accento faz mudança de significação, o notaremos sempre, como nas terceiras pessoas do preterito perfeito do modo demonstrativo de todas as conjugações. Porque concorrem com as terceiras pessoas do futuro do mesmo modo, e numero em as mesmas syllabas, senão que differem em accento. Ca as vozes do preterito tem o accento agudo na penultima, e as do futuro na ultima. Polo que pera tirar-mos a differença dos modos, e tempos de que fallámos, quando for preterito diremos *amára, lêra, ouvíra*. E quando futuro diremos *amará, lerá, ouvirá*, etc.

O mesmo usaremos nos nomes, onde assi for necessario, como n'esta palavra *cór* por vontade, que notaremos com accento agudo, á differença de *côr* por *color*, que o tem circumflexo, etc. »

Orthographia, pag. 314.

E Madureira, *Orthographia*, pag. 19 :

« Quanto ao uso d'estes accentos, na nossa lingua, so é frequente, e precisamente necessario n'aquellas palavras, que se equivocam com outras, e so pelos accentos se pode conhecer a sua diversidade, principalmente n'aquellas que se escrevem com as mesmas lettras, e tem diversa significação, v. g. : *amára, lêra, ouvíra*, etc., ou *emprêgo, tempêro*, nomes, e *emprêgo, tempêro*, verbos, etc. »

O Pado o sabe, e *Lampethusa* o sente.

Pado, rio d'Italia : os Gregos chamaran-o Eridano, e hoje chama-se Pó.

Lampethusa, foi irmã de Phaetonte; a qual com suas irmãs prantearam tanto a cahida d'esse mancebo, que movidos os deuses á piedade, converteran-as em álamos.

EST. XLVII.

Da *cinta* pera cima vêem despídos.

A edição Rollandiana de 1843 traz :

Das *cintas* pera cima vêem despídos.

Não adoptei esta lição ; porque *cinta* é termo colectivo, bem como *gente, ouvido*, etc., e os nossos classicos, em tal caso, faziam *syllipsis* de numero, como se pode ver nos seguintes exemplos :

« O mar era cheio de bateis mui ataviados, assi os da armada, como outros, de *gente*, que iam ver. »

BARROS, *Decada* 2. liv. III. cap. 1.

E Frei Luis de Souza escreveu :

« Povoavam os degraus muita sorte de *gente*, que pareciam pobres. »

Assim Camões podia também dizer correctamente :

Tapam co'as mãos os Mouros o *ouvido*.

Anafis sonorosos vão tocando.

Moraes define assim esse vocabulo :

« *Anafil* trombeta direita, como charamela, senão que tem menos bocca, e mais largura, usada entre Mouros. »

Manuel Correa escreve *anafins*; Damião de Goes *anafiles*; porém Jeronimo Corte Real, no *Cerco de Diu*, cant. 31, disse *anafis* como Camões; eis os seus versos :

« Trombetas e *anafis* verás que os ares,
Com espantoso e rouco estrondo, rompem. »

Est. L.

Imos buscando as *terras* do Oriente.

Manuel Correa escreveu :

Imos buscando as *partes* do Oriente.

Est. LI.

D'um rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

« Grande e verdadeiramente epico modo de fallar. Feliz aquelle monarcha, que der motivo a uma tam sublime como elegante hyperbole! Não se pode escrever com mais exacção na prosa. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 232.

Mas no lago entraremos de Acheronte.

Manuel Correa escreveu :

Mas no lago entraremos *d'Acheronte*.

Est. LII.

Que so dos *feos* phocas se navega.

Feos, e não *feios* é como fallavam e escreviam os contemporaneos a Camões. Exemplo :

« Os réis que *feos* casos commetteram
Em tempo antiguo, etc. »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*,
cant. 13.

Mas os editores das obras de Camões impressas em Hamburgo escreveram *feios* não sei com que motivo.

Est. LIII.

Que os proprios são aquelles, que creou
A *natura* sem lei, e sem razão.

Manuel Correia escreveu :

Natureza sem lei , e sem razão.

Eu adoptei esta lição.

Nós temos a lei certa , que ensinou
O claro descendente de Abrahão ,
Que agora tem do mundo o senhorio :
A mãe Hebraea teve , e o pae Gentio.

O Poeta allude aqui a Mafoma, o qual descende de mãe judia, e pae idolatra. A religião mahometana é um composto de tradições judaicas, e da antiga idolatria dos Arabes.

Est. LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou,
No ceo sereno abrindo a roxa entrada
Ao claro *Hyperionio* que acordou, etc.

« Esta é (disse Francisco Dias Gomes) uma das mais famosas pinturas da manhã que em toda a poesia se encontra : n' ella se acha em ponto mais subido o soberano incanto da mais amavel elocução poetica.»

Hyperionio é o sol ; do qual fingem os poetas que, após derramar luz n' este hemispherio , se acolhe ao mar, e com Tethys passa a noite, descançando do trabalho diurno.

Est. LX.

..... Em si cuidando (o Regedor)
Que são *aquellas gentes inhumanas* ,
Que os aposentos caspios habitando ,
A conquistar as terras asianas
Vieram ; e , per ordem do Destino ,
O imperio tomarã a Constantino.

Não so os Mouros, a quem o Gama falla aqui, tinham vindo pelo Mar-Vermelho estabelecer-se nas costas orientaes de Africa, e commerciar nos portos indiatcos ; mas até os Turcos começavam a mostrar seu poder n' esses mares.

O imperio *tomarã* a Constantino.

Assim deve escrever-se este verso , para que o assento predominante caia na sexta syllaba *ma* do verbo *tomaram*, fazendo synalepha co'a vogal seguinte *a* ; licença que a cada passo s' encontra nos poetas quinhentistas. Gendron estampou :

O imperio *tomar* a Constantino.

A edição Rollandiana traz :

O imperio *tomaram* a Constantino ,

alongado este verso a doze syllabas.

E a de Hamburgo :

O imperio *tomárão* a Constantino.

Camões refere-se no sobredito verso a Constantino Paleologo , ultimo imperador do Oriente , durante o qual governo foi Constantinopla tomada pelos Turcos em 26 de maio de 1453.

Est. LXIV.

Responde o valeroso capitão.

Preferi esta lição de Manuel Correa á seguinte do José Maria de Souza :

Respondeu o valeroso capitão ;

porque o verso soa melhor ; alem de que , ella ja se acha na edição Rolandiana de 1843 ; na de Hamburgo de 1834, e na do padre Aquino.

« Dar-te-hei , senhor illustre , relação
De mi , da lei , das armas , *que trazia.*

Aqui escreveu Camões *que trazia* em vez de *que trago*, por motivo do consoante *sabía* no primeiro verso.

Est. LXV.

« A lei tenho d'aquelle , a cujo imperio
Obedece o *visibil*, e *invisibil*.

A desinencia em *bil* é mais euphonica que a em *vel*; a qual carece de analogia para a formação dos superlativos em *bellissimo* , assás usuaes em nosso idioma. De *culpabil*, *terribil*, *horribil*, etc., véem mais naturalmente os superlativos *culpabilissimo*, *terribilissimo*, *horribilissimo*, que dos positivos *culpavel*, *terrivel* , etc. : por isso Camões , e outros escriptores de bom seculo sempre formaram seus superlativos segundo o methodo latino.

« E que do ceo á terra emfim *deceo*.

Adoptei esta lição de Manuel Correa ; porque , tanto para a vista , quanto para a orelha , rhyma melhor com a palavra *ceo* do verso seguinte. Os mais editores dos *Lustadas* escreveram *desceo*.

Est. LXVI.

« Cumprido esse desejo te *seria*.

Seria usa-se aqui em lugar de *será*, crescendo-lhe uma syllaba por motivo do consoante, que se tornava necessario. Camões, por esta mesma causa , faz muitas outras alterações nos tempos dos verbos , e nunca acrescenta (segundo nota Faria e Souza) o *m* ás vozes *assi*, e *mi*, senão quando é a isso obrigado pela consonancia do fim.

Est. LXVII.

Pelouros , espingardas de aço puras.

Manuel Correa escreveu :

Pilouros , espingardas d'aço puras.

Est. LXX.

De peito venenoso e tam *damnado*.

Manuel Correa disse :

De peito venenoso e tam *danado*.

Est. LXXI.

Que nunca falte um perfido inimigo
A' quelles de *que* foste tanto amigo!

Eis como Manuel Correa nos deixou esse segundo verso; mas as edições, que tive presentes, trazem de *quem*.

Est. LXXIII.

Olhando o ajuntamento lusitano
Ao Mouro ser molesto e *avorrecido*.

Assim escreveu Manuel Correa este verso; porque na sua época (que foi a de Camões) todos pronunciavam *avorrecer*, *avorrecido*, e não *aborrecer*, *aborrecido* como hoje. Exemplo :

« Tu, cruel, contra mi so te endureces,
E tu so, tanto amor, tanto *avorreces* ! »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*,
cant 7.

Est. LXXV.

« Ja quizeram os deuses que tivesse
O filho de Philippo, n' esta parte;
Tanto poder, que tudo *sumettesse*
Debaixo do seu jugo o fero Marte.

A palavra *sobmettesse* torna este verso escabroso; pôr isso (encostando-me ao exemplo dos nossos bons poetas quinhentistas) supprimi o *b* para amaciar-lhe a pronuncia. A edição impressa em Hamburgo, e a do padre Aquino trazem.

Tanto poder que tudo *somettesse*.

Debaixo *do* seu jugo o fero Marte.

Na segunda edição de 1572 lê-se :

Debaixo *de* seu jugo o fero Marte.

Est. LXXVI.

« Não será *assi*, etc.

Os nossos classicos como articularam *mi*, *assi*, em vez de *mim*, *assim* (qual hoje escrevemos e pronunciámos) evitaram este vicio nazal.

Est. LXXVII.

No gesto natural se converteu
De um Mouro, em Moçambique conhecido.

Preferi esta lição de Manuel Correa ; porque assim fica o verso mais cheio ; e, per consequente, mais harmonico. As outras edições dos *Lusíadas* teem.

D'hum Mouro em Moçambique conhecido.

Mas o padre Aquino, e os editores da Imprensa em Hamburgo, adoptaram o verso qual o escreveu Manuel Correa.

Est. LXXX.

« Tu debes *d'* ir tambem co' os teus armado.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, para evitar a repetição desagradavel *de de* que se acha n' esse verso assim escripto pelos outros editores dos *Lusíadas* :

« Tu *deves de* ir tambem co' os teus armado.

Est. LXXXI.

« E se inda não ficarem *d'* este *feito*.

Feito, segundo a definição auctorizada de Moraes, é *modo de pelejar* ; sentido apropriado a este verso, onde se tracta d' uma emboscada ; porém a voz *geito* (feição, modo) que se acha em outras edições, não me parece tam natural.

Est. LXXXII.

Tanto que estas palavras *acabou* :

Por agente do verbo *acabou* deve subintender-se Baccho, e não o Mouro do verso seguinte. Para o que puz dous pontos no fim do verso. Alguns editores lançaram-lhe uma virgula, e outros nada.

Est. LXXXIII.

E busca mais pera o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á nau lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano.

Preferi esta lição de Manuel Correa ; porque o artigo *o* modifica algum tanto o som duro *do da*. A mesma lição foi tambem adoptada pelos editores dos *Lusíadas* impressos em Hamburgo, e na typographia Rollandiana. Os outros escreveram :

Sagaz, astuto, e sabio em *todo dano*.

—
Va cahir, *d'onde* nunca se alevante.

Esta lição de Manuel Correa foi adoptada pelo editor dos *Lusíadas* estampados per Rolland. Eis o que elle disse em nota :

« Quasi todas as edições lêem *onde*, o que é erro manifesto, que não pode ser attribuído a Camões. — Esta correcção é tambem da pequenina edição de 1651. »

Est. LXXXIV.

Ja o raio apollineo vtsitava
Os *montes nabatheos* accendido.

São montes da Arabia, assim chamados, por terem sido a primeira morada de *Nabath*, primogenito de Ismael.

Quando o Gama co' os seus determinava.

Acolhi esta emenda da edição Rollandiana, escorado no que diz o seu sabio editor. Eis suas palavras :

« Quando Gama lêem as duas edições de 1572, e as suas copias; mas que lêem mal o mostram todos os logares parallellos do poema sem excepção » (e cita os taes logares).

De vir per agua á terra apercebido.

Manuel Correa poz um *accento* agudo sobre o *a*; o que torna este verso mais numeroso que

De vir per agua a terra apercebido,

como o deixaram outros editores.

Est. LXXXV.

Quem se crê de seu perfido *aversario*.

Substitui *aversario* a *adversario*; porque assim fica o verso mais cadente. Os nossos bons escriptores supprimiam n'este substantivo a consoante *d*, a qual o torna escabroso na pronuncia.

Est. LXXXVI.

Um *d'* escudo abraçado, e *de* azagaia.

Outros editores escreveram :

Um *de* escudo abraçado e *de* azagaia.

Mas eu prefiro a lição de Manuel Correa; pois ella evita a repetição pouco euphonica *de de*.

Est. LXXXVIII.

Qual no corro sanguino, etc.

Bernardo Tasso disse :

« Come toro tal hor.....
Per vendicar il ricevuto ultragio,
Le corna abassa, e gli si lancia adosso. »

Canto IX. est. 63.

Salta, corre, *sibila*, acena, e brada.

Em todas as edições, que consultei li *sibila*; so a de Manuel Correa traz *assovia*; voz que não me parece tam poetica e euphonica como *sibila*.

Derriba, fere, mata, e põe per terra.

Assim escreveram este verso Manuel Correa, e o padre Aquino: outros editores accrescentaram-lhe uma conjunção :

Derriba, fere, e mata, e põe per terra.

De Camões se poderiam allegar muitos exemplos d'este genero; pois

nenhum outro poeta, entre nós, soube mais maravilhosamente exprimir com o som das vozes a natureza e propriedade das cousas, que tracta.

Est. LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria.

Fôia talvez mais regular a syntaxe d'esse verso escripto d'este modo :

Da furiosa e dura artilheria.

A *plumbea péla* mata, o brado espanta;
Ferido o ar retumba e *assovia*.

Assovia, e não *assobia* era a pronuncia dos nossos authores quinhentistas. Exemplo :

« Niso e Cilla crespos *assoviam*. »

LUIS PEREIRA, *Elegiada*, cant. 4.

No verbo *assovia* foi acertadissima e mui natural a permutação de *b* em *v*, para que o dito verbo imite a disposição dos labios, e o som, quando se fórma o silvo.

Est. XCI.

A pedra, o pau, e o *canto* arremessando.

Moraes no seu dictionario define a palavra *canto* pedra grande para esquadria, etc., e cita o seguinte exemplo colhido em Barros, *Decada* I :

« Com pedras, e *cantos* (que os Mouros atiravam) impediam a passagem per baixo. »

Da-lhe armas o furor desatinado.

Furor arma ministrat.....

VIRGILIO, *Eneida*, liv. I. v. 154.

Est. XCII.

Os pangaiois *sutis* da bruta gente.

Os nossos poetas quinhentistas tambem costumavam supprimir o *b* n'este, e outros adjectivos, para lhe amaciarem a pronuncia.

Est. XCIII.

Ficava a maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca, accesa :
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente *estriba* no segundo engano.

Este quarto verso ficaria mais cheio se se lêsse assim :

Somente *estribam* no segundo engano.

Est. XCV.

O capitão, que ja lhe então convinha
Tornar a seu caminho *acostumado*, etc.

Manuel Correa escreveu :

Tornar a seu caminho *costumado*.

Porém *acostumado* boleia melhor o verso.

E respondendo ao *messageiro* attento.

Eis o que um atilado critico escreveu tocante a essa voz :

« É com tudo bem singular a variedade, que acerca d' esta desinen-
cia *en* temos notado em algumas edições antigas : para exemplo, cita-
remos as palavras *message*, e *messageiro*, que em Barros, Frei Luis de
Souza, e outros, assim se acham impressas ; quando em todas as edições
das obras de Camões achámos *mensagem*, e *messageiro*. Estas palavras
vindo-nos da lingua franceza, que as formou das duas vozes latinas —
missum gerens ou *qui missum gerit*, messenger, — e *missum gestum*,
message, d' ellas igualmente fizeram os Italianos *messaggio* e *messaggiere* :
parece pois bem extraordinario que Camões, bom sabedor que foi não
so das linguas grega, latina, e da nossa, que tanto enriqueceu ; mas até
da italiana, e da franceza, como nol-o certifica Fernan' Alvares do
Oriente (*prosa vi, liv. 2. da Lusitania Transformada*) houvesse de
escrever *mensagem*, e *messageiro*, quando a propriedade de nossa
lingua, segundo Duarte Nunes de Lião, e a prova constante da etymolo-
gia nas palavras derivadas do latim, é de fugir o *n*. Devemos imputar a
amanuenses, e impressores anomalia tam desarrazoada, e não a Camões,
que certamente não teve a pertença de adulterar tal palavra com sons na-
zaes, nas syllabas primeira e ultima. Em quanto não apparecer algum
autographo de Camões, d' essa, e de outras poucas falhas em orthographia,
que se acham na primeira edição dos *Lusiadas* de 1572, não lhe fare-
mos cargo : e, quando fôra possibil apparecer com ellas, diriamos que,
alguma vez tambem pode dormir, qual outro Homero. »

Os seguintes exemplos confirmam a opinião do author d' esta nota :

« Vereis em agua uns olhos consumidos
Messageiros de amor não contrafeito. »

ANTONIO FERREIRA, *Soneto 51.*

« Suspiros *messageiros* da vontade. »

DIOGO BERNARDES, *Ecloga 1.*

Est. XCVIII.

E diz-lhe mais (co' o falso pensamento,
Com que *Sinon* os Phrygios enganou) etc.

Sinon foi o mais refochado e artificioso dos homens. Quando os Gre-
gos quizeram dar a intender que levantavam o cerco de Troia, *Sinon*
deixou-se tomar pelos Troianos, e disse-lhes « que os Gregos o quizeram
matar, e que assim vinha buscar asylo entre seus inimigos : » empregou
outras muitas razões para os ganhar a si, e obteve sua liberdade. Assim
que o cavallo de madeira esteve dentro na cidade, foi elle quem de
noite lhe abriu o bojo onde os Gregos jaziam escondidos ; e eis como lhes
entregou Troia.

EST. XCIX.

Que a *ilha* é possuída da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede.

A lição de Manuel Correa é :

Que a *terra* é possuída da malina, etc.

Aqui o engano, e morte lhe imagina.

Manuel Correa supprimiu o artigo *o*, e escreveu :

Aqui engano, e morte lhe imagina.

Porém a dita supressão torna este verso languido.

EST. CVI.

Que não se arme, e se *indine* o ceo sereno, etc.

Conservei esta lição de Manuel Correa, tanto porque assim pronunciavam esse verbo os quinhentistas, como também porque elle torna o verso sonoro; o que não acontece com *indigne*, qual se acha em outras edições.

CANTO SEGUNDO.

EST. I.

Ja n'este tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrando;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo, etc.

« Esta é uma das mais notaveis pinturas do pôr do sol que se acha na poesia, cuja phrase é summamente poetica e harmoniosa. O deus da noite abrindo a porta ao sol, é ideia sublime, e propria de um cerebro inspirado.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 293.

Quando as *infidas* gentes se chegaram
A's naus, que pouco havia que ancoraram.

Adoptei esta lição de Manuel Correa; porque o adjectivo *infidas*, sobre ser mais poetico, caracteriza melhor os Mouros, que o adjectivo *ingidas*, que se lê em outras edições dos *Lusiadas*.

EST. II.

D' *antre* elles um, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia, etc.

Eis como escreveu Manuel Correa o primeiro verso; mas *antre* em vez de *entre* torna o dito verso algum tanto aspero.

EST. III.

« Te roga, que de nada receioso,
Entres a barra tu, com toda a armada.

O artigo *a*, que alguns editores supprimiram antes do substantivo armada, é aqui indispensavel; pois satisfaz mais o ouvido na leitura total do verso em que se acha.

EST. IV.

« E se buscando vas mercadoria,
Que *produze* o aurifero Levante, etc.

Produze por *produz* foi licença poetica assás usada nos poetas quincentistas, como o confirma o seguinte exemplo :

« Vendo o famoso Souza que lhe falta
Mantimento, e que a terra o não *produze*, etc.»
JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*,
cant. 8.

EST. V.

« Que a mais, por tal senhor, *stá* obrigado.

Os nossos bons escriptores, nas palavras derivadas do latim, costumavam supprimir a vogal *e*, quando bem lhe parecia. Essa suppressão é aqui necessaria para a melodia do verso.

Duarte Nunes de Lião, na regra VI da sua *Orthographia da lingua portugueza*, corrobora o que acima fica dito. Eis os seus proprios termos :

« Não sigamos o abuso de acrescentar a todas as dicções latinas, que começam em *s* um *e*, fazendo-as sempre de mais uma syllaba, do que teem de sua colheita; porque dizem vulgarmente, *escrivão*, *esperar*, *espiritu*, etc., e outros infinitos; o que é grande erro, e má maneira de screver. E o que enganou aos vulgares foi que o *s* como é mais assovio que letra, dá uma apparencia de lhe preceder um *e*; mas os doctos, que são os que fazem o costume, não screvem assi. E assi vemos que os Italianos, e Francezes, que da mesma maneira tomaram dos Latinos as ditas dicções, não as screvem, nem pronunciam per *e*. Assi que hemos de dizer, *stado*, *studo*, *star*, *statua*, *spiritu*, *sperar*, *scriptura*, *scrivão*, etc.»

EST. VI.

Toda a suspeita, e cauta *phantesia*.

Os contemporaneos a Camões assim articulavam essa palavra. Exemplo.

« É Alcippe, ou m'engana a *phantesia*.»
ANTONIO FERREIRA, *Poemas Lusitanos*, eclog. 6.

EST. X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães, etc.

O Poeta allude aqui a Baccho, filho de Semele, a quem a ciosa Juno

aconselhou, durante a sua prenhez, pediu a Jupiter, pae do mesmo Baccho, se lhe mostrasse em toda sua gloria. Jupiter annuiu-lhe difficilmente ao pedido; porém a magestade do deus pegando fogo á casa, Semele pereceu nas chammas. Jupiter recolheu Baccho na barriga da perna, onde o guardou o resto dos nove mezes. Eis como elle teve duas mães.

EST. XI.

Alli tinha, em retrato, alfigurada
Do alto e Sancto Espiritu a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura.

« Seria per ventura mais feliz na expressão picturesca o pincel do Corregio, ou do Albano? Executariam elles este assumpto com mais bizarrria, com mais frescura de tinctas, mais suaves, mais expressivas? N'este genero de pintura é que Camões se mostra verdadeiramente grande, verdadeiramente inspirado.

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 155.

EST. XII.

Poem em terra os *giolhos*, etc.

Giolhos, e não *joelhos* é como se escrevia e pronunciava em tempo de Camões. Exemplo :

« Ouvindo o viso-rei tam boa nova,
Asenta-se em *giolhos*. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 14.

EST. XIII.

Da *moça* de Titão a roxa fronte.

« O uso vulgar tem hoje transferido a palavra *moça* da sua nativa significação para outra indecente e baixa. Assim não obrariamos agora bem se, como Camões, chamassemos á Aurora a *moça de Titão*, devendo antes denominar-a, segundo elle mesmo fez em outro lugar, *esposa de Titão*. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*.

EST. XVII.

E *com* esta traição determinavam.

Preferi essa lição de Manuel Correa por, alem de mais correcta em syntaxe, dar mor assonia ao verso. Outras edições trazem

E *n'* esta traição determinavam.

EST. XVIII.

Voa, do ceo ao mar, como uma setta.

Virgilio escreveu :

« *Illa volat, celerique ad terram turbine fertur :*
Non secus ac nervo per nubem impulsu sagitta. »

Eneida, liv. XII. v. 855.



EST. XX.

Doto co' o peito cortã, e atravessa, etc.

Em ambas as edições de 1572. lê-se *Cloto*, em vez de *Doto* (veja-se a advertencia, que antecede a rica edição de José Maria de Souza). É mui provavel que Camões tivesse aqui em lembrança o logar de Virgilio :

« *Mortalem eripiam formam, magnique jubebo
Æquoris esse deas : quales Nereia Doto
Et Galatea secant spumantem pectore pontum.* »

Eneida, liv. ix. v. 101, etc.

EST. XXI.

Nos hombros de um tritão, com gesto acceso,
Vai a linda *Dione* furiosa.

Dione é mãe de *Venus*, e filha do Oceano, e de *Tethys*; mas aqui toma-se pela mesma *Venus*.

EST. XXII.

Põe-se a deusa, com outras, em direito
Da proa *capitaina*, etc.

Capitaina, e não *capitania* é como os escriptores de bom seculo escreveram e pronunciaram. Exemplo :

« E chegando onde estava a *capitaina*, etc. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 16.

EST. XXIII.

Quaes pera a cova as próvidas *formigas*,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas;
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as *nymphas* estorvando,
A' gente portugueza, o fim nefando.

Imitação de Virgilio :

« *Ac veluti ingentem formicæ farris acervum
Cum populant, hyemis memores, tectoque reponunt;
It nigrum campis agmen, prædamque per herbas
Convectant calle angusto,* etc. »

Eneida, liv. iv. v. 402.

EST. XXV.

A *medonha celeuma* se alevanta.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, para evitar o conjuncto desagradavel *ma me* no seguinte verso de outras edições :

A *celeuma medonha* se alevanta.

EST. XXVI.

Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua, e a nado se acolhiam.

Eis a nota que o erudito editor da edição Rollandiana escreveu acerca do segundo verso aqui citado :

« Todas as edições , ainda as tidas por mais puras, lêem :

Saltando n'agua, a nado se acolhiam.

Pareceu-nos com tudo que a pequena alteração feita n'este verso por meio do accrescentamento de uma virgula, e da conjunção e o tornava mais digno do reconhecido bom juizo do Poeta ; visto ser muito possivel haver aqui falta typographica. »

Est. XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As rãs, etc.

O Arlosto disse :

« Como dà verde margine di fossa,
Dove trovato havean lieta pastura
Le rane soglion far subita mossa,
E nel l'acqua saltar fangosa e escura,
Se dà vestigio human l'herba percossa,
Ostrepito vicin lor fa paura. »

Aditamento ao Furioso, est. 62.

Est. XXXV.

Se lh'apresenta assi como ao Troiano,
Na selva Idea, ja se apresentara.

Esse Troiano foi Páris, ante quem Venus se apresentou nua para melhor ganhar o premio da belleza.

Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana n'agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram, etc.

Foi Acteon convertido em veado, e espedaçado per seus proprios cães.

Est. XXXVI.

Da alva *petrina* flammis lhe saiam.

Moraes diz, citando este verso de Camões, ser a *petrina* o logar onde se ella aperta; isto é, a cintura.

Em uma poesia d'Arnaud de Marueil :

Dona genser, acha-se
Mento e gola e *peitrina*
Blanca co neus ni flor d'espina.

Mas o Tasso, que traduziu quasi o 5º e 6º verso d'esta estancia, intendeu bem essa palavra, dizendo :

« Mostra il bel *petto* le sue neve ignude,
Onde il foco d'amor si nutre e desta. »

Da alva *petrina* flammis lhe saiam.

« Os nossos bons poetas servem-se de multos termos novos e *alatina-*

dos, querendo antes innovar palavras, do que usar das *prosaicas* e *ordinarias*, como improprias da pompa e galhardia poetica.

Causará não pequeno embaraço aos pouco exercitados na poesia differençar as vozes *prosaicas* das *poeticas*. Em geral devem estes advertir, que as palavras então se julgam *poeticas*, se forem bellas, polidas e harmoniosas, e não vulgarmente usadas na prosa, e muito menos triviaes e familiares aos discursos do povo.

Porém, o que sobre tudo poderá dar este conhecimento, é a frequente lição dos nossos melhores poetas, particularmente a de Camões; per cujo meio se vai pouco a pouco aprendendo a *linguagem poetica*, do mesmo modo que se aprendem as linguas estrangeiras, quando se procura sabel-as.»

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*, pag. 74 e 75.

EST. XXXVII.

O veo, dos roxos *lirios* pouco avaro.

Em algumas edições dos *Lusiadas*, e bem assim em outras obras de antigos poetas e prosadores, achei escripto este substantivo com *y*, porém sendo notorio que elle procede do *lilium* dos Latinos, para conservar-lhe a orthographia etymologica, mudei o *y* em *i*. Assim vem no dictionario de Moraes, e assim anda ja impresso em bons livros modernos.

EST. XXXVIII.

E mostrando no angelico *sembrante*, etc.

Não adoptei o verso assim escripto per Manuel Correa; porque em tempo de Camões ora se escrevia e pronunciava *sembrante*, e ora *semblante*.

Semblante é aqui mais conveniente que *sembrante*.

Que se *aqueixa*, e se ri n'um mesmo instante, etc.

Manuel Correa escreveu :

Que se *queixa*, e se ri n'um mesmo instante.

Mas a voz *aqueixa* torna o verso mais cónsono.

EST. XLI.

« Mas *moura* emfim nas mãos das brutas gentes.

Moura por *morra* foi mui usual nos poetas quinhentistas. Exemplo :

« Porque, senhora, vas assi queixosa
De mi, que por amar-te *mouro* ardendo?»

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*,
cant. 7.

EST. XLII.

Co' o *vulto* alegre, qual de ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro.

Imitação de Virgilio :

« Vultu, quo caelum tempestatesque serenat. »

Eneida, liv. I. v. 259.

EST. XLIII.

E co'o seu, apertando o rosto amado,
Que os *saluços*, e lagrymas augmenta, etc.

Saluços, e não *soluços* é como se dizia no seculo de quinhentos.

Exemplo :

« Da grave e interna dor, que n'ella mora,
Dando os olhos cançados e serenos
Claro signal, a voz ja não podendo
Por *saluços* a estarem interrompendo. »

LUIS PEREIRA, *Elegiada*, cant. 6.

As outras edições trazem *soluços* como agora se escreve e articula.

Que *quem o* afaga, o choro lhe accrescenta.

Esta lição de Manuel Correa, e do padre Aquino parece-me mais correctá,
que est' outra que se lê em algumas edições :

Que *quem no* afaga, o choro lhe accrescenta.

Os editores deviam escrever este verso do seguinte modo:

Que *quen o* a afaga, o choro lhe accrescenta.

EST. XLV.

« E se *Antenor* os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo, etc.

Imitação de Virgilio :

« *Antenor potuit....*
Illyricos penetrare sinus, atque intima tutus
Regna Liburnorum et fontem superare Timavi.

Eneida, liv. I. v. 246, etc.

« Os vossos, mores cousas *attentando*,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Aqui a voz *attentando* deve ser tomada no sentido de *emprendendo*,
segundo Moraes. Na edição de Craesbeeck, lê-se :

Os vossos, mores cousas *intentando*, etc.

Barros, *Decad.* I, liv. IV, cap. II, diz :

« Uma nação (a portugueza) a que Deus deu tanto animo, que se tivera
creado *outros mundos*, ja la tivera mettido outros padrões de victoria. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 303.

EST. XLVII.

« Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema, e ferva o mar, em calma estando !

Castanheda, na sua *Historia da India*, liv. VI, cap. 71, conta o tal
caso do modo seguinte :

« e perto da costa d'ella (India) uma noite dos seis dias de sep-
tembro, ao quarto d'alva, tremeu o mar muito rijo, e per bom espaço : e

pola primeira vez se cuidou na frota que dava em alguns baixos de pene-
dia, até que cabiram no que era. »

EST. XLIX.

« Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas *setlas* traspassado.

« Acharam-se muitos corpos dos mesmos Mouros (refere-se a uma ba-
talha naval que lhe deu Afonso d'Albuquerque ante Ormuz) atravessados
com suas proprias frechas, sem entre os nossos haver algum, que tirasse
com arco de que elles usam. »

BARROS, *Decada* II, part. I. liv. II. cap. 3.

EST. L.

« Invejoso vereis o *gran'* Mavorte
Do peito lusitano fero e horrendo.

Gran' contracção de *grande*. Em bons manuscriptos portuguezes
acha-se *gran*, *gram*, ou *grand*. Hoje té nas melhores edições vê-se este
adverbio representado pela palavra *grão*, que corresponde a *granum* em
latim, ou a *grain* em francez. Tambem se n'ellas encontra *grão* rainha,
grão Pacheco, *grão* Moisés, etc. Na edição das poesias de Pedro de An-
drade Caminha, publicada pela Academia, em 1791, notam-se a paginas 28,
e 29, os seguintes versos :

« Mil vezes ouvirás que *não* he tanto
Gram nome, como *grão* merecimento.
Nom Julios, *nom* Augustos, *nom* Trajanos. »

E outras mais anomalias, e erros, que não menciono.

EST. LII.

« E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto *um* peito *suberbo* e insolente.

Falla aqui o Poeta do grande Duarte Pacheco. (V. cant, 1º, est. XII,
e XXV.)

EST. LIII.

« Nunca com Marte instructo e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis actias guerras animoso,
O *capitão* venceu romano injusto;
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra scythico e robusto
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da *Egyptia* linda e não pudica.

Esse *capitão* foi Marco Antonio, e a *Egyptia* foi Cleopatra.
Camões teye em vista este logar da *Eneida*, liv. VIII, v. 685, etc. :

« *Hinc ope barbaricâ, variisque Antonius armis
Victor, ab Auroræ populis et littore rubro,
Ægyptum, viresque Orientis, et ultima secum
Bactra vehit; sequiturque, nefas! Ægyptia conjux.* »

EST. LIV.

« Levando o *idololatra*, e o Mouro preso.

Algumas edições trazem *idololatra*, voz que não achei em nenhum poeta quinhentista, e a qual attribuo a erro typographico; isto é, ás letras *lo* de mais.

EST. LV.

« Nem das boreaes ondas ao Estreito
Que mostrou o *aggravado Lusitano*.

Foi Fernando de Magalhães; o qual, no anno de 1520, descobriu o Estreito ao Sul da America, e elle tomou o seu appellido.

EST. LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra.

Camões allude aqui a Mercurio.

EST. LVII.

Ja pelo ar o *Cylleneu* voava :
Com as asas nos pés á terra dece ;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece :
Com esta, as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece.

É ainda Mercurio. Virgilio na *Eneida*, liv. IV, v. 242, etc., diz :

« *Tum virgam capit : hęc animas ille evocat Oreo
Pallentes, alias sub Tartara tristia mittit ;
Dat somnos adimitque, et lumina morte resignat.
Illa fretus agit ventos, et turbida tranat
Nubila.....* »

EST. LVIII.

De ver da gente forte o gesto, e modo.

Esse verso ficaria mais cheio e correcto, se assim andasse escripto :

De ver da gente forte o gesto, e o modo.

EST. LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo : « *Fuge, fuge*, Lusitano,
Da cilada, que o rei malvado tece, etc.

Os nossos antigos escriptores ora diziam *fuge*, e ora *foge*. Camões exprime-se de ambos os modos, assim como ora diz *imigo*, ora *inimigo*, etc. Jeronimo Corte Real disse tambem :

« Ah *fuge, fuge* a terra perigosa! »

Naufragio de Sepulveda, cant. 15.

Imitação de Virgilio :

« *Heu ! fuge crudeles terras, fuge littus avarum !* »

Eneida, liv. III, v. 44.

EST. LXII.

« As aras de *Busiris* infamado, etc.

Imitação de Virgílio :

« *Aut illaudati..... Busiridis aras.* »

Georgicas, liv. III. v. 5.

EST. LXIII.

« La quasi juncto d'onde o sol ardendo,
Iguala o dia, e noite em *cantidade*.

Refere-se Camões á cidade de Melinde, a qual jaz em 3°, 9' de latitude austral.

Cantidade, segundo a pronuncia dos nossos antigos poetas, por *quantidade*, volve este verso mais euphonico.

EST. LXIV.

Isto Mercurio disse; e o somno leva
Ao capitão, etc.

Virgílio escreveu :

« *Dat somnos adimitque.....* »

Eneida, liv. IV. v. 244.

EST. LXV.

Alevanta-se n'isto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de outra banda;
Levam, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a *ruda* força, que se estima.

Manuel Correa escreveu :

Mostrando a *rude* força, que se estima.

Porém o adjectivo *rude* não torna o verso tam onomatopico como *ruda*. Este ultimo é usado pelos poetas contemporaneos a Camões. Eis um exemplo :

« Alli a minha (lingua) que tu ves tam muda
Praticando entre aquelles aldeãos,
Será havida por branda, e não por *ruda*.

DIOGO BERNARDES, o *Lima*, carta 12.

EST. LXX.

Porém dizem-lhe todos « que *teem* perto
Melinde, onde *acharão* piloto certo. »

A quem fallavam esses Mouros, a Vasco da Gama, ou aos Portuguezes todos que se achavam em a nau? Eu penso que elles endereçavam a voz somente ao capitão. Em tal caso, como pode aqui ter logar o verbo *acharão*? Não é este mais um erro typographico que mancha as edições dos *Lusiadas*? Parece-me pois que os citados versos devem ler-se :

Porém dizem-lhe todos « que *tem* perto
Melinde, onde *achará* piloto certo. »

Tanto mais, que na estancia LXXI Vasco da Gama..... partia

Pera onde o *sonho*, e o *Mouro lhe dizia*.

Est. LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea;
Quando *um*, e outro *cornio* *lhe aquentava*;
E Flora derramava o de Amalthea.

Petrarca disse, cap. I :

« Scaldava *il sol* *gia l'uno e l'altro cornio*. »

A memoria do dia renovava
O pressuroso sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O selo poz a quanto tinha feito.

Foi em Domingo-de-Pascoa; o qual n'esse anno de 1498 respondia a 5 d'abril.

Est. LXXIV.

Enche-se toda a praia melindana
Da gente, que vem ver a leda armada.

Esta lição de Manuel Correa é preferivel a est' outra que se lê em algumas edições :

De gente, que vem ver a leda armada.

O sentido é mais conforme á boa syntaxe, e o verso fica mais cheio.

Est. LXXVI.

São *offerecimentos verdadeiros*.

« Este verso é fraco e prosaico, por Camões ter usado n'elle duas palavras mui grandes; pois como o accento em dicções taes escassamente se percebe, d'ahi vem ser o verso pouco sonoro. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*.

Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as *fruitas*, que então na terra havia.

Fruitas, e não *fructas* é como fallaram e escreveram os contemporaneos a Camões. Exemplo :

« Não amas Phyllis ja a quem trazias
Na doce primavera, doces *fruitas*. »

DIOGO BERNARDES, o *Lima*, ecloga 4.

Est. LXXVII.

Escarlata purpurea, côr ardente.

Escarlata, panno de fina lã carmesim.

O ramoso *coral*, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E, como é fóra d'ellas, se endurece.

Ovidio disse :

« *Sic et coraliū quo primūm contigit auras
Tempore durescit, mollis fuit herba sub undis.* »

Est. LXXX.

« Não somos roubadores, que passando, etc.

Camões imita aqui Virgílio :

« *Non nos aut ferro Libycos populare penates
Venimus, aut raptas ad littora vertere prædas.* »

Eneida, liv. I. v. 531 e 532.

« A ferro , e a fogo as gentes vão matando.

Manuel Correa escreveu :

« A ferro , e fogo as gentes vão matando.

Est. LXXXI.

« Que geração tam dura ha *hi* de gente, etc.

Virgílio disse :

« *Quod genus hoc hominum? Quæve hunc tam barbara morem
Permittit patria? Hospitio prohibemur arena!
Bella cient, primūque vetant consistere terra.* »

Eneida, liv. I. v. 543, etc.

Hi por *ahi* foi muito usado nos antigos tempos, e até nos modernos, alguns bons poetas, e prosadores o empregaram, como se colhe dos exemplos seguintes :

« Crer que outra cousa ha *hi* de mor espanto. »

ANTONIO FERREIRA, *Soneto* 8.

« Que homem ha *hi* tam bronco em nossa historia,
Que ignore as perdas que custou á lingua
O reinado da insipida ignorancia? »

FRANCISCO MANUEL, *Poesias*, tom. I.

« Não ha *hi* cousa, que estando em meu poder, eu não faça. »

BARROS, *Clarimundo*, f. 6.

Est. LXXXII.

« E aquella certa ajuda em ti esperámos,
Que teve o perdido *Ithaco* em *Alcino*.

Foi *Ulysses*, a quem esse rei dos *Pheacos* acolheu em sua casa humanissimamente.

Est. LXXXIII.

« E não cuides, o' rei, que não sahisse
O nosso capitão esclarecido
A ver-te, e a servir-te, etc.

Assim escreveu Manuel Correa este terceiro verso. Outras edições trazem :

« A ver-te, ou a servir-te.

EST. XC.

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos *cometas* imitando.

« Na figura apparente, assemelha-se na cauda um foguete-do-ar a um *cometa*; e, esta symbolidade, deu fundamento ás translações, que chamaram *cometas* aos foguetes. O nosso Camões, relatando as festas, que fez o seu heroe no porto de Melinde, assim nomeia esse meteoro da arte.

Mas parece que as tinctas d'esta descripção foram tomadas das que usou Lucrecio, pintando a estrella da alva:

« *Rubrum tremulis jubar ignibus.* »

Livro IV.

É sem dúvida que a proporção d'esta metaphora se tomou d'aquella setta, que voou do arco de Acestes, nos Jogos de Sicilia:

« *Volans liquidis in nubibus arsit arundo*
Signavitque viam flammis.....

VIRGILIO, *Eneida*. liv. v.

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

EST. XCI.

A grita se *alevanta* ao ceo, da gente.

A edição de Manuel Correa traz:

A grita se *levanta* ao ceo, da gente.

EST. XCV.

Cabaia de damasco rico e dino, etc.

Roupa apertada no corpo, e comprida até o artelho.

Onde a materia da obra é superada.

Ovidio disse:

Materiam superabat opus.....

Metamorphose, II. v. 5.

EST. XCVI.

De *aspero* som *horrissimo* ao ouvido.

O verso ficaria mais poetico e digno de Camões se, em logar do superlativo *horrissimo*, tivesse:

De *aspero* som *horrisono* ao ouvido.

EST. XCIX.

Tal o fermoso esmalte se mostrava,
Dos vestidos olhados junctamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

Admira-se, felizmente executado n'esta imagem como Camões (que em tal artificio foi incomparavel) nos põe diante dos olhos a variedade das

alegres côres, de que iam vestidos os que em Melinde acompanharam o Gama nas vistas, que teve com o rei.

Virgilio disse :

«..... *ceu nubibus arcus*
Mille trahit varios adverso sole colores.

Eneida, liv. v. v. 88.

EST. CI.

O Mouro o gesto, e o modo lhe notava.

Pedro Craesbeeck escreveu :

O Mouro o gesto, e modo lhe notava.

EST. CIV.

« O' tu, que so tiveste piedade,
Rei *benino*, da gente lusitana, etc.

Benino, como pronunciavam nossos classicos, volve este verso mais euphonico que *benigno*.

A *beneficencia* ou se engrandece, ou se diminue. Engrandece-se de tres modos : 1° Pela qualidade da pessoa, a quem se faz o *beneficio*, se é desvalida, ou se acha na extrema indigencia. 2° Pela natureza do mesmo *beneficio*, quando é importante, difficil de conseguir, extraordinario e inesperado. 3° Pela pessoa que o faz, quando ella é a primeira, unica, ou a que para elle mais contribue.

Essas tres circumstancias fazem avultar o *beneficio*, que o Gama agradece ao rei de Melinde, nas estancias CIV e CV.

EST. CV.

« Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama, e gloria
Viverão teus louvores em memoria.

Virgilio disse :

« *Dum juga montis aper, fluvios dum piscis amabit,*
Dumque thymo pascentur apes, dum rore cicadæ,
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt. »

Ecloga v. v. 76.

EST. CVII.

Mas *depois* de ser tudo ja notado
Do generoso Mouro, etc.

Manuel Correa escreveu :

Mas *depois* de ser tudo ja notado
Do generoso Mouro, etc.

Porém *depois*, e não *depois*, era como fallavam e escreviam os quinhentistas. Exemplo :

« Crescia a grossa espiga, e se segava
Depois que ja quebrava de madura. »

FERREIRA, *Ecloga* I.

EST. CX.

« Vendo os costumes barbaros alheios ,
Que a nossa Africa *ruda* tem creado.

Na edição de Pedro Craesbeeck lê-se :

« Que a nossa Africa *rude* tem creado.

EST. CXI.

« Que quem ha , que per fama não conhece
As obras portuguezas singulares ?

Virgilio , na *Eneida* , liv. I , v. 569 , etc. disse :

« *Quis genus Æneadum, quis Trojæ nesciat urbem,
Virtutesque virosque, aut tanti incendia belli?
Non obtusa adeò gestamus pectora Pæni,
Nec tam aversus equos Tyriâ Sol jungit ab urbe.* »

« Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol , pera julgares
Que os Melindanos teem tam rudo peito ,
Que não estimem muito um grande feito.

O discurso do rei melindano é qual convem a um príncipe, do qual Oso-rio diz :

« *In omni autem sermone princeps ille non hominis barbari specimen dabat, sed ingenium et prudentiam eo loco dignam præ se ferebat.* »

De reb. Emmanuelis.

EST. CXII.

« Com guerra vã, o Olympo claro e puro, etc.

« Phrase propria da magestade epica, nascida da leitura do grande Epico latino, nos seguintes logares da *Eneida* , livro X , v. 1.

« *Panditur interea domus omnipotentis Olympi.* »
Abre-se em tanto a casa refulgente
Do soberano Olympo omnipotente.

« Tentou *Pirithoo* , e *Théseu* , de ignorantes,
O reino de Plutão *horrendo e escuro*.

« Esta pintura tem todos os caracteres necessarios para inspirar horror, por virtude dos dous epithetos , e accentuação longa da sexta cesura ; de sorte que elegancia e harmonia concorrem para fazer a energia de uma pintura ideal ; milagre so concedido aos grandes genios. O primeiro verso parecerá duro a quem não reflectir, que o nome *Theseu* está accentuado, não como nós usámos agora, mas sim á maneira dos Gregos, e Latinos, onde sempre foi dyssyllabo com a primeira longa, conforme a natureza da prosodia grega, onde o *eta* foi sempre longo. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse* , pag. 234.

Theseu baixou aos infernos com *Pirithoo* para o ajudar a roubar Proserpina ; mas foi ahi condemnado per Plutão a ser amarrado a uma pedra,

onde se conservou , até que Hercules , enviado per Eurystheu , o veio pôr em liberdade.

Est. CXIII.

« O desejo de um nome *avantajado*.

Manuel Correa disse :

O desejo de um nome *aventajado*.

CANTO TERCEIRO.

Est. I.

Assi o claro inventor da medicina ,
De quem Orpheu pariste , o' linda dama ,
Nunca por Daphne , Clycie , ou Leucothoe ,
Te negue o amor devido como *soe*.

Soer por *costumar* foi mui usado dos classicos ; e , modernamente , pelos que melhor os imitaram , como assás o mostram estes exemplos :

« Aquelle sol fermoso , que na serra
Nos *soe* amanhecer , vós o encobristes. »

ANTONIO FERREIRA , *Soneto* 13.

« Qual *soe* entre as estrellas
De Venus distinguir-se a luz graciosa. »

DINIZ , *Poesias* , tom. III. pag. 257.

Est. II.

Deixa as flores de Pindo , que ja vejo
Banhar-me Apollo n' agua soberana.

« Não ha palavras que assás possam louvar a belleza d'estas expressões verdadeiramente filhas do enthusiasmo. Que versos ! que admiraveis versos ! que amabilissima poesia ! As expressões d'estes *dous hendecasyllabos* são todas symbolicas , e o estylo é.... um estylo divino. »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analyse* , pag. 125.

Senão direi , que tens algum *receo*
Que se escureça o teu querido *Orpheo*.

Acceltei esta lição de Manuel Correa ; porque se adapta melhor á pronuncia dos contemporaneos a Camões. Exemplos :

« Um desce attentamente com silencio ,
Outro seguindo vai os mesmos passos ,
Ficando do terceiro o triste esp'ritu
Com medroso *receo* trabalhado. »

JERONIMO CORTE REAL , *Cerco de Dia* , cant. 12.

« Mas com que nova dôr , com que brandura
Chorariam *Orpheo* , e a consorte. »

DIOGO BERNARDES , o *Lima* , carta 26.

Algumas edições trazem *receio*, e *Orpheio*, rhyrna forçada e alheia á pronuncia classica.

EST. III.

Promptos estavam todos *escuitando*
O que o sublime Gama contaria.

Escuitar, e não *escutar* era usual nos classicos. Eis um exemplo :

« D'estes *escuita* tu o doce canto. »

DIOGO BERNARDES, *o Lima*, carta 7.

EST. VI.

« Entre a zona, que o cancro senhorea,
Meta septentrional do sol luzente;
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a suberba *Europa*, etc.

« Considerando os philosophos e geografos, a esta similhaça o mundo, fazem do Oriente a mão direita, do Occidente a esquerda, e do Pólo arctico a cabeça; e, a este respeito, *Europa* está na parte superior, presidindo ás mais, como cabeça de todas.»

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sítio de Lisboa*, pag. 7.

EST. IX.

« Ao campo *damasceno* o perguntara.

N'esse campo (segundo dizem) formou Deus Adão e Eva.

EST. XII.

« Onde co'o Hèmo, o Rhódope sujeito
Ao Othomano está, que *sumettida*
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande *Constantino*!

Aqui a voz *sumettida*, qual a pronunciavam os nossos classicos, torna o verso mais harmonico que *sobmettida*.

« Tendo *Constantino* determinado de não viver em Roma, e buscando um sitio capaz do seu grande imperio, deixando os fundamentos, que tinha ja lançado juncto do antigo Ilion, veio edificar a grande e nobilissima cidade de Constantinopla, que perdeu d'alli per diante o antigo nome de *Byzancio*. »

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sítio de Lisboa*, pag. 10.

EST. XIII.

« Logo de *Macedonia* estão as gentes.
A quem lava do A'xio a agua fria:
E vós tambem, o' terras excellentes
Nos costumes, ingenhos e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes
E os juizos de alta phantasia, etc.

Sannazaro no seu poema *de Partu Virginis*, lib. 2º, disse :

«*Qua Macedum per saxa ruit torrentibus undis (Auxius),
Antiquæ Grajorum urbes, gens optima morum
Formatrix, clara ingeniis et fortibus ausis.*»

«Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos per armas, que per letras.

Manuel Correa escreveu :

«Com que tu, clara Grecia, o ceo penetras.

Est. XIV.

«Onde *Antenor* ja muros levantou.

Allude Camões á cidade de Padua, fundada per *Antenor*, Troiano, que escapara á ruina de Troia. Virgilio disse :

«*Hic tamen ille urbem Palavi, sedesque locavit
Teucrorum, et genti nomen dedit, armaque fixit
Troia.*

Eneida, liv. I. v. 251, etc.

Est. XV.

«Co's muros *naturaes* per outra parte.

Polybio denomina os Alpes *muros da Italia*.

Est. XVII.

«Eis-aqui se descobre a nobre *Hespanha*,
Como cabeça alli da Europa toda.

É a *Hespanha* limitada ao Norte pelos Pyreneus, que a separam da França; ao Levante pelo Mediterraneo; ao Meio-dia pelo Estreito de Gibraltar; ao Poente pelo reino de Portugal, e pelo Oceano atlantico: seu comprimento orça a duzentas sessenta e algumas leguas, do Sudoeste ao Nordeste: sua largura abrange cento e setenta leguas.

«Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe *noda*.

«Os nossos antigos quasi sempre diziam *noda*; e assim devêra ser, visto ser o termo latino *nota*, mudado o *t* em *d*: costume antigo nos que formavam o idioma; os quaes convertiam as consoantes asperas, em outras de mais suave pronunção, que a ellas correspondessem.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 205.

Est. XVIII.

«Onde o sabido *Estreito* se ennobrece
Co' o extremo trabalho do *Thebano*.

Gibraltar, a quem os Mouros chamaram *Ghíblaltath*; nome que significa *monte-da-entrada*; isto é, a chave d'essa porta pela qual o Oceano entra no Mediterraneo. O *Thebano* foi Hercules.

Est. XXI.

« Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual se o ceo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empresa ja acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.

« Aqui se ve que *luz* está significando *vida*, por virtude da metaphora. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 24.

« Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou *Lysa*, etc.

Lysia, ou *Lysias*, do qual se disse tambem o reino *Lysitania*: governou so 20 annos, em que fez reinar a torpeza e as delicias. Morreu anno de 2653.

Est. XXII.

« D'esta o *pastor* nasceu, que no seu nome
Se ve, que de homem forte os feitos teve.

Viriato Lusitano, de *pastor*, por desesperado, se fez bandoleiro, por valor, capitão. Testimunha da cruel tyrannia dos Romanos, larga o cajado pola espada. Defensor da patria, venceu a Vetillo, mortos quatro mil Romanos no primeiro combate, dés mil no segundo. Ao pretor Caio Plancio mata quatro mil de cavallo, e o vence com valor outra vez. Vence e destroe o exercito do pretor Claudio Unimano, e o de Caio Nigidio. Venceu tambem a Quinto Fabio, consul. Foi igualmente vencido per *Viriato* o consul Fabio Emillano. Seis foram as principaes victorias de *Viriato*, que obrigou a Metello ajustasse com elle pazes. Quinto Fabio com os elefantes foi destroçado. Quinto Servilio, consul, tambem experimentou o valor dos Lusitanos: mas ganhou tres officiaes estrangeiros, que militavam com *Viriato*, para o degollarem de noite dormindo, depois de pôr terror aos Romanos mais de dés annos, pelos de 3864.

« Esta, o *velho*, que os filhos proprios come, etc.

É o *Tempo* ou *Saturno*: a cubiça que teve de reinar, foi causa de que accettasse a coroa de Titan, seu irmão mais velho, com condição de que não crearia filhos machos; mas que, apenas algum houvesse nascido, os devoraria. Rhea achou modo de subtrahir á sua crueldade Jupiter, Neptuno, e Plutão.

Est. XXVII.

« Ja tinha vindo *Henrique* da conquista
Da cidade Hierosólyma sagrada, etc.

« Passando o conde *D. Henrique* em Palestina, andou visitando aquelles sanctos logares onde Christo obrou nossa redempção, e pelejando com os inimigos da fe, com animo igual ao zelo, que o movera a partir de suas terras; pera as quaes se tornou, não a descansar, mas a emprender novas conquistas contra os Mouros, e contra os Lionezes que, sem causa, lhe inquietaram seus vassallos no tempo de sua ausencia. »

FREI BERNARDO DE BRITO, *Elogios historicos dos réis de Portugal*.

« Que não tendo *Gothfredo* a quem resista,
Despois de ter *Judea* sujejada, etc.

Gothfredo foi filho de *Eustachio*, e de *Ida*, duque de *Letena*: partiu para a *Judea* com um exercito de setenta mil infantes, e dês mil cavallos. Elle foi bem succedido; porque dentro de quatro annos se fez senhor primeiramente de *Nicéa* na *Bithynia*, depois d' *Antiochia* na *Syria*, e ultimamente de *Jerusalem* na *Palestina*; de que se fez coroar primeiro rei no anno de 1099.

EST. XXIX.

« Que em tanta antiguidade *nã* ha certeza).

Els como deve escrever-se esse verso para ficar certo. *Manuel Correa* deixou-o assim :

« (Que em tanta antiguidade *não* ha certeza).

N'outras edições lê-se d'este mesmo modo, mas sem parenthesis.

EST. XXX.

« Resolvidas as *causas* no conceito.

Manuel Correa escreveu :

Resolvidas as *cousas* no conceito.

Não será esta melhor lição? Ella acha-se em outras edições.

« Ao proposito firme *sigue* o effeito.

Camões, e os seus coevos declinavam o verbo *seguir*: *Eu sigo, tu sigues, elle sigue*, etc., *sigue tu*, etc. (Vejam-se *Rudimentos da grammatica portugueza*, per *Pedro José da Fonseca*, pag. 331).

EST. XXXI.

« Mas n' ella o sensual era o maior.

Outras edições trazem :

« Mas n' ella o sensual era maior.

Porém a falta do artigo *o* torna esse verso prosaico e frouxo.

EST. XXXII.

« *Scylla*, por uma, mata o velho pae.

(Vede *Ovívio*, *Metamorphoses*, liv. viii).

EST. XXXIV.

« Contra o tam raro e *ingente* Lusitano.

Esta lição de *Manuel Correa* pareceu-me mais adequada ao sentido da estancia, que est' outra que se lê em algumas edições :

Contra o tam raro em *gente* Lusitano.

EST. XXXV.

« Mas, com se offerecer à dura morte
O fiel *Egas* amo, etc.

O contexto d'esta oitava, e da seguinte, bem dão a ver quanto discordam os pareceres dos homens, segundo suas differentes idades; pois aquillo mesmó que o velho e prudente aio pactêa com o rei de Castella, sem attender mais do que ao util, não sofre entrada no altivo coração do principe mancebo.

Est. XXXVII.

« Que o principe a seu mando *sumetido*, etc.

Este verso, assim escripto per Manuel Correa, é mais euphonico que o seguinte, que se acha em quasi todas as edições dos *Lusiadas*:

« Que o principe a seu mando *sobmetido*.

Est. XXXVIII.

« E com seus filhos, e mulher se parte
A levantar com elles a fiança.

Preferi esta lição de Manuel Correa; porque ella evita o hiato, que fórman as duas vogaes *A a* no verso assim escripto:

A alevantar com elles a fiança.

Est. XXXIX.

« *Vês aqui* trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte.

« *Vês aqui*, vale o mesmo que *eis*, que é o *ecce* dos Latinos, como advertiu Manuel de Faria, e se mostra do mesmo Camões, cant. III, est. XXXVIII.

« ... *eis-aqui* venho offerecido

A te pagar co'a vida o promettido. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 240.

« De tormentos, de mortes pelo estilo

• De *Scinis*, e do touro de *Perilo*.

Scinis foi um famoso ladrão, que devastava os arrabaldes de Corintho. Atava os infelizes, que lhe cahiam nas mãos; aos ramos de duas grossas arvores, que havia dobrado, e abaixado té o chão; os quaes endireitando-se de subito, faziam pedaços os corpos dos taes infelizes. Theseu deu-lhe morte per meio do mesmo supplicio.

Perillo, homem de grande ingenho, originario d'Atthenas; o qual inventou a Phalaris tyranno um genero de tormento para matar os homens, a que era naturalmente pouco inclinado; e foi esse tormento um touro de metal, em cujo bojo mettidos os homens, e pôsto fogo debaixo, bramavam como touros. O primeiro que padeceu essa cruelissima morte foi o proprio artifice.

Est. XL.

« Qual diante do algoz o *condemnado*, etc.

Tasso pae disse:

« *Qual prigioner que la sentenza attenda.* »

Canto xv. est. 41.

E Ariosto :

« *Non piu di lei, che a ceppo a laccio, accorda.* »

Canto XLV. est. 66.

« Tal diante do principe *indinado*, etc.

Eis o que o erudito Moraes, no seu excellente dictionario, diz acerca do verbo *indinar*, e seus derivados : « Os nossos poetas classicos, e ainda os modernos, usam de *indino*, e outros vocabulos, que aliás se escrevem com *igno*; que os editores teem o cuidado de imprimir, sem attenção á rhyma consoante em *ino*, accrescentando-lhe o *g* antes do *n*. »

Est. XLI.

« Que mais o seu *Zopyro* são prezara,
Que vinte *Babylonias*, que tomara.

Zopyro, cortezão de Dariu, rei da Persia, volveu-se famoso pelo estratagemata de que usou para render a cidade de Babylonia cercada per esse monarcha. Após haver-se cortado nariz, e orelhas, apresentou-se assim mutilado aos Babylonios, dizendo-lhes « ser Dariu quem o maltractara d'aquella maneira. » Os Babylonios, na persuasão de que elle se vingaria de semelhante ultraje, confiaram-lhe a defensa de Babylonia; mas elle franqueou entrada a Dariu, após um cerco de 20 mezes.

Das grandes, ou maiores cidades que teve o mundo, foi *Babylonia*; porque (como diz Diodoro Siculo) « tinha de circuito 360 estadios. »

Est. XLII.

« Postoque em *força*, e *gente*, tam pequeno.

Todas as edições, que tive ante os olhos, trazem esse verso assim escripto; porém Manuel Correa deixou-o como se aqui lê :

« Postoque em *força grande*, tam pequeno.

Est. XLIII.

« Que tam pouco era o povo *bautizado*.

Os nossos bons authores escreviam e pronunciavam *bautizado*, e não *baptizado* como hoje. Exemplo :

« *Bautizada* (ambição) em zelo. »

PAIVA, *Sermões*, t. I. f. 87.

Est. XLIV.

« Seguem guerreiras damas seus *amigos*.

« O termo *amigo* não offerece, ao presente, a ideia de uma afeição licita entre os dous sexos. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*.

« Imitando a *fermosa e forte dama*,
De quem tanto os Troianos se ajudaram.

Foi a celebre Penthesilea, rainha das Amazonas; a qual, segundo os poetas, veio soccorrer Priamo em a guerra de Troia.

« E as que o *Thermodonte* ja gostaram.

São as Amazonas, moradoras, conforme a antiga opinião, juncto ás orlas do *Thermodonte*, rio do Ponto, na menor Asia; das quaes disse Virgilio:

« *Quales Threiciæ, cum flumina Thermodoontis
Pulsant, et pictis bellantur Amazones armis.* »

Est. XLV.

« A matutina luz serena e fria,
As estrellas do pólo ja apartava;
Quando na cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Elle, adorando a quem lhe apparecia,
Na fe todo inflammado, assi gritava:
« Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis! »

« Proseguiu el-rei D. Afonso as conquistas da Beira, e Estremadura portugueza: passou ao Alem-Tejo, aonde triumphou de cinco réis mouros, e quinze regulos, cujo principal imperador era Ismael, com infinita multidão de barbaros. Afonso cheio de piedade, e confiança em Deus, attendia á oração e lição sancta entre o maior estrondo das armas. Leu alta noite a victoria milagrosa de Gedeão, com trezentos homens sem armas, contra o formidavei exercito dos Madianitas. Elevou o pensamento ao ceo, fallou a Deus, e disse: « Senhor todo poderoso, bem sabeis que so para gloria do vosso adoravel nome tomei as armas contra os inimigos da fe: igualmente podeis dar a victoria a muitos ou a poucos. Se quereis que eu seja morto ás mãos dos inimigos, cumpra-se vossa vontade sancta. Se me concedeis a victoria, será vossa toda a gloria. » Adormeceu vestido, inclinada no livro a cabeça: viu em espirito o nuncio do Rei eterno, que lhe dizia: « Confia, que vencerás estes infieis; e o Senhor te manifestará sua misericordia. » A este tempo D. João Fernandes de Souza, camareiro do principe, o despertou, dizendo-lhe: « Ahi está um veneravel velho a procurar-vos. » Respondeu: « Entre, se é christão. » Tanto que o viu, conheceu ser o que na visão se lhe mostrara: ao qual ouviu dizer: « Tende bom animo, vencereis, e não sereis vencido. Sois amado per Deus, que tem pósto os olhos de sua misericordia em vós até a decima sexta geração, na qual, attenuada, outra vez obrará novos beneficios per effeito de sua piedade. Deus me envia, que ao toque da campainha da minha cella, esta noite, no deserto em que vivi entre os barbaros ha sessenta annos, guardado pelo Senhor, vades sem testemunhas, gozar as maravilhas do Altissimo. »

. Venerou Afonso ao Senhor, e seu enviado. Disposto em oração, ao toque signalado foi; e viu de repente fóra dos arraiaes, ao nescente, um raio de luz mais brilhante que o sol, no meio vinha Jesu-Christo crucificado, aos dous lados anjos em fórma de mancebos resplandecentes, inclinados a adorar o Senhor. Largou armas e sapatos, prostrado em terra,

banhado em ternissimas lagrymas, exclamou : « Para que vindes a mim Senhor? quereis augmentar minha fe? N'ella educado desde o baptismo, que recebi menino, vos confesso Deus verdadeiro, Filho do Eterno Padre, e da Virgem Maria. Ide manifestar-vos aos infieis, para que todos em vós creiam. » Sem nada se turbar rogava ao Senhor confortasse seus vassallos. « Confia Afonso, lhe diz Christo da cruz : venho estabelecer os principios de teu reino sobre pedra firme : vencerás não so agora, mas sempre que tomares armas contra os inimigos da cruz. Acharás os teus alegres; acceta o titulo de rei, que te derem; pois eu (a quem so pertence edificar, e destruir os imperios) quero em ti, e teus descendentes estabelecer para mim um reino sanctificado, puro na fe, amavel na piedade, que d'elle seja levado meu nome ás nações estranhas. Para teus successores conhecerem quem lhes entregou o dominio, comporás as armas das cinco chagas, com que remi o genero humano, e dos dinheiros, com que fui vendido aos Judeus. »

AZEVEDO, *Epitome da Historia portugueza.*

EST. XLVII.

« Qual c'os gritos e vozes incitado
Pela montanha, o rábido molosso. »

Luis Alamani disse :

« qual jovine alan. . . . »

Avarchiade, canto XXIII.

E Tasso pae :

« Con quel furor che suol far gran molosso. »

Amadige, canto LXXXVII. est. 43.

EST. XLVIII.

« Tal do rei novo o *estamago* accendido, etc. »

É incrível a irregularidade, que reina em todas as edições dos *Lusíadas*! A Rollandiana diz, n'este verso, *estamago*, e na estancia XXXIX do canto I, *estomago* (animo, intenção).

« Levantam n' isto os perros o alarido
Dos gritos; *tocam arma*; ferve a gente. »

Adoptei esta lição de Manuel Correa; porque ella evita o hiato *á arma*; (qual trazem algumas edições) e porque assim se lê em outros bons poetas. Exemplo :

« Toca *arma* em Calecut o povo adusto. »

MENEZES, *Malaca conquistada*. liv. 1. est. 14.

« *Tubas soam*,
Instrumentos de guerra tudo *atroam*. »

O *z* é imagem de um som mudo e obtuso, como o mostra o exemplo citado; no qual, á imitação de Virgilio, Camões junctou em grande copia o *t*, o *u*, e o *r*, para assim arremedar o proprio toque das trombetas.

EST. XLIX.

« Bem como quando a *flamma*, que ateadá, etc.

Bernardo Tasso disse :

« *Como talor dal ciel caduto foco
In secca selva.* »

Canto LXV, est. 33.

EST. LI.

« Alli se vêem encontros temerosos,
Pera se desfazer uma alta *serra*.

O benemerito corrector e annotador da edição Rollandiana de 1843, escreveu, acerca d'este segundo verso, a seguinte nota :

« Na milicia antiga era designada pelo nome de *serra* o esquadrão formado de muitos angulos a modo de dentes de serra. (Vede Bluteau, *Diccionario*, etc.) E é provavelmente n'este sentido que o Poeta emprega aqui o vocabulo *serra* »

EST. LII.

« Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

Segui esta lição de Manuel Correa, por mais correctá que est' outra de José Maria de Souza :

« *Tornado carmesi* de branco, e verde.

EST. LIII.

« Desbaratado e roto o *Mouro* hispano.

Esta lição, que vem na edição publicada per Pedro Craesbeeck, no anno de 1631, é preferivel á seguinte, que se lê em outras :

« Desbaratado e roto o *Mauro* hispano.

Veja-se a sabia nota que, acerca de *Mouro* e *Mauro*, escreveu o editor da última edição Rollandiana dos *Lusiadas*.

EST. LV.

« *Scalabicaastro*, cujo campo ameno, etc.

Os authores designaram sempre, em latim, a villa de Sanctarem pelo vocabulo *Scalabicastrum*, e nunca per *Scabelicastrum* ou *Scabeli-castro*, como escrevem todos os editores dos *Lusiadas*. (Vede nota. 11, do canto III, na edição Rollandiana de 1843.)

EST. LVII.

« E tu, nobre *Lisboa*.
.
Obedeceste á força portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das boreaes partes foi mandada.

« Os primeiros habitadores, que occuparam *Lisboa* foram os Turdulos

antiguos. Depois os Romanos, introduzindo-se na Lusitania, fizeram sua a cidade de *Lisboa*.

Concluída a famosa batalha de Munda contra os filhos de Pompeio, se viu a nossa provincia pacificada com a presença do imperador Julio Cesar, a quem *Lisboa* (ja n'aquelle tempo de grande nome) pelo proceder benefico do imperador, lhe deu homenagem. Tanto estimou Cesar este lance de obediencia que, para premio da cidade, e expressão do seu gosto, ou para melhor perpetuar sua fama, mandou que d'alli per diante *Lisboa* se denominasse *Felicitas Julia*; isto é, *Felicidade de Julio Cesar*; e que seus cidadãos gozassem o foro municipal, que consistia em poderem militar nas legiões romanas, gozando alli das honras que merecessem.

Lisboa foi depois possuída pelos Alanos, Vandalos, Suevos, Godos; e, a final, pelos Sarracenos.

Per esse meio tempo é crível que os Mouros corrompessem o nome antigo *Olysipo* da cidade, chamando-a *Lisibo*, por não terem no seu idioma uso da lettra P. Depois disseram *Lisiboa*, e ultimamente *Lisboa*, que hoje permanece. »

JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, *Mappa de Portugal*.

« El-rei D. Afonso (diz Duarte Galvão) tomou *Lisboa* na era de Cesar de 1184, no mez de outubro, que concorre com o anno de nosso Senhor Jesu-Christo, de 1147. O que eu acho certo, assi per esse Chronista, como principalmente per duas pedras, que na Sé de Lisboa estão. Uma mais antiga, e de melhor lettra, que está á porta do sol da Sé, da parte de dentro, que diz em versos latinos :

« Então se computavam os annos do Senhor, mil com cento e quatro vezes dês e quatro e tres, quando a cidade de *Lisboa* foi tomadas per os christãos, e per elles tornada á fe catholica. »

A outra está á mão direita da porta principal, no coberto, e diz o mesmo; salvo que accrescenta « que foi em dia dos sanctos martyres Crispino e Crispiniano. »

Eu tenho um breve summario dos réis Godos até el-rei D. Afonso Henriques, em latim, tal qual aquelles tempos usavam, e concerta com isto, não somente no anno e dia do mez, mas inda diz, « que era uma sexta-feira, á sexta hora do dia; havendo cinco mezes que el-rei a tinha cercado; isto é, desde junho até outubro. »

ANDRÉ DE RESENDE, *Historia de Evora*, cap. 13.

EST. LVIII.

« La do germanico A'lbis, e do Rheno,
E da tria Bretanha conduzidos
A destruir o povo sarraceno,
Muitos, com tenção sancta, eram partidos.
Entrando a bocca ja do Tejo ameno,
Co' o arraial do grande Afonso unidos,
(Cuja alta fama então subia aos ceos)
Foi posto cerco aos muros ulysseos.

» Na segunda-feira, depois do Espiritu-Sancto, entrando pela barra do

rio Douro , arribámos ao Porto , onde achámos o bispo d'aquella cidade que , com anticipada ordem d'el-rei , esperava alvoroçado a nossa vinda. Alli nos demorámos onze dias , aguardando pelo conde Arnaldo de Ardescot , e o Condestavel , que se haviam separado de nós , por causa da tempestade ; e , em todo este tempo , experimentámos no bom commodo dos viveres , com outras delicias , e refrescos do paiz , a benevolencia do rei.

Chegado o conde , e o Condestavel , fomos continuando a nossa viagem ; e , ao segundo dia de jornada , entrando pela foz do Tejo , na vigilia dos Apostolos san' Pedro , e san' Paulo , démos fundo em Lisboa ; cuja cidade , conforme a tradição das historias dos Sarracenos , foi edificada per Ulysses , depois da destruição de Troia : e está ella fundada com admiravel estructura de muros e tórres sobre um monte insuperavel ás forças humanas.

Assim que pozemos pés em terra , armámos barracas ; e , ajudados do favor Divino , em o primeiro de julho , tomámos os arrabaldes da cidade. Depois de varios assaltos contra as muralhas (não sem grande prejuizo de parte a parte) gastámos em preparar machinas até o primeiro de agosto.

Juncto da praia fabricámos duas sumptuosas tórres , uma para a parte do Oriente , onde se tinham aquartelado os Flamengos , outra na parte occidental , onde estavam alojados os Inglezes ; e fizemos tambem varias pontes para nos facilitar a entrada da cidade per cima dos seus muros.

No dia da invenção do Protomartyr sancto Estevão se começaram a mover para a bateria as machinas , e as naus ; porém rebatidas não so do vento contrario , mas dos instrumentos bellicos , com que nos sacudiam , nos retirámos com algum damno ; e no tempo que os nossos pugnavam com os Sarracenos , defendendo os Inglezes com menos vigilancia a sua tórre , não a poderam livrar do improviso incendio , que a abrasou.

Logo com certa machina começámos a romper a muralha ; o que vendo os Mouros , lançando per cima d'ella fogo oleoginoso , a reduziram a cinzas , experimentando-se então de parte a parte innumeravel mortandade , que causavam os arremessos das settas , e os tiros de outras armas offensivas. Quebrantados algum tanto os nossos com a derrota da machina , e da gente , se applicaram a fazer novos reparos , e ingenhosos artificios , esperando sempre da misericordia de Deus.

Padeciam n'esta occasião os Sarracenos dentro da cidade os effeitos da falta de viveres ; porque supposto que alguns se achavam com abundancia de mantimentos , se fecharam com elles de modo , que muitos dos miseraveis paizanos morriam á fome ; outros sem horror algum tragavam cães e gatos. A maior parte d'estes miseraveis se passavam aos christãos , pedindo que os baptizassem. Taes houve que desfallecidos sobre os muros , ja com as mãos cortadas , eram apedrejados pelos proprios. Outros muitos successos prosperos e adversos nos aconteceram , segundo permitem os varios movimentos da guerra : os quaes deixámos de referir por evitar prolixidade

Era dia da Natividade de Maria Sanctissima , quando certo Italiano , natural de Pisa , homem de grande industria , começou a edificar uma altissima tórre de madeira , no mesmo sitio onde se tinha queimado a dos

Inglezes; para cujo complemento concorrendo dispendio regio, e diligencia do exercito, se gastou todo o meado de outubro. Com igual actividade outro engenheiro fez grandes cavas per debaixo dos muros, cuja operação mal sofrendo os Mouros, fazendo occultamente uma saída, pelejaram com os nossos sobre a cava a peito descoberto, desde as dés horas da manhã até á tarde, em o dia festivo do Archanjo san' Miguel.

Porém os nossos, amparados com alguns frecheiros, que lhes resistiam, de tal sorte entupiram as passagens que, ao recolher-se os Mouros, apenas escapou algum d'elles sem golpe ou ferida; e continuando em abrir, e fundar a mina de dia e de noite, a acabaram de encher de madeiros no dia proprio, em que el-rei, junctamente com os Inglezes, vinha encostar aos muros a sua tórre. Pondo-se então fogo á mina, em a noite de san' Gallo abbade, ardendo a fachina, rebentou um lanço da muralha, cahindo d'ella quanto occupava o espaço de duzentos pés.

Ao estrondo da ruína, acordando os nossos, pegaram em armas, e acommettendo com grandes alaridos a brecha, esperavam que fugissem os que vigiavam, e guarneciam os muros: porém acudindo os Arabes em grande numero, se pozeram em defesa na parte, em que a eminencia de um monte fazia difficil a entrada: continuando todavia a combater desde a meia-noite até á hora nona do outro dia, em que finalmente os nossos fatigados, e bastantemente feridos, foram desamparando a peleja, a tempo que a tórre se ia appropinquando; de que o povo barbaro andava pelas ruas tumultuariamente vexado.

Chegou a tórre guarnecida de bellicosos soldados a sobreentestar com a muralha, quando dado signal, se viu ao mesmo tempo investir contra os Mouros, com maravilhoso assalto, o exercito da nossa parte, e os Lorenezes na cortadura dos muros. A soldadesca d'el-rei, que pelejava na fortaleza da tórre, atormentada com as descargas dos Sarracenos, se mostrou então com menos alento; de tal fórma que os Mouros, que saíram fóra dos muros, queimariam sem duvida a tórre, se alguns dos nossos que, per acaso tinham alli vindo, os não embaraçassem.

Como a noticia d'este perigo chegasse aos ouvidos do nosso exercito, se despediram promptamente os melhores batalhões d'elle para defenderem a tórre; por se não frustrar na perda d'ella a nossa esperanza. Vendo então os Sarracenos o grande valor com que os Lorenezes, e Flamengos subiram para a fortaleza da tórre, ficaram tam preocupados de mêdo que, arremessando os alfanges aos pés, mostravam as mãos desarmadas por signal da paz que pediam.

Com effeito, o alcaide-mor, ou o governador do castello, dispondo-se a partido com os nossos, pacteou em que recebessemos todas as alfaias preciosas de ouro e prata que possuíam, e que el-rei tomasse posse da cidade, e seus moradores com toda a mais terra, que lhe pertence: e assim se concluiu esta victoria, mais divina que humana, com a perda de duzentos mil e quinhentos Mouros, em dia das onze mil virgens.»

(*Carta latina d'ARNULFO, escripta ao bispo de Terona, MILON, em 1147.*)

Est. LXI.

« per onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando *lavã*, e Torres-Vedras.

(Veja-se a nota a este terceiro verso na edição Rollandiana ja citada.)

Est. LXIII.

« Onde ora as aguas nitidas de argento
Vêem sustentar *de longe* a terra, e a gente.

Esta lição de Manuel Correa pareceu-me mais conforme ao sentido de Camões ; pois allude aqui ao famoso aqueducto romano, que jaz fóra de Evora. Outras edições trazem :

« Onde ora as aguas nitidas de argento
Vêem sustentar *de longo* a terra, e a gente.

« Eis a nobre cidade.
.
Obedeceu per meio e ousadia
De *Giraldo*, que médos não temia.

« Partindo *Giraldo* do seu castello, descobriu aos de sua companhia o proposito que trazia de ganhar a cidade de Evora ; mandando-lhes que o aguardassem alli (n'um bosque) em quanto elle, sem nenhuma outra companhia, nem soccorro, ia descobrir as vélas de uma atalaya, que hoje se ve no outeiro de san' Bento, onde estava por sentinella um Mouro com uma filha sua ; e d'alli, quando sentiam algum rumor, faziam suas almenaras a outra tórre da cidade, e avisavam o que convinha. Cobriu-se *Giraldo* de ramas, por se não differençar de outro arvoredado, e chegou juncto da tórre, a tempo tam venturoso, que o Mouro dormia, e a filha encostada na janella da tórre, que olha pera o nascente, estava presa de um saboroso somno ; bem descuidada de quam perto tinha o fim da vida. Alegrou-se o animoso cavalleiro sobre modo, vendo quam bem se lhe encaminhavam suas cousas : e lançando de si a rama, de que vinha coberto, subiu com ligeireza notavel pela parede da tórre ; que não tem porta, nem outra nenhuma entrada mais que a janella onde a Moura estava, e se subia a ella per uma escada de mão, que se recolhia dentro, tanto que subiam as vélas ; e chegando á Moura, a lançou sobre os penedos, em que a tórre está fundada, com tal impetu, que logo perdeu a vida : e achando dentro em uma pequena abobada, que tem, o pae entregue ao somno, lhe tirou a cabeça de um golpe, levando-a junctamente com a da môça nas mãos, pera próspero indicio de sua boaventura : e animando seus companheiros, apartou alguns cento e vinte de cavallo, mandando-lhes que fossem fazer trilha contra aquella parte onde agora está fundada a casa de Nossa Senhora do Espínheiro, até ouvirem o rumor e gritos da cidade ; e elle, com o restante da gente, se foi direito á tórre da atalaya ; e subindo n'ella, fez signal com o fogo que accendeu, que havia christãos contra aquella parte. Respondeu-lhe a tórre da

cidade ; e logo se appellidou a gente toda, e o alcaide : pôstos em som de guerra, sahiu ao rebate , mandando primeiro suas escutas , e descobridores, de quem foi avisado « que havia gente de cavallo no campo, ainda que a trilha não era de muita cópia. » Então os cento e vinte , que foram fazer a trilha, dando-lhe pelas costas, os romperam, e pozeram em desbarato.

O retrato de *Giraldo* vestido de armas em seu cavallo, levando na espada nua espetada a cabeça do Mouro, e pendurada da mão esquerda a cabeça da filha, tomaram os Eborenses por brazão de sua notavel nobreza, e ainda hoje são as armas da cidade. »

FREI BERNARDO DE BRITO, *Chronica de Cister*,
liv. v. cap. 12.

EST. LXV.

« Sentiu-o a villa, e viu-o o *senhor* d'ella.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, por ser mais genuína que a seguinte, que se acha em outras edições :

« Sentiu-o a villa, e viu-o a *serra* d'ella.

(Leia-se a nota que a este verso fez o atilado editor da edição Rollandiana.)

EST. LXVI.

« Mas, qual no mez de maio o bravo *ouro*, etc.

Bernardo Tasso escreveu :

« *Come gagliardo indomito torello*, etc. »

Canto LV, est. 53.

« *Fuge* o rei mouro, e so da vida cura.

Todas as edições, que tive ante os olhos, apresentam este verso assim escripto. Mas se Camões, com todos seus contemporaneos, conjugava o verbo *fugir* : *eu fujo, tu fuges, elle fuge, fuge tu*, etc., como podia agora dizer n'esta estancia : *lhe foge* a vida ? Devemos attribuir tal irregularidade a descuido de copista ; tanto mais, que o nosso Poeta no canto III, oitava 61, ja tinha pôsto a seguinte exclamação na bocca de Mercurio :

« *Fuge, fuge* Lusitano
Da cilada, que o rei malvado tece.

EST. LXVII.

« Sendo estes, que fizeram tanto aballo,
No mais que so sessenta de cavallo.

Adoptei esta lição de Manuel Correa; porque os nossos antigos authores escreviam assim esta negativa, quando seguida do adverbio *mais*. Eis dous exemplos :

« Porque el-rei de Cambaia estava vinte
Leguas *no mais* d'alli. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 19.

« *No mais, no mais* agora afflicta Musa.

LUIS PEREIRA, *Elegiada*, cant. XI.

EST. LXVIII.

« Logo *sigue* a victória sem tardança.

O nosso Poeta, e os outros escriptores seus contemporaneos diziam :
Eu sigo, tu sigues, elle sigue, e não segue como hoje.

« Que a *fez* fazer ás outras companhia.

Assim se lê na edição de Manuel Correa : algumas trazem :

« Que a *faz* fazer ás outras companhia.

EST. LXXI.

« Nem ver que a justa Nêmesis ordene
Ter teu sogro de ti victória *dina*.

Na edição de Hamburgo lê-se :

« Ter teu sogro de ti victória *indina*.

Esta lição parece-me preferivel á primeira. (Veja-se a sabla nota que a este verso fizeram os editores da sobredita edição.)

EST. LXXIII.

« Assi o quiz o conselho alto e celeste, etc.

Preferi esta lição de Manuel Correa ; porque a conjunção *e* torna o verso citado mais numeroso. Outras edições trazem :

« Assi o quiz o conselho alto, celeste.

« Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

Manuel Correa escreveu :

« Que vença o sogro a ti, o genro a este.

EST. LXXIV.

« Depois que em *Sanctarem* superbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado.

Sanctarem e não *Santarem* (qual se lê em todas as modernas edições)
é como se deve escrever esse vocabulo. Exemplo :

« A terceira (parte) foi *Sanctarem*. »

ANDRÉ DE RESENDE, *Historia de Evora*, cap. 11

« E depois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do Sacro-promontorio conhecido,
A' cidade ulysea foi trazido.

Foi san' Vicente martyrisado em Valença de Aragão per Daciano, perseguidor dos christãos. Passado muito tempo o corpo do sancto foi mettido em uma barca ; a qual veio aportar ao cabo de Sagres, onde os que o trouxeram, o enterraram. D'ahi, per ordem d'el-rei D. Afonso Henriques, foi trasladado a Lisboa.

Est. LXXV.

« Sancho *de* esforço, e *d'* animo sobejo.

Assim achei escripto este verso na edição de Pedro Craesbeeck, publicada no anno de 1631. Outras trazem :

« Sancho, *d'* esforço, e *d'* animo sobejo.

Mas o verso não fica tam sonoro.

Est. LXXVII.

« Ja vêem do promontorio *d'* Ampelusa.

Eis como Manuel Correa nos deixou este verso. N'outras edições lê-se :

« Ja vêem do promontorio *de* Ampelusa.

Mas a preposição *de* sem apostrophe volve o verso algum tanto escabroso.

Esta voz *Ampelusa* é grega : ella deriva-se d'*αμπελος*, vinha ; talvez porque outrora esse promontorio jazia coberto d'ellas.

« E *de* Tinge, que assento foi de Anteo.

Assim escreveu Manuel Correa este verso. Outros editores pozeram :

« E *do* Tinge, que assento foi de Anteo.

« Ao som da mauritana e *rouca* tuba.

Assim se acha em Manuel Correa este verso de Camões. Outras edições trazem :

« Ao som da mauritanã e *ronca* tuba.

Li attento os nossos poetas quincentistas, e não deparei o vocabulo *ronca* como adjectivo, sim como verbo. É mui natural que o *n*, no tal vocabulo, seja um *u* virado para baixo ; cousa que acontece frequentemente na imprensa.

Est. LXXX.

« Mas o velho, a quem tinham ja obrigado
Os trabalhosos annos *ao* socego, etc.

Manuel Correa escreveu :

« Mas o velho, a quem tinham ja obrigado
Os trabalhosos annos *a* socego.

« Que não perde a presteza *com* a idade.

Assim se lê este verso na edição de Manuel Correa : algumas trazem :

« Que não perde a presteza *co'a* idade.

Porém este segundo verso não é tam numeroso como o primeiro.

Est. LXXXI.

« De *marlotas*, capuzes variados.

« *Marlota*, segundo Bluteau, é o vestido mourisco, com que se cinge

e aperta o corpo, ou capa curta ã mourisca. Conforme o author dos *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, é vestido curto, de que usam os da Persia e India.» (Nota da edição Rollandiana.)

EST. LXXXIV.

«Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrymas correndo piedosas:
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Afonso, Afonso, os ecos; mas em vão.

Uma alluvião quasi geral extremou o mez de dezembro, anno 1185, em que morreu Afonso I°. As torrentes das montanhas cahiram furiosas nos plainos, e os rios rebeçaram sua agua. Camões, mediante uma audáz propopeia, dá choro aos *altos promontorios*, cujas lagrymas incham os taes rios. Virgilio usou igual figura no episodio d'Aristeu:

«..... *Flerunt Rhodopeia arces
Attaque Pangæa, et Rhesi mavortia tellus,
Atque Getæ, atque Hebrus, et Actias Orithyia.*»

EST. LXXXV.

«*Sancho* forte mancebo, etc.

«El-rei D. Sancho ennobreceu Portugal com muitos nobres logares; polo que merece ser chamado o *povoador*.»

DUARTE GALVÃO, *in ejus vita*.

«*E* que em sua vida ja se exp'rimentará.

Não será talvez melhor

O que em sua vida ja se exp'rimentara?

EST. LXXXVII.

«Quando *Guido*, co'a gente em sêde accesa,
Ao grande *Saladino* se rendeu.

Saladino, soldão do Egypto, alcançou em 1187 uma celebre victoria dos principes christãos perto de Tiberiade, onde *Guido de Luzinhan*, rei de Jerusalem, e o gran' Mestre dos Templarios ficaram prisioneiros.

EST. LXXXIX.

«*Viu* ter a muitas villas *sas* visinhas, etc.

N'este verso empregou Camões *sas* por *suas*; pois (qual anda escripto nas outras edições) é inteiramente prosaico.

EST. XCI.

«*Que de* outrem, quem mandava, era mandado.

Em Manuel Correa lê-se:

«*Que d'*outrem, quem mandava, era mandado.

EST. XCII.

« Nem tam mau como foi *Heliogabalo*.

Heliogabalo, imperador romano, estabeleceu um senado de mulheres, do qual sua mãe era presidente, para julgar as causas das pessoas do sexo, e mandou matar alguns senadores, por não terem querido approvar tal estabelecimento.

« Nem como o molle rei *Sardanapalo*.

Sardanapalo, ultimo rei dos Assyrios, monstro de sensualidade e luxuria.

EST. XCVII.

« E de *Helicon* as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.

Manuel Correa escreveu :

« E de *Helicon* as Musas fez passar-se , etc. »

Não será lição melhor que a primeira?

« Aqui as capellas dá tecidas de ouro ,
Do *bacchâro* , e do sempre verde louro.

Virgilio disse :

« *Baccare frontem*
Cingite, ne vati noceat mala lingua futuro. »

EST. CI.

« Pedindo ajuda ao forte Lusitano ,
Lhe *mandava* a carissima consorte ,
Mulher de quem a *manda* , e filha amada
D' aquelle , a cujo reino foi *mandada*.

Camões descuida-se ás vezes n'estes joguetes de palavras; joguetes em que tambem cahiram outros grandes Ingenhos.

EST. CII.

« Entrava a fermosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados ;
Lindo o gesto , mas fora de alegria ,
E seus olhos em lagrymas banhados , etc.

« Se o semblante e os olhos fallam sua diversa linguagem á proporção dos affectos, de que o espiritu se acha dominado, com quanta maior razão o semblante da oração; isto é, as palavras e as figuras da mesma oração, se devem proporcionar á natureza da paixão, que convem exprimir. Virgilio, nas personagens de Evandro, Mezencio, e da mãe de Eurialo nas mortes de seus filhos, como tambem na de Dido, pela ausencia de Eneas, nos ensina a natural linguagem da afflicção, e animos consternados. Camões a imitou com bastante fidelidade na falla de D. Inez de Castro; e ainda mais ao vivo n'esta da rainha D. Maria.

PEDRO JOSÉ DA FONSECA , *Poetica de Horacio*, pag. 132.

EST. CIII.

« Quantos povos a terra produziu
De Africa toda, gente fera e estranha,
O gran' rei de Marrocos conduziu
Pera vir possuir a nobre Hespanha.

« Um antiguo lettreiro diz :

« Era 1378 annos, rei Abenemarim, senhor de alem do mar, confiando de si, e do seu grande haver e poder, passou áquem do mar, com a Forra, filha do rei de Tunis, pera perseguir e destruir os christãos. Cercou Tarifa, e o seu poder era tanto que se não póde sommar. E pois rei D. Afonso de Castella viu que não podia ser certo, houve receo, e per si veio a Portugal demandar ajuda ao quarto Afonso, rei de Portugal seu sogro. A elle prouve muito de lh'a fazer com seu corpo, e com seu poder. Logo sem tardança começou o caminho pera a fronteira, e mandou que os seus se fossem em pós elle. De Evora levou cem cavallo e mil peões. Gonçalo Esteves Carvoeiro foi per alferes. Lidaram com os Mouros; e, rei de Portugal, intendeu em rei de Granada; e, rei de Castella em rei Abenemarim. E mercê foi de Deus que nunca Mouro tornou rosto: e morreram d'elles tantos que não poderam dar conta. Rei Abenemarim, e rei de Granada fugiram. No arraial de rei Abenemarim acharam grande haver em ouro e em prata, e houve o rei de Castella. Mataram dous filhos de Alboacem, a Forra, e outras Mouras muitas, e meninos infindos. Captivaram um filho de Abenemarim, e uma sua neta. Deus seja pera todo sempre bento, por tanta mercê quanta fez aos christãos. »

ANDRÉ DE RESENDE, *Historia de Evora*, cap. 17.

EST. CV.

« O corrente *Mulucha* se congella.

Algumas edições trazem :

O corrente *Moluca* se congela.

Mulucha grande rio da Mauritania, no reino de Fez.

EST. CIX.

« Junctos os dous *Afonso*s finalmente
Nos campos de Tarifa, estão de fronte
Da grande multidão da cega gente, etc.

« No anno 1340, unido o nosso rei D. Afonso IV com o rei de Castella D. Afonso XI, se deu a grande batalha do rio Salado, onde foi desbaratado o exercito mouro do rei Abenemarim ou Alboacem. »

ANTONIO PEREIRA, *Compendio das epochas*.

EST. CX.

« Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome *saraceno*.

Na edição de Hamburgo lê-se :

Estão o famoso nome *saraceno*.

(Leia-se acerca d'esse *vocabulo* a sabia nota do editor da edição Rolandiana).

EST. CXI.

« Qual o membrudo e barbaro *gigante*,
(Do rei Saul, com causa tam temido)
Vendo o pastor inerme estar diante,
So de pedras, e esforço apercebido, etc.

Foi *Goliath*, famoso gigante Philisteu, natural de Geth, a quem David matou d'uma pedrada, em 1063 antes de Jesu-Christo.

Boiardo disse :

« *Un gigante membruto, etc.* »

EST. CXII.

« O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

Esse reino fazia parte da antigua Betica, e era habitado pelos Bastulos, Sexitanos, etc. Tem de comprido cousa de setenta leguas, e de largo trinta.

EST. CXIV.

« Sem lhe valer defesa, ou peito d'aço.

Adoptei esta lição de Manuel Correa; porque ella torna o verso mais sonoro, evitando o tom escabroso *de de* que apresenta o mesmo verso assim escripto em outras edições :

« *Seim* lhe valer defesa ou peito de aço.

EST. CXVI.

« Não matou a quarta parte o forte Mario.

Na victoria contra os Cimbrós, ganhada pela hostê romana juncto á cidade de Vercelli, no Piemonte, orçam os historiadores a cento e vinte mil o numero dos mortos, e a sessenta mil o dos prisioneiros.

« *Nem o Peno, asperissimo* contrario.

Foi Annibal, general carthaginez: elle derrotou na batalha de Cannas ao consul Therencio Varro, em cujo campo ficou morto seu collega Paulo Emilio com 40,000 de pe, e 2,700 de cavallo; flor da nobreza romana. Annibal mandou a Carthago tres alqueires de annis de 5630 cavalheiros mortos na dita batalha.

Manuel Correa escreveu :

« *Nem o Peno, asperissimo* contrario.

EST. CXVII.

« E se tu tantas almas so podeste
Mandar ao reino escuro de Cocito, etc.

« Eis-aqui está *Cocito* por *Plutão*: na metonymia, continente pelo conteúdo. N'estes dous versos começa uma artificiosa e vehementissima

apostrophe a Tito; a qual é um dos maiores rasgos da eloquencia poetica.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 235.

EST. CXVIII.

« O caso triste, e *dino* de memoria,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da miserá e mesquinha,
Que, depois de ser morta, foi rainha.

Conservei esta lição de Manuel Correa; porque o vocabulo *digno* escripto sem *g*, qual o articulavam nossos classicos, torna este verso mais macio. O exemplo seguinte confirma o que acabo de dizer:

« O teu suave canto, o meu *indino*
Faz, de louvar cantando o que cantaste;
E, pera não chorar, sei que te alçaste,
Deixando a terra, ao ceo de que eras *dino*. »

DIOGO BERNARDES, *Flores do Lima*, soneto 91.

« O episodio de D. Inez de Castro é o mais resplandecente lance de eloquencia affectuosa que possui a lingua portugueza. Eu nunca o li que não chorasse. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 315.

EST. CXX.

« Estavas linda *Inez* posta em socego, etc.

Ines ou *Inez* é como os bons poetas coevos a Camões escreveram esse nome. Exemplos:

« E pôde
O' Dona *Ines* (me diz) pôde teu peito
Conceber tal receo? »

ANTONIO FERREIRA, *Castro, tragedia*, act. 1.

« Vem, Hymeneu, vem, não te detenhas;
Porque ja a clara *Inez* com justa causa
Consente que te chame, e quer que venhas. »

PEDRO DE ANDRADE CAMINHA, *Poesias*, pag. 254.

A mor parte das edições trazem *Ignez*; o qual vocabulo, assim estampado, admite a pronuncia *Iguenez* ou talvez *Inhez*.

« Foi D. *Inez de Castro* dotada de tanta belleza, que sua memoria pera todo sempre pgrmanecerá, cognominada per excellencia *collo-de-prata*. Estando com ella occultamente casado o principe D. Pedro seu leal esposo, veio de Monte-mor, o velho seu pae el-rei D. Afonso o IV com muita cavallaria a Coimbra, e foi cruelmente morta ás estocadas per Diogo Lopes Pacheco, per Antonio Gonçaves, meirinho-mor, e per Pedro Coelho: não valendo a esta clarissima infante vir em pessoa bucar o seu colerico sogro á porta, e lançar-se a seus pés com as mãos levantadas, nem os filhos, que diante lhe offercia por netos. »

GASCO, *Conquista*, etc. de Coimbra.

« Estavas , linda Inez, posta em socego ,
De teus annos colhendo doce *fruito* ,
N' aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar *muíto* :
Nos saúdosos campos do Mondego ,
De teus fermosos olhos nunca *enxuito* ,
Aos montes ensinando , e ás hervinhas
O nome , que no peito escripto tinhas.

Eu fui o primeiro que, no *Parnaso lusitano*, impresso em Paris, em o anno de 1827, assim restabeleci esta bellissima oitava, escorado nos seguintes exemplos :

« Polos doces amores, doce *fruito*.»

FERREIRA.

« De quem são estas obras maravilhosas e de espantar ? Per ventura não d' aquelle que, em outro tempo, tornou o mar em secco, e os filhos de Israel fez passar per elle a pe *enxuito* ? »

D. CATHARINA, *Perfeição da vida monastica*.

Os leitores curiosos podem ver como os outros editores dos *Lusiadas* escreveram essa estancia. Os nossos antigos poetas rhymaram *escuitas* com *muitas*, *Orpheo* com *receo*, *hemispherios* com *captiverios*, etc.

EST. CXXI.

« As lembranças , que n' alma lhe moravam.

Adoptei esta lição de Manuel Correa , para evitar o hiato que apresenta este verso escripto do seguinte modo :

« As lembranças , que na alma lhe moravam.

EST. CXXIV.

« Ella com tristes e piedosas vozes ,
Saidas so da mágoa , e *saudade*
Do seu principe , e filhos , que deixava , etc.

« A palavra *saudade* é derivada da latina *solitute*; porque os Latinos usavam alguma vez de *solitas*, em logar de *solitudo*; assim como em portuguez usámos de *solidão* e *soledade*, um derivado de *solitudo*; outro de *solitute*; e *saudade*, derivado do mesmo, tem a significação do nome *desiderium*, pelo qual exprimiam os Latinos a mesma idela complexa, que temos em *saudade*. »

NEVES, *Causas da decadencia da lingua portugueza*, pag. 428.

EST. CXXV.

« Pera o ceo crystallino alevantando,
Com lagrymas , os olhos piedosos ;
Os olhos ; porque as *mãos* lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos.

Virgilio disse :

« *Ad cœlum tendens ardentia lumina frustra ,
Lumina ; nam teneras arcebant vincula palmas.* »

Eneida, liv II. v. 405, etc.

EST. CXXXVI.

« Como co'a mãe de Nino ja mostraram ,
E co'os irmãos , que Roma edificaram .

Semiramis foi criada pelas pombas , e *Romulo* e *Remo* per uma loba .

EST. CXXXIX.

« Alli co'o amor intrinseco , e vontade ,
N'aquelle , por quem *mouro* , criarei
Estas reliquias suas , etc .

Mouro por *morro* (como eu ja disse) é verbo antiquissimo no idioma portuguez : attesta-o este quarteto extrahido d'uma carta , que D. Viegas , insigne poeta de seu tempo , escreveu á sua ingrata senhora :

« Bedes *mouro* , bedes *mouro*

Violante :

Longe voa o sestro agouro

Per diante . »

GASCO , *Conquista* , etc. de *Coimbra* .

EST. CXXX.

« Queria perdoar-lhe o rei benino , etc .

« No anno 1355 mandou o nosso bravo rei D. Afonso IV matar em *Colmbra* a fermosissima D. Inez de Castro , com quem o principe D. Pedro , havia muitos annos , andava d'amores , e de quem ja tinha alguns filhos . Os cruéis matadores , que a isso mesmo induziram *el-rei* , foram D. Diogo Lopes Pacheco , Pedro Coelho , e Alvaro Gonçalves . Os nossos historiadores concordam , que muito antes de morrer a sua amada , se tinha o principe casado com ella de consciencia , presente D. Gil , deão então da Guarda , depois bispo . E o mesmo principe o confirmou quando , logo que subiu ao throno , fez trasladar de sancta Clara de *Coimbra* para o real mosteiro d'Alcobaça os ossos de D. Inez , com um apparato e pompa de rainha . »

ANTONIO PEREIRA , *Compendio das epochas* .

« Os que , por bom , tal feito alli *pregoam* .

Pregoar por *apregoar* foi usual em nossos classicos . Este verso , como se acha em algumas edições ,

« Os que , por bom , tal feito alli *apregoam* ,

é inteiramente prosaico .

EST. CXXXI.

« Qual contra a linda môça *Policena* , etc .

« Para demonstração evidentissima e tragica da morte de D. Inez de Castro , achou Luis de Camões exemplar similhança em *Policena* ; pois uma e outra fermosura , tanto se proporcionaram nos successos , que parece que as mesmas circumstancias identificaram as pessoas : em ambas o odio foi ministro do cutello ; ambas acabaram victimas do amor ; e ambas sentiram o saudoso apartamento das prendas que deixavam . »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA , *Arte de conceitos* .

«Esta pintura é digna de admiração, pela pureza, pela elegancia da phrase, e pela deliciosa harmonia do metro.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 153.

EST. CXXXII.

«No futuro castigo não *cuidosos*.

Aqui, pela figura syncope, cortou Camões á palavra *cuidadosos* uma syllaba.

Per essa figura se acha a cada passo no verso *diff'rente, gran', mor, reprehensão, sp'ritu, imigo*, etc., e tambem *esteis, is, soidade, perla, desaparecer, desalivar, muto, adormido, lumioso*, etc., em logar de *diff'rente, grande, maior, reprehensão, espiritu, inimigo, estejais, ides, soledade, perola, desaparecer, desaliviar, muito, adormecido, luminoso*, etc.

EST. CXXXIII.

«Como da séva mesa de *Thyestes*,
Quando os filhos per mão de Atreu comia.

Thyestes, filho de Pelops, e de Hippodamia, e irmão d'Atreu, foi incestuoso com sua cunhada Eropé, mulher d'Atreu; o qual, para se vingar, espedaçou o filho que d'ella nascêra, e apresentou seus membros a *Thyestes* n'um banquete. Dizem que o sol não se deixara ver em tal dia no horizonte, so a fim de não allumiar tam detestavel crime.

EST. CXXXIV.

«Assi como a *bonina*, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella, etc.

Imitação de Virgilio :

«*Purpureus veluti cùm flos succisus aratro
Languescit moriens; lassove papavera collo
Demisere caput, pluvia cùm forte gravantur.*

Eneida, liv. IX. v. 435, etc.

Ou tambem liv. XI. v. 68 :

«*Qualem virgineo demessum pollice florem.*»

Bernardo Tasso escreveu :

«*Como da falce il fior reciso langue*, etc.

Canto 10.

EST. CXXXV.

«As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrymas choradas transformaram:
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores d'Inez, que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores;
Que lagrymas são a *agua*, e o nome amores.

Pedro Craesbeeck dá assim esse verso :

«Que lagrymas são *agua*, e nome amores.

«Esta estancia é uma das mais sublimes dos *Lusiadas*, pola estranha imagem phantastica, de que usou o Poeta, por causa da paixão, fingindo a bellissima e propriíssima metamorphose em allusão á *fonte-dos-amores*, que ainda hoje existe em Coimbra em uma quinta, que foi jardim do palacio em que viveu esta infeliz princeza.»

FRANCISCO JOSEPH FREIRE, *Arte poetica*, tom. I. p. 111.

EST. CXXXVI.

«Não correu muito tempo, que a *vingança*
Não viu Pedro das mortaes feridas, etc.

«Ja viuvo, succedeu D. Pedro no reino, zeloso da justiça, que fazia executar sem excepção de pessoas. Fez concordata com Castella, para se entregarem os reos de lesa-magestade: apanhou Pedro Coelho, e Alvaro Gonçalves, por terem machinado a morte a D. Inez; arrancou-lhes os corações, a um pelas costas, a outro pelos peitos, e os fez queimar: d'onde lhe deram o nome de *cru* ou *cruel*. Diogo Lopes, comprehendido no mesmo crime, escapou avisado de um pobre. Era mui liberal: sem opprimir os vassallos, deixou copiosissimos thesouros reaes. Andava pelo reino a tomar conhecimento das causas dos vassallos, dando a cadaum o que lhe era devido; tendo a todos contentes e seguros; limpou as estradas, e terras de ladrões e facinorosos, aos quaes não perdoava.»

AZEVEDO, *Epitome da historia portugueza*.

«O concerto fizeram duro e injusto,
Que com *Lepido*, e *Antonio* fez *Augusto*.

Marco Lepido, com *Cesar Octaviano*, e *Marco Antonio* fizeram uma liga e concerto em que cadaum d'elles entregasse seus inimigos.

EST. CXXXVIII.

«Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto!)
Remisso, e sem cuidado algum, *Fernando*,
Que todo o reino poz em muito aperto.

«Esteve o reino quasi destruido pelos Castelhanos, por *D. Fernando* faltar á paz, e ajuste, e não querer a infanta de Hespanha, que tinha perdido por esposa, Lisboa era assolada; quando intervindo o papa Gregorio II, pelo cardeal Guido, se renovou a paz, avistados os reis *Fernando* de Portugal, e Henrique de Castella, no meio do Tejo, defronte de Sanctarem. Outra vez, embaraçado na guerra, padeceu o reino maiores estragos dos Inglezes alliados, que dos Castelhanos inimigos. Feita a paz, logo morreu o rei *D. Fernando* em Lisboa, a 22 de outubro, de 1384, com 16 de governo, e 38 annos de idade.»

AZEVEDO, *Epitome da Historia portugueza*.

EST. CXXXIX.

«De tirar *Lianor* a seu marido, etc.

Lianor, e não *Leonor* é como escreveram e pronunciaram os authores quinhentistas. Exemplo:

« Assi *Lianor* sentindo na alma o forte ,
Amoroso , cruel , dourado tiro ,
Nem se move d'alli. »

JERONIMO CORTE REAL , *Naufragio de Sepulveda* ,
cant. 8.

EST. CXL.

« Ou quem o *tribu* illustre destruiu
De Benjamin ?

O vocabulo *tribu*, que hoje pertence aos dous generos , e é mais frequentemente empregado no feminino , foi do genero masculino em tempo de Camões : comprova isto o seguinte exemplo :

« Como manso cordeiro offerecido
Por si á morte , como gran' leão
Vence o *tribu* de Juda promettido. »

ANTONIO FERREIRA , *Elegia 9* .

EST. CXLI.

« Depois que a môça vil na Apulia viste .

Els a lição de Pedro Craesbeeck. Outros escreveram :

« Depois que ùa môça vil na Apulia viste.

CANTO QUARTO.

EST. I.

« Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra , e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade ,
Esperança de porto e salvamento.

« Os dous primeiros versos são tam sonoros , que parece se estão ouvindo os brados de uma tempestade , no final do primeiro , e um surdo estrondo , que succede aos bramidos do vento , no final do segundo : segue-se depois uma pintura a mais cheia de alegria e amenidade : ella faz com a precedente um maravilhoso contraste , e gradação de côres : n'isto é que se conhece o grande homem , o verdadeiro poeta : onde falta esta preciosa qualidade , não ha poesia. »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analyse* , pag. 186.

« Removendo o temor *do* pensamento.

« Removendo o temor *ao* pensamento , como lêem a maior parte das edições , não me parece boa syntaxe ; por isso corrigimos como vai no texto. A troca de um *a* por um *d* em caracteres italicos , como são os das duas primeiras edições , e tam imperfeitas , era muito facil de ser commettida pelos typographos. Esta mesma lição é tambem da edição de 1651 , ja per nós indicada como de todas a menos incorrecta. » (Nota do editor da edição Rollandiana de 1843.)

EST. II.

« *Joanne* sempre illustre alevantando
Por rei, etc.

« Com a retirada da rainha D. Leonor, teve o *Mestre* logar de convocar cōrtes em Coimbra, aonde acudiram as pessoas da sua facção, e reduzindo o estado das cousas a termos accommodados ao tempo em que se acharam, approvando-o alguns, consentindo os mais, foi o *Mestre* aclamado rei com a voz do povo, e silencio dos nobres, a quem conveio seguir o parecer dos que approvaram o levantamento del-rei, e dar mostras de alegria; ainda que a muitos pareceu a resolução temeraria, crendo que não lhe bastariam as forças pera sustentar o novo título de rei que tomava contra tam poderoso inimigo como tinha.»

FREI BERNARDO DE BRITO, *Elogios historicos dos réis de Portugal*.

EST. III.

« Quando em *Evora* a voz de uma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou.

« *Ebora* ou *Evora* é cidade de Lusitania muito celebre, e muito nobre, por n'ella residirem muitas vezes os réis de Portugal, cujo bispado se ve ser antiquissimo; porque os Eborenses tiveram ao beato Mancio discipulo de Jesu-Christo, por primeiro prégador da palavra divina; e, como é verosimil, por bispo Quinceano (bispo tambem d'esta cidade) o qual foi presente no concilio Eliberitano.»

VASÊU, tom. 1. init. cap. 20 in *Præamb*.

EST. V.

« Mas elle emfim, com causa deshonorado,
Diante d'ella, a ferro frio morre.

« Então se despediu o Mestre da rainha muito quieto, sem mostra de perturbação alguma, e tomou o *conde* pela mão; e saíram ambos da camara a uma grande casa, que estava diante, e os do Mestre todos com elle, e Ruy Pereira, e Lourenço Martins mais perto: e chegando-se o Mestre com o *conde* pera juncto de uma fresta, sentiram os seus que o Mestre lhe começava de fallar a passo; e as palavras foram poucas, e que ninguem entendeu. E sendo mais tempo de o matar, que de o ouvir, o Mestre tirou um traçado, e deu-lhe um golpe pela cabeça: os que com o Mestre estavam, vendo isso, arrancaram das espadas pera lhe dar: querendo-se elle acolher á camara da rainha com aquella ferida, que não era mortal, Ruy Pereira metteu n'elle um estoque de armas, de que logo cahiu em terra morto: os outros quizeram dar-lhe mais feridas, mas o Mestre lh'o não consentiu.»

DUARTE NUNES DE LIÃO, *Chronica d'el-rei D. João I.*
cap. 8.

« Quem, como Astyanax, precipitado,
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu per ruas, e em pedaços feito.

Confesso que o sentido do terceiro verso é para mim um enigma. A quem se refere o dito verso? ao bispo D. Martinho? ou falla o Poeta collectivamente? Se falla collectivamente, ha aqui erro do copista ou mudança de letras. Ora como antiguamente estampavam *dam* em vez de *dão*, não será o verso, qual o escreveu Camões,

« A quem ordens, nem aras *dão* respeito ?

Eis esse horroso caso, qual se acha na Chronica d'el rei D. João I, cap. 7, escripta per Duarte Nunes de Lião :

« Estando pera se assentarem á mesa a comer, veio recado ao Mestre que acudisse ao bispo, que os do povo o queriam matar. O Mestre quizera ir la; mas o conde o estorvou, dizendo « que não curasse d'isso, quer o matassem, quer não: que não faltaria outro bispo portuguez, que servisse melhor, se o matassem. » E assi cessou o Mestre. O bispo, que era de nação Castelhana, per nome D. Martinho, homem grande lettrado, e virtuoso prelado, e que de bispo de Silves, per seus merecimentos, o veio a ser de Lisboa, e habitava em umas casas, que estavam sobre a claustra da Sé, pera d'ahi poder mais facilmente vir a todas as horas, e officios divinos: e o dia, que o Mestre matou o conde, e áquella hora, que era tempo de comer, estava elle á mesa com o prior de Guimarães, que era seu amigo, e o tinha por hospede: e assi um tabalião de Silves, seu familiar, que tambem chegara n'esse mesmo dia; e ouvindo os gritos das mulheres, e arroidos da gente, que ia pela rua pera os paços da rainha, e dizia matarem o Mestre, levantou-se da mesa, e com aquelles convidados, e seus familiares, se deceu á claustra: e d'ahi, fechadas bem as portas da igreja, se subiram todos á tórre dos sinos. E quando Alvaro Paes passou, bradaram aos de cima « que repicassem. » O innocente bispo com o grande arroido das vozes não sabia que volta era aquella; nem porque mandavam tocar os sinos: e porque seria grande alvoroço na cidade repicar na Sé, duvidou se o mandaria fazer. Quando a gente popular viu que o bispo não mandava repicar, e que estavam na tórre dos sinos, e com as portas da igreja fechadas, e que se não podiam facilmente quebrar, trouxeram escadas, e entraram na igreja per uma fresta, e á pressa abriram as portas, e entraram quantos quizeram, mas os mais ficavam de fóra: todos bradavam « que fossem acima, e vissem quem estava na tórre, que não quizera repicar os sinos; e, se fosse o bispo, o lançassem a baixo. » Um procurador do conselho, e o alcaide da cidade, e outros subiram pelo caracol da tórre, per onde não podia ir senão um ante outro, nem entrar na tórre, se lh'o alguém quizesse defender. O bispo se quizera pôr em defensa, por ser Castelhana, e se temer da ira d'aquelle povo: mas confiado em sua innocencia, e tendo seguro dos que subiam pera si, e pera os que com elle estavam, os deixou entrar: e sendo perguntado « porque não mandara repicar, e sendo-lhe requerido pelo provo? » se desculpou com razões mui sufficientes, e de que se satisfizeram os que lh'as ouviram. A multidão da gente debaixo, que estava ao pé da tórre, começou a bradar « que deitassem o bispo a baixo » ameaçando aos que la foram « que tambem os haviam de deitar a elles. » Quanta mais detenção faziam

os de cima, tanto as ameaças e gritas dos de baixo eram maiores: polo que elles mataram o bispo, e o lançaram da torre abaixo, e com elle o prior de Guimarães, e o tabalião. E como a gente baixa de sua natureza é vil, e inclinada ao mal, malormente quando se acha sóta, e juncta em um corpo, não contente com terem morto seu pastor, e pontifice tam sem causa, depois de ficar nu de todas suas vestiduras, de que logo foi despojado, o ataram com um baraço, e arrastando-o pela cidade com as partes vergonhosas descobertas, e com ignominiosos pregões diante, o levaram ao Rocio, onde o comeram os cães até o outro dia que, por o mau cheiro, o mandaram soterrar, como tambem fizeram ao prior e ao tabalião.»

Collige-se da presente citação, que Camões falla não somente do bispo precipitado, mas até do prior, e do tabalião que o foram com elle: eis porque eu emendei o terceiro verso qual vai no texto.

EST. VIII.

«Vêem de toda a provincia, que de um *Brigo*,
(Se foi) ja teve o nome derivado,

Brigo, filho e successor de Jubalda, povoou muitas cidades de Lusitania. Mandou povoadores portuguezes á Phrygia da Asia, e outras partes. Morreu anno de 2108, com 52 de rei.

EST. XI.

«Armou d'elle os suberbos *matadores*.

A edição de Hamburgo traz:

«Armou d'elle os suberbos *moradores*.

(Lela-se a nota que a este verso fizeram os editores da sobredita edição.)

EST. XII.

«Como a Samsão *hebréu* da guedelha.

O vocabulo *hebréu* tem n'este verso tres syllabas pela figura diéresis.

EST. XIV.

«(A mão na espada, *irado*, e não *facundo*,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo).

«A ira no *irado* não lhe dá tempo a desafogar sua colera com subtlis e estudados pensamentos: as primeiras palavras, que a paixão lhe arroja á bocca, são o desafogo do seu incendio, e natural phrase do seu animo: por isso o grande Camões, déstro em debuxar estas figuras, e appropriar-lhe as devidas tintas, quando introduz o Condestavel, empunhando colerico a espada, não o descreve *facundo* e eloquente; porque a locução da colera é aspera e confusa, e não periodica, nem adereçada: quem a dicta, e influe é a perturbação do animo, e não o artificio do ingenho; porque o estro das paixões não attende a subtilizar discursos.»

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

Est. XV.

« Como? da gente illustre portugueza,
Ha de haver quem *refuse* o patrio marte?

O verbo *refusar*, do francez *refuser*, não é gallicismo, como algumas pessoas imaginam: elle foi, além de Camões, usado per todos os classicos portuguezes. Exemplos:

« Não *refuses* a minha companhia.»

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 20.

« Porque elle nunca *refusara* pelejar.»

ALBOQUERQUE, *Commentarios*, tom. II. pag. 70.

Não defender a patria, e consentir que ella seja sujeita a seus inimigos, é indicio de cobardia, e vileza de animo: e d'aqui procede o pejo que o Condestavel move em seus ouvintes.

Est. XVI.

« Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tam guerreira?

Allude Camões á batalha de Valdevez, na qual o senhor D. Afonso Henriques, ainda infante, desbaratou tam completamente a hoste castelhana, que a planicie onde ella foi dada, cognominou-se *Campo-damatança*. N'essa batalha ficou ferido el-rei de Castella; e foram prisioneiros sete officiaes-generaes, intitulados *condes*.

Na edição feita em Hamburgo, e na Rollandiana, lê-se *venceram*; e esta parece-me a melhor lição; porém como todas as outras (inclusas as duas primeiras de 1572) trazem *vencestes*, não ousei alterar este vocabulo.

Est. XIX.

« Eu so com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto, *arranca meia espada*).

« Luis de Camões, quando nos pinta o Condestavel inflammado em colera guerreira, e nada facundo nas palavras, não intendeu ser a ira militar falta de eloquencia; mas quiz mostrar que a paixão de D. Nuno, n'aquella occasião, brilhou mais ingenhosa nas acções, que nos discursos: pois quem não ve que o *arrancar meia espada*, para persuadir com o exemplo (o que talvez não conseguia com a voz) foi metaphora viva do valor, não so como hyperbole da ousadia, mas como hyperbole da heroidade?»

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

Est. XX.

« A' fortuna das *gentes* africanas, etc.

Algumas edições trazem:

« A' fortuna das *forças* africanas, etc.

« *Cornelio* moço os faz, que compellidos, etc.

Foi *Publio Cornelio Scipião*, cognominado depois o *primeiro Africano*.

Est. XXIII.

« *Orientaes exercitos* sem conto,
Com que passava *Xerxes* o *Hellesponto*.

Xerxes, rei da *Persia*, resolveu fazer guerra aos *Gregos*; e marchou contra elles com um exercito de 800,000 homens, e uma esquadra de 1,000 vélas. Elle lançou uma ponte sobre o Estreito do *Hellesponto*, e mandou romper o isthmo do monte *Athos*.

Est. XXIV.

« Como ja o *fero Hunno* o foi primeiro
Pera *Francezes*, pera *Italianos*.

Allude aqui o Poeta ao celebre *Attila*, rei dos *Hunnos*.

Est. XXVII.

« *Alferезes* volteam as bandeiras, etc.

Alguns dos nomes, que agora acabam em *es*, e antigamente em *ez* no singular, ainda em autores muito elegantes se acham com terminação em *ezes* no plural, assim como *alferезes*. (Souza, *Véde*. liv. VI, cap. 13. Pinto Ribeiro, *Relaç.* 2. num. 8 e 11. Barros, *Decad.* liv. IV, cap. 8, etc.)

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Rudimentos da Grammatica portugueza*, pag. 317.

Est. XXVIII.

« *Deu signal* a trombeta castelhana.

Para me cingir á etymologia d'este substantivo, que é o *signum* dos *Latinos*, accrescentei-lhe um *g*. Ja em tempo de *Camões* assim o escrevia *André de Resende*: como se ve n'esta phrase:

« Mandando-lhes que estivessem prestes pera sua tornada, a um *signal* que lhes faria.»

Historia de Evora, cap. 14.

« Ouviu-o o monte *Artábros*; e *Guadiana*
Atraz tornou as ondas de medroso:

.

E as *mães*, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Imitação de *Virgilio*:

« *Contremuit nemus, et silvæ inlonuere profundæ*
Audiit et Triviæ longe lacus, audiit amnis
Sulphured Nar albus aquæ, fontesque Velini;
Et trepidæ matres pressere ad pectora natos.»

Eneida, liv. VII. v. 515, etc.

E Lucano, na *Pharsalia*, liv. VII :

« *Excepit resonis clamorem vallibus Hemus,
Peliacisque dedit rursus geminare cavernis :
Pindus agit fremitus. Pangæaque saxa resultant,
Æteæque gemunt rupes.* »

EST. XXIX.

« Que nos perigos grandes o temor
É maior, muitas vezes, que o perigo:
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida cara.

A edição de Hamburgo traz :

« Que nos perigos grandes o temor
É menor, muitas vezes, que o perigo.

A edição de Paulo Craesbeeck, publicada em Lisboa no anno de 1651, offerece a seguinte lição :

« E se o não é, parece; que o furor, etc.

EST. XXXII.

« (Caso feo e cruel!) mas não se espanta, etc.

Na edição de Pedro Craesbeeck lê-se :

« (Caso feio e cruel!) mas não se espanta.

« Contra irmãos, e parentes (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio, e *Manho*.

Julio Cesar, e Pompeu o Magno. Humas edições trazem *Julio magno*, outras *Julio* e *Magno*, sem advertirem seus editores que aqui a *rhyma* pede *Manho*, como se acha em nossos antigos poetas. Exemplo :

« Que teme então turbar-se o *manho* imperio.»
LUIS PEREIRA, *Elegiada*, cant. II.

EST. XXXIII.

« Se la no reino escuro de *Sumano*
Receberdes gravissimos castigos, etc.

Sumano é o mesmo que Plutão, a quem os antigos chamaram deus do inferno.

EST. XXXIV.

« Qual pelos outeiros
De *Ceita* está o fortissimo leão.

Os nossos classicos escreviame pronunciavam *Ceita* ou *Septa*, e não *Ceuta* como hoje.

Alamani disse :

« *E qual fero leon soverchio oppresso.* »
Avarchiade, cant. 120.

Est. XXXVI.

« Qual parida leoa, fera e brava, etc.

Estacio disse na sua *Thebaida* :

« *Ut lea, quam sebo foetam pressere cubili
Venantes Numidæ, natos erecta superstat,
Mente sub incertâ torvum ac miserabile frendens.* »

Est. XXXVII.

« Os montes *Sete-Irmãos* atroa, e abala.

Foram assim chamados pelos Portuguezes, por apresentarem o mesmo aspecto.

Est. XXXIX.

« De uma nobre vergonha, e honroso fogo.

Assim se lê este verso ne edição de Pedro Craesbeeck : outras trazem :

D' uma nobre vergonha, e honroso fogo.

Est. XLI.

« Onde o *trifauce cão* perpetua fome
Tem das almas, que passam d'este mundo.

É o *Cerberos*, que guardava a porta dos infernos. Dizem que amimava as almas infelizes, que la desciam, e devorava as que d'abi queriam sair.

« E porque mais aqui se amanse, e dome
A suberba do imigo furibundo,
A *sublime bandeira* castelhana
Foi *derribada* aos pes da lusitana.

Eis como Duarte Nunes de Lião refere este successo na *Chronica d'el-rei D. João I*, cap. 58 :

« Crescendo cada vez mais a furia da batalha, e sendo mui renhida de ambas as partes, a *bandeira real* de Castella foi *abatida*, e o pendão da devisa com ella, etc. »

E no capitulo 59 :

« El-rei cansado do grande trabalho que passara, lançou-se a repouzar sobre um vil e baixo encosto, que alli achou, até que lhe viesse algum cavallo, em que cavalgasse; e tendo presos juncto comsigo D. Pedro de Castro, e Vasco Pires de Camões; e jazendo assi d'aquella maneira, chegou Antão Vasques de Almada embrulhado na *bandeira real* de Castella, e a apresentou a el-rei, vindo bailando com ella por graça : ao que el-rei não respondeu cousa alguma, nem fez mais que rir-se; e a mandou guardar. »

Est. XLII.

« *Ja de Castella o rei* desbaratado
Se ve, e de seu proposito mudado.

« *Pelejaram em sitio igual, e sem vantajem*; salvo quanto o exercito de Castella a tinha em lhe dar o sol nas costas ao tempo da batalha, e no ex-

cessivo numero de gente ; a qual toda foi em menos de meia hora , e a flor de Hespanha , posta a fio de espada : *el-rei D. João de Castella* vendo a ruína de seu campo , e o pouco remedio que tinha pera reparar tammanha perda , ainda que estava com maleitas , e mui debilitado , se pozem um cavallo á gineta , e aquella noite correu nove leguas , que ha do logar da batalha até a villa de Sanctarem ; d'onde se foi per mar a Sevilha , onde se vestiu de lucto , e fez outras demonstrações de sentimento , dizendo a quem lh'o estranhava , « que o não fazia por perder uma batalha , sendo cousa tam ordinaria entre os réis ; mas por ser vencido de tam pouca gente tam mal armada , e de quem elle não fazia conta. »

Esta victoria , e muitas outras , que el-rei houve per industria e valor de D. Nuno Alvares Pereira , seu condestavel , seguraram a el-rei D. João na posse do reino de Portugal.»

FREI BERNARDO DE BRITO, *Elogios historicos dos réis de Portugal.*

EST. XLVII.

« A's duas illustrissimas *Inglezas*,
Gentis, fermosas, inclytas princezas.

Foram as duas filhas do duque de Lancastre. A primeira chamada D. Filippa casou com el-rei de Portugal, o senhor D. João I ; e a segunda D. Catharina com D. Henrique III , filho d'el-rei de Castella D. João I.

EST. XLIX.

« Abrindo as *pandas azas* vão ao vento.

« Garcez Ferreira escreveu a seguinte nota acerca d'este verso :

« Abrindo as *pandas azas* é um pleonasmio ; pois *pandas* quer dizer *estendidas*. »

É engano o presumir pleonasmio no *abrindo as pandas azas*; pois *pandas* não quer dizer *estendidas* ou *abertas* , mas sim *encurvadas* ou *côncavas*, como o Poeta as denomina em outra parte (*Lusiadas*, cant. I, est. 19), epitheto que quadra bem a vélas, quando inchadas do vento. A esta intelligencia se accomoda Faria e Souza , dizendo : « El Poeta por *pandas* entiendo *curvas* ó *côncavas*..... y tambien puede entender *duras*, *tieras* por *pandas*, segundo Nebrissa : y será epitheto muy proprio, por quan *tieras* son las velas. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza.*

« e segura toda Hespanha
Da *juliana*, má e desleal manha.

Bem notorio é a todos que Rodrigo , tendo abusado d'uma joven e bella dama da sua côrte , chamada Cava , e expulsado indignamente o conde Julião , pae d'essa dama (o qual pedia a elle Rodrigo reparação de sua honra ultrajada) para vingar-se de tam grande menoscabo , chamou os Mouros á Hespanha.

EST. LII.

« So por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava.

« El-rei de Portugal fez uma armada em que mandou os ifantes D. Henrique e D. Fernando seus irmãos á Africa com quatro mil homens de cavallo e dés mil de pe, e pozeram cerco á cidade de Tanger; na qual havendo muitos mil homens de cavallo pera a poderem defender, os vieram soccorrer os réis de Fez e Tafilote com noventa mil homens de cavallo, e numero sem conto de gente de pe.

E como os christãos se viram em tanto aperto, pera se salvarem da morte, de que não podiam escapar, vieram a partido, que os Mouros deixassem ir aos christãos; com tanto que el-rei de Portugal lhes largasse a cidade de Septa, que lhes tinha tomado, e lhes dessem pera isso arrefens. Entre os ifantes D. Henrique, e os capitães portuguezes foi assentado que o ifante D. Fernando se entregasse aos Mouros em penhor até a entrega de Septa.

Çala-Bem-Çala, que fôra senhor de Septa, o levou a Fez, onde o entregou a Lazaraque, o mais cruel Mouro que o mundo viu; o qual lançou o ifante n'uma horrivel masmorra, onde jazeu até que acabou a vida.»

DUARTE NUNES DE LIÃO, *Descripção de Portugal*.

EST. LVII.

« Vai commetter Fernando d' Aragão.

Assim escreveu Manuel Correa este verso. Em outras edições lê-se :

« Vai commetter Fernando de Aragão.

« Desde Cadiz ao alto Pyreneu.

Segui esta lição de Manuel Correa. A edição Rollandiana de 1843 traz :

« Desde Caliz ao alto Pyreneu.

EST. LX.

« Porém depois que a *escura noite eterna*
Afonso aposentou no ceo sereno, etc.

« Aqui vemos — *noite* — exprimindo *morte*, per translação metaphorica, e per virtude do epitheto *eterna*, com um accidente de mais, para avivar a energia picturesca d'esta imagem no adjectivo *escura*.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 242.

EST. LXI.

« Manda seus *messageiros*, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada, etc.

Per terra enviou D. João II a Pedro da Covilham, e Afonso de Paiva, que penetrassem a India, aonde desejava levar a luz do Evangelho. Chegaram a Rhodes, Alexandria, e Cairo: apartados, buscou o Paiva a Ethiopia; o Covilham a India: este, vólto da Asia, achou no Cairo

morto o companheiro : observou grande parte dos reinos orientaes ; viu o Preste João ; foi o primeiro de Hespanha , e de Portugal que entrou n' aquelle imperio.

EST. LXII.

« E d'alli ás ribeiras altas chegam ,
Que com morte do *Manho*, são famosas.

A edição Rollandiana dá assim este verso :

« *Que co'a morte de Magno* são famosas.

E a de Hamburgo :

« *Que com morte de Magno* são famosas.

Nem uma, nem outra me agradaram. A primeira apresenta o conjuncto insupportavel *Que co'a*; e ambas o vocabulo *Magno*, que deve escrever-se e pronunciar-se *Manho*, em razão da melodia metrica.

Refere-se aqui o Poeta á cidade d' Alexandria no Egypto , em cujas praias foi assassinado Pompeu o *manho* ou *magno*.

EST. LXIII.

« As costas odoríferas sabeas,
Que a mãe do bello *Adonis* tanto honrou.

Allude Camões á celebre Myrrha ; a qual, em castigo da sua paixão incestuosa, foi convertida, segundo a fabula, na arvore que dá o incenso. (*Vêde* Ovidio , *Metamorphoses* , liv. 10, v. 461, etc.)

EST. LXIV.

« *Que as fontes* onde nascem teem por gloria.

Corria entre os antigos , que as *fontes* dos rios Tigre e Euphrates jaziam no Paraiso-Terral.

« D'alli vão em demanda da *agua pura* ,
Que causa inda sera de *larga historia*.

Vasco da Gama pre-sentia ja os grandes feitos , que seus conterraneos obrariam no Oriente. Via-os, no porvir, combatendo ás orlas do Indo , e a Musa da historia traçando seus triumphos.

EST. LXV.

« *Que cada região produz* , e cria.

Manuel Correa escreveu :

« *Que cada região produz* , e cria.

EST. LXVI.

« Logo, como tomou do reino o *cargo*, etc.

Els como Manuel Correa nos transmittiu esse verso ; e eu preferi-o , por mais numeroso e correcto, a est' outro que se lê em algumas edições :

« Logo , como tomou do reino *cargo*.

Est. LXVII.

«..... No tempo que a luz clara
Fuge, e as estrellas nitidas, que saiem,
A repouso convidam quando caiem.

Virgilio disse :

«..... *Et jam nox humida caelo
Præcipitat, suadentque cadentia sidera somnos.*»

Eneida, liv. II. v. 8, etc.

(Leia-se a sabia nota que a estes versos fez o editor da edição Rollandiana.)

Est. LXX.

« Aves agrestes, feras, e *alimarias*
Pelo monte selvatico habitavam.

« *Alimaria* é derivado de animal, como *alma* de anima, com pequena differença; mas a supersticiosa adhesão do Madureira à etymologia material, lhe fez dizer « que se João de Barros nas *Decadas*, e Camões nos *Cantos* usaram da palavra *alimaria*, foi mais por ser esta a pronunciação do vulgo, que a propriedade da palavra. » Não eram estes authores tam leves, que seguissem a corruptela do vulgo; antes tiveram mais juizo em seguir o uso; contentando-se com a derivação que elle approvara. »

NUNES, *Causas da decadencia da lingua portugueza*,
pag. 383.

Est. LXXI.

« Das aguas se lhe antolha que saiam,
Pera elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe caiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

Adoptei essa lição da edição de Gendron, dada á luz em 1759; porque me pareceu menos escabrosa que est' outra, que se lê na edição Rollandiana ja citada :

« *Par' elle* os largos passos inclinando, etc.

Outras trazem :

« *Para elle* os largos passos inclinando.

Virgilio disse :

« *Huic Deus ipse loci fluvio Tiberinus amæno
Populeas inter senior se attollere frondes
Visus; eum tenuis glauco velabat amictu
Carbasus, et crines umbrosa tegebat arundo.*»

Eneida, liv. VIII, v. 32, etc.

Est. LXXIV.

« Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro.

Opinaram alguns authores que o Ganges (bem como o Tigre, o Euphrates, e o Nilo) tinha o seu nascimento no Paraiso-Terreal; d'onde, depois de haver corrido longo espaço per debaixo da terra, saia juncto do monte Imauz. Camões mostra aqui abraçar esta opinião. — Serve tambem esta mesma nota para explicar a expressão do verso 4º, est. I, do cant. 7:

E o Ganges, que *no ceo terreno* mora.

(Nota do editor da edição Rollandiana.)

EST. LXXVII.

«Me põe o inclyto *rei* nas mãos a chave
D'este *commettimento* grande e grave.

«*D. Manuel, rei de Portugal*, a 8 de julho de 1437, enviou Vasco da Gama per mares nunca antes navegados, climas desconhecidos, regiões brutaes. Com quatro navios passou a festa do Natal defronte da costa, a que deram este nome. Sem verem Sofala, entraram no rio dos bons-signaes, chegaram a Moçambique, cujo rei dissimulado deu um piloto, que os perdesse; mas Deus, que escolhia os Portuguezes para levar seu nome ás nações distantes, os livrou de todo o perigo. Em Melinde acharam boa hospedagem. Chegou o grande Vasco da Gama a Calecut; conheceu os reinos de Malabar, Cranganor, Cochim, Coulão. Em Calecut fallou ao Samorim, poderoso monarcha da India; e estabeleceu com elle paz. O mundo pasma na Europa, ouvindo que Vasco entrara pelo Tejo, vindo do outro mundo, e terras dos Antípodas.»

AZEVEDO, *Epitome da Historia portugueza*.

EST. LXXX.

«Onde os campos de *Dite* a Estyge lava.

Dite é o mesmo que Plutão, deus dos infernos.

«Por vós, o' rei, o esp'ritu, e carne é pronta.

Assim se acha impresso este verso nas edições, que consultei: todavia, o artigo *a*, parece-me necessario; porque, com elle, fica o verso mais correcto e numeroso. Emendei pois, e escrevi:

«Por vós, o' rei, o esp'ritu, e *a* carne é pronta.

EST. LXXXI.

«*Acompanhar-me* logo se offerece, etc.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, em vez d'est' outra, que se acha n' algumas edições:

«*A acompanhar-me* logo se offerece, etc.,

para evitar o hiato desagradavel que formam as duas vogaes seguidas *A a*.

«(Obrigado *d'* amor, e *de* amizade.)

Este verso, que assim nos deixou Pedro Craesbeeck, é mais numeroso que o seguinte:

«(Obrigado *d'* amor, e *d'* amizade.)

Est. LXXXIII.

«Assi foram os Minyas ajunctados,
Pera que o véo dourado combatessem,
Na fatídica *nau*, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

Foi a *nau Argos*, segundo a mythologia, construida de madeira da floresta Dódona, cujas arvores prediziam o futuro. Jason, vólto de sua expedição, consagrou a dita nau á deusa Pallas, que a poz no ceo.

Est. LXXXV.

«*Ellas* promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

« Falla o Poeta das *naus*, que foram descobrir a India, allegorisando á expedição do Velloccino-de-ouro, na antigua Grecia. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 220.

Est. LXXXVI.

« Pera o *summo Poder*, que a ethérea corte
Sustenta so co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

« N' elle (templo de Belem) se recolheu Vasco da Gama, na vespera do dia de seu embarque, empregando a noite inteira em orações e votos, na companhia dos religiosos do proximo convento: e no dia seguinte, com quantos tinham vindo para despedir-se d' elle e de seus companheiros, foi com grande sequito acompanhado até os bateis. E então, não somente os religiosos, mas todos os mais em altas vozes, e os olhos cheios de lagrymas, pediam a Deus que tam perigosa navegação lhes fosse a todos prospera e boa; e que tendo dado bom acabamento áquelle feito, voltassem todos á patria com salvamento: e ja mesmo entre muitos se levantava tal pranto, e taes lamentos, que disseras os levavam ao moimento; prompando n' estas lastimas: « Ah miseros mortaes, onde nos arrojou tal ambição, e tal cubiça! Que mais hórridas justicas fariam n' estes coitados, a terem n' algum facinoroso crime decahido! Tam longos e desmesurados mares, que teem de perpassar, tam despiedadas montanhas de ondas, que teem de atravessar, e os riscos, que em tantas paragens lhes estão a vida ameaçando! Não lhes fôra mais comportavel acabal-os com qualquer feição de morte, que lançal-os, em tal desvio da patria, n' uma campa de salgadas ondas? » Estas e outras muitas vozes, a este sabor, diziam, quando ainda no peito lh' as representava mais maviosas o receio: em quanto o Gama (ainda que algumas lagrymas dava á sua saudade, confiado todavia no bom rosto da esperanza) subiu mui despejado á capitania com feliz auspicio, n' um sabbado 8 de julho do anno de 1497. Nem se quizeram arredar da praia os que assistiram á partida, que não perdessem de vista as naus, a quem prospero vento enfunava em cheio as vélas. »

OSORIO, *Vida d' el-rei D. Manuel*.

EST. LXXXVII.

« Partimo-nos assi *do sancto templo*, etc.

« *Nossa Senhora de Belem*, de religiosos de san' Jeronimo. É edificio nobilissimo e magestoso, onde (como bem diz Manuel de Faria) se ve acompanhada a grandeza de curiosidade, de arte a architectura, e de preço a materia. Fundou-o juncto do mar, não muito distante da foz do Tejo, el-rei D. Manuel, no anno de 1499, que el-rei D. João III, seu filho, ampliou com igual magnificencia, conforme expressam os disticos latinos compostos pelo mestre André de Resende, que estão gravados em pedra per cima da portaria do convento, e dizem :

« *Vasta mole sacrum Divina in littore Matri
Rex posuit Regum Maximus Emmanuel.
Auxit opus heres Regni, et pietatis uterque
Structurá certant, relligione pares.* »

Defronte d' esta sagrada e real fabrica, dentro da agua, fez edificar o mesmo rei D. Manuel, da parte do Norte, uma tórre de estructura quadrada e magnifica, munida com duas baterias alta e baixa, para defender, não so o convento, mas a entrada do porto de Lisboa. »

CASTRO, *Mapa de Portugal*.

« Que nas praias do mar está *sentado*.

Os nossos poetas, assim antigos como modernos, costumavam e costumam supprimir uma syllaba nas vozes, que lhe concediam e concedem essa suppresão, quando a harmonia do verso o pede : v. g. *repender* por *arrepender*, *desparecer* por *desapparecer*; e outras muitas. Moraes disse no seu dictionario : « *Sentar* (V. *Assentar*) postoque de ordinario se diz *senta-te*, *sente-se*, etc. Deve porém advertir-se que, n' este logar, a sobredita voz significa *edificado*, *fundado*. » Outras edições trazem :

« Que nas praias do mar está *assentado*.

Verso duro e mui prosalco.

EST. LXXXIX.

« Mães, esposas, irmãs (que o temeroso
Amor mais desconfia) *accrecentavam*
A desesperação, e frio medo
De ja nos não tornar a ver tam cedo.

Dou esse verso assim escripto per Manuel Correa; porque o verbo *accrecentavam*, sem *s* (qual então se pronunciava) torna o mesmo verso mais euphónico.

EST. XCI.

« Porque *is* aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é vossa?

Is por *ides* foi muito costumado de nossos classicos. Exemplo :

« E vós, bella companha, que subida
Per altos montes *is* exercitando
A dura caça com veloz corrida, etc. »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*, cant. 9.

EST. XCIII.

« Nós outros sem a vista alevantarmos
 Nem a mãe, nem a esposa, n'este estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado :
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado ;
 Que, postoque é de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

« A patria deve preferir-se no amor aos amigos, parentes, e até aos proprios paes e filhos. Camões não se esquece em assignar ao seu heroe e illustres companheiros, na citada oitava, esta brilhante qualidade. Este amor da patria é dado pela natureza até aos mesmos barbaros. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Poetica de Horacio*,
 pag. 212.

EST. XCV.

« Oh gloria de mandar! Oh vã cubiça
 D'esta vaidade, a quem chamámos fama! etc.

« A elegantissima falla, com que Camões termina o canto IV dos *Lusiadas*, tambem nos pinta, no character de um velho (alem da desconfiança) a censura e reprehensão dos valerosos mancebos, que via apostados á empresa, que elle considerava cheia de tanto perigo e dúvida. E so lhe parece bem a continuação da guerra africana; talvez por nenhum outro motivo mais que por haver sido n'ella creado. D'onde se ve que, ao passo que estranha a novidade da expedição asiatica, louva o que estava approvado pelo uso do seu tempo. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Poetica de Horacio*,
 pag. 166.

« Oh fraudulento gosto, que se atiaça
 C'uma *aura* popular, que honra se chama!

« *Aura* por *favor* é todo tirado do latim per Camões. É phrase propria da poesia epica e lyrica, polo que tem de sublime e audaz: a qual é tam frequente nos latinos poetas e prosistas, que excuso relatar exemplos. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 123.

EST. CI.

« Porque a fama te exalte, e te *lisonge*.

Aqui, pela figura apócope, cortou Camões á palavra *lisongeie* uma syllaba: o que tambem succede frequentemente nas vozes *dés* e *guard-te*, etc., em logar de *désde* e *guarda-te*, etc.

« Da India, Persia, Arábia, e de Ethiopia.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, para evitar a concurrencia *da da* que se acha em outras edições, como se aqui ve:

« Da India, Persia, Arábia, e da Ethiopia.

Est. CII.

« Oh maldicto o primeiro, que no mundo
Nas ondas vélas poz em secco lenho!

Horacio disse :

« *Illi robur et æs triplex
Circa pectus erat, qui fragilem truci
Commisit pelago ratem
Primus.* »

Ode III.

« Digno da eterna pena do *Profundo*, etc.

« Escrevemos com inicial o vocabulo *Profundo*, em opposição ao que se encontra em outras edições; por servir aqui para designar substantivada e antonomastica a ideia do *Abysmo* ou *Inferno*.—Igual correcção, e por identidade de razão, fizemos na est. 41, v. 2, e na est. 44, v. 6, d' este mesmo canto. »

(Nota do editor da edição Rollandiana.)

« Mas contigo se acabe o nome, e gloria.

Esta lição de Manuel Correa torna o verso mais sonoro, que est' outra que se lê em algumas edições :

« Mas contigo se acabe o nome, e a gloria.

Est. CIII.

« Trouxe o *filho de Jápeto* do ceo
O fogo, que ajunctou ao peito humano, etc.

Imitação de Horacio :

« *Audax Japeti genus
Ignem fraude mala gentibus intulit :
Post ignem ethered domo
Subductum, macies et nova febrium
Terris incubuit cohors.* »

Liv. 1. od. 3.

Est. CIV.

« Não commettera o *moço miserando*
O carró alto do *pae*, etc.

Foi *Phaetonte*, o qual querendo governar o carro de seu pae *Apollo*, abrasou o mundo; mas Jupiter o matou com um raio.

« O *grande architector*, co' o *filho* dando
Um, nome ao mar, e outro fama ao rio.

O *grande architector* é Dedalo, e o *filho* é Icaro.

Esta lição de Manuel Correa pareceu-me inferior á seguinte que se acha n' outras edições :

Um nome ao mar, e o outro fama ao rio.

« Nenhum *commettimento*....

Deixa intentado a humana geração.

Horacio disse :

« *Nil intentatum nostri liquere.....* »

Epistola aos Pisões, v. 285.

CANTO QUINTO.

EST. II.

« Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal *Neméu truculento*.

É o leão que Hercules matou no bosque *Nemeu*, em Achata.

EST. IV.

« As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso *Henrique* descobriu.

O infante *D. Henrique* não so foi o primeiro descobridor de novas terras per seus enviados, mas inspirou o gosto dos descobrimentos com que depois se fizeram tam grandes cousas.

« Terra, que *Antheo* n'um tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda; que à direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

Antheo foi um gigante filho da Terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.

« Christovão Colombo somente na sua terceira viagem, em 1498, foi que descobriu o continente americano ao Norte da linha; por isso o Gama apenas podia suspeitar a sua existencia no anno de 1497, em que saiu de Lisboa. A parte d'aquelle continente ao Sul da linha foi descoberta em 1500 per *Pedr' Alvares Cabral*. »

(Nota do editor da edição Rollandiana.)

EST. V.

« Passámos a grande ilha da *Madeira*,
(Que do muito arvoredo assi se chama)
Das que nós povoámos, a primeira.

« No anno 1419, sendo rei de Portugal *D. João I*, debaixo dos auspicios do infante *D. Henrique*, descobriu *João Gonçalves Zarco* a ilha da *Madeira*, d'onde trouxe para si e seus descendentes o illustre appellido da *Camara*; e com que abriu caminho ás grandes conquistas, que depois fizeram os Portuguezes na Africa, e na Asia.»

ANTONIO PEREIRA, *Compendio das epochas*.

« Antes, sendo esta sua, se esquecerá
De *Cypro*, *Gnido*, *Paphos*, e *Cythera*.

Cypro, e não *Chypre* é como pronunciavam os contemporaneos a Camões. Exemplo :

« A fresca e fertil *Cypro*, onde se honrava
Antiguamente a bella *Cytherea*. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 13.

EST. VI.

« Deixámos de *Massylia* a esteril costa,
Onde seu gado os *Azenegues* pastam, etc.

Descreve Camões n'esta estancia o vasto deserto de Saara.
Era o rio do Senegal, conhecido dos antigos sob o nome d' *Azenegues*.

« Onde as *aves* no ventre o ferro gastam.

A *Massylia*, hoje o *Dahra* é, por assim dizer, a patria das *avestruzes*, as quaes ahí andam em bandos. Sua voracidade inspirou aos viajantes, e aos naturalistas a ideia de que essas aves digeriam o ferro.

EST. VII.

« Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de *Clymene* a côr do dia.

Clymene, nympha, filha do Oceano, e de *Tethys*. Amou-a *Apollo*; esposou-a; e houve d'ella *Phaetonte* com suas irmãs *Lampecia*, *Phaethusa*, e *Lampethusa*.

« Aqui gentes estranhas lava, e rega
Do negro *Sanagá* a corrente fria.

Camões, pela figura hypallage, attribue ao proprio rio a côr dos habitantes d'esse paiz. A dita figura de transposição acha-se a miude nos Poetas. *Virgilio* disse com bastantè elegancia :

« *Ibant obscuri sold sub nocte silentes.* »

EST. VIII.

« Entrámos, navegando, pelas filhas
Do velho *Hespério*, *Hespérides* chamadas.

Allude o Poeta ás *ilhas de Cabo-verde*; bem que alguns escriptores antigos designem tambem, pelo nome *Hespérides*, as ilhas Canarias.

EST. IX.

« D'aqui, tanto que *Bóreas* nos ventou,
Tornámos a cortar o *immense lago*.

« Pintura sublime no sentido, e no estylo! A ultima clausula do derradeiro verso pinta, com a maior liberdade, a extensão immensa do Oceano. A metrificacão, e o estylo são cheios de tanta harmonia e cultura, que não podem ser excedidos.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 238.

Est. XI.

« As *Dórcadas* passámos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo alli viviam.

Per outro nome chamadas *Gorgonas* : querem alguns sejam *as ilhas de san' Thomé, e Principe*, juncto a Manicongo.

« Tu so, tu cujas tranças encrespadas, etc.

Meduza. (*Vêde Metamorphoses de Ovidio, liv. 1, v. 738, etc.*)

Est. XII.

« No grandissimo golpham nos mettemos,
Deixando a *serra aspérrima leoa*.

O choque das ondas, que se espedaçam nos escolhos que orlam a costa, similha o rugido que, ao longe, echôa. Eis porque os navegantes portuguezes a denominaram assim.

Camões, insigne poeta imitativo, duplica n'este verso a concurrencia dos *rr*, para designar o tal rugido e a escabrosidade da serra. Antonio Ribeiro dos Sanctos, disse tambem na sua ode aos Lusos argonautas :

« Sem medo o Bojador bramar ouviram;
Troar o carro dos tremendos deuses;
Rugir a *serra aspérrima leoa* ;
E assobiar com silvos horrorosos
O drago das Hespérides,
As viboras das Górgonas. »

Est. XIII.

« Per onde o *Zaire* passa claro e longo.

Esse rio nasce em a Negricia ; rega o Congo ; e lança-se no Oceano atlantico com tal impetu, que o refluxo de suas aguas se faz sentir em pleno mar, e isso a algumas leguas da margem.

Est. XIV.

« Ja descoberto tinhamos diante,
La no novo hemisphério, nova *estrella*.

É essa *nova estrella* a constellação do *Cruzeiro*, a qual serve aos nauticos para marcarem o pólo do Sul.

Est. XV.

« Vimos as *Ussas*, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

Calysto, sendo enganada per Jupiter, pariu *Arcas* ; e a ciosa Juno metamorphoseou-os em *ursos* ; mas Jupiter collocou-os no ceo. *Calysto* é a *ursa maior*, e *Arcas* a menor ou *Bootes*.

Ussa, e não *ursa* foi como pronunciaram e escreveram os quinhentistas. Exemplo :

« Se tal razão em tal materia é dina,
Bem te podem meus versos parecer,
Pois m'os inspira amor, pois m'os ensina.

Ha n'elles que cortar, ha qu'estender :
Vão como parto d' *ussa*, buscam vida,
Outra fôrma melhor, um novo ser. »

DIOGO BERNARDES, *O Lima*, carta 2.

EST. XVI.

« Aindaque tivesse a voz de ferro.

Assim d'ão escripto este verso as edições que consultei; mas o prenome *eu* subintendido parece-me indispensavei: elle torna o verso mais numeroso e digno da magestade epica. Emendei pois:

« Aindaque *eu* tivesse a voz de ferro.

EST. XVIII.

« Vi, claramente visto, o *lume vivo*,
Que a marítima gente tem por santo.

É o phenomeno igneo, que apparece aos marinheiros durando a tormenta, cognominado *Sanct' Elmo* ou *Corpo-Sancto*, etc.

« cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

São as trombas-marítimas, phenomeno horroroso e frequente no mar das Indias. Plinio o naturalista descreveu-as em poucas palavras:

« *Fit et caligo, belluæ similis nubes, dira navigantibus: vocatur et columna quum spissatus humor rigensque ipse se sustinet et in longam veluti fistulam nubes aquam trahit.* »

EST. XXI.

« Qual roxa *sanguesuga* se veria.
Nos *beiços* da *alimaria* (que imprudente
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente :
Chupando mais e mais se engrossa, e cria;

« Horacio disse na *Arte poetica* :

« *Non missura culem, nisi plena cruoris, hirudo.* »

« N'essa estancia os vocabulos *sanguesuga*, *beiços*, *alimaria*, *fartar* e *chupar*, nada teem de nobres; mas a propriedade, proporção e evidencia com que representam o modo assimilado, lhes dão o esplendor, de que a vulgaridade dos objectos, a humildade das acções, e a plebeia commum locução os tem privado. »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

EST. XXIII.

« Se os antigos philosophos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos d' ellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tam diversos ventos dando as vellas, etc.

« Todo o resto da estancia contem pensamentos relativos a estes quatro

versos allegados, e são *um pinho-de-ouro*. Tanto é superior o verso rhymado ao que o não é! »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 310.

EST. XXVI.

« Desembarcâmos logo na espaçosa
Parte, per onde a gente se espalhou, etc.

Foi na *angra de sancta Helena*, em 32° 40' de latitude meridional.

« Porém eu co' os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho *em tomar do sol a altura*,
E compassar a universal pintura

O *astrolabio* foi inventado em Portugal, no reinado de D. João segundo, pela volta do anno 1480, dês sete annos, pouco mais ou menos, antes da expedição do Gama.

EST. XXVII.

« Achâmos ter de todo ja passado
Do *semicapro peixe* a grande meta.

É o *signo-de-Capricornio*, o qual serve para marcar e designar o trópico do mesmo nome. Representan-o algumas vezes sob a figura d'um bode, rematada inferiormente em cauda de peixe.

EST. XXVIII.

« Selvagem mais que o bruto *Polyphemo*.

Polyphemo foi um Cyclope, filho de Neptuno e da Terra; o qual, segundo os poetas, tinha um so olho na tésta, tam grande como uma rodella. Era fero, cruelissimo, e comedor de carne humana.

EST. XXX.

« Domesticos ja tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernan' Velloso a ir ver da terra o trato.

Fernan' é abreviatura de *Fernando*, como *gran'* de *grande*, *sanct'* ou *sun'* de *sancto*, etc.

As outras edições trazem :

« *Fernão Velloso* a ir ver da terra o trato.

EST. XXXIII.

A resposta lhe démos tam *lecida*, etc.

Eu emendei :

A resposta lhe démos tam *crescida*, etc.

(Lêa-se a sabia nota a este verso feita pelos editores da edição de Hamburgo.)

EST. XXXV.

« Disse então a *Velloso* um companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)

« O'lá *Velloso* amigo, aquelle outeiro
 É melhor de descer, que de subir.»
 « Si é (responde o ousado aventureiro)
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir
 D'aquelles cães, depressa um pouco *vím*,
 Por mè lembrar que estaveis ca sem *mim*. »

« Esta resposta de *Velloso* ao camarada, que engraçadamente o picava, pola ligeireza com que se retirara dos cafres, é não menos jovial que delicada: ella salva-o da vergonha que o mesmo camarada lhe procurava causar pela fugida.»

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Poetica de Horacio*, pag. 134.

Virgilio escreveu :

« *Illum et labentem Teucris, et risere natantem,
 Et salsos rident removentem pectore fluctus.* »
Eneida, liv. v, v. 181, etc.

Camões, em vez de *mi*, empregava este prenome, como hoje se escreve e articula, quando a rhyma lh' o pedia.

EST. XXXVI.

« Porque saindo nós pera tomallo
 Nos podessem mandar ao *reino escuro*,
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

« A simplicidade da narração de um acontecimento, que nada tem de extraordinario, se communica ao estylo d'esta passagem; cuja phrase é conforme ao assumpto, como costumam fazer os Genios sabios, e so se distingue na pureza e harmonia. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 235.

EST. XXXIX.

Não acabava, quando uma figura
 Se nos mostra *no ar, robusta e válida*.

« Estes esdruxulos contribuem muito para o sublime, sendo collocados em seu devido logar; e podem-se reputar palavras sesquipedaes das linguas vivas, que mais affinidade teem com a latina.

A belleza da pintura, no primeiro verso, consiste nas cesuras do meio, e no fim do ultimo hemistichio: começa a belleza *no ar* sem contracção, e nos dous epithetos do fim, em que parece que a figura se vai erguendo visivelmente. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 313.

Francisco Manuel, ao ler tam sublime episodio, escreveu as seguintes estrophes :

« Olha a rama vivaz, que a frente cinge
 De Camões sublimado e sonoro:
 Ve como o *Adamastor* desmesurado,
 Para elle se debruça;
 E ao largo da alta espádua lhe dá mostra
 Do honrado cavalleiro, e gentil dama
 Que viu morrer de fome os filhos caros
 Nas ardentes areias. »

Est. XL.

« Tam grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo *colosso*,
 Que um dos sete milagres foi do mundo.

« Na hyperbole d'extensão quantitativa, se houve o nosso Camões com mais ingenho, attenção e economia que Homero e Virgilio: um descrevendo a estatura da *Discordia*, e outro a da *Fama*; tendo cadauma os pés na terra, e a cabeça alem das nuvens: pois na imagem que faz do gigante Adamastor, não o compara na grandeza com o monte, que n'elle se intendia; mas com o *colosso* rhodiano, que foi uma hyperbole visivel, que subiu a settenta covados de altura, e uma das sette maravilhas, com que a arte humana ennobreceu o mundo, e admirou a natureza, tornando-se d'este modo verosimil a exaggeração da apparente estatura do gigante, com a probabilidade do *colosso*, a quem (á vista do cabo tormentorio) conferir uma e outra machina: assim o ideiou Vasco da Gama a elrei de Melinde per bocca do Poeta. »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

Est. XLIII.

« E da *primeira armada*, que passagem
 Fizer per estas ondas insofridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja mor o damno, que o perigo.

« Foi esta armada a de Pedr' Alvraes Cabral que, de treze navios que a compunham, lhe soçobraram quatro, sem d'elles escapar ninguem com vida, em uma violentissima borrasca, que o assaltou n'essas alturas.

Pedr' Alvares Cabral em 1500, na segunda armada que de Portugal saiu para a India, descahiu muito do Equador ao Sul para montar melhor o cabo da Boa-Esperança, foi dar, em 24 d'abril, em costas nunca vistas, praias incognitas do 10 até 17 graus e meio, 450 leguas occidentaes ás da conhecida Africa. Admiraram o bom clima, e fertilidade do paiz aonde, ouvida missa, arvoraram o estandarte da *Sancta-Cruz*; nome que ficou ao sitio, trocado em *Brasil*, polas muitas arvores d'esta madeira. Ficaram dous Portuguezes entre os Americanos para saber sua lingua e costumes. Veio o capitão Gaspar de Lemos a Portugal com a noticia. »

AZEVEDO, *Epitome da hstoria portugueza*.

Est. XLIV.

« Aqui espero tomar (se não me engano)
 De quem me descobriu, summa vingança.

Antes da viagem de Vasco da Gama, *Bartholomeu Dias* tinha navegado té o *Cabo-das-tormentas*, e mesmo alem; mas so na volta, o descobriu. A expedição do Gama teve logar após essa noticia, todavia *Bartholomeu* não entrou na dita expedição; sim na esquadra de Pedro Alvares Cabral, e morreu n'uma furiosa procella que a salteou.

De vossa *pertinace* confiança:

Camões, pela figura paragoge, accrescentou uma syllaba ao vocabulo *pertinaz*.

EST. XLV.

« E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Per juizos incógnitos de Deos.

Foi *D. Francisco d'Almeida*, 1º vice-rei da India; o qual, no 1º de março de 1510, foi morto em uma briga entre os indigenas, e os da sua companhia, juncto á Bahia-do-Saldanha.

EST. XLVI.

« Outro tambem virá de honrada fama,
.....
E comsigo trará a *fermosa dama*, etc.

Manuel de Souza de Sepulveda, e sua esposa *D. Leonor de Sa* que, com seus filhos, pereceram desgraçadamente na Cafraria.

Camões descreve n'esta estancia, e nas duas seguintes, o lamentavel fim d'esses dous esposos, per modo que, sem o ver-mos, não faz differente effeito, que fizera presenciado.

EST. L.

« Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
A quem chamais vós outros tormentorio;
Que nunca *Ptolomeu*, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio.

Eis como se acha impresso o nome *Ptolomeu* em todas as edições dos *Lusiadas* que consultei; mas os seus editores não repararam que esse vocabulo assi escripto volvia o verso asperissimo, pela concurrencia das syllabas *Pto* e *Pom*. Os nossos bons authores, mormente os poetas, davam de mão á etymologia, quando ella lhe arranhava os ouvidos. Eis porque, tanto Camões, quanto seus contemporaneos, escreveram e articularam a voz *Ptolemu*, do latim *Ptolemæus*, como se lerá nos seguintes exemplos.

« Ahi, sem passar mar, nem mudar sella,
Vereis pintado o mundo, ou per escrito
Em Plinio, *Tolomeu*, Pomponio-Mella. »

DIOGO BERNARDES, *O Lima*, carta 27.

E Luis Pereira, *Elegiada*, cant. 6 :

« Não ves como sem medo o africano
Terreno atravessam os que penduram
De *Tolomeu* as falsas esperanças,
E quam erradas são taes confianças? »

Escorado pois em tam graves auctoridades, emendei o verso de Camões como aqui vai :

Que nunca a *Tolomeu*, Pomponio, Estrabo, etc.

E eil-o sem escabrosidade alguma.

Est. LI.

« Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual *Encélado*, *Egeu*, e o *Centimano*.

Gigantes que quizeram escalar o ceo na guerra que fizeram aos deuses.

Est. LII.

« Amores da alta *esposa de Peleo*, etc.

Foi *Thetis*, esposa de Peleu, e mãe de Achilles; e não *Tethis*, consorte de Neptuno.

Est. LIV.

« Encheram-me com grandes *abondanças*
O peito de desejos e esperanças.

A voz *abondanças* foi empregada per Camões para rhymer com *esperanças*; pois no seu tempo ja se dizia *abundancia*.

Fernan' d'Alvares do Oriente escreveu :

« Depois me fez com grandes *abondanças*
De promessas mui rico e de favores,
Tributarios a médos e a mudanças. »

Lusitania Transformada, liv. 1.

Est. LVI.

« Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E juncto d' um penedo outro penedo.

« Conta-se que o famoso Lope de Vega, estando pela primeira vez lendo este admiravel episodio, e chegando ao citado verso

« Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,

parou, e fez toda a diligencia para acabar a estancia com pensamento e phrase proporcionada ao assumpto. Vendo pois que toda a fadiga lhe era inutil, continuou na leitura, e ficou cheio de pasmo quando viu a facilidade, com que Camões havia concluido o fecho da estancia com o seguinte verso. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 311.

Est. LX.

« Assi contava, e c' um medonho choro
Subito d' ante os olhos se apartou.

Preferi esta lição de Manuel Correa; porque a preposição *de* sem apostrophe torna o verso mais numeroso. Outras edições trazem :

Subito *de* ante os olhos se apartou.

Est. LXI.

« Ja *Phlegon*, e *Pyrois* vinham tirando
Có'os outros dous, o carro radiante.

Imitação d'Ovidio :

« *Interea volucres Pyroeis, Eous et Æthon,
Solis equi, quartusque Phlegon...* »

Metamorphoses, liv. II, v. 153, etc.

« Quando a *terra alta* se nos foi mostrando
Em que foi convertido o gran' gigante.

Dobrou a armada de Vasco da Gama o *cabo da Boa-Esperança* em 20 de novembro de 1497.

« Onde segunda vez *terra* tomámos.

Na bahia agora denominada *Aguada-de-san' Braz*.

EST. LXII.

« Com *bailos*, e com festas de alegria.

Conservei esse verso, qual o escreveu Manuel Correa, porque os quinzentistas diziam *bailos*, e não *bailes* como hoje.

EST. LXIII.

« Cantigas pastoris em prosa ou rima.

Esta lição de Pedro Craesbeeck parece-me mais correcta que est'outra, que appresentam algumas edições :

« Cantigas pastoris ou prosa ou rima.

« Imitando de *Tityro* as *Camenas*.

Pastor celebrado de Virgilio. *Camenas* são as Musas.

EST. LXV.

« Já aqui tínhamos dado um gran' rodeio
A' costa *negra* de Africa, etc.

Chama Camões *negra* a costa de Africa, para denotar pela negridão, os seus habitantes.

N'aquelle *ilheo* fez seu limite certo.

Jaz esse *ilheo* a quarenta e tantas leguas alem do *cabo da Boa-Esperança*; e é termo da primeira navegação de Bartholomeu Dias, que o nomeou *Sancta-Cruz*.

EST. LXVI.

« Co' o mar um tempo andámos em perfias;
Que, como tudo n'elle são mudanças,
Corrente n'elle achámos tam possante,
Que passar não deixava per diante.

Foi esta *corrente* quem embargou Bartholomeu Dias de ir ávante. Chama-se esse *cabo Cabo-das-correntes*. Vasco da Gama so poude dobral-o ajudado d'um vento mui favoravel; o qual, soprando do Norte, impellia-o da costa.

EST. LXVIII.

« Trazia o sol o dia celebrado,
Em que *tres reis* das partes do Oriente
Foram buscar um *Rei de pouco nado*, etc.

Os tres réis são os réis Magos, e o Rei de pouco nado é Jesu-Christo.

« No qual *Rei outros tres* ha junctamente.

Allude aqui Camões á Trindade-Sanctissima ?

« N' um largo *rio*, ao qual o nome demos
Do *dia*, em que per elle nos mettemos.

Falla aqui o Poeta do *Rio-dos-réis*.

Est. LXXIII.

« E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos d' esta costa algum desvio,
Deitando pera o *pégo* toda a armada.

« O termo *pégo* é o vocabulo latino ou grego *pelagus*, per suppressão syllabica: figura que os grammaticos denominam *syncope*. Significa ordinariamente a parte mais funda de um rio; assim como na lingua grega a parte mais funda do mar. Tambem costumámos applicar este termo a outros sentidos per varias translações. D'aqui vem pois a tomar-se metonymicamente pelo *mar*, na lingua latina e na portugueza: parte pelo todo. Assim vimos a possuir tres vocabulos positivos, que exprimem a massa commum das aguas do universo, *mar*, *pégo* e *pélago*: este ultimo é o segundo *pégo* emendado pela poesia, á qual ficou consagrado, sem se afastar do latino *pelagus*. A phrase d' esta passagem é menos que simples, propria de um roteiro em verso. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 240.

Est. LXXVII.

« Dizem, « que per *naus*, que em grandeza iguallam
As nossas, o seu mar se corta, e fende.

Pertenciam essas *naus* a mercadores da Meca, e dos portos do Mar-Vermelho; as quaes, de primeiro, iam ás Indias, e abicavam a Sofala, antes de volverem ao seu palz.

Est. LXXVIII.

« o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Gabello foi certo morador de Reges, na Media, de quem indo Tobias, per mandado de seu pae, arrecadar um pouco de dinheiro, e não se atrevendo ir so, lhe appareceu o *Arcanjo san' Raphael*, e o acompanhou té o logar onde se dirigia.

Est. LXXIX.

« Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpo de todo o *falso* pensamento.

A edição de Manuel Correa traz:

Limpo de todo *falso* pensamento.

Est. LXXX.

« mas logo a recompensa
A *Rhamnúsia* com nova desventura.

Deusa da vingança e indignação, adorada em Rhámnas, aldeia de Attica; e por isso chamada *Rhamnúsia* ou Nemesis.

Est. LXXXIII.

« Emfim que n' esta incognita espessura
Deixámos pera sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre comnosco aventureiros.

Virgilio disse :

» *Nudus et ignotus, Palinure, jacebis arend* »

« Estranhos, assi mesmo *como aos nossos*, etc.

Não ficaria talvez mais correcto esse verso, lêndo-se

Estranhos, assi mesmo *como nossos* ?

Est. LXXXV.

« (Cuja brandura, e doce tractamento
Dera saude a um vivo, e vida a um morto).

Esta lição da edição de Pedro Craesbeeck parece-me menos conforme á boa syntaxe, que est' outra :

« (*Dará saude a um vivo, e vida a um morto.*)

Est. LXXXVI.

« *Agora julga, o' rei, se houve no mundo*, etc.

Este verso, assim escripto na edição de Hamburgo, pareceu-me mais correcto que est'outro, que se acha na mor parte das edições :

« *Julgas agora, rei, que houve no mundo*, etc.

Outras trazem :

« *Julgas agora, rei, se houve no mundo*, etc.

Est. LXXXVII.

« *Esse*, que bebeu tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, *Rhodes, Smyrna*, e *Colophonia*,
Athenas, Chios, Argo, e *Salamina*.

Allude Camões a *Homero*.

Este logar nos *Lusiadas* é uma versão litteral do antiguo distico citado per Aulo-Gellio :

« *Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri,*
Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamin, Chios, Argos, Athenæ. »

« *A cuja voz altisona e divina*
Ouvindo o patrio Mincio, se adormece.

A cuja voz ouvindo o patrio Mincio se adormece, parece-me construc-

ção alheia da boa syntaxe. Emendei *E* cuja voz, etc. Camões allude aqui a *Virgílio*.

EST. LXXXIX.

« Ventos soltos lhe finjam, e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas;
Harpyas, que o manjar lhe contaminem;
Descer às sombras nuas ja passadas, etc.

« Não é possível que se encontre poesia mais rica do que a d'estes quatro versos, onde se ve recopilado o maravilhoso principal da *Odyssea*, e da *Eneada*. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 236.

EST. XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, *Alexandro* na peleja, etc.

Um coração generoso e sensível á emulação, se lhe propozer-mos a gloria e celebridade do nome, em recompensa de suas acções, sentirá o que de *Alexandre*, e de Themistocles canta o nosso Poeta n'esta estancia.

EST. XCIV.

Si; mas aquelle heroe, que estima, e ama
Com dões, mercês, favores, e honra tanta
A lyra mantuana, faz que soe
Eneas, e a romana gloria voe.

Si e não *sim* é como escreveram e pronunciaram nossos classicos.
Exemplo :

« *Si*, ha, tornou o religioso. »

FREI HEITOR PINTO, *Imagem da vida christã*,
pag. 46.

EST. XCV.

Dá a terra lusitana *Scipiões*,
Cesares, *Alexandros*, e dá *Augustos*;
Mas não lhe dá comtudo aquelles *dões*,
Cuja falta os faz duros e robustos.

« Advirto que a palavra *dom*, quando é prenome de nobreza, faz no plural *dões*; e quando significa beneficio, ou doação, faz no plural *dões*: o primeiro vem de *dominus*; o segundo de *donum*. Polo que se não confundam os pluraes, que são differentes diphtongos. »

ALVARO FERREIRA DE VERA, *Orthographia*, f. 26.

« A respeito do plural *dões*, no sobredito sentido, não ha dúvida haver-se antigamente usado sempre d'esta maneira: hoje porém o uso mais commum é dizer-mos *dons*, tanto pola analogia com os demais nomes, que teem singular em *om*, como porque assim pronunciam e escrevem pessoas, que bem fallam a nossa lingua. O padre Vieira usa de ambas as terminações. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Rudimentos da grammatica portugueza*,
nota III, pag. 17.

Est. XCVI.

O que de Scipião se sabe e alcança
É nas comédias grande experiencia.

« Esta passagem de Camões nada mais tem de relevante que uma facilidade inherente ao seu estylo, postoque apparente n'este logar, onde falta o verbo *ter*, que se deve supprir per um genero de ellipse, pouco natural á syntaxe da nossa lingua. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 130.

Lia Alexandro a *Homero* de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

« Alexandre Magno de dia as trazia (obras de Homero) nas mãos, e de noite as tinha com sigo á cabeceira: e affirma Plutarcho, que tendo-se-lhe uma vez apresentado uma caixa preciosissima que fôra d'el-rei Dariu, disse « que era boa pera guardar n'ella a Iliada de *Homero*. »

FREI HEITOR PINTO, *Imagem da vida christã*, pag. 15.

Est. XCVII.

Porque, quem não sabe a arte, não *a* estima.

Este verso, assim escripto per Manuel Correa, fica mais apto á boa pronuncia, que o seguinte:

Porque, quem não sabe a arte, não *na* estima.

Os editores deviam escrever o dito verso do modo seguinte:

Porque, quem não sabe a arte, *nan-a* estima.

Eis o que o erudito editor do *Hyssope*, poema heroico-cómico de Antonio Diniz, disse acerca d'essa terminação em *n*:

« Apezar da manifesta aversão de nossos maiores contra a lettra *n*, que em todas as desinencias elles suppriam com a consoante *m*, como pouco soante, e muito menos nasal; notaremos porém que, para evitar os *hiatos*, costumavam, em algumas desinencias, conservar o som e a força do *n*, para ferir com elle a vogal que desse principio á palavra seguinte, mormente sendo artigos. Em alguns manuscriptos dos xvi e xvii seculos, temos encontrado palavras acabadas em *n*, em vez de *m*, la onde a voz seguinte principia per vogal; e todos nossos poetas, e prosadores dam-nos repetidas e sobejas provas d'este uso que, a favor da euphonia, reclama o emprego do *n*; mas achamol-o empregado de um modo que desfigura totalmente a razão de sua origem. Na *Lusitana Transformada* de Fernan' Alvares do Oriente vemos o exemplo seguinte (pag. 45, edic. de 1781): « E os pastores *acata-no* » em vez de *acatan-o*. »

O mesmo editor cita, alem de outros, o seguinte exemplo de Francisco de Sa de Miranda, na carta 2^a, ao senhor de Basto, *quintilha* 36:

« Almas, que sonhando andais,
O muito *nan-o* troqueis
Por nadas, como o trocais:
As perolas orientais
Aos porcos *nan-as* lanceis. »

Est. XCIX.

A's Musas agradeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lyra nome, e fama
 De toda illustre e béllica fadiga :
 Que *elle*, nem *quem na estirpe seu se chama*,
 Calliope não tem por tam amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As télas de ouro fino, e que o cantassem.

Os versos d' esta oitava parecem confirmar um antigo boato que corre; e é que, inteirado o descendente ou descendentes de Vasco da Gama, que estava para sair á luz um poema, que immortalizaria esse heroe, responderam com orgulhosa estulticia : « Nós temos os titulos e não carecemos de poema. » Com effeito, palavras taes bem cabiam na bocca de quem podia a si applicar os seguintes versos de Camões :

Mas o peor de tudo é, que a ventura
 Tam asperos os fez, e tam austeros,
 Tam *rudos*, e de *ingenho tam remissa*,
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada d' isso.

As télas de ouro fino, e que o cantassem.

Esse verso, assim escripto per Manuel Correa, fica mais chelo, que este de outras edições :

As télas d' ouro fino, e que o cantassem.

Est. C.

Não perderá seu preço, e *sa* valia.

« Os quaes idiomas (o castelhano, o italiano, e o portuguez) tendo muita proxima affinidade entre si, como os mais derivados do latino, e grego, adoptaram as mesmas regras de economia metrica, que os Provençaes lhes communicaram, e com ellas as mesmas liberdades, as quaes se foram mais ou menos modificando nos ditos idiomas; segundo o grau de perfeição, que estes foram recebendo : per exemplo, em *sua*, parte feminina do possessivo *seu*, raramente deixavam de contrahir todos os melhores poetas que escreveram nos sobreditos idiomas modernos, fazendo de *sua sa*, á maneira dos Provençaes. Assim se usou em Italia desde Dante até ao Tasso : o mesmo em Castella desde Gonçalo Berceo até D. Alonso de Ercilla ; e o mesmo se praticou em Portugal desde o nosso rei D. Diniz até ao grande Camões. E antiguamente se costumava dizer, quer fosse no verso, quer na prosa, *sa madre, sa vida, sa inclinação*, por *sua madre, sua vida, sua inclinação*; como se pode ver nos dous sonetos do dito rei D. Diniz, os quaes andam nas obras de Antonio Ferreira. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 298.

CANTO SEXTO.

Est. I.

A ventura, que *não* o fez visinho, etc.

Preferi esta lição de Manuel Correa a est'outra, que vem n'algumas edições :

A ventura que *não no* fez visinho, etc.

Est. II.

Com que a *Lageia* Antonio alegre, e engana.

Foi Cleopatra, rainha do Egypto, aqui designada pelo *appellido* da sua dynastia ; a qual começara em Ptolomeu, filho de *Lago*.

Est. VI.

Mas o *mau* de Thyoneu, que na alma sente, etc.

Não ficaria talvez melhor este verso assim escripto :

Mas o *mau* Thyoneu, que na alma sente? etc.

Est. X.

Do velho *Chaos* a tam confusa face.

Emprega Camões a figura *syneresis* na voz *Chaos*, reduzindo-a n'este verso a *monosyllaba*.

Est. XIV.

A's portas o recebe, acompanhado
Das *nymphas*, etc.

A edição de Hamburgo diz :

E ás portas o recebe, acompanhado
Das *nymphas*, etc.

Est. XVI.

Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei, e de *Salacia* veneranda.

« A quem não parecerá, n'esta vivissima descripção e imagem poetica, que está vendo com os seus proprios olhos a esse monstro marinho? Quanto melhor é esta *hypotyposis* feita em *estylo asiatico*, do que a que nos deixou Virgilio do mesmo monstro, retratando-o com *ideia attica* na *poppa* de uma nau, dizendo na *Eneada*, liv. 10 :

« *Hunc vehit immanis Triton, et cœrula concha
Exterrens freta, cui laterum tenuis hispida nanti
Frons hominem præfert, in pristin desinit alvus.* »

Ignacio Garcez Ferreira, nas notas que fez a este poema (os *Lusiadas*) judiciosamente diz d'estas estancia : « Entra o Poeta a fazer uma admiravel *hypotyposis* do *Tritão*, em que se observa uma singular fecundidade

de imagens poeticas, todas propriissimas, e (a meu ver) todas originaes do seu raro ingenho.»

FRANCISCO JOSEPH FREIRE, *Arte poetica*, tom. I. pag. 99 e 100.

EST. XVII.

Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros *misilhões*, que alli se geram.

Manuel Correa escreveu :

Os negros *mexilhões*, que alli se geram.

EST. XVIII.

Ostras, e *breguições* de musgo sujos.

Em Manuel Correa lê-se :

Ostras, e *birbigões* de musco sujos, etc.

A edição de Hamburgo traz :

Ostras, e *misilhões* de musgo sujos.

EST. XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o *filho*, bello *ifante*,
No numero dos deuses relatado.

Foram *Ino*, e seu filho *Melicerte* convertidos em divindades marítimas, com os nomes de *Leucóthea* e *Palémo*.

Ifante, e não *infante* é como os quinhentistas diziam. Exemplo :

« É morto o meu senhor? o meu *ifante*? »

ANTONIO FERREIRA, *Castro*, *tragedia*, act. 3.

EST. XXIV.

E o deus, que foi um tempo corpo humano, etc.

Allude Camões á fabula de *Glauco*, o qual de pescador foi convertido em divindade marítima, por ter comido certa herva. Namorou-se d'elle a maga Circe; mas vendo que *Glauco* lhe preferia a fermosa *Scylla*, instigada pelo ciume, houve artes para converter a sua rival em um monstro marinho, envenenando a fonte onde esta tinha per costume ir lavar-se.

Scylla, que elle ama, *d'esta* sendo amado.

Na edição de Manuel Correa lê-se :

Scylla, que elle ama, *d'ella* sendo amado.

EST. XXV.

De fumos enche a casa a *rica massa*,
Que no mar nasce, e a Arábia em cheiro passa.

É o *âmbar*, substancia odorífera, que se encontra ás orlas do mar em certas paragens.

Que no mar nasce, e a Arábia em cheiro passa.

Esta lição de Manuel Correa faz o verso mais numeroso, que a seguinte d' outras edições :

Que no mar nasce, e Arábia em cheiro passa.

EST. XXIX.

« Vistes, que com grandissima ousadia,
Foram ja commetter o ceo supremo, etc.

Allusão á ode 3^a, liv. 1, das poesias lyricas de Horacio :

« *Expertus vacuum Dædalus æra
Pennis non homini datis;
Nil mortalibus arduum est,
Cælum ipsum petimus stultitid....* »

« Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela, e remo.

Horacio disse :

« *Commisit pelago ratem.* » *Ode III, liv. 1.*

« Vistes, e ainda vemos cada dia,
Suberbas, e insolencias taes, que temo
Que do mar e do ceo em poucos anos
Venham deuses a ser, e nós humanos.

« Inerível e inverosimil era que os deuses viessem a ser humanos, e os humanos deuses, como inferia Baccho ; que se possam na fama immortalizar os homens per empresas grandes e illustres, e serem na veneração dos seculos, semideuses e heroes, ja o cantou Virgilio de Salonino, filho de Pollião :

« *Ille Deum vitam accipiet, Divisque videbit
Permixtos heroes.* »
Ecloga IV.

Porém o acerrimo odio, e temor extraordinario, que Baccho mostrou, e concebeu da navegação dos Portuguezes ás regiões da India, aonde elle havia dilatado seu nome, e seus triumphos ; o ciume de que outras proezas, e outra gloria o eclipsassem ; a desconfiança, a inveja, a emulação, e presagio de ver-se excedido e escurecido, dão áquella exaggerante conclusão, deduzida de antecedencias, e circumstancias tam notorias, uma tal similhaça de verdade, que a faz não parecer hyperbole.»

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos.*

EST. XXX.

« Vêdes, o vosso reino devassando, etc.

A edição de Pedro Craesbeeck traz :

« Vêdes, que a vosso reino devassando, etc.

EST. XXXI.

« Eu vi que contra os *Minyas*, etc.

Foram os *Argonautas*.

Ovidio disse :

« *Jamque fretum Minyæ Pagasæd puppe secabant.* »

EST. XXXII.

« E não consinto, deuses, que cuideis,
Que por amor de vós do ceo *deci*, etc.

O verbo *descei* sem *s*, qual o escreveu Manuel Correa, torna este verso menos euphonico.

EST. XXXVII.

Ja la o suberbo *Hyppótades* soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, etc.

Hyppótades é Eolo, rei dos ventos; por ser casado com Sergesta, filha de *Hyppotas* Troiano.

EST. XXXIX.

Bocejando *a miude*, se encostavam
Pelas antennas, etc.

Na edição de Manuel Correa lê-se :

Bocejando *a miudo* se encostavam, etc.

Os olhos, contra seu querer abertos;
Mas *esfregando*, os membros estiravam.

Na edição publicada em Paris per Firmino Didot, lê-se assim este verso :

Mas *estregando*, os membros estiravam.

A pezar da nota que o Souza fez a este verso, derivando-o do latim *ex-tergo*, a differença d'um e outro vocabulo so consiste na letra *f* posta em vez de *t* per descuido typographico,

EST. XL.

« Com que melhor podêmos (um dizia)
Este tempo passar, que é tam pesado, etc.

Esse colloquio, que Camões põe na bocca d'um mancebo e na de Leonardo e Velloso, volve-se adequadissimo (em tam monótona navegação) a ameigar-lhes o tédio. A aventura cavalleiresca narrada per Velloso, fornece um bellissimo episodio após o do inimitavel Adamastor.

EST. XLVI.

« Se vão todas ao *duque de Alencastro*.

Foi esse *duque* sogro d'el-rei D. João o Iº, e irmão d'el-rei Duarte de Inglaterra.

Est. XLVII.

« Onde as forças magnánimas provara
Dos companheiros, e *benigna estrella*.

Estas elegancias, que exprimem com decencia e sublimidade as consolações, e os descansos tam appetecidos de todos aquelles que cultivam as artes, são proprias da nossa lingua, e tiradas da navegação, a que sempre se deu a nação portugueza.

Est. XLVIII.

« Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e *partes* tam divinas, etc.

« A voz *partes* é de significado honesto; mas a pezar d'isso se deve usar acauteladamente; pois que é facil interpretal-a de sorte que passe a ser torpe.»

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*, pag. 71.

Est. LXIX.

« Com palavras *de* afagos, e *de* amores, etc.

O verso assim escripto per Manuel Correa, fica mais numeroso que o seguinte em algumas edições:

« Com palavras *d'* afagos, e *d'* amores.

Est. L.

« D'est' arte as aconselha o duque experto;
E logo lhe nomêa *doze fortes*.

Foram elles: Alvaro Vaz d'Almada, filho do Almada que regia a ala esquerda da hoste portugueza na batalha d'Aljubarrota, Lopo Fernandes Pacheco, João Fernandes Pacheco, irmão do precedente, Pedro Homem da Costa, João Pereira, sobrinho do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Luis Gonçalves Malafala, Alvaro Mendes Cerveira, Rui Mendes Cerveira, Rui Gomes da Silva, Soeiro da Costa, Martim Lopes de Azevedo, Alvaro Gonçalves Coutinho, cognominado Magriço, filho de Gonçalves Vaz Coutinho, primeiro Marechal de Portugal, e irmão do primeiro conde de Marialva.

Est. LII.

« La na leal *cidade*, d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, etc.

É a *cidade do Porto*, cognominada pelos antigos *cale*. De *Porto e cale* se compoz o nome *Portugal*.

« De elmos, cimeiras, lettras, e primores.

A edição de Manuel Correa tem:

« D'elmos, cimeiras, lettras, e primores.

Est. LIII.

« Mas um so, que *Magriço* se dizia, etc.

Se o illustre *Magriço* passando per Flandres se demora alli, e entra em Inglaterra depois dos onze companheiros, não é por motivo de descuido ou de querer desgostar a dama, a quem fôra dado em sorte, é sim para que a sua entrada subita cause um alvoroço geral.

Est. LIV.

« Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias *manhas*.

« Dizemos que a raposa é *manhosa*, por astuta; de uma pessoa, que é *manhosa*; isto é, *maliciosa, artilosa*: de outra dizemos, que tem *más manhas*; isto é, *maus costumes*, principalmente de furta; e, per analogia, diz-se de uma bêsta, *que tem manha*: de fórmula que pelo abuso burlesco, que se fez do vocabulo, *manha*, este perdeu o antigo uso serio em que os nossos authores o tomaram per *habilidade, destreza, industria*, que é a ideia primeira que se lhe deu. »

NEVES, *Causas da decadencia da lingua portugueza*, pag. 397 e 398.

Est. LVI.

« No grande emporio foi parar de Frandes.

A cidade de *Bruges* aqui designada per *grande emporio, grande praça-de-commercio*, tinha-se volvido sob Filippe-o-bom, duque de Borgonha e conde de Flandres, uma das mais florentes cidades do Norte.

Est. LVII.

« E das damas são servidos, e *amimados*.

Outras edições trazem :

« E das damas são servidos, e *animados*.

Chapadissimo absurdo; pois os doze campeões portuguezes não temiam medir suas forças com os doze Inglezes.

Est. LX.

« Não são vistos do sol, do Tejo ao *Bactro*, etc.

Bactro ou *Oxus* dos antigos é um grande rio da Asia, hoje denominado *Gihon* ou *Dgeihoun*, na Tartaria Independente.

Est. LXI.

« *Mastigam* os cavallos, escumando,
Os aureos freios com feroz sembrante, etc.

Assim n'esta, como na seguinte oitava, vemos com admiração a prodigiosa abundancia com que a inexhausta phantasia de Camões variava o seu estylo, e como ao mesmo passo ia enriquecendo a lingua de vozes e phrases nobres e elegantes.

« quando a gente
Começa alvoroçar-se geralmente.

Preferi esta lição de Manuel Correa a est' outra :

« Começa a alvoroçar-se geralmente,

para evitar o hiato que formam as tres vogaes seguidas *a a a* .

Est. LXIII.

« A dama , como ouviu que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome , e fama ,
Se alegre , e veste alli do animal de Helle ,
Que a gente bruta , mais que a virtude , ama .

« La em cima diz que a dama se vestiu com tristeza ; isto é , se vestiu de negro ; e aqui diz «que logo se vestiu de brocado de ouro, do animal de Helle ou de amarello», que, assim como o encarnado, é côr propria do regozijo. Esta phrase é um dos mais notaveis atrevimentos de elocução, que se encontram na nossa lingua : certamente não tem a poesia de Pindaro matores audacias, a pezar da liberdade que lhe dava uma lingua a mais abundante de expressões figuradas. Estes rodeios sublimes são rasgos que acompanham o furor da phantasia altamente agitada pela impulsão de um enthusiasmo verdadeiramente grande, verdadeiramente inspirado ; que, para se exprimir conforme a dignidade da sua concepção, cria novas formulas, e nova linguagem. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 263 e 264.

Est. LXV.

« Algum d'alli tomou *perpetuo sono* .

« Aqui está *perpetuo* por *eterno*, com differente operação no accidente. Verso harmonico e elegante. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 244.

Est. LXVIII.

« La se deixou ficar, onde um serviço
Notavel á condessa fez de *Frandes* .

A infanta *D. Isabel*, filha d'el-rei *D. João I*, que casou com *Filippe de Borgonha e Flandres*. Em uma contestação suscitada entre este e *Carlos VII*, rei de França, a dita infanta propoz se decidisse o negocio pela via das armas. Magriço foi o campeão per ella escolhido ; o qual venceu o cavalleiro francez que sustentava as partes d'el-rei de França.

« Um Francez mata em campo , que o destino
La teve de *Torquato* , e de *Corvino* .

Torquato chama-se *Tito Manho*, homem excellente, e tam observador da disciplina militar, que fez morrer um proprio filho, aindaque vencedor, por haver vencido sem sua ordem.

Corvino : *Valerio Messalla*, tribuno de soldados, saindo a desafio com um Francez, teve em sua ajuda um corvo ; o qual pondo-se-lhe em cima do capacete, de quando em quando fazia d'alli suas arremetidas contra o Francez, aferrando-lhe no rosto, e nos olhos, com que o Romano ficou vencedor, e d'alli per diante com o appellido de *Corvino*.

Est. LXIX.

« *Outro* também dos doze em Alemanha, etc.

Foi *Alvaro Vaz d'Almada*, o qual acceitou o desafio proposto per um Alemão sob condição de que renhiriam com o lado direito descoberto : sabendo porém depois que seu antagonista era canhoto, indignado d'essa perfidia, lançou-se a elle, e suffocou-o entre seus braços.

Est. LXXIII.

« *Se* aproveitar dos homens força, e arte.

Assim se acha escripto esse verso na edição de Manuel Correa, publicada no anno de 1613, e na pequenina de 1651 :

Na de Pedro Craesbeeck, anno de 1631, lê-se :

« *Sem* aproveitar *dos* homens força, e arte.

Na do padre Aquino, 1815, e na de Hamburgo, 1834 :

« *Sem* aproveitar *de* homens força, e arte.

E na parisina dada á luz per Firmino Didot, em 1819 :

« *Se* aproveitar dos homens força, e arte.

Sê por *sem*, pela figura ecthlipse, foi não so usada per Camões, mas até per outros poetas quinhentistas.

Est. LXXV.

Quebrado leva o *masto* pelo meio.

Assim se acha escripto este verso na edição de Manuel Correa. A palavra *mastro* com *r* torna a pronuncia escabrosa.

Est. LXXVII.

As halcyoneas aves triste canto
Juncto da costa brava levantaram, etc.

Ceix, esposo idolatrado de *Alcyone*, morreu em um naufragio : e diz a fabula que os deuses transformaram os dous consortes em aves ; as quaes, segundo se conta, alçam triste canto durando as borrascas marítimas.

Est. LXXVIII.

Nem tanto e gran' Tonante arremessou, etc.

Imitação de Horacio :

« *et rubente*
Dexterâ sacras jaculatus arces,
Terruit urbem :
Terruit gentes, grave ne rediret
Seculum Pyrrhæ..... »

Liv. I. od. 2.

No gran' diluvio, d' onde sos viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

Deucalion e Pyrrha sua esposa ; os quaes foram preservados do dilu-
vio. Havendo consultado o oraculo de Themis, aconselhou-lhes este « que
lançassem os ossos de sua mãe ; isto é, as pedras, para traz das costas per
cima das cabeças : » cujas pedras, saindo-lhes das mãos, se metamorpho-
seavam, as de *Deucalion*, em homens, e as de *Pyrrha*, em mulheres.

EST. LXXX.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo *se perdia*, etc.

« O maior dos males, na ordem da natureza, é sem dúvida a *morte*; mas
os homens so então a temem quando a consideram proxima, como em
tempo de epidemia, de terremoto, de *tempestade*, ou de doença grave.
Por este motivo é mui natural o temor no Gama em a tormenta des-
cripta. »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

EST. LXXXI.

« Tu, que livraste *Paulo*, e o defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas feas, etc.

« Allude ao perigo em que se achou a nau que transportava *san' Paulo*
a Roma; como consta do capitulo 27 dos actos dos Apostolos. Bellos e
excellentes quadros, traçados com summa elegancia e vivacidade, espe-
cialmente o segundo no segundo verso, onde os adjectivos *arenosas* e *feas*
exprimem a força do colorido da pintura. Antiguamente dizia-se *areoso*,
que sendo mais conforme á analogia, era menos sonoro que *arenoso*,
palavra consagrada per Camões á mais elegante poesia. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 190.

Outras edições trazem :

« Tu que livraste a *Paulo*, e defendeste.

O artigo *o* parece-me necessario para que o verso fique mais correcto
e numeroso.

EST. LXXXII.

« Se tenho novos médos perigosos
D'outra Scylla, e Charybdis ja passados, etc.

Nas mais edições, salvo na de Hamburgo, acha-se :

» *D'outro Scylla*, e Charybdis ja passados, etc.

« O erro *D' outro Scylla*, que se lê na primeira edição (1572) torna-se
aindá mais patente, confrontando este logar com o da est. XXIV, v. 6 e 7
d'este mesmo canto VI, e da mesma edição — *Co'a fermosa Scylla*. »
(Nota do editor da edição Rollandiana.)

A edição de Manuei Correa traz :

D'outra Scylla, e Charybdis ja passados.

E a de Firmino Didot :

« *D'outro Scylla*, e Charybdis ja passados.

A mesma lição se lê na do padre Aquino.

« Outros *Acroceraunios infamados*.

Horacio disse :

« Infames *scopulos Acroceraunia*.

Liv. I. od. 3.

EST. LXXXIII.

« Oh ditosos aquelles que poderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer. »

Imitação de Virgilio :

« *O ter quaterque beati*
Quis ante ora patrum Trojæ sub mænibus altis
Contigit oppetere ! »

Eneida, liv. I. v. 94, etc.

Ou liv. III. v. 321, etc.

« *O felix una ante alias Priameia virgo,*
Hostilem ad tumulum, Trojæ sub mænibus altis,
Jussa mori.... »

EST. LXXXV.

Mas ja a amorosa estrella *scintillava*
Diante do sol claro no horizonte,
Messageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar, com *leda fronte*.

« Aqui apparece, pela primeira vez, o verbo *scintillar* todo latino; o qual dá extrema vivacidade á expressão: a pintura intermediaria, incluída no segundo verso, está expressada com a mais aurea simplicidade. *Messageira do dia*, especie de episodio da preposição geral, que declara uma propriedade: está-se vendo no quarto verso a pintura cheia de alegria na clausula *leda fronte*. É notavel a propriedade, e a harmonia picturesca dos verbos *scintillava* e *visitava*: o primeiro tem tal e tam brilhante viveza nas cesuras — *til-la* —, que pinta ao vivo o resplendor da estrella d' alva pullulando aos olhos, ficando a segunda-*til-commum*, e a terceira-*la-longa* com som abertissimo: o mesmo effeito se ve na penultima de *visitava*. O conhecimento da theoria do mechanismo metrico, não é menos essencial na poesia, do que aquelle que conduz o intendimento á organização das idelas na invenção, e na disposição: todas as vezes que elle se não achar inteiramente iniciado nos seus mysterios, nunca ja mais pederá dar colorido conveniente aos seus conceitos: e por mais sublime que invente e discorra, nunca será lido, se as graças da elocução não derem ao seu estylo aquella illusão magica, que tam soberanamente incanta o leitor sensivel ás bellezas da phrase. Dado o genio, é da primeira necessidade a sciencia do idioma, que ha de servir de instrumento aos seus desenhos: e esta sciencia ha de ser levada a grau supremo, para que o poeta venha a ser habil em todo o genero de operações metricas, para dar variedade ás suas enunciações, para ser forte, claro e harmonioso: isto foi o que mais distinguiu, talvez, as poesias de Homero que, polo seu es-

tylo incantador, eram recitadas per todas as cidades de Grecia, que d'ellas faziam as suas maiores delicias; e ainda agora causam summo deleite a quem as pode ler no seu original: o mesmo devemos sentir de Virgilio nas Georgicas em especial, e na Enéada: o mesmo de Tibullo e Ovidio. Quem poderia sofrer a leitura do Furioso de Ariosto, se as graças do seu estylo a não fizessem tam recommendavel? Emfim, quem quizer ser lido sempre, faça por ter um bom estylo, aliás renuncie á gloria de escriptor.

« *Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain.* »

« Sem a lingua, a final, author eximio,
Mau escriptor será, por mais que faça. »

disse Boileau no canto I da Poetica, verso 161 e 162.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 221 e 222.

De quem foge o ensifero *Oriente*, etc.

Oriente, constellação juncto ao signo de Tauro. Os poetas o fazem filho de Neptuno e de Mercurio, gerado da urina de ambos.

EST. LXXXVI.

« Em quanto manda ás *nymphas* amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

Ninfa deve escrever-se com *y* e *ph*, em razão da sua origem, como se ve n' estes versos da 7.^a *ecloga* de Virgilio:

« *Nymphæ, noster amor, Libethrides, aut mihi carmen,
Quale meo Codro, concedite (proxima Phæbi
Versibus ille facit); aut, si non possumus omnes,
Hic arguta sacrâ pendebit fistula pinu.* »

EST. XCV.

Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores, etc.

« D' este modo devem compor todos os que se sentem inspirados do dom divino da poesia, ensinando e deleitando: de outro modo é prostituir e deslustrar a mais amavel e sublime de todas as artes. Os poetas foram os primeiros philosophos da terra: e ainda agora os que não são agitados de uma estolida mania de metrificar, sem genio, nem sciencia, são tidos pelos mais respeitaveis de todos os homens, cuja memoria nunca ha de acabar, qual a de um Ariosto, de um Tasso, de um Camões, de um Metastasio, de um Molière, de um Racine, e de um Voltaire, por não fallar nos da antiguidade. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 193.

EST. XCVI.

Não co'os nunca vencidos *appetitos*, etc.

Camões seguiu n' este vocabulo a desinencia em os unicamente para a rhyma; pois ja no seu tempo os outros poetas diziam *appetites*, como o mostra o seguinte exemplo:

« A quantos derribou os fundamentos
De seus vãos *appetites* derivados? »

FREI AGOSTINHO DA CRUZ, *Poesias*, cart. 3.

Todavia Sa de Miranda escreveu em prosa :

« Assi como aqui ha muitas sortes de *appetitos*, etc.

Os Vilhalpandos, comedia, act. 1. scen. 3.

E Caminha, *Poesias*, *epistola*, 21 :

« Em ti sempre a virtude e a razão mande :
Nunca *appetito* algum, nunca algum vicio. »

Est. XCVIII.

Pera o *pilouro* ardente, que assovia, etc.

Assim escreveu Manuel Correa essa palavra ; mas como a achei tambem em outros authores escripta com *e*, não mudei o *e* em *i*.

Est. XCIX.

..... onde tiver força o regimento
Direito, e não de *affeitos* occupado, etc.

Na edição de Hamburgo lê-se :

Direito, e não de *affectos* occupado, etc.

Mas seus editores *amodernaram* esse vocabulo, não sei per qual motivo.

CANTO SEPTIMO.

Est. I.

Ora *sus!* gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Ja sois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

« Não perdeu ainda Camões titulos á immortalidade por ter desacreditado o seu poema com— Ora *sus!* »

FILINTO ELYSIO, *Versos*, tom. 4. pag. 169 e 170. edição de 1802.

Essa interjeição, que val tanto como *acima!* *tende animo!* *erguei os espiritus!* foi usada per outros bons poetas. Exemplos :

« Disse comigo, ora *sus!*
Se erros fiz, erros paguei. »

SA DE MIRANDA, *Ecloga* 8.

« *Sus!* oh mortaes, minhas vozes ouvi. »

ANTONIO DINIZ, *Poesias*, tom. 3.

Até Ronsard, antiguo poeta francez, disse :

« Or *sus*, mon frère en Christ, tu dis que je suis prêtre,
J'atteste l'Eternel que je le voudrais être. »

Est. IV.

Vêdel-os Alemães , suberbo gado ,
 Que per tam largos campos se apascenta
 Do successor de Pedro , rebellado ,
 Novo pastor , e nova seita inventa :
 Vêdel-o em feas guerras occupado ,
 Que inda co'o *cego error* se não contenta ;
 Não contra o *suberbissimo* Othomano ,
 Mas por sair do jugo soberano .

As contendas do lutheranismo agitavam então toda a Alemanha.

Em todos os poetas contemporaneos a Camões achei algumas vezes este superlativo ; mas achei-o sempre impresso com *b* e não com *p* segundo o latim *superbissimus*. Ora que necessidade tinha Camões d'assjm escrever e pronunciar essa palavra ? Então devia tambem escrever *superba* de *superbia* , *superbamente* de *superbè* ; mas visto que taes vocabulos não se acham d'estes modos estampados no corpo do seu poema , devo concluir que , sendo a primeira edição do mesmo poema impressa em caracteres *italicos* , não ha cousa mais facil na composição typografica do que voltar um *b* , e eil-o feito um *p*. Alem de que , essa lettra volve aspera a pronuncia do verso sobredito ; e Camões tinha o ouvido muito apurado para consentir durezas no metro. Emendei pois como vai no texto ; por quanto na estancia LXIV do canto X , v. 1 , acha-se :

« A este o rei cambaico *suberbissimo* , etc.

Est. V.

Vêdel-o *duro Inglez* , que se nomea
 Rei da *velha e sanctissima cidade* ,
 Que o torpe Ismaelita senhorea ,
 (Quem viu honra tam longe da verdade !)
 Entre as boreaes neves se recrea ;
 Nova maneira faz de christandade :
 Pera os de Christo tem a espada nua ,
 Não por tomar a terra , que era sua .

« N' esta oitava , e nos quatro primeiros versos da seguinte , allude o Poeta a *Henrique VIII* que , intitulado-se , como outros monarchas de Inglaterra , rei de *Jerusalem* , fez uma igreja a seu modo , da qual se intitulou supremo cabeça , depois de haver-se separado da communhão romana . — Mais ainda : a sua memoria é tristemente celebre , pelas perseguições que ordenou contra Catholicos e Protestantes , e pola crueldade contra suas proprias esposas . »

(Nota do editor da edição Rollandiana de 1843 .)

Est. VI.

Guarda-lhe por emtanto um falso rei
 A cidade Hierosólyma terrestre ,
 Em quanto *elle* não guarda a sancta lei
 Da cidade Hierosólyma celeste .
 Pois de ti , *Gallo indino* , que direi ?
 Que o nome Christianissimo quizeste ,

Não pera defendel-o , nem guardal-o ;
Mas pera ser contra elle , e derribal-o !

Esta apostrophe é dirigida contra *Francisco I*, rei de França, por haver soccorrido ao Gran' Turco Solimão no cerco naval pôsto per 'elle á cidade de Nice , em Italia ; e por causa da sua conquista do Milanez.

EST. VII.

E não contra o *Cinypho* , e Nilo , rios , etc.

É o *Cinypho* um rio de Africa , que nasce no Biledulgerid , atravessa o territorio de Tripoli , e vem desaguar ao Mediterraneo com o nome de *Macres*.

De *Carlos*, de *Luis* o nome e a terra
Herdaste , e as causas não da justa guerra ?

Allude Camões a *Carlos Magno*, e a *Luis IX* ou *san' Luis*.

EST. VIII.

Nascem da tyrannia inimicicias
Que o povo forte tem de si *imigo*.

Assim se lê este segundo verso na edição de Gendron. Outras trazem :

Que o povo forte tem de si *inimigo*.

Porém o verso fica então deslavadissima prosa.

Comtigo , Italia , fallo , ja *sumersa*
Em vicios mil , etc.

Supprimi no vocabulo *submersa* o *b* ; porque d'este modo fica o verso macio na pronuncia. Os nossos bons poetas assim o fizeram a miude. Moraes , no seu *diccionario*, cita o sobredito verso qual eu o emendei no texto.

EST. IX.

O' miseros christãos ! pela ventura,
Sois os *dentes de Cádmo desparzidos* , etc.

Cádmo , filho de Agenor , rei de Phenicia ; o qual indo per mandado de seu pae buscar Europa , filha sua , que Jupiter furtara ; e como não a achasse , nem se atrevesse tornar a seu pae sem ella , fundou em Beocia a cidade Thebas. Ora como seus companheiros fossem ja todos mortos per uma grande serpente , que sahiu d' uma fonte onde tinham ido per agua , *Cádmo*, em vingança d'elles , a matou ; e , *semeando seus dentes* , nasceram d' elles homens armados ; os quaes pelejando entre si , se mataram , excepto um , com que edificou a cidade.

EST. X.

Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizánias repugnantes.

Na edição de Hamburgo lê-se :

E entre vós nunca deixa a fera Aleto , etc.

Est. XII.

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes de *artilheria*,
Ja devem de fazer as duras provas
Nos muros de *Byzancio*, e de Turquia.

O invento da *artilheria* traslada-se ao anno 1335. Petrarca, em um de seus dialogos latinos, deplora amargamente o tal invento : eis suas vozes :

« *Non erat satis de cælo tonantis ira Dei immortalis, nisi homuncio (o crudelitas juncta superbæ!) de terrâ etiam tonuisset.* »

A França começou a usar *peças-d'artilheria* em o anno 1338.

« *Byzancio* é hoje *Constantinopla*, a qual jaz em uma península da Propontide, aonde ajunctando-se a terra de Asia e de Europa, fazem estreito canal per onde se entra ao Ponto-Euxino ou Mar-Maior; e sendo ella de fórma triangular, tem os dous lados cercados do mar da Propontide, e de um braço que saindo d'elle, a divide de Péra per espaço de uma milha, e pelo outro lado é fortificada com um muro, que chega de mar a mar. »

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sitio de Lisboa*, pag. 182 e 183.

Fazei que torne la ás sylvestres covas
Dos Cáspios montes, e da Scythia fria
A *turca* geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

Mahomet II apoderou-se de Constantinopla em 1453. Selim Iº accrescentou novas conquistas ás de Mahomet. Solimão, filho de Selim, proseguiu a obra de seu pae, e deltou té os muros de Vienna.

Est. XIII.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, « que o povo bruto
Lhe obriga os *caros filhos* aos profanos
Preceitos do Alcorão : » (duro tributo!)

Os Turcos compozeram os corpos dos Janizaros de *meninos christãos*, que os Gregos tributarios lhes davam, ou dos que elles Turcos arrebatavam em annos tenros. Seu querer era que essa millicia não conhecesse paes nem patria, mas tam somente Mahomet e o sultão.

Est. XIV.

Mas emtanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, o' gente insana!
Não faltarão *christãos atrevimentos*
N'esta pequena casa lusitana:
De Africa tem marítimos assentos;
É na Asia, mais que todas, soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais *mundo* houvera, la chegara.

« Os nossos Portuguezes, indaque principalmente se movam *per amor*

de Christo, todavia muito os excita a benignidade do seu rei, e as mercês, que lhe faz. D'onde vein terem feitas, em nossos tempos, em Africa, e em Asia, façanhas tam excellentes e pasmosas, que as gregas, tam cantadas de Homero, e Thucydides, e as latinas, tam celebradas de Lucano e Tito-Livio ficam, em sua comparação, um pequeno outeiro a par do alto monte Olympo: porque dizem bem, «que convem comprar a fama larga a troco da vida curta.»

FREI HEITOR PINTO, *Imagem da vida christã*, pag. 80 e 81.

Estes pois são, sem hyperbole, os braços da gente portugueza: gente, que fez com elles para si tanto logar no *mundo*, que em todas as suas partes semeou victorias, que depois produziram monarchias.

EST. XVII.

. o *Emodio* cavernoso.

É uma ramificação do Caucaso ou monte Imaus.

EST. XIX.

Sai da larga terra *uma* longa ponta
Quasi pyramidal, etc.

Assim deve escrever-se este verso onomatópico. Algumas edições trazem:

Sai da larga terra *ũa* longa ponta.

Disse-me Francisco Manuel (Filinto Elysio) «que Camões fizera esse verso assim desalinhado para retratar fielmente a extensão da dita ponta pyramidal; bem como José Basilio da Gama, no seu poema Uruguai, escreveu:

«Tropel confuso de cavallaria,
Que combate desordenadamente,»

para imitar a confusão com a qual os cavalleiros indiaticos combatiam.» So os grandes Genios é que sabem conhecer taes matizes: os outros são cegos, não distinguem côres.

E juncto d'onde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas *flores*.

Fabula é essa adoptada per Plinio, escorado em os naturalistas gregos; mas desmentida per nossos modernos viajores. Quiçá seja hyperbole inventada para exprimir a gran' somma de mel, que dava a esses povos (sob um ceo puro e uma terra sempre salpicada de *flores*) a criação das abelhas.

EST. XXXIII.

Sucedeu, que prégando convertessem
O Perimal, de *sabias* e eloquentes.

Este adjectivo refere-se á palavra gentes do segundo verso da estancia. As outras edições trazem:

O Perimal, de *sabios* e eloquentes.

Est. XXXVI.

« Samorim, mais que todos *digno* e grande.

O *g* no adjectivo *digno* volve algum tanto escabrosa a pronuncia d'este verso; eis porque, escorado eu na auctoridade de Camões, e na de outros classicos, supprimi-o.

Est. XL.

« Observam os preceitos tam famosos
D'um, que primeiro poz nome à sciencia.

Camões refere-se aqui a *Pythagoras*.

Est. XLIII.

O remo *compassado fere frio*
Agora o mar, depois o fresco rio.

Estes dous versos são obra-prima de poesia imitativa. O particípio *compassado* juncto ao verbo *fere* seguido do adjectivo *frio*, arremeda admiravelmente o bracejo dos remos. Os *Lusiadas* offerecem mil exemplos d' esta especie.

Est. XLIV.

Na praia um regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Ja na terra nos braços o levava,
E n' um *portatil leito* ãa rica cama
Lhe offerece, em que va (costume usado)
Que nos hombros dos homens é levado.

É o *palanquim* uma laia de andor de pau pintado e dourado, longo de sete palmos, e largo de quatro, com uma reborda em cada extremo, primorosamente lavrada. Estende-se no dito *palanquim* um tapete persico, e em cima d'este um couro moscovita (em razão do mesmo tapete aquecer demasiado as costas) e tambem duas almofadas de setim em cima das quaes a pessoa se deita ou reclina. Enfia-se depois em cordas ou argolas ferreas o bambu; isto é, uma grossa canna-da-India; após o que, quatro negros alçam o *palanquim* aos hombros, e caminham assim em fila. Um avultoso guarda-sol, arvorado per um escravo, ou preso ao bambu, resguarda da quentura d'esse astro a sobredita pessoa.

Est. XLVI.

Assi pela cidade caminhando,
Onde uma rica fábrica se erguia
De um *sumtuoso templo*, ja chegavam,
Pelas portas do qual junctos entravam.

«D' este logar foram conduzidos pelo Catual a um *templo* d' elles venerado que, pela opinião que o Gama tinha de andarem muitos christãos derramados per aquellas partes, assentou ser *templo* christão: tanto mais, que a magnificencia d' elle, e sua vastidão o confirmavam n' ella; além de outros signaes, que lhe não pareceram, de principio, dissimilharem muito

do *templo* da religião romana. Ao entrar do *templo*, vieram a elles quatro varões da cinta para cima nus, e que d'ella até aos pés deixavam cahir cabaias. Cadaum d'elles trazia do hombro direito tres fios a tiracollo sobre o quadril esquerdo, e debaixo d' este braço com um nó atados. Com aguas de lustração aspergiram os nossos, e a cadaum davam um pó de madeira de suavissimo cheiro pizada, para com elles persignarem as frontes. Pelas paredes do *templo* estavam debuxadas muitas imagens, e no meio d'elle se erguia em fórma circular um oratorio, a que se subia per quantiosa escadaria, e tinha de bronze a porta, que muito estreita era. Dentro d'elle pousava, contra a parede fronteira á porta, uma estatua, cuja fórma não poderam distinguir os nossos, por ser tam escuro o sitio que, esquivo a todo o raio do sol, apenas algum clarão de escaça luz lhe penetrava. Nem lhe foi aos nossos permittido la entrar, que para os ostiarios sos e sacerdotes se descerrava. Quatro ostiarios d'estes chegando perto da estatua, e applicando-lhe um dedo, clamam per duas vezes Maria: logo o Catual, com todos os de seu sequito, se estendem per terra com os braços em cruz. D'ahi erguem-se e rezam oração á sua usança. Os nossos que imaginavam que era pedir amparo á Virgem mãe de Deus, lançam-se de joelhos, e oram como entre nós se costuma a Deus e a Nossa Senhora, que os cubra com a sua graça. Saindo d' este *templo*, se foram a outro de não menor sumptuosidade, e d'elle aos paços d'el-rei.»

OSORIO, *Vida d'el-rei D. Manuel.*

EST. XLVII.

Alli estão das *deidades* as figuras
Esculpidas em pau, e em pedra fria;
Varios de gestos, *varios* de pinturas, etc.

Aqui, por *deidades*, devem subintender-se *idolos*, para concordar com *varios*, etc.

EST. XLVIII.

Outro fronte canina tem de fora,
Qual *Anubis* memphitico se adora.

Anubis, em lingua egypcia, significa *cão*, em cuja fórma os Egypcios honraram ao deus Mercurio.

EST. L.

. regios aposentos,
Altos de torres não, mas *sumptuosos*.

É evidente a todos os que teem apurado ouvido, que a letra *p*, no adjectivo *sumptuosos*, volve a pronuncia d' este verso algum tanto escabrosa. Auxiliado pois com o exemplo que me offerecem os contemporaneos a Camões, supprimi essa letra, e deixei o verso qual vai no texto. O mesmo practiquei em outros.

EST. LI.

Afiguradas vão com tal viveza
As historias d'aquella antigua idade, etc.

Virgilio disse :

..... *Videt Iliacas ex ordine pugnas*
Bellaque jam famâ totum vulgata per orbem.
Eneida, liv. 1. v. 456, etc.

Estr. LIII.

Mais avantè, bebendo, sècca o rio
 Mui grande multidão da assyria gente,
 Sujeita a feminino sonhorio
 De *uma* tam bella, como incontinente.

Camões allude aqui a *Semiramis*. Ella mandou fazer os muros de Babilonia, os quaes tinham de circuito doze leguas, e eram tam largos que, per cima d'elles, podiam andar seis carros aparelhados. A altura dos taes muros chegava a trezentos e sessenta e seis pés. Toda essa fabrica se acabou em um anno.

Estr. LIV.

De progenie de Jupiter se exalta.

Alexandre-Magno para inspirar mor respeito aos povos per elle vencidos, deu-se por filho de Jupiter Ammon.

Estr. LIX.

Sentado o Gama juncto ao rico leito,
 Os seus mais afastados, prompto em *vista*
 Estava o Samorim no traço, e geito
 Da gente, nunca de antes d' elle *vista*.

Camões emprega algumas vezes na rhyma o mesmo vocabulo. Acaso fez elle isso de proposito ou meramente per descuido?

Lançando a grave voz do sabio peito
 (Que grande auctoridade logo aquista
 Na opinião do rei, e povo todo) etc.

Preferi esta lição de Pedro Craesbeeck á seguinte :

Na opinião do rei, e do povo todo, etc.

que se lê na edição do padre Aquino, na de Firmino Didot, e na Rolandiana. A de Hamburgo traz :

Na opinião do rei, do povo todo, etc.

Esta emenda torna o verso menos prosaico e duro que o das tres susoditas.

Estr. LXII.

« E se quereis com pactos, e *lianças*, etc.

Pela figura apheresis se diz frequentemente no verso *liança*, *ante*, *inda*, *onde*, *té*, *traz*, *lampear*, *rependimento*, *venturar*, *delgaçar*, etc., em vez de *alliança*, *diança*; *ainda*, *aonde*, *até*, *atrás*, *relampear*, *arrependimento*, *aventurar*, *adelgaçar*, etc.

Estr. LXIX.

« Teem a lei de um propheta, que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento

Da mãe ; tal que per bafó está approvedo
Do Deus , que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado
D' elles , é que o valor sanguinolento
Das armas , no seu braço resplandece ,
O que em nossos passados se parece.

« Eis como o grande Camões introduz a fallar um Mouro, da nossa religião, com termos e sentimentos decentíssimos, e adequados ainda segundo as leis do Alcorão. Esse Poeta se mostrou a todas as luzes admiravel n'esta representação, pelas vozes tam proprias e peregrinas de que usou. »

FRANCISCO JOSEPH FREIRE , *Arte poetica*, tom. I. p. 69.

Est. LXX.

« Do rico Tejo , e *fresco Guadiana*.

Preferi esta lição de Pedro Craesbeeck ; porque Camões deu o genero masculino a esse rio, na est. XXVIII do cant. 4 :

« Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo , fero , ingente e temeroso ;
Ouviu-o o monte Artábros , e Guadiana
Atraz tornou as aguas de medroso.

A edição do padre Aquino, a de Firmino Didot, a de Hamburgo, a Rollandiana, etc., trazem :

« Do rico Tejo , e *fresca Guadiana*.

« E não contentes in da , *na africana*
Parte , etc.

A supressão da conjunção *e* antes da palavra *africana* , per nós feita, a qual superabunda nas duas primeiras edições, é correccção claramente exigida pela boa intelligencia da phrase. Esta lição é tambem da edição de 1651.

(Nota do editor da edição Rollandiana.)

As outras edições trazem :

« E não contentes in da , *e na africana*
Parte , etc.

Est. LXXI.

« Ou das gentes belligeras d' Hespanha.

Eis a lição de Manuel Correa. Em algumas edições lê-se :

« Ou das gentes belligeras *de* Hespanha.

« Ou la d' alguns , que do *Pyrene* deçam.

Pyrene foi filha d'el-rei Bebryce ; a qual morta pelas feras, jaz sepultada nos montes, que de seu nome se chamam *Pyreneus*, e dividem a França de Hespanha.

« Nem se sabe in da , não , te affirmo , e assello,
Pera estes Annibaes nenhum *Marcello*.

Marco Claudio Marcello, celebre general romano, extremou-se per seu valor. Guerreou os Gaullezes, e matou, com sua propria mão, o rei d'esse povo, chamado Viridomare, e tomou Syracusa, após um assedio de tres annos. Regeu depois um exercito contra Annibal; mas foi morto n'uma cilada.

Est. LXXVII.

De um velho branco, aspeito *soberano*.

Outras edições trazem :

De um velho branco, aspeito *venerando*.

(Veja-se a nota a este verso na edição Rollandiana.)

Est. LXXVIII.

Vosso favor invoco, que navego
Per alto mar, com vento tam contrario,
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

« O' que bella poesia ! Que admiravel incanto de expressão, onde o pathetico vai começando a desinvolver-se para se vir a dilatar com a energia, com que adiante se manifesta ! Pede favor ás Musas, entidades symbolicas, em que se personalizam as artes. É cheia de artificio a pintura do ingenho desamparado e perseguido, representada debaixo da bella allegoria de um batel em mar tempestuoso, assim como Horacio configurou a republica no *liv. I, od. 14*, tam conhecida em toda a litteratura.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 113 e 114.

Est. LXXIX.

Qual *Canace*, que à morte se condena,
N'uma mão sempre a espada, e n'outra a pena.

Namorou-se *Canace* de seu irmão *Machareu*; o que sabido per seu pae *Eolo*, mandou-lhe um punhal, e ordem de se punir a si mesma. Ovidio representa-a escrevendo a *Machareu*, quasi a ponto de se ferir, no seguinte verso imitado per Camões :

« *Dextra tenet calamum, strictum tenet altera ferrum.* »

Heroides, epist. II. v. 3.

Est. LXXX.

Agora da esperança ja *adquirida*, etc.

Assim achei escripta essa palavra nas edições que tive ante os olhos; mas como não advertiram seus editores que ella tornava o verso duro e prosaico? A verdade é que os antigos costumavam, para volvel-a mais euphonica, substituir um *c* ao *d*, e diziam *acquirir*, em vez de *adquirir*, etc, como o mostra o seguinte exemplo :

« Este so caminho ordenou pera *acquirir* louvor. »

Diogo de Couto, *Decada* v. liv. I. cap. 2.

Que pera o *Rei judaico* accrescentar-se.

Foi elle Ezechias, rei d'Israel.

Est. LXXXI.

E ainda, nymphas minhas, não bastava
 Que tammanhas miserias me cercassem;
 Senão que aquelles, que eu cantando andava,
 Tal prémio de meus versos me tornassem:
 A troco dos descanços que esperava,
 Das *capellas de louro* que me honrassem,
 Trabalhos nunca usados me inventaram,
 Com que em tam duro estado me deitaram.

Antiguamente os poetas eram coroados com uma *coroa de era*, como diz Horacio no liv. I, epist. 3:

« *Prima feres hederæ victricis præmia.* »

Depois deram-lhe *coroas de louro*, por serem alumnos do deus Apollo.

« Elegante pintura d'aquella fatalidade que acompanhou sempre os talentos em Portugal, onde parece que o merecimento, longe de grangear honra, é desprezado, e muitas vezes perseguido. Fatalidade digna de lamentar-se, contra a qual todos os nossos sabios tanto em vão tem declamado. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 178 e 179.

Est. LXXXIII.

Só pena de não ser agradecido.

Só por *sob* foi assás costumado de nossos classicos, como se collige d'esta preposição assim escripta per Manuel Correa: ella torna o verso mais doce na pronuncia. As outras edições trazem:

Sob pena de não ser agradecido.

O nosso grande epico, assim n'esta como nas tres seguintes oitavas, tinha em lembrança a bellissima estrophe da ode 3ª, do livro III, de Horacio:

« *Justum, et tenacem propositi virum
 Non civium ardor prava jubentium,
 Non vultus instantis tyranni
 Mente quatit solidâ,* etc.

Est. LXXXV.

Nenhum, que use de seu poder bastante
 Pera servir a seu desejo *feio*,
 E que, por comprazer ao vulgo errante,
 Se muda em mais figuras que *Proteio*.

Proteio para rhymar com *feio* é voz desconhecida dos nossos poetas quinhentistas, e correccão moderna. Elles sempre rhymaram *Proteo* com *feo*, *receo*, etc. Os que hão lido nossos classicos attentamente não ignoram que estes modificavam a seu libito os vocabulos rhythmicos. Eis porque escreveram *seo* por *seio*, *cheo* por *cheio*, *feo* por *feio*, *veo* por *veio*, *esteo* por *esteio*, *meneo* por *meneio*, *enleo*, por *enleio*, *estê* por *esteja*, *objeito* por *objecto*, *espede* por *despede*, *ivos* por *ide-vos*, *fruito* por *fructo*, *defecto* por *defeito*, *chuiva* por *chuva*, e muitos outros.

A edição do padre Aquino traz :

Pera servir a seu desejo *feo*

Se muda em mais figuras que *Proteo*.

A de Firmino Didot, a Rollandiana, e a de Hamburgo :

Pera servir a seu desejo *feio*

Se muda em mais figuras que *Proteo*.

Finalmente a de Manuel Correa :

Se muda em mais figuras que *Protheo*.

Quem com habito honesto e grave *veo*.

CANTO OITAVO.

Estr. IV.

« *Ves outro*, que do Tejo a terra pisa, etc.

Em tempo de Gorgoris, rei dos Lusitanos, vieram os Gregos a Portugal. Ulysses fundou Lisboa com seu templo de Minerva, deusa da eloquencia, e casou com Calypso, filha de Gorgoris.

Estr. VI.

« Este que ves, pastor ja foi de gado ;
Viriato sabemos que se chama ,
 Destro na lança mais , que no cajado :
 Injuriada tem de Roma a fama ,
 Vencedor invencibil afamado.

« *Viriato* se começou levantar com Lusitania, e depois com toda Hespanha cerca do anno sexto-centesimo-oitavo da edificação de Roma, sendo consules Gneo Cornelio Lentulo, e Lucio Mummio, como escreve Paulo Horosio, que foram cento e quarenta annos antes que nosso senhor Jesu-Christo tomasse carne. E quanto antes d'isto havia que era, não me consta. Basta que ja antes era : do que eu não menos me devo dar por contente que Ulpiano, ff. *de concil. L. Sciendum*, com dizer « que a colonia de Tyro, d'onde elle trazia sua origem, era antiquissima, » sem dizer quem fôra o fundador. »

ANDRÉ DE RESENDE, *Historia de Evora*, cap. 11.

Não teem com elle, não, nem ter poderam
 O primor, que com *Pyrrho* ja tiveram.

Pyrrho, rei dos Epirotas, abriu guerra aos Romanos; e, mediante os elephantes, ganhou-lhes uma grande batalha juncto ao rio Siris, após a qual avançou té sete leguas de Roma. Houve com os Romanos outra batalha perto d'Ascoli, na Apulia, que tambem ganhou; mas a sua hoste ficou debilitadissima. Emfim, travou terceira batalha co'os Romanos, na

qual o consul Curio Dentato o derrotou. Este infausto successo obrigou-o a volver ao Epiro.

Est. VIII.

« Elle é *Sertório*, e ella sa divisa.

« Correndo pois os tempos, e levantando-se Lusitania com *Sertorio* valeroso capitão cerca do anno seis-centesimo-sexagesimo-segundo da edificação de Roma, por Evora ser de nobre e grande povo, fez grande ajuda ao mesmo *Sertorio*, dando-lhe uma cohorte de seiscentos soldados pera serviço da guerra; os quaes o serviram tam bem, que elle, por gratificar este serviço, e tambem por esta cidade (Evora) ser em meio de Lusitania, que faz muito pera senhorear o mais: ca, segundo julgam os peritos na arte militar, quem é senhor do campo, é senhor de toda essa terra. Tomou em ella seu assento (se as continuas guerras lh'o leixaram ter) e fez sua casa, que inda agora se chama de *Sertorio*, em a qual tinha uma mulher sua domestica, e tres libertos que com ella estavam. »

ANDRÉ DE RESENDE, *Historia de Evora*, cap. II.

Sertorio metteu na cidade d'Evora grande abundancia de agua, a qual fez ajunctar de muitas fontes, e trazer de quasi doze mil passos per niveis de uma maravilhosa obra, como o attesta um lettreiro latino, cuja versão é a seguinte :

« *Quinto Sertorio* em louvor de seu nome, e da companhia dos mui esforçados Eborenses, per seu ardimento na guerra Celtiberia, cercou e afortalezou a cidade Municipio de soldados velhos, e aposentados, e fez trazer per niveis muita agua colhida de varias fontes pera proveito publico do dito Municipio. »

« Elle é *Sertório*, e ella *a sua* divisa.

Assim se lê este verso na edição de Firmino Didot, na de Hamburgo, na Rollandiana, e em outras mais.

O padre Aquino escreveu :

« Elle é *Sertório*, e ella *sua* divisa.

Mas como não repararam todos os correctores das sobreditas edições no prosaismo do mesmo verso? Acaso podia o grande e sonoro Camões escrevel-o assim? não de certo: usou (como ja fizera n'outro logar) de *sa* por *sua*, e traçou-o do modo seguinte :

« Elle é *Sertório*, e ella *sa* divisa.

Deve attribuir-se a typographos ignorantes similhante descuido.

Est. IX.

« Nós *Húngaro* o fazemos; porém nado
Creem ser em Lotharingia os estrangeiros.

« *Henrique*, conde de Portugal, e tronco dos reis que depois o senhorearam, foi natural de Besançon, filho de Guido, conde de Vernol, e de Joanna filha de Geroldo, duque de Borgonha (segundo a melhor opinião) o qual, com zelo da exaltação da fe catholica, e desejo de alcançar fama pelas armas, ouvindo as continuas guerras que el-rei D. Afonso VI de

Castella trazia com os Mouros, se veio á Hespanha. Esse rei vendo o extremo de valentia de *D. Henrique*, deu-lhe D. Theresa sua filha, e em dote as terras que em Portugal eram ganhadas aos Mouros, com o titulo de congado, e a conquista das que ainda tinham usurpadas, que era a maior parte das que hoje são reino de Portugal.»

FREI BERNARDO DE BRITO, *Elogios historicos dos reis de Portugal*.

EST. XI.

« Este é o primeiro Afonso (disse o Gama)
Que todo o Portugal aos Mouros toma,
Por quem, no *Estygio lago*, jura a fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.

« Todas as vezes que um poeta ler este ou semelhantes logares, e se não sentir intimamente agitado de admiração em tal ponto que degenerere quasi em delirio, desconfie dos seus talentos, e não se tenha por sacerdote das Musas. Sim : estes são rasgos, e vãos immortaes per onde altamente se manifesta um ingenho sublime, um ingenho altamente inspirado que, com toda a verdade, e sem cahir no defeito de vaidoso, pode dizer de si : — *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.*»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 233.

EST. XII.

« Se Cesar, se *Alexandre* rei tiveram
Tam pequeno poder, etc.

N' esta estancia diz Camões *Alexandre*, e na est. III do cant. 1, diz *Alexandro*. A caso este nome pronunciava-se de ambos os modos em tempo do nosso Poeta, como o indicam os seguintes exemplos?

« Chega Geinal; e conhecendo quanto
Com prova heroica ser fiel mostrara,
Assi lhe disse; « o' da Asia illustre espanto,
Digno de que *Alexandre* te invejara, etc. »

MENEZES, *Malaca conquistada*. liv. IX. est. 10.

« Que quem possui o teu valor supremo
Põe adiante o passo
De Romulo, *Alexandro*, Remo, e Crasso. »

FERNAN' D'ALVARES DO ORIENTE, *Lusitania Transformada*, pag. 138.

A verdade é que, em todas as edições que tive ante os olhos, li n' esta oitava *Alexandre*, e não *Alexandro*.

EST. XV.

« Não fez o *consul* tanto, que cercado
Foi nas forcas-Caudinas de ignorante.

Dous foram, e não um so, esses *consules*. Chamaram-se *T. Veturius Calvinus*, e *Spurius Posthumius Albinus*. D'estes o segundo foi pelos Romanos entregue aos Samnitas, que o não quizeram receber.

EST. XVII.

« É *Dom Fuas Roupinho*, que na terra,
E no mar resplandece junctamente.

Esse valeroso Portuguez desbaratou juncto á villa de Porto-de-Mós, no anno de 1180, a Gamir, rei Mouro de Mérida, ao qual aprisionou com um seu irmão. O mesmo *D Fuas* ganhou, pouco depois, duas batalhas navaes aos Mouros, uma nas alturas do cabo d'Espichel, e outra juncto a Ceuta. Acabou porém gloriosamente a vida, em uma nova expedição marítima cerca da mesma cidade.

EST. XVIII.

« Olha *Henrique*, famoso cavalleiro, etc.

Foi um cavalleiro Alemão, que morreu combatendo a favor dos Portuguezes, na tomada de Lisboa pelo senhor D. Afonso Henriques.

EST. XIX.

« Um *sacerdote* ve brandindo a espada
Contra Arronches, que toma per vingança, etc.

« Não deixou *san' Theotónio* de ser mui valeroso, que tomou per armas a villa de Arronches aos Mouros, logar inexpugnabil, e fez grandes mantanças nos inimigos em Alemtejo, por lhe terem tomado Leiria, que era sua.»

GASCO, *Conquista*, etc. de Coimbra.

Virgilio disse :

« *Tertius ille hominum divùmque interpres Asylas
Cui pecudum fibræ, cæli cui sidera parent,
Et linguæ volucrum, et præsaqi fulminis ignes
Mille rapit densos acie, atque horrentibus hastis.* »

Eneida, liv. x. v. 175, etc.

« Por quem por Mafamede enresta a lança.

O não terem feito os editores dos *Lusiadas* a distincta differença nas preposições *per* e *por* deu causa á absurda anomalia, que se acha n'este verso, onde o agente indicado pela preposição *per* não existe; mas somente o objecto, o motivo. Os Francezes, os Italianos, etc., observam rigorosamente essa distincção: os nossos classicos tambem a observaram: porque não a observámos nós?

EST. XX.

« *Mem Moniz é*, que em si o valor retrata,
Que o sepulcro do pae co' os ossos, cerra.

Esse esforçado cavalleiro, na grande batalha de Sevilha, derribou o pendão real dos Mouros: na tomada de Sanctarem foi o primeiro que lhe arvorou no muro as quinas portuguezas; e (como diz certo traductor dos *Lusiadas*) « reproduziu esse valor que dorme no tumulo com os ossos de seu pae. »

EST. XXIII.

« Mas olha um *ecclesiastico guerreiro*,
Que em lança de aço torpa o bago de ouro.

D. Sueiro Fiegas foi o nome d'esse bispo de Lisboa, e não *D. Mathous*, como na estancia seguinte lhe chama Camões; o qual estando sitiando a villa de Alcaccer com poucos soldados, accitou a batalha, que lhe offercera uma grande hoste de Mouros, dos quaes alcançou ampla victoria.

EST. XXIV.

« Vês? vão os rês de Cordova, e Sevilha
Rotos com outros dous, e não de espaço.

Assim escreveu Manuel Correa este verso. Algumas edições trazem :

Rotos co' os outros dous, e não de espaço.

Em soccorro dos Mouros de Alcaccer vieram *quatro rês* tambem Mouros, a saber : o de Cordova, o de Sevilha, o de Badajoz, e o de Jaen.

EST. XXV.

« Com manha, esforço, e com benigna *estrella*,
Villas, castellos toma á escala vista.

« Aqui se ve *estrella* significando felicidade, influxo, e auxilio : no primeiro verso apparece uma bella economia de conjunções, cuja disposição era desconhecida dos escriptores que precederam a Camões, e assim o executa todas as vezes que se lhe offerece occasião. No principio do segundo verso estão dous substantivos sem nexo expresso; artificio excellente que pinta a actividade de um conquistador ardente.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 228 e 229.

« Ves *Tavila* tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.

Não será talvez :

« Ves *Tavira* tomada aos moradores?

Sete Portuguezes, que caçavam no campo, foram de golpe atacados per um troço da guarnição de Tavila (Tavira). Elles defenderam-se valetosissimamente; porém morreram todos co'as armas na mão. Correa acudiu-lhes; mas foi tarde. Acoçou então seus assassinos, alcançou-os juncto aos muros de Tavila, e entrou de rondão com elles a cidade; a qual, após sanguinolento combate, se rendeu aos Portuguezes.

EST. XXXI.

« Assi *Pompilio*, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria, etc.

Foi *Numa Pompilio*, segundo rei dos Romanos; o qual instituiu ceremonias religiosas, e erigiu um templo a Vesta. Morreu no anno 82 de Roma, 672 antes de Jesu-Christo, após um reinado de 42 annos.

Est. XXXIV.

« Olha este *desleal* o como paga
O perjurio, que fez, e vil engano.

Foi *Paio Rodrigues Marinho*, alcaide-mor de Campo-maior; o qual tendo seguido as partes de Castella contra o senhor D. João I, prendeu á falsa fe a Gil Fernandes d'Elvas; mas este, resgatado, o prendeu depois, e o matou.

Est. XXXV.

« Olha, que *déseste Lusitanos*
N'este outeiro subidos se defendem
Fortes de quatrocentos Castelhanos.

Teve logar essa bella defensa juncto á villa d'Almada, na guerra entre D. João I de Castella, e o Mestre d'Aviz.

Est. XXXVI.

« Sabe-se antigamente que *trezentos*
Ja contra *mil Romanos* pelejaram.

Trezentos Lusitanos carregados de despojos, accommettidos per *mil cavallos romanos*, os matam, e continuam a jornada.

Est. XXXVII.

« Olha ca dous ifantes *Pedro*, e Henrique
Progenie generosa de Joanne :
Aquelle, faz que fama illustre fique
D'elle em Germania, com que a morte engane.

Pelejando contra os Turcos no exercito do imperador Sigismundo.

Est. XXXVIII.

« Vês o conde *dom Pedro*, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria.

Foi *D. Pedro de Menezes*, primeiro governador de Ceuta.

« Vês outro conde está.

D. Duarte de Menezes, filho do antecedente; o qual á custa da sua vida salvou a d'el-rei D. Afonso V em Africa.

Est. XXXIX.

« Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor *de seus* passados.

Assim se lê em Manuel Correa este ultimo verso. Outros editores escreveram :

« Do lustre, e do valor *dos seus* passados.

Est. XLV.

Entretanto os *haruspices* famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Anteveem sempre os casos duvidosos,
Per signaes diabolicos, e indicios;

Mandados do rei próprio, estudiosos
Exercitavam a arte, e seus officios
Sobre esta vinda d'esta gente estranha,
Que ás suas terras vêem da ignota Hespanha.

Um addivinho indiatico mostrou ao Samorim, em certo vaso cheio d'agua, muitas naus que, de longe terra, endireitavam para a India; e vaticinou-lhe, outro-sim, que a nação a cujas eram, destruiria no Oriente o poder dos Mouros.

EST. XLVI.

Destruição de gente, e de valia.

A palavra *Destruição* tem n'este verso quatro syllabas pela figura diéresis.

EST. XLVII.

A isto mais se ajuncta, *que a um devoto*.

A edição parisina de Firmino Didot traz :

A isto mais se ajuncta, *que um devoto*.

Contra-senso manifesto produzido pela falta da preposição *a* que escapou ao corrector-das-provas

Não ficaria o verso 7º d'esta estancia mais correcto lendo-se

Baccho odioso em *sonhos apparece* ?

EST. XLIX.

« Eu por ti, *rudo vélo*; e tu *dormeces* ?

A edição impressa per Pedro Craesbeeck, no anno de 1631, dá este verso como se aqui ve :

« Eu por ti, *tudo vélo*, e tu *adormeces* ?

Mas o vocabulo *adormeces*, assim impresso, torna o mesmo verso duro e prosaico. Camões fez sem dúvida o dito vocabulo de tres syllabas pela figura apheresis, e escreveu *dormeces*, bem como n'outros logares *poz imaginação* em vez de *imaginação*, *venturar* por *aventurar*, etc.

EST. LII.

Astutas *traições* enganos varios

.

Destruição de gente pretendiam.

O vocabulo *traições* tem tres syllabas, e *destruição* tem quatro, pela figura diéresis.

Com peitas *acquirindo* os regedores.

Acquirindo por *adquirindo* volve-se aqui necessario para a melodia metrica. Essa voz foi muito costumada de nossos classicos.

EST. LIV.

. pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Da que lhe der a lingua conselheira.

A syntaxe d'este verso, assim escripto na edição de Hamburgo, pareceu-me mais regular que a d'est'outro, em algumas edições :

Do que lhe der a lingua conselheira.

EST. LVII.

N'isto trabalha so; *que* bem sabia, etc.

Esta lição da edição de Hamburgo pareceu-me preferivel a est'outra que se acha em varias edições :

N'isto trabalha so, *quem* bem sabia, etc.

Armas, e naus, e *gente* mandaria, etc.

Na edição de Manuel Correa lê-se :

Armas, e naus, e *gentes* mandaria, etc.

EST. LXI.

« Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu rei me destes, é fingida.

Adoptei esta lição de Manuel Correa; porque o verso assim escripto evita a repetição *que que que*, a qual volve tam desagradaveis os dous citados versos, como aqui se pode ver, sendo citados quaes se acham em outras edições.

Eu sou bem informado, *que* a embaixada,
Que de teu rei me deste, *que* é fingida.

EST. LXII.

« Com peças, e dões altos *sumtuosos*.

Manuel Correa escreveu :

« Com peças, e dões altos *sumptuosos*.

« Que signal, nem penhor *não são* bastante
As palavras de um vago navegante.

As outras edições trazem :

« Que signal, nem penhor *não é* bastante
As palavras de um vago navegante.

(Leia-se a nota que ao primeiro verso fez o erudito corrector da edição Rollandiana.)

EST. LXIV.

C'uma alta confiança, *que* convinha.

O citado verso d'esta oitava não ficaria mais correcto d'este modo :

C'uma alta confiança, *qual* convinha?

EST. LXV.

« Não causaram que o vaso da *inequicia*, etc.
(Açoute tam cruel da christandade)

Viera *pôr* perpétua inimicicia
Na geração de *Adão* co' a falsidade, etc.

Eis a lição que appresenta a edição Rollandiana de 1843, outras trazem :

« Não causaram que o vaso da *iniquicia*, etc.

« *Adão* deriva-se de *adamah*, palavra hebraica, que quer dizer *terra*; porque os homens são de terra.»

FREI HEITOR PINTOR, *Imagem da vida christã*, pag. 19.

Outras edições trazem :

« Viera *per* perpétua inimicicia, etc.

(Veja-se a nota que acerca d'esse verso escreveu o editor da edição Rollandiana.)

Est. LXVI.

« Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito, etc.

Manuel Correa appresenta :

« Sem grandes oppressões em todo feito, etc.

Est. LXVII.

« e os ardores,
Que sofrem do *Carneiro* os moradores,

Allude o Poeta ao signo de *Aries* ou do *Carneiro*, marcado no equador celeste; querendo per esta expressão dar a intender a *Zona-Tórrida*.

Est. LXXI.

« Conceito digno foi do ramo claro
Do *venturoso rei*, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de *Abylá* derradeiro.

« *D. João I* por ensanguentar suas armas em infiéis, como fizera até então nos catholicos, desejando augmentar a fé cathólica, e estender a coroa de seus reinos alem do mar, fez massa da melhor e mais escolhida gente, que tinha no reino de Portugal, com a qual passou á Africa, onde ganhou per força de armas a cidade de Ceita, em 21 de agosto do anno 1415.»

FREI BERNARDO DE BRISTO, *Elogios historicos dos reis de Portugal*.

De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

São *constellações* do hemispherio do Sul.

Est. LXXII.

« caminhos estrangeiros
Que uns, succedendo aos outros, proseguiram.

Em Manuel Correa lê-se :

« Que uns, succedendo a outros, proseguiram.

« que nunca as *sete flammæ* viram.

A constellação da Ursa polar do Norte, composta de sete estrellas, denominadas *septentriones*.

EST. LXXIV.

« Esta é a *verdade*, rei, etc.

É a resposta de Vasco da Gama uma cabal refutação ás acusações dos Mouros. Pode avaliar-se a tal resposta um prototypo de logica e firmeza. Os discursos, n'este inimitavel poema, são veramente admiraveis.

EST. LXXV.

« Não me *impidas* o gosto da jornada.

Assim conjugavam nossos bons escriptores o verbo *impedir*, como se nota no seguinte exemplo :

« Verá o imperio seu tam estendido
Que elle mesmo se *impida* o crescimento.»

CASTRO, *Ulysea*, cant. IV. est. 115.

Esses escriptores diziam igualmente, *elle despide, elle compite, elle consinte, elle minte, elle prosigue, elle acude, elle destrue, elle fuge, elle sacude, elle induze, elle produze, elle retuze, elle traduze, elle sinte, elle consume, elle luze, elle advirte*, etc.

EST. LXXVI.

Os Catuaes *corrutos* mal julgados.

Assim se lê este verso na edição de Manuel Correa.

EST. LXXVII.

Que *pola* especiaria troque e venda.

Eis a lição que offerece Manuel Correa. As outras edições trazem *pela* especiaria; erro manifesto.

EST. LXXVIII.

« Que *mande* da fazenda, emfim lhe *manda*, etc.

O nosso Camões cahe ás vezes em similhantes trocadilhos, ou por melhor dizer em taes descuidos. Aqui vem a proposito o *bonus dormitat Homerus* de Horacio.

EST. LXXXI.

Corrutos pela *má'ometana* gente.

Eis como Manuel Correa escreveu esse verso.

A edição de padre Aquino traz :

Corruptos pela *mahometana* gente.

A Parisina de Firmino Didot :

Corruptos pela *ma'ometana* gente.

A de Hamburgo :

Corruptos pela *maumelana* gente.

E a Rollandiana concorda co'a do padre Aquino.

EST. LXXXII.

O Gama com instancia lhe *requere*
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val, etc.

Aqui, pela figura paragoge, accrecentou Camões uma syllaba ao primeiro verso na voz *requere*; assim como fez a outros nas seguintes palavras *pertinace*, *Isabella*, *Joanne*, *martyre*, *produze*, *reluze*, *fugace*, etc., em logar de *pertinaz*, *Isabel*, *João*, *martyr*, *produz*, *reluz*, *fugaz*, etc.

Os nossos antigos escriptores até escreviam a dita voz em prosa como o nosso Poeta a escreveu em verso. Exemplo :

« Mas agora que so a morte os pode apartar, digo-vos que me *requere* dura cousa. »

SA DE MIRANDA, *Os Vilhalpandos*, act. II. scen. 6.

EST. LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal fermoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Trémulo aqui, é alli dessocegado, etc.

Imitação de Virgilio :

« *Sicut aquæ tremulum labris ubi lumen ahenis,
Sole repercussum, aut radiantis imagine lunæ,
Omnia pervolitat late loca, jamque sub auras
Erigitur, summique ferit laquearia tecti.* »

Eneida, liv. VIII. v. 22, etc.

EST. LXXXIX.

. que nunca louvarei
O capitão que diga : « Não cuidei. »

Seneca disse :

« *Turpissimam, aiebat Fabius, Imperatori excusationem esse :*
« Non putavi. »

De Ira, liv. II. cap. 31.

Camões emprega raramente nos *Lusiadas* o verbo *cuidar* : serve-se de *imaginar*, *crer*, etc. Todavia esse verbo, alem de antiquissimo no idioma, até foi outrora costumado em França, como o provam os seguintes versos do satyrico poeta Regnier :

« *Il se plaist aux trésors qu'il cuide ravager,
Et que l'honneur luy rie au milieu du danger.* »

Est. XCIII.

Embarcações idóneas *com* que venha , etc
 Não ficaria melhor este verso assim escripto ?
 Embarcações idóneas *em* que venha?

Est. XCVII.

A Polydoro mata o rei *threicio*.
 A diéresis, na palavra *Threicio* dá-lhe tres syllabas.

Est. XCVIII.

Este *aos* mais nobres faz fazer vilezas.
 Em outras edições lê-se :
 Este *a* mais nobres faz fazer vilezas.

CANTO NONO.

Est. I.

Era deter *allí* os descobridores, etc.

N' este verso , por isso que a synalepha não se faz na sexta syllaba, logar proprio do accento, fica ella sendo aspera e desagradavel.

Est. II.

La no seio erythreu , onde fundada
Arcinoe foi do Egepcio Tolomeu, etc.

Arsinoe foi filha ou irmã de Ptolomeu, rei do Egypto; a qual fundou um logar, que de seu nome se chamou *Arsinoe*, e agora *Suez*, na costa do Mar-Roxo.

Da religiosa agua ma' ómetana.

Poço sagrado de *Zemzem* ou d' *Agar*, juncto ao templo denominado *Caaba* em Meca, a cuja agua attribuem os Mahometanos a virtude de purificar de todos os peccados; por correr tradição de que n'ella se lavava Mahomet.

Est. X.

Outros quebram co' o peito duro a *barra*.

Barra é a alavanca de pau, que serve em os navios para fazer voltar os cabrestantes.

Est. XIV.

« A secca *frol* de Banda não ficou.

Assim se lê esse verso na edição de Manuel Correa; e com effeito *frol*, em vez de *flor*, era pronuncia mui usual nos quinhentistas. Exemplos :

« Acude aqui a *frol* dos Sarracinos. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 9.

« E o escaraceo arrebetava todo em *frol*. »

FERNAN' MENDES PINTO, *Peregrinações*, cap. 61.

« Quebrava o mar em *frol*. »

BARROS, *Decada* 3.

Mas como todas as edições dos *Lusiadas* trazem *flor*, não mudei este vocabulo em *frol*.

EST. XVI.

Levando alegres novas, e *reposta*.

Manuel Correa escreveu a voz *résposta* sem *s*. Essa suppressão adoça mais a pronuncia do verso aqui citado.

EST. XXI.

Da *primeira* co'o terreno seio.

A voz *primeira* tem, pela figura diéresis, quatro syllabas. A ilha que Camões aqui chama *primeira*, parece ser a ilha de Ceilão, em contração á ilha da *Madeira*, per elle contada como derradeira no verso 5° est. V, do cant. 5. (Nota do editor da edição Rollandiana.)

Eu conservei porém a lição

Da *mãe primeira* co'o terreno seio.

escorado nas sabias reflexões que fizeram a esse verso os editores da edição de Hamburgo.

O commentador Manuel Correa escreveu acerca do mesmo verso a seguinte nota :

« Assim fez Luis de Camões este verso, e não como anda impresso :

Da *mãe primeira* co'o terreno seio;

que foi accrescentamento da syllaba *mãe*, por crerem que faltava ao verso, o que não é. Nem a palavra *mãe* n'aquelle logar quer dizer cousa que satisfaça : quando as syllabas da palavra *primeira* tem quatro ; pois tem quatro vogaes. E ainda que o *ei* seja diphtongo, e se tome por uma syllaba só, costumam os poetas dividil - os. E *assi* o ouvi a Luis de Camões. Os que quizerem que errasse Luis de Camões, façam o verso d' esta maneira :

Da *primeira* com o terreno seio. »

Eu respeito muito a auctoridade de Manuel Correa ; mas tanto o verso como a emenda são pessimos. De mais, eu não achei o vocabulo *primeira* assim escripto em nenhum poeta contemporaneo a Camões. *Primeira* é pronuncia alheia aos bons authores portuguezes.

Eis como o judicioso traductor italiano Carlos Antonio Paggi traspasou para o seu idioma a parte da oitava que incluye o mencionado verso :

« *Che nel Regno ha pur molte, a cui confina,
De la madre primiera il terren piano,
Oltre di quelle, che le diè la sorte
Di sommo pregio entro l' Erculee porte.* »

EST. XXIV.

E *aquellas*, em que foi ja convertida
Peristéra, as boninas apanhando.

São as *pombas*. Cupido, segundo a fabula, converteu em uma d' essas aves a nympha *Peristéra*.

EST. XXVII.

Vendem adulação, que mal *consente*
 Mondar-se o novo trigo *florecente*.

Os antigos diziam *consinte* em vez de *consente*; mas Camões foi aqui obrigado a exprimir-se do segundo modo por causa da rhyrna.

EST. XXX.

Suave a lettra, angélica a *toada*.

Assim se lê esse verso na edição de Pedro Craesbeeck, e esta lição pareceu-me mais conforme á boa pronuncia do mesmo verso; pois evita a que involuntariamente s' expelle da bocca: isto é, *assuada* (motim, etc.). As outras edições trazem:

Suave a lettra, angélica a *soada*.

EST. XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
 Pera as settas as pontas penetrantes,
 Por *lenha corações* ardendo estavam,
 Vivas entranhas inda palpitantes:
 As aguas onde os ferros temperavam,
 Lagrymas são de miseros amantes,
 A viva chamma, o nunca morto *lume*,
Desejo é so que queima, e não consume.

«Veja-se como por causa do affecto é artificiosa esta imagem phantastica, vestida de uma tam bella galla de novas e originaes côres poeticas. «Tães são (como diz Garcez Ferreira) as da exquisita parabola de *corações por lenha*, e do *desejo por lume*.» Até na dicção é admiravel esta estancia, para em tudo ser óptima; pois os versos não podem ser mais numerosos, nem os periodos mais bem compassados. É, como dizem os pintores, uma pincelada de mestre.»

FRANCISCO JOSEPH FREIRE, *Arte poetica*, tom. 1. pag. 110.

EST. XXXIV.

Qual o das *moças Bibli*, e *Cinyréa*;
 Um mancebo de *Assyria*, um de *Judéa*.

Moça de Mileto perdida de amores por seu irmão *Cauno*.

Myrrha, a qual se namorou, e concebeu de seu pae *Cinyras*.

O filho do rei *Antiocho*, apaixonado per sua madrasta; ou *Nino*, filho de Semiramis, que teve amores com sua mãe.

O filho de *David*, que violentou sua irmã *Thamar*.

Est. XXXVII.

« Amado filho em cuja mão
Toda minha potencia está fundada,
Filho, em quem minhas forças sempre estão;
Tu que as armas typheas tens em nada, etc.

Virgilio disse :

« *Nate, meæ vires, mea magna potentia solus,
Nate, patris summi qui tela Typhoia temnis.* »
Eneida, liv. I. v. 664, etc.

Est. XL.

« Ilha, que nas *entranhas do profundo*
Océano terei aparelhada,
De dões de Flora, e Zéphyro adornada.

« Boa poesia ! comtudo sendo a sua phrase bella e purissima está forçada na passagem do primeiro para o segundo verso ; mas isto é venialidade : é notavelmente poetica a clausula d' esta pintura — *entranhas do profundo Oceano*. — Elegancia, e harmonia. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 240.

Est. XLI.

De amor feridas, pera lhe entregarem, etc.

A proposição *de* sem apostrophe (qual se nota no dito verso assim impresso na edição de Manuel Correa) enche mais o mesmo verso que o que apresentam outras edições :

D' amor feridas, pera lhe entregarem, etc.

Est. XLV.

Van-a buscar, e mandan-a diante.

Eis a correcta orthographia d' este verso, como eu ja disse em outra nota. Gendron escreveu :

Vão-na buscar, e mandam-na diante.

A edição parisina de Firmino Didot traz :

Vão a buscar, e mandão a diante.

A do padre Aquino :

Vão-na buscar, e mandam-na diante.

A de Hamburgo concorda com a do sobredito padre;
E a Rollandiana com a de Didot.

Est. XLVI.

No coração dos deuses, que indignados, etc.

Na edição de Hamburgo lê-se :

O coração dos deuses, que indignados.

EST. XLVIII.

Os cornos ajunctou a eburnea *lua*,
 Com força o moço indómito excessiva;
 Que Tethys quer ferir mais que *nenhua*,
 Porque mais que *nenhua*, lhe era esquiva.
 Ja não fica na aljava setta *algua*, etc.

Eis como estes versos se lêem nas edições mais correctas; porém seus editores não advertiram que o ~ supprindo as consoantes *n*, ou *m*, a voz *lua* pronunciava-se tendo o ~ sobre o *u*, *luna* ou *luma*, e por conseguinte, a dita voz sim rhymava com *nenhuma*, *alguma*; porém nenhum poeta quinhentista (que eu saiba) chamou *luna* ou *luma* ao vocabulo *lua*. A verdade é, que os taes poetas supprimiam o ~ nos sobreditos termos, quando estes formavam consoante. Sa de Miranda disse:

« Coroadá, e debaixo os pés a *lua*,
 São vindas minhas culpas e querellas
 Sobre mi tantas, valei-me aos desmaios,
 De muitas que possa ir chorando *algua*
 Não me deixaram desculpa *nenhua*. »

Obras, tom. II. pag. 6.

Se nos dous ultimos versos está o ~ sobre as palavras *algua*, *nenhua*, é per incuria do amanuense; pois Sa de Miranda não podia rhymar *lua* com *alguma*, *nenhuma*.

A' vista do citado exemplo, e outros mais que aqui não menciono, restabeleci os mencionados versos como se acham no texto.

Ja não fica na *aljaba* setta *algua*.

Aljaba foi como escreveram e pronunciaram os contemporaneos a Camões. Exemplo:

« Furtou a *aljaba* a Amor (quando dormia)
 Lesbia. »

ANTONIO FERREIRA, *Poemas lusitanos*, tom. I. pag. 96.

Assim se lê tambem na edição de Manuel Correa; mas como todas as dos *Lusiadas* trazem *aljaba*, não ousei mudar o *v* em *b*.

EST. LI.

Rompendo pelo ceo a *mãe* *fermosa*
 De *Memnónio*, suave e deleitosa.

Foi filho de Titão, e da *Aurora*, quem (morto per Achilles) foi convertido em ave.

EST. LIV.

Tres fermosos outeiros so mostravam
 Erguidos com *suberba graciosa*,
 Que de gramineo esmalte se adornavam.

« Bellos e elegantissimos versos! — *Suberba graciosa* é elegancia que so podia sair da penna do grande Camões: mas que diremos do terceiro verso? Não é o seu estylo absolutamente novo, e desconhecido não

so dos escriptores, que precederam a Camões, mas tambem dos seus contemporaneos ?»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*¹, pag. 267.

Est. LVIII.

As *amoras*, que o nome teem de amores.

Poucas pessoas ignoram o lastimoso caso de Pyramo e Thisbe : ambos eram de Babylonia, Constrangidos per seus paes, que recusavam unil-os, convieram achar-se juncto ao tumulo de Nino, sob uma amoreira branca, contigua a uma crystallina fonte,

« *Arbor ibi niveis uberrima pomis*
Ardua morus, erat gelido contermina fonti.»

OVIDIO, *Metamorphoses*, liv. IV. v. 89.

Thisbe chegou primeiro ao lugar do ajuste ; e antolhando uma leoa co' as fauces ensanguentadas, deixou cahir o véo, o qual logo foi espedaçado e tincto de sangue pela tal leoa. Chegado Pyramo depois ergueu o véo, e julgando ter sido Thisbe, devorada, embeheu no peito um estoque. Voltando Thisbe, achou Pyramo expirando, e varou-se com o mesmo estoque. Os fructos da amoreira (a cuja sombra isto aconteceu) volveram-se negros, sendo até-li brancos.

Est. LIX.

E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co' os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

» Tam doces, tam saborosas são as *peras pyramidaes*, que os passaros as comem ; e tantas e tammanhas, que grande benefício é para ellas, que os mesmos passaros com os bicos lhes diminuam o peso ; porque de outra sorte não poderiam conservar-se na pereira, »

(Nota dos editores da edição de Hamburgo.)

Est. LX.

Pois a *tapeçaria bella e fina*
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina ;
Mas o sombrio valle mais ameno.

« Nenhuma circumstancia omittiu o Poeta para fazer esta passagem amena e brilhante. A fermosura da *tapeçaria* que cobre o rustico terreno está designada com duas qualidades procedentes uma da outra no adjectivo *bella*, e cuja força resulta do adjectivo *fina*, que exprime n' este lugar ideia analogá á perfeição. Tudo isto está pintado com tanta bizarrria, que com singular felicidade se conhece quanto nas graças da representação campestre excede o natural ao artificial. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 302.

Alli a cabeça a *flor cephisia* inclina.

A flor cephisia é o *Narciso*, na qual, diz a fabula, fóra convertido

um moço assim chamado. A denominação porém de *cephisia* é derivada do patronimico *Cephisso*, nome de seu pae.

Manuel Correa escreveu :

Alli a cabeça a *frol cephisia* inclina.

« *Frol* disseram os nossos antepassados, formando o vocabulo de origem latina, mas com dissimilhança, para que se conhecesse portuguez. Este se mudou depois em *flor* : e porque ? seria para o aproximar á origem latina ? Não havia n'isso interesse : pelo gosto do ouvido ? isso sim. »

NEVES, *Causas da decadencia da lingua portugueza*, pag. 384.

Eu presumo que esse vocabulo foi mudado em *flor* pelos editores dos *Lusíadas*; pois (como ja mostrei com exemplos de contemporaneos a Camões) tal era a pronuncia no seculo em que este eximio poeta viveu.

Florece o *filho*, e *neto de Ciniras*,
Por quem tu, deusa páphia, inda suspiras.

É a *anémoma*, em que foi convertido *Adonis*, havido per *Cinyras* em sua filha *Myrrha*. *Venus* amou-o estremecidamente ; mas um javali matou-o n'uma caçada. A mesma deusa metamorphoseou esse gentil mancebo em *anemona*.

Est. LXI.

Pera julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se daya ás flores cór a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.

São esses quatro versos uma quasi fiel traducção dos dous do *Idyllio* de *Ausonio* relativos á rosa :

Ambigeres raperetne rosis aurora ruborem,
An daret, et flores tingeret orta dies.

Pintando estava alli *Zephyro*, e *Flora*
As violas da côr dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bella
Qual reluze nas faces da donzella.

« Nem no bello episodio da ilha de *Alcina*, no *Furioso*, de *Ariosto*, nem no de *Armida*, na *Jerusalem* do *Tasso*, nem na pintura do *Paraiso* de *Milton*, nem finalmente na admiravel descripção do *templo do Amor*, no canto 9º da *Henriquíada* de *Voltaire*, se acha pintura, não digo que exceda a esta, mas nem ainda que a iguale.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 299 e 300.

Est. LXII.

A candida *cecem*.

Cecem o mesmo que *assucena*.

Vêm-se as letras nas flores *hyacintinas*,
Tam queridas do filho da *Latona*.

Allude Camões, n'este logar, aos versos de Ovidio :

*Ipse suos gemitus foliis depingit, et ai ai
Flos habet inscriptum.*

Metamorphoses, liv. x. v. 215, etc.

Que competia *Chlôris* com Pomona.

Chloris é a mesma que Flora.

Est. LXIII.

Ao longo da agua o niveo cysne canta.

Ao longo da agua, e não *a longo* da agua é como se lê na pequenina edição de 1651.

Est. LXXI.

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e *de* outra as fraldas delicadas.

A edição do padre Aquino, e a de Hamburgo trazem :

. e *d'* outra as fraldas delicadas.

E a do Souza :

. e *da* outra as fraldas delicadas.

Est. LXXIV.

Vendo *no* rosto o ferreo cano erguido, etc.

Outras edições trazem :

Vendo *ao* rosto o ferreo cano erguido, etc.

Est. LXXVII.

« Quem te disse, que eu era o que te *sigo* ?

« Quem duvida, qué é mais conforme á analogia o modo de conjugar certos verbos, conservando as letras iniciaes, e a figurativa da sua raiz, como *seguir*, *sigó*, *sigues*, *impedir*, *impido*, *impides*, *fugir*, *fujo*, *fuges*, *medir*, *mido*, *mides*, *mida*, *mento*, *mentes*, ou *minto*, *min-tes*, etc. ? »

NEVES, *Causas da decadencia da lingua portugueza*, pag. 347.

Est. LXXVIII.

« *Tra la spiga e la man qual muro è messo.* »

É um verso de Petrarca no soneto 43.

Est. LXXXI.

« *Lhe mudarás* a triste e dura estrella.

N'outras edições lê-se :

Se lhe mudará a triste e dura estrella.

EST. LXXXII.

Volvendo o rosto ja *sereno* e *sancto*, etc.

« *Commummente* as pinturas de sentimento costumam ter uma harmonia menos notada : esta pelo contrario é tam cantante na sexta, oitava, e decima pausa, que está ensinando a recitar. Nos dous epithetos, ou accidentes está posposto o antecedente ao consequente : porque *sancto* denota predicado honorifico d' alma, cuja consequencia é *serenidade* ou gentileza corporal, que é o que está significando este logar. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 152.

EST. LXXXIII.

O que mais passam *na* manhã e *na* sesta, etc.

Assim achei escripto este verso nas edições, que tive ante os olhos; porém a repetição da particula *na* volve-o insulsissima prosa : a tal particula foi sem dúvida descuido typographico. Emendei qual vai no texto.

EST. LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tam fermosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa *não são*, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada.

(Leia-se, acerca d'essa emenda, a nota do atilado corrector da edição Rollandiana.)

EST. XC.

Sobre as azas inclytas da Fama.

A falta de synalepha na segunda syllaba torna este verso languido e curto.

« Os antigos poetas desprezaram frequentemente o uso da synalepha ; e, a respeito das mesmas vozes, umas vezes se serviam d'ella, outras não ; e assim mediam os versos pelo modo que melhor lhes agradava. Este defeito foi notado até no mesmo Camões, dizendo-se (como testifica Leonel da Costa, na *epistola* ao leitor, da traducção das *Eclogas* e *Georgicas* de Virgilio) « que muitos dos seus versos não estavam constantes ; mas faltos e imperfeitos, por deixar algumas vezes de fazer a synalepha, que se ha de fazer na ultima vogal precedente, e na primeira da seguinte, » sem advertirem que o verso latino, d'onde se inventaram os vulgares, deixa algumas vezes de a fazer, fazendo syllabas ambas as vogaes precedente e seguinte. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*.

EST. XCII.

Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tam *estranhos*,
De deuses, semideuses immortais,
Indigetes, heroicos, e de *magnos*.

Els como todas as edições que consultei, apresentam a voz *magnos*,

a qual não pode rhymar com *estranhos*, visto a sua pronuncia ser *má-guenos*; porém eu ja adverti n'outra nota que os antigos poetas escreviam *manho* por *magno*.

Aqui vem a proposito o que o sabio philologo e poeta Francisco Dias Gomes escreveu relativamente ao vocabulo *magno*. Eis seus proprios termos :

« O primeiro verso do logar do nosso Epico é de nobre alento poetico : o segundo pouco menos : os dous ultimos não teem circumstancia notavel mais do que a licença na desinencia em *anhos* da palavra *agnos*, á maneira dos Italianos : liberdade de que raramente usou, e lhe deve ser desculpada pelo sem numero de bellezas com que enriqueceu a nossa poesia, e a lingua portugueza, na qual ainda estava em uso este final no tempo de Camões; como se collige de varios escriptos, especialmente dos de Frei Heitor Pinto, sabio e elegante escriptor, que constantemente usa d'elle. O *gn* nas vozes derivadas do latim, vale *nh*, o qual uso passou dos Provençaes para os Italianos, onde inda permanece : nós tambem o adoptámos, e o fomos emendando, exprimindo-nos conforme os Latinos. Esta dissonancia (se é) inda conservámos em *tammanho*, e *anho*, que significa *cordeiro*, usado este nas provincias; as quaes vozes são as latinas *tamagnus*, *quam magnus*, e *agnus*. »

Analyse, pag. 128 e 129.

Est. XCIV.

Ou dai na paz as *leis* iguaes, constantes,
Que aos grandes não deem o dos pequenos;
Ou *vos vesti nas armas rutilantes*,
Contra a lei dos inimigos sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.

« Pera os nossos ganharem os grandes reinos da India, e destruirem n'ella a gentilidade e seita mahometica, lhe aproveitou muito o invencivel animo com que pelejaram, e o singular e valeroso esforço com que, nas batalhas navaes, tingiam o mar, e o tornavam sanguineo, e nas da terra a semeavam de corpos mortos, regando os campos com o sangue da barbara gente inimiga de Christo. Mas pera se isto sustentar, foram as *leis* summamente necessarias, e ainda pera se commetter; porque ja de ca iam as *leis* e regimentos, que os capitães haviam de ter em conquistar, e os cavalleiros em lhe obedecer; com as quaes *leis* movidos, e governados, commetteram cousas terribéis, não estimando a vida pola gloria; tendo por mais honrosa aquella victoria aonde as pessoas com maior risco se aventuravam. »

FREI HEITOR PINTO, *Imagem da vida christã*, pag. 106.



CANTO DECIMO.

EST. I.

Mas ja o claro amator de *Larissea*.

Coronis chamada *Larissea*, por ser natural de *Larissa*, cidade thesalica, assentada nas orlas do rio Peneu, foi amada d'Apollo, o qual a fez mãe do celebre Esculapio. Tendo-se porém entregado a outro amante, durando sua prenhez, Apollo, no primeiro assomo de colera, matou-a ás frechadas; do que muito se arrependeu depois. Poude todavia salvar o filho, tirando-lh'o do ventre; e entregou-o, para que o educasse, ao Centauro Chiron.

Temistitão nos fins occidentaes.

Nome antigo do *Mexico*, derivado da sua capital assim dita outrora.

EST. II.

Mesas d'altos manjares, excellentes.
Lhe tinha *apparelhadas*, etc.

A edição de Manuel Correa traz :

Lhe tinha *apparelhados*, etc.

EST. III.

A quem não chega a egypcia antiga fama.

Allude Camões aos sumptuosos banquetes dados per Cleopatra a Antonio.

EST. VIII.

Qual *Iopas* não soube, ou *Demodóeo*.

Iopas exímio musico africano, e *Demodóeo* outro musico tambem exímio, da ilha dos Pheacos, hoje dita Corfú.

EST. XI.

Cantava d'*um*, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade.

O celebre *Trimumpara*, rei de Cochim, e cabeça dos Bramanes do seu reino; o qual foi o primeiro alliado dos Portuguezes na India.

EST. XII.

Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

Virgilio disse :

“ *simul accipit alveo*
Ingentem Ænean. Gemuit sub pondere cymba.”
Eneida, liv. vi, v. 412, etc.

EST. XVI.

Fara que os seus, *da* vida pouco escassos, etc.

Outras edições trazem :

Fará que os seus, *de* vida pouco escassos, etc.

EST. XVII.

Virá alli o Samorim; porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime :
Mas um tiro, que com zunido voa,
De *sangue* o tingirá no andor sublime.

« Pacheco, que pelas reaes insignias o conheceu (Samorim) lhe mandou assestar uma bombarda : lançou subito a bala aos pés dilacerados dous dos seus intimos domesticos; de que tal susto cobrou el-rei, que se poz em retirada. »

OSORIO, *Vida d'el-rei D. Manuel.*

EST. XXI.

Ou *quem* com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermópilas defende.

Leonidas, rei d'Esparta, defendeu o passo de Thermópilas na Thessalia, hoje chamado *bocca di lupo*, com 4000 Lacedemonios, os quaes mataram cerca de 20000 Persas.

EST. XXII.

Mas n'este passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez rouco e entristecido,
Cantando em baixa voz, involta em choro,
O grande *esforço mal agradecido.*

« El-rei D. Manuel escreveu a quasi todos os principes christãos cartas recamadas de louvores devidos ás façanhas de Pacheco, para que seu nome em toda a christandade com resonante gloria se espalhasse. Para que porém intendâmos quam falsarias são as humanas confianças, não será desacerto cifrar aqui quaes foram os *galardões*, com que per ultimo pagos foram os serviços de tam vaerosissimo varão. Intendendo el rei que Pacheco ficara muito attenuado, por ter consumido em guerras o pouco que possuía; e que da India so comsigo trouxera (capitaneando com esforço e ventura tam guerreadas pelejas) egregio renome, o nomeou governador de san' Jorge-da-Mina, cidade da Ethiopia, d'onde sobe vir muito ouro a Portugal; para que, em tal governo, olhasse por seus interesses. Mas como andassem ateadas n'elle as invejas de muitos, estas crestarão sua probidade e honra, per modo que o accusaram de ter defraudado a el-rei de grandissima quantia de ouro, e de muitos outros crimes, e maus feitos. Poio que mandou Sua Alteza lh'o trouxessem com ferros aos pés a Portugal, onde lançado n'um calabouço miserrimamente jouve, até que examinados com mais apuramento os capitulos, saiu claro, que os delictos, que os inimigos lhe imputaram, eram em parte falsos, e em parte leves. Então é que o despejaram dos grilhões, e lhe restituíram as honras, sem comtudo o proverem da recompensa merecida por tam inclyta

virtude : assim viveu indigente vida. Tanto pode o que maus insinuam aos ouvidos dos réis, inda os mais extremados, que os desviam muitissimas vezes de acudir com os dons devidos á virtude, que é onde mais reluz a grandeza do real elogio !»

OSORIO, *Vida d'el-rei D. Manuel.*

« O' *Belizario* (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido ;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolarte.

« *Belizario*, capitão do imperador Justiniano, depois de vencer os Vandalos, e triumphar dos Persas, e livrar Italia dos barbaros, veio a ser invejado e murmurado. E sendo per seus grandes successos suspelto ao imperador, que temia que se lhe levantasse com o imperio, foi d'elle privado dos olhos, e despojado de toda sua riqueza. Emfim, veio a tam triste estado, que fez uma pocilga juncto de um caminho, aonde estava pedindo esmola aos que passavam, com estas palavras : « Caminhante, dá uma esmola a *Belizario*, ao qual a virtude engrandeceu, e a inveja cegou.»

FREI HEITOR PINTO, *Imagem da vida christã*, pag. 139.

EST. XXIV.

« Mas *vingo-me*, que os bens mal repartidos
Per quem so doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-nos logo a avarentos lisonjeiros.

É provavel que esta amarissima apostrophe não somente se endereçasse aos dous irmãos Jesuitas que dirigiam o joven rei D. Sebastião ; mas até aos escriptores contemporaneos ao nosso Poeta. « Porque (são palavras do atilado Francisco Dias Gomes relativas a Sa de Miranda, Ferreira, Bernardes e Caminha) não deram elles a Camões os grandes louvores que liberalizaram a poetas ineptos e sem merecimento ? A causa é clara. Estes quatro poetas eram pessoas nobres, abastadas, e so se dignavam louvar outros nobres e opulentos : Camões, não obstante ser nobre de nascimento, era extremamente sabio, e extremamente pobre ; qualidades, que em todos os tempos grangearam inveja e desprezo : parece desar da opulencia abaixar-se a venerar talentos sepultados na miseria ; mas elles tambem se *vingam* em não fazer o menor caso d'ella, como fez Camões, que do Caminha, Miranda, Ferreira, e do Bernardes não fez a mais leve commemoração.»

Analyse, pag. 258 e 259.

Eis como se acha impresso em algumas edições o verbo *dar* ; o que é erro manifesto. A particula *nos* assim escripta constitue um prenome pessoal e não um artigo plural como ser deve realmente. Similhanças irregularidades mancham as obras de Camões e outros classicos : obras a que remettemos os estudiosos.

EST. XXV.

« Mas tu, de quem ficou tam mal pagado
Um tal vassallo, o' rei so n'isto inico, etc.

O nosso Afonso d'Albuquerque conquistou tres reinos para Portugal, e o galardão que teve d'el-rei *D. Manuel* foi ordem parã vir parã Lisboa. Com *Duarte Pacheco* foi este rei igualmente injusto, e com outros mais, credores de grandes premios.

Est. XXVI.

« Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nome real, e traz consigo
O filho, que no mar será illustrado.

Referê-se Camões a *D. Francisco d'Almeida*, 1.^o vice-rei da India, em 1505: o filho é *D. Lourenço d'Almeida*.

Est. XXIX.

« O mar todo com fogo e ferro ferve.

« N'este verso (como observa Faria) junctou o Poeta as tres vozes, que começam per *f*, para, com ellas, pintar o fervor da peleja.»

Est. XXX.

« Outro *Sceva* verão, que espedaçado, etc.

Foi *Sceva* um centurio romano, que servia na hoste de Cesar contra Pompeu, em a guerra civil, tornada famosissima pela batalha de *Pharsalia*. Lucano, em o seu poema assim dito, descreve, no liv. 6, as heroicas proezas do tal centurio na defensa d'um forte juncto á cidade *Dyrrachium*, hoje *Durazzo*.

Est. XXXI.

« Até que outro *pelouro* quebra os laços,
Com que co' a alma o corpo se liara.

« *D. Lourenço* a todos animava, a todos via, e acudia com o que era de carência; exercendo as vezes de óptimo general; e como per fim umi *pelouro* lhe despedaçasse uma perna, mandou vir uma cadeira, e sentado n'ella juncto ao mastro, d'alli mui animoso dava as ordens; d'alli lhes advertia « que so com esforçadas obras se mostra quem tem valor e brios.» Uma bala que veio disparada ao peito; lhe afogou com a vida estes honrados gritos. »

Osorio, *Vida d'el-rei D. Manuel*.

O nosso insigne escriptor João de Barros referindo esse deploravel caso, empregou a seguinte phrase:

« Assim atroou a nau a pancada, que o seu corpo deu em baixo, que muito maior terror fez no animo de todos o tom d'esta cahida, que a voz da sua morte. »

Est. XXXII.

« Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena.

« A nossa alma (deixadas as falsas opiniões dos antigos) é uma substancia participante de razão, incorporea, immortal, invisibil, accom-

modada a reger o corpo, semelhante a Deus, creada d'elle de nada pera os bens eternos; a qual tem a imagem de seu Creador.»

FREI HEITOR PINTO, *Imagem da vida christã*, pag. 25.

« Que eu ouço *retumbar* a gran' tormenta,
Que vem ja dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelucos.

A cadencia d'este primeiro verso, e bem assim os da oitava XXXVI, retractam admiravelmente a ira de D. Francisco d'Almeida, pola morte de seu filho D. Lourenço.

EST. XXXV.

« Fará ir ver o *fundo e frio assento*,
Secreto leito do húmido elemento.

« Isto é que é elocução verdadeiramente poetica: depois de dizer *frio e fundo assento* com dous epithetos, que exprimem duas qualidades, acrescenta — *Secreto leito* — como clausula declaratoria da ideia antecedente, e logo outra formula em ultimo logar — *húmido elemento* — que acaba de dar a conhecer o assumpto da pintura. Phrase nobre e harmoniosa é a de que se compõe tam bella poesia. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 241 e 242.

EST. XXXVI.

« Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.

« Barros (fallando dos cuidados em que os nossos passaram a noite antecedente á batalha naval, que esperavam ter com a armada de Mir-Hocem) diz na *Decada II*, liv. 3, cap. 5: « A noite quasi toda foi vigiada, uns *concertando* suas armas, outros a consciencia. »

ANTONIO PEREIRA, *Dissertação academica*, pag. 15.

EST. XXXVIII.

« Alli *Cafres selvajes* poderão
O que destros imigos não poderam, etc.

« D. Francisco d'Almeida, ao pôr-se em acto de resistir de novo ao inimigo, veio um zarguncho, que lhe trespassou a garganta: e foi tam rija a dôr, e a afflicção tam apertada que, fallecendo-lhe d'um tracto as forças todas, fraqueou á terra; e so firme nos joelhos enfiava ao ceo as mãos, e os olhos. Estes foram os ultimos signaes de ingenita religião que, nos derradeiros limites da vida, deu de si aquelle homem tam egregio per sua probidade, liberal condição, e feitos dignos de immortal lembrança.»

OSORIO, *Vida d'el-rei D. Manuel*.

Occultos os juizos de Deus são!
As gentes vãs, que não nos intenderam, etc.

Eis a lição que apresentam todas as edições dos *Lusiadas*, menos a de Manuel Correa, a de Hamburgo, e a Rollandiana.

Acerca d'esse verso de Camões trasladarei aqui as palavras d'um atilado escriptor :

« Os editores ou impressores de nossos classicos julgando que a lingua portugueza não admittia desinencias em *n*, e desejando, comtudo, conservar esta união euphonica, imprimiram *em na*, *em no*, etc. Tam palpavel absurdo, torna difficil, e até amphibologica, a leitura de nossos bons authores, como o mostra este exemplo em Camões (e cita os dous versos acima). Onde em vez de *não nos*, devêra estar *não os*; porque *os* é aqui artigo relativo a *juizos*, e não o prenome pessoal *nos*. Muitos erros d'esta natureza mancham as melhores edições de Camões, e d'outros classicos. Bemque nosso idioma não tenha, por ora, uma orthographia razoavel, teve antiguamente outra menos absurda. »

Est. XXXIX.

« Pelo *Cunha* tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, etc.

Tristão da Cunha foi o commandante da frota, que levou á India o grande Afonso d'Albuquerque: o seu nome ficou immortal no archipelago austral, que d'elle se appellida.

Est. XL.

« Alli verão as *setlas estridentes*
Reciprocarse, a ponta no ar virando.

Este factio (ja tocado per Camões no cant. II, est. 49) é descripto per Barros, e per Castanheda quasi pelas mesmas palavras, foi explicado pelo bispo Osorio, com melhor critica, do que pelos sobreditos historiadores.

Est. XLI.

« Alli de *sal* os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pelas praias, e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate.

A ilha d'Ormuz jaz na embocadura do golpho persico, afastada duas estendidas leguas da terra-firme. Ella tem tres milhas de ambito e não produz arvores, nem herva, pois está alastrada de *sal* branquissimo: causa esta de sua esterilidade.

Est. XLII.

« Que gloriosas palmas terer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vã de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de *Goa*.

« A cidade de *Goa*, depois de se acabar de fortificar, será inexpugnavel; sendo per natureza muito forte, estando toda cercada de mar, e bra-

ços, que d'elle saiem, que a dividem da terra do Idalcão, fazendo-a ilha.»

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sítio de Lisboa*, pag. 173.

« ocasião espera boa,
Em que a torne a tomar, etc.

Esta lição da edição de Hamburgo pareceu-me preferivel a est' outra que se acha em algumas edições :

Com que a torne a tomar, etc.

EST. XLIII.

« Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia *sancta Catharina*.

Foi a cidade Goa, pela segunda vez, tomada per Afonso d'Albuquerque em o dia de *sancta Catharina*, a 25 de novembro do anno 1510; e, dès então, ficou sendo cabeça das possessões portuguezas na India.

EST. XLIV.

« Nem tu menos fugir poderás d'este,
Postoque rica, e postoque assentada
La no grêmio da Aurora onde naceste,
Opulenta *Malaca* nomeada.

Antonio de Abreu, amigo e companheiro de Camões, celebrou em algumas estancias essa famosa cidade. Eis a primeira :

« N'este rico archipélago do Oriente
Pera a parte do Arctico assentada,
Jaz n'uma estancia fertil e eminente,
De *Malaca* a cidade memorada :
De povos orientaes e do occidente,
Por causa do commércio, frequentada ;
Querida dos amigos per preceitos ;
Temida dos inimigos per seus feitos. »

« Os *crises* com que ja te vejo armada, etc.

São os *crises*, com feição de adagas, usados pelos Mouros.

EST. XLV.

Mas lembrou-lhe uma ira, que o condena.

Outras edições trazem :

Mas lembrou-lhe uma ira, que o condena.

Verso prosaico e intoleravel.

EST. XLVI.

Dar *extremo supplicio* pola culpa,
Que a fraca humanidade, e amor desculpa.

Allude Camões n' estes versos a Ruy Dias, o qual Afonso d'Albuquerque mandou *enforçar*, porque entrava de noite na sua camara do leme pela

parte de fóra , e dormia com uma moça moura das que haviam sido tomadas em Goa, e elle guardava para mandar a Portugal á rainha.

Nos commentarios de Afonso d'Albuquerque, cap. 41, lê-se o seguinte :

« Estando o grande Afonso d'Albuquerque no rio de Goa passando estes trabalhos, que tenho dito, e com muita gente doente, e muita falta de mantimentos, e o tempo ser tal, que não podiam sair pela barra fóra, vieram-lhe dizer « que um Ruy Dias, homem-d'armas havia muitos dias que entrava de noite com as Mouras, que tomara em Goa Sabido isto, e arreceando que nosso Senhor lhe dêsse algum grande castigo se não acudisse a um caso como este, mandou chamar Pero d'Alpoem ouvidor, e encommendou-lhe muito que secretamente se informasse d' este negocio como passava, e que fosse seu escrivão Lourenço de Paiva secretario, e achando a Ruy Dias culpado, o prendesse, e procedesse contra elle como fosse justiça. Pero d'Alpoem começou a tirar sua devassa secretamente, e achou, per muitas testemunhas, que havia dias que Ruy Dias entrava com ellas. Vistas as culpas, e o logar, e tempo em que commettera este delicto, julgou que morresse morte natural, e mandou-o *enforçar* na nau Flor-de-Rosa. »

Est. XLVIII.

Viu *Alexandre a Apelles* namorado, etc.

Aqui o artigo *a*, sobre fazer o verso mais cheio, salva o equívoco que, no primeiro lanço-de-olhos appresenta o nome *Appelles* unido ao de *Alexandre*, dando-lhe similhaça de sobrenome d' uma so pessoa. A edição de Hamburgo emendou essa falta. Em outras edições lê-se :

Viu *Alexandre Apelles* namorado, etc.

Est. XLIX.

Per força, de *Juditha* foi marido
O férreo *Baldovino*; mas dispensa
Carlos pae d' ella, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de *Frandes*.

Allude Camões a um tal *Baldovino* monteiro-mor de Flandres, o qual arrebatou *Judith*, filha de *Carlos-o-calvo*. Esse rei perdoou-lhes; uniu-os; e fez *Baldovino* conde de Flandres.

Os quinhentistas diziam *Frandes* e não *Flandres* como hoje; e bem assim *Ingrezes*, *Janiçaros*, e muitos outros.

Est. L.

Mas proseguindo a nympha o longo cânto,
De *Soares* cantava, etc.

Foi *Lopo Soares d'Albergaria*, o qual succedeu a Afonso d'Albuquerque no cargo de capitão-mor e governador da India, no anno de 1515.

Est. LI.

« Ja pelo nome antigo tam famosa, etc.

Talvez Camões se refira ao nome *Lancá* ou *Lancáo*; isto é, *Paraiso-terreal*, per que foi designada outrora a ilha *Ceilão*.

« Pela cortiça cálida e cheirosa , etc.

A conjunção e torna este verso mais numeroso que est'outro que apresentam algumas edições.

« Pela cortiça cálida , cheirosa , etc.

Est. LII.

« Tambem *Sequeira* as ondas erythreas , etc.

Diogo Lopes de Sequeira , o qual abriu a primeira comunicação da cõrte de Portugal , pela via da Índia , com o imperio do Preste , na Ethiopia ou Abissinia .

« *Maçud* , com cisternas de agua cheas , etc.

« *Maçud* é uma ilha pequena , muito rasa ; e n'ella antigamente foi edificada Tollomaida das feras : terá esta ilha de comprido um quinto de legua , e de largo um tiro de espingarda . Jaz mettida dentro de uma grande e curva enseada muito chegada á ponta da enseada que está da banda do Noroeste . A cidade de esta ilha , chamada assi mesmo *Maçud* , tem de elevação do pólo 15 graus $\frac{1}{4}$ pera a parte do Norte : é situada na ponta da ilha , que se oppõe ao vento oessudueste . »

D. JOÃO DE CASTRO , *Roteiro* , pag. 58 e 59

Est. LIII.

« Virá depois *Menezes* , cujo ferro
Mais na Africa , que ca , terá provado .

Foi *D. Duarte de Menezes* ; o qual , após ter governado com grande gloria a cidade de Ceuta , foi succeder a *Sequeira* no governo da Índia , em 1521 .

« Tambem tu *Gama* , em pago do desterro ,
Em que estás , e serás inda tornado , etc.

D. Vasco da Gama , vice-rei , e successor do antecedente , em 1524 , falleceu em Cochim em vespera do Natal d' esse mesmo anno .

Est. LIV.

« Outro *Menezes* logo , etc.

Foi *D. Henrique de Menezes* , que se seguiu ao conde almirante , com o titulo de capitão-mor e governador , em 1525 .

Est. LVI.

« Succederás , o' forte *Mascarenhas* .

Pedro Mascarenhas era o primeiro nomeado capitão-mor e governador da Índia nas successões , per obito de *D. Henrique de Menezes* ; mas como era capitão de Malaca , foi aberta successão ; e por elle ficou governando interinamente *Lopo Vaz de Sampaio* , em 1526 .

Est. LIX.

« Mas comtudo não nego que *Sampaio* , etc.

Lopo Vaz de Sampaio competidor no governo da Índia com *Pedro*

Mascarenhas, governou a final sosinho após sentença que, acerca d'esta contenda, foi dada a seu favor em Cochim, a 21 de dezembro de 1527.

« Depois a ser vencido d'elle venha
Cutiale com quanta armada tenha.

Foi *Cutiale* o chefe mais famigerado que os Mouros então houveram na India. Commandava uma frota de cento e cincoenta embarcações de todo o porte na batalha que Camões menciona.

Est. LXI.

« A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme :
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto *Diu* illustre d'elle treme.

D. Nuno da Cunha, successor de Lopo Vaz de Sampaio, o qual governou a India per tempo de dês annos dês 1529, com o titulo de capitão-mor e governador.

Quando *Nuno da Cunha* entrou em *Diu*, na era de 1535, apresentou-se-lhe um velho cujos annos se estendiam a 335; e, com elle, um seu filho de idade d'oitenta. O tal velho tinha mudado tres vezes dentes e barba, a qual se volveu preta, de branca que fôra. Elle pediu a *Nuno da Cunha* uma rupia diaria, dizendo-lhe « que o sultão Badur lhe dera esta somma. » *Nuno* outorgou tres a esse Phenix indiano, em attenção á sua respeitavel vetustez. Referem os historiadores que tudo quanto elle contava coincidia exactissimamente com os passados successos. Emfim, expirou ao cabo de 400 e tantos annos.

Est. LXII.

« Traz este vem *Noronha*, cujo auspicio
De *Diu* os Rumes feros afugenta.

D. Garcia de Noronha, successor de *D. Nuno da Cunha* 11º governador da India, e 3º vice-rei d'ella, em 1539. A proxima chegada d'esse grande capitão resolveu o soldão do Egypto a levantar o cerco que punha áquella fortaleza.

« Quando *um teu ramo*, o' Gama, se exp'rimenta
No governo do imperio, etc.

Allude Camões a *D. Estevão da Gama*, filho do conde almirante, o qual entrou no governo da India em 1540.

Est. LXIII.

« Das mãos do teu *Estevão* vem tomar
As redeas *um*, que ja será illustrado
No Brasil, etc.

Foi *Martim Afonso de Souza*, ja famoso pela sua expedição ás costas do Brasil, Capitão-mor do mar da India em tempo do capitão-mor e governador *D. Nuno da Cunha*: tomou posse do governo da India em maio de 1542.

EST. LXVII.

«Succeder-lhe-ha alli *Castro*, etc.

D. João de Castro capitão-mor governador, e depois 4º vice-rei da Índia, successor de Martim Afonso de Souza, em setembro de 1545.

EST. LXIX.

« Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta *Mascarenhas*, etc.

João Mascarenhas, governador de Diu durante o segundo cerco, etc.

« *Castro* libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus *filhos*, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.

« *D. João de Castro*, quarto vice-rei da Índia, em 1545, sustentou com invencível constancia a porfiada guerra com Haldão, para segurar a Meale, que se valeu do nosso amparo. Defendeu Diu contra todo o poder de Cambaia, aonde seus dous *filhos* obraram maravilhas; e um foi morto, sendo milagrosa a victoria. *D. João de Castro* com tres mil Portuguezes invadiu em Surrate o sultão, que tinha trezentos mil homens. Triumpharam nossas armas na Arabia, Molucas, Ormuz, e per toda a Índia. Morreu o vice-rei *D. João de Castro* pobre; pois chegou a empenhar as barbas para defender a Diu, e lhe foi preciso pedir esmola em Goa, na doença de que morreu, aos mesmos a quem entregou o governo; que lh'a mandaram dar da fazenda-real. Expirou nos braços de san' Francisco Xavier, anno de 1548.»

AZEVEDO, *Epilome da Historia portugueza*.

« Eu vos mando filho (disse esse grande homem a *D. Fernando*) com este soccorro a Diu que, pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de Turcos: polo que tóca á vossa pessoa, não fico com cuidado; porque, por cada pedra d'aquella fortaleza, arriscarei um filho. Encomendo-vos que tenhais lembrança d'aquelles de quem vindes; que pera a linhagem são vossos avós, e pera as obras são vossos exemplos: fazel por merecer o appellido que herdastes; acordando-vos que o nascimento em todos é igual: as obras fazem os homens diferentes; e lembro vos, que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta é a benção, que nos deixaram nossos maiores, morrer gloriosamente pola lei, polo rei, e pola patria. Eu vos ponho no caminho da honra; em vós está agora ganhal-a.»

JACINTO FREIRE DE ANDRADA, *Vida de D. João de Castro*.

EST. LXX.

« *Fernando* um d'elles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao ceo subido.

« Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensores sustentaram mortos o logar, que defenderam vivos. Aqui aca-

bou *D. Fernando de Castro*, em idade de désenove annos, levantado de uma doença, que a natureza podera fazer leve, e o valor fez mortal. »

JACINTO FREIRE DE ANDRADA, *Vida de D. João de Castro*.

Est. LXXXI.

« Este *orbe*, que primeiro yai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem, etc.

É o systema dos Peripateticos, os quaes admittem onze globos, e a terra no meio. O decimo ceo, per elles chamado *mobil* - primo, gyrava incessante de Oriente a Occidente, e attrahia, em seu movimento, todos os mais ceos. Sobe o systema de Galileu ao anno 1632.

Est. LXXXIV.

« Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora *deleitando*, ora *ensinando*.

Allusão aos dous versos de Horacio na *epistola aos Pisões*, v. 342, etc.

« *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariterque monendo.* »

« Nem *nego* que esse nome preeminente, etc.

Em outras edições lê-se :

« Nem *nega* que esse nome preeminente, etc.

Est. LXXXVI.

« Com este *rapto* e grande movimento,
Vão todos os que dentro teem no seio.

« e sendo a noite muito serena e quieta, alcançaram pela demarcação feita, que a estrella (chamada Norte) rodeara claramente, segundo o movimento ordinario do ceo, que chamam *rapto*, que é de Oriente a Poente.

Souza, *Historia de san' Domingos*, part. 1. liv. v. cap. 6.

Est. LXXXVIII.

« E do Oriente o gesto *metuendo*.

Escorado na sabia nota do editor da edição Rollandiana, substitui *metuendo*, por motivo da rhyrna, a *turbulento*, que se acha nas edições do Souza, e do padre Aquino. Na de Hamburgo lê-se *tremendo*.

Eis o que Faria e Souza escreveu acerca da voz susodita :

« Yo sospecho que el Poeta escribio *Turbulendo*, que bien lo pudo hacer con un poco de licencia. »

Est. LXXXIX.

« O claro olho do ceo no quarto assento.

« *Olho do ceo* é o sol, que por analogia ou similhaça é porta ou janella, assim como costumâmos chamar aos olhos, janellas do rosto. Esta phrase teve algum sequito na poesia antigua, d'onde passou para a mo-

derna, como se vê no 4º livro dos *Metamorphoseos*, verso 228. — *Mundi oculos* — olho do mundo. Depois d'elle Plinio entre os Latinos, e Epiceto entre os Gregos, usaram d' esta formula. Este fallando da lua, aquelle das estrellas. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 296.

EST. XCIII.

« Ve do *Benomotápa* o grande imperio, etc.

« Que cousa ha no mundo, que se possa comparar com o commercio do *Benomotápa*, d'onde por muito pouco preço, e por vilissimas cousas, se resgata grande quantidade de ouro, e d'onde não é necessario fazer conquistas, nem aventurar exercitos para trazer a esta cidade (Lisboa) frotas carregadas de prata e ouro. »

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sitio de Lisboa*, pag. 18.

« Onde *Gonçalo* morte e vituperio
Padecerá pola fe sancta sua.

Foi o Jesuita *P. Gonçalo da Silveira*, morto pelos barbaros Africanos, em 1561.

EST. XCIV.

« Combaterá em Sofála a fortaleza,
Que defenderá *Nháia* com destreza.

Pedro de Nháia com quarenta homens, ou poucos mais, todos doentes, repelliu uma grande multidão de Cafres em Sofála.

EST. XCVI.

« N' esta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Há de ser *dom Christovão* o nome seu:
Mas contra o fim fatal não ha reparo.

Christovão da Gama tinha sido enviado per seu irmão *Estevão* (então vice-rei da India) em auxilio do imperador dos Abexins contra o rei de Zeila. De primeiro, obteve grandes successos; mas, impellido per seu denodo, ficou prisioneiro dos inimigos; os quaes, após infindos ultrajes, degollaran-o.

EST. XCVII.

« *Mar-Roxo*, que do fundo toma as cores.

« A agua do *Mar-Roxo*, substancialmente tomada, nenhuma differença tem da outra em sua côr; porém em muitas partes d'elle, per accidente, vem as suas ondas parecer muito vermelhas; o que se causa per esta maneira. Da cidade de Suanquem até Alcoçer, que será caminho de 136 leguas, é o mar todo coalhado de restingas, e parceis; e o fundo d'estas restingas é de uma pedra chamada pedra-coral, a qual nasce em umas arvores e pinhas, lançando pera uma parte e outra umas pernas muito grandes, propriamente como faz o coral: e é esta pedra tam semelhante a elle, que enganará toda pessoa, que não for muito practica em seu nascimento, e natureza. A côr d'esta pedra é em duas maneiras, uma muito

branca á maravilha, e a outra grandemente vermelha. E por caso que a pedra das restingas era a maior parte de coral vermelho, crelo ser a razão porque ganhou o nome de *Mar-Roxo*. O modo que tive pera alcançar este segredo, foi surgir muitas vezes em cima das restingas onde me o mar parecia vermelho, e mandar mergulhadores, que me trouxessem as pedras que jaziam no fundo. A maior parte das pedras, que arrancavam eram de coral vermelho, e outras de coberto de musgo alaranjado. Do que podia nascer, que dando alguns navegantes relação da côr vermelha que viam per este mar, como da maior e mais compendiosa de todas, ignorando a causa, ou não querendo dizel-a, por accrescentarem admiração a suas navegações e caminhos, viessem os homens não somente a conhecer este mar per nome de *Mar-Vermelho*, mas cressem que as aguas d'elle fossem de seu natural vermelhas.»

D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro*.

« Povoações, que a parte africa tem,
Maçuá são, Arquico, e *Suanquem*.

«*Suanquem* antiguamente foi chamada o *Porto-Aspi*; como podêmos ver em Tolomeu, tavao terceira d'Africa. O dia d' hoje é uma das riquissimas cidades entre todas as do Oriente: está assentada dentro do Sino Arabico, nas praias da Ethiopia sob Egypto, chamada agora a terra e costa do Abbexi. Em ella o pólo do Norte está alevantado 19 graus.»

D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro*, p. 95.

EST. XCVIII.

« Ves o extremo *Suez*, que antiguamente
Dizem « que foi dos *héroas* a cidade; »
Outros dizem « que *Arsinoe*; » e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.

«*Suez* deve-se haver por averiguado chamar-se em outro tempo a cidade dos *heroas*; porque n'altura, sitio, confrontações não descrepam em cousa alguma; assi como podêmos ver em Tolomeu, tavao 3 de Africa: maiormente jazendo *Suez* assentado nas ultimas praias da enseada, onde se vai acabar este mar de Meca; nas quaes a cidade dos *heroas* era posta, segundo se lê em Strabão, liv. 17.»

D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro*, pag. 212.

EST. XCIX.

« Olha o monte Sinái, que se ennobrece
Co' o sepulcro de *sancta Catharina*.

Foi essa *sancta* martyrisada em tempo do imperador Maximino, e sepultada no monte Sinái.

« Olha *Toro* e Gidá, que lhe fallece
Água das fontes doce e *crystallina*.

«Ao logar de *Toro*, fazendo boa consideração, antiguamente chamaram *Ellana*. Agora sabemos que o *Toro* tem 28 graus $\frac{1}{2}$ de levação do pólo, e jaz assentado ao longo de uma praia muito direita e comprida.»

D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro*, pag. 196.

« Olha as portas do estreito , que fenece
No reino da secca *A'dem* , que confina
Com a serra d'Arzira , pedra viva ,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

« Esta cidade está edificada nas baixas raizes de uma serra mais notavel , e conhecida de todas estas praias. *A'dem* jaz em 12 graus e $\frac{1}{4}$. »

D. JOÃO DE CASTRO , *Roteiro* , pag. 28 e 29.

EST. CI.

« Quando as galés do Turco , e fera armada
Virem de *Castel-Branco* nua a espada.

Elle destruiu, juncto a Ormuz , uma grossa armada de Mouros, Turcos e Persas.

EST. CII.

« Olha o cabo Asabóro , que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes :
Per aqui entra o *lago* que é fechado
De Arábia , e persias terras abundantes.

« É boa e simples descripção do Seio-Persico. O termo *lago* está sem accidente algum, e com razão, visto não haver circumstancia notavel que o distinga. Aqui significa *lago* propriamente *mar*. A phrase é corrente e harmoniosa. »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analyse* , pag. 239.

EST. CIII.

« Mas ve a ilha *Gerúm* , etc.

Assim chamam os Persas a *ilha de Ormuz*.

EST. CIV.

« Aqui de dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara ,
Quando com muito poucos *Portuguezes*
Os muitos *Párseus* vencerá de *Lara*.

D. Philippe, com poucos soldados, rompeu uma numerosa hoste, que abalara de Laristan, provincia persica, em auxillio d'Ormuz. A cidade *Lar* ou *Lahar*, denominada *Lara* per Camões, é vultosa, em razão de suas manufacturas e estofos de seda.

EST. CVIII.

« Um reino mahometa , outro gentio ,
A quem tem o Demonio *leis escritas*.

Os *Vedes* ou *Vedas*, e o *Alcorão* ou *Corão*. Os primeiros são os livros sagrados das nações do Indostão. O *Alcorão* contem a lei de Mafoma. *Al* é o artigo arabe, *corão* significa leitura « a leitura *excellen-tissima*. »

« Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas

Do corpo de *Thomé*, varão sagrado,
Que a Jesu-Christo leve a mão no lado.

Eis o que se achou escripto acerca de *san' Thomé* n'uma pedra antiquissima :

« Depois que appareceu a lei dos christãos no mundo, d'alli a trinta annos, a vinte um de dezembro, morreu o Apostolo *san' Thomé* em *Meliapor*, onde houve conhecimento de Deus, e mudança de lei, e destruição do demonio. Este Deus ensinou a doze Apostolos, e um d'elles veio a *Meliapor* com um bordão na mão, onde fez um templo; e el-rei do *Malabar*, *Choromandel*, e *Pandi*, e outros de diversas nações, e seitas, se sujeitaram voluntariamente á lei de *Thomé*. Veio tempo em que o sancto foi morto per mãos de um *Bramane*, e com seu sangue fez esta cruz. »

JACINTO FREIRE DE ANDRADA, *Vida de D. João de Castro*.

N'esta oitava lê-se *varão* e n'outras *barão*: de ambos os modos corre impresso em as numerosas edições dos *Lusiadas*. A quem devemos attribuir esta irregularidade orthographica, ao Poeta ou aos typographos?

EST. CIX.

« Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica.

Segundo um escriptor moderno, *Meliapor*, em idioma malabar, significa *pavão*.

EST. CX.

« Forças d'homens, de ingenhos, de *alifantes*.

Alifantes, e não *elefantes* é como escreveram e pronunciaram os coevos a Camões. Exemplo :

« Olha o grande poder de armas, e gente,
De espantosos e armados *alifantes*. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 21.

EST. CXIII.

« O principal, que ao peito traz *os fios*.

Os fios, insignia dos Bramanes: consiste n'uma linha dobrada em tres fios, lançada a tiracollo dês o hombro esquerdo para o lado direito.

EST. CXIV.

« Um filho proprio mata, e logo accusa, etc.

N'outras edições lê-se :

« Um filho proprio mata: logo accusa, etc.

EST. CXVIII.

« Choraram-te Thomé, o Gange, e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste, etc.

Imitação de Virgilio :

« *Te nemus Anguitiæ, vitred te Fucinus undæ,
Te liquidi flevere lacus.* »

Eneida, liv. VII. v. 759, etc.

« *Illum etiam lauri, illum etiam flevere myricæ,
Pinifer illum etiam sold sub rupe jacentem
Mænalus et gelidi fleverunt saxa Lycæi.* »

Ecloga x.

« Onde é que se pode achar uma força de pathetico tam cheia de interesse tam amavel e enternecido como n'esses a todos os olhos maravilhosos versos de Camões? Este artificio de expressado é logar commum summamente nobre e ingenhoso, usado de todos os poetas antigos e modernos, e em especial do mesmo Camões. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 266.

EST. CXXIV.

« Dizem, que d'esta terra, co' as possantes
Ondas o mar entrando, dividiu
A nobre ilha *Samátra*, que ja d'antes
Junctas ambas a gente antiga viu.

A' similhaça do que da *Sicilia* narra Virgilio na *Eneida*, liv. III, v. 414, etc.

EST. CXXVI.

« Que Gueos se chamam de *selvages* vidas.

Os nossos bons escriptores costumavam n'este e outros vocabulos de igual desinencia, supprimir o *m* no singular e o *n* no plural. Como o comprova o seguinte exemplo :

» Nubios, e Garamantes, e os *selvages*
Trogloditas, etc.»

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*, cant. 2.

EST. CXXVIII.

« Este receberá placido e brando
No seu regaço o *canto*, que *molhado*
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos *escapado*.

« Em logar de *cantos que molhados* no segundo verso, e de *escapados* no quarto, como lêem as duas edições de 1572, e muitas das que se fizeram depois (não assim a de 1651), corrigimos como vai no texto; por assim o pedir a *rhyma*, e o são juizo. E é para se notar, tenham hesitado em fazer uma tal correccão, e tam palpavel, editores que se julgaram auctorizados para fazerem outras muito mais substanciaes. »

(Nota do atilado editor da edição Rollandiana.)

« Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N' *aquelle*, cuja *lyra* sonora
Será mais afamada, que ditosa.

« O grande *Camões*; isto é, o maior homem de Portugal, viveu sempre

na maior miseria, do fundo da qual se fez notavel pelo seu ingenho; e jazendo os Crassos do seu tempo (que tanto o desprezaram) no mais profundo esquecimento, o seu nome é pronunciado no mundo com admiração e respeito.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 44.

EST. CXXX.

« Olha o *muro*, e edificio nunca erido,
Que entre um imperio, e o outro se edifica.

« Este *muro* vi eu algumas vezes, e o medi, que é per todo geralmente de seis braças de alto, e quarenta palmos de largo no mocioço da parede; mas das quaes braças pera baixo corre um entulho a modo de terrapleno alamborado da face de fóra de um betume como argamassa de mais largura que o mesmo *muro*, per onde fica sendo tam forte que vem mil basiliscos o poderão derrubar: e em logar de tórres ou baluartes, tem umas guaritas de dous sobrados armados sobre esteios de pau preto, a que elles chamam *Caubesy*, que quer dizer, *pau-ferro*, de grossura de uma pipa cadaum, e muito altos: por onde estas guaritas parece que ficam sendo muito mais fortes que se foram de pedra e cal. Este *muro*, ou *chanfacau*, como elles (Chins) lhe chamam, que quer dizer *resistencia forte*, corre todo o fio igualmente até entestar nos agros das serras, que no caminho se lhe offerecem; as quaes pera poderem tambem servir de *muro* vão todas chanfradas ao picão; com que esta obra fica sendo muito mais forte que o mesmo *muro* em si. E assi se ha de intender que em toda esta distancia de terra não ha mais *muro* que o que toma os espaços que ha entre serra: no mais as mesmas serras servem de *muro*. E em todas estas trezentas e quinze leguas não ha mais entradas que so cinco, que os rios da Tartaria fazem per estas partes; pelos quaes descendo com impetuosa corrente, com que cortam per este sertão espaço de mais de quinhentas leguas, se vão metter no mar da China, e da Cauchenchina.»

FERNAN' MENDES PINTO, *Peregrinações*, cap. 95.

EST. CXXXII.

« Aqui ha as *aureas aves* que não decem
Nunca á tarra, e so mortas apparecem.

Allude o Poeta n'esses dous versos ás aves chamadas *do Paraiso*.

EST. CXXXV.

« e a maravilha
Do *cheiroso liquor*, que o tronco chora.

É o *beijoim*, especie de gomma ou de rezina aromatica.

EST. CXXXVI.

« Nas ilhas de Maldiva nasce a *planta*,
No profundo das aguas soberana,
Cujo *pomo* contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.

É o *coqueiro das Maldivas*.

EST. CXXXVII.

« Aonde sahe do cheiro mais perfeito
A *massa*, ao mundo occulta e preciosa.

Falla Camões do *ambar*, o qual apparece arrojado pelo mar nas costas orientaes de Africa, e ilhas circumvisinhas.

EST. CXXXVIII.

« Eis-aquí as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tam *forte peito* novegais.

«Quadro sublime, proprio da magestade epica. O exemplo está no terceiro verso, do qual tudo quanto se disser em seu louvor é diminuto; e bem mostra ser producção do maior alento poetico que em toda a Hespanha se tem visto até aos nossos dias. Sublimidade, e harmonia são as graças de tam bella poesia.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 292.

EST. CXXXIX.

« Vêdes a *grande terra*, que continua
Vai de Callisto ao seu contrario pollo,
Que suberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo.

Camões allude á *America*.

EST. CXL.

« Ao longo d' esta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O *Magalhães*, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

Fernan' de Magalhães Portuguez, aggravado d'el-rei D. Manuel, se passou a Castella, d'onde partiu com cinco vélas para as ilhas de Maluco, em cuja viagem descobriu o Estreito, que de seu nome se chama *de Magalhães*.

EST. CXLI.

« D'uma *estatura quasi gigantea*
Homens verá, da terra alli visinha.

Cognominam-se os habitantes d'essa região *Patagões*. Os primeiros viajores que la arribaram, avaliaram-os *gigantes*.

EST. CXLV.

O favor com que mais se accende o ingenho,
Não o dá a patria, não, que está mettida
No gosto da *cubiça*, e na rudeza
D' uma austera, apagada e vil tristeza.

« O sentido d'estes versos moralisa altamente. Nas terras onde as artes não florescem, onde a *cubiça*, e a riqueza valem por todas as virtudes, em logar d'um nobre orgulho, e alegria sublime nascida da cultura das

artes, que so podem dar elevação ao espiritu, e verdadeiro contentamento, somente se mostra a seccura da tristeza de uma alma hydropica de cubiça e abrasada da sêde de ouro que a devora. Esta enfermidade moral é muito conhecida, e onde mais reina a ignorancia.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 112 e 113.

Est. CXLVI.

E não sei per que influxo *do* destino, etc.

Outras edições trazem :

E não sei per que influxo *de* destino, etc.

Est. CXLVII.

A perigos incógnitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao *profundo*.

« Esta pintura representa o sugeito pela sua qualidade : é uma construção á maneira dos Latinos, na qual se suppre o substantivo intellectualmente per ellipse. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 242.

Est. CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tam longe, sempre *obedientes*
A quaesquer vossos ásperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes.
So com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Committerão comvosco; e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

« A *lealdade* dos Portuguezes, afamados per todo o mundo, alem de se mostrar em muitas cousas, se ve claramente na conquista de Africa, e Asia, que tendo elles conquistadas muitas cidades e grandes reinos, e ganhadas as Indias, até o cabo do mundo, aonde fizeram em armas façanhas tam espantosas que excederam as dos Gregos e Romanos, e alcançaram pera si perpetua memoria, nunca la houve Portuguez que se levantasse ou rebellasse a seu rei: o que nunca me lembra que lêsse de nenhuma outra nação. »

FREI HEITOR PINTO, *Imagem da vida christã*, pag. 200.

Est. CL.

Todos *favorecei* em seus *officios*,
Segundo teem das vidas o talento.

« Os *premios* movem as vontades, e estas fazem os artificios, os quaes depois o amor da profissão convida a fructificar em beneficio commum. »

GASPAR ESTAÇO, *Antiquidades de Portugal*.

« Uma das virtudes de que foi louvado o grande Constantino foi, que aos homens baixos, a quem quiz bem, antes que fosse imperador, depois d' alcançado o imperio, lhe fez mercê de *dinheiro*, mas não de *officio* da

republica, salvo aos que pera isso tinham habillidade e merecimento : « porque (dizia elle) que os cargos publicos, e magistrados, não se haviam de dar per affeição, mas per razão. »

FREI HEITOR PINTO, *Imagem da vida christã.*

EST. CLIV.

Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem ingenho; *que aqui vereis presente,*
Cousas que junctas se acham raramente.

« A grande e altissima *epopea* do divino Camões é para a nação portugueza de tanta ou de maior gloria, que o assumpto da mesma. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poeticas*, pag. 293.

EST. CLV.

So me fallece ser *a* vós acceito.

Outras edições trazem :

So me fallece ser *de* vós acceito.

EST. CLVI.

Os *muros* de Marrocos, e Trudante.

Em algumas edições lê-se :

Os *Mouros* de Marrocos, e Trudante.

Adoptei esta segunda lição, por me parecer mais exacta que a primeira.

De sorte que Alexandro em *vós* se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

« Todos esses bellos conselhos foram baldios; por quanto as grandes victorias que se alcançaram na Índia, e outras semelhantes, que cada dia se ouviam de Africa, e o animo, e inclinação natural d'el-rei D. Sebastião, lhe involviam o pensamento em grandes empresas, crendo que pois a seus capitães eram possiveis de alcançar as que o mundo celebrava por estranhas, lhe ficava a elle obrigação de emprender outras tam diferentes d'aquellas, como elle o era de quem as alcançava.

Pera este fim mandou alistar gente de guerra per todo o reino, repar-tir armas, eleger capitães, e officiaes de milicia, que exercitassem a gente, e fazer todas as mais cousas convenientes a seus intentos.

A esta inclinação d'el-rei se ajunctou a ordinaria invenção dos privados, que buscando modo de o contentar conformando-se com ella, e vendo n'elle a de armas, e guerra, lhe engrandeciam sua potencia, e fingiam, em discursos militares, abatidas a seus pés as bandeiras africanas, e posta sobre sua cabeça a coroa de Marrocos.

Levado das quaes persuasões fez uma jornada aos logares de Africa tam desacompanhado de soldados, e mais cousas necessarias pera fazer cousa de importancia, que com nome de visitar aquellas fronteiras, se tornou ao reino não arrependido de seu intento, mas com dobrada vontade de o executar.

Ao que lhe abriu caminho Mulei Mahameth, rei de Marrocos que, havia pouco, fôra lançado de seu estado per Mulei Abdelmelech, e se veio valer de seu soccorro, promettendo-lhe vassallagem.

Ordenou-se a partida com grande repugnancia dos fidalgos antigos, que tinham experiencia das cousas da guerra, e muito applauso dos que viam agradar-se el-rei de suas confianças, e abonações; mas ja se faziam de modo, que se deixava ver n'elles uma tristeza manifesta; porque nunca se persuadiram que a jornada viesse a effeito, nem se executassem seus conselhos: mas quando ja viram o fruto d'elles, dissimulavam com sua magoa, não se atrevendo a reprovar o que elles proprios tinham ordenado.

Concluiu-se emfim a jornada com tam pouca ordem, e tam grandes despesas, que as pessoas experimentadas na guerra adivinhavam d'estes principios o successo que veio a ter.

Levou quasi onze mil Portuguezes, e os mais d'elles pouco exercitados na guerra, e alguns Alemães, e Flamengos, e outras nações estrangeiras, que por todos seriam seis mil: e com este pequeno exercito passou em Africa, onde em poucos dias, cabiu el-rei no engano, com que alguns privados seus lhe engrandeciam as forças, e riquezas de seu reino; porque começaram a faltar pagas pera os soldados.

Mas como era de anjmo grande, e se via entre dous extremos taes, como eram aventurar-se a uma batalha dada com vantagem notoria do inimigo, ou tornar-se a seu reino, necessitado da falta de dinheiro, e mantimentos, sem outro effeito de tam grande aparato, escolheu o mais arriscado, e menos affrontoso, e foi demandar o inimigo pelo sertão dentro pelejando com as calmas da Africa, com a terrivel sêde, e falta de refresco, e depois com um dos copiosos exercitos, que se viram n'aquellas partes, em que haveria bem dés Mouros pera um christão.

Deu-se a batalha do modo que vinham marchando, sem se entrincheirar o campo, nem fazer as fortificações costumadas. E como a mais da gente era bisonha (depois de mortos os soldados velhos que tiveram a victoria em dúvida per muito espaço, e a vanguarda inimiga desbaratada, se deixaram romper da furia dos barbaros, em quatro dias do mez de agosto do anno do Senhor de mil e quinhentos e setenta e oito.

Na qual se perdeu a nobreza, e reputação dos Portuguezes conservada per tanto numero de annos; e o que foi mais lamentavel, um rei de vinte e quatro annos, que (fóra de n'este caso acceltar poucos conselhos) era em tudo o mais ornado de virtudes, e dons naturaes convenientes a um justo e virtuoso principe.

Accrescentou a magoa d'esta perda ficar o reino sem successor, e serem os que alcançaram tammanha gloria os proprios que sempre foram tributarios aos réis portuguezes.

Foi memoravel este recontro, por morrerem n'elle tantos réis em menos de tres horas, que foram Mulei Abdelmelech, de sua doença (inda que outros me affirmaram que de uma bala de mosquete). Mulei Mahameth afogado em um rio, indo-se retirando; e D. Sebastião (dizem) que de feridas mortaes com que acharam o corpo atravessado, depois da batalha, e houve quem o reconhecesse, e venerasse por tal.

N'este fim vieram a parar aquellas *grandes esperanças*, que os Portu-

guezes tinham em seu rei, e aquelles *bons intentos* que o moveram a emprender esta jornada contra os inimigos da fe catholica: tudo por seguir conselhos de quem os dava encaminhados mais a seus proprios interesses, que ao bem commum. Foi sua perda no dia e anno, que ja disse, aos 24 de sua idade, de que reinou vinte e um.

O corpo (assim como se achou na batalha) foi depositado em Alcacere; e d'ahi levado a Ceita; e ultimamente ao mosteiro de Belem, onde ao presente está.»

FREI BERNARDO DE BRITO, *Elogios historicos dos reis de Portugal.*

Todas as pessoas admiradoras do homem de genio, podem (depois de haver lido os *Lusiadas*) applicar a Camões as mesmas vozes, que Francisco Dias Gomes applicou a Torcato Tasso ao ler estes bellissimos versos na invocação da *Jerusalem*:

*O Musa, tu che di caduchi allori
Non circondi la fronte in Elicona,
Ma su nel cielo infra i beati cori
Hai di stelle immortali aurea corona, etc.*

« Venturoso d'aquelle que tem a felicidade de conceber partos tam admiraveis! Venham todos os trabalhos, todos os flagellos, com que a vida, sem amparo, nem protecção alguma costuma ser agitada, que para quem for d'este modo favorecido da natureza, não poderá haver calamidade que o consterne. »

INDEX

De algumas palavras que , por vindas do latim , ou por antiquadas , não estão ao alcance de todos ; precedidas de suas competentes explicações , quaes se acham no dicionario da lingua portugueza , composto per Antonio de Moraes e Silva .

CANTO PRIMEIRO.

- Est.* III. v. 5. Que eu canto o *peito* illustre lusitano (i. é, o animo, o valor).
Est. IV. v. 6. Um estylo *grandiloquo* e corrente (i. é, de grande eloquencia, sublime, epico).
Est. IX. v. 3. Que ja se mostra, qual na *inteira* idade (i. é, perfeita, completa).
Est. IX. v. 8. Em versos divulgado *numerosos* (i. é, em que se observa o numero poetico).
Est. X. v. 4. Per um pregão do *ninho* meu paterno (i. é, patria, morada).
Est. X. v. 6. D'aquelles de quem sois senhor *superno* (i. é, excellente, soberano).
Est. XVI. v. 1. Em vós os olhos tem o Mouro *frio* (i. é, assustado, medroso).
Est. XVI. v. 2. Em quem ve seu *exicio* afigurado (i. é, ruina, fim, perdição total).
Est. XVIII. v. 5. E vereis ir cortando o *salso argento* (i. é, o mar).
Est. XXII. v. 7. Com uma coroa, e sceptro *rutilante* (i. é, que reflecte luz mui viva).
Est. XXIV. v. 2. *Estellifero* pólo, e claro assento (i. é, estrellado).
Est. XXXIV. v. 4. Onde a gente *belligera* se estende (i. é, guerreira).
Est. XXXVI. v. 6. *Merencorio* no gesto parecia (i. é, melancolico ou enfadado, carregado).
Est. XXXIX. v. 6. Porque enfim vem de *estamago* damnado (i. é, de animo).
Est. XLII. v. 2. Casa *etherea* do Olympo omnipotente (i. é, celeste).
Est. XLVII. v. 4. Outros, em modo airoso, *sobraçados* (i. é, mettidos de baixo do braço, para ahi segural-os).
Est. LVIII. v. 6. Pelas covas escuras *peregrinas* (i. é, estranhas, reconditas).
Est. LXVII. v. 7. Arcos, e *sagittiferas* aljavas (i. é, que levam settas).
Est. LXXII. v. 7. Na terra do *obsequente* ajunctamento (i. é, que obsequia).
Est. LXXXVI. v. 3. Um d'escudo *embraçado*, e de azagaia (i. é, mettido o braço pela embraçadeira do dito escudo).
Est. LXXXIX. v. 3. A *plumbea péla* mata, o brado espanta (i. é, a bala de chumbo).

CANTO SEGUNDO.

- Est.* I. v. 7. Quando as *infidas* gentes se chegaram (i. é, não fieis, desleaes).
Est. II. v. 2. O *mortifero* engano, etc. (i. é, que traz ou causa a morte).
Est. IV. v. 2..... o *aurifero* Levante (i. é, que traz ouro ou o tem em suas veias).
Est. IV. v. 4..... droga *salutifera* e prestante (i. é, que faz saude, saudavel).
Est. XII. v. 6..... Panchaia *odorifera* (i. é, que exhala vapor cheiroso, aromatico).
Est. XIII. v. 7..... *rubido* horisonte (i. é vermelho, arroxeadado, ardente).
Est. XIV. v. 8. Dentro no *salso* rio entrar queria (i. é, salgado).
Est. XX. v. 2..... *argenteas* caudas (i. é, da côr de prata).

- Est. XXIII. v. 1.....* as *próvidas* formigas (i. é, providentes, cuidadasas em prover).
- Est. XXV. v. 1.* A medonha *celeuma* se levanta (i. é, a vozeria).
- Est. XXV. v. 4.....* *hórrida* batalha (i. é horrenda).
- Est. XXVIII. v. 5.....* penedo *immoto* (i. é, sem movimento, ou immobil).
- Est. XXXIX. v. 8.* Assentarei emfim que fui *mofoa* (i. é, infeliz, desgraçada).
- Est. XLVI. v. 3.* Os Turcos *bellacissimos* e duros (i. é, muito guerreiros).
- Est. XLVIII. v. 6.....* *mortifero* engano (i. é, que traz ou causa a morte).
- Est. LIII. v. 1.....* Marte *instructo* e furioso (i. é, provido).
- Est. LXVII. v. 3.* Assopra-lhe *galerno* o vento brando (i. é, fresco).
- Est. LXXVI. v. 5.* Manda-lhe mais *lanigeros* carneiros (i. é, que teem lã).
- Est. LXXXVIII. v. 1.....* a luz *crástina.....* (i. é, do dia seguinte).
- Est. XC. v. 8.* Instrumentos *altisonos* tangiam (i. é, que teem som alto).
- Est. XCV. v. 5.* C'um resplendor reluze *adamantino* (i. é, de diamante).
- Est. XCIX. v. 2.....* tincta, que dá o *murice* excellente (i. é, certo caracol marinho, que tem uma como veia esbranquiçada, cujo liquido applicado á lençaria se faz verde, e depois purpúreo, e não se tira com a lavagem).
- Est. C. v. 5.* As bombardas *horrisonas* bramavam (i. é, de som horrível).
- Est. CVI. v. 7.....* as trombetas *canoras* lhe tangiam (i. é. suaves, harmoniosas).
- Est. CVII. v. 3.* Ouvindo o instrumento *inusitado* (i. é, desusado).

CANTO TERCEIRO.

- Est. I. v. 8.* Te negue o amor devido como *soe* (i. é como costuma (*solet* lat.)).
- Est. X. v. 3.* Escandinavia ilha, que se *arrea*, etc. (i. é, que se adorna).
- Est. XXI. v. 8.* E n'ella então os *incolas* primeiros (i. é, os moradores).
- Est. XXIV. v. 1.....* um amor *intrinseco*, etc. (i. é, interior, intimo).
- Est. XXVI. v. 3.* ganhando muitas terras *adjacentes* (i. é, visinbas, proximas, commarcãs).
- Est. XXXIV. v. 8.....* o inimigo *aspérrimo* afugenta (i. é, asperissimo).
- Est. XLV. v. 1.* A *matutina* luz serena e fria (i. é, da manhã).
- Est. XLVII. v. 2.....* o rábido *moloso* (i. é, o cão-de-fila).
- Est. XLVIII. v. 4.....* ao animoso exército *rompente* (i. é, que rompe).
- Est. XLIX. v. 5.* A pastoral *companha*, etc. (i. é, companhia).
- Est. XLIX. v. 7.* Ao *estridor* do fogo, etc. (i. é, ao soido agudo, aspero, desagradavel).
- Est. L. v. 4.* E o ginete *belligero* arremessa (i. é, guerreiro).
- Est. CVII. v. 7.....* *fulgentes* armas, etc. (i. é, que luzem como o fuzil ou clarão que precede ao trovão (do Latim *fulgens*)).
- Est. CXI. v. 3.* Vendo o pastor *inermes* estar diante (i. é, desarmado).
- Est. CXII. v. 4.* A quem o inferno *horrifico* se rende (i. é, que causa horror).
- Est. CXXI. v. 2.* Um *inconcesso* amor desatinado (i. é, defeso, prohibido moralmente).

CANTO QUARTO.

- Est. XIX. v. 5.* Em virtude do rei, da patria *mesta* (i. é, triste, afflicta).
- Est. XXIII. v. 5.* Os primeiros *armigeros* regia (i. é, que trazem armas).
- Est. XXV. v. 4.* Das gentes vai regendo a *sestra* mão (i. é, esquerda).
- Est. XXXI. v. 1 e 2.....* os *estridentes*
Farpões, settas, etc. (i. é, que zunem, que fazem som agudo, que rechinam).
- Est. XLI. v. 3.....* *trifauce* cão (i. é, de tres guelas ou gargantas).
- Est. XLVII. v. 8.* Gentis fermosas, *inclytas* princezas (i. é, illustres, famosas, notaveis).
- Est. LXXI. v. 8.* A barba *hirsuta*, intonsa, mas comprida (i. é, cabelluda).

CANTO QUINTO.

- Est.* XXIV. v. 5. Quando da *ethérea* gavea um marinheiro, etc. (i. é, alta, elevada).
- Est.* XXXIX. v. 4. O rosto carregado, a barba *esquálida* (i. é, suja).
- Est.* XLI. v. 5. Pois os vedados *lérminos* quebrantas (i. é, os termos, limites, fins).
- Est.* XLVIII. v. 8. Da fermosa e *misérrima* prisão (i. é, muito misera).
- Est.* LXXXVII. v. 6..... voz *altisona* e divina (i. é, que tem som alto; sublime).
- Est.* LXXXIX. v. 8..... *grandiloca* escritura (i. é, de grande eloquencia, sublime, epica).

CANTO SEXTO.

- Est.* LXXXV. v. 6. De quem foge o *ensífero* Oriente (i. é, que traz espada ou se pinta armado com ella).

CANTO SEPTIMO.

- Est.* VIII. v. 3. Gastam as vidas, logram as *divicias* (i. é, as riquezas).
- Est.* VIII. v. 5. Nascem da tyrannia *inimicicias* (i. é, inimizades).
- Est.* XI. v. 4. Ambos volvem *auríferas* areias? (i. é, que trazem ouro ou o teem em suas veias).
- Est.* LIX. v. 6. (Que grande auctoridade logo *aquista*) (i. é, adquire).
- Est.* LXVII. v. 1..... *igneos* carros.... (i. é, de fogo e luz).

CANTO OITAVO.

- Est.* VIII. v. 7. A *fatidica* cerva que o avisa (i. é, que prediz os fados e destinos).
- Est.* LXV. v. 3..... o vaso da *nequicia* (i. é, maldade).
- Est.* LXVII. v. 2. *Undivago*, ou da patria desterrado (i. é, que vaga pelas ondas, pelo mar).
- Est.* LXXIII. v. 5. Rompendo a força do *liquido estanho* (i. é, do mar).
- Est.* LXXIV. v. 6 e 7. No nunca descansado e fero *gremio*
Da madre Thetis, etc. (i. é, no regaço).
- Est.* XCIII. v. 2. Embarcações *idóneas*, etc. (i. é, aptas, proprias, capazes, sufficientes).

CANTO NONO.

- Est.* XX. v. 2. *Refocillar* a lassa humanidade (i. é, fomentar, dar alentos).
- Est.* XXI. v. 3..... *insula* divina (i. é, ilha).
- Est.* XXII. v. 1..... *aquáticas* donzellas (i. é, que residem na agua).
- Est.* LXIII. v. 5. Aqui a *fugace* lebre se levanta (i. é, que foge rapidamente).
- Est.* LXXIII. v. 6. (..... que co' a *mora*, etc.) (i. é, tardança, demora).
- Est.* XC. v. 4. Sobre as azas *inclytas* da Fama (i. é, illustres, famosas, notaveis).

CANTO DECIMO.

- Est.* III. v. 7..... pratos de *fulvo* ouro (i. é, amarello).
- Est.* VII. v. 4. N' um globo vão, diáphano, *rotundo* (i. é, redondo).
- Est.* X. v. 5 e 6. E que os gentios réis, que não dariam
A *cerviz* sua ao jugo, etc. (i. é, o collo, a garganta).
- Est.* XX. v. 4. Tantos cães não *imbelles profligados* (i. é, não desguerreiros ou desbaratados).
- Est.* XLIII. v. 6..... leões *famélicos*, etc. (i. é, famintos, esfaimados).
- Est.* CXXXIV. v. 2. Sândalo *salutífero* e cheiroso (i. é, que faz saude, saudavel).

DICCIONARIO

DE ALGUNS NOMES PROPRIOS NÃO INCLUSOS EM AS NOTAS
PRECEDENTES.

A.

- Abassia**, parte de Africa, cujos povos se chamam Abyxins ou Abassis.
- Abrahão**, primeiro patriarcha.
- Abranches**, logar e condado de França.
- Abrantes**, villa de Portugal.
- Abyla**, monte de Africa, sobre o qual está a cidade Ceuta.
- Accias guerras**, as que houve entre Augusto e Marco Antonio, no cabo Figalo, que os Antiguos chamam *Actio*.
- Acheménia**, região da Persia.
- Acheronte**, rio infernal.
- Achilles**, principe grego fortissimo, filho de Peleu, rei de Thessalia, e de Tethys, filha de Chiron.
- Acidália**, sobrenome de Venus, dita assim por uma fonte d'este nome, que está em Beocia.
- Acrocerauntos**, montes do Epyro, hoje chamado Albania.
- Acrysis**, rei dos Argivos, filho de Abante.
- Adamastor**, um dos gigantes filhos da Terra: foi transformado no cabo chamado da Boa-Esperança.
- Adão**, primeiro homem: viveu 939 annos.
- Adem**, cidade na Arabia-Feliz.
- Adonis**, bellissimo mancebo, filho de Cinyras, e de sua filha Myrrha.
- Adriatica Veneza**, chama-se assim esta cidade por estar fundada no mar Adriatico.
- Africa**, nome da terceira parte do mundo.
- Aganippe**, fonte de Beocia, dedicada ás Musas.
- Agar**, escrava de Abrahão, da qual procedem os Agareños.
- Agrippina**, mãe do imperador Nero.
- Aiace**, filho de Telamon, e de Hesione. Foi o mais valeroso e esforçado de todos os Gregos, depois de Achilles.
- Ainão**, ilha sita em uma ponta de terra da China, na qual se pesca aljofar, e perolas.
- Albis**, rio de Germania, chamado vulgarmente Elva ou Elba.
- Alcaçar-do-Sal**, villa do Alemtejo.
- Alcides**, cognome de Hercules, d'Alceu seu avó.
- Alcino**, rei dos Pheacos, na ilha Corcyra: recebeu em sua casa a Ulysses afligido, humanissimamente.
- Alcmena**, mãe de Hercules.
- Alcorão**, livro da lei de Mafoma.
- Allecto**, uma das tres Furias infernaes.
- Alemanha**, provincia d'Europa bem conhecida.
- Alemquer**, villa de Portugal.
- Alexandro** ou **Alexandre**, cognominado o Magno: foi liberalissimo.
- Algarves**, reino annexo ao de Portugal.
- Aloe**, genero de pau muito pesado, semelhante ao de Aquila.
- Alpheu**, rio que nasce juncto a Helis, cidade d'Arcadia.
- Alvaro**, Alvaro de Braga ou Alvaro Dias, com Diogo Dias ou Correa, ficaram em Calecut por feitores, em quanto se a fazenda vendia.
- Amalthea**, filha de Melisso, rei de Grecia, a qual tinha um corno chamado Cornucopia.
- Amasis**, rio d'Alemanha.
- Ambrosia**, especie de herva ou manjar dos deuses.
- Ampaza**, cidade da Persia, nos confins d'Ormuz.
- Ampelusa**, promontorio entre Ceuta e Tanger.
- Amphióneas Thebas**, foi Amphion um musico tam excellente, que em tocando a sua viola, e cantando, o seguiam as cousas insensiveis, como pedras, paus, etc.: d'esta maneira ajunctou a pedra com que fez os muros a Thebas.
- Anchises**, filho de Capis, e pae d'Eneas, ao qual houve na deusa Venus.
- Andaluzia**, é toda aquella terra que está desde o rio Guadiana, até o mar Mediterraneo, e desde o mar Oceano, até o rio Xucar, assim como cahe no mar Mediterraneo.
- Andromeda**, filha de Copheu, rei d'Ethiopia, e de Cassione: é tambem um Signo celeste.
- Annibal**, capitão valerosissimo, natural de Carthago, cidade antiga de Africa.
- Antão Vasquez de Almada**, Portuguez valerosissimo.
- Antenor**, um dos principaes Troianos, que entregaram per traição Troia

- aos Gregos; a qual queimada, se acolheu a Italia, e edificou no territorio de Veneza uma cidade, que de seu nome se chamou Antenorina, e hoje Padua.
- Antheo**, gigante filho da Terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.
- Antonio**, um é Antonio da Silveira, capitão de Diu, a qual elle defendeu valerosamente de Solimão Baxá, rei do Cairo.
- Aonia**, parte montuosa da Beocia, na qual havia uma fonte, que todos os que bebiam d'ella ficavam poetas.
- Apelles**, pintor eximio.
- Apeninos**, montes altissimos, situados justamente no meio da Italia.
- Apio**, foi governador de Roma; o qual por querer tomar uma Virginia a seu pae, acabou mal a vida preso em ferros.
- Apollo**, filho de Jupiter e de Latona.
- Apulia**, região de Italia, visinha ao mar Adriatico.
- A'quilo**, vento septentrional.
- Ara**, constellação celeste.
- Arabia**, região de Africa.
- Arabica lingua**, a lingua dos Arabes.
- Arabio**, o natural de Arabia, d'onde era Mafamede.
- Aragão**, reino de Hespanha.
- Araspas**, certo Médico, a quem Cyro, rei dos Persas, deu a guardar Panthea, mulher de Abradatas, rei dos Susos, que captivara no arraial dos Assyrios.
- Arcadia**, provincia da Moréa.
- Archétypo**, é o traslado primeiro ou principal fórma de qualquer cousa; e o Poeta o toma por Deus Nosso Senhor, Creador de todas as cousas.
- Arcturo**, estrella na parte Septentrional, que é o Norte.
- Arctusa**, fonte de Sicilia, juncto a Syracusa.
- Argo**, cidade de Grecia, dedicada á deusa Juno.
- Argonautas**, cavalleiros gregos que, em a nau Argos, foram na conquista do Vellofino de Colchos.
- Aries**, constellação na Zona-torrída, a qual é um dos doze Signos celestes.
- Armenia**, região de Asia, entre os montes Tauro e Caucaso.
- Armusa**, cidade antiga na terra de Magostão, visinha de Ormuz.
- Arómata**, é o cabo Guardafú.
- Arquico**, logar d'Ethiopia.
- Arracão**, reino que confina com o de Bengala, nas partes da India.
- Arronches**, logar d'Alemtejo.
- Arsinario cabo**, é o que nós agora chamamos Verde.
- Arsinoe**, filha ou irmã de Ptolemeu, rei do Egypto; a qual fundou um logar, que de seu nome se chamou Arsinoe, e agora Suez.
- Artabro**, monte, a que hoje chamamos Cabo-de-Finisterra.
- Arzira**, serra na Arabia Feliz, toda de pedra viva, sem arvore, nem herba alguma.
- Assyria**, provincia de Asia.
- Astrea**, filha d'Astreu gigante, e da Aurora; ou, segundo outros, de Jupiter, e Themis.
- Asturias**, provincia d'Hespanha.
- Astyanax**, filho unico de Heitor, e Andrómacha, ao qual Ulysses lançou d'uma torre abaixo, quando os Gregos entraram na cidade de Troia.
- Athamante**, foi conduzido per Juno a tanta furia, que saindo-lhe ao encontro seu filho Learco, o matou; do que espantada e atemorizada Ino, sua mulher, com outro filho Melicerta, se lançou no mar; e foram convertidos em deuses marinhos.
- Athenas**, cidade na Grecia.
- Atila**, rei dos Hunnos, e de Dacia, chamado açoute-de-Deus.
- Atlante**, filho de Japeto, e Clymene ou Asia nympha, e irmão de Prometheu, foi rei de Mauritania, do qual se diz que tem o mundo em os hombros.
- Atropos**, uma das tres Parcas.
- Augusto**, significa logar venerando, e sacro, com alguma cerimonia.
- Aurca-Chersoneso**, é Malaca.
- Aurora**, filha do Sol e da Terra, mulher de Titão, e mãe de Memnon, rei d'Ethiopia.
- Ausonia**, foi antiguamente parte de Italia: hoje se toma por toda Italia.
- Austro**, vento da parte do Sul, chamado vulgarmente Vendaval.
- Avás**, povos do Oriente, sujeitos ao rei de Sião.
- Axio**, rio, chamado hoje Brade ou Varadi.
- Azenegues**, povos d'Africa, dos quaes se começa a terra de Guiné.

B.

- Babel**, em vez de Babylonia.
- Bacaim**, logar entre Chaul, e Diu.
- Bacanor**, logar da India, na costa do Malabar.
- Badajoz**, cidade d'Hespanha, fronteira a Elvas.
- Baldoino**, um esforçado cavalleiro no tempo de Carlos II, imperador dos Romanos, a quem furtou uma filha, per nome Juditha; e o imperador não somente dissimulou a affronta; mas com ella lhe deu a terra de

- Flandres, que n'aquelle tempo era deserta, e elle a aproveitou, e povoou.
- Banda**, são cinco ilhas d'esse nome, em as quaes ha muita noz-moscada, cujas arvores são como loureiros.
- Barbaria**, terra de Africa, onde antigamente foi rei Anteo, um dos filhos da Terra.
- Barbora**, logar em Africa, muito abundante.
- Barem**, uma ilha d'Ormuz, onde se pesca o aljofar.
- Baticalá**, fortaleza na costa do Malabar.
- Beadala**, cidade juncto ao Comori.
- Beatriz**, foi filha d'el-rei D. Fernando de Portugal, casada com el-rei D. João de Castella.
- Beja**, cidade de Portugal, na provincia do Alemtejo.
- Bellona**, deusa das batalhas, irmã e cocheira de Marte.
- Bengala**, reino Oriental, abundante e rico.
- Benjamin**, tribu entre os Hebreus; o qual, por forcarem uma mulher do tribu de Levi, acabou de todo, e a terra foi assolada.
- Bethis**, é o mesmo que Guadalquivir, rio d' Hespanha.
- Binão**, reino da India.
- Bipur**, logar na costa do Malabar.
- Biscainho**, o natural de Biscaia.
- Bohemios**, são os de Bohemia, provincia d' Europa.
- Bolonhez**, esse conde de que o Poeta faz menção foi D. Afonso, irmão d'el-rei D. Sancho de Portugal.
- Bootes**, constellação celeste Septentrional.
- Bóreas**, é o vento que commumente chamam Nordeste.
- Borneu**, ilha muito grande, e muito fértil.
- Brachmanes**, religiosos que seguem a seita do philosopho Pythagoras.
- Bramás**, nação sujeita ao rei de Sião.
- Brava**, cidade na costa de Melinde.
- Bretanha**, é Inglaterra.
- Briareu**, gigante célebre, filho da Terra; do qual dizem « tinha cincoenta corpos, e cem braços.»
- Brussios** ou **Barussios**, povos de Brussia, provincia de Sarmacia.
- Busiris**, tyranno do Egypto, o qual sacrificava os hospedes a seus idolos.
- C.**
- Cairo**, grandissima e admiravel cidade, edificada no coração do Egypto.
- Calayate**, logar de Socotorá para Ormuz,
- Calecut**, cidade do Malabar, e a mais rica de toda a India.
- Calliope**, uma das nove Musas : é a principal.
- Calpe**, um monte de Gibraltar.
- Calypso**, filha de Tethys, e Oceano : foi amada d'Ulysses.
- Cambaia**, reino muito rico e abastado.
- Cambalo**, é uma pequena ilha juncto a Cochim.
- Camboja**, reino maritimo, sujeito ao reino de Sião.
- Campaspe**, uma das principaes concubinas d'Alexandre Magno; o qual mandando-a retratar per Apelles, viu-o ao pintar tam namorado, que lh'a deu por mulher.
- Cananor**, reino da India, na costa de Malabar.
- Canará**, são os moradores do reino Bisnagá.
- Canarias**, doze ilhas, no mar Oceano.
- Cancro**, Signo celeste.
- Candace**, rainha d'Ethiopia, no tempo de Augusto.
- Cannas**, logar d'Apulia, juncto ao qual Annibal desbaratou os consules Paulo Emilio, e Terencio Varrão, com morte de 40,000 Romanos.
- Canusio**, logar d'Apulia, visinho de Cannas.
- Cappadoces**, os moradores de Cappadocia.
- Carmania**, região da India.
- Carpella**, é o cabo Jasque, fóra da garganta do Estreito Persico.
- Carthago**, cidade célebre de Africa.
- Caspia serra**, **Caspios montes** e **Caspios aposentos**, tudo vem a ser uma região de Scythia.
- Cassiope** ou **Cassiopéa**, mulher de Cepheu, rei d'Ethiopia.
- Cassio Seva**, capitão d' uma companhia de Cesar; o qual estando á porta de um logar de Macedonia, foi commettido per muitos inimigos; e tendo ja um olho quebrado, muito mal ferida uma coxa, e o braço, e o escudo espedaçado, com muitas feridas per todo o corpo, nunca se quiz render.
- Castelbranco**, foi D. Pedro de Castelbranco, capitão de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos Tureos.
- Castella**, são duas provincias d' Hespanha com este nome.
- Catharina**, virgem e martyr, sepultada no monte Sinái.
- Catilina**, **Lucio Sergio Catilina**, consul romano; o qual determinou, com outros de sua parcialidade, apoderar-se de Roma.
- Cauchichina**, reino oriental juncto a Cambaia.

- Caudinas forcas**, aquellas per onde os Samnites obrigaram passar sem armas aos Romanos, capitaneados pelo consul Sp. Posthumo.
- Ceilão**, ilha que está para o Sul do cabo de Comori.
- Cephisia**, flor, é o lirio, em que Narciso, filho da nympha Liriope, e do rio Cephiso, foi convertido.
- Cezimbra**, logar marítimo de Portugal.
- Chaul**, cidade, no reino Adecão.
- Chersoneso Aurea**, é Malaca.
- Chiamai**, lago onde nasce o rio Menão.
- Chimera**, monte de Lycia, o qual lança fogo pelo mais alto, e no tempo passado era muito povoado de leões, cabras montezas, serpes e outros bichos venenosos, d'onde os Antiguos fingiram ser um monstro de tres cabeças, de leão, cabra, e dragão, per cujas boccas saia muito fogo.
- China**, imperio grande e rico do Oriente.
- Chloris**, assi se chamava Flora, rainha das flores, antes que se casasse com Zephyro.
- Christovão (D.)** intende-se da Gama; o qual indo per mandado de D. Estevão da Gama, governador da India, em favor do Preste João, contra el-rei de Zeilá, desbaratou duas vezes os Mouros com 500 Portuguezes que levava.
- Cicero**, é M. Tullio, filho de um Tullio, e de Elbia sua mulher, consul romano.
- Cicones**, povos de Thracia.
- Cilícios**, são os de Cilicia, que hoje se chama Carmania, região da Menor-Asia.
- Cingapura** é um cabo de terra defronte da ilha Samatra.
- Cintra** ou **Sintra**, logar de Portugal, na costa do mar Oceano.
- Cinyras**, rei de Chypre, o qual de uma sua filha chamada Myrrha, teve Adonis.
- Cinyrea**, é Myrrha, filha de Cinyras; a qual foi convertida em uma arvore de seu nome.
- Circes**, são as feiticeiras; porque Circe filha do Sol, e de Perse nympha, o foi tam famosa, que com seus incantos e feiticarias transformou (segundo contam as fabulas) os companheiros d' Ulysses em porcos.
- Cleoneu**, leão: é o que matou Hercules juncto a uma aldea chamada Cleone, entre Argos e Corintho.
- Clicie**, nympha, a quem Apollo foi muito afeiçoado.
- Cloto**, uma das tres Parcas.
- Cochim**, cabeça de um reino assim chamado, 30 leguas de Calecut, na costa do Malabar.
- Cocles**, foi **Horacio Cocles**, nobre Romano; o qual na guerra que Porsena, rei de Etruria, teve com os Romanos, pela restituição dos Tarquinos, susteve o impetu dos inimigos com dous companheiros sómente, querendo passar a ponte Sublicia sobre o Tevere, com tanto esforço, que os Romanos tiveram logar de derribar a ponte; e estando ja seus companheiros em salvo, armado como estava, se lançou ao rio, e a nado passou sem perigo algum aos seus; polo que os Romanos lhe levantaram uma estatua.
- Cocyto**, rio do Inferno.
- Codro**, rei dos Athenienses; o qual por salvar sua patria, se entregou á morte.
- Colchos**, região de Asia, em a qual (diziam) estava um vello-de-ouro, chamado commummente o Vello-cino.
- Colosso**, estatua de metal em Rhodcs, dedicada ao Sol.
- Columbo**, logar pequeno, mas o principal porto da ilha de Ceilão.
- Comorim**, cabo defronte de Ceilão.
- Conca**, cidade de Castella-a-Velha.
- Congo**, reino antiquissimo de Africa.
- Cordova** cidade d' Hespanha Betica.
- Cori**, o mesmo que Comorim.
- Coriolano**, varão illustre romano; o qual sendo em umas dissensões lançado fóra de Roma, por vingar sua injúria, lhe fez depois muita guerra.
- Coulão**, terra da provincia do Malabar.
- Coulete**, outro logar na costa do Malabar, seis leguas de Calecut.
- Cranganor**, terra da mesma provincia.
- Crocodilo**, animal grandissimo, da feição de lagarto.
- Cuama**, rio que nasce na alagôa do Nilo.
- Cupido**, bem conhecido é de todos.
- Curcio**, Marco Curcio, foi tam afeiçoado á sua patria, que não receou perder a vida por amor d'ella.
- Cybele**, mãe dos deuses gentilicos e mulher de Saturno.
- Cyclopes**, foram tres: Brontes, Steropes e Pyramon, filhos de Neptuno.
- Cylleneo**, é Mercurio.
- Cyniphio**, rio de Africa.
- Cynosura**, constellação celeste, chamada per outro nome Ursa-maior.
- Cyparisso**, filho de Telepho, matando per desastre um cervo, a que elle amava muito, ficou tam sentido, que Apollo (de quem foi muito

amado) tendo piedade d'elle o converteu em cypreste.

Cypria deusa, e Venus.

Cypro, é a ilha de Chypre, no mar Mediterraneo.

Cyro, rei dos Persas.

Cythera, ilha no Peloponeso, chamada hoje Cetige, dedicada a Venus; a quem, per essa razão, chamam Cytherea.

D.

Dabul, lugar de Cambaia.

Dalmatas, os de Dalmacia, que agora se chama Esclavonia.

Damão, cidade no Guzarate, reino da India.

Damasceno, de Damasco.

Dano, é o morador de Dania, que agora chamamos Dinamarca.

Danubio, o maior e mais celebrado rio de toda Europa.

Daphne, nympha, filha do rio Peneu, convertida em louro por causa de Apollo.

Dardania, assim se chamou Troia, de Dardano, rei d'ella.

Dario, rei dos Persas.

David, rei sanctissimo e propheta.

Decios, Romanos fortissimos; os quaes amaram tanto sua patria, que se sacrificaram por ella; o pae na guerra latina, o filho na etrusca, e o neto na guerra que Pyrrho fez pelos Tarrentinos.

Dedalea facultade, obra e artificio de Dedalo, architecto famoso.

Delí, reino muito grande no Oriente.

Delio, é o sol.

Delos, ilha no mar Egeu, ou Myrteu, onde Latona pariu a Apollo, e a Diana.

Diana, filha de Jupiter, e de Latona, deusa da castidade, e da caça. É a mesma que lua no ceo, e Proserpina no inferno.

Dina, filha de Jacob, a quem a furtou Sicheu, filho de Hemor, per cuja causa foi morto, e todos os seus, e a terra destruida.

Dinis, é D. Dinis, rei de Portugal, filho d'el-rei D. Afonso o terceiro.

Dio ou *Diu*, cidade maritima, em o reino de Cambaia.

Diogo Dias, um dos dous feitores que Vasco da Gama em Calecut mandou a terra para vender as fazendas.

Diomedes, tyranno cruelissimo de Thracia; o qual sustentava os cavallos com a carne e sangue dos hospedes que agasalhava.

Dofar, cidade insigne na costa de Arabia-Feliz, donde vem o melhor incenso.

Douro, o maior rio d' Hespanha.

Duarte, primeiro do nome, e undecimo rei de Portugal.

E.

Eborenses campos, os de Evora cidade.

Egyptia terra, é o Egypto.

Elvas, cidade na arraia de Portugal.

Elysios, os campos Elysios, onde os bemaventurados, depois de passar d'esta vida (conforme a opinião dos Ethnicos) iam descançar e gozar de perpetua felicidade.

Emathio, campo de Emathia, região da Grecia.

Eniocos, povos de Samarcia asiatica, que hoje chamamos Moscovia.

Eolo, filho de Jupiter, e de Sergesta, rei das ilhas Eolias, dicto rei dos ventos, e das tempestades.

Eoo, é o mesmo que do Oriente.

Ephyra, nympha filha do Oceano, e de Tethys.

Epicurea seita, a de Epicuro, philosopho de Athenas ou Samos, o qual tinha por opinião, que a nossa alma era mortal, e corruptivel.

Erostrato, um louco e perdido, o qual queimou o templo de Diana ephesia, so por adquirir fama immortal no mundo.

Erycina, é Venus.

Erymantho, rio d' Arcadia.

Erythreas ondas, as do Mar-Roxo.

Erythreu seio, aquelle espaço de mar que fica das portas do dito Mar-Roxo para dentro.

Escandinavia, é uma península, onde está o reino de Suevia, e outros.

Estrabo, philosopho cretense, e geographo insigne nos tempos d' Augusto.

Estygio lago, o que os poetas fingem haver no inferno.

Ethiopia, região de Affica, entre Arabia, e Egypto.

Etna, monte altissimo de Sicilia.

Euphrates, rio celebre d' Asia.

Europa, uma das quatro partes da terra.

Eurydice, mulher de Orpheu, musico e tangedor excellentissimo.

Eurysteu, rei de Grecia; o qual a instancia de Juno, mandava Hercules a varias empresas, todas muito perigosas, a fim de que em alguma percesse.

Euxino mar: é o que hoje chamam mar Negro.

F.

Falerno, monte de Campania, no qual se dão vinhos excellentissimos.

Fartaque, cidade principal na costa d' Arabia-Feliz.

Favonio, vento Occidental, que per outro nome se diz Zephyro.

Flora, tida entre os Antigos por deusa das flores.

Francisco, foi o vice-rei D. Francisco d' Almeida.

Frantes, região da Gallia-Belgica.

Fulvia, mulher de Marco Antonio.

G.

Gaditano mar, é o Occidental, dito assim de Gades, que é a ilha de Cadiz.

Galatea, nympa do mar, filha de Ne-reu e Doris.

Galerno, o mesmo que Favonio, vento ou Zephyro.

Gallegos, povos d' Hespanha.

Gallia, e França.

Gallo, o Francez.

Ganbea, rio d' Africa.

Gangetico, cousa do Ganges.

Garamna, rio da França.

Gate, monte do reino de Narsinga.

Gedrosia, provincia d' Africa, na costa de Guine.

Georgianos, povos d' Asia-menor.

Germano, quer dizer Alemão.

Giddá, cidade na costa d' Arabia.

Gigantea, cousa de gigante.

Gigantes, foram, segundo os poetas, filhos de Titão, e da Terra; os quaes determinaram subir ao ceo, e lançar a Jupiter fora d'elle.

Gil Fernandes, per alcunha ou sobrenome, de Elvas, foi falsamente preso per Paio Rodrigues Marinho, que era Alcaide-mor de Campo-Maior, o qual tinha a voz de Castella; mas, resgatado, se encontrou depois com elle, entre Elvas, e Campo-Maior, onde Paio Rodrigues foi preso e morto.

Glophyra, per cujos ditos, chistes e trovinhas, Marco Antonio deixava a sua mulher Fulvia.

Gnido ou **Cuido**, ilha do mar Carpathio.

Gonçalo Ribeiro, chamava-se Gonçalo Rodrigues Ribeiro; o qual, com Vasco Anes, colação da rainha D. Maria de Castella, e Fernan' Martins de Sanctarem, fizeram grandes cousas em França, onde passaram a ganhar fama, per sua cavallaria, como então se costumava, e vindo Gonçalo Rodrigues ter a Castella, matou em desafio a um Castelhana, e em umas justas reaes, que el-rei de Castella fez a sua instancia, tiveram todos tres muitas vantagens.

Gothica gente, os Gódos, povos de Seythia.

Granadil, o de Granada.

Grecia, região d' Europa.

Guadalquivir, é o Bétis, rio que passa per Sevilha.

Guadiana, rio d' Hespanha.

Guardafu, o cabo a que os Antigos chamam Arómata, no fim da terra de Africa, e principio de Asia.

Gueos, povos sujeitos ao rei de Sião.

Guido, cognominava-se Lusigniano, e foi ultimo rei de Hierusalem.

Guzarates, são os moradores do reino de Cambaia.

H.

Harpias, aves mui sujas e golosas.

Hebra a mãe, inende Emina mãe de Mafamede, cujo pae foi Abúela, genio de nação.

Hector, um foi Hector de Sylveira, que desbaratou a Halixa capitão-mor da armada de Diu; e outro (a quem o poeta o compara) Hector Troiano, filho de Priamo, rei de Troia, e de Hecuba sua mulher; o qual per muitas vezes desbaratou os Gregos no cerco de Troia.

Helicon, monte de Beocia.

Helle, filha d' Athamante, rei de Thebas, e de Nepheles; a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do odio e trações de sua madras' a Ino, e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pae lhe dera, cahiu no mar; o qual per esta occasião se ficou d'alli chamando Hellesponto.

Hellesponto, e um braço de mar que divide Asia d' Europa.

Hemispherio, quer dizer meia-esphera, que significa redondeza.

Hemo, monte de Thracia altissimo.

Hercynia montanha, dizem ser um bosque muito grande, e muito espesso, entre o qual, e a terra de Sarmacia, esta Alemanha.

Hermo, rio de Lydia, com o qual se mistura o Pactolo: ambos levam areias de ouro.

Heroas e **Heroes**, chamavam os Antigos aos varões illustres, e de grande valor, que per suas façanhas, e virtudes, mereceram ser tidos por ignaes aos deuses; e d'ahi cousa heroica.

Hesperia, a ultima ou menor, é Hespanha; a primeira ou maior, é Italia.

Hesperides, foram tres: Egle, Arathusa, e Hesperethusa, filhas de Hespero, rei d' Africa, as quaes se diz tinham um pomar que dava fructos de ouro, e era guardado per um dragão, que nunca dormia; mas Hercules o matou, e levou os ditos pomos. Ellas habitavam as ilhas hoje de Cabo-Verde.

Hesperio, o mesmo que Hespero.
Hidalção, principe poderosissimo da India.
Hierosólyma, cidade de Hierusalem.
Hierusalem, cidade principal de Judea.
Hippotades, é Eolo, rei dos ventos.
Homero, poeta grego, e principe dos poetas.
Horizonte, no sentido do Poeta é aquella parte do ceo onde o sol começa mostrar seus raios.
Hunno, o Hunno jero, foi Attila.
Hyacinthinus flores, de Hyacintho, mancebo amado d' Apollo, o qual se maou a si mesmo; e não podendo Apollo remediar sua morte, o converteu n' uma flor.
Hydaspe ou **Idaspe** rio da India.
Hymeneu, filho do deus Baccho, e da deusa Venus.
Hyperboreos montes, são uns que ficam na parte septentrional de Europa.

I.

Ibero, é o Ebro, rio d' Hespanha.
Idatio, monte, bosque, na ilha de Chypre, dedicada a Venus.
Idea selva, uma do monte Ida, juncto a Troia, em a qual deu Paris o juizo das tres deusas, Juno, Pallás e Venus.
Illyricos, d' Illyrico ou Illyris, região na costa do mar Adriatico.
India, região saluberrima e bem conhecida.
Indo, um dos maiores rios do mundo, que rega, e dá nome a India.
Inglaterra, ilha, no mar Oceano.
Ios ou **Chios**, ilha, no mar Mirto, em a qual dizem estar sepultado o poeta Homero.
Ismael, filho d' Abrão, e d' Agar escrava sua; do qual os Mouros são chamados Ismaelitas.
Ismar, um dos cinco reis mouros, a quem el-rei D. Afonso Henriques venceu no campo-d' Ourique.
Israel, nome que o Anjo poz a Jacob.
Istro, rio grandissimo d' Europa, o qual per outro nome se diz Danubio.
Italia, nobilissima região d' Europa.
Ithaco, é Ulysses.

J.

Jano, rei antiquissimo d' Italia, ao qual pintavam com deus rostos.
Jaos, gente de Jaoa, provincia do Oriente.
Japão, ilha d' Oriente, a qual (dizem) terá 600 leguas de comprimento, e 300 de largo, sujeita tota a um so rei.

Japeto, gigante, filho de Titão, e da Terra, e pae de Prometheu.
Jaquete, lugar do reino de Cambaia, ao longo da costa.
Jasque, um cabo nas partes da India, chamado antiguamente Carpella, cujo sertão é mui esteril, e foi dito Carmania.
Judaico rei, intende Ezebias; o qual estando ja sentenciado per Deus á morte, foi mitagrosamente per suas lagrymas remediado.
Judea, região de Syria, na Asia-menor.
Judilla, véde **Baldoino**.
Juno, filha de Saturno, e d' Opis, irmã e mulher de Jupiter.
Jupiter, filho de Ops, e de Saturno: é o maior de todos os deuses.

L.

Láctea-via ou **Lácteo-caminho**, é o que chamamos communmente caminho de Sanct' Iago.
Lamo, cidade, na costa de Melinde.
Lampecia, irmã de Phaeonte, filho do Sol.
Laos, povos sujeitos ao rei de Sião.
Lappia, provincia da Europa septentrional.
Lara, cidade de Persia, nos confins d' Ormuz.
Ladona, mae d' Apollo.
Leão, reino d' Hespanha, sujeito á corôa de Castella.
Leiria, cidade de Portugal.
Leoa, serra asperissima, na costa d' Africa.
Leonardo, chamava-se Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama.
Leonor, foi D. Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, a quem el-rei D. Fernando a tomou, e se casou com ella.
Leucate promontorio no Epiro, que hoje se chama Albania.
Leucothoe nymphá, filha d' Orchamo, rei de Babylonia.
Levante, é onde o sol nasce.
Libiina, deusa dos sepuleros, e se toma pela mesma Morte.
Libya, é o mesmo que Africa.
Lipuscua ou **Guipuseva**, provincia de Biscaia.
Liconios, povos d' uma provincia de Sarmacia, chamada agora Livonia.
Londres, cidade antiquissima d' Inglaterra, e cabeça de todo o reino.
Lotharingia, provincia de Europa, a qual antiguamente se dizia a Ausuria, e Austrasia.
Loto, arvore em que foi convertida uma nymphá d' este nome.
Lourenço, é D. Lourenço d' Almeida

o qual, de fronte de Cananor, com onze velas, em que iam somente 800 homens, desbaratou uma armada do Samorim, composta de 80 naus grossas, e 170 menores, em que havia gente sem conto.

Lourenço (San') ilha famosa na costa da Ethiopia.

Luis, foi nono do nome em França e dos reis 45.

Lusidas, o mesmo que Lusitanos, Portuguezes.

Lyeu, um dos nomes que os poetas dão a Baccho.

Lynces, animaes que vêem muito.

M.

Macedonia, provincia d' Europa, dita assim de Macedon, filho d' Osiris.

Maçua, cidade posta n' uma ilha do mesmo nome em a costa d' Africa.

Madagascar, é a ilha de san' Lourenço.

Mafoma ou **Mafamede**, Arabe inventor e principe da seita mahometana.

Mafra, villa, no termo de Cintra.

Magos em a lingua persica, Mago é o mesmo que na grega philosopho, e na nossa sabio.

Magica sciencia, a feiticeria.

Mahometa, cousa de Mouros, os quaes se chamam Mahometanos.

Malabar, reino do Oriente.

Malaca, cidade nobilissima no Oriente.

Malaios, os moradores e povos de Malaca.

Maldiva, uma das ilhas d' este nome, e principal de todos ellas, sitas de fronte da costa india.

Maluco, são cinco ilhas d' este nome, em as quaes se dá o cravo.

Mandinga, provincia grandissima de Negros, na costa d' Africa, a qual é muito abundante de ouro.

Manuel, foi el - rei D. Manuel, primeiro do nome.

Marathonios campos, jazem na região Attica de Grecia.

Marcio jogo, é a guerra de Marte.

Marcomanos, povos d' Alemanha, chamados hoje Moravos.

Maria, foi a rainha D. Maria, filha d' el-rei D. Afonso, o quarto do nome em Portugal, a qual foi casada com el-rei D. Afonso, segundo do nome em Castella.

Mario, capitão valeroso entre os Romanos, mas cruel e inhumano.

Marrocos, cidade de Barbaria, e cabeça d' um reino assim chamado.

Marte, filho de Jupiter, e de Juno, a quem os Antigos tinham per deus da

guerra, e comummente se toma pela mesma guerra.

Martim Lopes, foi um fidalgo portuguez muito esforçado; o qual na entrada que em Portugal fez D. Pedro Fernandes de Castro, pessoa principal de Castella, o qual por amor dos condes de Lara se havia lançado com os Mouros, e chegou a tomar Abrantes, com pouca gente o desbaratou e prendeu.

Martinho, foi este Martim Afonso de Souza, excellentissimo capitão, e sabio governador na India.

Mascate, logar que está de Socotora para Ormuz.

Matheus (D.) bispo de Lisboa, dando batalha a quatro reis mouros, a saber, ao de Cordova, ao de Sevilla, ao de Badajoz, e ao de Jaem, que vinham a socorrer os Mouros d' Alcaçar; com muito menos gente os venceu, e os quatro reis foram mortos, e muita de sua gente.

Mavorte, é o mesmo que Marte.

Mavorcios perigos, os da guerra.

Meca, cidade d' Arabia, em a qual ha um poço, com cuja agua dizem os Mouros se lavava Mafamede.

Mecom, rio grandissimo, o qual nasce na China, e corre pelo reino de Cambuja.

Medea, filha d' Eta, rei de Colchos, grande feiteira, e mui esperdiçada per Jason, por cujo amor matou a seu irmão; e fugindo de seu pae, lh' o ia lançando pelo caminho em pedaços; porque assim tivesse tempo para fugir, em quanto seu pae se detinha em os recolher.

Medina, logar pequeno d' Arabia.

Mediterraneo mar. é aquelle que divide a Africa da Europa.

Medusa, filha de Phorco, e d' um monstro marinho, cujo rosto mudava a quem o via, em pedra.

Megera, filha d' Acheronte, e da Noite, uma das tres furias que os poetas fingem haver no Inferno.

Meliapor ou **Meliapur**, cidade no reino de Narsinga, em a qual padeceu martyrio o Apostolo san' Thomé.

Melique-Yaz, um Mouro, que de captivo d' um mercador, veio a ser senhor de Diu, cidade rica e bella da India.

Mem Moniz, filho de Egas Moniz, aio e amo d' el-rei D. Afonso Henriques: foi esforçadissimo cavalleiro.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, foi fidalgo mui valeroso no tempo d' el-rei D. João o Primeiro.

Memnon, filho de Titão, e da Aurora, de quem, morto per Achilles, foi convertido em ave.

- Memphis**, é hoje a gran' cidade do Cairo no Egypto.
- Memphitico**, quer dizer cousa do Egypto, onde Anubis idolo era adorado em figura de cão.
- Mendão**, rio, divide de alto abaixo o reino de Sião.
- Menezes**, o primeiro foi D. Duarte de Menezes. O segundo foi D. Henrique de Menezes, o roxo d'alcunha.
- Meotis**, lagoa de Scythia, na região septentrional.
- Meroe**, ilha grandissima do Nilo, em a qual ha uma cidade do mesmo nome.
- Milciades**, capitão famoso atheniense, o qual com muito pouco poder desbaratou juncto a um logar chamado Marathona, Date general d'el-rei Dario.
- Mincio**, rio que passa juncto a Mantua.
- Minerva**, filha de Jupiter, e deusa da Sabedoria, e de todas as artes.
- Minho**, rio assás conhecido n' estas nossas partes.
- Miramuminiim**, em lingua arabiga quer dizer principe dos Crentes.
- Mir-Hocem**, foi um capitão do Soldão d' Egypto.
- Moçambique**, uma provinção pequena em a costa d' Ethiopia.
- Moçandão**, é um Cabo chamado per outro nome Asaboro, entre Arabia e Persia.
- Mogor**, é o que commummente chamamos Tartaro.
- Moloso**, é o lebreu, chamado assim de Molosia, provincia d' Epiro.
- Mombaça**, logar, na costa de Melinde.
- Mondego**, rio, entre nós bem conhecido.
- Morpheu**, fingiram os poetas ministro ou filho do Somno.
- Moscovos**, os de Moscovia.
- Moscovia**, per outro nome a Russia.
- Moura**, villa de Portugal, na provincia d' Alemtejo.
- Moyisés**, primeiro legislador e doctor da Lei Divina.
- Murice**, certo marisco, do qual se tira a côr vermelha, que chamam púrpura.
- Musas**, foram nove filhas de Jupiter, e Mnemosyne, as quaes se diz inventaram os versos, e por isso são invocadas dos poetas.
- Myrrha**, filha de Cinyras, rei de Chypre, e mãe d' Adonis.
- Naires**, sobrenome dos nobres entre os Malabares, gente da India.
- Napoles**, chamada Parthenope, de uma sirena d'este nome, é uma illustre e fermosa cidade na Campânia, região d'Italia, e cabeça do reino do mesmo nome.
- Narsinga**, reino grande e rico do Oriente.
- Navarra**, parte e reino septentrional d' Hespanha.
- Navarro**, o de Navarra.
- Nectar**, dizem os poetas, que é o beber dos deuses, como a Ambrosia, o comer.
- Nemeu**, animal, é o leão que Hercules matou no bosque Nemeu, em Achaia.
- Nemesis**, chamada per outro nome Rhamnusia: foi filha do Oceano, e da Noite, e tida dos Antiguos por deusa da Justiça.
- Neptuno**, filho de Saturno, e de Opis: foi entre os Antiguos tido por deus do mar.
- Nereidas**, as nymphas filhas de Nereu, e de Doris.
- Nereu**, deus do mar, filho do Oceano, e de Thetys.
- Nero**, cruelissimo imperador dos Romanos.
- Nicolau sacro**, bemaventurado san' Nicolau, grande advogado dos navegantes.
- Nicolau Coelho**, capitão d' um dos quatro navios (tres de guerra, e um de mantimentos) com que Vasco da Gama foi em descobrimento da India.
- Nilo**, rio grandissimo d' Egypto.
- Niloticas enchentes**, as do Nilo.
- Nino**, filho de Belo, o qual foi o primeiro rei d' Assyria, e de Semiramis. Diz-se que esta foi creada pelas pombas.
- Niobe**, filha de Tantalos, irmã de Pelope, e mulher d' Amphion, rei de Thebas.
- Nise**, nymphã do mar, filha de Nereu.
- Nobá**: vêde *Meroe*.
- Nocturno, deus** é Erebo, que os poetas fazem casado com a Noite, e dizem ser o porteiro do Sol.
- Noé**, pae de Sem, Cam, e Japhet: foi o primeiro patriarcha da segunda idade.
- Noroega**, provincia da Europa septentrional.
- Nymphas**, deusas que os poetas fingem.

O.

- N.**
- Naiades** ou **Naides** são as nymphas das fontes, e dos rios.
- Obi**, rio do Oriente.
- Obidos**, villa de Portugal.
- Oceano**, filho de Celo e Vesta, deus do mar.

Octaviano, Cesar Octaviano, imperador de Roma.

Octavio, e o mesmo que Octaviano.

Ocygia, ilha, no mar Ionio.

Oya, cidade, na costa de Melinde.

Olympica morada, é o ceo.

Olympo, monte de Macedonia.

Omphale, rainha de Lydia.

Ophir, região abundantissima de ouro.

Oriás, povos ao longo do rio Ganges.

Oriente, onde o sol nasce, e assiu se toma pela India.

Orithya, nome d'uma das nymphas do mar, amada do vento Bóreas.

Orixa, reino do Oriente.

Orlando, foi um d'aquelles Paladinos valerosos e esforçados nas armas.

Ormuz, cidade inclyta da India.

Orpheu, filho d'Apollo, e da musa Calliope, poeta excellentissimo, e amante d'Eurydice.

Otomano, nome dos imperadores de Turquia.

Ourique, logar no reino do Algarve.

P.

Pactolo, rio de Lydia, que dizem levar areias de ouro.

Paio, é D. Paio Correa, Portuguez de nação. Mestre de Calatrava em Castilla, grande cavalleiro, e perseguidor de Iudeus.

Pallas, e Minerva.

Palmella, villa de Portugal.

Pam, reino do Oriente.

Panane, uma das principaes povoações d'el-rei de Calecut.

Panchaia, região d'Arabia, em a qual ha muitas arvores de encenso.

Pannonios, os de Paunonia, região vastissima d'Europa, agora dita Hungria.

Panopea, nympha do mar, filha de Nereu e Doris.

Panthea, mulher d'Abadatas, rei dos Susos, fermosa e casta.

Paphia deusa, e Venus, de Paphos.

Paphos, cidade da ilha de Chypre.

Parcas, são tres: Cloto, Lachesis e Atropos, filhas do Erebo, e da Noite.

Pares, eram doze pessoas, seis ecclesiasticos, e seis seculares, que Carlos-Magno, rei de França escolheu entre os principaes do reino, para os levar consigo á guerra, e chamou-os *Pares*, que foi tanto como se os chamára *iguales*. Per outro nome se dizem *Paladinos*.

Parnaso, monte de Phocis, dedicado ás Musas.

Parseus, o mesmo que Persas.

Parthénope: vede *Napoles*.

Patanes, povos da India, poderosos em gente e terras.

Pegú, reino oriental, em o qual ha muito ouro, e outras pedras preciosas.

Peleu, rei de Thessalia, o qual foi casado com Tethys, senhora do mar.

Penales, os deuses, a que horravam os gentios dentro de suas casas.

Persas, são os moradores de Persia.

Persia, região d'Asia.

Phalaris, tyranno de Sicilia; o qual não passava o tempo mais que em inventar generos de tormentos com que matar os vassallos, depois de lhes tirar as fazendas.

Pharad, rei do Egypto.

Phasis, rio grandissimo que nasce no monte Caucaso.

Phaeaces, ilha, a que hoje chamamos Corfú, e outros Corcyra.

Phébo e **Apollo**, são nomes do Sol.

Phenix, ave unica e so no mundo, a qual dizem vive em Arabia.

Philaucia, é o amor proprio.

Philippe de Menezes (D.) capitão d'Ormuz, o qual houve grandes victorias na India.

Philippicos campos, chamados assim da cidade Philippes, em os quaes foi aquella batalha de Octaviano e Marco Antonio, contra Bruto, Cassio e outros conjurados.

Philippo ou **Philippe**, rei de Macedonia, pae do grande Alexandre.

Philomela, é o rouxinol, em que foi convertida uma filha de Pandião d'este nome.

Phlegon, um dos cavallos do Sol.

Phocas, lobos-marinhos.

Phormião, philosopho da seita dos Peripateticos.

Phrygios, o mesmo que Troianos.

Pindo, monte de Macedonia, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Plinio, dito *Caio Plinio segundo*, natural de Verona.

Plutão, rei dos infernos.

Poleás, são pela maior parte escravos dos Naires, na India.

Policena, filha de Iriamo, rei de Troia.

Polidoro, filho de Priamo, rei de Troia, ao qual matou Polimnestor, rei de Thracia, per avareza.

Polimnestor, rei de Thracia.

Polonios, os de Polonia, provincia d'Europa.

Polos, são dois pontos astrologicos, que communmente chamamos Norte e Sul.

Pomona, tinham-a os Antiguos por deusa da fructa.

Pompeio, chamado *Magno* por suas

victorias, e triumphos, foi vencido de Cesar.

Pondá, fortaleza do Hialcão.

Ponente, onde o sol se põe.

Poro, antigo rei de Guzarate.

Progne, filha de Pandão, rei d' Athenas, e irmã de Philomela; a qual matou a seu filho, e o deu a comer a Tereu seu pae, convertida depois em andorinha.

Prometheu: vêde **Japeto**.

Ptolemeu, astrologo insigne, natural d' Egypto.

Pyrois, nome d' um dos cavallos do Sol.

Pyrrro, filho d' Achilles, e de Deidamia; o qual por vingar a morte de seu pae, sacrificou em seu sepulcro Policena, filha de Priamo, rei de Troia.

Q.

Quedá, cidade do reino de Sião.

Quilmance, logar situado na bocca do rio Raptó, chamado per outro nome Obi.

Quiloa, cidade, na costa de Melinde.

Quinto Fabio, cognominado Maximo, dictador romano; o qual com cautelas, e ardis, destruiu a Annibal sem lhe dar batalha.

Quirino, é Romulo, primeiro fundador de Roma.

R.

R'gulo, foi Marco Accio Régulo, consul romano; o qual quiz antes perder sua vida, que não se perdesse sua patria.

Repelm, cidade no Malabar.

Rheuo, pequeno rio, que nasce do Apenino.

Rhodano, chamado per outro nome **Rhône**, rio que nasce nos Alpes, e entra no mar Mediterraneo.

Rhodes, ilha no mar Carpathio.

Rhodope, monte de Thracia.

Ripheus, montes septentrionaes de Scythia.

Rogalgate, cabo insigne na Arabia-Feliz.

Rodamonte, um famoso Paladino, em as poesias d' Orlando.

Rodrigo, intende-se **Bivor**, chamado communmente o **Cid Ruis Dias**.

Rogeiro, um dos Paladinos, de que tractei na dicção Orlando.

Roma, cidade a mais celebre e nomeada de todo o mundo.

Romanos, os de Roma.

Rui Pereira, cavalleiro esforçado e leal Portuguez.

Rumes são os Turcos, chamados assim

por virem (como o Poeta diz) da casta dos Romanos.

Ruthenos, chamados per outro nome Roxolanos ou Russios.

S.

Sabá, foi rainha do grande imperio do Preste João, na Ethiopia.

Sabeas costas, as de Arabia, onde está a cidade Sabá.

Salucia, deusa do mar, mulher de Neptuno.

Salamina, ilha, no mar Euboico, de frente de Athenas, onde Xerxes, per valor de Themistocles, foi desbaratado.

Samaria, cidade de Syria.

Samatra, ilha grandissima e muito famosa, no Oriente.

Samnitico jugo: vêde **Caudinas forcas**.

Samorim, é o nome appellativo do senhor do reino Calecut, o qual soa tanto como imperador, por elle ser o maior rei de toda aquella costa.

Sanagá, rio que divide a terra dos Mouros Azenegues, em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofos.

Sancho, o primeiro foi el-rei D. Sancho, filho d'el-rei D. Afonso Henriques: o segundo el-rei D. Sancho segundo, chamado Capello, filho d'el-rei D. Afonso o segundo, remisso e descuidado.

Sanctarem, villa nobre de Portugal, juncto ao Tejo.

Sanct' Iugo, Apostolo sagrado, padroeiro dos Hespanhoes.

Sansão, Hebreu de nação, filho de Manué: forte nos cabellos da cabeça.

Sara, mulher d' Abrahão. Vêde **Pharaó**.

Sarama Perimal, o derradeiro rei de todo o Malabar.

Sarmacio Oceano, mar de Sarmacia.

Sarmatas, os de Sarmacia, provincia antiga, chamada agora Livonia.

Sarracenos, nome de que os Mouros se jactam muito, dizendo « que procedem de Sara, mulher d' Abrahão.»

Saul, primeiro rei d' Israel, em cujo tempo o sancto David matou aquelle suberbo gigante Goliath ou Goliath.

Saxones, povos d' Alemanha.

Scylla, de duas faz o poeta menção. Uma foi filha de Phorco, amante e amada de Glauco, a qual foi convertida em um cachopo que está no estreito de Messina, entre Italia, e Sicilia, per arte e industria da ciosa Circe: a outra foi filha de Niso, rei dos Magarenses; a qual foi occisa da morte de seu pae, por amor

- d'el-rei Minos, a quem elle muito queria.
- Scythas*, os da Scythia, vastissima região septentrional.
- Semele*, mãe de Baccho.
- Septentrional meta*, é o Norte.
- Sequana*, é o rio Sena.
- Serpa*, villa de Portugal.
- Serilha*, cidade celebre em Hespanha.
- Sião*, reino poderoso da India.
- Sichem*, filho de Hemor: foi morto, e todos os seus, e a terra destruida, por tomar Dina a Jacob seu pae.
- Sicilia*, ilha famosa, e assás conhecida.
- Siculo mar*, o de Sicilia.
- Siene*, cidade d' Egypto, em a qual dizem, que em certo tempo do anno são n'ella tam direitos a hora de meio dia os raios do sol, que em nenhuma parte ha sombra.
- Sindá*, monte altissimo de Arabia.
- Sintra*, terra de Portugal, tam fresca, que no mesmo tempo em que muitos logares ao redor d'ella estão ardendo em fogo, tem grandes orvalhados, e rocios.
- Siqueira*, foi *Diogo Lopes de Siqueira*, que succedeu na governança da India a Lopo Soares d' Albergaria.
- Siracusa*, cidade de Sicilia.
- Smyrna*, cidade, na Menor-Asia.
- Sacotorá*, ilha entre o cabo de Fartaque, é o de Guardafú.
- Sofala*, povoação, na costa de Monbaça.
- Soldão*, titulo dos reis d' Egypto.
- Sophenos*, os de Sopheno, provincia de Suria: gente molle e effeminada.
- Suecio*, o de Suecia, provincia d' Escandinavia.
- Sunda*, ilha do Oriente, alem de Samatra.
- Sylla*, nobre Romano, da antiga familia dos Scipiões, mas cruel e facinoroso.
- Sylves*, cidade, no reino do Algarve.
- T.**
- Tagides*, as nymphas do rio Tejo, chamado antiguamente Tago.
- Tanais*, dito communmente Tana, rio que nasce nos montes Tiphheus, e divide a Asia da Europa.
- Tanor*, logar, na costa de Melinde.
- Tarifa*, cidade d' Andalusia, dita antiguamente Tarteso.
- Tarpeia*, uma donzella, filha de Tarpeo romano, alcaide-mor da fortaleza de Roma; a qual com cubiça de umas manilhas que os Sabinos, inimigos dos Romanos. lhe prometteram, deu ordem para entrarem no castello, e em logar de manilhas lheram a morte.
- Tarquino*, foi Sexto Tarquino, filho de Tarquino o suberbo de alcunha: por commetter adulterio com Lucrecia, mulher de Collatino, acabou mal fóra de Roma, e seu pae perdeu o reino.
- Tarragonex*, o da provincia Tarragonense, uma das tres em que Hespanha foi dividida.
- Tartesios*, são os Andaluzes, de Tarteso, que é Tarifa, cidade d' Andalusia.
- Tauro*, um dos maiores montes do Mundo.
- Tavai*, cidade antiguamente do reino de Sião.
- Tavila*, logar, no reino do Algarve.
- Tejo*, rio mui celebrado dos Antigos per suas areias de ouro.
- Tenessari*, cidade do reino de Sião, no Oriente.
- Teresa*, mulher do conde D. Henrique, pae d'el rei D. Afonso Henriques, o primeiro de Portugal, a qual foi filha d'el-rei D. Afonso o sexto, imperador d' Hespanha.
- Ternate*, uma das ilhas do Maluco, da qual saiem chammes de fogo.
- Tethys*, filha de Celo, e Vesta deusa do mar; e de ordinario se toma pelo mesmo mar.
- Thaumante*, pae de Iris, messageira dos deuses, e principalmente de Juno: toma-se pelo arco celeste.
- Thebano*, é Baccho.
- Themistocles*, capitão atheniense de grande nome.
- Theotonio*, foi D. Theotonio, prior de Sancta-Cruz de Coimbra.
- Thermópylas*, passo aspero e estreito, que ao longo da praia faz o monte Oeta de Macedonia, região da Grecia, o qual Leonidas, rei de Sparta, com pouca gente, defendeu d'um grandissimo exercito de Xerxes, rei dos Persas.
- Thesiphonio* ou *Ctesiphonio*, artifice famoso, que fez o templo de Diana, em Epheso.
- Thomé*, san' Thomé, Apostolo de Nosso Senhor Jesu Christo, o qual esteve e padeceu martyrio na cidade de Meliapor, onde está sepultado.
- Thraces*, os de Thracia, região de Grecia, chamada hoje Romania.
- Thyoneu*, é Baccho.
- Tibre*, celeberrimo rio d' Italia.
- Tidore*, uma das ilhas de Maluco, na India.
- Tigris*, rio famoso, na menor Armenia.
- Timaro*, rio dos Venezianos, ao qual os Antigos chamavam mar, por ter a agua salgada.

Timor, ilha do Archipelago.
Tinge, cidade, na Mauritania.
Tingitiana terra, quer dizer: terra de Barbaria.
Tirinthio, é Hercules.
Tilio, fingem os poetas pae da Aurora, que é a manhã.
Tito, filho de Vespasiano, o qual tomou a Hierusalem, e a assolou, e queimou.
Tobias, nome proprio, celebrado nas sagradas letras: pelo seu guiador se intende o Archanjo san' Raphael.
Toledo, reino d' Hespanha.
Tonante, é Jupiter.
Tormentorio Cabo, é o que chamamos da Boa-Esperança.
Torres-Vedras, villa de Portugal.
Traiano, imperador dos Romanos, Hespanhol de nação.
Trancoso, villa famosa de Portugal.
Tritão, filho de Neptuno e de Salacia.
Troia, cidade antigamente celebre em a Phrygia, provincia d' Asia-Menor, juncto do Hellesponto; a qual foi destruida pelos Gregos.
Tropico, são os Tropicos certas balizas e terminos do ceo, entre os quaes anda o sol, sem passar nenhum d'elles. Um se chama de Cancro, da banda do Norte: outro de Capricornio, da banda do Sul.
Trudante, cidade populosa de Barbaria.
Turcos, os povos de Turquia.
Tuscos, o mesmo que Toscanos.
Tutuão, logar fronteiro d' Africa.
Tuy, cidade, no reino de Galliza.
Typheas armas, são os raios de que Jupiter usava.
Tyria cór, é a grã, chamada assim de Tyro, cida de de Phenicia.
Tyrios, os da cidade Tyro.

U.

Ulcinde, reino, no Oriente, entre Persia e Cambaia.

Ulysseus muros, os de Lisboa.
Ungaro ou *Hungaro*, o de Ungria.
Ursas, são as que chamamos guardas-do-Norte.

V.

Vandalia, é Andalusia.
Venereo, cousa de Venus.
Veneza, cidade fermosa, rica, de grandissimo tracto e commercio.
Venus, entre os Antiguos tida por deusa da fermosura, e dos amores lascivos.
Vespero ou *Hespero*, é o Planeta Venus, que nas partes occidentaes, em se pondo o sol, apparece primeiro que todas as estrellas, e planetas, e antes que o sol saia, se ve tambem no ceo depois de escondidas as outras estrellas.
Vesta, filha de Saturno, e de Opis, mãe de Tethys, senhora do mar.
Vulcano, filho de Jupiter e Juno, entre os Antiguos venerado por deus do fogo, e se toma pelo mesmo fogo.

X.

Xeque, quer dizer governador, na lingua arabiga.
Xerez, logar de Castella.
Xerxes, filho de Dario, o mais poderoso rei dos Persas.

Z.

Zebellinos, animaes, são os que communmente chamamos arminhos.
Zeila, logar na costa d' Africa.
Zelanda, terra do Norte.
Zephyro, vento que, por outro nome, chamamos Favonio.
Zona, circulo com que os geographos dividem a terra, os quaes são cinco.

CATALOGO

DAS OBRAS QUE AUCTORISAM A PRONUNÇA DE CAMÕES, COM OS NOMES
DE SEUS AUTHORES, E O ANNO EM QUE FORAM IMPRESSAS.

- AGOSTINHO DA CRUZ (Frei) *Varias poesias*, Lisboa, no officina de Miguel Rodrigues, 1771.
- ANTONIO FERREIRA, *Poemas lusitanos*, Lisboa, na regia officina typographica, 1771.
- BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e moça*, Lisboa, na officina de Domingos Gonsalves, 1785.
- DIOGO BERNARDES, *O Lima*, Lisboa, na officina de Antonio Vicente da Silva, 1761.
- *Flores de Lima*, Lisboa, na officina de Miguel Rodrigues, 1770.
- *Rhymas ao bom Jesus*, Lisboa, na officina de Miguel Rodrigues, 1770.
- FERNAN' d'ALVARES DO ORIENTE, *Lusitania Transformada*, Lisboa, na regia officina typographica, 1781.
- FRANCISCO DE SA DE MENESES, *Malaca conquistada*, Lisboa, na officina de José de Aquino Bulhões, 1779.
- GABRIEL PEREIRA DE CASTRO, *Ulyssea*, Lisboa, na officina de Lourenço Craesbeeck, 1636.
- JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1781.
- *Naufragio de Sepulveda*, Lisboa, na typographia Rollandiana, 1783.
- LUIS PEREIRA, *Elegiada*, Lisboa, na officina de José da Silva Nazareth, 1785.
- PEDRO DE ANDRADE CAMINHA, *Poesias*, Lisboa, na officina da Academia real das sciencias, 1791.
- SA DE MIRANDA, *Obras*, Lisboa, na typographia Rollandiana, 1784.

FIM.

Lusitania, 22/19/83

PARIS.—NA TYPOGRAPHIA DE FAIN E THUNOT, RUA RACINE, 28.

860172

2
4

